



Archaeo Pesquisas Arqueológicas Ltda

Relatório Final de Salvamento Arqueológico - BR-242, Mato Grosso



Suzana Hirooka
Março de 2016



Ministério da
Cultura





EXECUÇÃO:

Archaeo Pesquisas Arqueológicas Ltda.

Av. Carandaí, 99 - Parque Geórgia

CEP 78085-485 - Cuiabá/MT

CNPJ: 07.376.564/0001-72

Fone: (65) 3661-1211

Responsável: Suzana Hirooka

E-mail: suzana@archaeo.com.br

www.archaeo.com.br



GESTOR:

Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT

Jurisdição: Superintendência Regional do DNIT no Estado de Mato Grosso.



CONTRATANTE:

Fundação de Apoio e Desenvolvimento da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Av. Fernando Corrêa da Costa, s/n, Campus da UFMT, Bloco da Gráfica – Bairro Boa Esperança

CEP 78070-900 - Cuiabá/MT

CNPJ: 04.845.150/0001-57

Responsável: Cristiano Maciel



ENDOSSO INSTITUCIONAL:

Museu de Pré-História Casa Dom Aquino

Gestão Compartilhada:

Instituto Ecossistemas e Populações Tradicionais - ECOSS

Av. Beira Rio, 2000 - Bairro Dom Aquino

CEP 78028-000 - Cuiabá/MT

CNPJ: 02.230.557/0001-44

Fone: (65) 3634-4858

E-mail: casadomaquino@museum.com

www.museudomaquino.com.br

Março de 2016

INFORMAÇÕES GERAIS

Relatório Final de Salvamento Arqueológico - BR-242, Mato Grosso	
Empreendimento:	BR-242/MT trecho entr. BR-158/MT (Querência) – entr. BR-163/MT (Sorriso) subtrechos: entr. MT-130 – Nova Ubiratã e entr. MT-243 (b) MT-109 (a) (Querência) – Nova Ubiratã
Processo:	Nº 01425.000228/2011-32
Portaria:	3 de 22 de janeiro de 2014, DOU 23/01/2014
Empreendedor:	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT Superintendência Regional do DNIT no Estado de Mato Grosso Rua Treze de Junho, 1296 Bairro Porto CEP 78020-900 - Cuiabá/MT
Responsável Técnico:	Arqueóloga Msc. Suzana Hirooka CPF: 329.183.301-59 E-mail: suzana@archaeo.com.br
Localização:	Ponto Inicial (Entr. MT 109): 12° 58' 39,33"S / 52° 12' 38,80"W Ponto Final (Nova Ubiratã): 13° 02' 10,30"S / 55° 17' 13,72"W
Municípios:	Querência, Canarana, Paranatinga, Gaúcha do Norte e Nova Ubiratã
Estado:	Mato Grosso
Apoio Institucional:	Museu de Pré-História Casa Dom Aquino/MT - Gestão Compartilhada: Instituto Ecossistemas e Populações Tradicionais - ECOSS
Resumo:	<p>A pesquisa apresentada neste Relatório corresponde aos trabalhos arqueológicos de Resgate e Educação Patrimonial efetuados na área de implantação e pavimentação da rodovia BR-242/MT, áreas estas inseridas na região do Planalto dos Parecis, Bacia do Rio Xingu, Estado de Mato Grosso. Tal pesquisa resultou na identificação de 17 áreas arqueológicas, dentre estas, os sítios: Rio Ferro, Terra Cinza, Ribeirão Grande, Bomba D'água, Ilha Steinen, Jaguaribe, Santiago, Jatobá, Lesma, Barracão Queimado, Kurisevo das Pedras, Recanto e Rondon foram resgatados; e os sítios Pajam, Batovi e Gruta Kamukuwaká foram preservados. Culturalmente, tais sítios foram correlacionados à Tradição Xinguana, porém, devido às cronologias obtidas, às características de produção dos conjuntos líticos e vasilhames cerâmicos, definiu-se uma nova 'fase' - Kurisevo - para 12 destas ocupações. As duas ocupações restantes - Sítios Rio Ferro e Ilha Steinen -, necessitam de mais dados para que se estabeleçam seguras correlações. Os trabalhos de Educação Patrimonial resultaram satisfatórios, tendo sido desenvolvidas diversas ações educativas junto à população em geral, escolas e comunidades indígenas dos municípios envolvidos no empreendimento em questão.</p>

EQUIPE DE TRABALHO

NOME	FORMAÇÃO	FUNÇÃO
1. Msc. Suzana Hirooka	Arqueóloga	Coordenação Geral e de Campo
2. Dra. Sirlei Hoeltz	Arqueóloga	Coordenação Geral e de Laboratório
3. Esp. Elizete Backes	Geóloga	Coordenação Administrativa e Especialista em Geoprocessamento
4. Msc. Patricia Rodrigues	Arqueóloga	Coordenação de Campo e Laboratório
5. Msc. Mafalda Ramos	Arqueóloga	Arqueóloga de Campo e Laboratório
6. Jonilken Almeida	Biólogo	Coordenação de Educação Patrimonial e Arqueólogo Técnico de Campo
7. Nyéle de Cássia Silva	Bióloga	Educação Patrimonial
8. Luiz Antonio Cardoso	Técnico em Agrimensura	Técnico em Geoprocessamento
9. Nelson Rodrigues	Biólogo	Técnico em Arqueologia
10. Jovanka Melvi Rodrigues	Contadora	Auxiliar de Laboratório e Escritório
11. Wanda Helena Ferreira	Filósofa	Auxiliar de Laboratório
12. Adriane Falbot Mendes	Bióloga	Auxiliar de Laboratório
13. Marinalva da Silva	Gestora Ambiental	Auxiliar Administrativo
14. Michele Metzдорff	Ensino Médio	Auxiliar de Escritório
15. Raimundo da Silva	Ensino Médio	Auxiliar de Campo
16. Antônio Mauro de Silva	Ensino Médio	Auxiliar de Campo
17. Walmir Xavier do Nascimento	Ensino Médio	Auxiliar de Campo
18. Udson Johny da Silva Nascimento	Ensino Médio	Auxiliar de Campo
19. Bonfim Samuel Telles Guimarães	Ensino Médio	Auxiliar de Campo

Sumário

SUMÁRIO	5
1. INTRODUÇÃO	22
1.1 Objetivos da Pesquisa Arqueológica	25
2. INFORMAÇÕES SOBRE O EMPREENDIMENTO	27
2.1 Localização	27
2.2 Dados sobre o Empreendimento	31
3. PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS	34
3.1 Referencial Teórico	34
3.2 Conceituação.....	34
3.3 Sequência das Ações	35
3.3.1 Escritório.....	36
3.3.2 Campo	36
3.3.3 Laboratório.....	38
3.3.4 Salvaguarda do Material Arqueológico	53
3.3.5 Educação Patrimonial	56
4. PRÉ-HISTÓRIA, HISTÓRIA E ETNO-HISTÓRIA	62
4.1 Estudos Arqueológicos Regionais	62
4.2 Pesquisas Arqueológicas Pré-Históricas Regionais	62
4.2.1 Os Grupos Caçadores Coletores	62
4.2.2 Os Grupos Ceramistas	64
4.2.3 Pesquisas Arqueológicas do Xingu	68
4.2.4 Estudos Arqueológicos Locais.....	75
4.3 Os Registros sobre a Ocupação Histórica de Mato Grosso.....	78
4.3.1 A Colonização durante a Ditadura Militar (1964-1985).....	84
4.4 Contextualização Etnohistórica.....	91
4.4.1 Povos do Xingu	92
5. CONTEXTO AMBIENTAL	118
5.1 Meio Físico	118
5.2 Meio Biótico	129
6. RESGATE DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E ANÁLISE DOS MATERIAIS	132
6.1 Sítio Rio Ferro.....	133
6.1.1 Inserção na Paisagem	133
6.1.2 Método de Resgate	133
6.1.3 Estratigrafia.....	137
6.1.4 Caracterização dos Materiais Cerâmicos	141
6.1.5 Caracterização dos Objetos Líticos.....	154

6.1.6	<i>Datações Radiocarbônicas</i>	169
6.2	Sítio Terra Cinza	170
6.2.1	<i>Inserção na Paisagem</i>	170
6.2.2	<i>Método de Resgate</i>	170
6.2.3	<i>Estratigrafia</i>	172
6.2.4	<i>Caracterização dos Materiais Cerâmicos</i>	177
6.2.5	<i>Análise da Indústria Lítica</i>	195
6.2.6	<i>Datações Radiocarbônicas</i>	219
6.3	Sítio Ribeirão Grande	220
6.3.1	<i>Inserção na Paisagem</i>	220
6.3.2	<i>Método de Resgate</i>	220
6.3.3	<i>Estratigrafia</i>	222
6.3.4	<i>Caracterização dos Materiais Cerâmicos</i>	226
6.3.5	<i>Caracterização dos Objetos Líticos</i>	226
6.4	Sítio Bomba d'água	229
6.4.1	<i>Inserção na Paisagem</i>	229
6.4.2	<i>Método de Resgate</i>	229
6.4.3	<i>Estratigrafia</i>	231
6.4.4	<i>Caracterização dos Materiais Cerâmicos</i>	235
6.5	Sítio Ilha Steinen	236
6.5.1	<i>Inserção na Paisagem</i>	236
6.5.2	<i>Método de Resgate</i>	236
6.5.3	<i>Estratigrafia</i>	238
6.5.4	<i>Caracterização dos Materiais Cerâmicos</i>	243
6.5.5	<i>Caracterização dos Objetos Líticos</i>	244
6.5.6	<i>Datações Radiocarbônicas</i>	258
6.6	Sítio Jaguaribe	259
6.6.1	<i>Implantação na Paisagem</i>	259
6.6.2	<i>Método de Resgate</i>	259
6.6.3	<i>Estratigrafia</i>	260
6.6.4	<i>Caracterização dos objetos líticos</i>	264
6.7	Ocorrência Cachoeira I	266
6.7.1	<i>Implantação na Paisagem</i>	266
6.7.2	<i>Método de Resgate</i>	266
6.7.3	<i>Estratigrafia</i>	268
6.8	Sítio Santiago	272
6.8.1	<i>Implantação na Paisagem</i>	272
6.8.2	<i>Método de Resgate</i>	272
6.8.3	<i>Estratigrafia</i>	273

6.8.4 Caracterização dos objetos líticos	277
6.9 Sítio Jatobá	279
6.9.1 Implantação na Paisagem.....	279
6.9.2 Método de Resgate	280
6.9.3 Estratigrafia.....	283
6.9.4 Caracterização do material cerâmico	289
6.9.5 Caracterização dos objetos líticos	290
6.10 Sítio Lesma	315
6.10.1 Implantação na Paisagem.....	315
6.10.2 Método de Resgate	316
6.10.3 Estratigrafia.....	318
6.10.4 Caracterização dos materiais cerâmicos.....	325
6.10.5 Caracterização dos objetos líticos	325
6.11 Sítio Barracão Queimado	335
6.11.1 Implantação na Paisagem.....	335
6.11.2 Método de Resgate	335
6.11.3 Estratigrafia.....	336
6.11.4 Caracterização dos materiais cerâmicos.....	340
6.11.5 Caracterização dos objetos líticos	340
6.12 Sítio Kurisevo das Pedras	342
6.12.1 Implantação na paisagem.....	342
6.12.2 Método de Resgate	343
6.12.3 Estratigrafia.....	347
6.12.4 Caracterização dos materiais cerâmicos.....	361
6.12.5 Caracterização dos objetos líticos	361
6.12.6. Aquisição das matérias-primas	363
6.12.7. As atividades de lascamento.....	363
6.13 Sítio Recanto	392
6.13.1 Implantação na paisagem.....	392
6.13.2 Método de Resgate	392
6.13.3 Estratigrafia.....	394
6.13.4 Caracterização dos materiais cerâmicos.....	400
6.13.5 Caracterização dos objetos líticos	402
6.14 Sítio Rondon.....	405
6.14.1 Implantação na paisagem.....	405
6.14.2 Método de Resgate	405
6.14.3 Estratigrafia.....	406
6.14.4 Caracterização dos Materiais Cerâmicos	411
7. SÍTIOS PRESERVADOS	414

7.1 Sítio Pajam.....	414
7.2 Sítio Batovi	414
7.3 Gruta Kamukuwaká.....	416
8. INFORMAÇÕES SOBRE O MATERIAL ARQUEOLÓGICO RECOLHIDO EM CAMPO.....	416
9. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	421
10. RESUMO E CONCLUSÕES.....	441
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	456
ANEXOS.....	467

Lista de Quadros

Quadro 1. Localização das Pontes a serem construídas	28
Quadro 2. Caracterização dos lotes da BR 242 MT	29
Quadro 3. Critérios de classificação dos toretes.....	33
Quadro 4: Fase cultural e período de ocupação na bacia do Alto Xingu (HECKENBERGER, 1996: 33)	72
Quadro 5. Localização dos sítios arqueológicos e condições.....	132
Quadro 6. Sítio Rio Ferro - Coordenadas UTM das Sondagens - Áreas 1 e 2.....	134
Quadro 7. Sítio Rio Ferro - Coordenadas UTM das Quadras - Áreas 1 e 2.....	136
Quadro 8. Estratigrafia do sítio Rio Ferro: Área I - perfil leste da Quadra A1.....	137
Quadro 9. Sítio Rio Ferro - Datações Radiocarbônicas	169
Quadro 10. Sítio Terra Cinza - Coordenadas UTM das Quadras	171
Quadro 11. Estratigrafia do Sítio Terra Cinza - Área I: corte leste da Quadra C1; Área II: corte leste da Quadra J1.....	172
Quadro 12. Sítio Terra Cinza - Datações Radiocarbônica.....	219
Quadro 13. Sítio Ribeirão Grande – Coordenadas UTM das Quadras	221
Quadro 14. Sítio Ribeirão Grande – Coordenadas UTM das Sondagens	221
Quadro 15. Sítio Bomba D'água - Coordenadas UTM das Sondagens	230
Quadro 16. Sítio Bomba D'água - Coordenadas UTM das Quadras.....	230
Quadro 17. Sítio Ilha Steinen – Localização das Áreas e resultados das coletas	238
Quadro 18. Sítio Ilha Steinen – Estratigrafia	238
Quadro 19. Sítio Ilha Steinen - Datações Radiocarbônica.....	258
Quadro 20. Sítio Jaguaribe – Coordenadas UTM das Sondagens	260
Quadro 21. Sítio Jaguaribe – Coordenadas UTM das Quadras	260
Quadro 22. Sítio Cachoeira I – Coordenadas UTM das Sondagens.....	267
Quadro 23. Sítio Cachoeira I – Coordenadas UTM das Quadras.....	268
Quadro 24. Sítio Santiago – Coordenadas UTM das Sondagens.....	273
Quadro 25. Sítio Santiago – Coordenadas UTM das Quadras.....	273
Quadro 26. Sítio Jatobá – Coordenadas UTM das Quadras e Resultados.....	282
Quadro 27. Sítio Jatobá - Estratigrafia	283
Quadro 28. Sítio Lesma – Jazida 1: Localização dos materiais na superfície	317
Quadro 29. Sítio Lesma – Coordenadas UTM das Quadras na Jazida 2	317
Quadro 30. Sítio Lesma - Estratigrafia.....	318
Quadro 31. Sítio Barracão Queimado – Coordenadas UTM das Sondagens	335

Quadro 32. Sítio Kurisevo das Pedras 1 (KP1) – Coordenadas UTM das Quadras	344
Quadro 33. Sítio Kurisevo das Pedras 1 (KP1) – Coordenadas UTM das Sondagens	344
Quadro 34. Sítio Kurisevo das Pedras 2, 3 e 4 - Coordenadas UTM das Quadras	346
Quadro 35. Sítio Kurisevo das Pedras 1 – Estratigrafia, Quadra C2, Corte Oeste.....	347
Quadro 36. Sítio Kurisevo das Pedras 4 – Estratigrafia, Quadra B.....	349
Quadro 37. Sítio Recanto – Coordenadas UTM das Quadras	393
Quadro 38. Sítio Recanto - Estratigrafia.....	395
Quadro 39. Sítio Rondon – Coordenadas UTM das Quadras	405
Quadro 40. Estratigrafia do sítio Rondon.....	406
Quadro 41. Complexo Sagrado da Gruta Kamukuwaká.....	425

Lista de Figuras

Figura 1. Detalhe do perfil longitudinal da ponte privilegiando a passagem da fauna terrestre	32
Figura 2. Organização dos registros de campo em laboratório	39
Figura 3. Limpeza dos materiais arqueológicos	39
Figura 4. Numeração dos materiais arqueológicos.....	39
Figura 5. Análise tecnotipológica das cerâmicas.....	39
Figura 6. Análise do material cerâmico no laboratório da ARCHAEO Pesquisas Arqueológicas	46
Figura 7. Portão de entrada do Museu de Pré-História Casa Dom Aquino.....	54
Figura 8. Prédio do Museu de Pré-História Casa Dom Aquino	54
Figura 9. Parte externa do Museu – Exposição de uma réplica de dinossauro identificado no Estado de MT.....	54
Figura 10. Parte externa do Museu - Escultura de um artesão lascador	54
Figura 11. Interior do Museu – Exposição de objetos líticos	55
Figura 12. Interior do Museu – Exposição de lâminas de machado polidas.....	55
Figura 13. Interior do Museu – Exposição de vasilhames cerâmicos.....	55
Figura 14. Interior do Museu – Exposição de coleção cerâmica.....	55
Figura 15. Reserva Técnica do Museu.....	55
Figura 16. Reserva Técnica do Museu.....	55
Figura 17. Características e localização dos PACs (Fonte: NÉDÉLÉC et al., 2005)	87
Figura 18. Distribuição espacial dos projetos particulares de colonização implantados nas décadas de 1970/1980 (Fonte: MORENO, 2005: 60).....	91

Figura 19. Extrato do Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú (1987): em foco a área de estudo enquadrada pelas bacias do Von Den Steinen, Ronuro, Batovi, Kurisevo e Culuene.....	92
Figura 20 e 21. Ritual realizado pelos indígenas na entrada da Gruta Kamukuwaká.....	114
Figura 22. Vista frontal da Gruta Kamukuwaká	117
Figura 23. O pajé Takapé explica o painel rupestre da Gruta Kamukuwaká a crianças.....	117
Figura 24. Sítio Rio Ferro – Fragmento correspondente um prato cerâmico de borda simples, direta e apumada (Forma 2).....	152
Figura 25. Sítio Rio Ferro – Fragmento de uma tigela com borda apumada e engrossada (Forma 3b).....	152
Figura 26. Sítio Rio Ferro – Fragmento de uma bacia cerâmica com borda apumada (Forma 4b)	153
Figura 27. Sítio Rio Ferro – Fragmento de um vasilhame cerâmico neutro com borda apumada (Forma 5a).....	154
Figura 28. Sítio Rio Ferro – Fragmento de um recipiente cerâmico fechado com borda invertida (Forma 9).....	154
Figura 29. Sítio Rio Ferro (30-40 cm) - Núcleo unipolar de chert (D1-300)	160
Figura 30. Sítio Rio Ferro (50-60 cm) - Núcleo bipolar (?) de arenito silicificado (A1-502).....	161
Figura 31. Sítio Rio Ferro (10 a 50 cm) - Lascas retocadas de arenito silicificado (A1-101; A3-401) e de chert (A1-313), gumes ativos de 40°	165
Figura 32. Sítio Rio Ferro (30-40 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado, gume ativo de 70° (A1-303)	166
Figura 33. Sítio Rio Ferro (40-50 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado (A2-400), detalhe do gume ativo de 80° em ambas as laterais – atividades de raspar(?).....	167
Figura 34. Sítio Rio Ferro (40-50 cm) - Instrumento sem classificação, gume ativo de 60° (A3-402)	168
Figura 35. Sítio Terra Cinza – Fragmento de um tostador de borda soerguida e base plana (Forma 1).....	191
Figura 36. Sítio Terra Cinza – Fragmento de um prato cerâmico de borda direita para o exterior e base plana expandida (Forma 2)	192
Figura 37. Sítio Terra Cinza – Fragmento de uma tigela cerâmica com borda para o exterior (Forma 3a).....	192
Figura 38. Sítio Terra Cinza – Fragmento de uma bacia cerâmica com borda para o exterior (Forma 4a).....	193
Figura 39. Sítio Terra Cinza – Fragmento de um recipiente neutro de borda introvertida (Forma 5b).....	193
Figura 40. Sítio Terra Cinza – Reconstituição parcial de um recipiente fechado com borda apumada (Forma 6c).....	194

Figura 41. Sítio Terra Cinza – Fragmento de um recipiente fechado com borda para o exterior (Forma 7a)	195
Figura 42. Sítio Terra Cinza – Núcleo de arenito silicificado, sistema C de debitagem (piramidal).....	200
Figura 43. Sítio Terra Cinza – Núcleo de arenito silicificado, sistema D de debitagem	202
Figura 44. Sítio Terra Cinza – Núcleo de arenito silicificado, sistema D de debitagem	203
Figura 45. Sítio Terra Cinza (0-20 cm) - Lascas residuais de chert (B2-1) e arenito silicificado (A4-100)	203
Figura 46. Sítio Terra Cinza (superfície) - Lasca retocada de arenito silicificado com unidade ativa distal (TC-819).....	207
Figura 47. Sítio Terra Cinza (10-20 cm) - Lasca retocada de chert com unidade ativa numa lateral (TC-A1-102)	208
Figura 48. Sítio Terra Cinza (superf.) – Peça bifacial de arenito silicificado (TC-588)	209
Figura 49. Sítio Terra Cinza (superf.) – Seixo de chert com lascamentos bifaciais (TC-805).....	211
Figura 50. Sítio Terra Cinza (superf.) – Seixo de chert com bordas lascadas bifacialmente e maceradas (TC-811)	212
Figura 51. Sítio Terra Cinza (0-10 cm) - Seixo de arenito silicificado com bordas lascadas bifacialmente e zonas maceradas (BC1-1)	213
Figura 52. Sítio Terra Cinza (superf.) - Seixo robusto de arenito silicificado com bordas lascadas bifacialmente e zonas maceradas.....	214
Figura 53. Sítio Terra Cinza (superf.) - Seixo robusto de arenito silicificado com bordas lascadas bifacialmente e zonas maceradas (TC-565).....	214
Figura 54. Sítio Terra Cinza (superf.) – Lâmina de machado polida de diabásio	215
Figura 55. Sítio Terra Cinza (superf.) - Instrumento com depressão central (tritador de alimentos?) (TC-803).....	216
Figura 56. Sítio Terra Cinza (superf.) – Afiador em canaleta.....	216
Figura 57. Sítio Terra Cinza (superf.) – Percutor com zonas marcadas de percussão	217
Figura 58. Sítio Terra Cinza (superf.) – Percutor alongado com marcas de percussão em ambas as extremidades.....	218
Figura 59. Sítio Terra Cinza (superf.) - Seixo natural de arenito silicificado (TC-825).....	219
Figura 60. Sítio Ribeirão Grande – Sondagem (boca-de-lobo) evidenciando sedimentos arenosos com nódulos de laterita (sedimentos exógeno).....	222
Figura 61. Sítio Ribeirão Grande – Fragmento de borda de uma bacia aberta.....	226
Figura 62. Sítio Ribeirão Grande – Peça unifacial de arenito silicificado	227
Figura 63. Sítio Ribeirão Grande - Lâmina de machado polida de diabásio, gume biconvexo de 80°	228

Figura 64. Sítio Bomba d'água – Sondagem (boca-de-lobo) evidenciando sedimento arenoso - estéril quanto à presença de materiais arqueológicos	231
Figura 65. Sítio Bomba D'água – Fragmento de borda com antiplástico cariapé B.....	235
Figura 66. Sítio Bomba D'água – Fragmento de parede com antiplástico cariapé B.....	235
Figura 67. Sítio Ilha Steinen - Fragmento de cerâmica bastante lixiviados com antiplástico tipo cariapé A	243
Figura 68. Sítio Ilha Steinen – Fragmentos de cerâmica bastante lixiviado com antiplástico tipo cariapé A	244
Figura 69. Sítio Ilha Steinen – Núcleo de grandes dimensões identificado dentro d'água (vista de quatro ângulos diferentes)	248
Figura 70. Sítio Von Steinen – Possibilidade de remontagem: núcleo e lasca suporte de instrumento.....	249
Figura 71. Sítio Ilha Steinen – Lasca cortical retocada, detalhe do gume com retoques convexos.....	251
Figura 72. Sítio Ilha Steinen – Lascas retocadas (IS-2: cortical e Von-288: com um negativo paralelo ao eixo de debitagem da lasca).....	252
Figura 73. Sítio Ilha Steinen – Peça unifacial, lasca como suporte (detalhe do gume pontiagudo).....	254
Figura 74. Sítio Ilha Steinen – Peça unifacial, lasca como suporte e gume ativo de 80/90°.....	255
Figura 75. Sítio Ilha Steinen – Peça trifacial (VON-13)	256
Figura 76. Sítio Ilha Steinen – Instrumento sobre seixo de sílex – peça exógena (?)	257
Figura 77. Sítio Ilha Steinen – Percutor sobre seixo alongado com fortes marcas de percussão	258
Figura 78. Sítio Jaguaribe – lascas retocadas de arenito silicificado com gumes de 60°	265
Figura 79. Sítio Jaguaribe – Peça bifacial de arenito silicificado com gumes de 70/90°	265
Figura 80. Sítio Santiago - Lasca retocada de arenito silicificado com gume de 70°	278
Figura 81. Sítio Santiago - Pré-forma de machado picotado/lascado - de arenito silicificado com gume de 60/70°	278
Figura 82. Sítio Jatobá - Fragmento de parede cerâmico com cariapé - setembro/2014.....	289
Figura 83. Sítio Jatobá (0-10 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 1, debitagem a partir de córtex (JT-H1-1)	294
Figura 84. Sítio Jatobá (50-60 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 1, debitagem a partir de córtex (JT-N1-5)	294
Figura 85. Sítio Jatobá (50-60 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 1, poliédrico, utilizado também como instrumento (JT-O1-13)	294

Figura 86. Sítio Jatobá (20-30 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 2, sobre lasca (JT-D1-36)	295
Figura 87. Sítio Jatobá (10-20 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 2, sobre lasca (JT-D1-4).....	295
Figura 88. Sítio Jatobá (10-20 cm) – Núcleo de arenito silicificado, Sistema D (tipo <i>Manso</i>)...	296
Figura 89. Sítio Jatobá (10-20 cm) – Núcleo de arenito silicificado, Sistema D (tipo <i>Manso</i>)...	297
Figura 90. Sítio Jatobá (20-30 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com UTFs(t) alternas – instrumento para raspar (?)	301
Figura 91. Sítio Jatobá (80-90 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com 3 UTFs(t) na porção dorsal – instrumento multifuncional (?).....	302
Figura 92. Sítio Jatobá (60-70 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com UTF(t) na lateral da face ventral com gume de 60°	303
Figura 93. Sítio Jatobá (60-70 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com UTF(t) na lateral da face ventral com gume de 60°	303
Figura 94. Sítio Jatobá (10-20 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com UTF(t) na porção mesio-distal da face ventral com gume de 40/70°	304
Figura 95. Sítio Jatobá (50-60cm) – Peça unifacial, base plana, lisa e cortical, gume irregular/denticulado de 60°	306
Figura 96. Sítio Jatobá (80-90 cm) – Peça unifacial, lasca como suporte, uma ou duas UTFs(t) de gume irregular/convexo de 60°.....	307
Figura 97. Sítio Jatobá (30-40 cm) – Peça unifacial, lasca como suporte, gume irregular/denticulado de 60°	308
Figura 98. Sítio Jatobá (10-20cm) – Peça unifacial, lasca facetada como suporte, gume irregular/denticulado de 60°	308
Figura 99. Sítio Jatobá (0-10 cm) – Peça bifacial de arenito silicificado com UTFs(t) numa extremidade, com ângulos variando de 40 a 70°	310
Figura 100. Sítio Jatobá (superf.) – Peça bifacial de arenito silicificado avermelhado com UTFs(t) com ângulo de 80°	311
Figura 101. Sítio Jatobá (superf.) – Peça bifacial com UTF(t) de ângulo obtuso de 80/90°	312
Figura 102. Sítio Jatobá (30-40 cm) – Lâmina de machado lascada de arenito silicificado (?) .	313
Figura 103. Sítio Jatobá (30-40 cm) – Lâmina de machado fragmentada de arenito silicificado (?)	314
Figura 104. Sítio Lesma - Fragmento cerâmico bastante lixiviado	325
Figura 105. Sítio Lesma (superfície) – Lasca retocada de arenito silicificado com UTFs(t) de gume denticulado – atividades de corte (?) (LES-7).....	328

Figura 106. Sítio Lesma (40-50 cm) – Lasca retocada de arenito silicificado com UTF(t) numa lateral (E2-2).....	329
Figura 107. Sítio Lesma (superfície) – Peça unifacial de arenito silicificado	331
Figura 108. Sítio Lesma (superfície) – Peça unifacial de arenito silicificado	332
Figura 109. Sítio Lesma (0-10 cm) – Peça bifacial de arenito silicificado (D1-2).....	333
Figura 110. Sítio Lesma (10-20 cm) – Peça sem classificação de arenito silicificado com vestígios de polimento/alisamento (?) (G1-2)	334
Figura 111. Sítio Lesma (superfície) – Percutor (?) de arenito silicificado alterado por oxidação	334
Figura 112. Sítio Barracão Queimado: Fragmento cerâmico com cariapé como antiplástico..	340
Figura 113. Sítio Barracão Queimado (superfície) – Grande lasca retocada de arenito silicificado, instrumento de corte.....	341
Figura 114. Sítio Barracão Queimado (superfície) – Lasca retocada de arenito silicificado – instrumento multifuncional (?)	341
Figura 115. Sítio Kurisevo das Pedras: Fragmentos cerâmicos lixiviados e sem decoração	361
Figura 116. Sítio KP3 (superfície) – Núcleo de arenito silicificado com debitagem a partir de uma superfície facetada - tecnotipo 1	367
Figura 117. Sítio KP3 (superfície) – Núcleo de arenito silicificado com debitagem a partir de córtex tecnotipo 1	367
Figura 118. Sítio KP2 (superfície) – Grande núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 2, lascamentos bifaciais	369
Figura 119. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 3, lascamentos bifaciais.....	369
Figura 120. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) - Lascas retocadas de arenito silicificado com gumes ativos variando entre 40 e 60° – instrumentos para corte (?).....	375
Figura 121. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça unifacial sobre seixo, unidade ativa numa das extremidades de gume irregular de 60/70°	376
Figura 122. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Pré-forma de peça bifacial cujo suporte é uma lasca.....	378
Figura 123. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Pré-forma de peça bifacial cujo suporte é uma lasca.....	378
Figura 124. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Pré-forma de peça bifacial robusta cujo suporte é indeterminado	379
Figura 125. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Pré-forma de peça bifacial cujo suporte é indeterminado e gume ativo numa lateral	380
Figura 126. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada com extremidade pontiaguda, tendo como suporte um seixo alongado.....	381

Figura 127. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada com extremidade convexa e distintas unidades ativas	381
Figura 128. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada com extremidade convexa, tendo como suporte um seixo.....	382
Figura 129. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada, tendo como suporte um seixo alongado.....	383
Figura 130. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada com gume de 70/100°, sugere-se ter sido abandonada antes de finalizada (KP4-4).....	384
Figura 131. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Instrumento sobre grande bloco de arenito silicificado, com gume bifacial e outro unifacial, ambos de 70/80° - peça bifacial modificada.....	385
Figura 132. Sítio Kurisevo das Pedras (60-70 cm) – Peça bifacial de arenito silicificado com bordas obtusas, variando entre 50 e 100° - UTFs(t) de difícil identificação	386
Figura 133. Sítio Kurisevo das Pedras (KP4) – Grande peça bifacial de arenito silicificado, confeccionada por <i>façonnage</i> bifacial na porção mesio-distal (gume ativo) e polimento na mesio-proximal (cabo)	388
Figura 134. Sítio Kurisevo das Pedras (10-20 cm) – Lâmina de machado polida/lascada de arenito silicificado	389
Figura 135. Sítio Kurisevo das Pedras (superf.) – Instrumento sem classificação sobre seixo de arenito silicificado com uma UTF(t) compondo um gume irregular de 70°.....	390
Figura 136. Sítio Kurisevo das Pedras (superf.) – Percutores sobre seixos de arenito silicificado.....	391
Figura 137. Sítio Recanto – Borda de um fragmento cerâmico com engobo vermelho.....	401
Figura 138. Sítio Recanto – Base de um fragmento cerâmico sem decoração com antiplástico de cariapé	402
Figura 139. Sítio Recanto (superfície) – Lascas residuais de arenito silicificado.....	403
Figura 140. Sítio Recanto (120 – 130 cm) – Lascas residuais de arenito silicificado.....	403
Figura 141. Sítio Recanto (160 – 170 cm) – Lascas residuais de arenito silicificado.....	404

Lista de Plantas

Planta 1. Sítio Rio Ferro.....	138
Planta 2. Sítio Terra Cinza.....	174
Planta 3. Ribeirão Grande	223
Planta 4. Sítio Bomba d'água	232
Planta 5. Sítio Ilha Steinen.....	240

Planta 6. Sítio Jaguaribe	261
Planta 7. Ocorrência Cachoeira.....	269
Planta 8. Sítio Santiago.....	274
Planta 9. Sítio Jatoba	285
Planta 10. Sítio Lesma	321
Planta 11. Sítio Barracão Queimado	337
Planta 12. Sítio Kurisevo das Pedras – Geral.....	350
Planta 13. Sítio Kurisevo das Pedras KP1	351
Planta 14. Sítio Kurisevo das Pedras KP2	352
Planta 15. Sítio Kurisevo das Pedras KP3	353
Planta 16. Sítio Kurisevo das Pedras KP4	354
Planta 17. Sítio Recanto	397
Planta 18. Sítio Rondon.....	408
Planta 19. Gruta Kamukuwaká com alteração do traçado da BR-242	417

Lista de Mapas

Mapa 1 - Localização do Traçado da BR-242/MT e Sítios Arqueológicos	24
Mapa 2. Representação sintética do Mapa Geológico do trecho de estudo da BR-242/MT, conforme Relatório Ambiental Simplificado-RAS para obtenção da Licença Prévia-LP (DENIT/DEC e FLORAMAP)	121
Mapa 3. Representação esquemática do Mapa Geomorfológico do trecho de estudo do BR-242/MT, conforme Relatório Ambiental Simplificado-RAS para obtenção da Licença Prévia-LP (DENIT/DEC e FLORAMAP)	124
Mapa 4. Localização do empreendimento com os principais sistemas de drenagem, conforme Relatório Ambiental Simplificado-RAS para obtenção da Licença Prévia-LP (DENIT/DEC e FLORAMAP)	126
Mapa 5. Representação esquemática do Mapa Pedológico do trecho de estudo do BR-242/MT, conforme Relatório Ambiental Simplificado-RAS para obtenção da Licença Prévia-LP (DENIT/DEC e FLORAMAP)	128
Mapa 6. Cobertura vegetal na área de implantação da rodovia BR-242/MT	131

Lista de Gráficos

Gráfico 1. Sítio Rio Ferro – Frequência de materiais (cerâmica e lítico) x nível estratigráfico .	141
---	-----

Gráfico 2. Sítio Rio Ferro – Frequência de objetos cerâmicos por quadra no nível 50-60 cm..	142
Gráfico 3. Sítio Rio Ferro – Frequência da morfologia dos fragmentos cerâmicos diagnósticos.....	143
Gráfico 4. Sítio Rio Ferro – Frequência do antiplástico dos fragmentos cerâmicos	144
Gráfico 5. Sítio Rio Ferro – Frequência de cariapé nos fragmentos cerâmicos	145
Gráfico 6. Sítio Rio Ferro – Frequência da posição do tratamento das superfícies – alisamento.....	146
Gráfico 7. Sítio Rio Ferro – Frequência dos tipos de queima nas cerâmicas pouco oxidadas (26% das cerâmicas analisadas)	147
Gráfico 8. Sítio Rio Ferro – Frequência relativa das classes formais entre os fragmentos de borda (pós-colagem, 49 fragmentos).....	148
Gráfico 9. Sítio Rio Ferro – Frequência relativa dos tipos de forma dos vasilhames pós-colagem	148
Gráfico 10. Sítio Rio Ferro – Frequência relativa do diâmetro (em mm) da borda das variantes formais.....	149
(11 fragmentos).....	149
Gráfico 11. Sítio Rio Ferro – Frequência da espessura dos fragmentos com variante formal (18 fragmentos).....	150
Gráfico 12. Sítio Rio Ferro – Frequência do cariapé B nos fragmentos com variante formal...	150
Gráfico 13. Sítio Rio Ferro – Frequência das subformas nos vasilhames.....	151
Gráfico 14. Sítio Rio Ferro – Frequência dos tipos de matéria-prima x nível.....	155
Gráfico 15. Sítio Rio Ferro – Frequência geral de categoria de objetos x nível	156
Gráfico 16. Sítio Rio Ferro – Frequência da técnica de lascamento x nível	157
Gráfico 17. Sítio Rio Ferro – Frequência da técnica de lascamento x matéria-prima x nível....	158
Gráfico 18. Sítio Rio Ferro – Lascas residuais: Frequência da técnica de lascamento x nível...	162
Gráfico 19. Sítio Rio Ferro – Dimensões das lascas residuais	163
Gráfico 20. Sítio Rio Ferro – Dimensões das lascas retocadas	164
Gráfico 21. Sítio Terra Cinza – Frequência de materiais (cerâmica e lítico) x nível estratigráfico	177
Gráfico 22. Sítio Terra Cinza – Frequência das classes da cerâmica	178
Gráfico 23. Sítio Terra Cinza – Frequência dos tipos de antiplástico das cerâmicas	179
Gráfico 24. Sítio Terra Cinza - Frequência do Cariapé A e B nos fragmentos cerâmicos	179
Gráfico 25. Sítio Terra Cinza – Fragmentos cerâmicos com marca da manufatura.....	180
Gráfico 26. Sítio Terra Cinza – Frequência do modo de tratamento da superfície das cerâmicas	181

Gráfico 27. Sítio Terra Cinza – Frequência do modo de tratamento da superfície com engobo	181
Gráfico 28. Sítio Terra Cinza – Frequência do modo de tratamento da superfície com engobo vermelho, preto e branco	182
Gráfico 29. Sítio Terra Cinza – Frequência da coloração da queima das cerâmicas	183
Gráfico 30. Sítio Terra Cinza – Frequência da decoração por Grupo	183
Gráfico 31. Sítio Terra Cinza – Frequência da morfologia da base	184
Gráfico 32. Sítio Terra Cinza – Frequência da morfologia dos vasilhames	185
Gráfico 33. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa das variantes formais dos vasilhames	186
Gráfico 34. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa do diâmetro (mm) da borda nas variantes formais	186
Gráfico 35. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa da espessura (mm) nas variantes formais	187
Gráfico 36. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa de Cariapé nas variantes formais.....	188
Gráfico 37. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa do antiplástico nas variantes	189
Gráfico 38. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa do engobo nas variantes formais	189
Gráfico 39. Sítio Terra Cinza – Frequência das subformas dos vasilhames	190
Gráfico 40. Sítio Terra Cinza – Frequência dos tipos de matéria-prima x nível	196
Gráfico 41. Sítio Terra Cinza – Frequência geral de categoria de objetos x nível	197
Gráfico 42. Sítio Terra Cinza – Frequência da técnica de lascamento x nível	198
Gráfico 43. Sítio Rio Ferro – Lascas residuais: frequência da técnica de lascamento x nível ...	204
Gráfico 44. Sítio Terra Cinza – Dimensões das lascas residuais	205
Gráfico 45. Sítio Terra Cinza – Dimensões das lascas retocadas.....	206
Gráfico 46. Sítio Ilha Steinen – Frequência de objetos líticos x Área.....	245
Gráfico 47. Sítio Jatobá – Frequência de objetos líticos ao longo da ocupação	290
Gráfico 48. Sítio Jatobá – Frequência de objetos líticos x Quadra.....	291
Gráfico 49. Sítio Jatobá – Frequência geral de categoria de objetos x Nível	292
Gráfico 50. Sítio Jatobá – Dimensões das lascas residuais.....	298
Gráfico 51. Sítio Jatobá – Frequência dos tipos de instrumentos x Nível	299
Gráfico 52. Sítio Jatobá – Dimensões das lascas retocadas	300
Gráfico 53. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência dos objetos líticos X Ponto de coleta.....	362
Gráfico 54. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência dos objetos líticos x Ponto de coleta x Nível.....	362
Gráfico 55. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência geral de categorias	363
Gráfico 56. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência de categorias x Ponto de coleta	364

Gráfico 57. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência de categorias x Nível x Ponto de coleta.....	365
Gráfico 58. Sítio Kurisevo das Pedras (KP1) – Dimensões das lascas residuais.....	371
Gráfico 59. Sítio Kurisevo das Pedras (KP2) – Dimensões das lascas residuais.....	371
Gráfico 60. Sítio Kurisevo das Pedras (KP3) – Dimensões das lascas residuais.....	372
Gráfico 61. Sítio Kurisevo das Pedras (KP4) – Dimensões das lascas residuais inteiras.....	372
Gráfico 62. Sítio Kurisevo das Pedras – Frequência dos tipos de instrumentos	373
Gráfico 63. Sítio Kurisevo das Pedras – Dimensões das lascas retocadas inteiras.....	374
Gráfico 64. Sítio Recanto - Frequência de fragmentos cerâmicos por nível de escavação	400
Gráfico 65. Sítio Recanto - Frequência do antiplástico nos fragmentos inventariados.....	401
Gráfico 66. Sítio Rondon – Frequência da morfologia dos fragmentos cerâmicos.....	411
Gráfico 67. Sítio Rondon – Frequência do antipáltico nos fragmentos cerâmicos	412

Lista de Pranchas Fotográficas

Prancha Fotográfica 1. Sítio Rio Ferro – Paisagem.....	139
Prancha Fotográfica 2. Sítio Rio Ferro – Salvamento	140
Prancha Fotográfica 3. Sítios Terra Cinza – Paisagem.....	175
Prancha Fotográfica 4. Sítios Terra Cinza – Salvamento	176
Prancha Fotográfica 5. Ribeirão Grande – Paisagem	224
Prancha Fotográfica 6. Ribeirão Grande – Salvamento	225
Prancha Fotográfica 7. Sítio Bomba d’água – Pasagem	233
Prancha Fotográfica 8. Sítio Bomba d’água – Salvamento	234
Prancha Fotográfica 9. Sítio Ilha Steinen – Paisagem	241
Prancha Fotográfica 10. Sítio Ilha Steinen – Salvamento.....	242
Prancha Fotográfica 11. Sítio Jaguaribe – Paisagem	262
Prancha Fotográfica 12. Sítio Jaguaribe – Salvamento	263
Prancha Fotográfica 13. Ocorrência Cachoeira – Paisagem.....	270
Prancha Fotográfica 14. Ocorrência Cachoeira – Salvamento	271
Prancha Fotográfica 15. Sítio Santiago – Paisagem	275
Prancha Fotográfica 16. Sítio Santiago – Salvamento.....	276
Prancha Fotográfica 17. Sítio Jatoba – Paisagem.....	286
Prancha Fotográfica 18. Sítio Jatoba – Salvamento	287
Prancha Fotográfica 19. Sítio Jatoba – Salvamento	288
Prancha Fotográfica 20. Sítio Lesma – Paisagem	322

Prancha Fotográfica 21. Sítio Lesma – Salvamento	323
Prancha Fotográfica 22. Sítio Lesma – Salvamento	324
Prancha Fotográfica 23. Sítio Barracão Queimado – Paisagem	338
Prancha Fotográfica 24. Sítio Barracão Queimado – Salvamento	339
Prancha Fotográfica 25. Kurisevo das Pedras	355
Prancha Fotográfica 26. Kurisevo das Pedras	356
Prancha Fotográfica 27. Kurisevo das Pedras	357
Prancha Fotográfica 28. Kurisevo das Pedras	358
Prancha Fotográfica 29. Kurisevo das Pedras	359
Prancha Fotográfica 30. Kurisevo das Pedras	360
Prancha Fotográfica 31. Sítio Recanto – Paisagem	398
Prancha Fotográfica 32. Sítio Recanto – Salvamento	399
Prancha Fotográfica 33. Sítio Rondon – Paisagem.....	409
Prancha Fotográfica 34. Sítio Rondon – Salvamento	410
Prancha Fotográfica 35. Sítio Pajam.....	417
Prancha Fotográfica 36. Sítio Batovi	419
Prancha Fotográfica 37. Sítio Gruta Kamukuwaká.....	420
Prancha Fotográfica 38. EP- Canarana Escola 31 de Março.....	429
Prancha Fotográfica 39. EP- Canarana Escola Norberto Schwantes.....	430
Prancha Fotográfica 40. EP - Expo Ubiratã.....	431
Prancha Fotográfica 41. EP - Fachadas das escolas	432
Prancha Fotográfica 42. EP- Escola Municipal Bem me Quer	433
Prancha Fotográfica 43. EP- Escola Gervasio dos Santos Costa.....	434
Prancha Fotográfica 44. EP- Escola Estadual 19 de Dezembro	435
Prancha Fotográfica 45. EP - EP- Escola Municipal Tancredo Neves	436
Prancha Fotográfica 46. Expedição Waura	437
Prancha Fotográfica 47. EP- Escola Estadual 19 de Dezembro	438
Prancha Fotográfica 48. EP - Exposição Itinerante em forum de educação	439
Prancha Fotográfica 49. EP- Escola Municipal Moreira Cabral	440

1. Introdução

Uma sociedade que não estuda Pré-História e História não consegue entender a si própria porque desconhece as razões que a trouxeram até aqui. (LAURENTINO GOMES, Rev. Lopes, Região Sul, 4, ano 2, 2011: 30).

Este relatório de Resgate e Educação Patrimonial apresenta as atividades arqueológicas realizadas no âmbito do Programa de Proteção aos Sítios de Importância Histórica, Cultural, Arqueológica e Paisagística – Subprograma de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial (Lotes 01 a 11), para as obras de implantação e pavimentação da rodovia BR-242/MT, trecho: BR-158/MT (Querência) – Entr. BR-163/MT-242/MT (Sorriso) e subtrechos: Entr. MT-130 – Nova Ubiratã e Entr. MT-243 (B) MT-109 (A) (Querência) – Nova Ubiratã.

Esta obra é uma iniciativa do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes - DNIT e a Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT/Fundação Uniselva foi contratada por meio do Termo de Cooperação nº 248/2013-DPP, firmado entre a Universidade e o DNIT, cujo objeto são os serviços de Gestão Ambiental e Execução dos Programas Ambientais para implantação e pavimentação da BR-242/MT dos Lotes 1 a 4, sendo que a Meta I se refere ao Subprograma de Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial relativo à implantação e pavimentação dos Lotes 1 a 4, e a Meta II, ao Subprograma de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial dos Lotes 1 a 11.

Esta pesquisa, desenvolvida no estado de Mato Grosso, cumpre as diretrizes determinadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN, que regulamenta os trabalhos e pesquisas arqueológicas em todo o território nacional, bem como da Secretaria de Meio Ambiente de Mato Grosso (SEMA/MT) que licencia atividades geradoras de impactos ambientais, orientando empreendedores a efetuarem atividades minimizadoras de impactos ambientais e culturais. Assim sendo, a redação deste relatório cumpre em descrever todas as atividades realizadas em campo e laboratório e apresentar a interpretação dos dados levantados, preconizando na colaboração de reconstruir a pré-história regional, na medida em que novas informações são adicionadas às já existentes. Ademais, descreve as ações de educação patrimonial que proporcionaram a valorização e a preservação do patrimônio cultural.

Sítios arqueológicos no Brasil são considerados Patrimônio da União e para tanto um aparato legal regulamenta os estudos e pesquisas arqueológicas, tais como a Resolução CONAMA 001/86, as Leis Federais 9.605 e 3.924/61 e as Portarias SPHAN nº 07/88 e nº 230/2002. Os trabalhos de salvamento na BR-242 seguem esta normativa e foram autorizados pelo IPHAN por meio da Portaria 24, de 18/07/11, publicada no DOU de 19/07/11, que foi renovada por mais 18 meses pela Portaria 03 de 22/01/14, publicada no DOU de 23/01/14.

Os trabalhos nesta obra promoveram o resgate de 14 sítios arqueológicos – **Rio Ferro, Terra Cinza, Ribeirão Grande, Jaguaribe, Santiago, Lesma, Barracão Queimado, Batovi, Jatobá, Recanto, Rondon, Kurisevo das Pedras, Ilha de Steinen e Bomba d'Água** -, e a preservação de outros três – **Gruta Kamukuwaká, Cachoeira I e Pajam** (Mapa 1).

É pertinente destacar o quanto pesquisas arqueológicas fomentadas por **obras de engenharia** têm contribuído para o entendimento dos sistemas sócio-culturais das sociedades pretéritas, visto que tais estudos, em geral, abrangem áreas ainda inexploradas arqueologicamente. Diante dessa oportunidade, a posse de novos dados permite ratificar (embasando-o ainda mais), expandir ou retificar conhecimentos já estabelecidos. E, para que tal conhecimento não fique restrito àqueles que o produziu sua divulgação é promovida através das ações de Educação Patrimonial em meio às comunidades locais, onde se procurou através de ações educativas, explicar a importância de se conhecer a pré-história e, conseqüentemente, do significado de se preservar tal patrimônio arqueológico, tendo como único agente a responsabilidade de cada um de nós. Para além dessas ações, busca-se também a sua divulgação através de congressos e publicações a nível nacional.

Este relatório, portanto, encontra-se dividido em **10 capítulos**. Inicia com esta apresentação e segue no **capítulo 2** com a descrição dos dados técnicos do empreendimento. O **terceiro capítulo** refere-se ao instrumental teórico-metodológico adotado, correspondendo à sequência das ações desempenhadas ao longo dos trabalhos em escritório, campo e laboratório (para os resgates e Educação Patrimonial). Contém também a apresentação do local de salvaguarda dos materiais. O **quarto capítulo** constitui uma síntese das pesquisas arqueológicas pré-históricas, históricas e etno-históricas já desenvolvidas na região, amparando as leituras e interpretações avançadas pela presente pesquisa. O **quinto capítulo** compõe um panorama dos aspectos físicos e bióticos da região, o qual visa uma contextualização mais abrangente dos ambientes em que os sítios arqueológicos encontram-se inseridos. Oferecido um panorama mais amplo dos períodos iniciais da ocupação humana nesta região centro oeste, o **sexto capítulo** contém tanto a descrição dos trabalhos de campo relacionados à etapa de resgate arqueológico quanto das tarefas desenvolvidas em laboratório no que diz respeito ao registro e análise dos materiais resgatados - esta última, realizada segundo os encaminhamentos metodológicos propostos. Para cada sítio, além da descrição das ações de resgate, constam suas inserções na paisagem, a análise dos materiais arqueológicos recuperados, bem como as respectivas plantas de resgate e pranchas fotográficas. No **sétimo capítulo** tem-se o 'Projeto de Preservação dos Sítios Arqueológicos' apresentado e aprovado pelo IPHAN. No **oitavo capítulo** constam todas as ações de Educação Patrimonial executadas durante o desenvolvimento desta pesquisa.

De posse de todos os dados, no **nono capítulo** apresentam-se as interpretações e as conclusões dos dados levantados, e, por fim, no **último capítulo** têm-se as referências bibliográficas, seguidas dos Anexos.

Mapa 1 – Mapa de Localização do traçado da BR-242/MT e dos Sítios Arqueológicos

1.1 Objetivos da Pesquisa Arqueológica

Mais do que salvaguardar artefatos antigos, o objetivo da Arqueologia é o de **caracterizar as culturas arqueológicas**, observando suas diferenças, similaridades e transformações e explicá-las em termos de processos e sistemas culturais. Objetivo que só poderá ser alcançado através da **análise integral do registro arqueológico associado à cultura material**. Para tanto, deve-se considerar não somente os artefatos *em si*, mas todas as restantes evidências que os rodeiam (carvões, sementes, estruturas arqueológicas, etc.), a natureza e propriedades dos sedimentos que os envolvem, a sequência estratigráfica que os ordena, a sua distribuição espacial, os contextos ambientais em que se inserem, as transformações / impactos que os poderão ter afetado e, ainda, o universo simbólico que lhes atribui sentido, entre outros múltiplos fatores.

O registro minucioso de todas as evidências potencialmente significativas resulta numa grande quantidade de dados *em bruto* a serem tratados e processados em laboratório. Estes dados deverão ser cruzados com os recursos cartográficos e bibliográficos previamente reunidos. Em simultâneo é realizado o tratamento, estudo e acondicionamento museológico dos materiais arqueológicos coletados durante as campanhas de resgate. Toda a informação é, então, agregada e processada de forma a compor um quadro o mais abrangente e minucioso possível, concorrendo à interpretação dos resultados, por nós ou por outros investigadores ou agentes do patrimônio. Ao final dos trabalhos objetiva-se a confecção de um relatório completo, onde conste a apresentação dos dados, dos resultados obtidos, suas interpretações e, por fim, das hipóteses e conclusões.

Finalmente, além da redação e apresentação do Relatório Final para os órgãos competentes, tem-se também por objetivo a divulgação dos resultados tanto para a comunidade local - a qual se procura envolver durante os períodos de execução dos trabalhos de campo e que se relacionam às atividades denominadas de “Educação Patrimonial” - quanto para a comunidade científica nacional. Tais atividades podem ser desempenhadas de diversos modos. Há aquelas diretamente relacionadas à comunidade científica, denominadas de cunho comunicacional, que ocorrem através de informes em congressos e de publicações em periódicos, revistas e, não raramente, em livros. Aquelas relacionadas à população em geral, denominadas de cunho educacional, ocorrem através da realização de cursos, oficinas, exposições e palestras, que, em geral, são ministradas tanto nas escolas locais quanto nas empresas responsáveis pela execução das obras.

Assim, os **objetivos deste relatório compreendem:**

- Atender à legislação brasileira no que diz respeito à proteção e preservação do patrimônio arqueológico;
- O resgate dos sítios arqueológicos elencados no “Projeto de Salvamento Arqueológico BR-242/MT”;

- As análises laboratoriais de todo e qualquer vestígio arqueológico identificado e/ou coletado;
- A interpretação dos dados e a posterior reconstrução do modo de vida das populações indígenas correspondentes aos objetos de estudo;
- A contextualização arqueológica em termos regionais – promovendo a reconstrução da dinâmica de vida das populações pretéritas e estabelecer seus territórios de domínio em ampla escala;
- Ações de Educação Patrimonial que proporcione a valorização e preservação do patrimônio cultural nacional e estadual;
- A divulgação dos trabalhos de resgate junto às comunidades locais através das ações de Educação Patrimonial, bem como à comunidade científica nacional através de apresentações em congressos, publicações, etc.

Por fim, entende-se que assim procedendo, procura-se valorar a pesquisa como um todo, pois o conhecimento adquirido e repassado é a única forma de retribuir não somente às empresas financiadoras, mas também aos proprietários das áreas envolvidas nos estudos. Sendo responsabilidade do arqueólogo reconstruir o passado, cabe a ele repassar esse conhecimento à sociedade.

2. Informações sobre o empreendimento

2.1 Localização

A pavimentação da rodovia BR-242/MT, visa integrar um corredor rodoviário pavimentado entre as BR's 163 e 158 para flexibilizar o fluxo de transporte no centro norte do Estado de Mato Grosso no sentido leste-oeste.

A região foco dos estudos arqueológicos se refere ao subtrecho que interliga a cidade de Nova Ubitatã ao entroncamento com a Rodovia MT-109, conforme segmentos rodoviários a seguir.

Rodovia: BR-242/MT

Trecho: Entr. BR 158 (Querência) – Entr. BR 163 (Sorriso)

Subtrecho: Entr. MT 109 (Querência) – Gaúcha do Norte - Entr. MT-130/BR-242/MT (Santiago do Norte) – Nova Ubitatã

Coordenadas de localização:

Ponto Inicial (Entr. MT-109): Lat. 12° 58' 39,33" S e Long. 52° 12' 38,80" W

Ponto Final (Nova Ubitatã): Lat. 13° 02' 10,30" S e Long. 55° 17' 13,72" W

Segmentos Meta I: Gestão Ambiental dos Lotes 1 a 4, subprograma de monitoramento arqueológico:

Subtrecho: Nova Ubitatã a Santiago do Norte

- Lote 1: Km 732,50 – Km 780,80
- Lote 2: Km 703,80 – Km 732,50
- Lote 3: Km 661,90 – Km 703,80
- Lote 4: Km 624,60 – Km 661,90

Extensão Total Meta I: 156,18 Km

Segmentos Metas II: Salvamento Arqueológico dos Lotes 1 a 11:

Subtrecho: Nova Ubitatã – Querência

- Lote 1: Km 732,50 – Km 780,80
- Lote 2: Km 703,80 – Km 732,50
- Lote 3: Km 661,90 – Km 703,80
- Lote 4: Km 624,60 – Km 661,90
- Lote 5: Km 545,94 – Km 675,23
- Lote 6: Km 517,52 – Km 545,94

- Lote 7: Km 486,32 – Km 517,52
- Lote 8: Km 457,72 – Km 486,32 e Acesso a Gaúcha do Norte
- Lote 9: Km 395,36 – Km 457,72
- Lote 10: Km 334,63 – Km 395,36
- Lote 11: Km 291,98 – Km 334,63

Extensão Total Meta II: 444,33 Km (*)

(*) Obs.: A extensão total e km iniciais e finais foram revisados em 2014 em função das licitações dos Lotes A, B e C (5 a 11).

As obras de implantação e pavimentação dos Lotes 1 a 4 foram concluídas. Faltam ainda nesse segmento as obras de construção das 8 (oito) pontes rodoviárias e os serviços remanescentes. Essas pontes, conforme o projeto de engenharia, estão localizadas nos seguintes estaqueamentos, coordenadas e lotes, conforme Quadro 1, a seguir:

Quadro 1. Localização das Pontes a serem construídas

ITEM	DESCRIÇÃO	LOTE	ESTACA	COORDENADAS	EXTENSÃO (m)
1	Ponte sobre Rio Ferro	1	1523+10,00	Lat. : -13.062148° Long: -55.089988°	60 m
2	Ponte sobre Rio Bonito	1	1414+17,00	Lat. : -13.231551° Long: -54.966918°	60 m
3	Ponte sobre o Córrego Desejado	1	498+12,00	Lat. : -13.201390° Long: -55.055040°	25 m
4	Ponte sobre Rio Von Den Stein	2	961+10,00	Lat. : -13.237981° Long: -54.883778°	60 m
5	Ponte sobre Rio Água Limpa	2	1748+13,00	Lat. : -13.414667° Long: -54.779722°	60 m
6	Ponte sobre Rio Ronuro	3	1759+0,00	Lat. : -13.302900° Long: -54.544200°	100 m
7	Ponte sobre Rio Capitão Jaguaribe	4	1071+7,50	Lat. : -13.275943° Long: -54.424735°	75 m
8	Ponte sobre Ribeirão Agrimensor Santiago	4	250+5,00	Lat. : -13.276872° Long: -54.282972°	60 m

O Consórcio ATRATIVA – CAMPESATTO – PROJECTA foi declarado ganhador (Edital 589/14-11), para construção das 8 (oito) pontes de concreto dos Lotes 1 a 4 e dos serviços remanescentes, com contrato nº 367/2017 assinado e ordem de serviço emitida em 26 de junho de 2015 (Edital nº 589/2014-11), autorizando o início da elaboração dos projetos.

A representação dos lotes do empreendimento da rodovia está apresentada no Diagrama Unifilar detalhado no Quadro 2, abaixo:

Quadro 2. Caracterização dos lotes da BR 242 MT

Rodovia	Lote/ Trecho	Km inicial – final	Extensão (km)	Srv 2013	Construtora/conservação	Supervisora de obras	Situação das obras	Licença de instalação
META I								
BR-242/MT	Lote 1	732,50 – 780,80	48,3	242BMT0620 ao 242BMT0645	CONSTIL Construções e Terraplanagem LTDA	Direção Consultoria e Engenharia Ltda.	Concluída	
BR-242/MT	Lote 2	703,80 – 732,50	28,7	242BMT0610 ao 242BMT0620	TOP Engenharia LTDA	Direção Consultoria e Engenharia Ltda.	Concluída	LI n° 59.289/2011 SEMA
BR-242/MT	Lote 3	661,90 – 703,80	41,9	242BMT0610	TRIMEC Construções e Terraplanagem LTDA	Direção Consultoria e Engenharia Ltda.	Concluída	
BR-242/MT	Lote 4	624,60 – 661,90	37,3	242BMT0605 ao 242BMT0610	DÍNAMO Construtora LTDA / PAVISERVICE Serviço e Pavimentação LTDA.	Direção Consultoria e Engenharia Ltda.	Concluída	
BR-242/MT	Lotes 1 a 4	-	-	-	Execução das 8 (oito) pontes de concreto e serviços remanescentes	A ser contratada	A ser iniciada	Nova LI a ser emitida pelo IBAMA
META II								
BR-242/MT	Lote 5 (A)	545,94 - 575,23	39,2	242BMT0600 e 242BMT0605		A ser contratada	A ser iniciada	
BR-242/MT	Lote 6 (A)	517,52 - 545,94	28,4	242BMT0600	Lote A (licitado)	A ser contratada	A ser iniciada	
BR-242/MT	Lote 7 (A)	486,32 - 517,52	32	242BMT0600		A ser contratada	A ser iniciada	Nova LI a ser emitida pelo IBAMA
BR-242/MT	Lote 8 (B)	457,72 - 486,32	33,6	242BMT0595 e 242BMT0600		A ser contratada	A ser iniciada	
BR-242/MT	Lote 9 (B)	395,36 - 457,72	96,3	242BMT0585 ao 242BMT0595	Lote B (licitado)	A ser contratada	A ser iniciada	

BR-242/MT	Lote 10 (C)	334,63 - 395,36	60,67	242BMT0575 ao 242BMT0585	Lote C (em fase de licitação)	A ser contratada	A ser iniciada	
BR-242/MT	Lote 11 (C)	291,98 – 334,63	42,33	242BMT0570 ao 242BMT0575		A ser contratada	A ser iniciada	
BR-242/MT	Lotes 5 a 11	-	-	-	Execução das 12 (doze) pontes de concreto e serviços remanescentes	A ser contratada	A ser iniciada Projetos em análise pelo DNIT	Nova LI a ser emitida pelo IBAMA

2.2 Dados sobre o Empreendimento

A pavimentação de uma rodovia é a atividade de transformar uma estrada sem revestimento ou com revestimento precário, de terra batida, em uma estrada dimensionada com leito regular para suportar determinado tráfego e continuar em condições de uso por longo período.

A construção da rodovia BR-242/MT está sendo executada sobre a camada de solo hoje existente, chamada tecnicamente de subleito e acima dela são implantadas camadas de sub-base, base e revestimento, observando a instrução de serviço IS-207, definidas nas Diretrizes Básicas para Estudos e Projetos Rodoviários: escopos básicos/instruções de serviço, realizado pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) e publicado em 2005.

Na conclusão dos estudos prévios de engenharia (anteprojeto e estudos de viabilidade) ficou definido a utilização e aproveitamento máximo da plataforma existente, efetuando-se, contudo, algumas modificações visando à introdução de melhoramentos geométricos para atender a drenagem, a nova situação da rodovia pavimentada e a velocidade de diretriz que será implantada.

As características técnicas do projeto geométrico no trecho são:

Número de pistas: 1 (uma);

Número de faixas de tráfego: 2 (duas);

Largura da pista de rolamento: 7,00 m (2 faixas de tráfego com 3,50 m cada);

Largura dos acostamentos: 1,50 m cada lado;

Largura das faixas de drenagem (sarjetas): 0,60 m cada;

Largura da plataforma acabada: 10,00 m;

Largura da faixa de domínio: 70,00 m (35 m cada);

Abaulamento transversal: 2%;

Superelevação máxima: 8%;

Velocidade diretriz: 100 Km/h;

Raio mínimo adotado: 210,00 m;

Rampa máxima do greide: 4,5%;

Inclinação dos taludes do greide de aterro: 1V: 1,5 H.

No desenvolvimento do projeto foram observadas as recomendações prescritas nas Normas de Projeto Geométrico do antigo DNER. Trata-se de uma implantação típica de áreas de novas fronteiras agrícolas em região aplanada, sem significativas movimentações de terra em aterros ou cortes, pois o traçado se desenvolve sobre colinas suaves e extensas em forma de tabuleiro que prescindem de intervenções vigorosas de terraplenagem.

Como obra de arte projetada, consta a construção de diversas pontes de concreto sobre cursos d'água. Está previsto também a implantação de variantes de acesso aos núcleos urbanos de Gaúcha do Norte, Água Limpa, trevo de acesso a Santiago do Norte (Postinho Santiago) na MT-130 e Gaúcha do Norte, além do contorno de 10 km como variante de desvio da área urbana de Nova Uiratã e Gaúcha do Norte.

A travessia dos cursos hídricos é um ponto importante a ser considerado no projeto da rodovia, já que a implantação das pontes se dará em áreas de preservação permanente (APP), com vegetação ciliar preservada, além de se constituírem em importantes corredores de fauna. A execução das pontes deve contemplar a mínima supressão de vegetação possível, sendo o corte restrito ao extremamente necessário.

Assim, o projeto das pontes considera estas características peculiares. A concepção do vão total das pontes sobre os rios inclui uma passagem inferior em ambas as margens, no intuito de não causar a interrupção dos corredores de fauna, promovendo o livre trânsito de animais por estes locais. Na figura 1 pode ser observada uma ilustração esquemática das pontes com passagem de fauna.

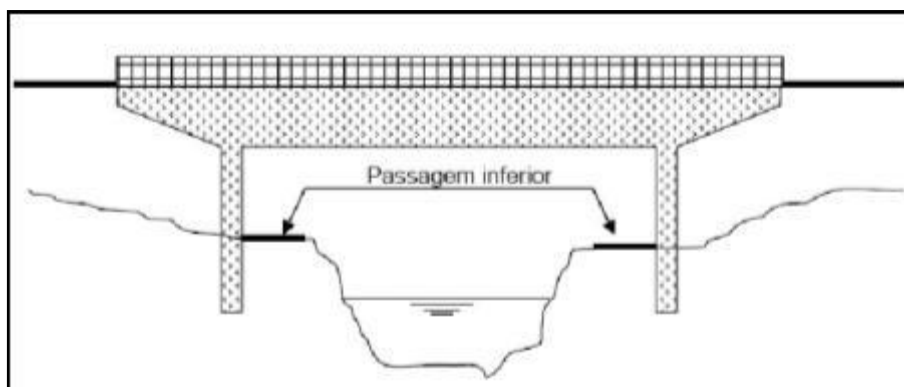


Figura 1. Detalhe do perfil longitudinal da ponte privilegiando a passagem da fauna terrestre

As demais intervenções de supressão vegetal ficarão restritas às áreas de empréstimos projetadas na faixa de domínio e também na travessia das drenagens principais, já que as pontes existentes são de madeira e todas serão substituídas por concreto, sendo necessária, em muitas travessias a correção do traçado geométrico, deslocando o eixo da ponte. Esses

locais serão tratados como passivos ambientais e analisados caso a caso, detalhadamente, na fase do Projeto Básico da rodovia, com auxílio e supervisão da equipe de meio ambiente.

Com relação à supressão vegetal, dentre os métodos de corte conhecidos, dar-se-á preferência ao corte semi-mecanizado, que resulta de operações manuais com motosserras (legalmente licenciadas) para a derrubada propriamente dita e a complementação do carregamento e enleiramento dos toretes e toras. Para este tipo de serviço recomenda-se o corte com motosserra por equipes treinadas no uso deste implemento e devidamente equipadas com EPI's (equipamentos de proteção individual), que garantam a segurança dos trabalhadores envolvidos em tais tarefas. Além disto, a contratada e sua equipe deverá estar ciente das medidas de controle ambiental.

Deverão ser seguidos os critérios abaixo:

Quadro 3. Critérios de classificação dos toretes) de classificação de toretes para seu corte e separação:

Quadro 3. Critérios de classificação dos toretes

CLASSE	CARACTERISTICAS
I	Torete com diâmetro <12 cm, medido na ponta mais grossa com casca, será denominado lenha, devendo ter no mínimo 1,2 m de comprimento.
II	Torete com diâmetro de 12 a29 cm, medido na ponta mais fina com casca, será denominado mourão, devendo ter no mínimo 2,5 m de comprimento.
III	Torete com diâmetro >30 cm, medido na ponta mais fina, com casca, será denominado tora, devendo ter de 2,5 a5,5 m de comprimento.

Toda a madeira cortada em toretes deverá ser retirada das áreas de desmatamento para que se tenha controle visual das áreas que vão progressivamente sendo limpas e também para que possa ser acumulada nos locais indicados pelo Contratante, por seleção de classes, sempre em área lindeira à estrada, formando-se estoques homogêneos. Este material vegetal não poderá ser comercializado e será de uso exclusivo do proprietário de terra da área lindeira à faixa de domínio da rodovia com a finalidade de aproveitamento para lenha, sendo o material, tipo mourão e tora, utilizado para construções prediais e cercas em benefício da propriedade rural.

3. Princípios Metodológicos

As atividades nesta etapa da pesquisa dividem-se em distintos procedimentos e para os quais se adotam específicos métodos de trabalho, porém, embasados cientificamente.

Segue a apresentação dos processos desempenhados e os suportes metodológicos empregados para suas realizações.

3.1 Referencial Teórico

Os **trabalhos de resgate** amparam-se nos trabalhos de 'Diagnóstico e Prospecção arqueológica' desenvolvidos pela Archaeo, cujos resultados encontram-se em seu 'Relatório Final' (HIROOKA, 2011). E, assim como normatizados os trabalhos de prospecção, também os trabalhos de resgate obedecem a critérios metodológicos pré-estabelecidos.

Utilizando-se de um aporte teórico oriundo de autores tais como Renfrew (1984), Renfrew e Bahn (1996), Schiffer (1972) e Stickel (1982), que tratam dos processos e sistemas de formação do registro arqueológico, procura-se inserir os achados dentro de uma ótica que privilegie as formas de representação de esferas de atuação social, na coletividade que produziu consciente ou inconscientemente este mesmo registro de suas vidas. Buscando tais representações, o resgate dos sítios baseou-se num método comum a todos, porém, variável segundo o contexto no qual se inserem. Deste modo, alguns critérios foram modificados, levando-se em consideração a natureza do sítio, o tipo de ambiente, a posição estratigráfica, as dimensões, os limites (naturais ou antrópicos), a frequência de materiais e, também, o grau de integridade.

3.2 Conceituação

As conceituações que seguem dizem respeito a termos arqueológicos empregados nas pesquisas arqueológicas, de uso recorrente e reconhecidos pela academia, embora suas definições possam variar segundo o pesquisador. Assim, seguem os conceitos adotados no projeto em questão:

- **Sítio arqueológico:** Por sítio arqueológico pode-se definir qualquer local discreto e potencialmente interpretável que apresenta agrupamentos de materiais culturais (artefatos, ecofatos e estruturas) associados a uma matriz de natureza sedimentar, sendo limitado espacialmente pela mudança na densidade destes itens (PLOG, PLOG & WAIT, 1978). Um sítio arqueológico representa um lócus de preservação do patrimônio cultural, composto por testemunhos que englobam qualquer vestígio da existência humana, encontrados na superfície, no subsolo ou sob as águas (BASTOS & SOUZA, 2010). No contexto de uma

arqueologia de assentamento, os sítios individuais passam a ser vistos como formadores de uma cadeia de inter-relações na qual cada sítio desempenha um papel diferente e complementar.

- **Ocorrência arqueológica:** Uma ocorrência arqueológica pode ser definida como artefatos encontrados de forma isolada ou em agrupamentos dispersos, discretos ou aparentemente desconexos na paisagem (BASTOS & SOUZA, 2010). Trata-se de áreas onde ocorreram atividades específicas no passado que não produziram uma quantidade de resíduos significativa ou na qual a ação antrópica (perda acidental ou agrupamento intencional) e a ação natural (processos de formação de sítio) condicionaram uma baixa densidade de materiais em superfície (DUNNEL & DANCEY, 1983; THOMAS, 1975).

- **Quadra:** buracos de 1,0 m² os quais formam a malha de escavação de um dado sítio.

- **Decapagem:** Trata-se de um modo peculiar de escavar um sítio arqueológico através da retirada de camadas muito finas de sedimentos (preferencialmente com espátula de pedreiro), registrando os vestígios arqueológicos por níveis artificiais (espessura a escolha do pesquisador) ou naturais (correspondendo a eventos naturais que governam o processo de formação do registro arqueológico).

- **Sondagem:** trata-se da execução de intervenções no subsolo através de cavadeira (boca de lobo), podendo variar em diâmetro e profundidade, a fim de averiguar a presença de vestígios arqueológicos. Em tais procedimentos registra-se a espessura da camada de ocupação (com a indicação precisa dos objetos por nível), bem como as características do solo. Tais procedimentos são preferencialmente realizados nos trabalhos de diagnóstico, prospecção e monitoramento arqueológico. Porém, podem ser também empregados nos resgates, nas áreas mais externas dos sítios, para testar seus limites.

3.3 Sequência das Ações

A pesquisa arqueológica segue um cronograma de ações ordenadas, fazendo-se estas necessárias para o satisfatório desempenho dos trabalhos. Assim, as atividades iniciam com os trabalhos de escritório, seguem com os trabalhos de campo, que compreendem o resgate dos sítios arqueológicos e as ações de Educação Patrimonial, e finalizam com os trabalhos de laboratório, que correspondem à análise de todos os dados coletados, suas interpretações e onde efetivamente confecciona-se o 'Relatório Final de Resgate e Educação Patrimonial', o qual apresenta todos os resultados obtidos na pesquisa.

Segue, portanto, a descrição destas atividades.

3.3.1 Escritório

Anteriormente aos trabalhos de campo efetua-se o levantamento de todos os sítios programados para resgate - contidos no Projeto de Resgate e aprovados pelo IPHAN.

Elencados, estabelece-se a logística para os trabalhos de campo, de modo a agilizar o tempo de deslocamento até os sítios, averiguando os municípios nos quais se encontram e os acessos até eles.

A partir das informações fornecidas no Relatório Final de Prospecção (HIROOKA, 2011), buscam-se os aspectos qualitativos dos sítios, tais como o tipo de ambiente o qual se inserem, o detalhamento das dimensões e profundidade da camada de ocupação, para que se defina, a priori, o método de resgate a ser aplicado em cada um deles. Procura-se também apurar dados quanto aos tipos, a quantidade estimada e o estado de preservação dos materiais. Ademais, reúnem-se as informações relacionadas aos contextos ambientais, arqueológicos e etno-históricos da região de pesquisa, na medida em que tais dados podem, durante os trabalhos de campo, auxiliar tanto nas decisões relativas à escavação quanto na interpretação dos vestígios que estão sendo resgatados.

Por fim, organizam-se os materiais de escritório, os aparelhos e as ferramentas necessárias para a execução dos trabalhos.

3.3.2 Campo

Amparando-se, inicialmente, nos resultados das pesquisas de campo realizadas anteriormente a esta etapa (os trabalhos de Prospecção Arqueológica realizados por nossa equipe - ARCHAEO - a partir do ano de 2011, vide Relatório Final de Diagnóstico e Prospecção na rodovia BR-242/MT [HIROOKA, 2011]), o método de resgate foi sendo adequado às diferentes realidades arqueológicas e especificidades de cada contexto detectado, considerando fatores como: o potencial arqueológico, a qualidade e representatividade da informação disponível, o grau de conservação, natureza e tipologia de materiais, a densidade / frequência / dispersão de vestígios, os processos pós-deposicionais atuantes e a integridade dos contextos, a inserção geomorfológica, a cota do pacote arqueológico e o potencial estratigráfico do terreno.

As particularidades das ações de resgate desenvolvidas para cada um dos sítios e ocorrências encontram-se detalhadas no capítulo 6 (relativo às ações de resgate e aos resultados obtidos). No presente capítulo, adiantamos apenas alguns dos critérios e protocolos básicos que regeram nossa atuação em campo.

Contemplou-se, em primeira instância, a tipologia dos sítios e ocorrências relativamente à superficialidade ou soterramento dos vestígios arqueológicos. O grau de conservação e integridade dos contextos constituiu, também, critério essencial no planejamento das ações de resgate, especialmente porque no relatório de prospecção tem

destaque o alto grau de impacto em que os sítios se encontravam. Considerou-se, além disso, a vulnerabilidade dos vestígios aos impactos naturais e antrópicos previstos, dando-se, no interior de cada sítio arqueológico, prioridade aos pontos mais suscetíveis a perturbações, procurando-se, igualmente, não intervir nas zonas com maior potencial de preservação, reservando-as para futuras pesquisas, tal como sugerido pelo próprio IPHAN.

Assim, a metodologia de resgate foi sendo adequada às realidades arqueológicas detectadas, respeitando, não obstante, um conjunto de procedimentos padronizados:

- Reconhecimento e confirmação das áreas de dispersão de materiais estimadas na etapa de prospecção arqueológica.
- Definição das dimensões e espaçamento da malha de escavação, de acordo com a morfologia e extensão da área a abranger: considerando-se, *a priori*, malhas com abertura variáveis entre 10 e 50 m, de forma a recobrir toda a área de ocupação. Estas quadras foram denominadas alfanumericamente (A1, A2, B1, B2, ...);
- Escavação de quadras de 1,0 m², ampliadas e posicionadas conforme as variações da densidade de materiais arqueológicos.
- Elaboração de croqui ou planta esquemática que represente a malha de escavação, inserida no contexto do sítio (inserção na paisagem, vegetação, drenagens, afloramentos rochosos, etc.).
- Decapagem através de níveis artificiais de 10 em 10 cm, até a verificação de dois níveis estéreis.
- Coleta dos vestígios arqueológicos, auxiliada pelo peneiramento dos sedimentos de todos os níveis.
- Posterior abertura de uma sondagem central (com cavadeira boca-de-lobo) de até 50 cm de profundidade, em quadras dispersas por todo o terreno, de forma a se obter uma leitura representativa, averiguando-se a existência de ocupações mais antigas do que as já identificadas e subsidiando a caracterização do perfil estratigráfico do terreno.
- Acondicionamento adequado de materiais para transporte até ao laboratório da Archaeo. Os materiais coletados foram etiquetados e embalados em sacos plásticos. Cada etiqueta contendo: identificação da etapa do projeto, nome do sítio, indicação da quadra, nível da escavação, tipo de material, nome do pesquisador (responsável pela coleta) e data da escavação.
- Preenchimento do formulário de cadastro do CNSA (Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos) do IPHAN.

3.3.3 Laboratório

A coleção arqueológica resgatada nos trabalhos de campo foi inteiramente transportada ao laboratório da ARCHAEO e lá processada a sua limpeza, inventário, catalogação e análise (Figuras 2 a 5).

Em laboratório, os procedimentos seguem uma sequência ordenada primeiramente pela lavagem dos materiais, seguida de uma separação por tipos (cerâmica, lítico, carvão, etc.), secagem, catalogações e, por fim, suas análises.

Quanto à limpeza, as peças cerâmicas foram lavadas em água – com os dedos ou com escova macia – de forma a não apagar eventuais traços de pintura, engobe ou patine de uso e não acentuar o desgaste nas fraturas. As peças líticas foram escovadas.

Após lavagem, os materiais foram secos ao ar livre e à sombra, de forma a não fragilizar a sua estrutura. Seguiu-se uma primeira fase de correlação / colagem de fragmentos pertencentes às mesmas peças. A catalogação foi realizada com tinta da china branca ou preta, sobre duas camadas de verniz, uma diluída (para entrosamento e estabilização da superfície afetada, acautelando-se a degradação do suporte por destacamento da película de marcação) e outra mais densa (para impermeabilização). Por fim, a pintura foi selada com nova camada de verniz, formando película transparente, impermeável e removível.

A catalogação segue um padrão, estabelecida na ARCHAEO, que corresponde a uma sequência alfanumérica correspondente aos códigos de quadra e nível de escavação, antecedida pela sigla do respectivo sítio (por exemplo: TC-A4-1-5, sítio Terra Cinza – Quadra A4 – nível 1 – peça nº 5).

O processo de análise dos materiais (cerâmicos e líticos) foi finalizado com o auxílio de ‘planilhas de excel’, estruturadas de forma a cumprir as funções de bases de dados simplificadas. A criação de modelos operativos, informatizados, de consulta e cruzamento de dados passou, como não poderia deixar de ser, pela normalização das respostas através de dropdown lists de opções condicionadas. Acresce-lhe alguns campos de edição livre, permitindo observações mais pormenorizadas. Esta ferramenta tem por objetivo facilitar a gestão e o eficiente processamento de grandes volumes de dados.

Por fim, em laboratório executou-se também a digitalização dos registros efetuados em campo, como as fichas e os croquis dos sítios, os perfis do solo, os desenhos esquemáticos dos materiais, as fotografias de todas as etapas da pesquisa, enfim, fez-se a organização de todos os dados obtidos em campo.

Impõe-se, deste modo, a definição exata dos termos com que descrevemos o universo em estudo (os parâmetros descritivos) e a exposição, por etapas, do processo teórico-metodológico de elaboração (ou seja, de organização e interpretação dos dados ou sistematização).



Figura 2. Organização dos registros de campo em laboratório



Figura 3. Limpeza dos materiais arqueológicos



Figura 4. Numeração dos materiais arqueológicos



Figura 5. Análise tecnotipológica das cerâmicas.

Considerando-se que os materiais desta pesquisa foram processados separadamente segundo seus tipos e submetidos a métodos específicos de análise, optou-se, no item a seguir, por descrever sucintamente os aspectos teóricos e práticos adotados para estes distintos procedimentos analíticos.

Destaca-se que finalizada as análises, todos os materiais foram devidamente armazenados e enviados à reserva técnica do Museu de Pré-História Casa Dom Aquino.

Seguem as distintas abordagens:

3.3.3.1 Abordagem Teórica para a Análise dos Materiais Cerâmicos

(...) Otra de las preguntas relativas a la producción que se suelen hacer tanto los arqueólogos como los etnoarqueólogos es: ¿caules son los mecanismos que explican um determinado tipo de producción o La expansion de certo tipo cerâmico? Existem muchas causas, de tipo social, étnico, econômico e idiossincrático

que subyacen a la generalización o inhibición del uso de ciertas técnicas, decoraciones o formas. El modo de aprendizaje, por ejemplo, es un elemento clave (...) (RUIBAL, 2003: 41).

O estudo da cerâmica enquanto instrumento de análise para a Arqueologia é, portanto, tão antigo quanto a própria disciplina, e uma análise histórica de seu desenvolvimento foi elaborada por autores como Shepard (1985), Willey e Sabloff (1974), Van der Leeuw (1984), Orton, Tyers e Vines (1994), entre outros. Adotando aqui o esquema apresentado por estes últimos, o estudo da cerâmica pode ser dividido em três fases (conforme discussão apresentada em ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1998):

- Fase artística/histórica, cujos primeiros trabalhos remontam pelo menos ao século XV. Tem como foco uma descrição tecnológica e decorativa da cerâmica, basicamente coleções europeias e asiáticas, com destaque para as vasilhas etruscas, gregas e romanas. No final do século XVIII e início do XIX o interesse é ampliado para cerâmicas provenientes de outras localidades, embora ainda voltado a peças mais elaboradas e/ou relacionadas a estruturas como enterramentos ou ruínas.
- Fase tipológica, que teria surgido da necessidade de classificar a grande quantidade de material coletada em escavações na França, Alemanha e Bretanha no final do século XIX. Inicia-se neste período a relação da cerâmica a sequências estratigráficas, constituindo um modelo para os métodos arqueológicos desenvolvidos a partir da década de 60. O estudo passa, aqui, a adquirir tanto a dimensão vertical (ou cronológica) da cerâmica, quanto a dimensão horizontal, voltada à análise de sua distribuição no espaço, contribuindo para estabelecer sequências regionais. Neste sentido, surge a seriação como instrumento metodológico para ordenar as coleções cerâmicas através da presença ou ausência de artefatos (ou atributos)-tipo. Implantava-se assim a ideia de que a ocorrência destes vestígios obedecia a padrões, e que estes teriam um significado cultural; o método da seriação passa, assim, a criar cronologias culturais baseadas em cálculos matemáticos (FORD, 1962). Nesta fase tipológica foram criados os principais fundamentos para o estudo da cerâmica, a maioria deles ainda hoje utilizada.
- Fase contextual que, segundo Orton et al. (1994: 13 apud ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1998: 289), estaria relacionada à publicação da obra “Ceramics for the Archaeologists”, de A. Shepard, em 1985. O livro articula, pela primeira vez, análises sobre cronologia, desenvolvimento tecnológico e distribuição da cerâmica. Apresenta ainda uma série de contribuições para a análise da cerâmica, tanto práticas quanto teóricas.

Após o trabalho de Shepard o estudo da cerâmica se projetou em uma grande variedade de direções. Como pontos comuns pode-se destacar a resistência dos fragmentos cerâmicos enquanto tipos-fósseis, principalmente quando as técnicas de datação absoluta substituíram o uso de tipologias para estabelecer cronologias culturais; o desenvolvimento de

técnicas cada vez mais específicas e precisas para a análise da cerâmica, com auxílio de disciplinas como a física, a química e a matemática; e a percepção de que diferentes processos de formação de sítio necessitam ser considerados na análise da cerâmica, deixando de lado a correlação simplista, muitas vezes adotada, entre vasilha em uso e fragmentos escavados (ROBRAHN-GONZÁLEZ, op. cit.).

Em paralelo começam a surgir manuais que visam uniformizar procedimentos de análise e nomenclaturas, entre os quais citam-se os trabalhos de RYE (1981), RICE (1987), BALFET et al. (1989), entre outros.

Segundo Robrahn-González (1998: 289/90), de todas as fases por que o estudo da cerâmica arqueológica passou, desde a fase artística/classificatória, tipológica e contextual, o grande desafio dos pesquisadores foi, e ainda é, compreender até que ponto a cerâmica se articula com aspectos não materiais da cultura, envolvendo esferas políticas, sociais, econômicas, ideológicas e históricas. De fato, nem sempre a relação entre a variabilidade da cerâmica e questões imateriais são óbvias e diretas. Em muitos casos, outras classes de cultura material seriam mais adequadas do que a cerâmica para discutir estas questões (como vestuário ou pintura corporal, por exemplo). Todavia, geralmente é com a cerâmica que o arqueólogo se depara. Assim, embora ela não se preste a abarcar todo o universo de questões acima relacionadas, um trabalho sistemático e detalhado, a partir de pressupostos teórico-metodológicos bem definidos, certamente permitirá ir muito mais além do que simplesmente agrupar atributos no tempo e no espaço.

O uso de tecnologias sofisticadas permitiu evoluir significativamente a metodologia das análises. Todavia, é a classificação dos artefatos, ou a divisão do material arqueológico em categorias segundo suas semelhanças e diferenças, que constitui a parte essencial dos estudos.

Uma vez que a Arqueologia lida, em grande parte das vezes, com sociedades extintas, não se tem acesso a como seus indivíduos interpretavam ou classificavam sua cultura material. Assim, a classificação de indústrias arqueológicas recai sobre uma variedade de fatores, como matéria-prima, distribuição temporal e espacial, bem como padrões de similaridades formais, morfológicas e decorativas. Por outro lado, os próprios procedimentos de coleta do material, em campo, carecem de uma definição explícita dos problemas científicos de investigação: o alcance de nossas conclusões é definido, antes de mais nada, pelo alcance de nossos problemas de pesquisa. Sem dúvida, a cerâmica se mostrará mais apropriada para responder a questões sobre o passado se trabalharmos com amostras criteriosamente coletadas e documentadas, e quando for associada a seu respectivo contexto cultural (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1998: 290).

Para a análise de produção cerâmica seguimos, nessa pesquisa, os pressupostos gerais adotados por Meggers e Evans (1970), considerando-se as inovações técnicas e metodológicas, tais como o trabalho de Graves (1985), Nelson (1985), Arnold (1993), Sabloff e Henderson (1993) e Orton et al. (1994). Ademais, integramos a estes pressupostos o modelo de análise

sugerido por Rodrigues (2013), basicamente no que diz respeito às formas dos vasilhames. Para tais análises, os autores utilizam-se do princípio etnográfico de cadeia operatória. Por 'cadeias operatórias dos artefatos cerâmicos' entende-se como uma série de processos que se inicia na busca, aquisição e transporte da matéria-prima, prosseguindo pelos processos de manufatura (técnicas, escolhas dos instrumentos utilizados, etc.), tratamento da superfície, tipo de queima, decoração, uso social, reutilização e descarte, ou seja, uma análise diacrônica que perpassa o contexto sistêmico ao arqueológico (SCHIFFER, 1972). Destaca-se que o protocolo analítico-descritivo das análises

A primeira etapa da análise compreende um reconhecimento geral da coleção, buscando obter uma primeira familiaridade com os tipos de atributos apresentados pela indústria cerâmica de cada sítio e, também, uma análise comparativa prévia entre elas. Observou-se nesta etapa o estado de conservação que as peças apresentam (tamanho de fratura e erosão/desgastes de superfície), os itens diretamente relacionados ao potencial informativo dos vestígios e as respostas que as análises poderiam alcançar. Como resultado desta primeira etapa obtém-se uma descrição geral das indústrias, com destaque para seus elementos diferenciadores (Figura 6).

A segunda etapa consiste na seleção das peças para análise individual, compreendendo o total de fragmentos de borda, base e fragmentos de parede (especialmente os fragmentos com decoração), além de outros artefatos cerâmicos.

No que se refere aos fragmentos de borda, uma vez que a principal informação obtida na análise é a reconstituição da forma da vasilha a que se relaciona, são selecionados os fragmentos que apresentem a partir de 12,5% do diâmetro da vasilha, ou seja, 1/8 do perímetro da boca, tamanho reconhecido como suficiente para a reconstituição segura do diâmetro e da forma (SOARES, 2005; BROCHADO & MONTICELLI, 1994).

A análise é documentada em planilha excel, onde são feitos os registros da leitura de atributos. A ficha traz o total de atributos utilizados na análise de indústrias cerâmicas, bem como outros definidos a partir das características das indústrias analisadas. Estes atributos compreendem:

1. **Dados de identificação da peça** - número da peça, proveniência (superfície, sondagem, escavação etc.) e profundidade da coleta.
2. **Classe da peça** – nesta pesquisa as categorias abordadas neste item são: borda, base e parede.
3. **Forma da vasilha** - os tipos de forma são identificados a partir das reconstituições realizadas com base nos desenhos técnicos das bordas e na medida obtida do diâmetro da boca. Estas reconstituições consideram ainda os dados gerais observados na indústria cerâmica como um todo, como presença de ombros, formas das bases e angulação dos fragmentos de parede.

4. **Técnica de manufatura** - para a confecção de uma vasilha cerâmica há muitas técnicas de manufatura. As técnicas comuns são de acordelamento (ou roletagem), modelagem e a técnica combinada de acordelamento/modelagem.
5. **Queima** - após a secagem, a queima é a finalização do processo de estruturação de artefato cerâmico. A constituição da atmosfera e condições gerais de queima, somadas à composição dos elementos químicos existentes na argila - concentração de ferro, caolim e matéria orgânica - irão contribuir para a coloração da cerâmica. De maneira geral, uma queima oxidante é aquela em que o oxigênio do ar reage com a pasta, gerando tonalidades claras. A queima redutora muitas vezes é realizada em fornos fechados produzindo uma cerâmica de coloração escura, ou então em fogueiras abertas com uso de material combustível que gere bastante fumaça. No entanto, a mesma peça, por exemplo, pode apresentar estes dois tipos de queima, isto é, queima oxidante na parede externa e queima redutora na parede interna. Tais indícios apontam um processo de queima pouco controlado, típico de fornos a céu aberto. Outra característica é a queima “sanduiche”, assim chamada por apresentar queima oxidante nas paredes interna/externa e redutora no núcleo. Tal ocorrência pode ser procedente da própria matéria orgânica presente na pasta, que permanece escura no núcleo mesmo que a queima seja oxidante, ou ainda, de um processo de queima incompleta.
6. **Antiplástico** - possui uma conotação ampla e refere-se a materiais não plásticos encontrados na argila que podem ser de origem animal, vegetal ou mineral (GOMES, 2002). Sua função é reduzir os riscos de quebra ou rachaduras das vasilhas de argila durante o processo de secagem e queima, bem como fornecer à pasta da vasilha uma boa condução térmica ou, ainda, servir para corrigir alguma deficiência identificada na argila pelo artesão (SHEPARD, 1985). Outro termo utilizado para denominar este acréscimo de material na argila é ‘tempero’, porém, Shepard chama a atenção que o significado deste último está associado à intencionalidade do artesão em agregar materiais não plásticos para se trabalhar com as argilas, e sugere o emprego do termo antiplástico, pois se refere aos materiais encontrados na argila cuja origem nem sempre pode ser diretamente referida (SHEPARD, *op. cit.*; GOMES, *op. cit.*). Para não incorrer em erros, durante a análise do material utilizou-se o termo antiplástico, por ser mais abrangente e abarcar tanto questões intencionais como não intencionais.

Um destes antiplásticos corresponde ao tipo **mineral**, - sendo o mais comum o **quartzo, derivado dos sedimentos arenosos** (tipo Areia) - e usado intencionalmente com o objetivo de diminuir a plasticidade. Tem-se também o antiplástico **cariapé**¹ que provém

¹ Wüst (1975) define cariapé como correspondendo a fibras silicosas (cinza) provenientes da queima da madeira da árvore “cega machado” *Physocallyma Lythraceaespp.* A autora define dois tipos: Cariapé A - são fibras alongadas que raramente ultrapassam 2 mm de comprimento e 1 mm de espessura; estas são acompanhadas por pequenos segmentos cilíndricos enfileirados com aspecto brilhante de cor branca, cinza ou ocasionalmente preta e que, normalmente, não excedem 1 mm de comprimento. Cariapé B - apresenta um único componente de fibras, as quais podem atingir até 10 mm de comprimento e 3 mm

de cinzas geradas a partir da queima da casca de determinadas árvores. Tal antiplástico confere à pasta da vasilha um menor peso, uma coloração mais clara e uma maior porosidade, conferindo-lhes também maior resistência mecânica, porém reduzindo sua condução térmica.

7. **Espessura da parede** - cada peça foi medida em sua seção transversal com uso de paquímetro, obtendo-se sua espessura em milímetros.
8. **Tratamento de superfície** - este atributo diz respeito ao processo de acabamento da peça em suas superfícies interna e externa. A definição do tratamento de superfície pelo artesão depende, muitas vezes, da proposta do vasilhame: se este será decorado ou não, se transportará água ou, ainda, se será utilizado no fogo (SHEPARD, 1985). O tratamento pode ser completado logo após a confecção do pote ou quando estiver seco.

O **alisamento** consiste em utilizar uma superfície dura para raspar as paredes e extremidades do vaso ainda pré-cozido para obter-se homogeneidade da superfície do vaso. Esta técnica permite obter maior impermeabilidade das paredes do vaso. O **polimento** refere-se ao ato de lustrar a parede (interna, externa ou ambas) da peça no intuito de conseguir um brilho. Realizada antes da queima do vasilhame, esta técnica consiste em usar um seixo que vigorosamente é friccionado nos locais onde se deseja polir. Muitas vezes alguns minerais são agregados às paredes da vasilha para se conseguir uma coloração distinta para o material (o óxido de ferro é bastante utilizado) e após a queima a peça ganha um brilho. Este tratamento também possibilita maior impermeabilidade das paredes das vasilhas. Finalmente a **brunidura** refere-se ao emprego de uma resina (como *Genipa amecicana*) na parede do artefato antes da queima, que lhe confere maior impermeabilidade. Geralmente encontrada na parede interna da peça, apresenta brilho (derivado de um polimento prévio) e coloração negra homogênea.

9. **Técnicas decorativas** - estas podem ser cromáticas (utilização de pigmentos) ou acromáticas (plásticas). Dentre as cromáticas: a) *pintura*, que envolve a aplicação de pigmentos sobre a superfície do vaso, tanto antes como depois da queima e b) *engobo*, compreendendo a aplicação de uma fina camada de argila à superfície da vasilha, geralmente de outra coloração (vermelha ou branca).
10. **Tipo de lábio** - pode ser plano, arredondado, apontado e biselado. Diz respeito ao formato adquirido pela porção distal da borda, ou seja, pelo seu acabamento.
11. **Forma das bordas** - compreende a posição adquirida pela borda em sua inclinação original, e nesta coleção identificamos distintas formas, dentre elas: direta vertical, direta inclinada externamente, direta inclinada internamente, extrovertida vertical, extrovertida inclinada externamente, extrovertida inclinada internamente, introvertida vertical e ainda vertical

de largura. Ambas conferem as cerâmicas uma pasta macia, menor peso, coloração mais clara e maior porosidade.

inclinada externamente. Ressalta-se que nem todos esses tipos ocorrem numa indústria e que, em geral, predominam apenas algumas destas formas.

12. **Diâmetro da borda** - medidos através de um ábaco e, para maior confiabilidade da medida, adotou-se a regra de seleção dos fragmentos com tamanho igual ou maior que 12,5% do diâmetro, ou seja, 1/8 do perímetro.
13. **Forma da base** - este atributo considera o perfil que a base adquire em sua junção com o corpo da vasilha. As bases podem ser do tipo plano, convexa e com pedestal.
14. **Diâmetro da base** - medida obtida com uso de ábaco.
15. **Ângulo da base** - medida obtida com uso de um medidor de ângulos.
16. **Formas²** - as características morfológicas dos recipientes fornecem subsídios para a avaliação das dimensões das vasilhas. As bordas analisadas são utilizadas para projetar o diâmetro dos recipientes e, em seguida confeccionar desenhos técnicos das mesmas para representar tais formas. Reunidas, tais informações auxiliam a entender as variáveis tecnológicas das indústrias cerâmicas, com presumível correspondência no âmbito da função para a qual as vasilhas terão servido: entre o transporte, o armazenamento, o processamento e confecção de líquidos ou sólidos, o serviço individual ou coletivo de alimentos e outros. Conscientes, no entanto, da usual multifuncionalidade das vasilhas utilitários, adiantamos apenas breves observações sobre sua possível função (vide, a respeito, CRUZ e CORREIA 2007: 66 a 68). Todavia, destaca-se que alguns fragmentos não podem ser reconstituídos, quando assumem uma forma singular e fragmentada. Neste caso a descrição é em relação à forma do apêndice e não há uma tentativa de reconstituição do objeto completo. Somente peças que atingem 1/8 do seu tamanho original podem ser reconstituídas (Anexo 1 – Catálogo das Formas).

Cada agrupamento / série formal é identificado pelos seus atributos formais / morfológicos mais relevantes, como a constrição, o índice de profundidade, a existência de pescoço, entre outros. Assim, procura-se, para além disso, fazer a correspondência com os termos da linguagem corrente (por exemplo: prato, tigela, bacia, etc.), advertindo-se, nestes casos, para a inerente ambiguidade e necessária contextualização.

² Veja Anexo 1 – Catálogo Base das formas dos vasilhames cerâmicos e suas variações (mais detalhes podem ser encontrados em Rodrigues [2013]).



Figura 6. Análise do material cerâmico no laboratório da ARCHAEO Pesquisas Arqueológicas

3.3.3.2 Abordagem Teórica para a Análise dos Objetos Líticos

É preciso que o tecnólogo esteja convencido que um utensílio não é sempre uma forma, mas “a caracterização material de um esquema operatório e de um pensamento que resolveu um problema... Portanto, para que um objeto técnico seja aceito como técnico e não somente como útil, para que ele seja julgado como resultante de invenção, portador de informação, e não como utensílio, é preciso que o sujeito que o recebe conceba formas técnicas” (SIMONDON G., 1958). A fabricação de utensílios, seja qual for a época, não se fez segundo o acaso da utilidade imediata. O mundo da pré-história não é uma sequência de invenções diárias (BOËDA, 1997: 36).

A análise dos objetos líticos desta pesquisa tem suporte nos trabalhos de Mello (2005), Viana (2005) e Hoeltz (2005) onde os autores³ optaram por uma análise dinâmica, vinculada ao estudo cuidadoso da sequência operacional completa, que inicia com a aquisição da matéria-prima e acaba com o descarte dos instrumentos (PERLÈS, 1992: 223-224). Desse modo, adota-se uma abordagem que investiga a “gênese” dos materiais líticos, que, segundo BOËDA (1997: 10), trata-se de um método de análise que permite reconhecer e atestar os mecanismos tecno-cognitivos em uso quando da aplicação dos sistemas técnicos de produção.

Tais mecanismos traduzem-se pelo estudo de uma cadeia operatória que, segundo Perlès (1987 apud SELLET, s/d), corresponde a uma sucessão de operações mentais e gestos técnicos para satisfazer a uma necessidade (imediate ou não) segundo um projeto preexistente. Também o etnólogo e arqueólogo francês Leroi-Gourhan compreende a atividade técnica como fenômeno pluridimensional e argumenta que o comportamento

³ As principais diretrizes para compor a metodologia aqui utilizada basearam-se principalmente nos trabalhos de Boëda (1997), Boëda *et al.* (1990), Geneste (1991), Karlin *Et Al.* (1991) e Perlès (1992).

técnico do homem manifesta-se em três níveis: o nível específico, de uma inteligência técnica geneticamente determinada; o nível sócio-étnico, da coletividade que evolui em ritmo muito mais rápido que a espécie e, finalmente, o nível individual, em relação ao qual [...] a espécie humana apresenta igualmente um caráter único... (LEROI-GOURHAN, 1985b: 21-22 apud FOGAÇA, 2003: 148-149).

Conforme argumentado por Viana (2009), para os psicólogos evolucionistas as inteligências são “ricas em conteúdo”, assim, ao nascer, o indivíduo já traz consigo um conjunto de regras para resolver problemas e informações sobre a estrutura do mundo real (MITHEN, 2003). A autora (VIANA, op. cit.) esclarece que essa estrutura, segundo Ingold (2008: 9 apud VIANA, op. cit.) é transmitida geneticamente, como componente do genótipo humano e que as denominadas «estruturas inatas», permitem aos seres humanos falarem, andarem, lascarem, etc.; enquanto as «estruturas adquiridas» permitem aos homens assimilarem as representações para andar de formas culturalmente particulares, falar determinados idiomas, lascar sob determinados modos, etc. Deste modo, o comportamento ideo-motor, que combina pontos de vista da anatomia humana (estrutura inata) com atividades técnicas (estruturas adquiridas) é acionado em qualquer momento em uma cadeia operatória, desde a concepção mental do que se pretende produzir, até as atividades que exigem um controle maior sobre o processo de lascamento (PELEGRIN, 1993). Viana ainda observa que esses movimentos musculares apreendidos tradicionalmente de geração a geração se encontram também na realidade do estudo da tecnologia (BOËDA, 2004 apud VIANA, op. cit.). Para Boëda (1997), dependendo da estrutura interna das sociedades e da complexidade das técnicas em uso, a aquisição precoce faz com que os conhecimentos sejam apreendidos sem necessariamente serem pensados ou discutidos (PELEGRIN, 1995 apud BOËDA, 1997: 12), e que estes conhecimentos e saber-fazer técnicos são considerados rígidos e não serão renegociados na vida adulta (SIMONDOM, op. cit.) - porém, uma flexibilidade de adaptação sempre é possível. Segundo o autor (op. cit.) é desta rigidez, sinônimo de estabilidade, que se permite reconhecer, individualizar e diferenciar as sociedades.

Por sua vez, Perlès (1992: 225), ao abordar o estudo da produção lítica, afirma que uma atividade técnica pressupõe a existência de um “esquema conceitual”, e que isto requer um plano abstrato de ações integradas que pode ser implementado de acordo com o projeto e as circunstâncias (cita como exemplo a natureza do instrumento desejado, a natureza da rocha original, entre outros) enquanto sequências operacionais variadas. Diz que, mesmo se não exercida conscientemente, esta faculdade de julgamento crítico permite a avaliação das soluções possíveis em termos de economia de tempo e material, risco de fracasso, vantagem técnica e social, etc. Acrescenta que essa racionalidade pode ser percebida na escolha de opções e na sua recorrência em contextos similares. Assim, utiliza-se do termo ‘estratégia’ para referir-se a uma longa série de opções técnicas, econômicas, sociais e até simbólicas que resulta na manufatura de qualquer instrumento lítico. Diz que tais estratégias são elaboradas, implementadas e integradas ao comportamento de um grupo, e que serão mantidas até que as julguem satisfatórias à luz de um número de variáveis tais como a qualidade e abundância

da fonte de matéria-prima, a necessidade funcional e as exigências de manutenção dos instrumentos. Resume que, na prática, a sequência operacional divide-se em três estágios: aquisição de matéria-prima, produção de instrumentos e agenciamento do conjunto de instrumentos - estes estágios repousam sobre bases conceituais diferentes e ocorrem em sucessão temporal (PERLÈS, 1992: 225-226).

Assim, nesta pesquisa, para operacionalizar as análises, optamos pela apropriação dos instrumentais analíticos indicados pelos diversos autores aqui citados e nos valem de suas argumentações. Baseamo-nos especialmente na proposta de BOËDA (1997), cuja análise repousa em duas perspectivas, uma considerada diacrônica, que trata do desenvolvimento e evolução dos objetos técnicos e outra, de natureza sincrônica, que se baseia numa abordagem tecno-funcional dos instrumentos.

Abordagem Diacrônica

A abordagem diacrônica trata dos processos técnicos de longa duração, ou seja, a dimensão evolutiva dos objetos. Para Boëda (1997: 29), a compreensão de um objeto, ou de um sistema de objetos ao qual ele pertence, passa por uma apropriação da dimensão evolutiva do objeto e do sistema com o qual ele se conecta. Para tanto, é preciso decodificar o objeto e entender o porquê de tal forma, de tal mudança, de tal evolução. Para chegarmos a este ponto é preciso recolocar o objeto no seu tempo e os objetos em uma escala evolutiva. Nesse sentido, uma análise diacrônica é feita através do reconhecimento de inúmeros elementos e caracteres técnicos visíveis no objeto que está sendo lascado e, conseqüentemente, nos produtos deste lascamento. Estamos nos referindo, particularmente, aos negativos impressos nas peças em decorrência dos lascamentos. A leitura cuidadosa destes negativos, através das cicatrizes e lancetas, por exemplo, possibilita estabelecer a ordem em que as retiradas foram processadas e, identificada esta ordem, é igualmente possível determinar qual a ligação existente entre elas. Nesta correspondência encontra-se a resposta das intenções subjacentes às produções.

Assim, Boëda (1997) argumenta que a gênese e o desenvolvimento (evolução) dos objetos respondem não somente a exigências funcionais, mas também a exigências estruturais. Conforme mencionado em Viana (2009), a estrutura de um objeto é considerada como a manifestação organizada do objeto técnico, um conjunto de elementos dispostos na mesma ordem e com relação entre si: « [estrutura est] une forme intégrant et hiérarchisant un ensemble de propriétés techniques qui aboutissent à une composition volumétrique définie. C'est une forme caractérisée par l'ensemble des relations hiérarchiques et fonctionnelles des propriétés techniques. » (BOËDA op. cit.: 30).

A autora refere-se ainda a Deforges (1985, apud VIANA, op. cit.) que considera a estrutura dos instrumentos constituída por uma linha genética, caracterizada por objetos que tenham a mesma função de uso e detêm o mesmo princípio técnico. Para este, a evolução de uma linhagem não segue necessariamente um único eixo, ela pode fundir, divergir,

interromper e/ou reaparecer e, deste modo, caracteriza as convergências ou divergências das linhagens como “micro-evoluções” em torno de uma linha de evolução geral.

Para Simondon (1969), os objetos evoluem a partir de um princípio técnico estável, segundo exigências estruturais e sob influências de um meio favorável. Neste sentido, existiria uma lógica do objeto técnico que, ao fim de uma evolução, conduziria o objeto de um estado abstrato ao concreto. Para os instrumentos abstratos, os elementos que os compõem estão justapostos e constituem a soma de subconjuntos. Não havendo interação entre os diferentes subconjuntos, cada um deles se caracteriza como um instrumento perfeitamente acabado - estes correspondem, em geral, a instrumentos multifuncionais. Ao contrário, nos instrumentos concretos os elementos que o compõem estão integrados uns aos outros, havendo uma sinergia de formas, de funções e de funcionamento.

No caso dos estados abstratos ou concretos de núcleos (fracionamento por debitagem de um volume de matéria-prima) recorreremos ao trabalho de Boëda (BOËDA et al., 2005 apud MELLO, 2005: 95-96 e MELLO, 2006: 756-758)⁴ onde os autores estabelecem uma escala hierárquica composta por cinco níveis evolutivos que correspondem a instrumentos cada vez mais estruturados, agrupando-os em dois subconjuntos:

1. Abstrato - sistemas técnicos de produção que necessitam apenas de uma parte do bloco, denominada de núcleo, para realizar seus objetivos; o restante do bloco não desempenha nenhum papel técnico:

Sistema A: trata-se da produção de um gume, não importando as outras características das lascas;

Sistema B: trata-se da adoção da noção de recorrência de retiradas sucessivas, permitindo aumentar as características próprias ao gume como a sua regularidade e delimitação (enquadra-se também neste sistema o lascamento bipolar);

Sistema C: trata-se da exploração das características de convexidade presentes naturalmente sobre uma parte do bloco e da noção de recorrência, permitindo produzir um gume, mas também uma pequena série de retiradas com um controle sobre sua morfologia.

2. Concreto - sistemas técnicos de produção que necessitam da integralidade do bloco para realizar seus objetivos. As características tecno-funcionais dos instrumentos são em grande parte obtidas durante a produção, ou seja, os suportes produzidos são cada vez mais próximos dos futuros instrumentos:

Sistema D: trata-se da adoção de uma noção de retiradas organizadas de tal modo que permite a colocação de características de convexidade capazes de produzir os

⁴ Para todos os sítios a análise dos núcleos baseia-se neste autor.

objetivos procurados. O bloco pode ser explorado por séries sucessivas idênticas umas às outras, produzindo exclusivamente a mesma gama de retiradas, com risco de perder a característica predeterminada das retiradas – estão representados pelos núcleos piramidais e discoides;

Sistema E: trata-se da organização da integralidade do bloco em vista de lhe conferir forma e características técnicas particulares, de tal modo que determinarão de um modo preciso a morfologia e as características técnicas das peças que dali forem retiradas (máximo de predeterminação) - estão representados pelas explorações *levallois* e laminar.

Abordagem Sincrônica

Segundo Geneste (1991), a abordagem tecno-funcional (sincrônica) investiga o instrumento no lugar dos acontecimentos técnicos e a sua função na cadeia operatória. Citando os trabalhos de Boëda (1997), Viana (2009) acrescenta que os instrumentos líticos podem ser explorados a partir de três concepções:

- 1. sistema de produção de suportes de instrumentos**, obtidos a partir de um sistema de debitage; e de produção de instrumentos, obtidos a partir de um sistema de façonnage;
- 2. sistema de consumo**, quando o objeto é analisado em relação ao sistema econômico e ao sistema social; e
- 3. sistema de utilização**, relativo ao funcionamento do instrumento.

Em relação ao sistema de produção, Boëda (1997: 29-37) pontua dois conceitos de fundamental importância para explicar a leitura da gênese de um instrumento, na medida em que representam o primeiro nível de variabilidade de uma indústria lítica. Trata-se da debitage e façonnage, e ambos correspondem a uma concepção particular do tratamento da matéria-prima para a obtenção de instrumentos ou suportes de instrumentos. Além destes, fizemos referência a termos mais gerais como estrutura, técnica e método, e alguns termos mais específicos, como objetos técnicos, para demonstrar a complexidade que pode alcançar a descrição dos processos operatórios. Segue a apresentação do significado desses conceitos:

- **Debitagem e façonnage** - ambas fazem parte de duas grandes famílias estruturais que correspondem a uma concepção particular do tratamento da matéria-prima, resultando na obtenção do suporte dos instrumentos ou dos próprios instrumentos (BOËDA, 1997: 37-38). Tentando detalhar a explicação: 1) existe debitage quando, no lascamento de um bloco natural, o que interessa para o artesão são as lascas produzidas e não o bloco resultante do lascamento (núcleo), pois a produção do

instrumento desejado segue a partir das lascas (suportes) e não do núcleo, ficando este rejeitado; 2) existe *façonnage* quando, no lascamento de um bloco natural, ao contrário da *debitagem*, o que interessa para o artesão é o bloco resultante do lascamento e não as lascas produzidas, pois a produção do instrumento desejado parte, desde o início do lascamento, do bloco natural selecionado (o suporte) e não das lascas, que nesta operação restam rejeitadas.

O autor (BOËDA, op. cit.) acrescenta que a variabilidade destes dois sistemas é resultado de conhecimentos tecnológicos distintos, mas não está necessariamente relacionada a grupos étnicos distintos; são comportamentos e conhecimentos técnicos diferenciados influenciados pelo meio interno e externo, mantidos pela tradição cultural e passados de geração a geração.

- **Estrutura** - segundo Boëda (1997: 30), é um conjunto de propriedades técnicas que leva a uma composição volumétrica definida. Esta forma consiste frequentemente em um volume particular, seja tratando-se de *debitagem* ou *façonnage*, que corresponde a um estado técnico favorável (optimal). A forma caracteriza-se, portanto, pelo conjunto das relações hierárquicas e funcionais das propriedades técnicas.

Sob este aspecto, optamos por classificar as lascas residuais e retocadas em distintos tecnotipos. Para lascas residuais corticais, primeira etapa de lascamento, designamos de tecnotipo 1 (D1); e para lascas residuais das etapas subsequentes, de tecnotipo 2 (D2). Para as lascas retocadas (instrumento) cuja estrutura original do suporte não foi modificada pelo *façonnage*, designamos de tecnotipo 1 (D1); e para lascas retocadas com suporte original modificado, designamos de tecnotipo 2 (D2).

- **Método** - a noção de método perpassa a compreensão dos conhecimentos aprendidos, aplicados e transmitidos por um grupo e são considerados por ele como os únicos possíveis para alcançar os objetivos propostos. Cria-se, portanto, uma relação entre a representação abstrata de um objeto e a sua concretização (BOËDA, 1997: 31).
- **Técnica** - é o modo de execução dos gestos do lascamento. Esta é classificada segundo o modo de aplicação da força e a natureza do instrumento que promove o lascamento – estes dois caracteres podem ser diretamente reconhecidos sobre o material arqueológico (PELEGRIN, 1995: 20). Há variações quanto às técnicas de percussão⁵, mas as principais técnicas da pré-história estão representadas pela percussão direta, indireta e pressão.

Viana (2009) também cita Rabardel (1995) para se referir aos esquemas de utilização de um instrumento, constituído pela função e o funcionamento (modo de como ele trabalha).

⁵ A respeito dos modos de percussão ver Tixier *et al.* (1980) e Pelegrin (1995), entre outros.

O autor argumenta que é complexo atribuir funções para instrumentos pré-históricos, pois não dispomos nem do sujeito que operacionalizou o gesto, nem da matéria que foi transformada. Os atos de bater, lavar, secar, raspar, cortar, etc., não são operações, mas categorias de ações técnicas. Para falar de variáveis funcionais seria preciso ter conhecimento do “que foi cortado” e em que contexto foi operacionalizado – o que está fora de alcance dos arqueólogos. O caminho possível é o das intenções funcionais construídas através de analogias com instrumentos similares, ainda que provenientes de contextos distintos (VIANA, 2009).

Complementando, Boëda (1997) afirma que os esquemas de função e de funcionamento de um instrumento não são independentes dos sistemas de debitagem e de façonnage, pois se existe um esquema de produção, há também um esquema de utilização. Neste sentido, o autor sustenta que a função essencial do instrumento é a de transformar os materiais, mas que a escolha do objeto e o seu modo de confecção e utilização dependem das razões e das condições técnicas, sócio-culturais e econômicas do grupo.

No caso da produção de um dado instrumento, o artesão, após a obtenção do suporte, efetua retiradas numa ordem cronológica a partir das quais organiza superfícies a fim de impor ao objeto uma determinada estrutura; e, neste processo, ele cria superfícies adequadas para compor unidades ativas e/ou passivas. Neste sentido, a leitura de um objeto lítico está em determinar o objetivo técnico de cada sequência de lascamento e, para tanto, partimos da afirmação de que um instrumento decompõe-se em três partes distintas, segundo Boëda (1997: 17):

- a. Uma parte receptiva de energia que coloca o instrumento em funcionamento;
- b. Uma parte preensiva que permite ao instrumento funcionar, podendo, em certos casos, se sobrepor à primeira;
- c. Uma parte transformativa.

Segundo Boëda (op. cit., p. 34), cada uma destas partes é constituída de uma ou várias Unidades Tecno-Funcionais (UTFs); sendo que uma UTF define-se como um conjunto de elementos e/ou caracteres que coexistem em uma sinergia de efeitos. Portanto, diante destes conceitos, a diferenciação das etapas de lascamento traduz-se pela interpretação do objetivo de cada retirada, individualmente, para em seguida relacioná-las a uma ou mais unidades tecno-funcionais. Este procedimento resulta na identificação técnica de cada uma das etapas; podendo tratar-se de uma Unidade Tecno-Funcional Transformativa (parte ativa do instrumento) ou de uma Unidade Tecno-Funcional Preensiva (parte passiva do instrumento). Além disso, Viana (op. cit.) observa que o número de UTF presente num instrumento dependerá da evolução técnica dos objetos – concretos ou abstratos. Em qualquer tipo de instrumento, a localização e a quantidade de UTFs não são aleatórias, elas são previstas antes de sua produção e estão inscritas na estrutura volumétrica da peça. Nos instrumentos concretos a UTF transformativa e preensiva é única, nos abstratos, ao contrário, podem ocorrer várias composições e em distintos locais da peça, pois sua estrutura permite.

A partir dessas conceituações, estabelecem-se os dados teóricos que sustentam, na prática, a análise da cadeia operatória de uma dada coleção lítica. Ao término da leitura de produção dos objetos líticos⁶, deverá ser possível indicar a operação de lascamento, o suporte, a construção volumétrica ou estrutura, o modo de organização das UTFs transformativas e prensivas, as caracterizações dessas UTFs, enfim, todos os elementos e caracteres técnicos que auxiliam na reconstituição de produção da peça. Mediante tais interpretações será possível definir como e por que os instrumentos foram produzidos e, ao comparar os objetos, definir quem os produziu. Para concluir esta apresentação teórica, reproduz-se a observação de Sellet (s/d: 110), ao advertir que “... ainda que o estudo de uma cadeia operatória requer uma taxonomia, esta taxonomia não tem valor explicativo universal. O tipo de classificação necessária em uma análise de cadeia operatória é peculiar a cada situação e necessita de respostas analíticas precisas”.

3.3.4 Salvaguarda do Material Arqueológico

Os materiais arqueológicos provenientes dos sítios identificados neste projeto encontram-se salvaguardados no CEPLAP/Casa Dom Aquino - Centro de Pesquisa e Laboratório de Arqueologia e Paleontologia/Museu de Pré-História Casa Dom Aquino -, situado na Av. Beira Rio, 2000, Bairro Dom Aquino, Fone: (65) 3634-4858, Cuiabá/MT. Este Museu é gerenciado pelo Instituto Ecosistemas e Populações Tradicionais (ECOSS) em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso.

A reserva técnica deste Museu constitui-se de três salas que totalizam 50m². Os materiais somente depois de higienizados, numerados e analisados são acondicionados em caixas de poliondas e organizadas em estantes de aço. A reserva técnica possui organização por número de caixa, de estante e prateleira, registrada em planilhas impressas e digitais.

O Museu Casa Dom Aquino constitui um acervo de materiais arqueológicos (pré-históricos e históricos) e paleontológicos, os quais se destinam a exposições permanentes e periódicas direcionadas à população em geral. Não obstante, oferece diversas aulas, palestras e oficinas para alunos de cursos universitários, de ensino médio e fundamental e também para crianças carentes, envolvendo-as no aprendizado, por exemplo, da confecção de vasilhames cerâmicos (Curso de Cerâmica Waurá), da produção de mudas de árvores usadas para a confecção da viola de cocho (Curso Pontão da Viola de Cocho) e da confecção de pipas (Concurso de Pipas). Como forma efetiva de participação da comunidade, promove ainda eventos semanais, como a feira dominical, onde se coloca à venda inúmeros itens de artesanato regional, e também eventos anuais, como a “Semana Nacional de Museus”, o

⁶ Ver Hoeltz (2005: 127-136), onde a autora apresenta um roteiro de leitura para instrumentos, núcleos, lascas e detritos.

“Encontro Indígena” que reúne diversas etnias do estado do Mato Grosso, além de uma feira de culinária regional.

O Museu, perante todas essas ações, tem por objetivo conscientizar a população sobre a importância da conservação e da valorização dos materiais arqueológicos, na medida em que representam a memória de nosso passado. Assim sendo, as coleções ali preservadas destinam-se para fins científicos, culturais e educacionais e permanecem à disposição de pesquisadores interessados em reestudá-las (Figuras 7 a 16).



Figura 7. Portão de entrada do Museu de Pré-História Casa Dom Aquino



Figura 8. Prédio do Museu de Pré-História Casa Dom Aquino



Figura 9. Parte externa do Museu – Exposição de uma réplica de dinossauro identificado no Estado de MT



Figura 10. Parte externa do Museu - Escultura de um artesão lascador

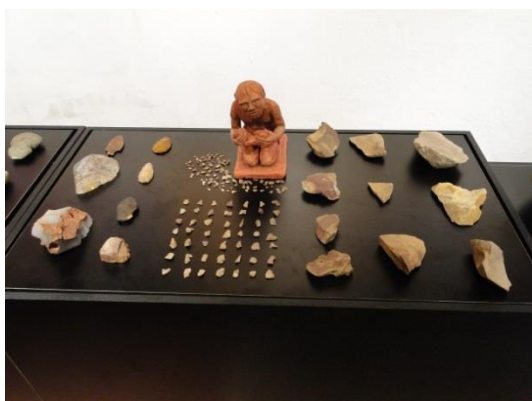


Figura 11. Interior do Museu – Exposição de objetos líticos



Figura 12. Interior do Museu – Exposição de lâminas de machado polidas



Figura 13. Interior do Museu – Exposição de vasilhames cerâmicos



Figura 14. Interior do Museu – Exposição de coleção cerâmica



Figura 15. Reserva Técnica do Museu



Figura 16. Reserva Técnica do Museu

3.3.5 Educação Patrimonial

3.3.5.1 Referencial Teórico

A perspectiva teórico-metodológica adotada neste projeto baseou-se em Florêncio (2014), Horta (1999), Grunberg (2011) e ainda, Cioff (2003) e Lima (2007). A primeira autora assume a Educação Patrimonial como processo educativo formal e não formal, tendo como foco o Patrimônio Cultural (FLORÊNCIO, 2014: 19).

Para Florêncio e outros (2014), quando pessoas se dispõem a construir e compartilhar o que se aprendeu, buscar novos conhecimentos, atender a necessidades do ambiente onde ela vive, já mostra ali uma ação educativa, e correlacionar tudo isso com o patrimônio cultural é um exercício de educação patrimonial.

Horta (1999) considera que o foco da Educação Patrimonial é gerar multiplicadores conscientes de suas responsabilidades em relação à preservação e conservação dos bens culturais. Ademais, fazer com que o indivíduo reconheça a importância desses patrimônios na formação de sua história e dos processos de valorização de sua memória. Maria de Lourdes Horta, diz ainda, que as atividades de Educação Patrimonial podem levar crianças e adultos a adquirir conhecimento e ainda sentimentos de apropriação e valorização de sua herança cultural, fazendo com que os indivíduos saibam desfrutar de forma consciente de seus bens, possibilitando reflexões que levem à construção de novos conhecimentos em um processo contínuo da criação cultural.

Horta, Grunberg, Monteiro (1999: 06) propõem que o trabalho de Educação Patrimonial seja orientado por quatro vertentes como a observação, o registro, a exploração e a apropriação. Já Cioffi (2003) alerta para uma dimensão fundamental, a de usar o(s) patrimônio(s) como fonte histórica para a construção do saber histórico. Chama atenção para necessidade de aliar o forte impacto afetivo e emotivo do contato direto com os bens culturais à curiosidade do saber, que é a origem e o motor da investigação.

Segundo ele é necessário aprender e aprofundar através de uma aproximação correta ao conhecimento histórico. Conforme acentua Antônio Cioffi, deve-se entender a "educação pela capacidade de educare - tirar para fora as potencialidades da vida civil, intelectual e moral de cada indivíduo ou grupo social".

E Lima (2007) diz que "as ações educativas devem estar centradas no desenvolvimento da percepção cultural dos participantes e na capacidade de reconhecer os elementos e as características da própria cultura" (LIMA et al., 2007: 12).

A base teórico-metodológica pautou-se na ideia de educar para a importância dos bens culturais e dos cuidados a ter com eles. Buscamos desenvolvê-la a partir da apropriação do conhecimento adquirido por meio da participação criativa, entre os detentores do saber e investigadores, visando estabelecer a interlocução, conforme sugere Horta et al. (1999).

Educação Patrimonial: aprofundando perspectivas conceituais e trilhas metodológicas

A Educação Patrimonial corresponde a um procedimento educativo e contínuo no processo de ensino e aprendizagem, permitindo o reconhecimento e a preservação do Patrimônio Cultural e garantindo à comunidade o direito de acesso à memória individual e coletiva. Garante a possibilidade ao indivíduo de compreender seu lugar e seu papel para com o patrimônio local. Assim, este processo educativo se torna uma proposta pedagógica a ser disseminada na comunidade escolar, uma vez que a educação patrimonial leva à interação de crianças, jovens e adultos, contribuindo também na construção de conhecimento individual e coletivo (HORTA et al., 1999).

Mas o que é Patrimônio Cultural? São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os seres humanos criam e ao longo dos anos vão se acumulando com as gerações anteriores. O Patrimônio Cultural envolve as manifestações culturais, os saberes, os fazeres, as representações de um povo, de uma comunidade, em diversas dimensões como os seus modos de pensar, os valores que orientam suas práticas de sociabilidade. Está presente nos diferentes espaços da vida cotidiana, nas construções, nos bens móveis manifestando-se também nas formas de trabalho e de lazer. Como expressão da subjetividade de um povo compõe as manifestações artísticas, a literatura, as formas como são manifestados os cultos etc. É o patrimônio cultural que faz de um povo o que ele é. Seu tecido forma a identidade coletiva. Os bens culturais que constituem o patrimônio material e o patrimônio imaterial são marcas que podem ser convertidas em fonte e em objeto do conhecimento histórico (GRUNBERG, 2011).

O sentimento de pertencimento a um lugar está condicionado ao reconhecimento dos bens culturais de sua existência e envolve a conformação das identidades e dos valores que orientam as práticas sociais de um povo. Como prática social, os bens culturais adquirem valores que lhes são atribuídos processualmente, em espaços determinados e ao longo do tempo conformam sentidos, significados diversos. As diversas representações dos bens culturais construídas ao longo do tempo e condicionadas por diferentes contextos históricos compõem as identidades coletivas (TINOCO, 2012).

Tinoco (2012) ao realizar uma leitura sobre o sentido da observação, registro, exploração e apropriação – categorias elaboradas por Horta et al (1999), considera que o contato direto com os bens patrimoniais é indispensável para o seu conhecimento e seu entendimento como também para o reconhecimento da sua importância (TINOCO, 2012: 106). Nesta fase, para este autor, trata-se de proceder à sua identificação e de promover o desenvolvimento da percepção. A fase seguinte implica um aprofundamento da observação e proporciona os primeiros conhecimentos obtidos a partir do Patrimônio Cultural e sobre ele. E a fase do registro, é a etapa que se deve promover a contextualização histórica do bem cultural sem a qual a sua exploração não será correta.

De acordo com Horta (2009), a metodologia da Educação Patrimonial compreende um conjunto de práticas e experiências voltadas à percepção, ao conhecimento, à apropriação, à compreensão, ao reconhecimento, à valorização e à preservação dos diversos bens tangíveis e intangíveis de nosso Patrimônio Cultural. Sua principal proposta é orientar a organização de atividades e estudos interdisciplinares a fim de suplantar a fragmentação dos conteúdos nos currículos escolares. Para tanto, é necessário propor e realizar projetos de trabalho nos quais os discentes sejam estimulados a fazer uma leitura crítica da realidade e, conseqüentemente, proporcionando-lhes a experiência da relação direta com os bens e as manifestações culturais. Entra aqui a Escola. Entra aqui o professor como mediador. Mas a complexidade da Educação Patrimonial requer docentes motivados e preparados para essa exigência, como acentua Cioffi (2003).

Trata-se de compreender o Patrimônio Cultural em toda a sua extensão, integrar os valores que ele encerra e perceber a necessidade da sua proteção. O patrimônio é um lugar de memória, e a memória é constituinte de identidade e cidadania (BIAZZETTO, 2013: 541).

A Educação Patrimonial e o IPHAN

A Educação Patrimonial, assim como qualquer atividade educativa deve ter como princípio o trabalho construtivo, no intuito de despertar no indivíduo a “consciência” de que ele é o início das transformações decorrentes na sociedade. Nesta direção, é dever do educador patrimonial estimular os indivíduos, grupos e a sociedade para o conhecimento da herança cultural deixada por nossos ancestrais.

Entre os princípios norteadores do IPHAN acerca da Educação Patrimonial, adotamos aquele que a instituição entende como Educação para o Patrimônio. Para Denise Grinspum (2000: 59), Educação para o Patrimônio: “Constituem-se formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar bens culturais, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios material e imaterial com excelência e igualdade”.

A Arqueologia e a Educação Patrimonial

A Arqueologia é uma ciência que investiga e interpreta os vestígios deixados por povos que viveram no passado. Entre os artefatos pesquisados estão os materiais confeccionados de pedra lascada, pedra polida, cerâmica, louça, vidro, metal, bem como adornos, indumentárias, edificações, entre outros - além dos vestígios imateriais. A compreensão destes indícios possibilita o resgate da memória e a construção histórica de uma civilização, formando assim suas narrativas e identidade cultural.

A abordagem da Arqueologia nas comunidades, sendo ela escolar ou não, é conhecida como Arqueologia Pública, onde seu foco é difundir o conhecimento arqueológico entre crianças, adultos, professores e outros grupos de pessoas. Bezerra de Almeida (2003) diz que a

Arqueologia Pública não corresponde somente à divulgação de dados científicos, de modo que o seu papel fundamental é revelar ao público a sua importância na construção da memória, história e cidadania.

Assim, do ponto de vista da Arqueologia, disseminar o conhecimento arqueológico nas comunidades, sendo escolar ou não, permite aos cidadãos a rememoração de sua história, além disso, ao valorizar suas ações ou manifestações culturais, possibilita-se o resgate e a continuidade de suas culturas.

Paleontologia e Educação

A paleontologia é uma ciência que ainda possui seus estudos limitados aos centros acadêmicos e institutos de pesquisas de ensino superior. Ela busca investigar a história da vida e da terra por meio dos fósseis. Schwanke e Silva (apud CARVALHO, 2010) comentam sobre a sub-utilização dos conhecimentos paleontológicos na educação brasileira e afirmam ser possível fazer um elo entre os centros acadêmicos e de pesquisas e a população através da mídia, museus e turismo.

Conforme os autores acima citados, pontua-se a necessidade da inserção da paleontologia no currículo escolar, tema este já previsto na Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1996 e nos parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1996. A LDB e o PCNs possibilitam ao educador uma flexibilidade na inserção das ciências de forma transversal e interdisciplinar em sala de aula, de forma criativa e atrativa aos alunos. Porém, há uma carência dos conhecimentos paleontológicos entre os educadores, gerando um fator negativo para a educação brasileira.

Hoje, uma forma de difundir a paleontologia no âmbito escolar é através da educação em paleontologia, que gera uma popularização desta disciplina entre as diferentes classes de pessoas, quebrando esse paradigma fictício que muitos possuem da paleontologia, sendo também uma forma de capacitar os educadores e garantir a disseminação da paleontologia na comunidade escolar.

A Educação Patrimonial e o Lúdico

A ludicidade é o método mais eficiente para promover educação entre grupos de alunos da alfabetização e do ensino fundamental. Ela desperta ações locomotoras e principalmente a socialização entre as crianças.

O lúdico é algo inovador no processo educacional, autores como Piaget (apud BITTENCOURT E FERREIRA, 2002) dizem que as atividades lúdicas são relevantes conforme a criança se desenvolve, neste contato com a ludicidade ela começa a reconstruir e reinventar coisas, sendo um processo evolutivo interno, e a partir daí ela adquire um conhecimento real e concreto, baseado nas atividades lúdicas.

O método lúdico para o processo de ensino e aprendizagem acaba sendo uma oportunidade de fazer com que a educação patrimonial atinja todos os públicos e se torne mais acessível, em uma linguagem atrativa e construtiva para as crianças.

3.3.5.2 Metodologia

A metodologia adotada baseou-se em ações que tratam o campo da Educação Patrimonial como ativo e permeado pelas noções de partilha do conhecimento, troca de experiências e vivências entre os sujeitos sociais envolvidos. Nesta direção, optamos por trabalhar com crianças, jovens e adultos, estabelecendo assim, intercâmbios entre as gerações.

O objetivo foi provocar neles uma atitude favorável para com os bens culturais que fazem parte do nosso Patrimônio Cultural Brasileiro. Buscamos desenvolver a percepção e o espírito crítico através de uma metodologia específica de trabalho, propiciando experiências e contato direto com as manifestações culturais, sejam bens materiais ou bens imateriais como músicas, danças, festas religiosas, ou populares, comidas, rituais, hábitos e costumes, formas de fazer, saberes e dizeres populares etc.

A orientação metodológica seguiu os passos de Maria de Lourdes Horta (2003), cuja acepção é norteada pelo princípio da observação, registro, exploração e apropriação. Neste contexto, buscou-se desenvolver ações que levassem o público alvo a reconhecer seus bens culturais e, sobretudo, tomar conhecimento sobre a legislação vigente (leis e decretos).

Maria de Lourdes Horta propõe uma metodologia de ensino que, explorando o objeto cultural, se desdobre em quatro momentos que se sucedem, muito embora possam se sobrepor.

São elas:

O 1º momento é a **observação** do objeto quando se propõe exercícios de percepção sensorial do objeto, visando identificar sua função e/ou significado social.

O 2º momento é do **registro**. Nesta etapa é solicitado anotações sobre informações que o próprio objeto oferece. Isso pode ser realizado de diferentes formas e com diferentes níveis de complexidade, como o desenho, a descrição verbal ou escrita, a construção de maquetes etc.

O 3º momento é o da **Exploração**, através da qual, se deseja que o aluno pesquise em outras fontes para completar as informações sobre o objeto.

O 4º momento é o da **Apropriação**. Essa tarefa demanda uma releitura do objeto em diferentes linguagens, esperando que o público faça uma recriação dos significados do objeto e sinta-se afetivamente envolvido com ele.

Outra preocupação metodológica foi caminhar em direção aos sentidos valorativos do Patrimônio Cultural, buscando estimular os sujeitos sociais para a valorização dos elementos que fazem parte de nosso dia a dia, da nossa realidade, revelando os múltiplos aspectos que a cultura viva de uma comunidade pode apresentar.

3.3.5.3 Objetivos

O objetivo geral deste Programa de Educação Patrimonial tomou como norte a divulgação das pesquisas de Arqueologia desenvolvidas na área de implantação da BR-242/MT. E especificamente, objetivamos:

- Apresentar de modo lúdico as pesquisas arqueológicas desenvolvidas na área de implantação da BR-242/MT;
- Aproximar os alunos e professores dos artefatos paleontológicos e arqueológicos, visando estabelecer níveis de conhecimento acerca do universo cultural de outros povos;
- Debater sobre a importância da preservação dos bens patrimoniais;
- Promover o diálogo com as comunidades envolvidas, para, assim, estimular a partilha do conhecimento.

4. Pré-História, História e Etno-história

4.1 Estudos Arqueológicos Regionais

Neste capítulo apresenta-se uma síntese do conhecimento arqueológico registrado para o estado do Mato Grosso. O objetivo de reconstruir tal panorama consiste em comparar tais dados aos resultados obtidos nesta pesquisa, permitindo completar ou remodelar um mosaico ainda incompleto que diz respeito ao entendimento da dinâmica de vida das populações indígenas (quem, quando e como viviam) que ocuparam a região centro-oeste brasileira no período pré-colonial.

4.2 Pesquisas Arqueológicas Pré-Históricas Regionais

4.2.1 Os Grupos Caçadores Coletores

Nas últimas duas décadas a intensificação das pesquisas arqueológicas pré-históricas sobre o território brasileiro - e nos diversos Estados - tem revelado uma nova visão sobre as primeiras ocupações humanas. Na região centro-oeste tais pesquisas têm destaque com os trabalhos de uma Missão Franco-Brasileira, sob a coordenação dos professores Drs. Denis e Águeda Vialou. Escavações dos sítios Santa Elina, Ferraz Egreja e Vermelho, recuaram no tempo o período das primeiras ocupações humanas nesta região do centro-oeste brasileiro – com camadas estratigráficas fornecendo datações de até 35.000 anos antes do presente. Estes níveis mais antigos apresentam uma indústria lítica que sugere a presença de grupos de caçadores coletores na região e uma ocupação Pleistocênica para o centro oeste, onde estes homens estabeleciam suas estratégias de sobrevivência em um ambiente de final de glaciação com a presença da mega fauna extinta, como têm demonstrado os vestígios de *Glossotherium* encontrados no sítio Santa Elina (VILHENA-VIALOU, 2005; 2011; VILHENA VIALOU & VIALOU, 1994).

Para o final do Pleistoceno e início do Holoceno (entre 12.000 e 10.000 anos AP⁷) conta-se com um maior número de sítios, como atestam as pesquisas no alto Tocantins e na região de Serranópolis de Goiás, com datas entre 10.750 a 10.580 AP (SCHMITZ, 1980); as pesquisas no sítio Santa Elina, em Jangada/MT, com data de 10.120 e no Morro da Janela, em Rondonópolis, com data de 10.080 anos AP (VILHENA-VIALOU & VIALOU 1989); as pesquisas desenvolvidas no nordeste do Mato Grosso do Sul, região do alto Sucuriu, com data de 10.340 anos AP (BEBER, 1994; VERONEZE, 1993), entre outros. A indústria lítica presente nestes sítios foi enquadrada no que a Arqueologia Brasileira denominou “tradição Itaparica” (OLIVEIRA & VIANA, 1999/2000; BUENO, 2007; LOURDEAU, 2010).

Por sua vez, as primeiras ocupações humanas na região da Bacia Amazônica ocorrem no final do Pleistoceno e início do Holoceno. Todavia, embora nas últimas décadas seja crescente o número de pesquisas arqueológicas nesta região, tais sítios de caçadores coletores

⁷ AP - Antes do Presente.

nunca foram estudados sistematicamente, compondo somente registros dispersos e ocasionais, dentre estes, referências a concentrações de artefatos em superfície, poucos abrigos sob rocha e sambaquis.

Os horizontes culturais mais antigos podem ser delimitados pelas seguintes fases: Paleoindígena, Arcaica Pré-cerâmica e Arcaica de cerâmica incipiente. A fase mais antiga – Paleoindígena – estaria presente nos abrigos e cavernas, além de ocorrências arqueológicas a céu aberto, representadas por artefatos descontextualizados, como é o caso de pontas de projéteis. Já as fases arcaicas estão melhor representadas nos sambaquis fluviais, os quais seriam os representantes estratigráficos da passagem dos caçadores coletores para os agricultores incipientes (ROOSEVELT, 2002)⁸.

Um dos sítios escavados e relacionados a caçadores coletores amazônicos é o denominado Abrigo do Sol, que compreende uma cavidade natural com arte rupestre localizada nas proximidades do município de Paranatinga, Chapada dos Parecis, na cabeceira do Rio Galera. Este sítio, estudado por Miller (1978 e 1987), possui importância por compor camadas estratigráficas com registro das atividades do homem com relativa continuidade no tempo. Os estratos inferiores compõem objetos líticos lascados por percussão e os superiores e mais recentes possuem artefatos cerâmicos. A arte rupestre é feita na técnica da gravura, baixo relevo, com motivos geométricos, máscaras, triângulos púbicos femininos e pegadas. Segundo Miller (op. cit.), os registros cerâmicos situam-se de 0 a 390 cm de profundidade, onde foram coletados vários fragmentos cerâmicos, sendo que alguns continham decoração do tipo incisão. As datações das camadas contendo cerâmica variam de 115 ± 55 AP a 7810 ± 110 AP. Os registros líticos estão representados principalmente por seixos lascados e lascas, e, em especial, é registrada a presença de machado lascado e polido. O período pré-cerâmico se fez presente até a uma profundidade de 740 cm e apresentou uma datação de 14.700 AP. Para Miller, o sítio Abrigo do Sol representa um dos sítios mais antigos da América do Sul.

As pontas de projéteis - instrumentos especialmente importantes quando identificados nas pesquisas arqueológicas - são encontradas ocasionalmente na bacia Amazônica, geralmente por garimpeiros que exploram os sedimentos pleistocênicos e holocênicos. Roosevelt (2002) descreve algumas pontas bifaciais, com diversas formas e tamanhos, encontradas no norte da Amazônia. Em destaque, tem-se a descrição de grandes pontas encontradas na região do baixo Amazonas, onde a autora observa: “são relativamente grandes (6 a 13 cm), feitas de quartzo ou sílex muito fino, estas pontas triangulares têm bases pedunculares ou bases côncavas afinadas pela remoção de uma grande lasca de um dos lados largos e finos em relação ao seu comprimento”. A autora ainda complementa que, apesar dessas pontas estarem descontextualizadas, o seu padrão estilístico enquadra-se numa data entre 8.000 a 4.000 AP.

Em um período mais tardio, entre 9.000 e 7.000 anos AP, os grupos de caçadores coletores, originários de diferentes regiões, teriam se expandido, resultando em uma extensa

⁸ Para uma síntese e análise crítica da arqueologia Amazônica vide Neves (1998 e 1999/2000).

ocupação que abrange todo o Planalto Central. Seus sítios se multiplicam e são recorrentemente identificados pelas pesquisas arqueológicas, tanto em abrigos rochosos como a céu aberto. Apresentam uma indústria lítica distinta da fase Itaparica, enquadrando-se agora na “tradição Serranópolis” (OLIVEIRA & VIANA, 1999/2000).

Passado o período Altitermal, as condições ambientais se definiram como mais próximas às atuais, e as ocupações de caçadores se estendem até por volta de 2000 anos atrás.

4.2.2 Os Grupos Ceramistas

A partir deste momento, início do Holoceno, o cenário arqueológico do Brasil Centro-Oeste sofre mudanças significativas. Neste período, inicia-se a ocupação de grupos associados à transição entre populações com uma economia de caça/coleta/manejo para uma agricultura incipiente. Seus vestígios ocorrem em sítios a céu aberto e em abrigos rochosos, tendo como características o aparecimento de uma indústria cerâmica com vasilhas de pequenas dimensões e formas simples, sem decoração. As datações disponíveis vão de 2.400 a 800 anos atrás. Restos de vegetais cultivados indicam o consumo de milho, amendoim, feijão, cabaça, algodão, fumo e curcubitáceas, além da caça, pesca e coleta generalizadas. Seus sítios são relacionados à “tradição Una” (SCHMITZ et al., 1981; SCHMITZ et al., 1989; ROBRAHN, 1989; WÜST, 1990). As datas mais recentes de sítios da tradição Una oscilam por volta do ano 1.000 d.C.⁹, tendo sido ao menos parcialmente contemporâneos a uma segunda ocupação de grupos ceramistas que se inicia no Mato Grosso já por volta de 700 d.C. (grandes aldeias relacionadas à denominada “tradição Uru”¹⁰, apresentada mais adiante).

Os sítios da **tradição Una** trazem uma indústria cerâmica formada por vasilhas finas, de pequenas dimensões, sem decoração, com pouca variedade de formas. Associada à cerâmica conta-se com uma indústria lítica não muito expressiva, com restrita diversidade de artefatos (na maioria lascado, mas também por vezes polidos). Alguns sítios desta tradição incluíram enterramentos humanos primários ou secundários (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

A este período se relacionam os vestígios identificados, por exemplo, nos níveis superiores, com datas de 1.300 a 2.000 AP, do abrigo Santa Elina, onde foram registradas cerâmicas e indústria lítica, incluindo urnas funerárias em abrigo (VILHENA-VIALOU, 2005; VILHENA VIALOU & VIALOU, 1994). Alguns destes sítios não possuem disponibilidade de água durante o ano todo, caracterizando uma drenagem intermitente, o que poderia atestar um caráter sazonal dos assentamentos.

⁹ d.C.- Depois de Cristo.

¹⁰ As tradições ceramistas Una e Uru foram definidas na década de 70 por Schmitz et al. (1981) e são amplamente conhecidas no contexto regional.

Wüst (1989) também registra a presença dos agricultores incipientes em abrigos sobre rochas no vale do rio Vermelho, afluente do São Lourenço, datados em 2.110 ± 75 e 2.560 ± 80 AP, e também a céu aberto. Estes sítios situam-se em área de transição entre cerrado e mata, sobre topos de colinas e nas proximidades de pequenos cursos d'água. Eles representam provavelmente acampamentos sucessivos de forma anular com até 240 m de comprimento (sítios a céu aberto). A cultura material está representada principalmente por material lítico, sendo que as cerâmicas representam menos de 5% do total do material.

Já por volta do século VII de nossa era outros grupos ceramistas - da tradição Uru - iniciaram também a ocupação da área. As pesquisas desenvolvidas no vale do rio Vermelho, por Wüst (1989, 1992), forneceram os primeiros dados sistemáticos sobre esta ocupação, que nesta região foi datada entre 1.150 ± 60 AP e estendendo-se até 595 ± 95 AP (ou séculos VIII a XIV de nossa era). Na cultura material estão os seguintes recipientes cerâmicos: grandes tigelas, pratos rasos, jarros grandes e diversos recipientes menores. Eles são de superfície lisa, raramente decorada com engobo ou apliques geométricos ou zoomorfos, antiplástico tipo cariapé¹¹ e espessuras de 1 a 1,5 cm. Os artefatos líticos são lascas com e sem trabalho secundário e lâminas de machados lascados e polidos. Os assentamentos residenciais apresentam-se na forma de 1 a 3 anéis concêntricos com diâmetro entre 110 a 380 m, os quais podem representar até 73 unidades residenciais, sugerindo uma população de 1.000 pessoas. No centro destes assentamentos pode ocorrer uma deposição arqueológica. Estes sítios ocorrem preferencialmente em áreas de solos férteis das matas ciliares de um curso d'água de grande porte.

Ainda no vale do rio Vermelho, tem-se finalmente a formação do grupo indígena Bororo por volta do século XVIII: o sítio arqueológico mais antigo é datado em 1.720 ± 70 d.C. e apresenta uma associação entre a tradição ceramista Uru e Bororo. Os assentamentos Bororo pré-contato são em número reduzido em relação aos demais sítios cerâmicos. A cerâmica caracteriza-se por vasilhames semi-esféricos de contorno simples e de várias formas com gargalo, todas com base redonda. A espessura predominante das paredes está entre 0,5 a 0,9 cm. O antiplástico predominante é à base de cinzas vegetais (cariapé). Em alguns assentamentos pré e pós-contato encontram-se elementos cerâmicos da tradição Tupiguarani da subtradição pintada (0,49 e 12,5% do total do material). Estas cerâmicas são bastante distintas dos grupos agricultores antigos, mas a distribuição espacial do material arqueológico apresenta-se em disposição semelhante aos agricultores antigos – 3 a 4 anéis concêntricos de unidades habitacionais. O seu padrão de assentamento é linear ao longo dos rios piscosos e com solos férteis. Entretanto, com a pressão dos colonizadores brancos, os sítios passam a ocorrer nas áreas de cerrado e próximos às nascentes das drenagens. Nas áreas etnograficamente conhecidas registra-se uma nucleação de sítios num raio de 2 Km (WÜST, 1989 e 1992).

¹¹ Cariapé é a cinza da casca de uma árvore que é misturada ao barro para equilibrar a plasticidade do barro

Segundo Wüst (1990 apud WÜST, 1992: 14) “os dados arqueológicos até agora disponíveis para o Brasil Central evidenciam que as sociedades ceramistas e agricultoras, estabelecidas em grandes aldeias anulares demograficamente expressivas, remontam do século VIII da nossa era e que em casos específicos existia uma clara hierarquização a nível de sistemas de assentamentos e uma eventual divisão de trabalho entre unidade domésticas”.

Por fim, a região do Planalto Central foi ainda ocupada por um terceiro grupo ceramista – classificados como da tradição Tupiguarani e de provável origem amazônica. Ao contrário das demais tradições arqueológicas acima descritas, a Tupiguarani ocorre de forma bastante esparsa pela região, com poucos sítios localizados principalmente na região centro-sul de Goiás e no Mato Grosso do Sul. Schmitz & Barbosa (1985: 5) interpretam esta ocupação esparsa como resultado da dificuldade dos grupos em ocuparem um espaço fortemente dominado por agricultores de outras tradições ceramistas. Por outro lado, é notável que artefatos cerâmicos relacionados à tradição Tupiguarani sejam recorrentemente encontrados em meio a sítios das demais tradições ceramistas presentes na região (Una e Uru), sugerindo a existência de extensas redes de interação cultural (envolvendo fenômenos como trocas de bens, por exemplo).

Na região da Amazônia os sítios cerâmicos propriamente ditos surgem a partir de 3.000 anos a.C. e representam, arqueologicamente, complexos de cerâmica decorada. Lathrap (1975) confirma que a partir desta data a cultura da floresta tropical atinge níveis de alta eficiência. Estas culturas são evidenciadas através de assentamentos de agricultores sedentários e estão presentes em toda região Amazônica. A indústria cerâmica, que certamente corresponde ao seu vestígio mais abundante e diagnóstico, diversifica-se conforme a região, adquirindo estilos decorativos próprios.

Tradições ceramistas arqueológicas mais antigas foram agrupadas em horizontes culturais, tais como: Hachurado Zonado e Saladóide - Barrancóide. O horizonte Hachurado Zonado caracteriza-se pela predominância da decoração do tipo incisão hachurada em zonas, através de largas linhas incisadas, quer isoladas ou definindo zonas de fino hachurado. Já no horizonte Saladóide prevalecem incisões, modelagem zoomórfica e pinturas em vermelho e branco; a restrição da pintura vermelha e branca caracteriza o estilo Barrancóide.

Segundo Lathrap (1975), as cerâmicas existentes nos afluentes do alto Xingu, ligadas aos povos de língua Aruak, constituem uma origem remota ligada à tradição Barrancóide do Amazonas central. A dispersão ocorreu durante o primeiro milênio a.C. e teve sua origem na Amazônia central, em especial a área de confluência entre os rios Negro e Orenoco. O autor complementa que a expansão dos povos falantes da língua Aruak e portadores da tradição Barrancóide culminou no contato com novos grupos ceramistas, resultando em uma mudança do estilo cerâmico, por vezes tão profundamente modificado que não permite mais a identificação do estilo Barrancóide.

A origem e dispersão da cerâmica na região Amazônia, bem como a sua diversificação de formas e decoração, tem sido palco das discussões mais fervorosas (BROCHADO, 1984;

LATHRAP, 1970; NOELLI, 1996; HECKENBERGER et al., 1998). Estes autores concordam com uma origem da cerâmica na região Amazônica, descartando as teorias de influências externas, como a andina. A dispersão, vista sob paradigmas histórico/culturais, os quais associam modelos arqueológicos a grupos linguísticos, sugerem que a Tradição Policrômica na Amazônia central está correlacionada aos grupos do tronco linguístico Tupi-guarani. Já a Tradição Barrancóide, que mais tarde diversifica-se em Incisa Modelada, Borda Incisa e Incisa Ponteadada, possuiria uma correspondência aos grupos falantes da língua Arawak. Roosevelt (2002: 73) considera pouco realista a associação entre linguagem e cultura material, considerando que “... os estilos de horizontes abrangem populações multiétnicas, estando ligados a processos sócio-políticos e econômicos mais complexos do que a mera invasão e migração em massa”.

A Tradição Policrômica caracteriza-se pela cerâmica decorada com elaborados desenhos geométricos estilizados, executados com pinturas vermelha, preta e branca. Ainda que a pintura vermelha e/ou preta sobre engobo branco seja a decoração mais popular, isto não significa a única técnica representada. De fato, há uma grande variedade delas: incisão, excisão e acanalado sobre superfícies simples ou engobadas de vermelho ou branco, ponteadado e modelado. Uma nova prática é o sepultamento secundário em urnas depositadas. Os artefatos de cerâmica incluem estatuetas, rodela de fuso, colheres, bancos e suportes-de-panels.

A Tradição Borda Incisa representa complexos cerâmicos que enfatizam motivos incisivos sobre largas bordas horizontais de tigelas. Também associados a esta tradição têm-se raras estatuetas, cachimbos tubulares, batoques auriculares/labiais e carimbos planos e circulares de cerâmica.

E a Tradição Incisa Ponteadada caracteriza-se pela decoração em forma de baixos-relevos ou de adornos biomorfos sobre a borda ou parede do vaso. A pintura também ocorre. A incisão é predominantemente retilínea e, às vezes, os padrões são desenhados com precisão em delgadas linhas paralelas, uniformemente espaçadas e onde o ponteadado é frequentemente associado.

Datas obtidas no alto Araguaia e no baixo Paranaíba - séculos XIV-XV de nossa era, segundo Schmitz (1976/77) - indicam que grupos Tupiguarani teriam permanecido em certas áreas até o contato com o elemento europeu. Já, ao menos em duas outras áreas (vale do Araguaia e vale do São Lourenço), as evidências parecem apontar para o desaparecimento de seus sítios, provavelmente relacionado a processos locais de mudança cultural. No vale do Araguaia, a ocorrência de sítios intra-componenciais Tupiguarani/Aratu/Uru indicaria, conforme discussão acima, um provável fenômeno de incorporação, uma vez que as estruturas dos sítios e o processo mútuo de empréstimos decorativos e tecnológicos entre as tradições parecem excluir a possibilidade de reocupação dos locais (FENSTERSEIFER & SCHMITZ, 1975; SCHMITZ & BARBOSA, 1985). Já no vale do São Lourenço sítios intra-componenciais das tradições Tupiguarani/Bororo indicariam possível processo de fusão (WÜST, 1990).

As formas das vasilhas destes grupos Tupiguarani variam entre tigelas abertas rasas, jarros, vasilhas semi-globulares, globulares esféricos e igaçabas. Algumas peças apresentam ombros, definindo um contorno complexo. O antiplástico característico da tradição é o caco moído. Quanto à decoração, apresentam consideráveis variações, de acordo com a área de ocorrência: os sítios ao norte de São Paulo, e que se estendem no litoral até o Maranhão, mostram uma cerâmica com decoração predominantemente pintada, enquanto os sítios ao sul e oeste (Mato Grosso) mostram uma cerâmica decorada com motivos plásticos. A cerâmica pintada corresponde a vasilhas que recebiam uma pintura branca ou vermelha dando um “fundo” à peça, sobre a qual podiam ser elaborados complicados motivos geométricos, formados por finas linhas, curvas e pontos. Estes motivos ganhavam a cor vermelha ou preta. São traços, círculos, ondas ou zigue-zagues que, em múltiplas combinações, fornecem uma grande variedade de tramas. No caso da cerâmica com decoração plástica, reúne vasilhas onde foram aplicadas diferentes texturas na superfície, com as mãos ou com o auxílio de instrumentos. Tipos comuns são o corrugado, ungulado, serrilhado, acanalado, inciso, pontado, impressão de cestaria, escovado, entre outros (PROUS, 1992; OLIVEIRA & VIANA 1999/2000; NOELLI 1998; ROBRAHN-GONZÁLEZ 2001). Estes grupos confeccionavam também vasilhas simples, sem qualquer decoração, geralmente na forma de pequenas tigelas ou cuias. Já a pintura predomina em peças de contorno complexo (igaçabas), enquanto a decoração plástica predomina em grandes vasilhas globulares. Ainda em argila são encontrados cachimbos, fusos e afiadores em canaletas (ou calibradores).

A indústria lítica lascada destes ceramistas varia, podendo ser praticamente inexistente em alguns sítios, ou ocorrer em grande quantidade e diversidade de instrumentos. Caracteriza-se por uma indústria sobre lasca, com muitas peças apresentando apenas sinais de uso, e poucas efetivamente retocadas. São comuns peças de maior porte, como seixos ou blocos com algumas retiradas nas extremidades, para dar forma e afiar o gume. Quanto ao material lítico polido, são frequentes as lâminas de machado, mãos de pilão, socadores e tembetás (adornos labiais em forma de “T”). No sul do país ocorrem ainda a itaiça (machado circular) e bolas de boleadeiras.

Agricultores tradicionais, estes grupos cultivavam a mandioca doce (aipim) e a mandioca amarga (ou “brava”), bem como o milho, a batata doce, o algodão, o feijão, o amendoim, o abacaxi e o tabaco. Sepultamentos são ainda frequentes nestes sítios, que trazem urnas funerárias nas imediações das casas ou fora do espaço da aldeia.

4.2.3 Pesquisas Arqueológicas do Xingu

Os sítios arqueológicos na bacia do Xingu começaram a ser noticiados pelos primeiros viajantes europeus na segunda metade do século XIX. Karl von del Steinen, no período de 1884 a 1887, percorre a região das cabeceiras do rio Xingu, estabelecendo roteiros pelos rios Batovi e Coliseu. O rio Culuene foi explorado nas imediações da sua confluência com o rio Coliseu (STEINEN, 1998 e PERROT, 1998) tais explorações ofereceram importantes descrições

etnográficas. Coudreau (1977) explorou o rio Xingu no ano de 1896, com objetivos geográficos e a sua descrição permeia as especificidades do rio Xingu como cachoeiras, travessões, afluentes, ilhas, etc. Entretanto relata a descoberta de uma ponta de lança numa ilha situada acima do travessão denominado de Capivara:

Numa ilhota (...) faço nova colheita de objetos etnográficos. Sob uma dezena de tijupás repartidos em dois acampamentos na mirrada floresta da ilhota, recolho vinte e duas amostras do artesanato juruna, alguns dos quais até artístico: esculturas em madeira! Encontro inclusive uma ponta de lança em pedra entalhada (...) Uma curiosidade a respeito da qual prefiro abster-me (...) restringir-me à exibição da fotografia do documento (COUDREAU, 1977: 68).

Os relatos dos viajantes tornam-se importante pelo valor histórico das informações, entretanto, para as pesquisas arqueológicas pouco pode ser aproveitado como dado científico. Isto se deve em grande parte aos objetivos desses pesquisadores que divergiam em registros de dados antropológicos e geográficos, muitas vezes imbuídos da obrigação de alimentar museus com exemplares únicos e exóticos.

A partir da segunda metade do século XX pesquisas foram feitas na bacia do Xingu, sendo que o primeiro trabalho significativo foi o Programa Nacional de Prospecção Arqueológica (PRONAPA). Este Programa foi iniciado em 1965, com cerca de onze arqueólogos trabalhando em vários Estados, visando uniformizar o cadastro de sítios arqueológicos e determinar as fases e tradições ceramistas. Ao final desse projeto houve um aumento de 80% do número das fases arqueológicas. No ano de 1976 foi implementado um programa específico para a Amazônia Legal - Programa Nacional de Prospecção Arqueológica na Bacia Amazônica (PRONAPABA). Este programa teve como objetivo reorganizar os dados levantados no programa anterior com ênfase nos estados componentes da Amazônia Legal, a saber: Amazônia, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Rondônia, Acre, Roraima, Amapá e parte de Goiás (SIMÕES 1967; SIMÕES E ARAÚJO-COSTA, 1978).

Segundo Simões e Araújo-Costa (1978), a bacia do Xingu foi subdividida em duas áreas: FX (Formadores do Xingu) e AX (Alto Xingu). Na área Formadores do Xingu, localizada nas cabeceiras do rio Xingu, foram cadastrados dez sítios arqueológicos como sendo da fase Ipavu; e no Alto Xingu, situado logo à jusante da área FX, oito sítios foram identificados, todos classificados como da fase Diauarum. Heckenberger (2001) indica existirem sítios da fase Ipavu classificados como Diauarum e que esta pode ter datas e materiais correspondentes à fase Ipavu; o que implica na necessidade de melhor definição dessas fases.

Heckenberger (2001) caracteriza uma arqueologia de 1000 anos para o Alto Xingu, considerando alguns aspectos culturais como continuidade ao longo do tempo, padrões de assentamento, organização espacial da aldeia, uso da terra, tecnologia e economia de subsistência. Tal pesquisador propõe nomear a Tradição Xinguana, a qual comporta duas fases:

Ipavu (900-1.600 d.C.) e Xinguana (de 1.750 ao Presente). O autor também estabelece que a Tradição Xinguana diferencia-se da área amazônica adjacente e do Brasil Central, tornando-a uma cultura regional única.

Esta tradição arqueológica representaria o limite de uma migração de povos da língua Aruak que transmigraram de oeste para leste, sendo que os sítios arqueológicos do Alto Xingu representam o limite leste dessa migração. Os locais sagrados como a gruta Kamukuwaká e outros situados no rio Culuene demarcariam os limites sul do território xinguano. Esta situação sugere que a ocupação das áreas dos sítios Culuene e Coliseu possua datas mais tardias em comparação com as áreas dos rios Diauarum e Morena, estes dois últimos situados no limite norte do território xinguano (HECKENBERGER, 2001).

A fase Ipavu caracteriza-se por dois contextos. Um mais antigo (Ipavu antigo), relacionado ao intervalo de tempo de 800 a 1.400 d.C., que se caracteriza por uma estrutura de aldeia comum aos sítios arqueológicos pré-históricos de Mato Grosso, ou seja, aldeias circulares com praça central e a cerâmica correspondente à tradição Xinguana. E outro contexto mais recente, de 1.400 a 1.600, relativo à fase dominada de Ipavu tardia, que representa profundas mudanças na estrutura da aldeia, compreendendo fortificações defensivas de proporções monumentais. Valetas foram construídas em volta das aldeias com até 15 m de largura por 3 m de profundidade e 2,5 km de comprimento, e aterros formatando colinas de até 2 m de altura protegiam a praça central e caminhos. Estas aldeias possuíam grandes dimensões, atingindo 50 hectares e distanciando-se entre si em aproximadamente 5 km. Estes fatos sugerem um momento de conflito entre grupos indígenas que representam ações de ataque e defesa expressados nos sítios arqueológicos.

Atualmente, colaboradores do Brasil e Estados Unidos, vinculados ao Museu Nacional e à Universidade da Flórida, respectivamente, realizam uma série de pesquisas antropológicas e arqueológicas na área do Parque Indígena do Xingu (PIX). Os trabalhos desenvolvidos contam com uma série de especialistas e descrevem a trajetória de ocupação da região por sociedades autóctones, tanto em relação ao período de contato, e seus efeitos posteriores, como em relação ao pré-contato. Tais trabalhos, principalmente o levantamento arqueológico levado a cabo pelo Dr. Michael Heckenberger (acima mencionado), apontam para uma continuidade cultural na região iniciada a partir do ano 1.000 AD.

O rio Culuene, que se origina nas terras altas do Planalto Central, é considerado um dos principais tributários do rio Xingu que, por sua vez, é um dos principais tributários do rio Amazonas. Além do rio Culuene, os rios Von den Steinen, Ronuro, Batovi, Tuatuari, Kurisevo, Sete de Setembro e Tanguro (sentido oeste-leste), são os principais rios que formam a cabeceira responsável pela constituição do rio Xingu (BECQUELIN, 1993: 227; HECKENBERGER, 1996: 17).

Segundo Lathrap (1970), os povos do Alto Xingu, ainda que falem línguas diferentes (alguns Tupi, outros Carib, Gê e Aruak), possuem uma cultura material em comum interconectada (LATHRAP, 1970: 137). Os grupos de língua Aruak, responsáveis pela confecção

da cerâmica moderna utilizada por todos os demais grupos presentes na área, possuem um conjunto de grandes vasos atarracados ou reservatórios, além de conjuntos de vasos em forma de animais com adornos projetados para o exterior da peça. Ainda segundo Lathrap, a cerâmica da região indica uma origem remota ligada à Tradição Barrancóide do Amazonas Central, associada a grupos Aruak (LATHRAP, op. cit.: 138). Porém, mesmo pertencentes a este grupo linguístico, o autor indica que não se deve esperar que a indústria cerâmica desta região ainda possua o estilo Barrancóide. A justificativa para tal diferenciação seria a profundidade cronológica de ocupação destes povos na área, ou seja, dois milênios se seguirem depois da expansão Aruak, levando-os à alteração do seu próprio estilo ou, então, à adoção do estilo de seus vizinhos (LATHRAP, op. cit.: 139).

Conforme apontado anteriormente, em 1967 o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, através de prospecções e sondagens estratigráficas realizadas por Mário Simões, definiu duas fases cerâmicas para a região: a fase Diauarum, no curso superior do rio Xingu e a fase Ipavu, no curso inferior do rio Culuene. A fase Diauarum foi datada por C14 de 1.120 ± 75 d.C. (SI-713) e 1.120 ± 90 d.C. (SI-716) - (SIMÕES, 1972: 30). A presença de cerâmica decorada Ipavu, nos níveis superiores dos sítios da fase Diauarum, permitiu a Simões (op. cit.: 39) propor uma datação ao redor de 1.200-1.300 d.C. para a fase Ipavu (BECQUELIN, 1993: 227). A decoração plástica da fase Ipavu apresenta maior exuberância de motivos, tais como incisos geométricos e decoração zoomorfa modelada. Simões (1967) também aponta outra variação entre as duas fases, para o autor há uma diferenciação no antiplástico utilizado na indústria cerâmica das duas fases: cariapé para Diauarum e cauxi para Ipavu.

Segundo Heckenberger (1996: 28) a cerâmica da fase Ipavu, embora com algumas distinções das áreas ao seu arredor, apresenta afinidades com cerâmicas pertencentes às regiões vizinhas. Desta forma, a fase Ipavu mantém afinidades com os complexos cerâmicos pertencentes às Tradições Borda Incisa e Inciso Ponteada, apresentando características que incluem borda com incisões e ponteados, adornos com apliques zoomorfos, cariapé e cauxi como antiplásticos, além de algumas formas específicas de vasos (HECKENBERGER, op. cit.: 28). As semelhanças também correspondem a complexos cerâmicos pertencentes ao Brasil Central como, por exemplo, a Tradição Uru, com alguns vasos rasos de bases planas, ocasionalmente com alças ou apêndices e engobo vermelho.

O autor também correlaciona as aldeias circulares atuais do Alto Xingu com as tradições arqueológicas do Brasil Central, isto é, Tradições Uru e Aratu (WÜST, 1990 apud HECKENBERGER, 1996: 28). Deste modo, as semelhanças apresentadas pelo complexo cerâmico pertencente à fase Ipavu estão relacionadas à natureza transicional do Alto Xingu que, tanto ecológica quanto culturalmente, apresenta relação entre duas regiões, isto é, o Brasil Central e as Terras Baixas da Amazônia (HECKENBERGER, op. cit.).

Outro aspecto importante, além da tecnologia cerâmica, que sugere correlação entre os assentamentos pré-coloniais e os atuais pertencentes à área do Parque do Alto Xingu, refere-se às aldeias circulares. Para alguns autores, esta configuração circular das aldeias deriva da expansão Aruak (HECKENBERGER, 1996). No entanto, as aldeias circulares no Brasil

Central pertencentes à Tradição Uru que, segundo Wüst, tem uma origem amazônica, parecem ter sido compartilhadas por grupos linguísticos distintos. Desta forma, acredita-se que os dados arqueológicos da região do alto Guaporé, por exemplo, não permitem saber muito sobre os possíveis movimentos expansionistas Aruak ou Carib (WÜST, 2001: 280). Porém, este quadro revela um padrão circular de assentamento tanto na região Amazônica como no Brasil Central durante o mesmo período. Trabalhos levados a cabo por Becquelin (entre 1973 e 1980) também apontam para um padrão circular de aldeias, com sítios arqueológicos no alto curso do Xingu apresentando um diâmetro médio de 125-140 metros.

A partir de 800-900 d.C. verifica-se um rápido surgimento de aldeias circulares na região do alto Xingu. Provenientes do oriente, os grupos Aruak representaram as primeiras ocupações na região do Alto Xingu e seus afluentes, sendo responsáveis pelo início deste tipo de morfologia de assentamento na área. Estas datações também coincidem com os assentamentos circulares na região Amazônica. Desta forma, os grupos Aruak teriam chegado a esta região durante o período pré-colonial e, muito posteriormente, foram seguidos pelos Carib alto-xinguanos (por volta de 1.500 d.C.) e mais tarde pelos grupos Tupi. A configuração regional multiétnica e multilinguística ocorreu na área entre os anos de 1.750 e 1.850 (HECKENBERGER, 1996).

Como referido anteriormente, além da fase Ipavu, Simões (1967) apontou também a fase Diauarum. Porém, para Heckenberger esta diferenciação na realidade reflete uma sutil diferença do mesmo padrão cultural de origem Aruak (HECKENBERGER, 1996: 31). Todavia, a Fase Diauarum não será aqui detalhada, uma vez que ela está geograficamente distante da área deste estudo.

O refinamento cronológico realizado através de estudos que correlacionam mudanças no padrão de assentamento, datas radiocarbônicas e evidências históricas sugeriram duas fases culturais distintas e suas subdivisões (HECKENBERGER, 1996). Pode-se ver no Quadro 4 intervalos e períodos de ocupação relativos a determinada Fase Cultural, sendo a fase mais recente diretamente associada à cerâmica Xinguana contemporânea:

**Quadro 4: Fase cultural e período de ocupação na bacia do Alto Xingu
(HECKENBERGER, 1996: 33)**

Fase Cultural	Cronologia (AD)
Xinguano Recente	1884
Xinguano Antigo	1750 – 1884
Proto-Xinguano	1600 -1750
Ipavu Tardio	1600 – 1400
Ipavu Antigo	1400 – 900

A história Xinguana possui uma profundidade temporal “que abrange mais de mil anos de desenvolvimento cultural in situ” (HECKENBERGER, 2001: 21). Há, portanto, a necessidade de correlacionar os dados históricos, etno-históricos e arqueológicos para que, assim, possam-se reconstruir momentos ao longo do continuum histórico-cultural. O autor também aponta fatores estruturantes da ordem cultural subjacente, tais como padrão de assentamento regional e organização espacial (a configuração das aldeias), economia de subsistência e tecnologia (manufatura da cerâmica, uso da terra em torno das aldeias) (HECKENBERGER, 2001: 25). Portanto, tal continuidade pode ser identificada quando se analisa a cerâmica produzida por esses povos, bem como sua organização espacial, isto é, o posicionamento das casas ao redor de uma praça circular, como aponta Heckenberger, também é uma característica recorrente nos sítios arqueológicos:

“A continuidade cerâmica documentada e a organização espacial (praça circular fixa) sugerem que esta seqüência representa não apenas uma continuidade ocupacional, mas também uma continuidade cultural (i.e. envolvendo uma tradição cultural). Este continuum cultural, de fato, se estende até os dias de hoje”¹²

Ainda segundo o autor, a comparação entre os dados arqueológicos e etnográficos demonstra uma correspondência quanto à estrutura espacial das áreas domésticas e áreas públicas, porém, uma diferenciação em relação ao tamanho das áreas domésticas é sensivelmente notada:

“Dentro das aldeias referentes à Fase Ipavu Recente, dois fatores condicionavam a localização das áreas domésticas. A praça central era o centro gravitacional das aldeias da Fase Ipavu, como é atualmente, mas as áreas domésticas pré-coloniais ao redor da praça eram muito maiores que as de hoje em dia, entretanto, as dimensões das praças pré-coloniais apresentam um correlato positivo com as das aldeias atuais (ao redor de 100-200 metros de diâmetro)” (HECKENBERGER, 1996: 97)¹³.

Apesar de se poderem localizar características estruturantes (cerâmica e padrão de assentamento) entre sítios arqueológicos e aldeias contemporâneas, ainda faz-se necessário discorrer a respeito do pluralismo histórico responsável pela configuração atual desta sociedade formada por nações. Como apontado por Dole (1961), por volta de 1.500 d.C.,

¹² “Ceramic continuity documented throughout this sequence and continuity of spatial organization (fixed circular Plaza) suggests that sequence represents not only occupational continuity but cultural continuity (i.e., one involving cultural tradition). This cultural continuum, in fact, extends to the present day.” (HECKENBERGER, 1996).

¹³ “Within late Ipavu Phase villages, two factors conditioned the location of domestic areas. The central plaza was the gravitational center of Ipavu Phase villages, as it is today, but prehistorically the domestic areas surrounding the plaza were many times larger than today; however, plaza dimensions of prehistoric villages correlate well with contemporary villages (about 100-200 meters in diameter)” (HECKENBERGER, op. cit.).

grupos ancestrais dos Carib (particularmente dos Kuikuro/Matipu) adentram ao território xinguanos oriental próximo à área dominada, até então, por populações Aruak, na porção oeste da região. Trabalhos arqueológicos realizados por Heckenberger analisaram três sítios arqueológicos próximos ao lago Tahununu, a leste do rio Culuene, que se distinguem no padrão de assentamento (com casas comunais ocupadas por extensas famílias) e na tecnologia cerâmica. Desta forma, os estudos levam à divisão do território em dois: o Complexo Ocidental – ocupado historicamente por povos pertencentes aos grupos ancestrais Aruak - e o Complexo Oriental – com suas casas circulares, também chamadas de Malocas, que abrigavam toda a comunidade (Heckenberger, 1996; 2001: 51-52).

Os assentamentos do Complexo Oriental diferem não apenas quanto ao tamanho e conformação, mas também em relação à fortificação das aldeias contemporâneas do Complexo Ocidental. Isto é, a configuração do primeiro complexo destaca-se pela presença de casas circulares que não se situam ao redor de uma grande praça, como presenciado no Complexo Ocidental, onde unidades domésticas ao redor de uma grande praça são características recorrentes. As casas comunais circulares são vistas por Heckenberger (2001: 52) como apresentando características remanescentes do padrão das aldeias Carib da Guiana. Além disso, a manufatura da cerâmica do Complexo Oriental distinguiu-se tanto daquela referente ao Complexo Ocidental como da Xinguanos contemporânea.

A partir dos trabalhos de levantamento da história oral referentes aos grupos Carib alto-xinguanos¹⁴, realizados por Franchetto (1992), o quadro da ocupação do território tem início com a entrada na região de grupos Carib na primeira metade do século XVIII, provenientes do leste, enquanto a oeste do rio Culuene já estavam os povos Aruak. Trata-se, portanto, de uma época em que se pode distinguir o Complexo Oriental Carib do Complexo Ocidental Aruak através da separação natural do rio Culuene (FRANCHETTO, 2001: 124-125). A tradição oral desses povos identifica particularmente os territórios ancestrais dos Kuikuro/Matipu. O levantamento arqueológico articulado ao trabalho de história oral iniciado por Franchetto identificou três sítios arqueológicos pertencentes às aldeias ancestrais Kalapalo e dos Nahukwá, que tudo indica que foram os primeiros a se fixarem (HECKENBERGER, 1996; 2001: 51). O estudo dos sítios arqueológicos supracitados, levado a cabo por Heckenberger (1996), também revela uma ocupação arqueológica ligada diretamente à tradição oral Carib na região, legitimando a conformação desta ocupação durante o início do século XVIII.

As pesquisas arqueológicas revelaram também que nesse período inicial de contato inter-étnico as relações entre ambos os grupos eram pacíficas, dada a proximidade física, porém eles eram culturalmente distintos, o que se percebe pelos vestígios arqueológicos (descritos acima). Portanto, naquele período as proximidades geográficas não se refletiam em homogeneidade cultural. Porém, com a expansão das forças colonizadoras, as fronteiras entre esses territórios assumiram outra configuração. Empurrados pelos “índios bravos” e pelas

¹⁴ Constituídos hoje por quatro grupos: cuikuro com as aldeias Ipatse e Ahucugi; os matipu e nahukwá, situados nas aldeias Magijapei e Angahünga; e os calapalo, alocados nas aldeias Aiha e Tanguro (FRANCHETTO, 2001: 124).

incurções ocidentais que buscavam escravos, a migração de grupos Carib do lado oriental para a porção oeste do território tornou-se cada vez mais intensa, ocupando várias áreas entre os rios Culuene e Kurisevo. Tal movimentação teria provocado a retirada dos Aruak para o oeste e norte da região (FRANCHETTO, 2001: 125; HECKENBERGER, 1996; 2001: 52). Porém, o quadro migratório que levou à distribuição geral atual e à localização do ponto de dispersão original ainda necessita de melhor detalhamento, como alertam os próprios autores (FRANCHETTO, 2001: 125).

4.2.4 Estudos Arqueológicos Locais

A área abrangida pelo empreendimento abarca os municípios de **Querência, Canarana, Paranatinga, Gaúcha do Norte e Nova Ubitatã**. Uma pesquisa no CNSA (Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos), disponibilizado pelo IPHAN, resultou na reunião de 49 sítios arqueológicos: 2 em Canarana, 43 em Paranatinga e 4 em Nova Ubitatã, sendo que destes, oito sítios foram identificados no âmbito dos trabalhos de prospecção prévios ao resgate que integra o presente relatório.

Esta visão lacunar da arqueologia da área de estudo está longe de representar as dinâmicas ocupacionais da região. De fato, este conhecimento tem se beneficiado dos trabalhos arqueológicos executados no âmbito de grandes empreendimentos, como a construção de rodovias, LTs, Centrais Hidrelétricas, dentre outros. Com o intuito de conseguir uma visão abrangente das realidades conhecidas para a região, capaz de compor um quadro das formas de ocupação, estendemos a nossa contextualização aos municípios circunvizinhos de Sorriso, Lucas do Rio Verde e Nova Mutum.

Abaixo se apresentam alguns dos principais trabalhos que pautam a área, acompanhados de um levantamento no CNSA dos sítios arqueológicos registrados em trabalhos anteriores (contabilizam-se 22 áreas arqueológicas, dentre sítios e ocorrências), bem como de sítios com registro nas cidades de Canarana e Paranatinga, porém, sem informações sobre suas exatas localizações (Anexo 2 – Quadros 1 e 2). Como teremos oportunidade de constatar, estes dados justificam a execução do projeto, ressaltando a proximidade etnohistórica e arqueológica da região.

Os trabalhos desenvolvidos pela Archaeo de diagnóstico e prospecção no âmbito do empreendimento da PCH ARS, associada ao aproveitamento energético do Rio Von Den Steinen, resultaram na identificação de cinco (05) sítios arqueológicos no município de Nova Ubitatã: os sítios ceramistas Rio Ferro (cujos trabalhos de resgate se apresentarão no corpo desse relatório), Iriapirá I e II, Mata Grande e o sítio lítico Escada de Peixe (HIROOKA 2010).

Dispõe-se de mais informação para os municípios contíguos de Nova Mutum e Sorriso.

No decurso dos trabalhos de Prospecção, Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial que foram realizados na área de implantação da LT 230 kV Nova Mutum - Sorriso – Sinop (regiões centro/norte da LT Paranaíta-Ribeirãozinho), identificaram-se três sítios arqueológicos que atestam a ocupação pré-histórica da região (HIROOKA, 2012). Denominados

de Rio Verde (localizado às margens do rio homônimo), Cateto e Rosana (ambos localizados nas proximidades do rio Rosana), correspondem a sítios a céu aberto: o Rio Verde representa uma oficina lítica e os outros dois, sítios de acampamento temporário de grupos ceramistas. Os autores, numa primeira hipótese, e julgando ser a mais provável, tendo em vista os aspectos ambientais das ocupações e seus artefatos, presumem que estes sítios e seus habitantes pertenceriam a diferentes tradições culturais. Neste caso, trabalharam com duas possibilidades: 1) a oficina lítica pertenceria a grupos de caçadores coletores e, portanto, corresponderia a uma ocupação mais antiga do que os assentamentos ceramistas Cateto e Rosana; 2) a oficina lítica seria contemporânea aos sítios ceramistas, sendo a oficina pertencente à tradição ceramista Uru e os sítios Rosana e Cateto aos grupos ceramistas Tupi. E numa terceira hipótese, julgando-a menos provável, sugerem que os habitantes dos três sítios (contemporâneos ou não) pertenceriam a uma mesma tradição indígena ceramista e, em pequenos grupos, ocupariam diferentes locais e executariam distintas tarefas a fim de tirarem proveito de todos os recursos de subsistência existentes nesta região da floresta amazônica e do cerrado disponíveis dentro de seu território.

Na pesquisa prévia, registraram-se, no município de Sorriso, quatro (04) sítios arqueológicos cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Os autores informaram que tais sítios estão inseridos na sub-bacia do rio Verde, bacia Teles Pires, e que foram pesquisados através de Estudos de Impacto Ambiental da PCH Canoa Quebrada, coordenada por Érika Gonzalez. As informações levantadas no cadastro nacional de sítios (CNSA) trazem poucos dados, apenas informam que se trata de sítios líticos a céu aberto (do tipo oficina lítica), de pequenas a médias dimensões e relacionados a acampamentos temporários. Os dados arqueológicos específicos do município de Nova Mutum são raros.

Os trabalhos de Prospecção Arqueológica na Área de Implantação da Linha de Transmissão 500 Kv SE Paranaíta – SE Cláudia – SE Paranatinga – SE Ribeirãozinho desenvolvidos pela Archaeo, resultaram na identificação de quatro registros arqueológicos: três (03) sítios e uma (01) ocorrência (HIROOKA & HOELTZ, 2013, 2015b), nos municípios de Nova Ubiratã (sítio Formiga Cortadeira, Sítio Trinca Ferro e Ocorrência Secador) e Paranatinga (Sítio Sucupira). Trata-se de sítios cerâmicos, lito-cerâmicos e líticos a céu aberto e tais ocupações foram relacionadas aos grupos Xinguanos.

Contributo para o conhecimento da região prestaram também os trabalhos arqueológicos associados ao empreendimento da Usina Hidrelétrica de Sinop, abrangendo a Área de Impacto Direto os municípios de Sinop, Cláudia, Itaúba, Sorriso e Ipiranga do Norte (HIROOKA & HOELTZ 2015a). Os trabalhos, na etapa de prospecção, resultaram na identificação de 57 elementos de importância arqueológica (36 sítios, 14 ocorrências pré-históricas e 7 ocorrências históricas). A análise de tais elementos após os trabalhos de resgate (em fase inicial) em muito contribuirão para que se estabeleçam correlações inter-sítios e, assim, acrescentar dados que melhor fundamentem as ocupações indígenas ocorridas no passado na região.

Para Paranatinga dispõe-se de importante informação arqueológica. Os trabalhos pioneiros empreendidos no âmbito do ambicioso PRONAPABA - Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica - resultaram na identificação de vários sítios arqueológicos no município, compreendidos no compartimento dos Formadores do Xingu (que se define, grosso modo, pela confluência dos rios Ronuro, Batovi e Culuene e pelo divisor de águas do Roncador) (SIMÕES, ARAÚJO-COSTA 1978: 51). Estes sítios, constam do CNSA, correspondendo a sítios cerâmicos ou lito-cerâmicos a céu aberto. São designados por Mário Simões e Fernanda Araújo-Costa (1978) como “sítio-habitação”, configurando formas semicirculares, contíguos a linhas de água ou lagoas (op. cit.: 143-145).

Outros sítios, que constam também do CNSA, foram estudados por M. Heckenberger, resultando na coleta de informação quantitativa e qualitativa sobre as formas de ocupação da região. As datações conseguidas das escavações arqueológicas realizadas recuaram alguns sítios aos séculos IX – XIV d.C. atribuídos às tradições Ipavu e Xinguana (informações mais detalhadas sobre a questão estão expostas no item supra 4.1.3).

Também os trabalhos desenvolvidos no âmbito da implantação da PCH Paranatinga II contribuem para o quadro ocupacional da região. Num primeiro trabalho - Paranatinga Energia SA (2006) - tem-se o registro de oito (08) novos sítios arqueológicos nas proximidades ou às margens do rio Culuene – situados na região centro, leste e sudeste da BR em questão. Assim sendo, vale mencioná-los a fim de caracterizar o alto potencial arqueológico dessa região¹⁵. Segue uma breve apresentação desses sítios: 1) Sítio Cachoeira do Adelino: sítio cerâmico denso, a céu aberto, de grandes dimensões (em torno de 600 x 400 m), às margens da Cachoeira do Adelino, rio Culuene. 2) Sítio Córrego do Rio Grande 1: sítio lito-cerâmico a céu aberto (em torno de 300 x 300 m) localizado na margem esquerda do rio Culuene e junto à foz do Rio Grande. Presença de amoladores fixos nos afloramentos locais. 3) Sítio Córrego do Rio Grande 2: sítio lito-cerâmico a céu aberto localizado na margem esquerda do Córrego do Rio Grande, na altura de travessões e em um local com pasto em regeneração. Há relação com a tradição Uru. 4) Sítio Córrego do Joaquim: sítio cerâmico a céu aberto localizado a 500 m da margem esquerda do rio Culuene, próximo a um córrego de água cristalina que cai no Culuene e delimita a área do sítio em uma área de topo de média vertente e suave colina. Há relação com a tradição Uru. 5) Sítio Fazenda Paulista: sítio lito-cerâmico situado num dos pontos mais distantes do curso atual do Culuene, na interface entre a área com deposição aluvial de brejo antigo, denominado localmente como varjão, com área de terra mais firme e roxa. O sítio apresentou profundidade de 90 cm, o mais profundo entre os sítios da região. 6) Sítio Fazenda Paraíso: sítio cerâmico a céu aberto, distante 600 m do rio Culuene. 7) Sítio Córrego do Arnor: sítio cerâmico a céu aberto (em torno de 200 400 m), às margens do Córrego do Arnor. 8) Sítio Complexo Kamukuwaká: gruta com desenhos xinguanos, localizada no alto curso do rio Batovi, um dos formadores do Xingu. Uma descrição mais detalhada do Complexo Kamukuwaká encontra-se no capítulo seguinte, da contextualização etnohistórica (item 4.3.1.1).

¹⁵ PARANATINGA ENERGIA S/A – Programa de Patrimônio Cultural PCH PARANATINGA II. MT. 2006: 211 a 223.

Outro trabalho nessa área, denominado de Salvamento Arqueológico na área da PCH Paranatinga II e desenvolvido pela Archaeo resultou no registro de 10 sítios arqueológicos (Culuene I, Culuene II, Barranco Alto, Ponta de Lança, Zorro, Malva, Nascente I, Nascente II, Nascente III e Capivara) e 3 ocorrências isoladas (Córrego Fino, Represa e Sucuri). Tal empreendimento localiza-se na porção sudeste do estado de Mato Grosso, na divisa entre os municípios de Paranatinga e Campinápolis, na margem direita do rio Culuene, aproximadamente 10 km à jusante da ponte em que a rodovia MT-220 cruza o rio Culuene. Dentre estes, os sítios Culuene I, Culuene II e Ponta de Lança são sítios lito-cerâmicos, e os sítios Nascente I, Nascente II, Nascente III, Zorro, Malva, Capivara e Barranco Alto que são exclusivamente líticos. Dentre os sítios datados, registra-se para o sítio do Zorro cronologias em torno de 6.120 +/- 50 anos BP para a ocupação aos 35 cm e um período mais antigo de 8.270 +/- 50 anos BP para a ocupação entre os 60 e 70 cm de profundidade. Assim sendo, o sítio do Zorro é correlacionado à fase Serranópolis (SCHMITZ et al., 1989), definida para o Brasil Central, na região de Serranópolis/GO, e com datas que abrange o período entre 9/8.000 e 2.000 anos BP. Para os sítios lito-cerâmicos Culuene I e II – há registro para o primeiro de uma ocupação diacrônica, balizada entre os séculos XI e XV (com datações entre 1.030 – 1.320 d.C. e 1.300 – 1.450 d.C.), e correlacionado à Tradição Xinguana (fase Ipavu); e para o segundo, cronologias enquadradas entre os séculos XIII e XV (datações entre 1.230 e 1.400 d.C.), e associado à cerâmica da Tradição Uru do Planalto Central. As evidências, assim, atestam uma ocupação densa do entorno do Culuene, marcada pela presença de culturas de caçadores coletores e ceramistas.

No município de Canarana, constam do CNSA dois (02) registros arqueológicos: o sítio Remreure - em abrigo, cerâmico e com pintura rupestre geométrica - e o Sítio do Posto - cerâmico a céu aberto (CNSA).

A informação acima exposta, compilada dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na nossa área de estudo, permite alumiar sobre as formas de ocupação do centro mato-grossense, observando-se: 1) sítios cerâmicos e lito-cerâmicos a céu aberto; 2) oficinas líticas de lascamento a céu aberto; 3) sítios de arte rupestre em abrigo ou gruta, por gravação ou pintura, que compõem o discurso identitário da etnia a que se reportam.

4.3 Os Registros sobre a Ocupação Histórica de Mato Grosso

Com os mesmos elementos utilizados pelos viajantes (no período imperial) – atraso, isolamento, abundância, vazio, imensidão, indolência da população nativa-, embora revestidos de novos significados, estas elites produziram a representação de Mato Grosso como região situada nos confins da nação civilizada: um grande e incivilizado sertão, uma remota fronteira da pátria, área que era imperativo ocupar, colonizar, civilizar, desenvolver, modernizar para garantir a integridade territorial e política do Brasil (GALETTI, 2000: 43).

Pensar a história de Mato Grosso e sua ocupação inicial passa necessariamente pela sua compreensão enquanto processo histórico de média duração, com contornos próprios e dinâmicos bastante complexos. A existência e configuração espacial de Mato Grosso nos dias atuais estão fortemente associadas aos imaginários e representações dos primórdios da colonização (séculos XVIII e XIX) e as imagens de ‘eldorado perdido’ e ‘terra prometida’ nos dias atuais são recorrências desta época.

Para entender os grandes programas de conquista e colonização da Amazônia da era contemporânea, precisamos entender esses movimentos de ocupação territorial num tempo histórico mais dilatado. Nas próximas linhas identificaremos as várias fases e facetas desta ocupação na perspectiva de sua historicidade e espacialidade.

As espacializações e ocupação por grupos de colonos ocorrida no estado de Mato Grosso, embora pareçam fenômenos recentes, remonta ao séc. XVIII, mais precisamente ao ano de 1718, quando o bandeirante Pascoal Moreira Cabral encontrou ouro nas margens do rio Coxipó. Nos arredores desses novos achados auríferos se estabeleceram vários povoados, mais circunspectos à região conhecida como baixada cuiabana, e tais movimentações causaram um fluxo intenso de ocupação em áreas que, pelo tratado de Tordesilhas de 1494, pertenciam aos espanhóis. Aos poucos a mineração foi se expandindo criando pequenos núcleos urbanos e vilarejos como os de Nossa Senhora do Livramento de Cocais, Serra Acima, Lugar dos Guimarães (atual Chapada dos Guimarães) e São Pedro Del Rey (Poconé), entre outros.

Com a crise da produção aurífera no segundo quartel do séc. XVIII, nas minas de Cuiabá ocorre uma nova expansão no sentido oeste. Numa incursão em busca de novas datas minerais, a bandeira de Fernando Paes de Barro encontra pequenas manchas de ouro nas margens do Rio Sararé e Galera, afluentes do Guaporé, mais a oeste da Vila de Cuiabá, lugar que daria origem a primeira capital da Capitania de Mato Grosso – Vila Bela da Santíssima Trindade, fundada em 1752.

Segundo relatos de Francisco Caetano Borges nos Anais de Vila Bela de 1754 sobre a expansão da conquista oeste da Vila de Cuiabá, os primeiros achados de ouro desta região indicam o nome de dois desbravadores bandeirantes, ofuscando os demais homens envolvidos na bandeira, como Miguel Sutil, paulistano de Sorocaba:

Saiu da Vila do Cuiabá Fernando Paes de Barros com seu irmão Artur Paes, naturais de Sorocaba, e sendo o gentio Pareci o mais procurado e já quase extinto, e depois de conquistarem alguns nas suas vastas campanhas, cursaram mais ao poente delas com o mesmo intento, e arranchando-se no ribeirão que deságua no rio Galera, o qual corre ao nascente a buscar o rio Guaporé, e aqueles nascem das fraldas da serra hoje chamadas de São Francisco Xavier de Mato Grosso da parte oriental, fazendo experiência de

ouro, tiraram nele três quartos de uma oitava (aproximadamente 2 quilos e meio) na era de 1734.

Estas novas descobertas dariam partida a um novo movimento da ocupação territorial na região mais oeste da capitania, dando origem aos núcleos urbanos e povoados de Vila Maria (atual Cáceres), Coimbra, Albuquerque, Diamantino e os arraiais de Ouro Fino, Santana e São Francisco Xavier. Nestes inúmeros movimentos de agrupamentos colonizatórios, aos poucos os territórios ancestrais dos povos indígenas sobrepostos pelos domínios hispânicos foram se fazendo lusitanos.

Apesar de considerar também nesses primeiros momentos de expansão colonial o eixo colonizatório no sentido mais a leste de Cuiabá, através da estrada de terra para Goiás até o Registro da Ínsua (atual Barra do Garças), seu adensamento populacional e urbano foi consideravelmente menor em relação à região oeste; contudo, esses também existiram, apesar de ainda pouco conhecidos pela história regional.

Desde a Guerra do Paraguai as questões de fronteira de Mato Grosso preocupavam os governantes provinciais e imperiais, pois existia um vastíssimo território a ser ocupado com uma baixíssima demografia, estes territórios foram posteriormente, no período republicano, denominados vazios geográficos. Finda a guerra, toda a vida econômica da província passou a desenvolver-se ao longo das regiões ribeirinhas (...) e a evidência mais significativa deste processo foi a implantação de modernas usinas de açúcar na região de Santo Antônio do rio abaixo a partir de 1880 (...) (ALVES, 1984).

Se observarmos de forma mais atenta ao longo da história de ocupação desta região, esta preocupação com a defesa e a fronteira vai balizar todas as políticas de ocupação oficiais. Uma das primeiras medidas adotadas no sentido de legitimar a ocupação ainda no período imperial foi instituir a lei de terras de 1892, que foi elaborada após trinta anos da extinção do regime de sesmaria colonial. Esta lei criou o conceito de propriedade privada do solo e de terras devolutas, reafirmando o modelo da grande propriedade combinada à produção para o mercado externo. Conforme salienta Moreno:

Mas, ao invés de beneficiar os pequenos posseiros, garantindo-lhes a propriedade territorial com a democratização do solo, a lei produziu, ao contrário, enormes latifúndios, adjudicando, a títulos gradativos, vastas extensões de terras a particulares. (MORENO, 1993: 105).

A lei de Terras de Mato Grosso aos moldes da lei brasileira de 1850 teoricamente criava a possibilidade de adquirir terras, mediante compra. Com isso, consolidavam as transformações capitalistas no Brasil, cujo centro continuará sendo o privilégio das grandes propriedades. Ao fim do século XIX a região mais ao sul de Mato Grosso sofreu rápido desenvolvimento agropastoril, criando configurações políticas emancipacionistas locais que

mais tarde levariam ao rompimento com a direção administrativa de Cuiabá, culminando com o surgimento de Mato Grosso do Sul em 1977.

No período imperial (1822-1889) observamos uma rápida introdução do capitalismo na região sul da província dando origem a outros movimentos econômicos e expansionistas. Mato Grosso geograficamente compreendia desde a sua colonização inicial até 1950 a área dos atuais estados de Rondônia e Mato Grosso do Sul.

O avanço das casas comerciais, da indústria açucareira no pós-guerra do Paraguai aqueceu a economia regional (ALVES, 1984) e a abertura da navegação fluvial pela bacia platina incentivou a exportação de mercadorias (BRANDÃO, 1991), neste período observa-se uma ocupação mais intensa na bacia do rio Paraguai.

Para Fernando Tadeu de Miranda Borges a fase mais dinâmica da ocupação econômica do estado de 1870 a 1930 é marcada pela exploração da borracha e da ipecacuanha, esta última foi explorada principalmente nas cidades de Vila Maria, Barra do Bugres e Diamantino. A ipecacuanha, mais conhecida em Mato Grosso como “mata de poaia”, era encontrada na zona dos rios dos Bugres, Jauru, Sepotuba, Cabaçal e Paraguai (BORGES, 2001: 51). Aos poucos os impulsos do extrativismo iam atraindo levas de migrantes interessados na exploração econômica de Mato Grosso e dilatando a ocupação da região para a porção mais ao norte de Mato Grosso. Outra atividade importante foi a exploração da borracha para a exportação que era enviada para Londres e Hamburgo, segundo observado por Borges:

As áreas onde se deram as explorações da borracha em Mato Grosso localizaram-se nas imediações do rio Paraguai, Juruena, Arinos, Paranatinga e Alto Tapajós. A borracha de Mato Grosso foi exportada, uma parte pela Bacia do Prata e a outra, em maior quantidade, pelo rio Amazonas. (BORGES, 2001: 67).

Podemos considerar de uma maneira geral que o grande ‘boom’ de desenvolvimento de Mato Grosso ocorre após a proclamação da república, fase em que o Estado se insere definitivamente no modo de produção capitalista brasileiro e rompe com as atividades extrativistas. Com o advento da República e a abolição da escravidão, a economia matogrossense mergulha numa grande crise decorrente da escassez da mão de obra, difícil de recrutar na grande extensão geográfica de um estado com tão baixa concentração populacional.

A partir de então, a colonização agrícola foi uma das estratégias utilizadas pelos governos para promover a ocupação de novas terras através de órgãos governamentais ou empresas privadas de colonização. A ideia de um Mato Grosso hostil e inóspito desde o império preocupava os governantes, mas como interligar esta região esquecida pela civilização ao litoral brasileiro? Este trabalho ficou a cargo de Marechal Rondon e suas linhas telegráficas, projeto colonizatório prioritário da república emergente, conforme argumenta Maciel:

Mais que uma racionalidade de ordem econômica ou uma idéia do telégrafo como propulsor do progresso e do desenvolvimento, eram razões estratégicas de povoamento e defesa do território as justificativas e alavancas para a construção de uma linha telegráfica entre Mato Grosso e o Amazonas. (MACIEL, 1998: 100).

Em 1907, por ordem do Ministério da Guerra, Rondon decide ligar Cuiabá a Cáceres, por um ramal de 250 km de linhas, quando é designado pelo Presidente Afonso Pena para executar um plano mirabolante, interligar Cuiabá ao Acre passando pelas margens do rio Madeira num total de 1.600 km de extensão. Em fevereiro de 1908 Rondon inaugura a linha de Cáceres e parte para a nova empreitada, concluída somente oito anos depois, em 1915.

Onde passou os troncos e ramais principais das linhas telegráficas foram posteriormente surgindo cidades e rodovias, as linhas servirão mais tarde como pontilhões de desenvolvimento e expansão capitalista, facilitando o acesso à região noroeste e norte do estado. Neste caso, as experiências colonizatórias anteriores e investidas no território foram determinantes para definir os traçados e rotas das linhas, sempre tendo em vista a exploração/ocupação dos espaços vazios de Mato Grosso. Deste movimento surgiram posteriormente cidades como Tangará da Serra, Campo Novo dos Parecis, Brasnorte e Juína.

Nesse movimento de ocupação e expansão territorial marcada pelos telégrafos, Rondon também estabelecia contatos com povos indígenas e criava postos indígenas, que foram dirigidos pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI criado em 1910. Nesta mão dupla que levava comunicação, estrada de terra, pacificação aos povos indígenas e traziam-se as notícias das riquezas do sertão, temos as pré-condições para uma ocupação demográfica mais intensa da região. O processo denominado de “pacificação” começava com a primeira investida da Comissão Telegráfica que reconhecia os índios da área e estabelecia os primeiros contatos, em seguida, repassava o trabalho de atração e instalação de aldeamento para o Serviço de Proteção aos Índios.

Essa dupla atividade de Rondon nos permite pensar numa ação integrada, de redefinição dos espaços geográficos do Centro Oeste e Norte do Brasil, contribuindo para a povoação de novas frentes de colonização e freando os conflitos entre colonizadores e povos indígenas, a partir da localização desses índios e, por conseguinte, da instalação de espaços com condições mínimas para fins de “reeducação”, na direção da tão sonhada civilização, sob a tutela dos homens “civilizados”.

A abertura dos sertões e a redefinição territorial no início do século XX faziam parte de um programa nacional que visava consolidar o Brasil enquanto Estado soberano, conforme afirma Lenharo:

A conquista do oeste significava para o regime a integração territorial como substrato simbólico da união de todos os brasileiros. A ocupação dos espaços ditos vazios significava não

simplesmente a ocupação econômica da terra, transformada em geradora de riquezas; sua pretendida ocupação seria procedida de maneira especial, a ponto de fixar o homem na terra através de métodos cooperativos, que redimensionassem as relações sociais, de acordo com a orientação política vigente. (LENHARO, 1986).

A partir de 1930, dá-se início a transformação de uma sociedade agroexportadora para uma sociedade urbano-industrial. Verifica-se a passagem de uma política de imigração que utilizava os contingentes estrangeiros para fins de colonização, para uma política de orientação das imigrações internas para as áreas de fronteiras através das frentes agrícolas. Assim, o governo federal barra a imigração estrangeira e se propõe a conceder ajuda aos assentamentos das populações rurais nacionais.

A marcha para o Oeste (1937) e a Expedição Roncador-Xingú (1943), são exemplos desse período. A política de colonização, oficial ou particular, passa a ter o caráter de povoar de forma a organizar os “vazios demográficos”, utilizando para isto, o excedente populacional de pobres, principalmente da Região Nordeste. Para Preti (1993: 75) a Marcha para o Oeste, anunciada em 1938 pelo Presidente Getúlio Vargas, é o sintoma das preocupações do Governo em ocupar grandes vazios, no intuito não só de manter a unidade política do país como também (...) de preencher os espaços vazios entre as “ilhas econômicas” que formavam o Brasil. Para o autor não estava em jogo só as preocupações ideológicas e autoritaristas de “unidade nacional” de Vargas e de integração do vasto território, mas de forma especial, preocupações de segurança interna.

O projeto de Marcha para o Oeste não era um movimento massivo que ocuparia e desenvolveria metade do país em curto tempo, mas sim serviria como um instrumento eficaz para evitar aglomerações de desocupados nos grandes centros urbanos, em decorrência da abertura da consolidação de uma economia capitalista industrial. Com a política de colonização de Getúlio Vargas em 1930, criaram as chamadas colônias nacionais como parte do programa Marcha para o Oeste. Neste período ocorre um crescimento vertiginoso da região mais a oeste do estado, onde se estabeleceu inúmeras colônias e sofreu forte influxo populacional motivada pela mineração de diamante principalmente nas margens do Rio Garças no município de Lageado (depois Guiratinga). Aos poucos percebemos um adensamento e equilíbrio ocupacional no vastíssimo território mato-grossense, em que pese o estado não viver ainda seu auge desenvolvimentista.

Outro fator que influenciaria nesta etapa da ocupação e Marcha para Oeste foi a estratégia adotada por Getúlio Vargas de encaminhar as massas nordestinas para a Amazônia, projetando o Brasil novamente no mercado internacional da borracha. Ainda no contexto da Marcha para o Oeste, foi criada a Fundação Brasil Central, como propósito de administrar a expedição encarregada de desbravar o interior do país e batizada como Expedição Roncador-Xingú.

Em dezembro de 1943 a expedição se dividia em três grupos, partindo do Araguaia até chegar ao Rio das Mortes. Faziam parte desta expedição os irmãos Villas Boas (Cláudio, Leonardo e Orlando), outro grupo foi por terra, atravessando a cidade de Barra do Garças. Já o terceiro grupo da expedição desceu o Rio Araguaia e subiu o Rio das Mortes, até a Ilha do Bananal, chegando ao povoado de São Félix. A base principal da expedição foi instalada na cidade de Xavantina, de onde seguiram por terra e entraram na área dominada pelo povo Xavante. Em 1944, o presidente Getúlio Vargas e o ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, visitaram a base principal da Expedição no Rio das Mortes. Destas incursões temos o surgimento de importantes cidades na região Água Boa, Nova Xavantina e Canarana, entre outras.

4.3.1 A Colonização durante a Ditadura Militar (1964-1985)

Consideramos para este estudo de ocupação histórica de Mato Grosso as décadas de 1970/80 como o grande auge da colonização do Estado, pelas características e intensidade das frentes populacionais e pelas razões que esporemos abaixo.

Após anos de expansão nas mais diversas regiões de Mato Grosso, restava a enigmática e sedutora região norte, que alimentava o imaginário de riqueza de todo o Brasil, mas que continuava impenetrável e inacessível aos interesses econômicos nacionais e transnacionais. Os princípios norteadores da Marcha para Oeste de Vargas são reinventados neste contexto histórico batizado de Projeto de Integração Nacional- PIN, um programa audacioso e mirabolante dos militares composto de vários projetos oficiais com vistas para ocupação da Amazônia brasileira.

Preti (1993) informa que sob o pretexto de integrar a Amazônia à economia nacional e querendo demonstrar preocupações com os problemas sociais que atingiam os pequenos produtores rurais das regiões nordeste e do sul do país, o governo federal, a partir de 1970, abriu a Amazônia para projetos de ocupação ordenada, sob o controle e tutela do estado. Dois marcos dessa estratégia expansionista, sem dúvida nenhuma, foi a construção da Rodovia Transamazônica BR-230 e da Rodovia Cuiabá-Santarém, a BR-163. Além dos incentivos fiscais e subsídios oficiais eram necessárias estradas e grandes rodovias, onde ao longo de seu percurso seriam instalados os projetos de colonização para pequenos e médios produtores e os projetos agropecuários para atender os grandes empresários (PRETI, 1993).

Em 1972 começa a abertura da Estrada Cuiabá-Santarém, BR-163, pelo 9º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC) do exército brasileiro. O projeto inicial pretendia asfaltar 1.780 km de extensão (esforço parecido ao de Rondon), mas, por vários motivos e empecilhos, no final da obra o BEC conseguiu asfaltar apenas os 702 Km iniciais, alcançando a área de colonização de Guarantã do Norte, ainda em Mato Grosso. No entanto, o asfaltamento do restante do trecho até Santarém (PA) gera intensas polêmicas e divide opiniões até os dias atuais.

A partir de 1985 (no pós-Ditadura Militar) a BR-163 pós Guarantã do Norte foi abandonada à sorte e o governo deixou de investir recursos para a sua conclusão e manutenção, frustrando os investidores e especuladores de terras da região. Este processo deixou como herança histórica um dos maiores conflitos fundiários do país, envolvendo grupos marginalizados na luta pela terra, especuladores de terra, fazendeiros, grileiros, povos indígenas e ambientalistas.

Nesta região, existem atualmente colonos e cidades distantes dos centros de abastecimento do país abandonadas pelo poder público, tendo acesso precário aos meios de comunicações, estradas asfaltadas e infra-estrutura básica, como energia e saneamento básico. A ideia de progresso construída pelos projetos faraônicos da ditadura de 64 vem aos poucos sendo resignificada no embate entre ONGs, ambientalistas, grupos sociais organizados, poder público e sociedade envolvente.

As ações, desde a Marcha para o Oeste ao PIN e PAC - Projeto de Assentamento Conjunto -, visavam sempre ocupar o território, garantindo sua posse e abrindo tais áreas ao excedente populacional do país - a história de Mato Grosso sempre foi a da terra prometida.

No bojo desta construção ocorre a criação da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), a criação do Banco da Amazônia (BASA), no ano de 1966 e do projeto Polonoroeste com linha de créditos financeiros e apoio técnico para as áreas de colonização. Através dessas instituições públicas de fomento financeiro e logístico, toda a região amazônica passou a ser ocupada por grandes empresas colonizadoras de terras, conforme afirma Moreno:

Durante este período foram registradas no INCRA-MT 33 empresas privadas (...) que implantaram 88 projetos de colonização particular. Estes abrangeram 3,25 milhões de hectares, cujas áreas foram ocupadas por cerca de 19.550 famílias de colonos, a grande maioria procedente da região sul do país. (MORENO et al., 2005: 67).

Durante o governo Médici (1969-1974), ao longo da BR-163, pretendia-se assentar cerca de 100.000 famílias de nordestinos atingidos pela seca de 1970, no Programa de Desenvolvimento do Centro Oeste (PRODOESTE), criado pelo Decreto Lei nº 1.192 de 08/11/1971, que veio complementar o trabalho de abertura de estradas iniciadas com o PIN. A previsão do governo federal era de assentar até 1974 mais de um milhão de pessoas na Amazônia legal brasileira. Entre 1977 e 1985 200 mil pessoas se instalaram ao longo do eixo da BR-163 (JOANONI NETO, 2004: 213). Nesse cenário, acrescenta-se também a leva dos fluxos migratórios, caracterizando a região por graves distorções na distribuição de terras e rendas, podemos citar os posseiros, seringueiros, garimpeiros, pequenos agricultores e contraposição com empresários nacionais/estrangeiros e indígenas. Segundo Rocha:

No caso do Mato Grosso, a construção da BR-163 tornou-se um caso emblemático já que no rastro da abertura da rodovia surgiram inúmeros projetos de colonização organizados por empresas particulares que mobilizaram grande contingente de migrantes e deram origem a vários municípios tais como Sinop, Sorriso, Nova Mutum, Cláudia, etc. As colonizadoras recebiam os mais diversos incentivos e estímulos oficiais, tais como terras financiadas no longo prazo, apoio em infra-estrutura, financiamentos de projetos, dentre outros, interferindo sobre o uso da terra numa escala sem precedentes e incentivando intensos fluxos migratórios para a ocupação e incorporação produtiva da fronteira. No tocante à apropriação da terra, pode-se afirmar que ocorreu um processo de diferenciação social decorrente da forma como se deu a sua posse e utilização, conferindo especificidades a cada projeto de colonização. (ROCHA, 2008: 2).

Outra política de ocupação adotada foi destinar as terras marginais da BR-163 (100 km do entorno) para pequenos colonos com interesse na pequena produção e as demais terras voltadas para o agronegócio e o latifúndio, conforme argumenta Rocha:

A construção das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém (BR-163) representa a síntese desta estratégia ao destinar uma área de 10 Km de cada lado da rodovia para fins da colonização oficial com objetivo de apoiar o pequeno produtor, principalmente ao desprovido de terra e ao proprietário de minifúndio. (ROCHA, op. cit.).

Mesmo depois de pavimentada a rodovia teve muitos problemas pela falta de manutenção e conservação de seus trechos até Cuiabá, conforme ressalta Souza:

Na década de 70, mais precisamente no ano de 1979, devido a sua má conservação, esta rodovia ficou intransitável na temporada das chuvas. A estrada se tornou em um penoso e precário caminho em direção a Cuiabá, gerando muitos prejuízos à economia da região norte. (DE SOUZA, 2004: 157).

A colonização ao longo da rodovia tinha duas vertentes de investimentos, uma de capital privado e a outra de capital misto, conjugando a ação do INCRA com a das colonizadoras privadas, denominada de Projeto de Assentamento Conjunto PAC (Figura 17). Desta iniciativa surgiram várias áreas de colonização e cidades. Segundo Nédélec:

No final da década de 70, o governo federal procura implementar projetos de colonização pública ao longo da BR-163. O INCRA não quis assumir sozinho a realização desses projetos e decide então

estabelecer parcerias com associação de produtores ou cooperativas. São criados os PAC (Projeto de Assentamento Conjunto). No Mato Grosso, o governo instala seis PACs. (NÉDÉLEC, et al., 2005: 644).

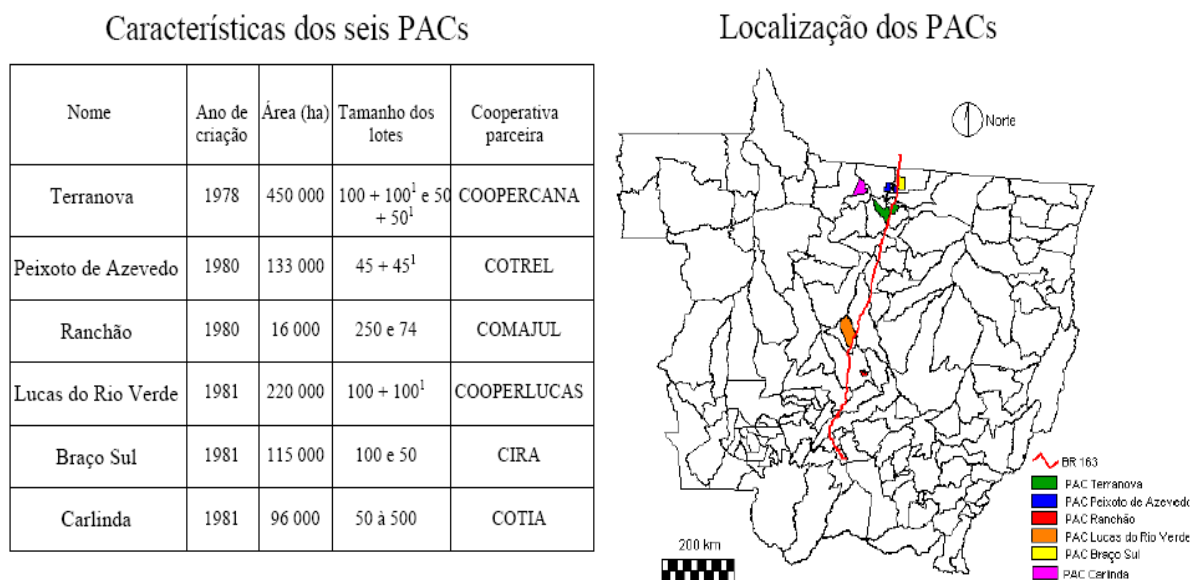


Figura 17. Características e localização dos PACs (Fonte: NÉDÉLEC et al., 2005)

Ao longo da BR-163 foram construídas pelo menos cinco grandes cidades, a saber: Nova Mutum, Lucas do Rio Verde, Sorriso, Sinop e Alta Floresta. Conforme ressalta Custódio:

A partir de 1976 foi instalada a Colonizadora Sorriso (atual Colonizadora Feliz), empresa que passou a comercializar os lotes rurais e urbanos. Nessa época, a colonizadora chegou a doar alguns lotes urbanos para quem comprasse lotes rurais e estivesse disposto a permanecer no local. (CUSTÓDIO, 2005: 52).

A estratégia do governo federal era dirimir os latentes conflitos de terras principalmente no Rio Grande do Sul onde se fortalecia o movimento sem terra atraindo colonos para o norte de Mato Grosso com promessas de terras férteis, logística, apoio tecnológico e financeiro. Contudo, não foi bem isso que aconteceu depois da chegada em Mato Grosso, segundo alerta Castro:

A vinda para o projeto representou, então, a condição efetiva da propriedade da terra, mas não a viabilização do processo produtivo. As condições de vida nessa área foram tão adversas que muitos desistiram de seu lote e voltaram para o sul. (CASTRO et al., 1993: 61).

Esta ocupação inicial das pequenas colônias recebeu levas significativas de migrantes, principalmente da região sul do Brasil, que vendiam pequenas propriedades e adquiriam verdadeiros latifúndios em Mato Grosso, muitos vieram fugidos dos conflitos de terra e da forte geada ocorrida no Paraná no ano de 1975. Sobre este perfil de colono a pesquisadora Rosane Rosa afirma:

Dentro desta perspectiva, sobre a formação do colono é preciso retomar uma questão primordial que foi a escolha do “colono ideal”. A escolha do colono do norte do Paraná não foi feita ao acaso, na realidade este era o colono perfeito, pela sua tradição, ou seja, por esta região ter sido colonizada anteriormente e assim ter recebido migrantes de todas as regiões do Brasil. Acostumado a mudanças e a enfrentar situações difíceis de sobrevivência e, sobretudo, obstinado ao trabalho de abertura de fronteiras agrícolas, esse colono foi considerado como elemento adequado à idéia do colonizador para fazer parte do projeto, ou melhor, para fazer este acontecer. (ROSA, 2003: 76).

Entre as empresas colonizadoras de capital privado destacamos a COLÍDER COTRIGUAÇU, SINOP e a INDECO – Integração, Desenvolvimento e Colonização. Esta última foi a empresa responsável pelo Projeto de Colonização de Alta Floresta, de propriedade de Ariosto Riva, que adquiriu 400 mil ha dos 2 milhões de hectares colocados à venda, como terras devolutas pelo governo do estado de Mato Grosso.

Geralmente as áreas de loteamento variavam de 200 a 300 hectares que, segundo os colonizadores, adquirir uma área maior que este tamanho inviabilizaria os investimentos na abertura da terra e seu cultivo. Imagine o impacto destes grandes investimentos para os interessados em adquirir terras no Estado. Aliás, parte importante do sucesso destas frentes pioneiras são justamente as propagandas oficiais e privadas realizadas em todo Brasil e principalmente na região sul. Assim, Mato Grosso rapidamente tornou-se num eldorado perdido (GUIMARÃES NETO, 2005). Segundo Souza:

A colonizadora Sinop ocupou uma área de 645 mil hectares. Foram instalados quatro núcleos urbanos e de apoio dentro da área de colonização: Vera, Santa Carmem, Claudia e Sinop, que hoje é sede do município de mesmo nome e a principal cidade do projeto (DE SOUZA, 2004: 84).

Na década de 70/80 Sinop era a única cidade com pontos de comércio e logística que existia num raio de 500 km. Sinop é resultado dos projetos de colonização encabeçada pelas empresas de colonização da Amazônia, tendo à frente um dos maiores expoentes colonizadores do estado, um plantador de cidades, como define a historiadora Regina

Beatriz¹⁶, o empresário Ênio Pipino, do grupo SINOP (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná), que fundou a cidade de SINOP.

A autora aponta que para Ariosto da Riva (colonizador da região de Alta Floresta) e Ênio Pipino as novas cidades que surgiram de sua obra colonizadora possuíam a cor da explosão do progresso das cidades paranaenses, também fruto da colonização orientada. Plantar na Amazônia, mais precisamente no norte mato-grossense, o modelo das cidades paranaenses era a projeção mais fantástica desses empresários¹⁷.

Contudo, durante a construção da BR-163, várias sociedades indígenas foram expulsas de seus territórios, como os índios Panará que rapidamente começaram a frequentar a estrada Cuaibá-Santarém e iniciaram um processo de degradação social, sendo posteriormente transferidos para o Parque Indígena do Xingu por intermédio dos irmãos Vilas-Boas, retornando em seu território tradicional apenas no ano de 1995/96.

Os Panará se autodenominam de Kreen-Akarôre, conhecidos também com a grafia Krenakarore, Kreen-Akrore, Krenhakore, Krenacarore, Kranhacãrore. A denominação conhecida também é “índios gigantes”. Sua área situa-se atualmente entre os municípios de Garantã (MT) e Altamira (PA).

Mas não foram só estes índios que tiveram seus territórios ancestrais invadidos e ameaçados pelos projetos colonizatórios da Ditadura Militar, destacamos outros tantos, como os Kaiabi, Kreen-Akarôre, Jurema, Auyá, Apiaka, Trumai, Trikão, Aurá e Txukahamãe.¹⁸

Esta região, entre os atuais municípios de Nova Mutum e Sorriso, era conhecida pela presença histórica dos índios Kaiabi que devido aos inúmeros contatos acabaram perdendo parte do seu território: como motivo de fundo a reação contra as pressões conflitivas que originaram no contato com as frentes pioneiras, que começaram a atuar sobre esta tribo desde os primeiros contatos de 1925 e, ainda antes (OPAN-CIMI, 1987).

Os Kaiabi, em sua maioria, habitam atualmente a área do Parque Indígena do Xingu (PIX), Mato Grosso. Esta, porém, não é sua terra tradicional. Até aproximadamente a década de 1940 ocupavam uma extensa faixa entre os rios Arinos, Tatuy (denominação Kaiabi para o Rio dos Peixes) e médio Teles Pires ou São Manuel, localizada a oeste do Rio Xingu.¹⁹ Antes da transferência, os Kaiabi ocupavam cerca de três milhões de hectares no noroeste de Mato Grosso entre os rios Arinos, dos Peixes (Tatuy) e Teles Pires (Wyrasing'y) - (ISA, 2000: 651).

Os Kaiabi, desde pelo menos a primeira metade do séc. XX, havia tido contato com as frentes de expansão e exploração da seringa. Conforme apresentado no ISA:

¹⁶ GUIMARÃES NETO (2002).

¹⁷ GUIMARÃES NETO (2002).

¹⁸ CASTRO; BARROZO; COVEZZI; PRETI (1994).

¹⁹ Instituto Socio-Ambiental – ISA. Disponível no site <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaiabi/273>, acessado em 07/12/2008.

A partir da década de 40 houve um recrudescimento na atividade destes seringueiros e também de posseiros da região, e os índios passaram a ser sistematicamente aliciados para trabalhar nos seringais. Na década seguinte, quase toda a região foi retalhada em glebas e alienada pelo governo do estado do Mato Grosso para fins de colonização sem levar em conta as populações indígenas que lá habitavam. (ISA, 2000: 651).

A aldeia dos Krenakarore desapareceu com a abertura da Rodovia Cuiabá - Santarém. Em seu lugar surgiu a cidade de Peixoto de Azevedo, um acampamento de garimpeiros de arruamento desordenado e barracos de madeira (DE SOUZA, 2004: 92).

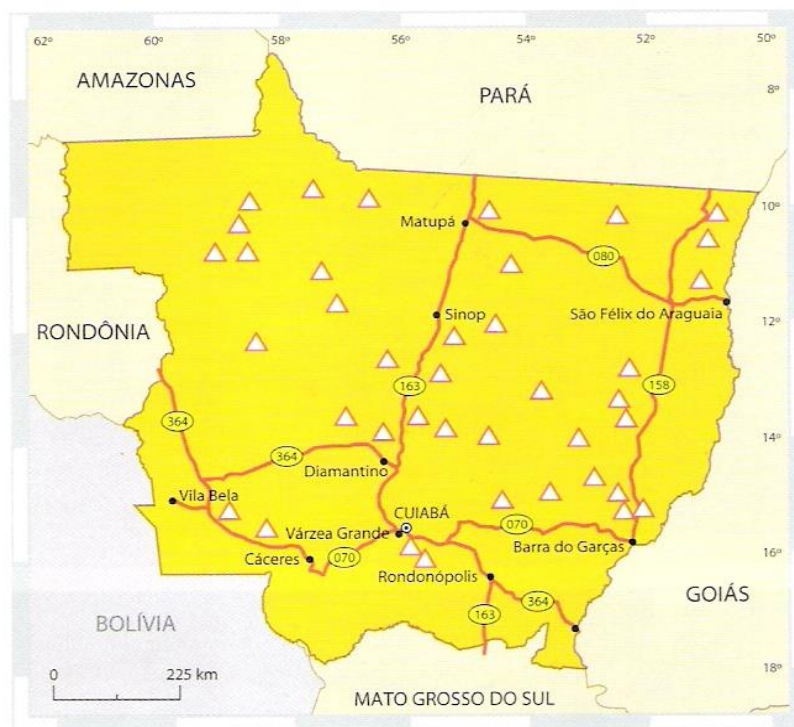
Se observarmos atentamente o território em que se riscou a rodovia na altura do município de Nova Mutum e Sorriso, onde se localizam os afluentes destes rios, constataremos a área de perambulação ancestral destes índios que tinham uma razoável sedentarização. Motivadas pelas suas características econômicas, provavelmente os conflitos entre colonos e índios não foram poucos nesta região.

A alimentação Kaiabi, assim como sua agricultura, é bem diversificada. A base alimentar, composta pela farinha de mandioca e pelo peixe, é complementada por beijus, mingaus à base de mandioca, milho, amendoim, banana, frutas silvestres, etc. Anteriormente a caça tinha um papel mais importante na dieta, mas a maior sedentarização do grupo na calha dos rios principais, aliada, entre outros fatores, à rarefação de alguns animais, contribuiu para que a pesca tenha se tornado a principal fonte de proteína animal para o grupo (SOUZA, op. cit.). Apesar de serem conhecidos desde as incursões poaeiras nos sertões no início do século XX, estes índios efetivamente abandonaram a região com os contatos da década de 70 e a implantação das fazendas do agronegócio. No entanto, o processo de contato deixou marcas profundas e dividiu os Kaiabi em três aldeias. Comandados pelos irmãos Vilas-Boas, assim como com os Panará, os Kaiabi foram habitar as terras indígenas do Xingú (PIX). Outra pequena parcela da população que se recusou a ir para o PIX permanece até hoje em uma pequena área que divide com alguns remanescentes Apiaká, localizada no Tatuy (TI Apiaká-Kayabi), município de Apiacás. Outra pequena parcela dos Kaiabi vive atualmente no baixo Teles Pires, em uma Terra Indígena (TI) localizada já no estado do Pará, para onde foram sendo empurrados pela ocupação de suas terras (TI Cayabi e TI Cayabi Gleba Sul).

Com este impulso de ocupação na década de 70/80 (Figura 18), Mato Grosso, que adentrou o século XX com pouco mais de 30 municípios, alcançou no fim da década de 1980 mais do que 80 e atualmente possui 142 municípios – ou seja, mais do que dobrou a sua população (MORENO, 2005: 71).

Hoje estas cidades são responsáveis por mais de 1/3 da produção de grãos do estado e se tornaram fenômenos nacionais de desenvolvimento econômico e adensamento populacional, atraindo inúmeros contingentes de pessoas advindas de todas as regiões do país

em busca do eldorado mato-grossense, que desde a colonização embalou toda onírica história de ocupação e desenvolvimento deste estado.



Fonte: BRASIL, 1994.



Figura 18. Distribuição espacial dos projetos particulares de colonização implantados nas décadas de 1970/1980 (Fonte: MORENO, 2005: 60)

4.4 Contextualização Etnohistórica

A área deste projeto está situada nas cabeceiras do Xingu e próxima do Parque Indígena do Xingu. A representativa indígena dentro deste Parque é uma das mais complexas do Brasil. Dentro deste contexto se destaca a Gruta Kamukwaká que foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro. Esta gruta situa-se fora dos limites do Parque e está a cerca de 1,0 km do novo traçado da rodovia BR-242/MT. Neste trabalho foram levantados os limites mínimos de isolamento deste monumento natural e cultural e o traçado da estrada, deslocado com o sentido de preservar a sua integridade.

4.4.1 Povos do Xingu

A área do Alto Xingu – onde se enquadra o empreendimento - destaca-se pela proximidade de etnias, organizadas em torno dos principais rios tributários da bacia, eixos naturais de circulação. No mapa de Curt Nimuendajú (1987), podemos observar, para a região em estudo, a presença de elementos das etnias: Bakairi, Tsuva, Kuikuro, Nahukwá, Kalapalo, Naravute (**Karib**, alto Batovi, Kurisevo e Culuene), Kamayurá, Aweti, Arawine (**Tupi**, no baixo Kurisevo e médio Culuene), Trumai (**Trumai**, considerada língua isolada, em torno dos rios Culuene e Kurisevo), Wauja, Kustenáu, Mehinako e Yawalapiti (do tronco linguístico **Aruak**, nas bacias dos rios Ronuro, Batovi e Kurisevo) (Figura 19). Esta heterogeneidade étnica e linguística expressa, por si só, a dinâmica ocupacional da região.

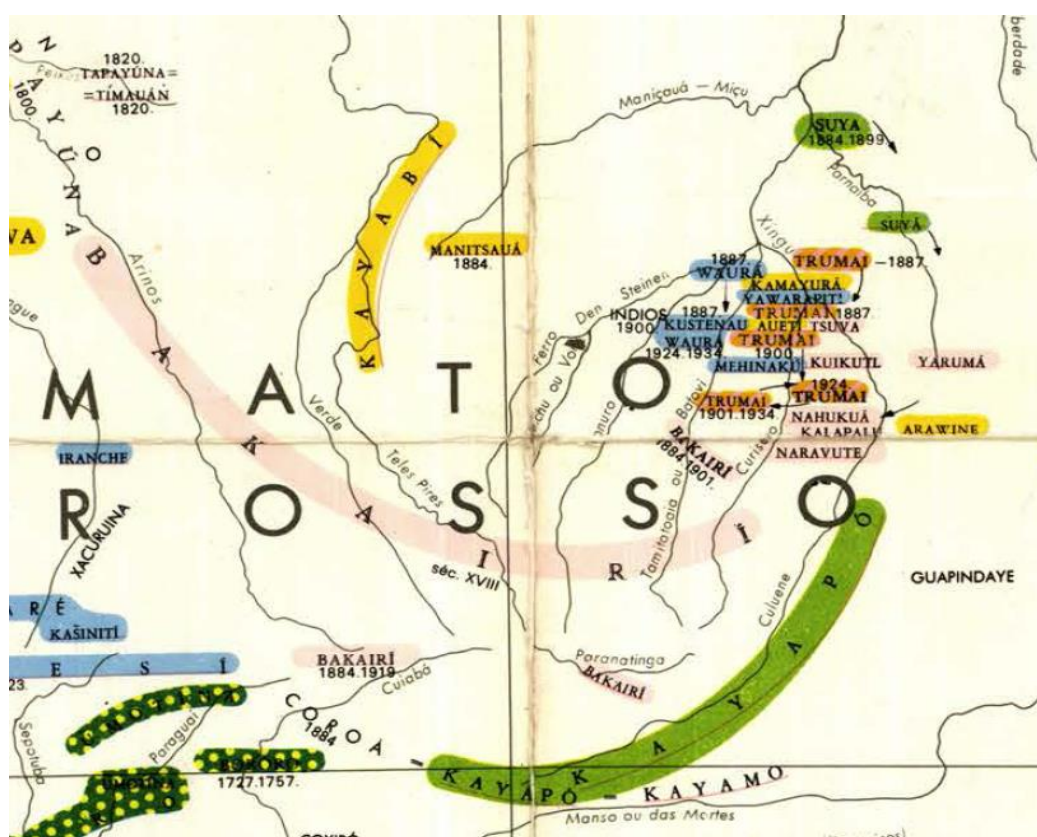


Figura 19. Extrato do Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú (1987): em foco a área de estudo enquadrada pelas bacias do Von Den Steinen, Ronuro, Batovi, Kurisevo e Culuene

Deve-se aos relatos dos primeiros viajantes o conhecimento – ainda que lacunar – do *modus vivendi* destes povos, alguns dos quais se consideram, presentemente, extintos (como os aruak **Kustenáu**, absorvidos pelos Wauja, os karib **Naravute** e **Tsuva**, incorporados nos Kuikuro e Kalapalo respectivamente – SEKI 2011: 65 – e os tupi **Arawine** - VILLAS-BOAS, JUNQUEIRA 2011: 57). O primeiro contato com os índios da bacia do Xingu foi feito pelas expedições do alemão Karl Von den Steinen, realizadas nos anos de 1884 e 1887. As descrições

antropológicas e geográficas podem ser analisadas nas publicações de Karl Von den Steinen e Luís Perrot. Na primeira viagem - 1884 - foi percorrido um roteiro para o rio Xingu através do rio Batovi. Já em 1888 foi estabelecida a descida em direção ao Xingu através do rio Kurisevo (por si designado de Culiseu).

Steinen (1888) relata a existência, por então, de milhares de índios na área do Alto Xingu, apontando para um número de 3.000 e firmando a ocupação tradicional das várias etnias desse território, denotando, inclusive, que estas seriam conhecedoras dos seus movimentos migratórios ancestrais. Perante uma ocupação humana vetusta, densa e heterogênea, Steinen é o primeiro a pensar uma “Cultura Alto-Xinguana” (op. cit.).

No início do século XX, Max Schmidt (1942) empreenderia semelhante viagem, proporcionando uma descrição acuidada das suas experiências pelo rio Kurisevo. Além do convívio intenso com os Bakairi, menciona os encontros – alguns mais afortunados do que outros – com os Nahukwá, Mehináku, Trumai, Aweti.

Na obra *Handbook of South American Indians*, de 1948, Claude Lévi-Strauss apresenta alguns caracteres gerais da ocupação indígena do Alto Xingu. Verifica, com base na compilação das várias informações reunidas das descrições dos primeiros viajantes, uma tendência na situação dos assentamentos a cerca de 3/6 km das margens dos rios, constituindo exceção os Trumai e os Suya, ribeirinhos (LÉVI-STRAUSS, 1948: 326).

As origens da heterogeneidade linguística e étnica da região são de difícil compreensão e balizamento cronológico, supondo-se que pelos séculos XI-XIII d.C., por aí estariam estabelecidas comunidades Aruak. Pelo século XVIII, por aí se teriam estabelecido, também, grupos Tupi e Karib, compondo o mosaico pluriétnico alto xinguano. Os Trumai ter-se-iam fixado mais recentemente, já no século XIX (SEKI, 2011: 60, 61).

A maioria dos grupos alto-xinguanos ocupa, presentemente, o Parque Indígena do Xingu (PIX), com exceção dos Bakairi (ISA).

Das expedições de Steinen se ressaltam os relatos das trocas existentes entre os povos do Xingu. Nas suas palavras:

Não deve-se presumir por isto que aquelles indios conhecem de forma alguma o commercio verdadeiro de permutação. Nas visitas a uma tribu estranha cada índio leva e dá os objectos por elle produzidos, por exemplo, fio de algodão, cuias, etc., e na partida elle recebe o que mais precisa. (STEINEN, 1888: 204)

Aqui se reporta às cerâmicas como item de troca, confecção feminina, reforçando a atividade de troca de bens materiais entre os povos xinguanos, assim como o transporte de conhecimento de etnia para etnia. Nas aldeias dos Aweti, no ponto central do Kurisevo, alude à presença de homens das tribos dos Waurá e dos Kustenáu (STEINEN, 1998). Perrot (1998)

acrescenta que na área onde está a confluência dos rios Batovi e Culuene existem caminhos terrestres que facilitam a inter-relação dos povos.

“(...) Por esta rede fluvial e terrestre entretem as tribos do Batovi, suas relações com as do Coliseu e Coluene, assim como com aquelas situadas no interior das grandes baías como os Jaulapetis e Comajurá”. (Perrot, 1998: 22)

Também Max Schmidt (1942), em inícios do século XX, registra a intensa atividade de trocas intertribal:

O dia de hoje demonstra como é grande o comércio no rio, mesmo entre tribus diferentes. Uma canoa com dois naucuás e uma mulher meinacú alcançou-nos hoje. (...) Por fim pela noitinha ainda encontramos uma embarcação com dois homens e uma mulher trumais. Ao passarmos um junto do outro, um dos nossos auetós trocou a sua flecha pela do trumai. Parece-me regra determinada que os indígenas do Culiseu, quando em viagem, troquem os seus objetos entre si. Verifica-se que o auetó aqui no meu barco já assim procedeu por diversas vezes, pois grande parte das suas flechas não era de origem auetó, provindo das mais diferentes tribos das redondezas. (SCHMIDT, 1942: 73)

Este sistema de trocas incorporaria as diversas etnias, daí resultando uma partilha material, simbólica e de conhecimentos, que viria a constituir o que convencionalmente se entenderia por “cultura xinguana”, pese embora tenha resultado na assimilação / transmutação de características interétnicas, capacitaria a preservação da unicidade de cada grupo étnico (LAMEGO, 2006: 26). Potenciado pelos dotes artesãos dos distintos grupos e pela disponibilidade de matéria-prima, denota-se uma especialização da produção:

(...) os Trumai fabricavam machados de diabásio, os laulapiti e Uaurá constituíam as tribos ceramistas, os Bakairi produziam colares de conchas e missangas muito apreciados, além de redes de algodão, os Nauquá forneciam as melhores cuias, os Suia e Trumai plantavam tabaco, e estes últimos produziam um sal de aguapé. (...) (op. cit.: 26, 27)

Também o “saber-fazer” se veria compartilhado, através de uniões matrimoniais entre pessoas de etnias diferentes (op. cit.).

Desenvolvem-se, seguidamente, traços de algumas das etnias vinculadas ao espaço do Alto Xingu.

Os povos do tronco Karib - Bakairi, Tsuva, Kuikuro, Nahukwá, Kalapalo, Naravute - teriam-se deslocado para o Alto Xingu, vindos do oeste do Culuene, por meados do século XVII,

área onde, até então, predominariam as etnias do tronco Aruak, como os Wauja, abaixo abordados (ISA; SEKI 2011: 60, 61).

Os **Bakairi** integram o tronco linguístico Karib e constituiriam uma etnia densamente distribuída no entorno do alto curso dos rios Arinos, Teles Pires e Paranatinga – na bacia do Tapajós – Tamitatoala / Batovi e Kurisevo - afluentes do Xingu (LÉVI-STRAUSS, 1948: 322). O povo teria a sua origem mitológica vinculada ao espaço do salto Sawapá, contíguo ao ponto de confluência entre os rios Paranatinga (Pakuera) e Rio Verde, tendo-se fragmentado em vários grupos pela pressão de outras etnias como os Kaiabi, Tapayuna e Nambiqwara, a partir de então se vinculando ao território acima mencionado (LAMEGO, 2006: 25). A origem da palavra Bakairi é desconhecida pelo grupo, que se intitula *kura* – “nós”, “povo” (op. cit.: 24).

Os primeiros contatos com os Bakairi, na área do Arinos, recuam a inícios do século XVIII, na senda da exploração do ouro e diamante mato-grossenses, figurando num relatório de Antônio Pires de Campos. Pelo século XIX, a região seria já densamente povoada de garimpeiros e escravos, partilhando do espaço dos Bakairi (BARROS, 1977 *apud* LAMEGO, 2006: 38). Por finais do século XIX, também a exploração da *hevea brasiliensis* (seringueira) na região se repercutiria nos grupos Bakairi, incorporados, então, na empresa seringalista. Já no século XX, para além do trabalho nas plantações de seringa, trabalhariam também em plantações de café, fumo e na exploração ganadeira extensiva (op. cit.: 39, 40). A subida do Paranatinga, propulsada pelas mesmas intenções, viria mais tarde, enquanto que o grupo de Bakairi do Alto Xingu tardaria a enfrentar o contato (op. cit.). Se o contato colocaria em questão a integridade física e identidade da etnia, por meados do século XX, várias epidemias viriam a ameaçar a sua sobrevivência. Assolados e praticamente dizimados por doenças, os Bakairi do Alto Xingu reuniram-se com os Bakairi do Paranatinga, pela década de 20 (op. cit.).

Presentemente, os Bakairi habitam em duas terras indígenas: A Terra Indígena Bakairi – nos municípios de Paranatinga e Planalto da Serra – e a Terra Indígena Santana – no município de Nobres (ISA, LAMEGO 2006: 2).

Deve-se ao alemão Karl von den Steinen os mais recuados relatos sobre a etnia. As suas viagens constituem testemunho denso do *modus vivendi* dos Bakairi orientais, habitantes dos afluentes do Alto Xingu – por si denominados de “Bakairi Bravos”, por se encontrarem sem assimilação com a cultura não-índia – e dos Bakairi ocidentais, do Paranatinga - “Bakairi Mansos” (STEINEN *apud* op. cit.: 30). Os Bakairi “orientais”, que habitariam o Alto Xingu, teriam, por meados do século XX, deliberadamente se unido aos Bakairi “ocidentais”, do Paranatinga, efetivando a reunião de um mesmo grupo étnico, separado, em mais de dois séculos, por conflitos interétnicos. Esse período de presença Bakairi na região do Alto Xingu teria, não obstante, influído na produção artesanal, memória coletiva, construção mitológica, etc. do grupo (op. cit.: 28, 29).

Adversamente aos inimigos vizinhos Kaiabi, os Bakairi sempre se distinguiram pela sua pacificidade, mostrando-se receptivos às primeiras intrusões, que veriam com curiosidade e como oportunidade de negócio para adquirir utensílios exógenos (ferramentas em metal e

armas de fogo) (op. cit.: 23). A sua receptividade levou, de fato, a uma participação ativa, como guias, nestas primeiras expedições.

Steinen, que se fez acompanhar nas suas expedições alto-xinguanas por alguns Bakairi, propiciou uma descrição acuidada das formas de habitação, produção, costumes, rituais, organização social, etc. do grupo indígena. Descreve três assentamentos na sua subida do rio Kurisevo, todos eles distantes da margem cerca de 3 km²⁰ a 6 km, informando-nos que tenderiam para uma situação em terra firme, apartada em poucos quilômetros do rio.

As aldeias, que albergariam uma população estimada entre 30 a 60 pessoas, compor-se-iam de grandes estruturas habitacionais, assim descritas, na sua morfologia e organização:

As casas ou redondas ou de fôrma elliptica são altas e airosas e os protegem bem contra as chuvas, geralmente formam um círculo de grande diâmetro, em cujo centro se acha a casa de festa não habitada. (...) As casas servem sempre de habitação de diversas famílias e estão cheias de cuias, panellas, cestos com provisões, armas e ferramentas, as redes (...) penduram-se em toda a volta (...) na direção dos rádios. (STEINEN, 1888: 202)

Estas habitações, cobertas por palha e com duas pequenas aberturas nas extremidades (HINTERMANN, 1926 apud LÉVI-STRAUSS, 1948: 327), serviriam para várias famílias, que aí distribuiriam as suas redes e o seu fogo. A aldeia disporia, também, de uma outra construção, designada por Steinen como “casa de festa” ou *kadoêti*, destinada a albergar visitantes e reuniões cerimoniais (op. cit.: 328).

A subsistência alicerçar-se-ia na prática agrícola, sobre a qual Steinen relata:

“...plantam mandioca, pouco milho de espigas compridas, feijão miúdo, cará, fumo e algodão. As mulheres se encarregam da preparação da mandioca que, depois de raspada com concha...ralavam e lavavam a massa sobre um grande tacho de barro (...). Para a preparação de beijú, que constitui sua principal alimentação, socam a massa seca no pilão e depois de peneirada, umedecem-na e cozem-na em panelas de barro. Todos os utensílios são artisticamente fabricados (...). As panelas e tachos de barro são todos de sólida construção. As cuias e cabaças são pintadas com genipapo, representando desenhos regulares (...). Toda ferramenta empregada (...) consiste apenas do machado de pedra, concha e queixada ou dentadura de piranha”. (PERROT, 1998)

²⁰ O texto descreve uma distância de meia légua, sendo que uma légua equivale a 6.600 metros.

Além da agricultura, os Bakairi, à semelhança de outros vizinhos alto-xinguanos, teriam na coleta e pesca fontes de subsistência. Claude Lévi-Strauss reporta-se, a propósito da pesca no Alto Xingu, a espaços de exploração pesqueira dos rios definidos para cada tribo. Os Bakairi recorreriam à consecução de pequenas represas e açudes para captar o peixe, em jeito de cercas de troncos (LÉVI-STRAUSS, 1948: 324). Recorrer-se-ia, também, à instalação de cestas em áreas de remanso e lagoas (STEINEN, 1888: 197), redes em corredeiras e pescaria noturna com tochas, para além do tradicional recurso ao arco e flecha (LÉVI-STRAUSS, op. cit.).

Os Bakairi teriam como atividades artesanais primaciais a cestaria, atividade masculina – destinada ao armazenamento de farinhas e cereais, em grandes cestas cilíndricas, ou transporte, em cestas estreitas de malha hexagonal – ornamentos, confecção de grandes redes de algodão entrançado, demais utensílios em madeira decorada (op. cit.: 325; 331). A mestria da tessitura de palha Bakairi expressa-se, ainda, na indumentária incorporada nas danças rituais, aí se destacando os cocares e vestimentas, complementados com máscaras esculpidas em madeira (op. cit.: 332).

Beneficiando dos corredores naturais propiciados pelos cursos dos rios, os Bakairi alto-xinguanos participariam de uma rede de comunicação e transação de bens intertribal, terrestre e fluvial. Aí se abasteceriam de utensílios cerâmicos, dentre outros, produzidos pelos Custenau e Mehinacu, que trocariam por redes, ornamentos em concha, urucum e algodão (op. cit.: 332, 339, 340). Integrariam, então, um “sistema de trocas simbólicas e materiais”, onde “participavam povos de diversos troncos linguísticos que, embora passassem a compartilhar de uma “cultura xinguanas” comum (...) mantinham cada qual sua língua e sua identidade étnica” (LAMEGO, 2006: 25, 26).

No que diz respeito à cosmogonia e ritualística Bakairi, vale a pena mencionar alguns aspectos. Segundo Capistrano de Abreu (1895), a concepção Baikairi do ser humano abarca dois elementos: *kxayatopüri* – a sombra – e *kxatia / ksutugi* – a camisa / pele. A sombra despoja-se da camisa / pele no grito e no sonho, não podendo o sonhador ser acordado, sob risco da sombra ainda não haver retornado à pele (ABREU, 1895: 43 e ss.). Estes dois elementos representam dois mundos – o terreno e o extraterreno – cuja interligação é conseguida pela sombra.

O ritual funerário está, também ele, relacionado com esta comunicação “entre mundos”, afigurando-se como um ritual de passagem, transmigração da sombra, do mundo terreno, para o extraterreno. Assim:

Pinta-se então o morto de urucú (...), põem-se nas orelhas e narinas as penas que ornaram-nas em vida, reúnem-se os objectos de propriedade (...) como arco, flechas, etc., que juntamente com o dono são depositadas no buraco que lhe servirá de sepultura, bem coberto de terra, socada a pés. (ABREU, 1895: 44)

Alimentos são oferecidos em cuia, à sombra do defunto, depositados sobre a sepultura, na área da cabeça. No caso do defunto ter padecido por morte violenta, a sua sombra / alma penada – *kyadopa* – é inquieta e não vai para o céu. Para a sombra ascender, entoam-se cânticos e oferecem-se gêneros alimentícios (op. cit.) A sombra transforma-se, então, em *yamüra*.

A ostensiva ritualística Bakairi está vinculada às estações, épocas de colheita e cultivo, assim como a rituais de passagem e iniciação, de onde se mencionam: o *Anji Itabienly* (batizado do milho), *Kapa* e *lakuigade* (ritos com máscaras) e o *Sadiri* (de furação de orelhas) (cf. BARROS 1992 *apud* LAMEGO 2006: 70).

A maior aldeia do rio Kurisevo, então localizada pela expedição de Karl Von den Steinen, seria da etnia **Nahukwá**, implantando-se na margem direita, a duas léguas (12 km) das margens do rio e compondendo-se de 13 casas dispostas em uma praça circular com uma casa central. A população foi estimada em mais de 150 pessoas. Sua descrição traz uma informação importante para o presente estudo:

Estes foram o povo mais numeroso do rio Kuliseu, e em 5 ou 6 aldeamentos por eles habitados, corre outro rio de dimensões maiores: o Kuluene, no qual desemboca o Kuliseu e que por si constitui o afluente principal do Xingu. (STEINEN, 1888)

Infelizmente as descrições etnográficas não evoluem muito, pois a população foge dos exploradores demonstrando grande pavor. Prevalecendo o respeito pela população amedrontada, os estudos não foram realizados. Entretanto esta etnia – Nahukwá – é apontada pela expedição alemã como os habitantes do médio / baixo Culuene.

Na sua expedição de 1900/1901, Max Schmidt oferece algumas informações adicionais sobre os Nahukwá. Estes já não se mostrariam hostis ao contato, sendo prolixa a descrição das pilhagens levadas pelos indígenas aos pertences do alemão. Não obstante, Schmidt refere-se ao produto de troca por excelência dos Nahukwá – as cuias decoradas:

As mulheres haviam trazido beijus e pequenas cascas de abóbora pintadas, querendo trocá-las comigo por contas (...) (SCHMIDT 1942: 58)

As suas práticas de subsistência envolveriam a agricultura, coleta e pesca. Participando de um sistema de regulamentação e definição dos territórios de pesca, segundo a observação de Max Schmidt, os Nahukwá sinalizariam as suas águas com “um pau metido nágua, no qual pendiam duas fileiras de dentes de peixe.” (SCHMIDT, 1942: 74):

Pelo que os meus tripulantes diziam, pude depreender de que se tratava de um sinal para os pescadores. Em geral, a pesca está regulamentada até ao mínimo detalhe. Enquanto os nossos companheiros auetós pescavam desordenadamente conosco sobre

o rio principal, eles se recusavam, entretanto, a dobrar para um afluente quando se tratava de ali pescar. Ao dizer, certa vez, ao meu auetó, que em tal afluente deveria haver muito peixe, respondeu como quem recusa: “naucúá parú”, isto é, “a água pertence aos naucúás”. (op. cit.)

O contingente populacional sofreria considerável redução mercê da proliferação de epidemias, tanto que, por volta da década de 50 do passado século, a etnia foi considerada extinta (ISA).

As etnias Kuikuro e Kalapalo não figuram das descrições de Steinen, sugerindo, pela listagem de aldeias por si apresentada, que o alemão as tenha considerado como integrantes do grupo Nahukwá (ISA). Por sua vez, os próprios Nahukwá creem ter uma origem comum com os Kalapalo (JUNIOR, 2012: 95, 96).

O grupo **Kuikuro** figura nas descrições primeiras de Steinen, especificamente, ao elencar as aldeias do Batovi e Kurisevo, de onde consta a aldeia de “Guicuru” (STEINEN, 1940 *apud* JUNIOR, 2012: 56), supondo-se que a sua origem estaria associada a uma fragmentação do grupo Karib, no século XIX, recebendo, por isso, o nome da aldeia de que seriam habitantes (ISA).

Os seus modos de ocupação, exploração do espaço e relações interétnicas são afins ao descrito para as demais etnias karib, estendendo-se, na verdade, à grande maioria das etnias alto-xinguanas (JUNIOR, 2012: 274).

Como atividade primacial artesanal destaca-se a elaboração de cintos e colares em caramujo, que trocariam por cerâmica, sal, dentre outros bens (op. cit.).

Os **Kalapalo** seriam habitantes da região do alto Culuene, perto do ponto de confluência do rio Tanguro, seu afluente, integrando atualmente o Parque Indígena do Xingu (PIX) (ISA). As primeiras referências ao grupo são tardias, recuando a 1920, pela mão de Capitão Ramiro Noronha, no âmbito da Comissão Rondon (JUNIOR, 2012: 58). O grupo seria o primeiro a ser abordado pela expedição Roncador-Rondon, estabelecendo-se, por então, intenso contato de onde resultaria a propagação de epidemias que dizimariam considerável porção da população (op. cit.).

A origem dos Kalapalo e sua designação parece ser de difícil destrição, sugerindo-se que:

*(...) parecem ser a amálgama de indivíduos criados em grupos comunitários distintos, que sobreviveram e se mantiveram unidos após epidemias e ataques inimigos que dizimaram sua população. (BASSO, 2001: 295 *apud* JUNIOR, 2012: 64)*

Não obstante, os Kalapalo são possuidores de uma identidade própria que os define nas relações intertribais alto-xinguanas e que se materializa na produção de colares e cintos de caramujo, principal moeda de troca (JUNIOR, 2012: 115).

A estrutura dos assentamentos Kalapalo, na sua configuração e morfologia das estruturas habitacionais e “casa do homem” é afim ao que se descreve acima em relação ao Bakairi, integrando o “modelo ocupacional alto-xinguanos” (op. cit.).

Ao nível da subsistência, suportam-se, tal como a maioria dos grupos descritos, na prática agrícola, de onde se destaca a mandioca, a manipulação do piqui e o algodão, dentre outros (ISA). Para além desta, acrescem a pesca e coleta. Estas atividades regem, por sua vez, boa parte do seu calendário festivo (JUNIOR 2012).

No que diz respeito às práticas funerárias, o próprio espaço aldeão seria o destinado a receber enterramentos. O defunto seria depositado em covacho aberto na terra, cuja localização seria determinada pela importância que teria na comunidade:

Chefes, jovens em geral e adultos importantes (...) são sempre enterrados no pátio central, no espaço em frente à casa dos homens. Crianças e idosos que não sejam chefes, são enterrados em covas logo à frente de sua casa, e adultos comuns, a meio caminho entre esta e o centro. Fetos abortados, bebês natimortos ou que faleceram antes de completar um ano de vida, são enterrados atrás da casa. (JUNIOR, 2012: 250)

É no tipo de sepultura e tratamento do defunto que se distinguem os chefes dos demais. Num enterramento comum, o defunto é depositado num covacho, envolto na sua rede, em decúbito lateral, de pernas fletidas. Se for homem, será acompanhado de esteiras, podendo, ainda, ser colocada sobre si uma panela para o proteger da chuva. Fechada a cova, os seus pertences são queimados, com exceção dos mais valiosos, destinados à troca. O destino dos materiais do seu quotidiano, queimados ou trocados, visa assegurar que a sua alma se desvincule dos objetos do dia a dia e parta.

O sepultamento do chefe requer mais esforços: a cova aberta na terra em jeito de túnel, terá de ser capaz de receber os esteios destinados a suportar a rede, onde será depositado o corpo do chefe, deitado de barriga para cima e com a cabeça voltada a nascente (op. cit.: 250 - 252). Selada a sepultura, esta recebe uma estrutura composta por madeiras alinhadas, que configura a “casa do morto”, designada de *tahiri* (op. cit.: 258, 259).

A presença **Tupi** no Alto Xingu é marcada pelas etnias Kamayurá, Aweti e Arawine, que se teriam estabelecido na região por volta do século XVII (SEKI, 2011: 60, 61).

Habitantes tradicionais da lagoa Ipavu, os **Kamayurá** – que se autodenominam *Apiap* - teriam como possível região de proveniência a bacia do Tapajós, subindo pelo Auaiá - Missu (SEKI, 2011: 61, 62; AGOSTINHO, 2009: 11). A ocupação Kamayurá em Ipavu abrangeria as

margens sul, este e oeste da lagoa, consubstanciada nos lugares de memória, antigos assentamentos ainda hoje conhecidos do grupo indígena.

Esta região seria, não obstante, algo conflituosa, razão pela qual, pela década de 40, um contingente Kamayurá, mercê da ameaça Suya, se deslocaria para Sul para as margens do rio Tiwatiwari, onde ergueria uma aldeia nos moldes xinguanos. Esta deslocação interina seria breve, registrando-se o abandono da aldeia já por meados da década de 50 (op. cit.: 12).

Os moldes da aldeia e habitação kamayurá enquadram-se no que temos vindo a descrever em relação aos demais grupos alto-xinguanos: aldeia composta por habitações dispostas em torno de um pátio central, onde se localiza o espaço cemiterial e a “casa das flautas”. O mesmo se pode dizer em relação à subsistência, firmada numa agricultura de roçado - que tem na mandioca o principal produto – pesca, rara caça e coleta (de piqui, mangaba, ovos de tracajá, etc.) (op. cit.: 13).

Steinen distingue os Kamayurá e Aweti dos demais grupos pelo modo como usam a flecha:

(...) a qual não se atira com arco, mas sim com a mão, por meio de um instrumento especial. (STEINEN, 1888: 206)

No sistema de trocas xinguanos, os Kamayurá destacam-se como exímios na elaboração do arco, também do arremessador de flechas (objeto a que se reporta Steinen), cestaria, canoa de jatobá e redes de pesca e de dormir (ISA).

Na sua descida pelo rio Kurisevo (designado, então, de Culiseu), após a confluência com o Culuene, Steinen (1888) registra a presença da etnia **Aweti** (Tupi), para além das Mehinaku (Aruak) e Trumai. Sobre o grupo – por si designado de Auetó – acrescenta “têm as suas casas no meio de canaas e lagoas, formando o ponto central do Kuliseu” (STEINEN, 1888: 200).

Por sua vez, Max Schmidt (1942), na sua viagem atribulada, teve oportunidade de apontar alguns aspectos sobre este grupo tupi, que habitaria em moldes idênticos aos que têm vindo a ser descritos - casas redondas ou elípticas, dispostas em uma praça central, distante de 6 a 12 km das margens do rio. Na sua estadia na aldeia descreve:

O esquema da habitação em forma de cortiço, que só em parte era coberto de folhas, representa um oval com duas saídas, uma diante da outra. O telhado apoia-se em dois grandes postes, nos quais se dependuravam, um ao lado do outro, fazendo estrêla para a parede, as redes dos habitantes. As redes dos casais ficavam na maior parte uma sobre a outra. (...) Havia sempre uma fogueira entre cada duas redes, que de quando a quando, era atizada pelos indígenas. (SCHMIDT, 1942: 65, 66)

Também entre os Aweti existiria uma “casa da festa”, semelhante à descrita por Steinen em relação aos Bakairi, onde se albergavam os instrumentos e vestes das cerimônias e rituais, como as máscaras de madeira e tecidas:

Êsse rancho, que formava o centro das danças e cantos dos homens, distingue-se, mesmo por fora, das outras casas, pelas duas entradas que ficam em um dos lados e juntas uma da outra, tão baixas que é preciso engatinhar por entre elas. A construção do cortiço também se apoiava sobre dois postes centrais. No meio havia no chão um tronco de árvore oco de quase seis metros de comprimento, no qual costumavam bater com um grosso bastão, como si fosse uma trombeta, o que, em ocasiões importantes, serve para convocar a população masculina. Atrás da trombeta jaziam no chão algumas máscaras grandes (...). Uma delas era semelhante às máscaras dos bacairís já conhecidas. Duas outras, porém, apresentavam formato inteiramente novo (...). Eram feitas de um tronco de trepadeira, enrolado em espiral, e tinham quando estavam no chão, uma média de três metros. Mostraram-me como se usava essa máscara. O dansarino pegava o centro dessa espiral muito flexível e punha na cabeça a extremidade externa muito larga, balançando-se durante os movimentos da dança para cima e para baixo.

Além disso, havia no rancho festivo um número de grandes flautas como charamelas. Ao que parece, as mulheres não podiam ver essa espécie de instrumentos. (SCHMIDT, 1942: 66, 67)

No seu relato, Schmidt refere-se à noite animada com música e dança, ritmada pelos chocalhos e flautas, que pôde ouvir de longe.

Como atividades de subsistência destacam-se a agricultura – com espécies como o piqui e a mandioca – coleta, pesca e, em menor escala, a caça (op. cit. 63).

Os **Trumai** distinguem-se dos demais nos caracteres fisionômicos e língua, como apontam Steinen (1888) e Schmidt (1942), não se enquadrando num tronco linguístico definido.

Steinen aponta que, fisicamente, os Trumai apresentam uma “estrutura mais fraca e fisionomia bruta”, andam nus, usando as mulheres do uluri (tanga triangular) – única indumentária comum, aliás, a todas as etnias alto-xinguanas – e pintando-se com pó de carvão, azeite de piqui e urucum (STEINEN, 1888: 201, 202). Não realizam o Kuarup, não se considerando, segundo os Kalapalo, gente (*kuge*), adversamente aos restantes povos xinguanos (JUNIOR, 2012: 23, 24).

Supõe-se que o grupo étnico teria vindo de sudeste, da região do Araguaia, fugindo dos ataques Xavante, pelo século XIX, chegando ao Alto Xingu pelo Rio das Mortes e Serra do Roncador. Ainda nesse século, estabelecidos pelo Culuene e pouco integrados na região, os conflitos acesos com os Suya e epidemias resultariam numa redução drástica da população, quase resultando na sua extinção (SEKI, 2011: 62). Karl von den Steinen (1888) registra os Trumai no entorno dos rios Batovi e Kurisevo, sendo que, por inícios do século XX, Max Schmidt os localiza num local do rio Kurisevo, onde também se situariam os Mehinaku (SCHMIDT, 1942: 61). São temidos pelos Mehinaku e Aweti, que dizem que “sabem dormir debaixo d’água e do fundo dela, atiram flechas sobre os seus inimigos” (op. cit.)

Dos seus caracteres distintos, mencione-se a utilização de esteira de madeira para dormir - substituída mais tarde pela rede - desconhecendo o plantio da mandioca, dentre outras espécies. Também não faziam uso do arco (SEKI, 2011: 67):

Ao mesmo tempo em que assimilaram traços da cultura xinguana, os Trumai conservaram características que os distinguem. Não participam da cerimônia Kwaryp e consomem produtos de caça proibidos aos povos do Sul. (op. cit.)

Dentre os grupos do Alto Xingu, os Trumai seriam os responsáveis pela circulação de matéria-prima para a confecção de machados de pedra, assim como pelo produto finalizado (LÉVI-STRAUSS, 1948: 330, 331), produzindo, também, sal que extrairiam de plantas aquáticas (SEKI, 2011: 67), que trocariam por outros produtos.

Steinen (1888) relata, acerca da matéria-prima para a confecção dos machados é controlada por uma única etnia, sendo coletada nos riachos (STEINEN, 1888: 204). Esta seria detentora de uma área onde ocorreriam rochas específicas para a confecção de instrumentos líticos, possivelmente seixos rolados ou, como ocorre na área de pesquisa, depósitos recentes em planícies de inundação. Poderia estar a referir-se aos Trumai?

O domínio do território de ocorrência da matéria-prima para os machados sugere um item de troca com as outras populações próximas que não beneficiam com a existência do gênero mineralógico.

Presentemente, os Trumai habitam a área norte da PIX (Parque Indígena do Xingu), muito embora sejam ocupantes históricos da região do Alto Xingu (op. cit.: 59).

As etnias do tronco **Aruak** - Wauja, Kustenáu, Mehinako e Yawalapiti - constituiriam as mais antigas habitantes do Alto Xingu, supondo-se, por afinidades linguísticas, que seriam provenientes de Oeste (SEKI, 2011: 60, 61).

Os **Mehinako** habitariam nos moldes que têm vindo a ser descritos supra – em áreas apartadas em poucos quilômetros das margens dos grandes rios. As suas aldeias comportariam para além das tradicionais habitações, a comum “casa de festa”, registrada entre os Bakairi e

os Aweti, por exemplo. Steinen descreve, ainda, os bancos, dispostos ao centro, em forma de urubu e onça (STEINEN 1888: 199).

Até meados do século XX, ocupariam as margens do Kurisevo, tendo-se deslocado para Sul, para a área de uma antiga aldeia Yawalapiti, face aos conflitos com os Ikpeng / Txicão (FROEHLICH, 1963: 108).

As informações proporcionadas por Max Schmidt sobre este grupo são escassas. Na sua viagem, descreve as pinturas corporais de riscas pretas e urucum de uma mulher Mehinako, que avista numa canoa (SCHMIDT, 1942: 73).

Habitariam nos parâmetros acima descritos, conforme nos relata Paulo Froehlich (1963): aldeia composta por habitações abertas a uma praça central, onde se localiza a “casa do homem”, *kuakuhú* (FROEHLICH, 1963: 111).

Teriam como atividades de subsistências a agricultura (de onde se destaca a mandioca), coleta e pesca, participando da regulamentação dos espaços de pesca:

Pela tarde, chegamos a uma foz que, segundo parece, foi fechada pelos meinacus, por meio de folhagem para poderem pescar.
(SCHMIDT, 1942: 63)

Uma descrição mais pormenorizada é potenciada por Paulo Froehlich, na sua viagem à aldeia mehinako, pelo rio Tiwatiwari, referindo-se à utilização de covos em áreas estreitas do rio, do cipó timbó para atordoamento dos peixes, assim como a “barragens” feitas com folhagem, tocos e palha:

Nesses lugares, o índio também constrói uma espécie de pouso sobre as águas, constituído de troncos fincados no leito do rio e com uma plataforma, de onde se pode mais facilmente flechar os peixes já tontos com o cipó tyúna. (op. cit.: 110)

Como principais produtos artesanais destaca-se confecção de cerâmica, desenvolvida numa “construção circular”, situada na traseira das habitações. Froehlich aponta os Mehinako e Wauja como principais produtores de cerâmica (op. cit.: 112). Segundo o autor:

As panelas são feitas de um barro especial, de côr preta, que os Mehinaco vão buscar no Rio Kurisevu, pois o barro que se encontra nas proximidades quase não tem liga. Quando vão buscar, vão em geral em várias canoas, e depois de lá chegarem, têm que mergulhar, retirar uma areia clara que fica em cima, e apanhar debaixo o barro escuro que serve para a confecção das panelas. Trazem dentro de umas cestas forradas com folhas e amarradas com embiras até a aldeia, onde então se inicia o processo de dar forma ao barro e depois o cozimento. São

fabricadas panelas grandes, redondas, e pequenas com formato em geral arredondado, porém imitando formas de animais, como tartarugas, cachorros, onças, etc. Antes de serem cozidas, porém, as panelas recebem a tinta, para maior realce do objeto. (op. cit: 123)

Descreve, ainda, ostensivamente, o processo de fiação do algodão:

O algodão é conservado em panelas de barro, e a operação é da seguinte maneira: tomando um fuso de madeira, formado de um disco e um eixo que passa através deste, em primeiro lugar a mulher toma uma porção do algodão e estende para que adquira uma forma longa e fina. A seguir, coloca o eixo do fuso sobre a perna e com a mão imprime um movimento giratório ao algodão, que se entrelaça com esse movimento, formando assim uma espécie de fibra regular. Logo a seguir ela ainda examina os pontos defeituosos e corrige-os. Então, colocando a ponta inferior do eixo do fuso sobre a perna, imprime com a mão esquerda um movimento giratório sobre o mesmo, enquanto que com a mão direita conserva estendida a parte do algodão pronta para ser enrolada no fuso. Aí o processo repete-se. Esse algodão é usado para a fabricação de redes, esteiras, braçadeiras, e outros objetos. (FROELICH, 1963: 113, 114)

Do sistema de trocas xinguano, os Mehinako, atualmente, participam com a produção de sal e algodão (ISA).

A informação mais remota disponível sobre os **Yawalapiti**, recua às expedições de Karl Von den Steinen, onde o alemão assim os descreve:

(...) duas aldeias, na margem de uma lagôa grandiosa, vivem os Janalapitis, pescadores míseros e pobres. (STEINEN, 1888: 201)

O grupo habita a margem esquerda do Twatwari, tendo em tempos ocupado uma área perto da confluência dos rios Batovi e Culuene. Esta região teria sido abandonada, mercê de ataques Manitsawa, razão que resultou na subida do Culuene e na cisão do grupo, que se fixaria no Twatwari e nas cabeceiras do Culuene, respetivamente. Destes dois grupos, apenas o primeiro subsistiria (CASTRO, 1977: 64, 65).

Com um contingente populacional reduzido, na década de 40 do passado século, estariam dispersos por outros grupos da área, não tendo aldeia própria. Este panorama seria alterado com a Expedição Roncador – Xingu, altura em que os poucos representantes da etnia seriam reunidos, reconstruindo a sua aldeia e propulsando o seu desenvolvimento populacional (SEKI, 2011: 68).

Viveiros de Castro descreve profusamente o *modus vivendi* Yawalapiti, tal como o observou, em meados da década de 1970 (CASTRO, 1977). Por então, a aldeia Yawalapiti havia incorporado, através de uniões matrimoniais, elementos de outras etnias (op. cit.).

A estruturação das suas aldeias e construções enquadra-se nos modelos xinguanos, descritos acima (op. cit.: 61). As casas seriam palco de algumas das principais atividades quotidianas:

Nas casas se dorme, se fazem trabalhos manuais, as mulheres processam os alimentos, se cozinha, se fica recluso durante as transições sociais. (...) Todos os processos de articulação entre a sociedade e a natureza dão-se através das casas: cozinha, transformações biológicas, como nascimento, doença, puberdade. (CASTRO, 1977:138)

Também o ritual de enterramento e sua “hierarquia” é idêntica ao que temos vindo a descrever (cf. op. cit.: 135).

As suas atividades de subsistência compõem-se de agricultura (mandioca), coleta e pesca, destacando-se como exímios pescadores de arco e flecha (FROELICH, 1963: 118).

Nos subcapítulos seguintes, desenvolvem-se informações mais aprimoradas sobre os Wauja, considerando a inclusão, na área de estudo, da paisagem sagrada de Kamukuwaká.

4.4.1.1 Antropologia e História do Grupo Wauja

Em relatório produzido pela FUNAI temos que o grupo Waujá não tem antecedentes de contato documentados como fontes escritas. Não há referências sobre eles na literatura etnográfica produzida antes de ter sido criado oficialmente em 1961 o Parque Indígena do Xingu (PIX), que tem como marco inicial a “Expedição Roncador – Xingu” que se iniciou em 1946. O objetivo desta expedição consistia em uma estratégia geopolítica do governo federal em estabelecer uma via de comunicação com o norte do país “desbravando” a região oeste instalando pistas de pouso no percurso para garantir a segurança dos voos. Mas o que estava subjacente nestas ações era uma necessidade emergente de ocupar os “vazios” demográficos no interior do território nacional e levar a presença do estado nesses locais mais isolados e ainda desconhecidos.

Vale lembrar o contexto da segunda guerra mundial onde a disputa de territórios e a hegemonia das nações sobre eles geravam uma condição tensa no cenário mundial. Começava então a marcha para o oeste que deu origem à Fundação Brasil Central. Nas frentes expedicionárias se destacou as figuras dos irmãos Cláudio, Leonardo e Orlando Villas-Bôas. Os Villas-Bôas percebem então, que a ocupação da sociedade envolvente e o progresso vindouro colocavam em risco a sobrevivência de uma grande diversidade de povos com culturas e

hábitos distintos. Por esse motivo, foram movidos por um ideal paralelo de tentar proteger esses povos.

Os índios Waujá são habitantes da região de Batovi, Alto do Xingu, que se estende ao norte da foz do rio Batovi no Ronuro, onde se conflui com os outros formadores do Xingu no Morená, ponto inicial do Xingu. A leste atinge os vales dos rios Kurisevo e Culuene; a oeste, o vale do rio Ronuro e, a sul, o sítio sagrado de Kamukuwaká, localizado no alto curso do Batovi (13°14'90"S). Este território é apenas uma parte da ocupação anterior seguindo o Batovi, que se estendia para além dos formadores do Xingu (FRACHETTO, 2001: 40).

As fronteiras étnicas são transponíveis e intermediadas pelos contatos intertribais frequentes e seus contatos se constituem em forma de redes de relações sociais, políticas e econômicas que ligam todos os povos desta região (FRACHETTO, op. cit.).

A “certa proteção” destes índios proporcionada pela delimitação do Parque Nacional do Xingu lhes possibilitou uma vivência de suas práticas culturais mais livres e desimpedidas de interferências externas em relação as demais etnias do Estado do Mato Grosso. A fronteira delimitativa do parque deixou de fora muitas terras que outrora foram ocupadas pelos grupos étnicos lá existentes, além dos Waujá, Kamayurá e Trumai, ao norte dos Waujá, e ainda os Kamayurá, Yualapiti, Aweti e Mehináku, ao leste.

Para explicar a história de sua ocupação territorial os Waujá recorrem ao mito de Kamukuwaká, onde o relato apresenta a toponímia de sua ocupação seguindo o curso do rio Batovi. É falante da língua Aruak e pratica o rito de perfuração da orelha representativo do mito de origem, o que ocorre na caverna Kamukuwaká, como veremos adiante (LIMA, 1950).

Os Waujá confeccionam cerâmicas desde pequenos, adornadas com figuras como pássaros e outros animais, homens e mulheres, e ainda confeccionam vasos para comer e beber com formas zoomorfas, bem como grandes painéis de até dois metros de diâmetro, chamadas de Kamalupe. No Xingu somente os Waujá e Yudjá dominam o uso do barro na confecção de painéis de vários tamanhos e formatos. O processo de modelagem e cozimento é aprendido e reproduzido segundo a sua cultura oral. Geralmente, confeccionados por mulheres, as painéis são debruçadas e têm o fundo externo esbranquiçado de tabatinga que são decoradas com urucum e jenipapo, com as cores próprias de sua cultura, o vermelho e o preto. Seus desenhos são simétricos cuja representação tem os animais terrestres e aquáticos como imitação em traços firmes e feitos a mão livre.

Os Waujá vivem em uma aldeia circular com dezoito casas, próxima à lagoa Piulaga, no rio Batoví, afluente do Culuene, um dos formadores do rio Xingu. Além desta aldeia principal, alguns membros da família de um falecido chefe, lawalá, juntamente com seus esposos e esposas, há poucos anos vêm constituindo um novo aldeamento, a noroeste da aldeia principal, composto por duas casas. Tal aldeamento recebeu o nome de “Aruak”.

Outro local de ocupação recente é o sítio conhecido por “Stênio”, uma fazenda a oeste do aldeamento Aruak, próximo à fronteira da TIX. A família de Itsautaku, o principal pajé da

aldeia, costuma trabalhar neste local para um fazendeiro da região, fazendo demonstrações de rituais para turistas, bem como os acompanhando em excursões de pesca. O dinheiro que recebem por estes trabalhos tem servido para a compra de barco motor, além de combustível e alimentos.

É importante salientar que este tipo de atividade não é bem vista pela comunidade Waujá em geral. Muitos têm medo, não sem razão, de que isto gere uma futura dependência em relação aos fazendeiros empregadores. Também, há o fato de tal atividade estar concentrada nas mãos de uma só família, e que por sinal pertence à facção contrária à da chefia atual, e gerando um acúmulo de bens para alguns poucos, motivo suficiente para causar preocupação geral, segundo a ética local que prevê a constante distribuição e circulação de bens.

Outro aldeamento Waujá encontra-se no extremo sudoeste da TIX: trata-se de um Posto de Vigilância onde sempre há uma família Waujá vivendo, em regime de rodízio. Este Posto, chamado pelos Waurá ou Waujá de “Batovi”, nome do rio que atravessa a região, foi implantado nos anos 80, após os Waujá conseguirem reanexar, através de um exaustivo processo, uma faixa de suas terras que havia ficado de fora do traçado do PIX.

A aldeia principal, Piulaga, sempre esteve na mesma região, mas não no mesmo local. Como é costumeiro no Alto Xingu, os Waujá não mantêm uma aldeia situada no mesmo local por mais de 10 anos, afirmando que as casas ficam infestadas de insetos, a palha envelhece e a madeira apodrece, ficando em condições de difícil reparo, sendo, portanto, mais fácil derrubar e queimar a aldeia velha e construir outra nova. No entanto, há outra interpretação a ser considerada: o fato dos enterramentos serem feitos no centro da aldeia geraria um adensamento especialmente crítico após alguns anos, isto devido à concentração de corpos mortos enterrados no lugar - tal excesso apresentaria perigo em função da atração que tal sítio poderia exercer para os apapaatai (“espíritos perigosos”) causando inúmeros problemas aos habitantes da aldeia.

A atual aldeia foi erguida em 1998, possui um vasto pequizal plantado em seu entorno e suas roças ficam a uma distância de aproximadamente 2 km de Piulaga. Estas roças são sempre familiares, pertencem à família nuclear, mas podem ser exploradas por vários co-residentes. Planta-se basicamente mandioca brava e ocasionalmente, mandioca doce, abóbora, banana, feijão e milho. Há ainda um cultivo do tabaco, que é consumido basicamente pelos pajés. Algumas famílias possuem fazendas distantes, chamadas (assim como as roças) de potojonukala (roça+ lugar da), sendo que muitas vezes há a necessidade de um deslocamento por rio e alguns dias de viagem para se chegar a elas.

Como os demais povos xinguanos, os Waujá vivem da pesca e da mandioca, cujos produtos são os principais componentes de sua dieta alimentar. São bastante seletivos em relação aos tipos de peixe que consomem, e têm especiais ressalvas em relação aos peixes de couro, em oposição aos de escama, estes últimos consumidos mais livremente. Têm grande ojeriza por peixes que possam ter se alimentado de minhocas, animal considerado como

extremamente repulsivo. Os tabus alimentares são muitos, e dependem de um fator cosmológico em jogo, para definir o tipo de repulsa gerado por uma determinada prática alimentar. Para os Waujá, os peixes comestíveis são aqueles que se alimentam somente de outros peixes e de plantas. Tal prática alimentar acompanha momentos específicos da vida de uma pessoa, como a reclusão pubertária, a couvade, os ciclos menstruais, etc.

Apesar de haver caça abundante na região, os xinguanos não se alimentam de carne vermelha. Com exceção do peixe, suas fontes de proteínas vêm de algumas poucas aves e, muito raramente, de macacos prego, único animal de pelo a compor a dieta xinguanas.

Há certo consenso de que comer carne vermelha os torna mais violentos e agressivos, o que iria de encontro à ética pacifista apregoada na região, que procura se afastar de tudo que possa lembrar um passado antropofágico, como aquele a que associam os Kamayurá. O tabu alimentar da carne de caça está profundamente relacionado com a cosmologia, com os limites entre os apapaatai (literalmente “bichos”, mas empregado para designar os perigosos seres sobrenaturais invisíveis, causadores de doença) e os apapaataimona (“bicho” + “corpo”, termo que se refere aos animais da floresta em sua realidade biológica, tal como os conhecemos). Os homens são como os peixes e as distinções servem para definir ou delimitar a diferença entre o Waujá e outros grupos humanos.

As duas estações do ano marcam períodos de fartura e escassez de alimento. No período da seca (abril a setembro) se colhe e se processa a mandioca, ficando um silo de polvilho armazenado em cada casa para alimentá-los durante as chuvas. Também é durante a seca que se tem fartura de peixe, os rios ficam menos turvos e diminui o volume de água, facilitando a pesca. A vida ritual na região é muito intensa na seca, período em que a comunicação entre os diferentes grupos se dá mais intensamente. A interação entre eles se dá quase que exclusivamente através dos grandes rituais intertribais. É, portanto, neste período que a comensalidade exigida e esperada entre anfitriões (fornecedores do alimento) e hóspedes (consumidores), segundo uma ética xinguanas, tem excelentes condições de se efetivar.

Os Waujá entendem a si próprios e aos demais povos xinguanos como putakanau, “aqueles que sabem trocar”, que fazem huluki, que são pacíficos e refinados, em oposição aos muteitsi, índios bravos, agressivos, que não usam colares de caramujo dos povos de língua karib. Mais uma vez ressalta-se que estas especializações fazem parte da lógica de diferenciação do sistema xinguanos.

A idéia de “dono”, wekeho ou ikeho, tem alcance cosmológico. Mello (2004) traduz de forma diferente de Ireland (2001) que fala em “povo que vive em aldeia”. Contudo, a palavra putakanau é formada por putaka (pai) = “emprestar” + nau = “gente” (coletivo de iyãu), ou seja, “gente-que-empresta”.

As trocas e o cultivo da reciprocidade entre os putakanau são tomadas por eles como valores distintivos, sinais de civilidade não apenas nas relações interétnicas, mas entre todos

os membros de um mesmo grupo. Os huluki são organizados por diferentes grupos de troca, operando aí também a diferenciação do gênero e classes de idade. Há huluki exclusivos de grupos de homens e outros de mulheres, estes eventos não coincidindo. Em ambos, os grupos de troca são organizados em torno de certas pessoas consideradas amunau ou amuluneju (“chefe-homem” ou “chefe-mulher”), respectivamente, para huluki de homens e de mulheres. Os chefes de huluki são pessoas que passaram por um processo de iniciação pubertária mais elaborado, devendo ter ficado no mínimo um ano reclusas. Durante os rituais de iniciação, a masculina chamada de pohoka (furação de orelha), e a feminina de kaojatapa (colocação de cordão perineal), estas pessoas assumem um papel central, ficando para os demais participantes iniciantes o papel de seus “companheiros” no rito. Estes são iyataku (os “comuns”), em distinção aos “chefes”, papéis estes que, somados, constituem um grupo formado por integrantes aproximadamente da mesma geração. Note-se daí que a questão da troca é extremamente importante para os putakanau Waujá, cultivada já na construção da pessoa, ali mesmo estabelecendo-se uma hierarquia reguladora de chefia de sub-grupos.

O parentesco Waujá aponta para regras de casamento preferencial, com primos cruzados bilaterais e residência uroxilocal temporária dentro de seu próprio grupo. Contudo, há certa flexibilidade das regras, de modo a permitir que aquele que não encontre parceiros entre os preferenciais também possa se casar dentro, e até mesmo fora de sua aldeia. Isto torna possível que um rapaz, filho de pessoa proeminente, atraia sua esposa para residir em sua casa. Em análise sobre a utilização das categorias putakanau e muteitsi, demonstram-se suas noções de humanidade - Waujá esclarece que etimologicamente muteitsi quer dizer “pessoa ignorante” (IRELAND, 2001: 257).

A palavra kaojatapa vem de ojai, que designa todos os objetos que servem para cobrir os órgãos genitais, como calção, cueca e também o sapalaku (cordão perineal), mais conhecido na literatura da região por uluri.

Saindo dos limites da aldeia, os casamentos mais comuns se dão com os Mehinaku e Yawalapití, seguindo a proximidade linguística entre estes grupos (todos aruak, sendo a língua Yawalapití mais distante que as outras duas).

Entre os Waujá há um sistema de nomeação que prevê a transmissão bilateral de nomes de avós para netos. Sendo assim, é necessário que as pessoas acumulem vários nomes ao longo de sua vida para que os tenham em quantidade suficiente para batizar seus netos. As mudanças de nome entre os Waujá ocorrem sempre após o término de grandes festas como o kaumai, sendo que as pessoas geralmente mudam seus nomes após algum episódio transformador como, por exemplo, a cura de alguma doença mais séria, o nascimento de filhos e netos, a passagem para a adolescência ou fase adulta.

O kaumai, o yawari, ritos de iniciação têm toda uma elaboração ritual em torno da chefia e da distinção de certos membros do grupo, é ponto nevrálgico na organização social Waujá e xinguana. Entre os Waujá, assim como na maioria dos xinguanos há um sistema de dupla chefia: um é o conhecedor da cultura, dos aunaki (mitos), dos naakai (rituais), enquanto

o outro é o chefe político, mais relacionado ao mundo do kajaopa, necessariamente conhecedor do português, podendo representar a comunidade junto aos brancos, sendo uma espécie de “embaixador”. (IRELAND, op. cit.: 281).

Na aldeia Waujá atual, o chefe é lutá enquanto o “embaixador” é Atamai. A chefia é um cargo transmitido hereditariamente, preferencialmente ao filho primogênito ou neto (pela linhagem paterna) de um chefe. No entanto, este cargo depende não apenas da hereditariedade, mas também das qualificações pessoais do herdeiro, cuja personalidade deve ser adequada para a chefia. O éthos do amunau ou do candidato a chefe deve ser o de uma pessoa cordata, sensata, calma, de poucas, mas boas palavras, hábil e generosa nas trocas.

Além disso, o amunau deve ser conhecedor de todos os detalhes que constituem os principais rituais, e também, preferencialmente, ser um especialista na arte das flautas kawoká e, quando jovem, ter sido campeão de luta corporal, kapi. Há a possibilidade legal de que este cargo possa ser transmitido a um não-descendente de um chefe, caso este seja inepto, mas tal desvio pode gerar descontentamento e conflitos por muitas gerações. Esta é precisamente a situação atual da chefia entre os Waujá.

Dizer algo na performance ritual significa efetivamente fazer algo, ou seja, o dito é um feito (inspirando-se aqui nas ideias de Austin); além disso, no ritual são utilizados vários meios de comunicação através dos quais os participantes experimentam os eventos de forma intensa; por fim, há no ritual uma profusão de valores indexicais vinculados ou inferidos pelos atores durante o ritual.

Waujá tratam diferentes festas como pertencentes a um mesmo “tipo de festa”, apontando para uma classificação nativa dos rituais. Por exemplo, pohoká e kaojatapá são agrupados no mesmo “tipo de festa”: as de iniciação de homens e mulheres na vida adulta. Creio que podemos alargar esta categoria, nela incluindo o kaumai (kwaryp) e o yawari, ambos rituais de homenagem aos mortos. Tal inclusão se deve ao entendimento de que estes quatro ritos tratam de mudanças de uma fase a outra da existência. Nos rituais de iniciação abandona-se a condição de iamukutã (“criança”) para ingressar em um novo mundo social: a vida adulta. Já nos rituais de homenagem aos mortos, o esquecimento do morto no mundo dos vivos é que opera a transformação, alterando as condições não só da sociedade quanto da própria alma do morto que, devidamente esquecida, pode ingressar em seu novo mundo: a aldeia das almas. Rituais de iniciação e de homenagem aos mortos, portanto, tratam da transformação da pessoa e da sociedade.

Esta aproximação entre festas pubertárias e rituais *post-mortem* baseia-se também na observação de que somente no kaumai e na festa de pohoká são tocadas as flautas watana, momento em que as meninas adolescentes reclusas podem sair da reclusão para dançar com os flautistas. Tal classificação ancora-se também no fato de que estas quatro festas são intertribais, reunindo em um só evento mais de um grupo do Alto Xingu. Estes grandes encontros, que sempre se encerram com lutas corporais entre os grupos participantes,

revelam ademais a permanência do éthos guerreiro neste cenário marcado por uma retórica pacifista que é o Alto Xingu.

Segundo o discurso Waujá, fazer festa é sinal de “alegria”, kotepemona (“alegre” + “corpo/peso”), este sentimento sendo ressaltado como positivo para o bem-estar do grupo. Contudo, há muitas vezes uma pesada necessidade do rito, uma premência em sua realização, pairando em torno deste, perigos assustadores, notadamente em seu nexos com o mundo sobrenatural dos apapaatai.

Segundo os Waujá, as flautas são as máscaras dos ãyã e, portanto, os ãyã são apapaatai que, no lugar de máscaras, possuem o conjunto de flautas kawoká. Seguindo este raciocínio, a execução destes instrumentos seria algo similar ao uso das máscaras. Tal analogia não é nada estranha se lembrarmos do que diz Lévi-Strauss sobre o fato de cantos e instrumentos musicais serem frequentemente comparados a máscaras.

Para este autor, os cantos são “equivalentes no plano acústico, do que as máscaras são no plano plástico”, o que explicaria a associação moral e física entre eles, especialmente entre os povos indígenas na América do Sul (LÉVI-STRAUSS, 1991 [1971]: 36).

4.4.1.2 O Rito e o Mito de origem

Cada membro Waujá relata este mito a sua maneira, mas há um consenso sobre a forma como se deu a aproximação do herói/ caverna, além dos seus significados em relação ao deus/ sol Kâmĩ. Há muitos relatos etnográficos, mas o que pretendemos demonstrar para os fins deste relatório é a forma como este ritual, acompanhado pela cerimônia de furação de orelhas, se associa ao patrimônio recentemente tombado pelo IPHAN, que é um patrimônio desse grupo com a manutenção de sua distintividade.

O ritual Waujá está fundado na esfera política, tendo um papel regulador em termos cosmológicos, vigendo no mundo da cura e da beleza, da ética e da estética.

A íntegra do mito Kamukuwaká mostra qual a relação que os humanos-apapaatai têm com a luminosidade e seus efeitos, ou seja, com a capacidade de ver a partir da luz que fica fora da caverna. Se em outras sociedades ameríndias a luz aparece como operador da disjunção das espécies animais e humanas, na cosmogonia Waujá ela opera na transformação do mundo Waujá, do cupinzeiro para a superfície, e também do mundo dos ierupoho, do “paraíso perdido” ao estado fragmentado em seres mascarados e refugiados. Note-se que, segundo o mito, a luz é ela mesma uma máscara: a máscara de kamo (deus/sol) - (MELLO, 1999).

Conta o aunaki que, devido ao surgimento da luz, as máscaras dos ierupoho foram fabricadas às pressas e, por isso, alguns destes seres não tiveram tempo suficiente para fabricá-las e acabaram fugindo para dentro da água. Os que se refugiaram na água teriam uma

forma semelhante a dos seres humanos, sendo, no entanto, mais baixos, escuros, com longos braços e olhos grandes, sendo chamados pelos Waujá de ãyã ou ãyãokuma. Segundo o aunaki, esses apapaatai não fabricaram máscaras, mas sim as flautas kawoká.

A morada do guerreiro e espírito Kamukuwaká é a caverna de mesmo nome (Figura 20 e 21). Ela é a morada deste ser que é, sobretudo, um ser mitológico, um herói mítico. Este surgiu antes da criação do mundo e dos próprios homens. Fora chefe poderoso cuja pujança o levava a enfrentar a ira de Kãmĩ, o sol. A morada de Kãmĩ o sol é bem em frente da gruta na margem direita da corredeira do Batovi. Quando o astro adquiriu forma de gente, passou a habitar exatamente este ponto às margens do rio Batovi, do lado oposto à caverna que recebe o mesmo nome do grande guerreiro mítico.

Ao perceber a beleza e força do espírito, o sol resolve exterminá-lo, ordenando, em princípio, que se sente no chão. O guerreiro, que até então respeitava Kãmĩ, obedece às suas ordens, juntamente com seus companheiros. O sol, porém, efetua diversas flechadas em direção à cabeça de Kamukuwaká que, ao se virar, defendendo-se, tem as orelhas atingidas. Todos os demais companheiros também são feridos.

Assim, após a cerimônia de “furação das orelhas”, rito que até hoje se mantém entre os Waurá, o guerreiro é carregado nas costas até a caverna, onde se recupera. No entanto, Kãmĩ não se dá por satisfeito e parte para outra estratégia: cria milhões de pequenos periquitos verdes, ordenando-lhes que comam o guerreiro, ainda em repouso. Há uma série de momentos rituais que culminam com a libertação do guerreiro e de seu povo da caverna.

O mito da caverna Kamukuwaká define a criação dos universos e rituais dos Waurá, mas a demarcação de sua área territorial deixou de fora o elemento mais sagrado, justamente a caverna Kamukuwaká.

As formas de utilização e adaptação ecológica de uma sociedade se dá segundo padrões por ela estabelecido, que compreendem, por sua vez, não só aspectos materiais de ocupação, mas outros definidores de caráter cultural.

Oprimidos pela pressão latifundiária e por pecuaristas, os Waurá não visitavam o signo maior de sua cultura há cerca de 30 anos. Com a politização e a organização de suas ações afirmativas exigiu-se da FUNAI a retomada da caverna o que ainda deve ser acompanhado com pressões deste movimento social em relação às políticas dominantes e a força dos grupos e interesses econômicos.

Recentemente, as “populações tradicionais” passaram de povos atrasados a grandes exemplos do desenvolvimento sustentável/desejável, sendo situadas no centro de um novo modelo de conservação. Contudo, o compromisso efetivo com a conservação e a sustentabilidade destas populações ainda parece pouco ouvido pela sociedade do entorno destas ilhas (DIEGUES, 2000: 1-46; SANTILLI, 2005: 303).

Concluindo, parece nítido que a discussão dos novos rumos de proteção à etnografia e aos ambientes destas populações ainda é polêmica, mas aponta para a inclusão de comunidades locais em uma gestão democrática do espaço.

Neste aspecto, a caverna tombada como patrimônio histórico e arqueológico é antes de tudo um patrimônio vivo, carrega a história do grupo e deveria ser utilizada para seus fins rituais. Além de documento-monumento ela é também essencial para a vivência cotidiana de uma cultura, pois as cavernas contêm os mesmos símbolos que estão vivos e pujantes na aldeia. Vários dos grafismos marcados na caverna Kamukuwaká são encontrados em diversos utensílios dos índios Waurá, como cestos, as pinturas idênticas também são reproduzidas nos próprios corpos, além do que os rituais, como vimos, estão repletos de simbologias conservadas além da superfície rugosa da rocha.

Estes grafismos são ainda representativos da “difusão cultural” ocorrida na região, o que requer um estudo aprofundado de etno-espeleologia. Sabemos que a vivência cultural dos Waurá, tão próximas com outras culturas como os Mehinako, têm, além de afinidades linguísticas com certas variantes, relações de trocas comerciais e inter-casamentos.

Podemos pressupor a importância fraternal desta caverna ainda para os Mehinako, os Kalapalo, os Yawalapiri e os Trumai. Num passado não muito distante, deveriam também frequentar as cavernas da região e elaborar as suas histórias com diversas alusões aos seres míticos.

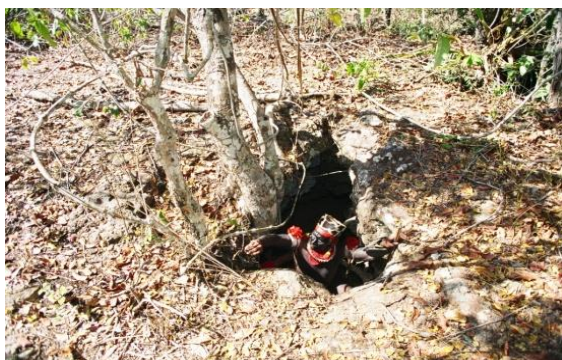


Figura 20 e 21. Ritual realizado pelos indígenas na entrada da Gruta Kamukuwaká.

4.4.1.3 A Gruta de Kamukuwaká

Segundo documento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o tombamento registrado em Diário Oficial da União – Seção 3 n. 107 de 8 de junho de 2010, processo n. 01450.003558/2009-58 notifica a respeito do tombamento dos lugares indígenas sagrados denominados SAGIHENGU E KAMUKUWAKÁ NO ALTO DO XINGU – MATO GROSSO. Trata-se de áreas de elevado valor histórico, etnográfico, paisagístico e arqueológico.

A iniciativa atual de tombamento da caverna como um sítio arqueológico e cultural é um passo importante da preservação do local que deve ser gerido pelos índios uma vez que foram eles que reivindicaram para a FUNAI a devolução desta área cultural. A relação que o local tem com os povos indígenas será um dos critérios fundamentais para a emissão de licenciamento. As imagens das grutas, tanto paisagísticas como dos interiores e da natureza circundante, são como “cemitérios sagrados”. Nestas, estão representados os símbolos vivos de sua cultura. Qualquer pedaço de terra, pertencente a uma cultura indígena é um pedaço da alma indígena e uma fatia considerável de sua existência intrínseca. Ademais, os grafismos contidos nas cavernas vinham sendo degradados em função de não ter havido até então uma política de proteção efetiva.

A atual investigação para o tombamento pelo IPHAN representa a importância destas grutas para o patrimônio cultural e artístico dos índios Waujá, no Alto do Xingu. A equipe formada por técnicos do Centro Nacional de Estudos, Proteção e Manejo de Cavernas (CECAVI), o setor do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), da FUNAI e do próprio IPHAN não contempla um estudo de etno-espeleologia, mas a iniciativa pode ser um passo importante de uma proteção patrimonial mais efetiva.

Sagihengu e Kamukuwaká foram tombados de acordo com critérios do IPHAN nacional e fica determinado que não se pode construir a um perímetro de 1.000 m destes sítios.

O processo nº 1535 T 06 (01450.008760/2006-23) define as localidades nas coordenadas UTM: Poligonal de tombamento de Sagihengu, margens direita e esquerda do rio Culuene, entre os municípios de Campinápolis (área devoluta) e Paranatinga, Fazenda Paraíso do Culuene.

Efetuados os levantamentos topográficos que definiram a área, segue a apresentação dos referências da poligonal de tombamento de Sagihengu em UTM, Fuso 22L: A= 257.593 E / 8.474.357 N; B= 257.991 E / 8.474.325 N; C= 257.326 E / 8.473.524 N; D= 257.009 E / 8.472.985 N; E= 256.678 E / 8.472.763 N; F= 256.386 E / 8.472.894 N; G= 256.121 E / 8.473.630 N; H= 356.274 E / 8.474.058 N e I= 256.980 E / 8.474.254 N.

A poligonal de tombamento de Kamukuwaká, margens direita e esquerda do Rio Batovi, entre os municípios de Paranatinga (Fazenda Lagoa Negra) e Gaúcha do Norte (área devoluta) são em UTM, Fuso 21L: A= 822.365 E / 8.533.244 N; B= 822.833 E / 8.533.174 N; C= 822.865 E / 8.535.944 N; D= 823.317 E / 8.535.783 N; E= 823.254 E / 8.535.620 N; F= 822.640 E / 8.534.684 N; G= 822.907 E / 8.535.737 N; H= 822.740 E / 8.534.679 N; I= 822.561 E / 8.534.695 N; J= 822.513 E / 8533688 N e L= 21L 822.297 E / 8.533.731 N (Anexo 3).

(...) Em razão da amplitude da área tombada e da existência de terra devoluta, bem como da não localização das citadas fazendas, o IPHAN recorreu à notificação por edital dos proprietários das áreas abrangidas pelos polígonos de tombamentos acima citados. A presente notificação implica, pois,

o tombamento das áreas acima referidas, ex vi do disposto no Decreto – Lei número 25, de 30 de novembro de 1937, pelo que passa a gozar de proteção por meio do IPHAN, para os efeitos previstos notadamente nos artigos 17 e 18 do diploma legal citado (...) (Diário Oficial da União, Seção 3, n. 107, 8 de junho de 2010: 11).

É importante ressaltarmos que os grafismos nas rochas ainda sequer foram datados. Diferentemente de outros sítios arqueológicos que foram tombados, as imagens destas grutas deveriam ser vistas cotidianamente pelos índios, pois fazem parte de uma vivência cultural específica que, no entanto, após a demarcação do Parque Nacional do Xingu em 1961, os grupos indígenas, principalmente o Waujá, ficaram sem estas cavernas que fazem parte do seu mito de origem. Ademais, as nascentes de seus rios ficaram fora de seu contorno e estiveram expostas a insumos químicos e assoreamento.

Desta maneira, contar a história da “arte” nestas cavernas é revelar bem mais que uma cultura passada. Elas têm uma importância singular para os índios Waujá, pois há uma relação das imagens grafadas nas cavernas com a pintura corporal, com os utensílios confeccionados em cerâmica e com os cestos de fibras vegetais dos Waujá.

Os ritos de sua cultura também estão repletos de evidências que os ligam às cavernas. A preservação de local sagrado revela o respeito para com a cultura dos povos indígenas, seus mitos contêm a linguagem simbólica de sua cultura e contam a sua história, revela a peculiaridade de suas ações e expressões, definem tanto sua ocupação territorial quanto o tipo de organização social das sociedades nativas. Cada grupo e subgrupo têm uma explicação de sua ocupação territorial e organização política. Vários povos indígenas de Mato Grosso têm sua origem ligada a cavernas, como ainda, pedras e pontes.

O fato dos Waujá não terem seu local de origem mítica incluída na demarcação de sua área deveria ser revisto, na medida em que tais cavernas foram tombadas pela União. A inclusão destas cavernas em tais áreas seria uma espécie de correção de uma injustiça passada, fato que ocorreu com a maior parte das etnias indígenas do Estado do Mato Grosso.

As representações simbólicas do mundo subterrâneo são citadas em diversos mitos indígenas e da sociedade não indígena, assim, aparecem em documentos literários sempre associados à idéia de tesouros escondidos, aventuras preciosas, proezas heróicas que amedrontam o herói, mas que depois da jornada ele é recompensado.

O lado poético se manifesta em outros aspectos, tais como nas representações da fragilidade humana frente à divindade e a natureza divina desta. Todas as elaborações míticas referem-se ao que a caverna contém em sua plasticidade, suas águas, os murmúrios de humanos, a presença de animais, o escuro e sombrio, a imaginação de vozes, até mesmo a plasticidade da lama. Apesar das cavernas conterem nas suas imagens a aflição, opressão própria da sociedade moderna, ressalta-se as representações, de que elas são paraísos

protegidos e lugares para a viagem interior e a busca incessante ou a redescoberta (Figueiredo, 2001). Do ponto de vista da pesquisa fenomenológica, podemos explorar a carga subjetiva e os aspectos que permitem interiorizar a experiência do lugar, a identidade espacial e o enraizamento do homem (BROSSEAU, 2007: 31).

O uso ritual de cavernas é uma prática dos índios Waujá, o que demonstra que o tombamento destes sítios arqueológicos tem importância não apenas histórica, mas, sobretudo, etnográfica e ambiental. Ademais, nem toda caverna deve ser utilizada para fins turísticos. As pinturas, ainda não datadas, podem ser estudadas em sua relação com as cestas produzidas além de outros artefatos e da própria pintura corporal dos índios Waujá. Portanto, este sítio arqueológico que ora se efetua o seu tombamento é um sítio arqueológico vivo (Figuras 22 e 23).



Figura 22. Vista frontal da Gruta Kamukuwaká



Figura 23. O pajé Takapé explica o painel rupestre da Gruta Kamukuwaká a crianças

5. Contexto Ambiental

5.1 Meio Físico²¹

Conhecer o meio físico da área na qual se insere a pesquisa vem a contribuir para a compreensão dos sistemas de assentamentos em que as populações humanas pretéritas se organizavam.

Geologia

As Áreas de Influência Direta (AID) e Indireta (AII) do traçado deste novo empreendimento na BR-242/MT compreendem o Planalto do Parecis que abrange o Chapadão da Bacia do Alto Xingu (Vasconcelos, 2007). No Chapadão da Bacia do Alto Xingu afloram com predominância os depósitos sedimentares da Formação Ronuro (CPRM, 2000 in FLORAMAP, 2009) de idade cenozóica, que assentam discordantemente sobre as rochas sedimentares cretáceas do Grupo Parecis, representado pelas Formações Salto das Nuvens e Utiariti. De forma menos expressiva e capeando essas unidades sedimentares do Cenozóico e do Cretáceo ocorrem as Coberturas Dedrito-Lateríticas Ferruginosas (SEPLAN, 2000a in FLORAMAP, 2009), e instalados ao longo das principais drenagens têm-se os Depósitos Aluvionares. Ainda, no limite sul do Chapadão da Bacia do Alto Xingu ocorrem os siltitos e folhelhos Devonianos da Formação Ponta Grossa.

O Planalto dos Parecis é definido como a mais extensa unidade geomorfológica de Mato Grosso, cujo registro contínuo estende-se por cerca de 1.100 km no sentido leste-oeste, e por aproximadamente 430 km no sentido norte-sul, e que se interpõe como um divisor de águas das bacias do Amazonas e do Paraguai. Nesta morfoestrutura, que compreende os altos cursos das bacias dos rios Juruena, Teles Pires e Xingu, desenvolveu-se extensa sedimentação continental cretácea depositada em ambientes fluvial e eólico (CPRM, 2004 in FLORAMAP, 2009), enfaixada no Grupo Parecis que reúne as Formações Salto das Nuvens e Utiariti, que pertencem à bacia sedimentar do Parecis.

Sobre o domínio mais oriental da Bacia dos Parecis está a Bacia do Alto Xingu. Os sedimentos cenozóicos pertencentes a ela consistem em conglomerado, areia e silte, denominados de Formação Ronuro (in CPRM, 2004). Esses terrenos cenozóicos são revestidos por paleossolos que recobrem os extensos platôs do Planalto dos Parecis, cuja origem é atribuída essencialmente à conjugação da estabilidade tectônica e mudanças climáticas que promoveram o surgimento da unidade edafoestratigráfica, denominada de Superfície Paleogênica Peneplanizada com Latossolização (SEPLAN, 2000 in FLORAMAP, 2009: 81). Esta unidade tem ocorrência típica no Planalto dos Parecis, recobrando a Formação Utiariti, apresentando-se com topo plano e preservado, com espessura ao redor de 30 metros. Inserido dentro da sedimentação cenozóica no intervalo do Quaternário, foram ainda identificadas na

²¹ Os dados do 'Meio Físico' aqui apresentados e adaptados foram abstraídos do Relatório Ambiental Simplificado 01 e 02 (RAs), elaborados por FLORAMAP – PROJ. CONSULTORIA E MAPEAMENTOS LTDA, 2009; bem como da CPRM (2004) - Convênio CPRM/SICME.

Região da Chapadão do Alto Xingu, os depósitos Aluvionares representados por areias com níveis de cascalhos e lentes de material silto-argiloso, que ocorrem associados às calhas dos rios de maior porte, com origem atribuída à reativação tectônica.

Segue uma breve apresentação das unidades litoestratigráficas que ocorrem no trecho de estudo da BR-242/MT entre as cidades de Nova Ubiratã e Gaúcha do Norte.

- Formação Ponta Grossa (Dpg): As rochas desta Formação se caracterizam por uma sequência de folhelhos e siltitos de cores cinza a cinza-esverdeado na base e apresentando para o topo intercalações de arenitos finos a muito finos de cor branca, marrom e esverdeada. Em geral, são rochas com níveis fossilíferos nos folhelhos. Na área de estudo está restrita no extremo sudeste da área, provavelmente associada à quebra de relevo na média vertente.

- Formação Salto das Nuvens (Ksn): Os sedimentos desta formação representam a unidade inferior do Grupo Parecis. Esta formação está representada por conglomerados petromíticos de matriz argilo-arenosa intercalados por lentes de arenitos vermelhos de granulometria variável. Sobreposto aos conglomerados ocorre geralmente arenito imaturo com estratificação cruzada de médio porte, contendo seixos e calhaus de diversos litotipos. Estes arenitos podem se apresentar silicificados, com presença de nódulos de calcedônia, e relevo constituído por colinas e morros, com campos de matações de arenito aflorando nas encostas. Ocorrem principalmente na calha dos principais rios da região de estudo.

- Formação Utiariti (Kut): As rochas desta unidade constituem as partes mais elevadas do Planalto dos Parecis, sobrepondo-se às rochas da Formação Salto das Nuvens em contato gradacional e concordante. Apresentam cores variegadas nos matizes de branco, amarelo, roxo a avermelhado, conformando bancos com bases irregulares, maciços ou localmente apresentando estratificação cruzada de pequeno porte ou plano-paralela. Nas camadas basais podem ocorrer seixos de quartzo arredondados e de boa esfericidade. A composição é essencialmente por grãos de quartzo e feldspato e sua matriz, com pouco cimento, é facilmente desagregada. Localmente podem se apresentar com intensa silicificação devido à diagênese ou proximidade de falhas. As exposições dessas rochas são relativamente raras, e na região em estudo ocupam em parte as calhas dos principais rios da região, tais como Ronuro, Capitão Noronha, Capitão Jaguaribe, Batovi, Curisevo, Pacuneiro, Sete de Setembro e Culune.

Destaca-se que tais rochas silicificadas são excepcionalmente aptas ao lascamento, de modo que os artesãos pré-históricos as utilizavam continuamente - tanto que, ao serem localizadas em campo nos trabalhos arqueológicos, é dado como certo a identificação de artefatos líticos nestes locais e/ou arredores.

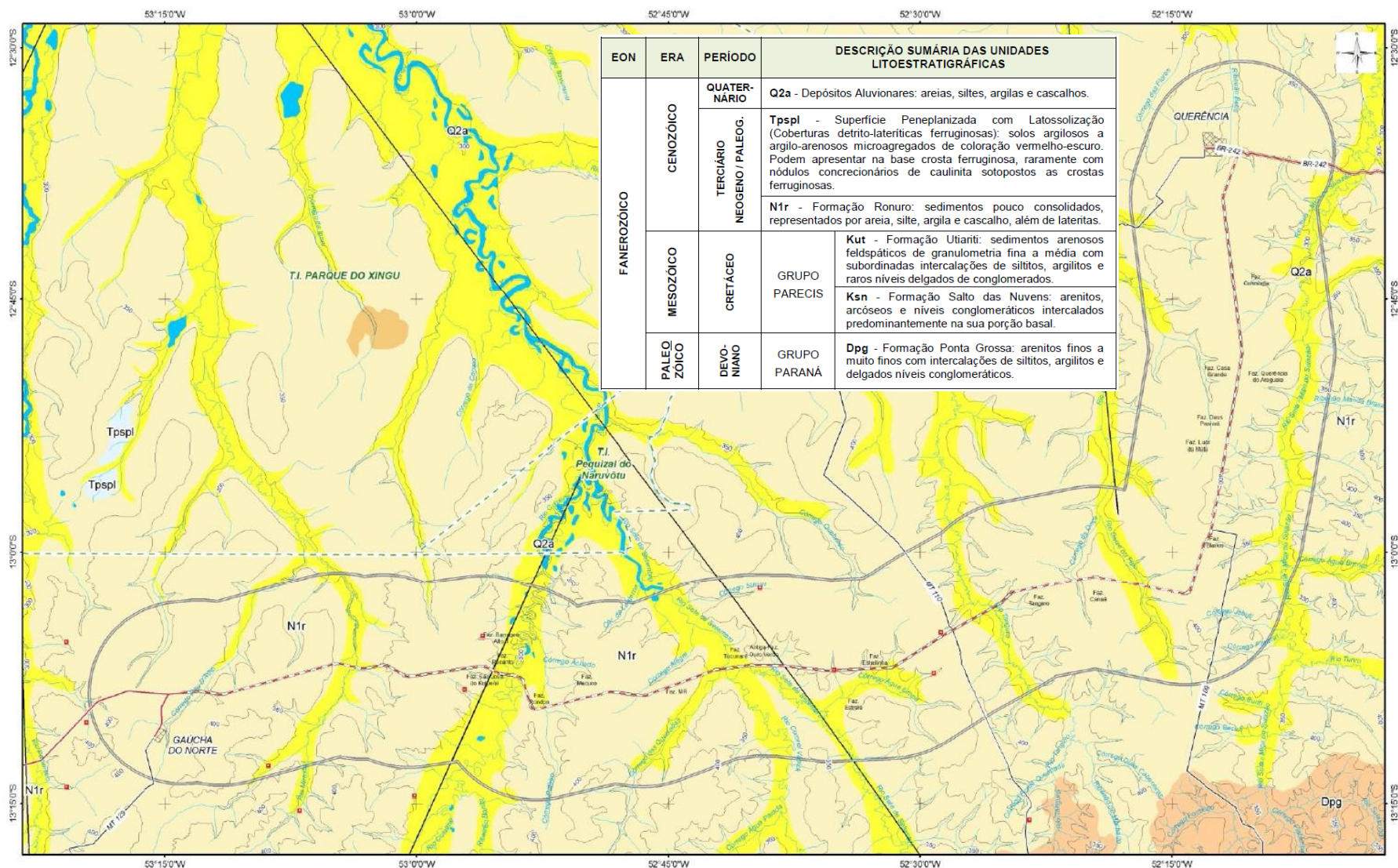
- Formação Ronuro (N1r): Esta cobertura, de idade terció-quadernária, aflora continuamente na porção leste da Bacia dos Parecis, no domínio da sub-bacia Alto Xingu, capeando discordantemente as formações paleozóicas. Consiste de sedimentos pouco consolidados, representados por areia, silte, argila e cascalho, além de lateritas. Esta unidade foi depositada em uma depressão tipo sinéclise a partir da intensa erosão no Plioceno, que desmantelou a

crosta laterítica formada no início do Terciário. Apresenta-se de forma generalizada na área de estudo, abrangendo um vasto domínio territorial entre Querência e Gaúcha do Norte, com aproximadamente 84% da área de influência indireta, ocupando os interflúvios e vertentes das principais drenagens da região.

- Coberturas Detrito-Lateríticas Ferruginosas (Tpspl): Superfície laterizadas com geração de crostas lateríticas, as quais foram posteriormente destruídas por processos pedogenéticos que geraram Latossolos Vermelhos argilosos. Os sedimentos detrito-lateríticos ocorrem numa extensa área aplainada, com interflúvios tabulares e associados a pequenas elevações, dominadas pelo horizonte concrecionário do perfil laterítico. As superfícies aplainadas são constituídas predominantemente por solos argilo-arenosos de tonalidade avermelhada, ricos em concreções ferruginosas, além de níveis de argilas coloridas e areias inconsolidadas. Os lateritos imaturos, quando em perfis completos e preservados, modelam grande parte do relevo atual. Apresentam a sua parte superior (horizonte colunar/concrecionário) aflorante, configurando a parte mais elevada do relevo.

- Depósitos Aluvionares (Q2a): Constituem depósitos caracterizados por sedimentos inconsolidados, predominantemente arenosos, representados por areias com níveis de cascalhos e lentes de material silto-argiloso. Ocorrem associados às calhas dos cursos d'água de maior porte, encaixados tanto no embasamento cristalino como nos depósitos terciários, compreendendo basicamente sedimentos aluviais (Mapa 2).

Nesta região da pesquisa, a disponibilidade, abundância e fácil acesso às rochas silicosas, tais como os arenitos silicificados e as rochas criptocristalinas, na forma de afloramentos, blocos e seixos, certamente foram vetores determinantes para que inúmeros grupos indígenas ocupassem essas áreas na pré-história, seja por longos períodos ou até mesmo para acampamentos de curta duração. Locais com rochas de bom lascamento sempre são ótimos indicativos de vestígios de grupos humanos existentes no passado, tal como se poderão observar nos resultados desta pesquisa, com os sítios Ilha Steinem, Jatobá e Kurisevo das Pedras.



Mapa 2. Representação sintética do Mapa Geológico do trecho de estudo da BR-242/MT, conforme Relatório Ambiental Simplificado-RAS para obtenção da Licença Prévia-LP (DENIT/DEC e FLORAMAP)

Geomorfologia

Toda a extensão da BR-242/MT está inserida em um único compartimento geomorfológico conhecido como Planalto dos Parecis. Esta unidade de relevo é composta por uma expressiva área aplainada, com altitudes que atingem os 550 metros, recoberta por um depósito de Cobertura Detrito-Laterítica de idade Tércio-quadernária. Estende-se de forma contínua no sentido oeste-leste, desde a fronteira do Estado de Rondônia até o contato com a Depressão do Araguaia, configurando o grande divisor de águas entre a Bacia Amazônica ao norte e a Bacia Platina ao sul. Caracteriza-se pela homogeneidade das formas de relevo, predominantemente tabulares. A intensidade da dissecação do relevo, relativa tanto à amplitude dos topos quanto ao aprofundamento dos vales, varia de leste para oeste em função da litologia dominante em cada trecho e da altitude do relevo em relação ao nível de base regional.

A expressiva dimensão do Planalto dos Parecis coloca-se sob a influência de domínios bioclimáticos distintos, representados pelos climas Equatorial Continental Úmido, com predominância de ambientes florestados e o Tropical Continental Úmido, com predomínio das Savanas. Estes domínios se interpenetram, formando mosaicos paisagísticos complexos, constituindo uma Região de Contato. Assim, esta vasta área, posicionada entre a zona intertropical (Floresta Amazônica), savanas tropicais (Cerrado) e a Depressão Continental do Chaco (Pantanal) ao sul, sob o ponto de vista do quadro natural, possui características marcantes. Desta forma, o Estado de Mato Grosso encontra-se numa área de transição entre a atuação dos fluxos Tropical, Equatorial e Extratropical, os quais produzem variações em tipos de clima bem característicos desta região.

Quanto às características específicas relacionadas à morfoesculturas, formações vegetais, coberturas pedológicas, rede hidrográfica e clima, levaram à individualização de quatro sub-regiões: Chapadão da Bacia do Alto Xingu, Chapadão da Bacia do Alto Teles Pires, Chapadão dos Divisores das Bacias dos rios Arinos e Roosevelt e Chapada dos Parecis (VASCONCELOS, 2007 in FLORAMAP, 2009).

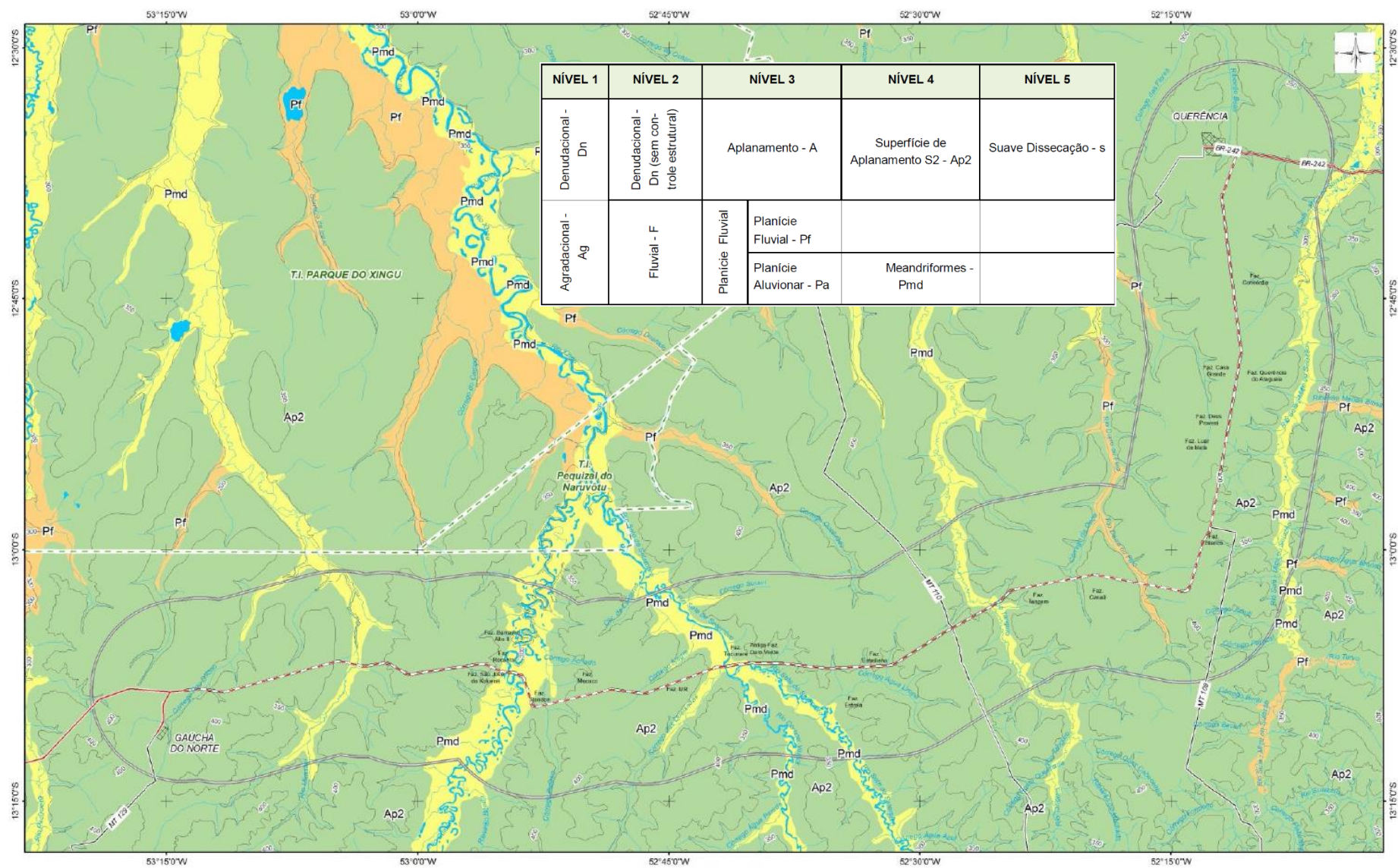
Na área de abrangência do empreendimento seguiu-se na direção oeste-leste o Chapadão da Bacia do Alto Xingu, onde estão as nascentes da bacia hidrográfica do Xingu. Este Chapadão do Alto Xingu, com altitudes que variam entre 350 e 500m compreende uma extensa planície aplanada com caimento para norte, encerrando a nordeste o Planalto dos Parecis onde se limita com as rampas do vale do Araguaia. É drenada pelos rios de regime perene da bacia do Alto Xingu, instalados em largos vales de fundos planos, preenchidos de aluviões e convergentes para o curso principal, configurando um leque aberto para o sul em diversas planícies fluviais.

Quanto aos Sistemas Geomorfológicos, a área de estudo caracteriza-se pela presença predominante do Sistema Denudacional (Dn) representado por formas de relevo em processo

geral de esculptação, onde predominam os aspectos destrutivos, com rebaixamento das formas. Na área ocorrem:

- Os Sistemas de Aplanamento (S1/(Ap1/p) e S2(Ap2/s), que se desenvolve respectivamente sobre o Chapadão e o Planalto dos Parecis. O S1 se caracteriza por uma superfície subnivelada extensa, com topos sub-horizontais que formam rampas extensas e vales amplos e erosivos, abrigando apenas canais de primeira ordem; o S2 é também formado por uma superfície subnivelada extensa, de interflúvios amplos, com topos subnivelados, convexos e amplos, e vales amplos e abertos, erosivos acumulativos, com planícies estreitas.
- O Sistema de Dissecação em Colinas e Morros (CL-Mr), que se relaciona à presença de residuais do substrato rochoso das Formações Salto das Nuvens e Utiariti recoberto por uma crosta laterítica. É localizado ao sul da área de estudo, confinados no vale do rio Ronuro e seu afluente ribeirão Capitão Noronha, e no vale do rio Curisevo.
- O Sistema de Agradação Fluvial (Af) com desenvolvimento de Sistema de Planície Fluvial (Pf), que incluem as planícies e os terraços fluviais, bem como diques, meandros abandonados, lagoas e outros. Caracterizam por apresentar o nível freático elevado e enchentes sazonais.
- O Sistema de Planície Aluvionar Meandriforme (Pmd) que representa ocorrências geralmente descontínuas, as quais mantêm relação com as principais linhas de drenagens fluviais. Correspondem a depósitos sedimentares dos canais fluviais meandrantas, como as planícies de trechos dos rios e ribeirões do Von Den Steinen, Ronuro, Jatobá, Batovi, Curisevo, Pacuneiro e Mirassol (Mapa 3).

Assim como o tipo de geologia pode ser um indicativo de locais ocupados por grupos humanos, também os dados geomorfológicos permitem associações. Nesta região de estudo observamos que embora as vastas áreas de planície de inundação inviabilizassem assentamentos humanos de longa permanência, devido às cheias dos rios, eram nessas áreas que as artesãs encontravam argilas disponíveis e em abundância para a confecção de seus utensílios cerâmicos. Ademais, a região com um relevo plano ou suavemente ondulado, constatamos que no passado os grupos humanos ocuparam as inúmeras áreas de colinas de topos planos e vertentes suaves, próximas aos inúmeros rios da região, mas livres de inundações, tal como os sítios Rio Ferro, Terra Cinza, Recanto e Rondon.



Mapa 3. Representação esquemática do Mapa Geomorfológico do trecho de estudo do BR-242/MT, conforme Relatório Ambiental Simplificado-RAS para obtenção da Licença Prévia-LP (DENIT/DEC e FLORAMAP)

Hidrologia

Hidrograficamente a área onde se insere esta rodovia pertence à bacia do Alto e Médio Xingu, que apresentam baixos valores de declividade na rede de drenagem, compreendendo uma extensa superfície aplanada com caimento para norte, ecerrando a nordeste o Planalto dos Parecis onde se limita com as rampas do vale do Araguaia. A rede de drenagem nesta região possui um caráter de vale ligeiramente encaixado de fundo plano, principalmente na porção inferior do Chapadão do Alto Xingu, compondo diversas corredeiras. Neste contexto, em toda a extensão de áreas de drenagem da alta bacia hidrográfica do rio Xingu predominam relevos aplanados moderadamente dissecados pela rede de drenagem.

Os estudos da morfodinâmica do sistema fluvial do monoclinal do Chapadão do Alto Xingu, incluindo os rios Ferro, Von Den Steinen, Ronuro, Jaguaribe, Agrimensor Santiago, Jatobá, Batovi, Curisevo, Pacuneiro, Darro, Tanguro, Sete de Setembro, Culuene e Mirassol, demonstram que, na paisagem atual, as formas de relevo, associadas à drenagem, são controladas principalmente pela tectônica cenozóica, aliada ao tipo de litologia e ao clima.

De maneira geral, os cursos hídricos desta região de estudo, apresentam sinais de assoreamento e processos erosivos em suas margens, notadamente nos afluentes das cabeceiras mais altas, muito embora as matas ciliares dos cursos d'água de maior porte apresentam-se bem preservadas em sua maior parte (Mapa 4).

Assim, conforme se poderá constatar nos resultados dos trabalhos arqueológicos, foram ao longo ou nas proximidades dos importantes rios da região em estudo que foram identificados assentamentos humanos pré-históricos, dependendo da disponibilidade de argilas para a confecção de cerâmicas, de rochas de bom lascamento para a produção das ferramentas líticas, de solo de qualidade para os cultivos e, também, de recursos alimentares encontrados nestes rios e seus entornos. Como exemplo, existiram ocupações humanas no passado ao longo ou nas proximidades dos rios Ferro, Von Den Steinen, Ronuro, Jaguaribe, Agrimensor Santiago, Jatobá, Curisevo e Culuene, onde seus habitantes fizeram uso de todos os recursos de subsistência que tinham à disposição.

Solos

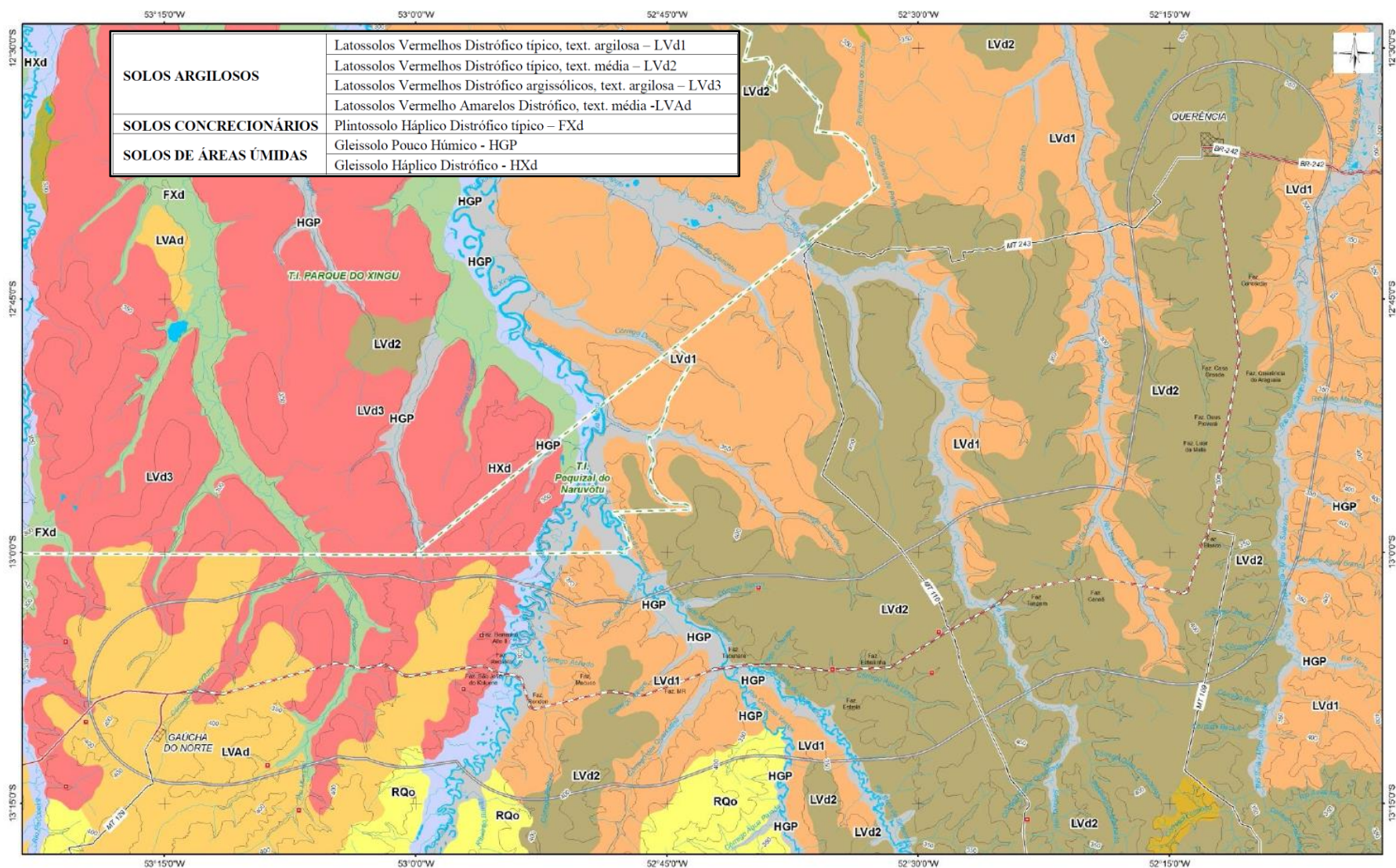
Por se tratar de uma litologia sedimentar predominante do Terciário/Quaternário do tipo detrítico-laterítico, desenvolveu-se uma espessa camada de latossolo vermelho amarelo formando um relevo plano, suavemente ondulado e extensas colinas. Trata-se de um solo profundo ou muito profundo, bem drenado, com textura argilosa, muito argilosa ou média e pouca diferenciação entre os horizontes. Esses latossolos também possuem boas condições físicas que, aliadas ao relevo plano ou suavemente ondulado, favorecem sua utilização pelas diversas culturas adaptadas ao clima da região.

Especificamente, nas porções superiores das formas aplainadas de relevo tem-se a predominância de Latossolos Vermelhos, oriundos da Superfície Paleogênia com latossolização, que passam gradativamente para Latossolos Vermelho Amarelos e Neossolos Quartazarênicos oriundos de sedimentos da Formação Ronuro, sendo que no limite entre essas duas últimas unidades existem locais onde se desenvolvem pontualmente Neossolos Litólicos e Concrecionários. Já no fundo dos vales tem-se a ocorrência de Gleissolos, onde existem baixo gradiente topográfico e associado aos Depósitos Aluvionares e a ocorrência de Plintossolos e Latossolos Vermelho Amarelos.

Os Latossolos apresentam boas características para a ocupação por culturas agrícolas, já que ocorrem em relevo plano a suave ondulado. Os Neossolos Quartazarênicos e suas associações latossólicas vêm sendo ocupados com pastagens nas áreas planas e nas áreas de relevo ondulado vêm sendo mantida a cobertura vegetal natural. São inaptos ao uso agrícola, sendo sua utilização restrita a pastagens e reflorestamento com espécies pouco exigentes em nutrientes. Os Gleissolos e os Hidromórficos apresentam fator limitante ao uso agrícola devido a presença do lençol freático muito próximo à superfície, associado ao permanente risco de inundações.

Com relação aos processos erosivos na área de estudo, destaca-se que a grande maioria encontra-se relacionada às atividades antrópicas, como aquelas posicionadas às margens das estradas que cortam a área (Mapa 5).

Visto a diversidade da constituição dos solos da região em estudo, certamente os grupos humanos que habitaram estas áreas no passado tiveram suas escolhas, quanto ao local de suas habitações (aldeias), influenciadas não somente pelo relevo e drenagens, mas também pelo tipo e qualidade do solo. Afinal necessitavam de bons solos para seus cultivos. Essas aldeias, constataremos mais adiante nos resultados deste relatório, que poderiam corresponder, por exemplo, aos sítios Rio Ferro e Terra Cinza.



Mapa 5. Representação esquemática do Mapa Pedológico do trecho de estudo do BR-242/MT, conforme Relatório Ambiental Simplificado-RAS para obtenção da Licença Prévia-LP (DENIT/DEC e FLORAMAP)

5.2 Meio Biótico²²

Flora e Fauna

A **cobertura vegetal** observada no trecho da rodovia BR-242/MT está representada quase que na sua totalidade por áreas de tensão ecológica, que são áreas de contato entre diferentes tipos de vegetação - tais como a floresta amazônica e o cerrado. Segundo FLORAMAP (2009: 178) foram encontradas as seguintes formações vegetais nativas: Savana Arborizada (Cerrado Típico), Savana Florestada (Cerradão), Contato Floresta Estacional/Savana Florestada (Floresta de Transição), Formações Ripárias e áreas com Formações Secundárias (Mapa 6).

A Savana Arborizada caracteriza-se por apresentar árvores e arbustos com altura média de 3,0 m, caules tortuosos sobre um denso tapete graminoso contínuo recobrendo todo o solo. No levantamento da vegetação foram identificadas 70 espécies lenhosas, sendo a maior parte considerada comum nesta formação, como: Ariticum, Mangaba, Murici, Caroba, Ipê Amarelo, Morcegueira, Barbatimão, Fruta-de-veado, Fruta-de-lobo, Açoita-cavalo, Pau-coce, Olho de boi, Lixeira entre outras.

A Savana Florestada contém árvores de 8 a 15 m de altura, e ocorre em 51,90% da área estudada, geralmente sobre solos argilosos em áreas aplanadas e secas, em alguns locais ocorre em áreas próximas de drenagem e mais úmidas. Nos períodos de seca há acúmulo de folhas, flores, frutos e ramos que fertiliza o solo e beneficia o crescimento de plantas. Dentre algumas espécies típicas, têm-se: *Pterodon pubescens* (Sucupira branca), *Vochysia haenckiana* (Escorrega macaco), *Xylopia aromática* (Pindaíba), *Astronium urundeuva* (Aroeira), *Calisthene minor* (Carvão-branco), *Caryocar brasiliense* (Pequi), *Diospiros hispida* (Olho-de-boi) entre outras.

A Floresta estacional Semidecidual ocorre em faixas moderadas, não muito isoladas, e caracteriza-se pela presença de indivíduos emergentes, com mais de 30 m de altura, tais como peroba, jatobá, cedro, marupá, mescla vermelha entre outras. Mantém dossel fechado e geralmente ocorrem sobre manchas de solos mais férteis.

As Formações Ripárias encontram-se em bom estado de conservação, protegendo as margens e evitando seu assoreamento como também oferecendo alimento, pousio, área para reprodução e refúgio a um número expressivo de animais nativos da região.

E existem também áreas onde as espécies da Floresta Estacional e a Savana Florestada se encontram e misturam formando uma comunidade de contato. Essa situação ocorre com

²² Os dados do 'Meio Biótico' aqui apresentados e adaptados foram abstraídos do Relatório Ambiental Simplificado 01 e 02 (RAS), elaborados por FLORAMAP – PROJ. CONSULTORIA E MAPEAMENTOS LTDA, 2009.

frequência ao longo do trecho em estudo da BR-242/MT, e a floresta apresenta plantas altas isoladas e abaixo as copas se tocam formando um estrato definido. Entre as espécies estão: Pau-pombo, Guaratã, Peroba, Canela, Pau d'óleo, Angelim, Jacarandá, Ucuúba, Pororoca, Tingui, Chico-magro, Pau-de-tucano entre outros.

Os biomas por sua estrutura vegetal e antropizados apresentam grande variedade em espécies em todos os ambientes, que dispõem de muitos recursos ecológicos, abrigando comunidades de animais com abundância de indivíduos, alguns com adaptações especializadas para explorar o que fornece seu habitat.

A **fauna** é característica das regiões Amazônicas e do Cerrado, uma vez que forma um ecótono – área de transição entre dois biomas em que se encontra um elevado número de espécies que dividem os mesmos nichos ecológicos. Tal fato é acarretado porque o traçado do futuro empreendimento passa por algumas zonas de divisores de água entre os rios e córregos, o que chama atenção por apresentar matas de galeria favorecendo alimentação. Há registro de mais de 7.000 espécies, com alto nível de endemismo. A riqueza de espécies de aves, peixes, répteis, anfíbios e insetos é grande, assim como de mamíferos. Este resultado mostra a importância da integridade e do papel das matas na manutenção da fauna local, através da oferta de recursos alimentares e abrigo para espécies de áreas abertas.

Dentre a fauna de mamíferos está representada por grupos distintos de mastofauna, tais como: Lobete, Anta, Quati, Lobo-guará, Tatu-galinha, Tatu-bola, Morcegos, Paca, Onça-parda, Cutia, Capivara, Onça pintada, Jaguaritica entre outros.

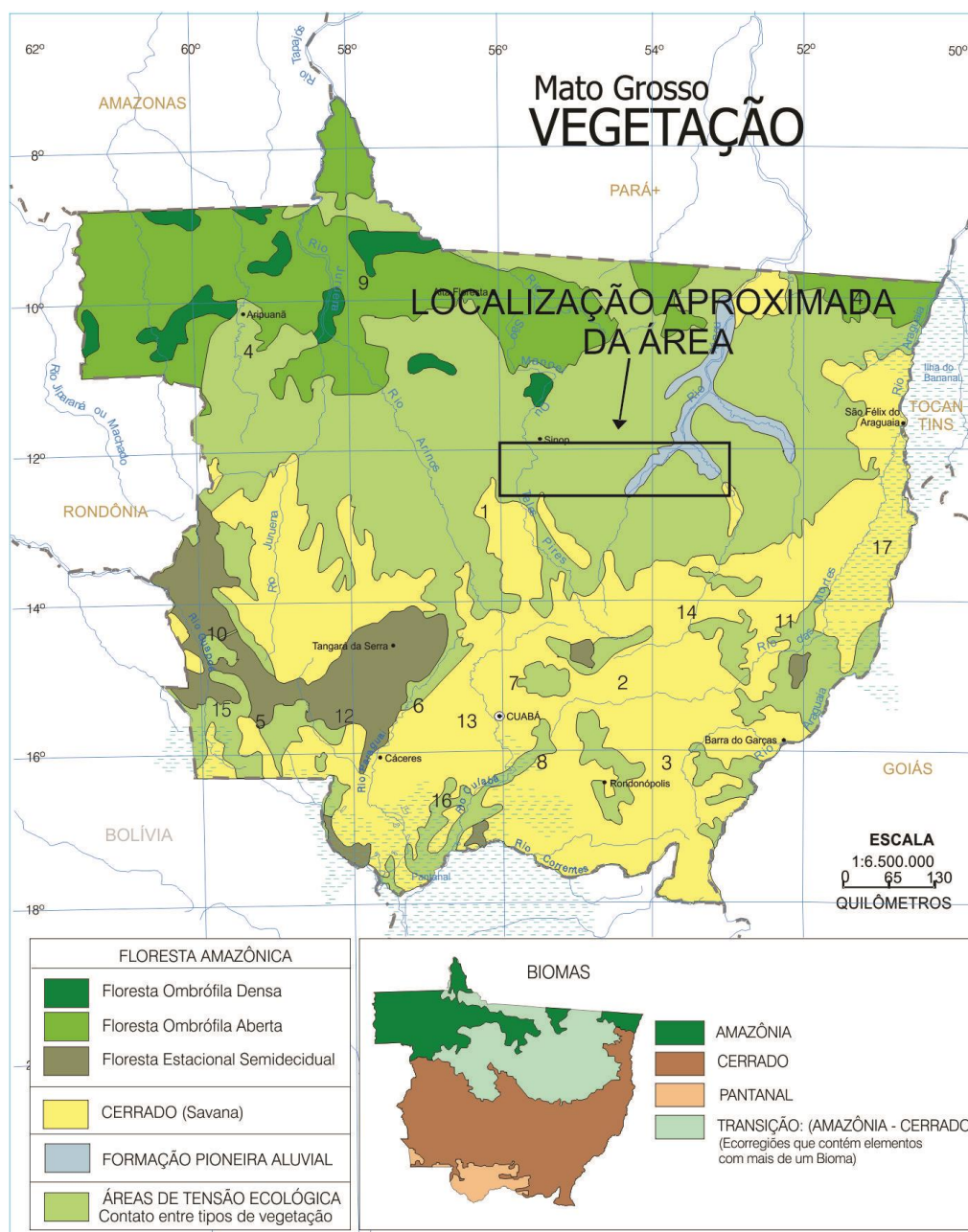
As aves são os animais mais visíveis na área, sendo que elas utilizam o mosaico de ambientes da região, tornando possível a coexistência de diversas espécies. Dentre elas, ocorrem: Pato-do-mato, Macucu, Jaó, Garça-real, Gavião-de-anta, Urubus, Quero-quero, Fogo-apagou, Rolinha, Carrapateiro, Caracará etc.

A ictiofauna é rica e variada sendo encontradas nos rios da área em estudo espécies diversas, tais como: Lambaris, Piquira, Matrinchã, Pacu, Piava, Dourado, Cascudo, Mussum, Tambaqui, Traira, Piau entre outros.

Do mesmo modo os répteis são inúmeros e de diferentes espécies, sendo encontradas espécies tais como: Jiboia, Caninana, Jararaca, Jabuti, Jacaré, Sapo, Cágado, Sucuri, Rã, Perereca, Cascavel, calango etc.

Devido à ação antrópica, direcionada principalmente à atividade agropecuária, modificou-se completamente a cobertura vegetal da região, predominando no trecho do empreendimento em questão, áreas com cultivo de soja, milho e pastagem. Reforça-se que as taxas de desmatamento no Cerrado têm sido historicamente superiores às da floresta Amazônica e o esforço de conservação do bioma é muito inferior ao da Amazônia: apenas 2,2% da área do Cerrado se encontram legalmente protegida. Diversas espécies animais e vegetais estão ameaçadas de extinção e estima-se que 20% das espécies ameaçadas ou

endêmicas não ocorram nas áreas legalmente protegidas. As principais ameaças à biodiversidade do Cerrado são a erosão dos solos e a degradação dos diversos tipos de vegetação presentes no bioma. O uso do fogo para a abertura de áreas virgens e para estimular o rebrotamento das pastagens também é prejudicial, embora o Cerrado seja um ecossistema adaptado ao fogo. A agricultura no Cerrado é lucrativa e sua expansão deve continuar em ritmo acelerado. A demanda por melhorias da infra-estrutura para baratear os custos de transporte da safra agrícola deverá provocar ainda maior impacto sobre estas áreas.



Mapa 6. Cobertura vegetal na área de implantação da rodovia BR-242/MT

6. Resgate dos Sítios Arqueológicos e Análise dos Materiais

Os resultados dos trabalhos de prospecção (HIROOKA, 2011) registraram a ocorrência de 17 sítios arqueológicos na área de abrangência do empreendimento em questão, destes, 14 foram resgatados e três (03) foram preservados, por se situarem fora da área de impacto da obra (Quadro 5).

Quadro 5. Localização dos sítios arqueológicos e condições

SIGLA	LOTE	SÍTIO ARQUEOLÓGICO	LONGITUDE (W)	LATITUDE (S)	CONDIÇÃO ATUAL
S-01	01	Rio Ferro	55°05'21"	13°03'46"	Resgatado
S-02	01	Terra Cinza	55°03'33"	13°12'00"	Resgatado
S-03	02	Ribeirão Grande	54°58'01"	13°13'55"	Resgatado
S-04	02	Bomba d'Água	55°00'11"	13°18'21"	Resgatado
S-05	02	Ilha Steinen	54°53'33"	13°14'43"	Resgatado
S-06	04	Jaguaribe	54°25'39"	13°16'30"	Resgatado
S-07	04	Cachoeira I	54°16'56"	13°16'50"	Resgatado
S-08	04	Santiago	54°16'57"	13°16'25"	Resgatado
S-09	05	Jatobá	54°10'43"	13°17'28"	Resgatado
S-10	05	Lesma	54°12'08"	13°22'55"	Resgatado
S-11	05	Pajam	54°10'37"	13°17'17"	Preservado
S-12	05	Barracão Queimado	54°07'42"	13°17'38"	Resgatado
S-13	05	Gruta Kamukuwaká	54°01'22"	13°14'55"	Preservado
S-14	05	Batovi	54°00'31"	13°15'33"	Preservado
S-15	07	Kurisevo das Pedras	53°30'04"	13°13'05"	Resgatado
S-16	09	Recanto	52°54'38"	13°07'15"	Resgatado
S-17	09	Rondon	52°52'32"	13°09'15"	Resgatado

A seguir apresentam-se os sítios resgatados, segundo a ordem acima elencada, informando suas localizações na paisagem, os métodos de resgate empregados, as estratigrafias identificadas, bem como as análises de todos os materiais resgatados. Ademais, seguem as respectivas ilustrações e observações adicionais.

6.1 Sítio Rio Ferro

Coordenada geográfica: 55°05'21''W / 13°03'46''S

Tipo: litocerâmico a céu aberto

Área de dispersão de vestígios: 8.000 m² (100 x 80 m)

6.1.1 Inserção na Paisagem

O sítio Rio Ferro implanta-se em terraço fluvial de topo plano e elevado, nas margens do rio homônimo, meandroso, caudaloso e de águas verdes cristalinas. Dista do centro urbano de Nova Ubiratã cerca de 20 km para SE.

A paisagem encontra-se bastante delapidada por ações antrópicas recentes. O terreno foi convertido em pasto, mostrando-se, ainda, muito alterado pela construção, a leste, de pequeno açude, verificando-se que, da floresta de transição de outrora resiste apenas uma mancha que acompanha a drenagem.

Apesar do atual grau de destruição da paisagem, em tempos pretéritos o rio piscoso e a floresta reuniram condições de atração à fixação de comunidades.

6.1.2 Método de Resgate

O sítio Rio Ferro apresenta-se parcialmente destruído pela estrada atual que o intercepta. Também na porção sul da estrada, devido ao desmate, ocorreu abertura de valas e trabalhos de regularização do terreno com tratores, resultando na exposição em superfície de material arqueológico.

Optou-se por dividir a área de intervenção em duas áreas, correspondentes ao seccionamento do sítio pela estrada: como **Área I** designou-se a margem direita da estrada (sentido Nova Ubiratã → Postinho Santiago); e, como **Área II** a margem esquerda, afetada pela passagem de trator de onde resultou a formação de pequenas leiras e uma vala.

Os trabalhos na **Área I** iniciaram com a realização de sondagens (cavadeiras) a fim de averiguar a existência de materiais arqueológicos, conforme registrado na etapa de prospecção. As sondagens ocorreram sobre 06 linhas de caminhamento posicionadas ao longo da estrada e equidistante em 5,0 metros. Sobre cada linha realizaram-se 10 intervenções (sondagens com cavadeira) a distâncias de 10 m entre si – totalizando 60 sondagens, alcançando profundidades de 1,0 m, as quais abrangeram uma área de 120 m x 40 m. Destas intervenções apenas 03 resultaram positivas (Pt1, Pt20 e Pt21 – alinhados na direção norte-sul), com materiais identificados entre 10 e 20 cm de profundidade.

A informação obtida destas intervenções, com vestígios revolvidos sendo trazidos à superfície pela cavadeira, sugeriu que os remanescentes arqueológicos poderiam estar nos estratos mais profundos. Assim, sobre estas três sondagens positivas abriram-se quadras de 1,0 m² (denominadas A1, B1 e C1) e estas atingiram uma profundidade máxima de 110 cm, sendo os

materiais arqueológicos não ultrapassaram os 90 cm. Na Quadra C1, no nível 50-60 cm, foram, inclusive, identificados escassos carvões - passíveis de serem datados. Procedeu-se à escavação de mais quadras alinhadas paralelamente às quadras iniciais, para leste do rio, a distâncias de 20 m uma da outra, finalizando com duas quadras estéreis a partir da última quadra positiva (seguindo a denominação alfanumérica), resultando num total de 14 quadras. Destas, seis (06) deram positivas (A2, A3, B2, B3, B4 e C2) com materiais atingindo uma profundidade máxima de 100 cm na quadra B2.

Na **Área II** adjacente à estrada o terreno encontrava-se muito alterado (revolvimento do solo), de modo que se efetuaram apenas caminhamentos com observação de superfície e nenhum vestígio foi encontrado. Assim, ultrapassando esta área alterada - 50 m para norte e a 50 para leste do rio – efetuaram-se 12 sondagens (Pt 61 a Pt 72) a distâncias equidistantes de 10 m sobre três alinhamentos (distantes em 5,0 m) e somente uma resultou positiva (Pt 62). Neste ponto abriu-se uma quadra (1,0 m² - D1) e outras (04) em torno desta (E1, F1, G1, H1) a distância de 20 metros. Somente a primeira (D1) resultou positiva com escassos materiais de 30 a 60 cm de profundidade, as outras resultaram estéreis (Planta 1, Quadros 6 e 7 e Prancha Fotográfica 1 e 2).

Os materiais correspondem a 484 fragmentos cerâmicos e 225 objetos líticos, identificados entre a superfície e 100 cm de profundidade.

Quadro 6. Sítio Rio Ferro - Coordenadas UTM das Sondagens - Áreas 1 e 2

Área	Sondagem	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
		X (m)	Y (m)	
Área I	1	707164	8555052	Positivo
	2	707174	8555051	Negativo
	3	707183	8555049	Negativo
	4	707194	8555048	Negativo
	5	707205	8555047	Negativo
	6	707215	8555046	Negativo
	7	707224	8555045	Negativo
	8	707234	8555044	Negativo
	9	707243	8555043	Negativo
	10	707255	8555041	Negativo
	11	707250	8555037	Negativo
	12	707239	8555038	Negativo
	13	707228	8555039	Negativo
	14	707218	8555041	Negativo
	15	707209	8555042	Negativo
	16	707199	8555043	Negativo

17	707188	8555044	Negativo
18	707178	8555045	Negativo
19	707168	8555046	Negativo
20	707159	8555047	Positivo
21	707162	8555042	Positivo
22	707172	8555041	Negativo
23	707182	8555040	Negativo
24	707193	8555038	Negativo
25	707204	8555037	Negativo
26	707214	8555036	Negativo
27	707223	8555035	Negativo
28	707233	8555034	Negativo
29	707244	8555032	Negativo
30	707255	8555031	Negativo
31	707249	8555027	Negativo
32	707238	8555028	Negativo
33	707227	8555029	Negativo
34	707218	8555030	Negativo
35	707207	8555032	Negativo
36	707197	8555033	Negativo
37	707187	8555034	Negativo
38	707176	8555035	Negativo
39	707167	8555036	Negativo
40	707158	8555038	Negativo
41	707161	8555032	Negativo
42	707171	8555031	Negativo
43	707180	8555030	Negativo
44	707191	8555028	Negativo
45	707201	8555027	Negativo
46	707212	8555026	Negativo
47	707221	8555025	Negativo
48	707232	8555024	Negativo
49	707242	8555023	Negativo
50	707251	8555022	Negativo
51	707246	8555017	Negativo
52	707236	8555018	Negativo
53	707225	8555019	Negativo
54	707215	8555021	Negativo
55	707205	8555022	Negativo

	56	707195	8555023	Negativo
	57	707186	8555024	Negativo
	58	707175	8555025	Negativo
	59	707166	8555026	Negativo
	60	707155	8555027	Negativo
Área II	61	707188	8555078	Negativo
	62	707199	8555077	Positivo
	63	707209	8555076	Negativo
	64	707228	8555074	Negativo
	65	707229	8555084	Negativo
	66	707220	8555085	Negativo
	67	707206	8555086	Negativo
	68	707184	8555089	Negativo
	69	707193	8555098	Negativo
	70	707209	8555096	Negativo
	71	707224	8555094	Negativo
	72	707245	8555091	Negativo

Quadro 7. Sítio Rio Ferro - Coordenadas UTM das Quadras - Áreas 1 e 2

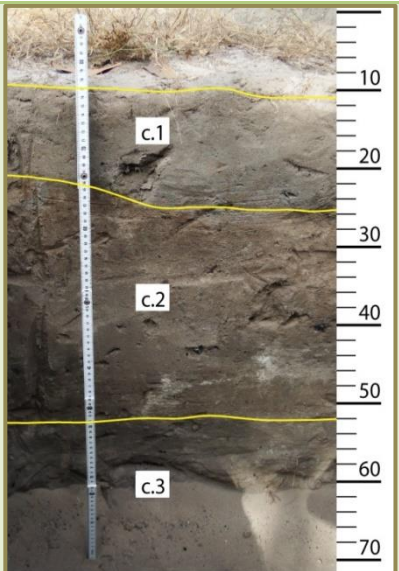
Área	Quadra	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
		X (m)	Y (m)	
Área I	A1	707164	8555052	Positivo
	A2	707183	8555049	Positivo
	A3	707205	8555047	Positivo
	A4	707224	8555045	Negativo
	A5	707243	8555043	Negativo
	B1	707159	8555047	Positivo
	B2	707178	8555045	Positivo
	B3	707199	8555043	Positivo
	B4	707218	8555041	Positivo
	B5	707239	8555038	Negativo
	B6	707259	8555036	Negativo
	C1	707162	8555042	Positivo
	C2	707182	8555040	Positivo
	C3	707204	8555037	Negativo
	C4	707223	8555035	Negativo
	D0	707167	8555036	Negativo

	D2	707187	8555034	Negativo
	D1	707199	8555077	Positivo
Área II	E1	707200	8555083	Negativo
	F1	707219	8555075	Negativo
	G1	707198	8555071	Negativo
	H1	707179	8555079	Negativo

6.1.3 Estratigrafia

A partir das quadras escavadas, foram identificadas as seguintes camadas estratigráficas (Quadro 8).

Quadro 8. Estratigrafia do sítio Rio Ferro: Área I - perfil leste da Quadra A1

<p>c.1</p>	<p>Sedimento areno-siltoso, de granulometria fina, não granular, acinzentado, de baixa porosidade e compactidade solta à macia. Trata-se de sedimento de superfície com espessura em torno de 10 cm.</p>	
<p>c.2</p>	<p>Sedimento areno-siltoso, granulometria fina, não granular, heterogêneo, de coloração castanha clara a acinzentada, baixa porosidade e compactidade solta à macia. Apresenta inclusões de lentes de areia branca a bege. Identifica-se em toda a Área I, sob a camada 1, com uma espessura estratigráfica que varia entre 20 cm e 100 cm. Presença de materiais arqueológicos, bem como elementos de carvão (coletados).</p>	
<p>c.3</p>	<p>Sedimento areno-siltoso, granulometria fina, não granular, castanho amarelado, de baixa porosidade e compactidade solta à macia. Identifica-se na área I, sob a camada 2, neste caso, tendo uma espessura em torno de 20 cm. Não apresenta materiais arqueológicos.</p>	

Área I - Perfil leste da Quadra A1

Planta 1. Sítio Rio Ferro

Prancha Fotográfica 1. Sítio Rio Ferro – Paisagem

Prancha Fotográfica 2. Sítio Rio Ferro – Salvamento

6.1.4 Caracterização dos Materiais Cerâmicos

Este sítio Rio Ferro corresponde a uma ocupação que iniciou aos 100 cm de profundidade, e dentre os materiais identificam-se associados fragmentos cerâmicos (484 exemplares) e objetos líticos (225 exemplares). A dispersão destes materiais ao longo da ocupação apresenta maiores percentuais entre os 30 e os 70 cm de profundidade, representando 73,3% da coleção. No restante, os percentuais diminuem para menos de 5,0% em cada nível. No intervalo de maior concentração, observa-se um pico no nível 50-60 cm, tanto na quantidade de cerâmicas (30,8%) quanto de líticos (22,2%). Ou seja, algum evento ocorrido neste período pode ter elevado a quantidade de materiais, talvez um acréscimo no número de habitantes, a necessidade de uma maior produção de artefatos, e/ou mesmo a realização de festividades (Gráfico 1).

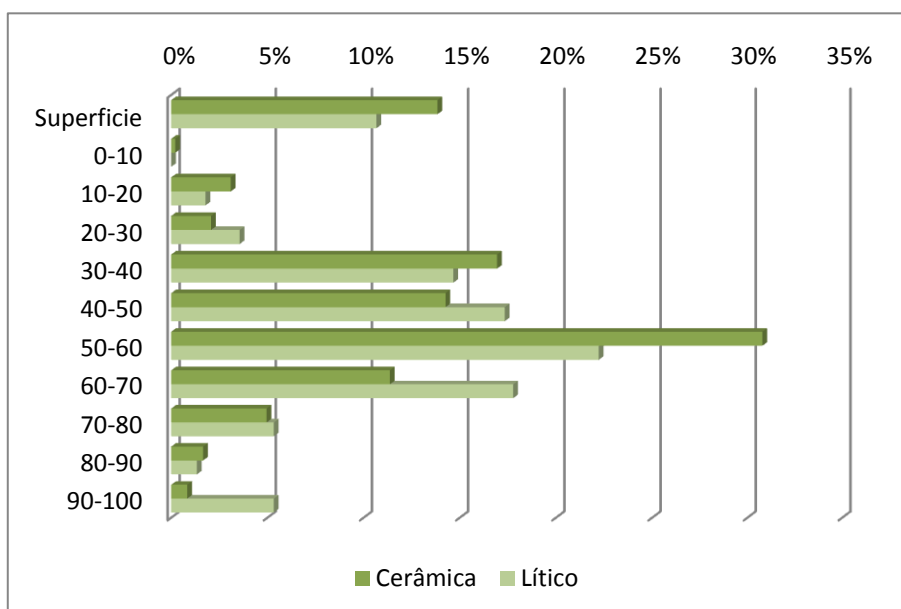


Gráfico 1. Sítio Rio Ferro – Frequência de materiais (cerâmica e lítico) x nível estratigráfico

Quanto ao material cerâmico, o acréscimo verificado entre 50-60 cm deu-se principalmente pelas maiores frequências nas quadras A2 e C1 – que compõem mais da metade da coleção (53% do total). Parece possível que o local corresponda à estrutura de uma lixeira, visto a quantidade de fragmentos ali concentrados (Gráfico 2).

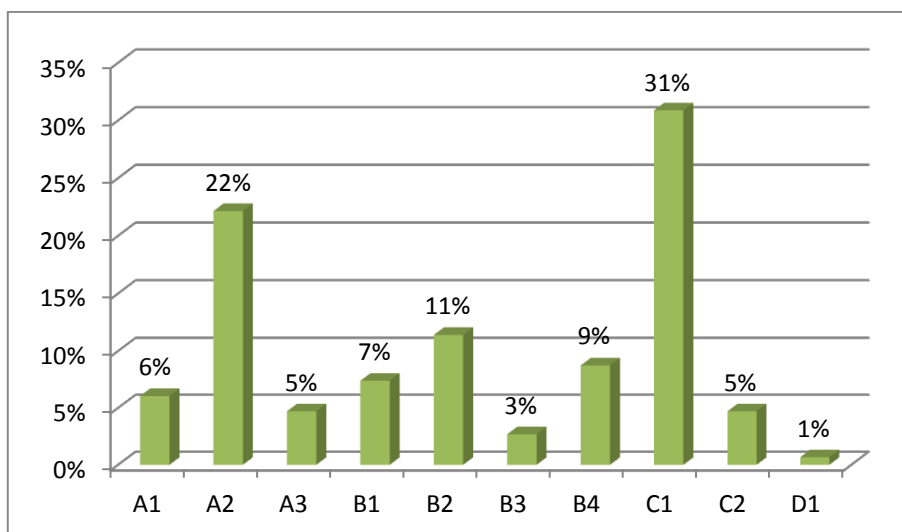


Gráfico 2. Sítio Rio Ferro – Frequência de objetos cerâmicos por quadra no nível 50-60 cm

As cerâmicas apresentam-se relativamente bem conservadas, ou seja, pouco lixiviadas e pouco desgastadas. Apesar disso, proporcionou-se um reduzido grau de remontagens.

Todos os fragmentos foram inventariados em laboratório e, dentre estes, 264 foram descartados e devolvidos ao sedimento de origem por não apresentarem informações tecno-morfológicas ou decorativas relevantes, bem como por não se reconhecer a possibilidade de colagem com os fragmentos-diagnósticos. Do restante (220 fragmentos), 211 correspondem a fragmentos-diagnósticos e 9 fragmentos são integrantes das reconstituições – estes 211 correspondem ao total de fragmentos analisados.

Uma análise preliminar das cerâmicas (mediante ficha de análise – ver capítulo Metodologia, item 3.3.3.1), com a correlação de todos os atributos que as caracterizam, demonstrou não haver distinções entre os fragmentos ao longo de todos os níveis da ocupação. Tais resultados permitiram considerar os materiais de todos os níveis do sítio como correspondentes a um único grupo cultural, e, assim, foram analisados como um único conjunto. Segue a análise dos atributos técnicos e morfológicos dessa indústria cerâmica, cujos fragmentos foram descritos detalhadamente na base de dados (planilha excel).

Classe

Como demonstrado no Gráfico 3, abaixo, em relação à classe dos fragmentos analisados, registra-se o predomínio das paredes, com 71% do total. Em menores frequências têm-se bordas, com 24%; apêndice, com 2%; e bojo, base e aplique, representados por 1% de cada classe.

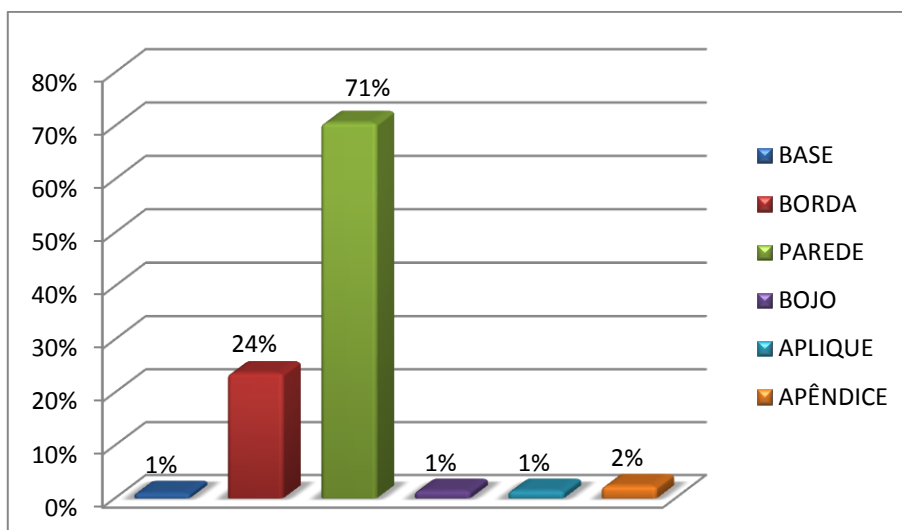


Gráfico 3. Sítio Rio Ferro – Frequência da morfologia dos fragmentos cerâmicos diagnósticos

Conforme observado na análise, dentre os 211 fragmentos, a maioria, 91% (192 fragmentos), não apresenta forma específica por não atingir 12,5% da vasilha (estes correspondem a fragmentos muito pequenos ou se encontram danificados). Foi possível enquadrar apenas 8,5% (18 fragmentos) em grupos formais específicos e 0,5% (1 fragmento) em formas genéricas.

Antiplástico

A indústria do sítio Rio Ferro, de modo geral, apresentou pasta homogênea, com muito pouca variação dos elementos que a constituem. Identificou-se entre os cerâmicos dois tipos de antiplástico²³: cariapé e mineral (Gráfico 4).

Observa-se o predomínio do cariapé B, com 72% dos fragmentos cerâmicos. No restante, 27,5%, identifica-se o cariapé A – a exceção verifica-se em um único fragmento (RF-QB4-509), pois apresenta somente mineral como antiplástico, com 0,5% do total de fragmentos analisados.

²³ Veja definições de cariapé no item 3.3.3.1 (Metodologia) neste relatório.

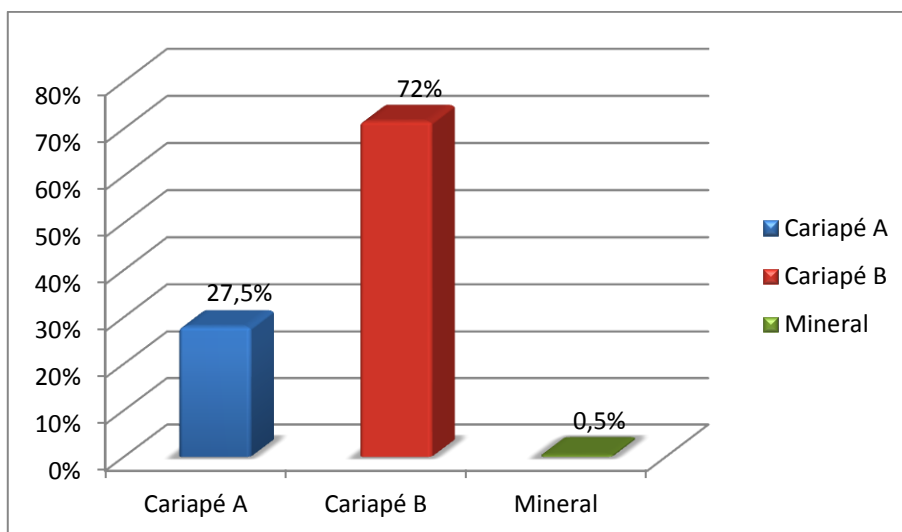


Gráfico 4. Sítio Rio Ferro – Frequência do antiplástico dos fragmentos cerâmicos

Dentro da argila observaram-se partículas minerais de quartzo de calibre fino a pequeno (0,01 a 0,5 mm) de forma angulosa presente na maioria dos fragmentos com frequência moderada (26% a 50% do fragmento) a abundante (51% a 75% do fragmento). Do ponto de vista tecnológico, uma pasta que contém grãos de quartzo confere a um recipiente uma boa condução térmica²⁴.

Entre as impurezas foram observadas a presença de óxido de ferro que varia de calibre pequeno (0,1 mm - 0,5 mm) a muito grosso, atingindo 10 mm de comprimento e 5 mm de largura, sem regularidade de frequência. Este dado sugere que sua procedência não seja intencional, mas, sim, da própria fonte de coleta. Porém observa-se que a coloração da maioria dos fragmentos é rosa, castanho ou bege, devido a presença do óxido de ferro.

Frequência do antiplástico nos fragmentos

Identifica-se entre os exemplares analisados a abundante frequência do Cariapé A em todos os fragmentos por este constituído. Diferentemente, nos fragmentos com Cariapé B, em 40% da amostra este antiplástico é escasso (0% a 25%), em 31% é moderado (26% a 50%), em 19% é abundante (51% a 75%) e em 10% é muito abundante (76% a 85%).

Segue a representação da frequência do cariapé A e B nos fragmentos cerâmicos (Gráfico 5).

²⁴ As partículas minerais sustentam estruturalmente a argila e amenizam, devido a consequente porosidade, o estresse térmico (RYE, 1981).

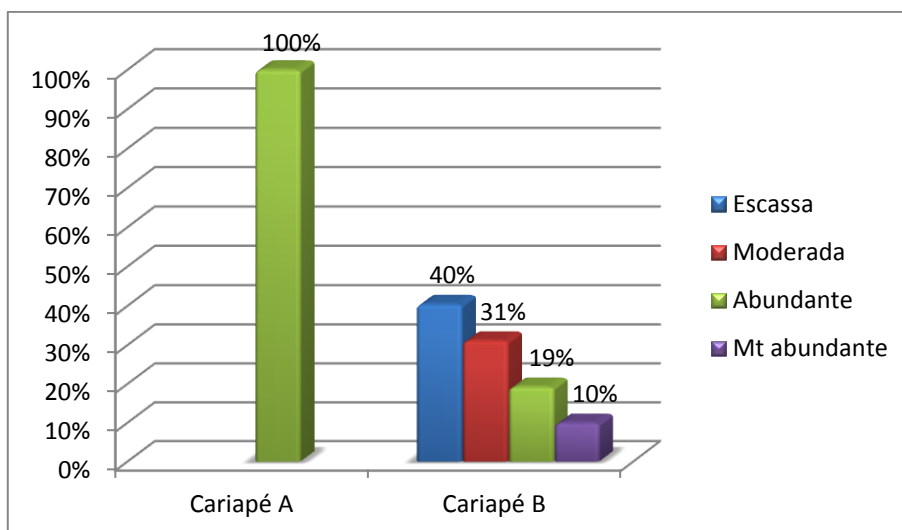


Gráfico 5. Sítio Rio Ferro – Frequência de cariapé nos fragmentos cerâmicos

Técnica de manufatura

Quanto à técnica de manufatura, as cerâmicas do sítio Rio Ferro não apresentaram indícios da técnica de sua manufatura, ou seja, em nenhum dos fragmentos constatam-se vestígios de marcas de rolete, placas ou modelado.

Tratamentos de superfície

Quanto às superfícies, a maioria dos fragmentos encontra-se alisado em ambas as faces - não se observando quaisquer indícios de revestimento por engobo ou decoração.

As análises demonstram que 94% (199 fragmentos) apresentam superfícies alisadas em ambas as faces; 5% (10 fragmentos) apresentam alisamento na face externa, sendo a face interna erodida ou mal alisada e 1% (2 fragmentos) apresenta somente alisamento na face interna sendo a face externa erodida ou mal alisada (Gráfico 6).

Também foi identificado um baixo percentual de fragmentos (3 exemplares) apresentando esfumaçamento.

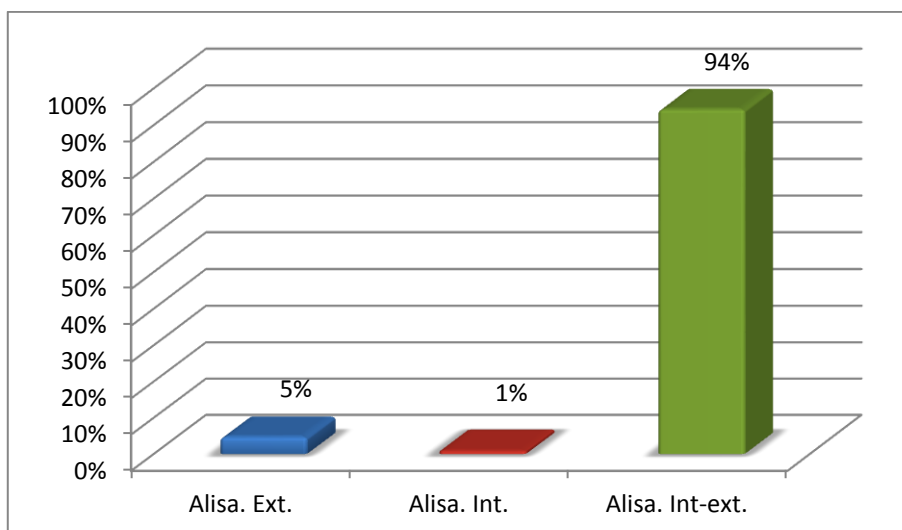


Gráfico 6. Sítio Rio Ferro – Frequência da posição do tratamento das superfícies – alisamento

Queima

Após a secagem, a queima é a finalização do processo de estruturação de um artefato cerâmico²⁵. A constituição da atmosfera e condições gerais de queima, somadas à composição dos elementos químicos existentes na argila – concentração de ferro e matéria orgânica - irão contribuir para a coloração da cerâmica. De maneira geral, uma queima oxidante é aquela em que o oxigênio do ar reage com a pasta, gerando tonalidades claras. A queima redutora muitas vezes é realizada em fornos fechados produzindo uma cerâmica de coloração escura, ou então em fogueiras abertas com uso de material combustível que gere bastante fumaça. No entanto, a mesma peça, por exemplo, pode apresentar estes dois tipos de queima, isto é, queima oxidante na parede externa e queima redutora na parede interna. Tais indícios apontam um processo de queima pouco controlado, típico de fornos a céu aberto. Outra característica é a queima “sanduíche”, assim chamada por apresentar queima oxidante nas paredes interna/externa e redutora no núcleo. Tal ocorrência pode ser procedente da própria matéria orgânica presente na pasta, que permanece escura no núcleo mesmo que a queima seja oxidante, ou ainda, de um processo de queima incompleta.

A coloração apresenta-se de quatro tipos, sendo a maioria de cores homogêneas - com 74% do total. As demais peças apresentam uma camada oxidada que, tanto na superfície interna quanto na externa, atinge apenas 0,5 mm. Estes fragmentos pouco oxidados dividem-se em: Polarizadas, com 17%; em Sanduíche, com 8% e, Heterogênea (vários tons no mesmo fragmento), com 1% (Gráfico 7). Em cores bege, castanho, alaranjado, cinza e preto.

²⁵ Segundo Chmyz (1996) a queima é definida como um processo físico-químico que consiste em transformar a pasta em cerâmica por meio de elevação de temperatura, durante o qual a maior ou menor presença de oxigênio determina a oxidação ou redução, evidenciada pela textura e cor da cerâmica.

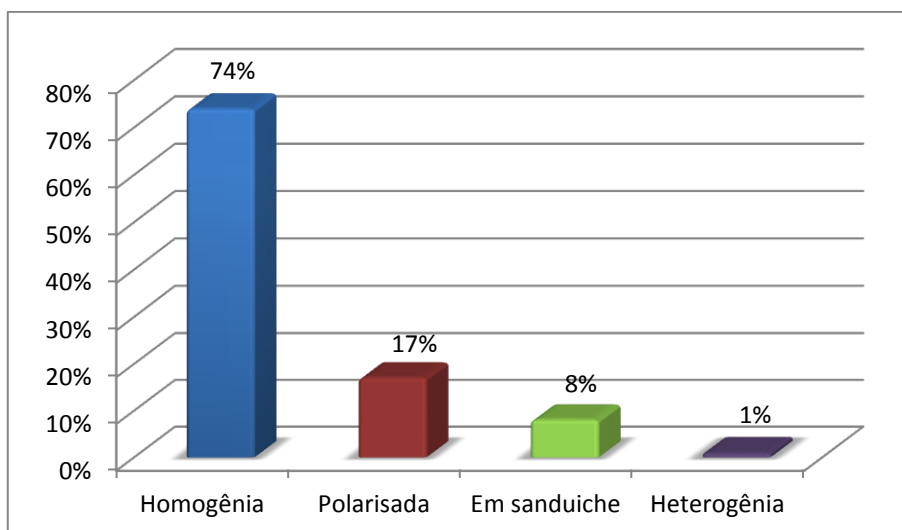


Gráfico 7. Sítio Rio Ferro – Frequência dos tipos de queima nas cerâmicas pouco oxidadas (26% das cerâmicas analisadas)

Base

Identifica-se apenas uma base, sendo esta plana – não apresenta diâmetro, tampouco ângulo para que se efetue uma melhor descrição.

Decoração

As superfícies das cerâmicas são alisadas, externa e internamente, e sem polimento. Contudo, dois fragmentos apresentam apêndices, que poderiam compor nesta indústria um estilo decorativo. Outra peça apresenta um furo vazado próximo à borda que poderia igualmente compor um estilo destas artesãs.

Morfologia dos Vasilhames

Quanto à forma dos vasilhames, dos fragmentos passíveis de classificação, ou seja, entre os fragmentos de borda²⁶, registra-se uma maioria de formas abertas. Conforme registrado no Gráfico 8, abaixo, 65% dos fragmentos são indeterminados. Todavia, dentre os classificáveis, identificam-se 29% de formas abertas, 4% de formas fechadas e 2% de formas neutras.

²⁶ No que se refere aos fragmentos de borda, uma vez que a principal informação obtida na análise é a reconstituição da forma da vasilha a que se relaciona, foram selecionados os fragmentos que apresentaram a partir de 12,5% do diâmetro da vasilha, ou seja, 1/8 do perímetro da boca, tamanho reconhecido como suficiente para a reconstituição segura do diâmetro e da forma (SOARES, 2005; BROCHADO & MONTICELLI, 1994).

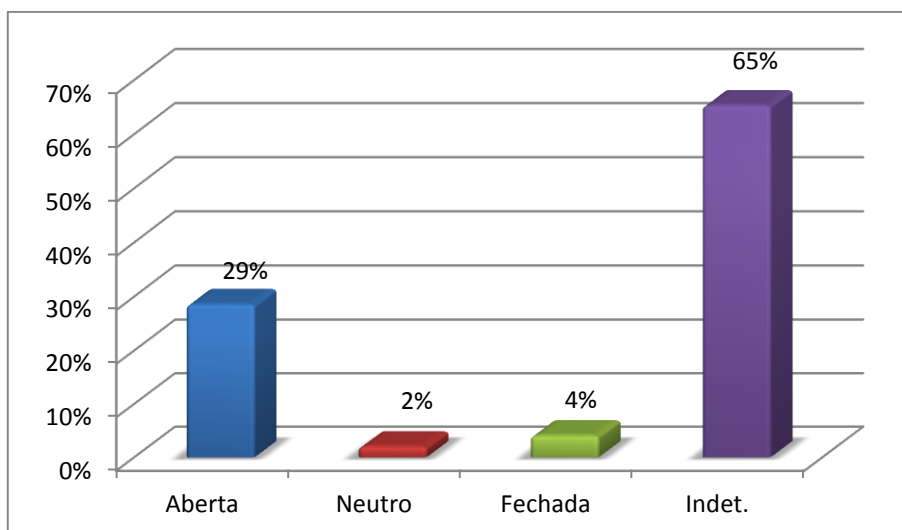


Gráfico 8. Sítio Rio Ferro – Frequência relativa das classes formais entre os fragmentos de borda (pós-colagem, 49 fragmentos)

Variante formal

Embora a escassa quantidade de fragmentos classificáveis, foi possível enquadrar dentro das variantes formais 8,5% dos fragmentos analisados. A partir de uma análise minuciosa e levando-se em conta os atributos particulares que cada um tem, tais como orientação, acabamento, espessura e diâmetro, identificaram-se as seguintes Formas: Forma 3, correspondente a tigelas, está representada por 60% dos exemplares; Forma 4, correspondente a bacias abertas, 22% dos exemplares; Forma 2, pratos; Forma 5, recipientes neutros e Forma 9, recipientes fechados de pequenas dimensões, estão representados por 6% em cada tipo (Gráfico 9 e Anexo 4 – Veja o catálogo das cerâmicas).

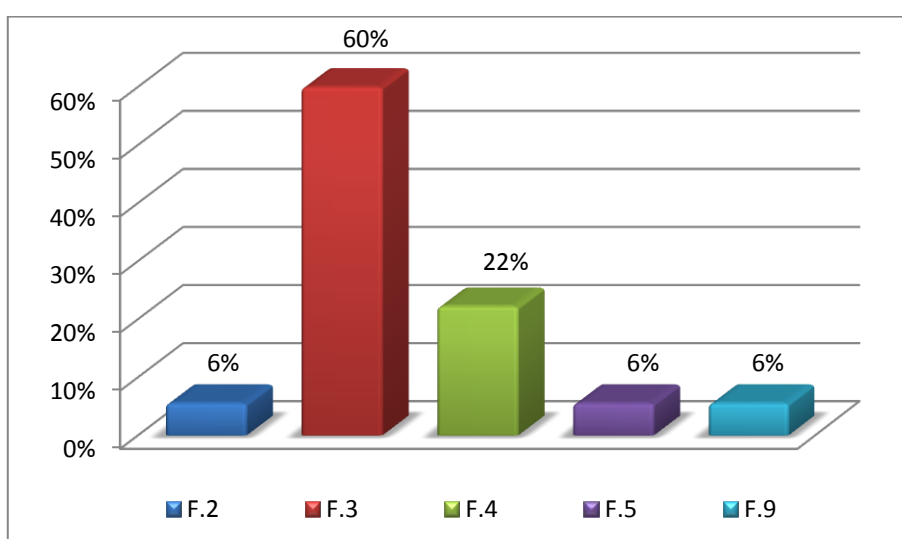


Gráfico 9. Sítio Rio Ferro – Frequência relativa dos tipos de forma dos vasilhames pós-colagem

Diâmetro das variantes formais

Neste repertório formal encontram-se diâmetros que variam de 80 mm a 460 mm. Todos os fragmentos catalogados (100%) como Forma 2, pratos, tem diâmetro de 101-200 mm, assim como também todos os fragmentos catalogados como Forma 9, recipientes fechados de pequenas dimensões. Fragmentos de Forma 3, tigelas, 67% têm diâmetro de 101-200 mm e 33% tem diâmetro 0-100 mm. Fragmentos de Forma 4, bacias abertas, o percentual é igual nos dois diâmetros encontrados, de 301-400 mm e 401-500 mm. Para completar, têm-se fragmentos de Forma 5, onde todos os recipientes são neutros, com 301-400 mm – Gráfico 10.

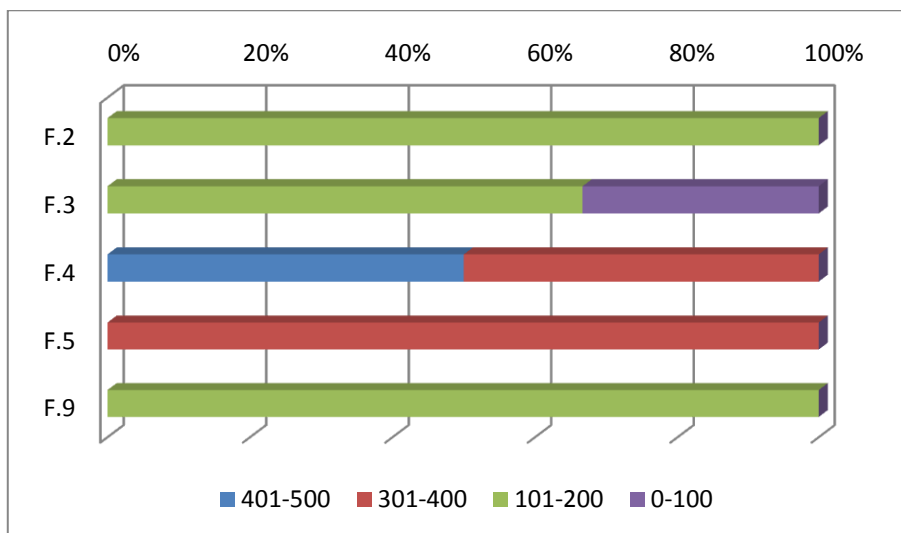


Gráfico 10. Sítio Rio Ferro – Frequência relativa do diâmetro (em mm) da borda das variantes formais (11 fragmentos)

Espessura por tipo de variante formal

No que diz respeito à espessura, 100% das Formas 4, bacias abertas, Forma 5, recipientes neutros e da Forma 9, recipientes fechados de pequenas dimensões, têm espessura moderada (0,7 mm a 1,3 mm). Também 100% dos fragmentos de Forma 2, pratos, tem espessura grossa (1,3 mm a 2,0 mm). Já os fragmentos de Forma 3, tigelas, 45% têm espessura fina (0,4 mm a 0,7 mm), na mesma porcentagem espessura moderada (0,7 mm a 1,3 mm) e 10% têm espessura muito fina (0,1 mm a 0,4 mm) – (Gráfico 11).

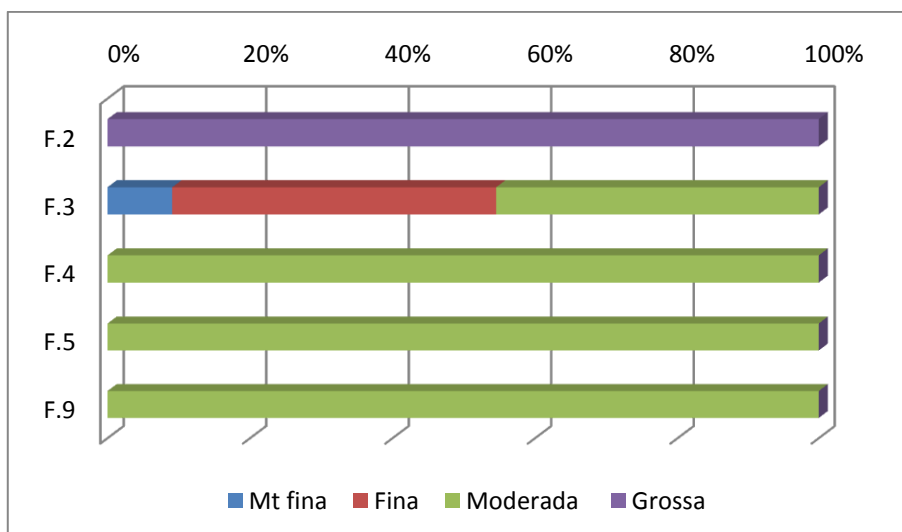


Gráfico 11. Sítio Rio Ferro – Frequência da espessura dos fragmentos com variante formal (18 fragmentos)

Antiplástico das Formas

A pesar dos poucos fragmentos encontrados dentro das variantes formais, constatou-se que os dois tipos de cariapé estão presentes nestes fragmentos, com o destaque de que 100% dos fragmentos com Forma 3, tigelas, apresentam cariapé A de modo abundante; e os fragmentos com cariapé B apresentam frequência escassa a abundante.

Pode-se observar no Gráfico 12, abaixo, que 100% da Forma 2, pratos, e da Forma 9, recipientes fechados de pequenas dimensões, apresentam cariapé B com frequência moderada. Também na Forma 5, recipientes neutros, 100% dos fragmentos apresentam cariapé B de modo abundante. Já na Forma 4, bacias, 50% dos fragmentos apresentam frequência escassa, 25% moderada e 25% abundante. Por fim, na Forma 3, tigelas, 38% apresentam frequência escassa e moderada e 24% frequência abundante.

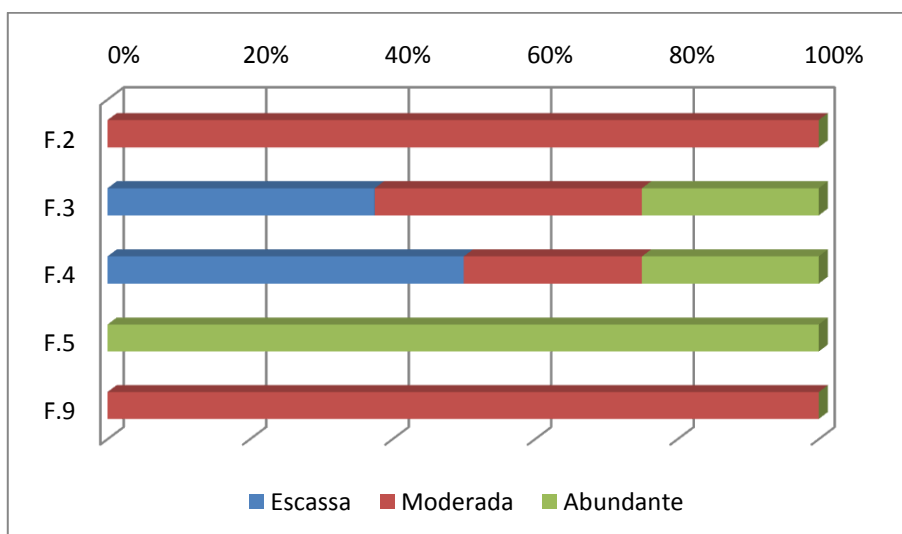


Gráfico 12. Sítio Rio Ferro – Frequência do cariapé B nos fragmentos com variante formal

Subformas

Dos fragmentos que formam parte das variantes formais e com as características particulares que cada um possui, permitiu-se determinar a seguinte subdivisão (Gráfico 13):

- 56% correspondem a F.3b, tigelas retas;
- 19% correspondem a F.4b, bacias retas;
- 13% correspondem a F.3a, tigelas abertas;
- 6% correspondem a F.4a, bacias abertas; e
- 6% correspondem a F.5a, recipientes neutros com borda infletida.

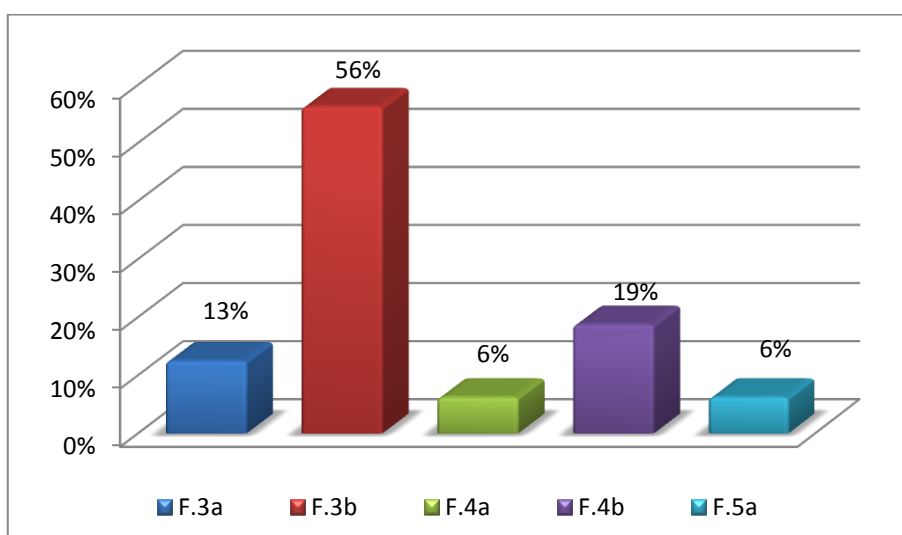


Gráfico 13. Sítio Rio Ferro – Frequência das subformas nos vasilhames

Ilustrações das formas²⁷

- **Forma 2** (F-QB4-403): fragmento de borda e base, com forma definida como platô de lábio arredondado e diâmetro indeterminado. Espessura de lábio fina (4 mm); espessura da parede moderada (10 mm), perfil discóide com borda simples direita e apumada. Antiplástico principal cariapé do tipo B, cor da pasta homogênea cinza e superfícies alisadas (Figura 24).

²⁷ Veja ilustrações das reconstituições no Anexo 4.



Figura 24. Sítio Rio Ferro – Fragmento correspondente um prato cerâmico de borda simples, direta e apumada (Forma 2)

- **Forma 3b** (F-QA1-402): fragmento de borda e parede, com forma definida como tigela, com lábio biselado no interior e diâmetro indeterminado; espessura de lábio moderado (7 mm); espessura da parede moderada (6 mm); perfil indeterminado, com parede direta e apumada em linha contínua com borda apumada e engrossada. Antiplástico principal cariapé do tipo B; cor da pasta em sanduíche castanho e cinza e superfícies alisadas (Figura 25).



Figura 25. Sítio Rio Ferro – Fragmento de uma tigela com borda apumada e engrossada (Forma 3b)

- **Forma 4b** (RF-10): fragmento de borda e parede, com forma definida como bacia, com lábio plano e diâmetro de 460 mm; espessura de lábio moderada (8 mm); espessura da parede

moderada (10 mm); perfil indeterminado com parede convexa, em linha contínua com borda apumada. Antiplástico principal cariapé do tipo B; cor da pasta homogênea bege e superfícies alisadas (Figura 26).



Figura 26. Sítio Rio Ferro – Fragmento de uma bacia cerâmica com borda apumada (Forma 4b)

- **Forma 5a** (RF-QB3-700): fragmento de borda e parede, correspondendo a um “recipiente neutro com borda infletida”. Apresenta lábio arredondado com diâmetro de 330 mm; espessura do lábio moderada (8 mm); espessura da parede moderada (12 mm); perfil troncocônico com paredes retas convergentes, em linha contínua com borda apumada. Principal antiplástico, cariapé do tipo B de cor polarizada bege e preto, e superfícies alisadas. Apresenta um orifício logo abaixo do lábio (Figura 27).



Figura 27. Sítio Rio Ferro – Fragmento de um vasilhame cerâmico neutro com borda apumada (Forma 5a)

- **Forma 9** (RF-QC1-50-1): fragmento de borda e parede, correspondendo a um recipiente fechado. Apresenta lábio plano com diâmetro de 120 mm; espessura do lábio moderada (6 mm); espessura da parede moderada (7 mm); perfil ombro deitado com parede convergente indicando um bojo acentuado. Borda introvertida e lábio plano. Principal antiplástico, cariapé do tipo B de cor homogênea castanha e superfícies alisadas (Figura 28).



Figura 28. Sítio Rio Ferro – Fragmento de um recipiente cerâmico fechado com borda invertida (Forma 9)

6.1.5 Caracterização dos Objetos Líticos

A indústria lítica do sítio Rio Ferro reúne 225 objetos, dispersos da superfície aos 100 cm de profundidade. Conforme apresentado no item 6.1.4 - dispersão das cerâmicas -, também os

maiores percentuais dos líticos encontram-se dos 30 aos 70 cm de profundidade – representando 72% do total. Após os 30 cm, seus percentuais decrescem e no último estágio da ocupação, na superfície, voltam a aumentar, representando 10,7% do total da indústria.

Segue a análise das estratégias dos artesãos empregadas na produção de seus objetos líticos.

Aquisição das matérias-primas

As matérias-primas utilizadas compreendem seixos e blocos de rochas silicosas, tais como chert, arenito silicificado, quartzo e quartzito. Há basicamente o predomínio do chert em detrimento do arenito silicificado em todos os níveis - com o chert variando de 45,5 (30-40 cm) a 86,7% (80-100 cm). O arenito silicificado, por sua vez, ocorre em maiores ou iguais proporções entre 20 e 40 cm (onde apresenta 50,0% e 54,5%, respectivamente). Mas esta não é uma diferença tão significativa, podendo estar relacionada apenas à maior demanda de uma dada atividade com o emprego de instrumentos de arenito. O quartzito e o quartzo são minoria, ocorrendo em apenas 5 objetos (superfície, 50-60 cm e 70-80 cm) - (Gráfico 14).

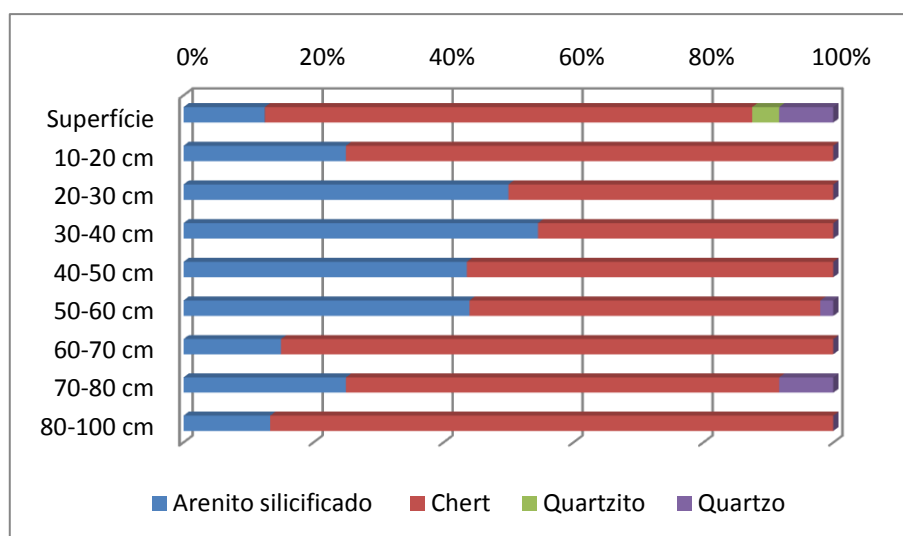


Gráfico 14. Sítio Rio Ferro – Frequência dos tipos de matéria-prima x nível

O resíduo cortical de alguns objetos demonstra que o chert ao longo de toda a ocupação foi adquirido na forma de blocos (20,8%) e seixos (14%), indicando que suas fontes eram nas margens do rio Ferro, provavelmente também em seus afluentes, e nos afloramentos que os artesãos encontrassem na região de seus domínios, com a aquisição in situ ou mesmo de blocos desagregados. Por sua vez, o arenito silicificado foi basicamente adquirido na forma de seixos (37% - restante dos objetos não apresenta córtex) às margens do rio – geologicamente, os afloramentos de arenitos silicificados são mais raros de serem encontrados na região, o que justificaria a coleta nos rios.

Destaca-se que alguns exemplares de seixos ou blocos de chert estão bastante alterados (porções arenosas), esfarelando ao serem tocados.

As atividades de lascamento

A produção dos objetos corresponde à categoria de: núcleos, lascas residuais, detritos e instrumentos. E, exceto estas produções, completa a indústria matérias-primas naturais, certamente correspondendo a reservas de rochas para lascar.

No Gráfico 15, abaixo, observa-se que as distintas categorias repetem-se ao longo de toda a ocupação e com o predomínio, equivalente, de lascas residuais e detritos.

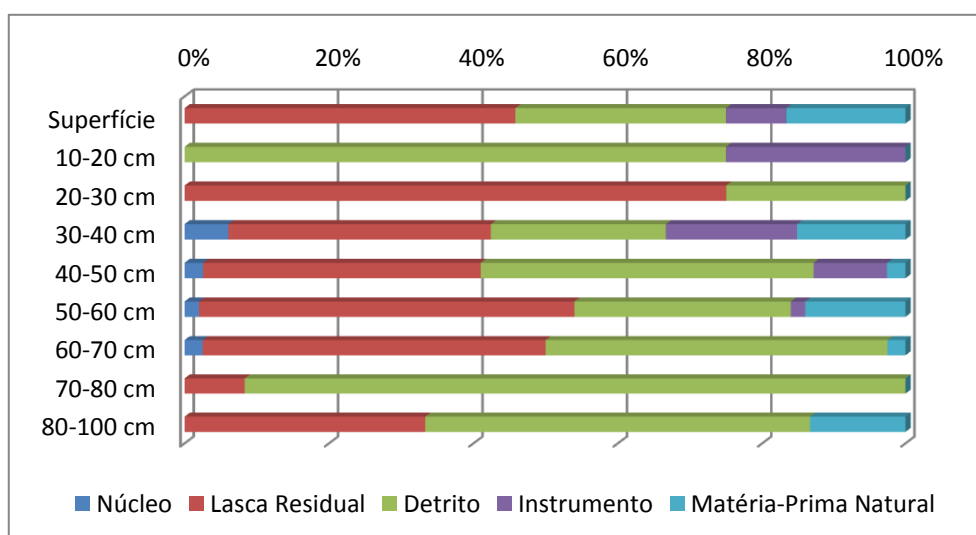


Gráfico 15. Sítio Rio Ferro – Frequência geral de categoria de objetos x nível

Nos distintos níveis as lascas residuais variam de 8,3% (70-80 cm) a 75% (20-30 cm). Os detritos variam de 24,2% (30-40 cm) a 91,7% (70-80 cm) – níveis estes em que os percentuais de lascas e detritos se invertem. Os instrumentos são menos frequentes e ocorrem dos 60 cm de profundidade até a superfície, com percentuais que não ultrapassam os 25% (10-20 cm), mas neste nível corresponde a apenas um objeto. A maior quantidade identifica-se no nível 30-40 cm, com 6 instrumentos (18,2% dos objetos neste nível). Os núcleos, também escassos, ocorrem entre 70 e 30 cm – com pico de 6,1% no nível 30-40 cm, representado por 2 peças.

O início dos lascamentos parece ter ocorrido nas fontes, sendo as matrizes transportadas até o sítio já previamente lascadas, pois a frequência de núcleos é muito baixa – correspondendo a apenas 5 exemplares (dos 60 aos 30 cm). Outra possibilidade, considerando o alto percentual de lascas residuais e detritos, é que os núcleos tenham sido explorados no sítio até o seu completo esgotamento - mas esta não é a hipótese mais provável. De qualquer modo, o maior percentual

de produtos de lascamento (lascas e detritos) indica que atividades de lascamento seguiram ocorrendo dentro do sítio.

A técnica de lascamento empregada foi principalmente a unipolar, correspondendo a maior parte das produções, com 71,5% do total de objetos. A técnica bipolar também foi empregada, mas em menor frequência (18,7%) - e o restante dos objetos (22 exemplares) não é passível de classificação. Idêntica correlação observa-se em todos os níveis, com a unipolar variando de 26,7% (10-20 cm) a 100% (70-80 cm) e a bipolar variando de 0% (superfície e 70-80 cm) a 50% (10-20 cm) – (Gráfico 16).

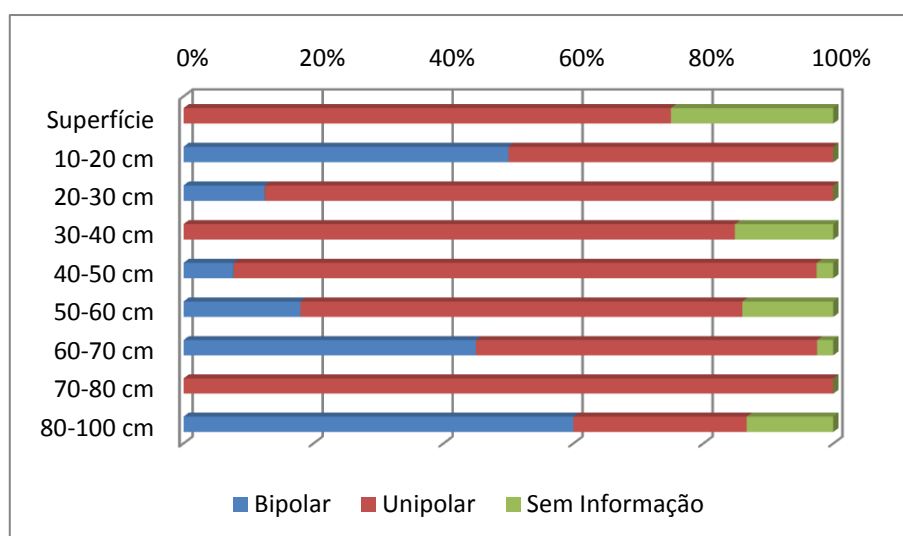


Gráfico 16. Sítio Rio Ferro – Frequência da técnica de lascamento x nível

A técnica unipolar predomina, com percentual por nível igual ou maior do que 50% - exceção ocorre no nível 80-100 cm, onde a técnica bipolar é de 60% (com 9 exemplares).

Essas pequenas diferenças percentuais de um nível a outro parecem irrelevantes, podendo estar relacionadas tão somente às dimensões das matrizes de matérias-primas adquiridas, visto que ambas as técnicas foram empregadas tanto sobre os seixos de arenito silicificado (77,6% unipolar e 5,3% bipolar) quanto sobre os seixos e blocos de chert (70,1% unipolar e 26,4% bipolar) – (Gráfico 17).

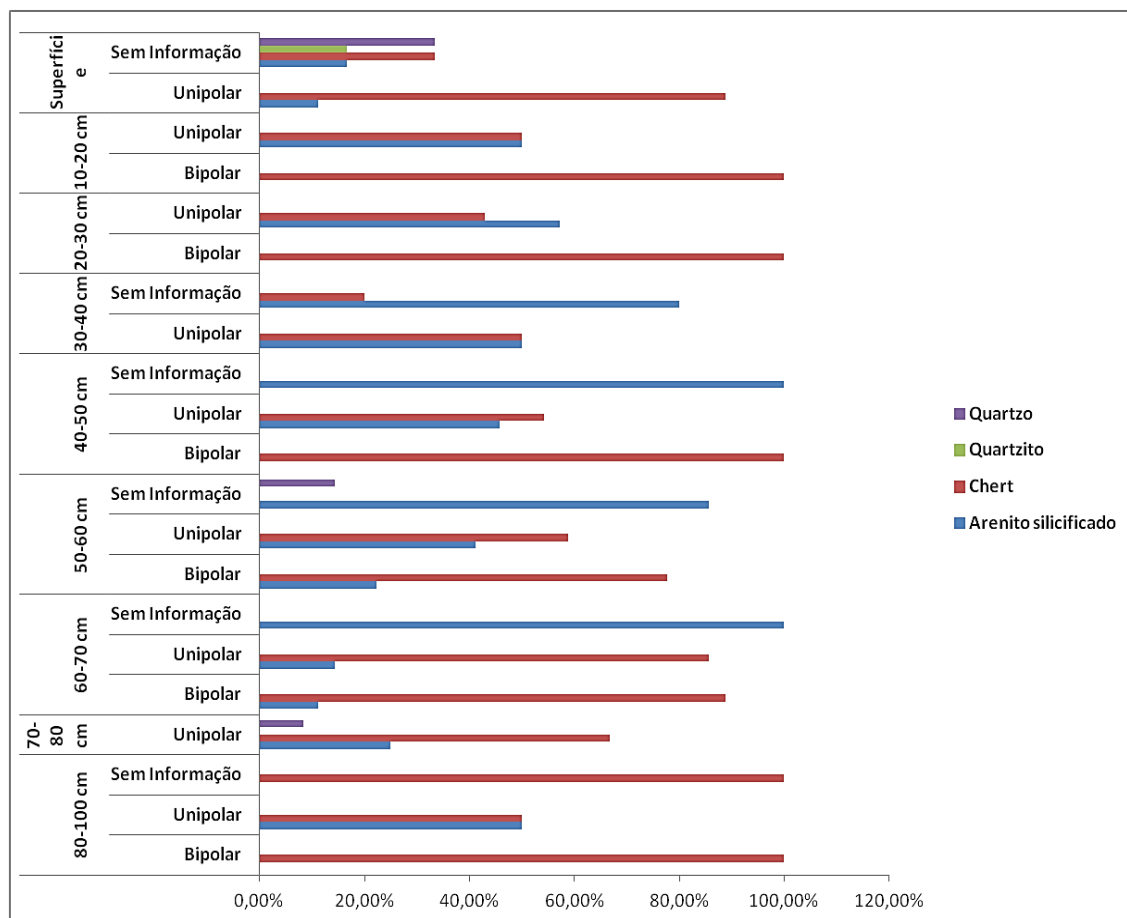


Gráfico 17. Sítio Rio Ferro – Frequência da técnica de lascamento x matéria-prima x nível

Ainda que a técnica bipolar seja menos frequente do que a unipolar, no gráfico 17 denota-se que a mesma foi empregada sobre as distintas matérias-primas e ao longo de quase todo o período de ocupação do sítio. Conhecedores de ambas as técnicas, os artesãos devem ter optado pela bipolaridade sobre as pequenas matrizes ao levarem em conta, nestes casos, a praticidade.

Constatada a nula ou baixa variabilidade de tipos de categorias de objetos e técnica de produção empregada durante todo o período da ocupação, seguimos à análise dos métodos de produção, relacionando-as aos respectivos níveis de ocupação e destacando as diferenças, caso ocorram. Conforme registrado entre as categorias de objetos (Gráfico 15) predominam lascas residuais e detritos em detrimento de núcleos e instrumentos. Segue a descrição dessas distintas categorias, com a análise diacrítica de alguns exemplares a fim de detectar diferenças tecnológicas (e, conseqüentemente, culturais) entre os níveis.

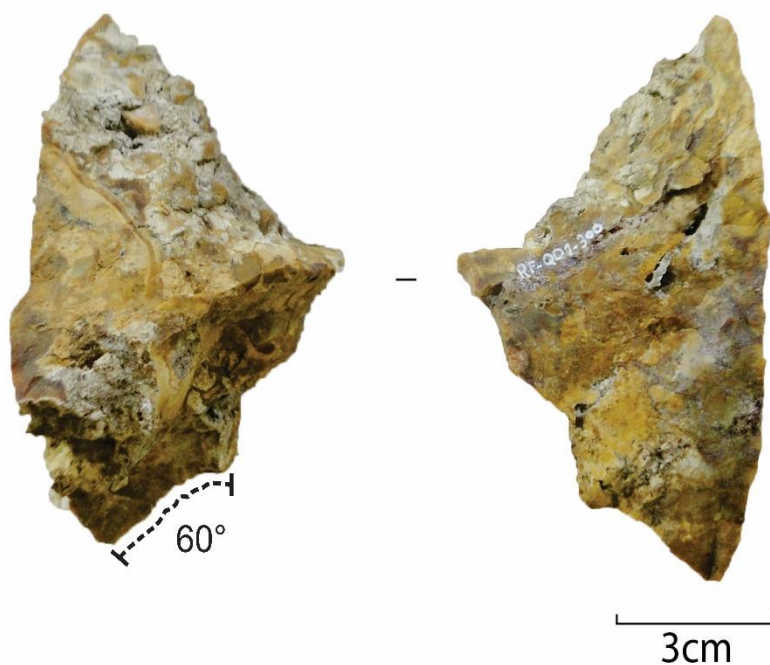
Núcleos

Os núcleos reúnem 5 exemplares (3 de chert e 2 de arenito silicificado), ocorrendo dos 30 aos 70 cm de profundidade. São unipolares, apenas um seixo de arenito silicificado é, a priori, bipolar (não estamos certos dessa prática). Os exemplares unipolares correspondem ao sistema C

de debitage, sendo matrizes pouco exploradas, com o aproveitamento de bordas e quinas já adequadas ao lascamento, resultando, assim, na obtenção de poucas lascas.

Segue as características técnicas destes núcleos:

- RF-D1-300 (9,3 x 5,9 x 5,7 cm / 30-40 cm) peça de chert, acortical, disforme com quatro superfícies lascadas. Uma retirada curta e larga (2,8 x 4,2 cm) sobre uma dessas superfícies e três retiradas curtas e consecutivas sobre outra superfície adjacente – as lascas não foram identificadas dentro da indústria. Essas três retiradas podem também corresponder à criação de uma unidade ativa (UTF[t], com gume de 60° - neste caso, corresponderia a um núcleo reaproveitado como instrumento (Figura 9).



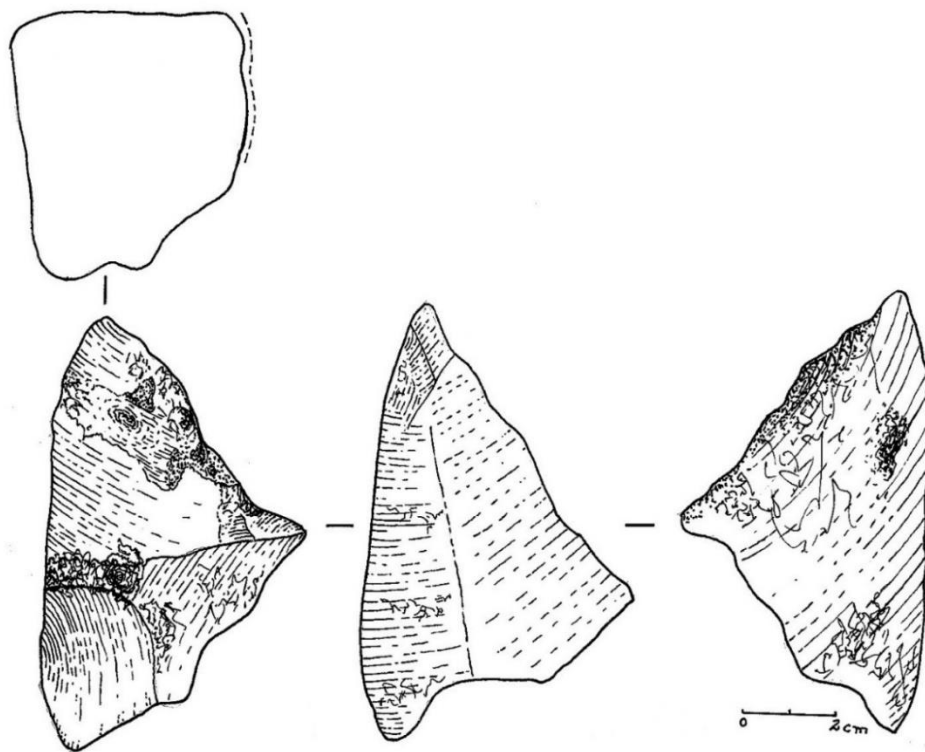


Figura 29. Sítio Rio Ferro (30-40 cm) - Núcleo unipolar de chert (D1-300)

- RF-A1-300 (11,7 x 11,0 x 6,9 cm / 30-40 cm) grande núcleo de chert, semi-cortical, com um negativo de lascamento plano como base e duas grandes retiradas convexas na porção superior. Tais lascamentos superiores podem ser naturais. De qualquer modo, tal matriz serviria ainda como reserva de matéria-prima.

- RF-B4-401/402 (9,7 x 6,0 x 5,5 cm / 40-50 cm): núcleo de arenito silicificado, semi-cortical, explorado a partir da técnica unipolar. Além de fragmentado (peça remontada), não apresenta lascamentos claramente definidos a ponto de efetuarmos a leitura diacrítica das debitageis, pois se sobrepõem lascamentos naturais e intencionais. Todavia, apresenta forma irregular, com ao menos 4 grandes superfícies lascadas que se interceptam (adjacentes) e 1/3 de córtex. Por se encontrar fragmentado, as debitageis intencionais confundem-se com as naturais, mas ainda assim, percebe-se a que o artesão obteve algumas lascas longas e largas (até 8,5 cm de comprimento).

- RF-A1-502 (4,9 x 5,6 x 3,1 cm / 50-60 cm) núcleo, a priori, bipolar sobre seixo de arenito silicificado. De forma e seção mesial triangular, uma das plataformas de percussão é cortical e a oposta linear. Nas três superfícies de lascamento formadas ocorrem retiradas diretas e indiretas (com eixos de debitageis opostos) sobrepostas e truncadas (escalariformes) – daí a relacioná-lo a um núcleo bipolar. Retiradas laterais sugerem ainda a possibilidade de se tratar de um instrumento inacabado. Destaca-se que os atributos técnicos não estão claros, não possibilitando uma classificação segura (Figura 30).

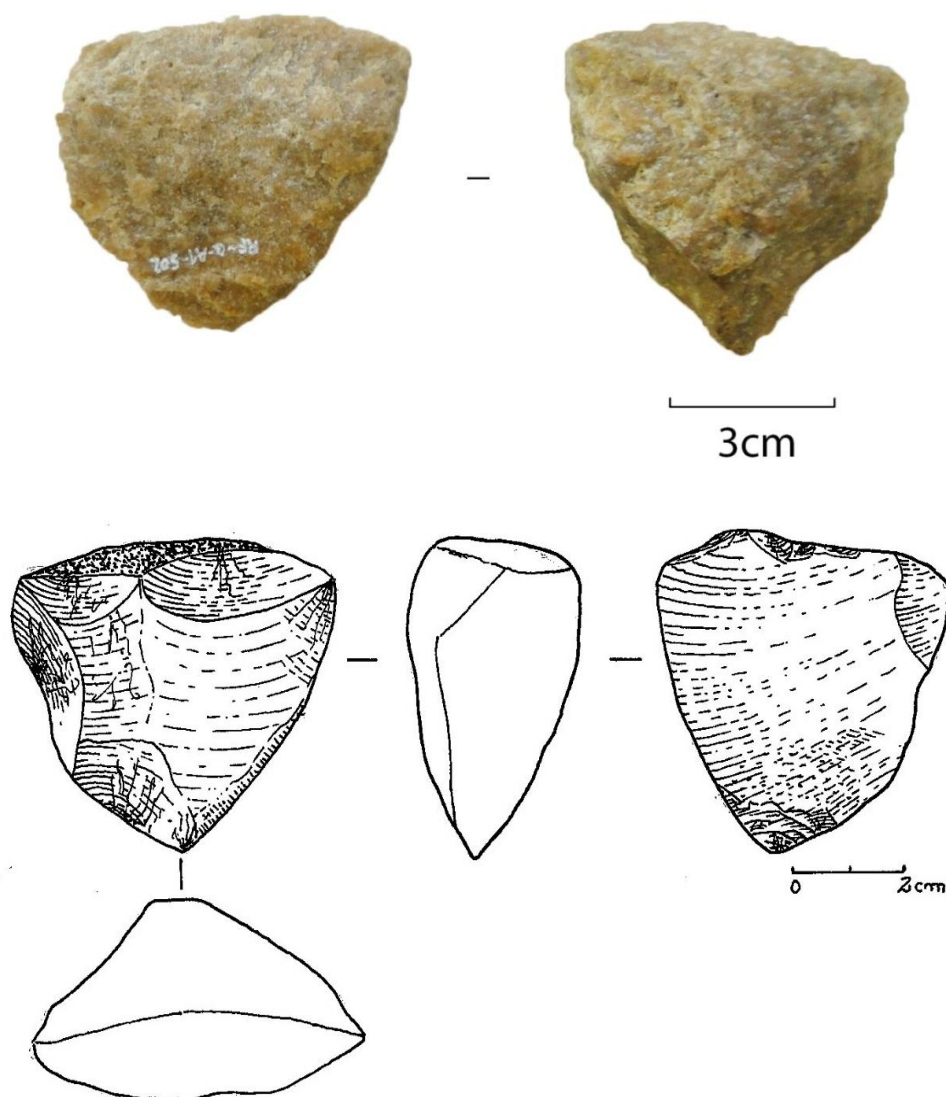


Figura 30. Sítio Rio Ferro (50-60 cm) - Núcleo bipolar (?) de arenito silicificado (A1-502)

- RF-A1-600 (6,2 x 6,8 x 5,4 cm / 60-70 cm): seixo irregular de arenito silicificado explorado a partir da técnica unipolar. Todavia, apenas um dos lascamentos é claramente intencional, onde o artesão obteve uma lasca de talão cortical, com bulbo e dimensões de 5,2 x 6,4 cm. O restante dos lascamentos deriva de causas naturais.

Os resíduos de lascamento – lascas residuais e detritos

Lascas residuais

As lascas residuais e os detritos correspondem, respectivamente, a 42,2% e 40,4% do total desta indústria. Ao longo de todos os níveis da ocupação não se observam métodos diferenciados de produção, pois não ocorrem exemplares cuja matéria-prima e/ou técnica de produção (unipolar e bipolar) e/ou construção volumétrica sejam exclusivas de um ou mais níveis de ocupação - as correlações são perceptíveis e suas variações tecnológicas comuns.

Identificam-se, assim:

- 58 lascas de chert (61,0%) e 37 (39,0%) lascas de arenito silicificado;
- As lascas de chert unipolares são maioria (82,7%), apenas 10 peças são bipolares;
- As lascas de arenito silicificado unipolares são maioria (94,6%), apenas 2 peças são bipolares;

Embora totalizando apenas 12 lascas bipolares, chama a atenção que a bipolaridade ocorre apenas entre 40 e 100 cm de profundidade (Gráfico 18). A não identificação da técnica bipolar nestes níveis mais recentes, não necessariamente indica tratar-se de grupos culturalmente distintos, pois a técnica bipolar aparece nos detritos. É mais cauteloso sugerir que, na medida em que os artesãos conheciam ambas as técnicas, os mesmos a empregaram segundo as necessidades e/ou preferências.

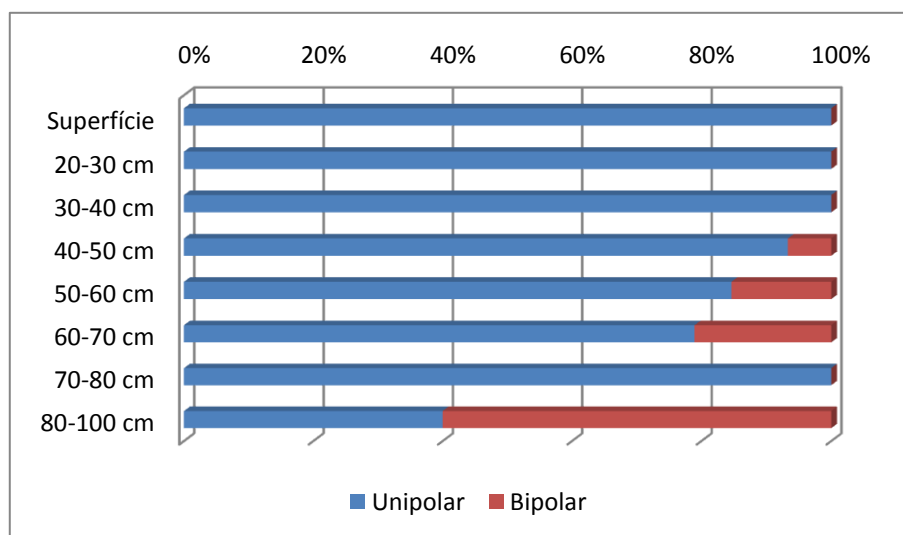


Gráfico 18. Sítio Rio Ferro – Lascas residuais: Frequência da técnica de lascamento x nível

- Não apresentam construção volumétrica e seção mesial padronizada – em geral, os lascamentos dorsais ocorrem paralelos ou são aleatórios ao eixo de debitagem da lasca;
- Tanto as lascas de chert quanto as de arenito silicificado são, na grande maioria, acorticais (70,5% do total de lascas) – do restante, apenas 3 peças são totalmente corticais;

- O talão das lascas unipolares, quando presente, é variado: em média, 22,3% são liso, facetado ou linear puntiforme;
- Do total, quanto aos tecnotipos: 55,8% são unipolares D2 (segundo etapa da debitagem); 28,5% são de *façonnage* (F); 11,6% são bipolares B; 3,1% são unipolares D1 (corticais) – 1 peça não tem classificação. A maior recorrência dos tecnotipos D2 e F denotam que atividades de lascamento ocorreram dentro do sítio;
- A bipolaridade nem sempre é claramente definida, pois estas lascas podem apresentar atributos técnicos compatíveis a lascas unipolares – caso, por exemplo, das lascas que se destacam no meio do núcleo, não definindo, portanto, um ponto de percussão indireto. Assim, é possível que as lascas bipolares sejam um pouco mais frequentes do que o aqui registrado;
- Quanto às dimensões (indistintamente, uni e bipolares) a maioria varia entre 0,1 e 2,0 cm de comprimento (59%); de largura (64%) e de espessura (98%); em seguida, variam entre 2,1 e 4,0 cm de comprimento (33%) e largura (29%), a espessura apenas 2% apresentam entre tais dimensões. Poucos exemplares ultrapassam os 4,0 cm – apenas uma lasca unipolar, aos 50-60 cm, mede mais do que 10 cm de comprimento (B2-500: 10,4 x 5,0 x 3,6 cm) – (Gráfico 19).

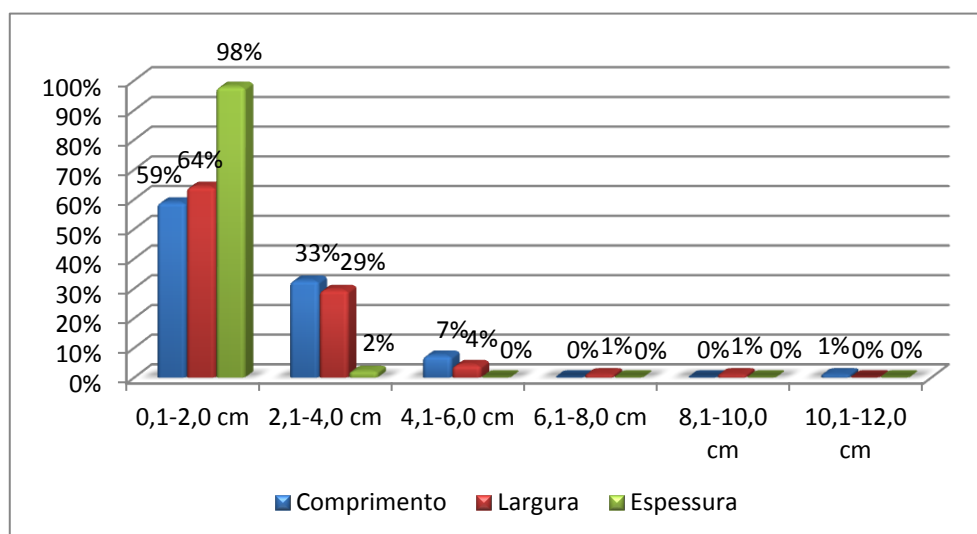


Gráfico 19. Sítio Rio Ferro – Dimensões das lascas residuais

Detritos

Os detritos somam 91 exemplares – 78,0% de chert, 20,9% de arenito silicificado e 1,1% de quartzo (apenas 1 peça). Dentre estes, 71,4% são acorticais - o restante, 14,3% são derivados da debitagem de seixos e 14,2% da debitagem de blocos. Quanto ao tipo de lascamento, 68,1% são unipolares e o restante bipolar (ainda que a bipolaridade em muitas peças não seja

claramente identificada, assim como já observado para as lascas residuais). Destaca-se que algumas peças apresentam marcas de fogo (ex.: C1-201 / 20-30 cm) e outras podem ser naturais (térmicas ou mesmo fragmentos desagregados pelo alto grau de erosão da rocha).

Instrumentos

Os instrumentos somam apenas 14 exemplares - ocorrendo dos 60 cm à superfície (10 peças entre 30 e 50 cm). Dentre estes, nove (9) objetos correspondem a lascas retocadas, três (3) a instrumentos sem estrutura definida e dois (2) a percutores.

Chama a atenção a baixa frequência de instrumentos ao longo de toda a ocupação – sendo possível inferir, visto a maior quantidade de lascas residuais de debitage e *façonnage* na indústria, que muitos dos instrumentos produzidos tenham sido utilizados fora do sítio, como recorrentemente ocorre entre grupos ceramistas. Dentro do território de domínio de um dado grupo étnico, não raramente, há espaços individualizados para a execução e/ou o uso dos instrumentos líticos.

Vejamos como e o que produziram – mas também o que restou dessa indústria no sítio:

Lascas retocadas

Para a confecção de lascas retocadas, os artesãos utilizaram como suporte as lascas de debitage unipolar, tanto de arenito silicificado (5 peças) quanto de chert (4 peças) e de gumes já naturalmente agudos, pois as UTF(t) são criadas sem a reestruturação do suporte. Foram selecionadas, preferencialmente, as lascas com dimensões relativamente maiores do que a média – entre 2,1 e 8,0 cm de comprimento e largura e 0,1 e 4,0 cm de espessura (Gráfico 20).

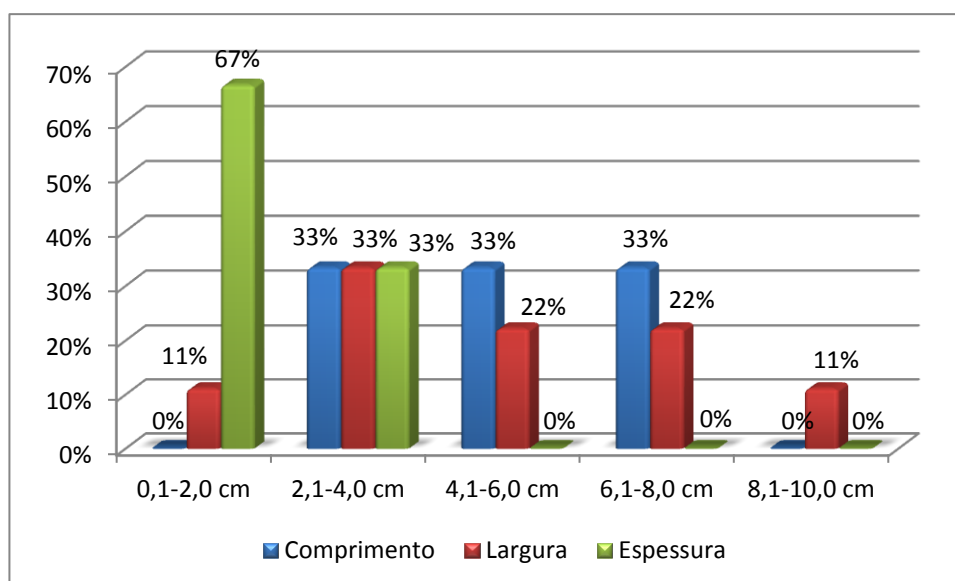


Gráfico 20. Sítio Rio Ferro – Dimensões das lascas retocadas

Tais instrumentos não apresentam suportes padronizados, possuindo construções volumétricas e seção mesial variadas, bem como os talões (cortical, liso e facetado) – assim como observado entre as lascas residuais. Neste caso, indica-se que o que guiou a seleção dos suportes foram peças de gumes já naturalmente agudos.

Segue a descrição técnica de sete (7) exemplares:

- RF-A1-101 (5,2 x 2,5 x 1,3 cm / 10-20 cm) lasca acortical de arenito silicificado com UTF(t) confeccionada sobre o gume fragmentado. A unidade ativa é formada por 3 planos de corte e retoque muito sutis e côncavos, delineando um gume irregular de 40°. Instrumento possivelmente designado a atividades de corte (Figura 31).
- RF-A3-401 (4,5 x 2,5 x 1,3 cm / 40-50 cm): lasca retocada de arenito silicificado, com talão facetado e duas retiradas paralelas ao eixo de debitagem da lasca. A UTF(t) localiza-se numa lateral com retoques escalonados invasivos que delineiam um gume irregular de ângulo de 40° (Figura 31).
- RF-A1-313 (2,9 x 1,6 x 0,7 cm / 30-40 cm) pequena lasca retocada acortical de chert. Talão liso e seção mesial triangular. UTF(t) numa lateral formada por retoques côncavos que delineiam um gume retilíneo de 40° (Figura 31).

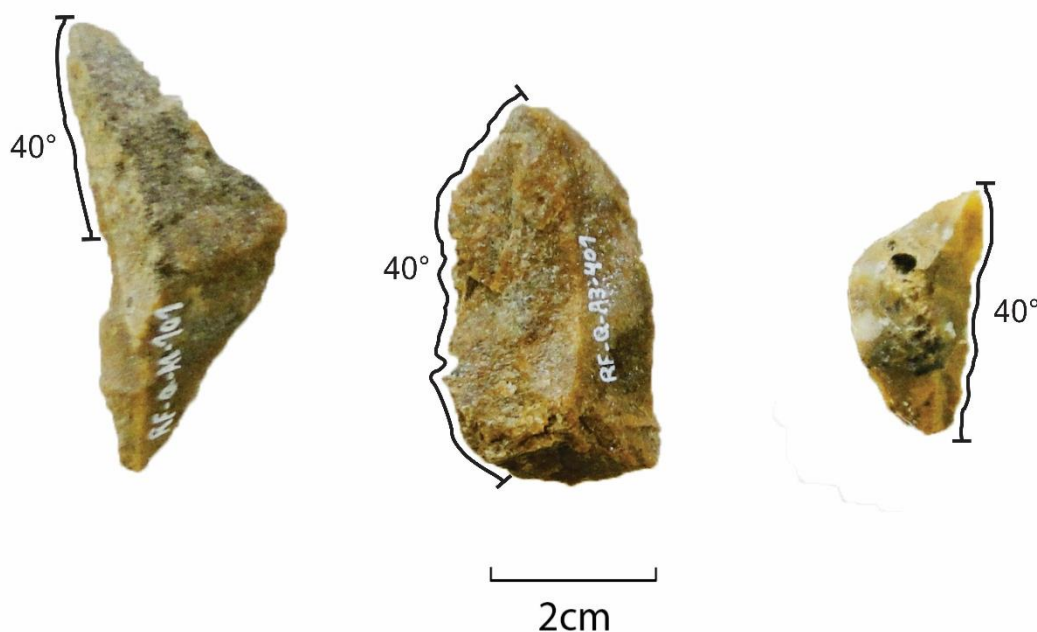


Figura 31. Sítio Rio Ferro (10 a 50 cm) - Lascas retocadas de arenito silicificado (A1-101; A3-401) e de chert (A1-313), gumes ativos de 40°

- RF-A1-303 (5,3 x 6,2 x 1,8 cm / 30-40 cm) lasca retocada fragmentada de arenito silicificado. Lasca espessa, sem talão e bulbo em ambas as faces. UTF(t) distal formada por retoques invasivos/côncavos e curtos/escalariformes que delineiam um gume retilíneo e naturalmente obtuso de 70° (designado para atividades de raspar?) - (Figura 32).

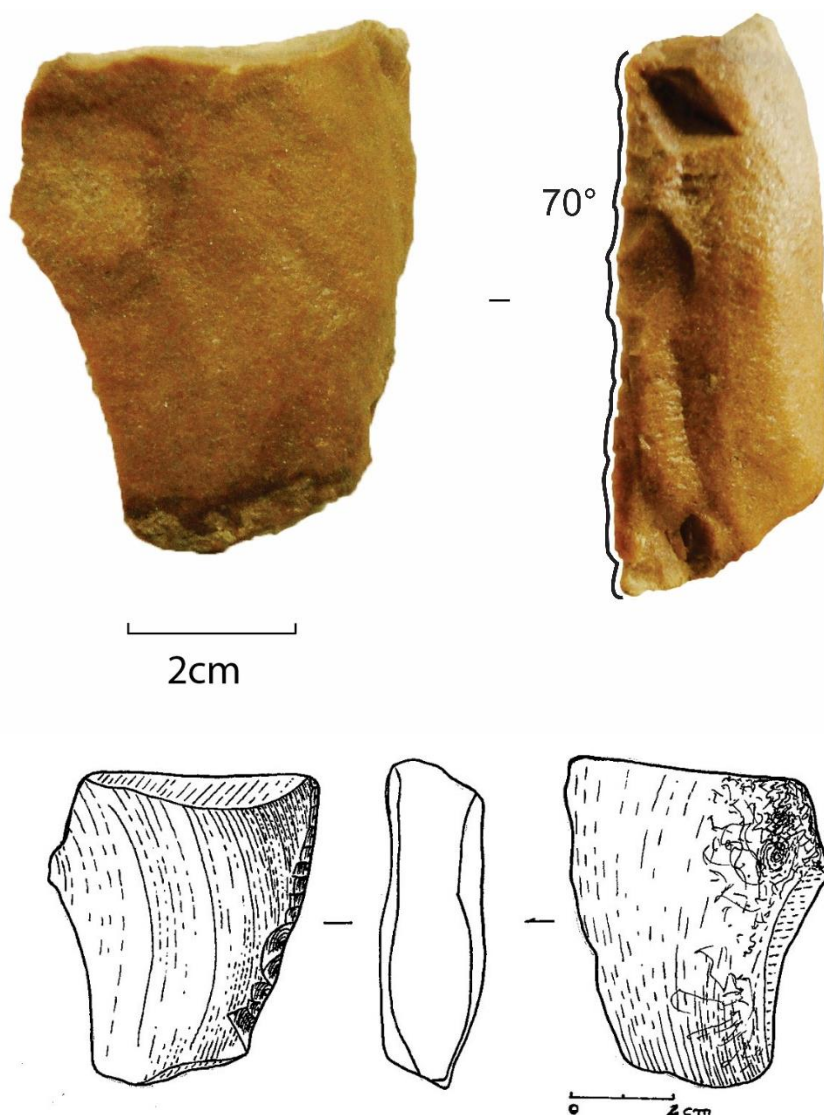


Figura 32. Sítio Rio Ferro (30-40 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado, gume ativo de 70° (A1-303)

- RF-A1-304 (4,0 x 6,5 x 2,7 cm / 30-40 cm) lasca retocada cortical fragmentada de seixo de chert. Retoques côncavos às custas de córtex, delineando um gume de 50°.

- RF-A1-306 (7,5 x 4,8 x 1,5 cm / 30-40 cm) lasca retocada fragmentada de chert. Lasca uni ou bipolar, com talão semi-cortical/facetado com dois pontos de percussão. UTF(t) numa lateral formada por retoques muito sutis côncavos e descontínuos que delineiam um gume irregular de 60°.

- RF-A2-400 (6,4 x 9,2 x 3,9 cm / 40-50 cm): lasca retocada espessa, fragmentada (porção distal), de arenito silicificado, acortical, com talão facetado e, ao menos, três retiradas na face dorsal imprimindo uma seção mesial quase triangular (a retirada central é centrífuga). Numa das laterais ocorrem retiradas invasivas e escalonadas sugerindo a intenção de confecção de uma UTF(t) –

porém, não há planos de corte e tampouco retoques claramente definidos. Na lateral oposta o gume está macerado, parecendo ter sido utilizado. Ambos os gumes formam ângulos de 80°. Este instrumento é mal elaborado, pode ter sido utilizado rapidamente e então abandonado. Outro instrumento idêntico a este, também fragmentado, foi identificado no nível 30-40 cm (A1-302: 7,4 x 5,7 x 3,1 cm) e, neste, a UTF(t) é mais claramente definida, com planos de corte côncavos e retoques escalariformes. Tratam-se, provavelmente, de instrumentos expeditivos, para o uso imediato – mas cuja(s) atividade(s) é difícil determinar (Figura 33).

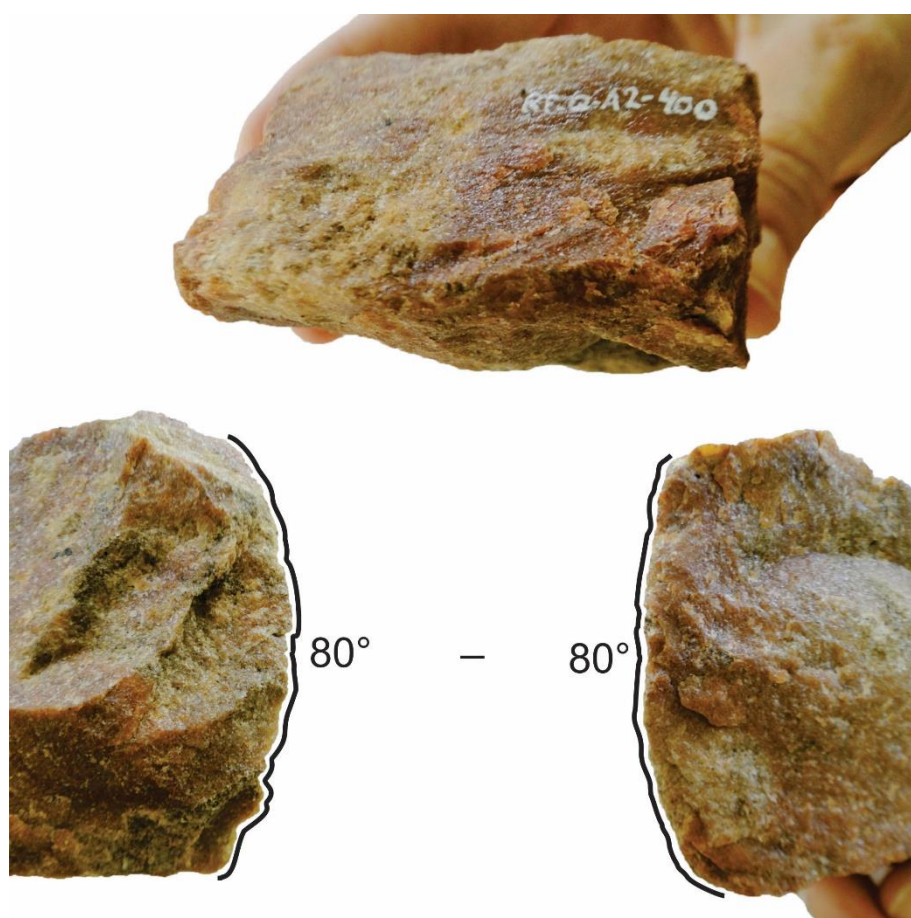


Figura 33. Sítio Rio Ferro (40-50 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado (A2-400), detalhe do gume ativo de 80° em ambas as laterais – atividades de raspar(?)

Instrumento sem classificação

Peça sem estrutura definida de chert (A3-402 [40-50 cm]: 4,5 x 2,5 x 1,3 cm) com uma base quase plana e face superior contendo oito retiradas - uma central plana e as outras centrípetas sobrepostas a esta central. Duas UTF(t), adjacentes e alternantes: uma formada por planos de corte convexos e retoques escalariformes sobrepostos que delineiam um gume quase

retilíneo de 60°; a outra por retoques(?) escalonados que delineiam um gume irregular também de 60° (Figura 34).

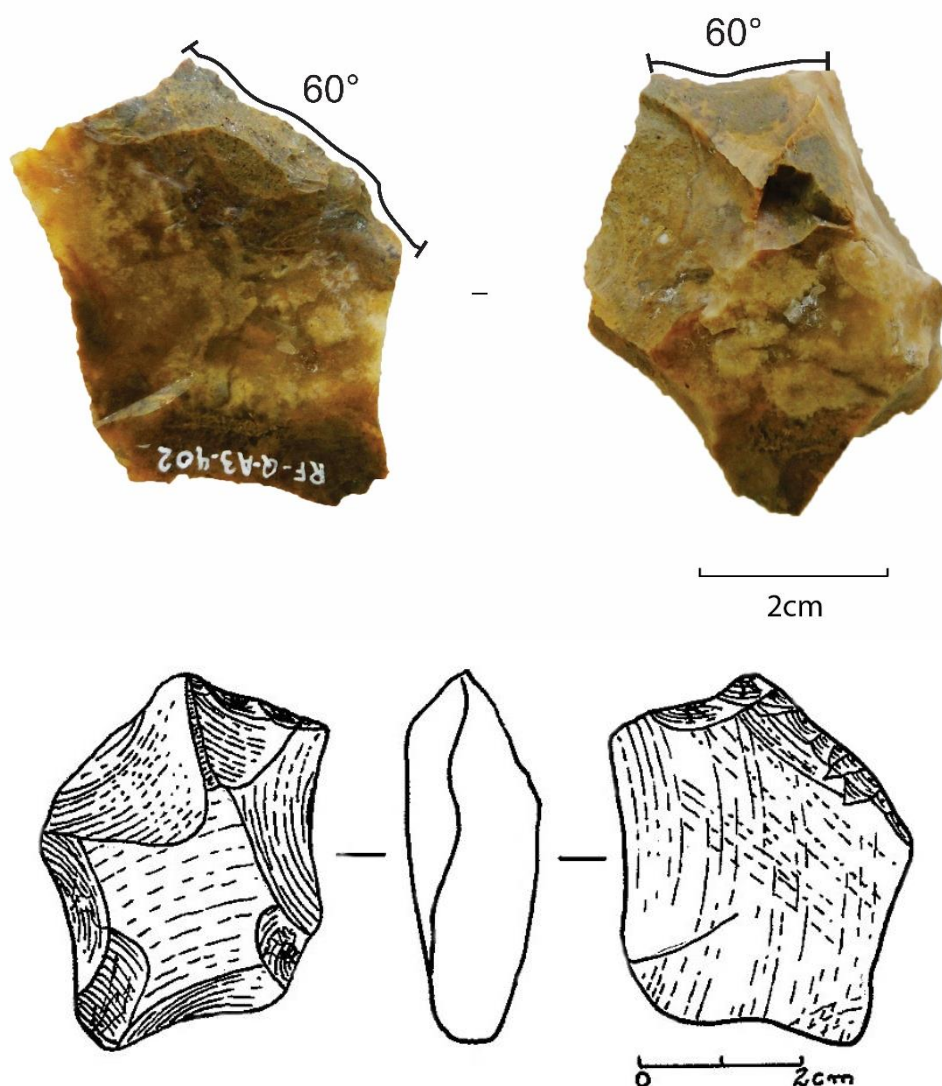


Figura 34. Sítio Rio Ferro (40-50 cm) - Instrumento sem classificação, gume ativo de 60° (A3-402)

Percutores

Dois percutores foram identificados na superfície do terreno: RF-62 (12,5 x 9,0 x 7,3 cm) seixo irregular de chert e RF-49 (3,9 X 3,6 X 2,2 cm) seixo irregular de quartzito (?). Ambos apresentam marcas de picoteado/macerado que delimitam zonas quase circulares nas bordas.

Seixos Naturais

Em geral, os objetos naturais (20 peças) correspondem a pequenos seixos de rochas silicosas. Sendo seixos inteiros, recobertos totalmente por córtex, classificamos como sendo de

arenito silicificado, mas podem ser de quartzo, jaspe, opala, calcidônia, etc. As dimensões dessas peças apresentam, na média, 2,4 x 1,9 x 1,3 cm.

Estes seixos, caso tenham sido empregados para o polimento das cerâmicas, por exemplo, deixaram vestígios tão sutis que sequer podem ser visíveis a olho nu ou mesmo a lupa binocular (30X).

6.1.6 Datações Radiocarbônicas

As datações deste sítio foram obtidas através da coleta de carvões identificados na Quadra C1, entre 50 e 60 cm de profundidade. Os resultados apontaram uma idade entre 125 e 250 de nossa era, ou seja, início do século II a meados do século III (Quadro 9).

Quadro 9. Sítio Rio Ferro - Datações Radiocarbônicas

Sítio	Amostra	Quadra/Nível	Idade Absoluta	Idade Calibrada (2 sigma)
Rio Ferro	BETA 383942	Quadra: C1 Nível: 50-60 cm	1860 +/- 30 BP	Cal AD 125 a 250 (Cal BP 1825 a 1700)

6.2 Sítio Terra Cinza

Coordenada geográfica: 55°03'33''W / 13°12'00''S

Tipo: litocerâmico a céu aberto

Área de dispersão dos vestígios: 41.600 m² (320 x 130 m)

6.2.1 Inserção na Paisagem

O sítio Terra Cinza - assim designado pela coloração acinzentada do solo, associada, possivelmente, a processos pedogenéticos - implanta-se numa vertente levemente inclinada, aberta ao Córrego Desejado. O curso d'água, de pequeno porte - com uma largura entre 3 e 4 metros - e margens alagadas, não apresenta cachoeiras ou corredeiras. As características da drenagem enfatizam um parco potencial para a pesca, não se identificando, ainda, afloramentos rochosos no leito, margens ou área envolvente, denotando um baixo potencial para a existência de indústrias líticas.

O sítio enquadra-se em área de floresta de transição, aqui bastante depredada pelos trabalhos de desmate vinculados à conversão dos terrenos à monocultura, restando, tão somente, uma pequena mancha arbórea, com árvores de médio e grande porte, que acompanha o Córrego Desejado. A flora variada da floresta, ora desbravada, estaria associada uma fauna ampla, tendo-se relatado a ocorrência de animais como onça, anta, aves, dentre outros.

Apesar da escassez de recursos piscícolas, o ambiente, a priori, apresenta-se propício à instalação de populações que encontrariam na fauna e flora o sustento de uma dieta alimentar regulada.

6.2.2 Método de Resgate

O sítio Terra Cinza compreende os terrenos agrícolas à esquerda da rodovia (no sentido Nova Ubiratã → Gaúcha do Norte), destinados, desde há dez anos, ao cultivo de milho, soja e, atualmente, sorgo, tendo, portanto, seu pacote arqueológico remexido pelas máquinas.

Durante os trabalhos de prospecção, nesta área foram coletados sistematicamente, sobre linhas de caminhamento, centenas de materiais em superfície, pois o terreno encontrava-se, naquele momento, recentemente arado. Nesta etapa do resgate, o terreno encontrava-se ainda mais impactado, pois era alvo de trabalhos de limpeza com trator de onde resultou o acúmulo de árvores derrubadas e massa florestal sobre o solo, bem como a formação de pequenas leiras. Os trabalhos arqueológicos viram-se condicionados pela acumulação de árvores derrubadas e massa vegetal que encobria o solo revolvido e pelas queimadas que ocorriam junto à área de intervenção, proporcionando um ambiente insalubre, com calor e intensa fumaça²⁸.

²⁸ Os trabalhos de desmate e limpeza mecânica do terreno foram realizados ilegalmente, tendo, por isso, sido interrompidos pela fiscalização do IBAMA.

Do espaço remexido, apenas uma faixa de 100 m que margeia a rodovia BR-242/MT estava limpa, razão pela qual a escavação se restringiu a esta área. Definiram-se, então, neste espaço, três alinhamentos dispostos paralelamente à rodovia, distantes um do outro em 30 metros, com a abertura de 09 quadras (1,0 m²) sobre a linha A, 09 sobre a linha B e 06 sobre a linha C (as quadras foram denominadas alfanumericamente), a distâncias equidistantes de 30 e 50 metros. A profundidade máxima dos vestígios materiais foi de 70 cm.

Mais ao norte das quadras 'C', o terreno insalubre foi inspecionado apenas através de observação de superfície com caminhamentos sobre três linhas (M, N e O), distantes em cerca de 100 metros uma da outra. Destas coletas, apenas na linha M foram identificados materiais, nas linhas N e O nada foi identificado (Quadro 10, Planta 2 e Prancha Fotográfica 3 e 4).

A grande quantidade de material fragmentado em superfície, aliada à informação reunida na escavação, permitiu constatar que o contexto arqueológico foi seriamente comprometido pelos trabalhos de aragem mecânica do solo e queimadas. Ainda assim, coletou-se uma coleção de material lítico e, sobretudo, cerâmico, passíveis de análise.

Quadro 10. Sítio Terra Cinza - Coordenadas UTM das Quadras

Quadra	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
A1	710471	8539821	Positivo
A2	710432	8539852	Positivo
A3	710384	8539893	Positivo
A4	710342	8539902	Positivo
A5	710309	8539921	Positivo
A6	710264	8539949	Positivo
A7	710239	8539962	Negativo
A8	710213	8539972	Negativo
A9	710193	8539984	Negativo
B1	710491	8539862	Positivo
B2	710455	8539883	Positivo
B3	710413	8539914	Positivo
B4	710370	8539935	Positivo
B5	710327	8539954	Positivo
B6	710287	8539977	Positivo
B7	710252	8539991	Positivo
B8	710227	8540001	Negativo
B9	710193	8539984	Negativo
C1	710502	8539890	Positivo

C2	710465	8539912	Positivo
C3	710430	8539936	Positivo
C4	710388	8539960	Positivo
C5	710346	8539981	Negativo
C6	710299	8540004	Negativo

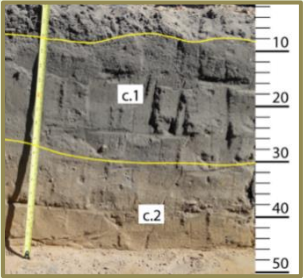
6.2.3 Estratigrafia

Os trabalhos de escavação arqueológica do sítio Terra Cinza permitiram identificar a uma sequência estratigráfica homogênea, comum a todo o sítio intervencionado.

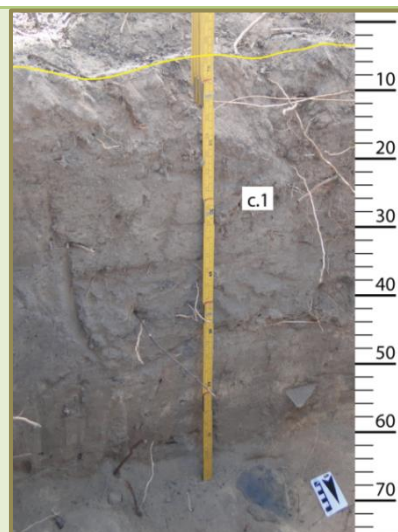
A estratigrafia mostrou-se relativamente uniforme em ambas as áreas escavadas, identificando-se apenas duas camadas estratigráficas - a camada 01, de onde provêm os materiais arqueológicos e a camada 02, estéril. A camada 01 apresenta uma maior potência estratigráfica na Área II, onde os terrenos foram apenas desmatados (Quadro 11).

É também aqui que ocorrem carvões passíveis de fornecer datações por análises radiocarbônicas.

Quadro 11. Estratigrafia do Sítio Terra Cinza - Área I: corte leste da Quadra C1; Área II: corte leste da Quadra J1

<p>01</p>	<p>Camada 1 corresponde a um sedimento areno-siltoso, de granulometria fina, não granular, acimentado, baixa porosidade e compactidade solta à macia. Na Área I, onde foi perturbada pela passagem do arado, apresenta espessura em torno de 30 cm, enquanto na Área II, não arada, chega a atingir 70 cm.</p> <p>Desta camada, identificada desde a superfície, provém o material arqueológico, bem como fragmentos de carvões provenientes da Área II não remexida.</p> <p>A sua transição para a camada 2 é gradual, observando-se uma alteração na cor do sedimento - de acinzentado a castanho amarelado. Esta transição gradual deve-se, possivelmente, à perturbação dos sedimentos.</p>	 <p>Área I - Perfil leste da Quadra C1</p>
------------------	---	---

02 Na Area II a camada 1 é mais espessa, tratando-se de um edimento areno-siltoso, de granulometria fina, não granular, castanho amarelado, baixa porosidade e compactidade solta à macia. Identifica-se entre os 30-40 cm de profundidade até a profundidade máxima escavada de 100 cm. Camada estéril.



Área II - Perfil leste da Quadra J1

Planta 2. Sítio Terra Cinza

Prancha Fotográfica 3. Sítios Terra Cinza – Paisagem

Prancha Fotográfica 4. Sítios Terra Cinza – Salvamento

6.2.4 Caracterização dos Materiais Cerâmicos

Este sítio Terra Cinza corresponde a uma ocupação que iniciou aos 70 cm de profundidade, e dentre os materiais identificam-se associados fragmentos cerâmicos (1407 exemplares) e objetos líticos (361 exemplares). A dispersão destes materiais ao longo da ocupação apresenta maiores percentuais sobre a superfície, compondo 49,7% do total da coleção (45% cerâmica e 67% líticos). No restante dos níveis estratigráficos, os percentuais diminuem para menos de 15% em cada nível (com variações entre 2% e 15%), porém, é de 0-30 cm que os materiais se concentram, demonstrando que o sítio tem uma camada de ocupação pouco profunda (Gráfico 21).

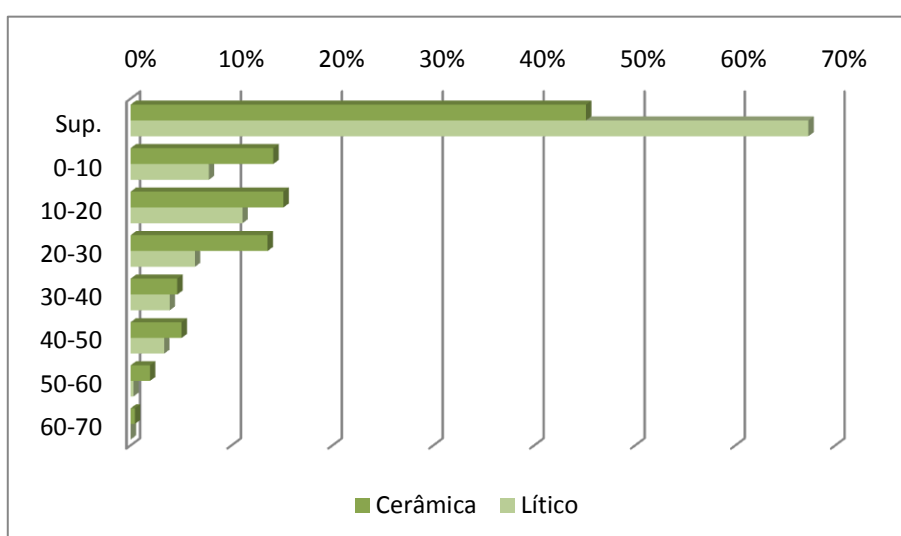


Gráfico 21. Sítio Terra Cinza – Frequência de materiais (cerâmica e lítico) x nível estratigráfico

Quanto às cerâmicas, no sítio Terra Cinza foram coletados 1.407 fragmentos. Todos estes foram inventariados em laboratório e, dentre eles, 917 foram descartados, destes, 211 fragmentos foram devolvidos ao sedimento de origem por não apresentarem informações tecnotipológicas ou decorativas relevantes e 706 ficaram no laboratório como amostras, bem como por não se reconhecer a possibilidade de colagem com os fragmentos-diagnósticos. Do restante, 490 fragmentos correspondem a fragmentos-diagnósticos analisados.

O material resgatado apresenta-se relativamente pouco conservado, porque a maioria dos fragmentos, 62% apresentam riscos e quebras do arado²⁹ e o restante 38%, não apresentou nenhuma danificação.

²⁹ Os fragmentos do sítio Terra Cinza em sua maioria sofreu impacto de arado. Nestes casos, Brown (1987) “sugere que o material arqueológico seja resgatado através de um controle por linhas contínuas ou quadrantes, considerando que a ação do arado ocasiona um pequeno deslocamento do material, uma vez que o processo de aragem ocorre em várias direções, culminando num deslocamento ora para frente, ora para trás, ora para os lados”. A profundidade que atingiu a máquina do arado é de 30 a 40 cm o que ocasionou o revolvimento dos fragmentos, expondo-os na superfície do sítio.

Segue a análise dos atributos técnicos, morfológicos e decorativos dessa indústria.

Classe

Em relação à classe dos fragmentos analisados, a maior parte pertence a bordas, com 56% do total. Em menor frequência têm-se as bases, com 32%; parede com 10%; bojo com 1%, fuso e pescoço representados por 0,5% de cada classe (Gráfico 22).

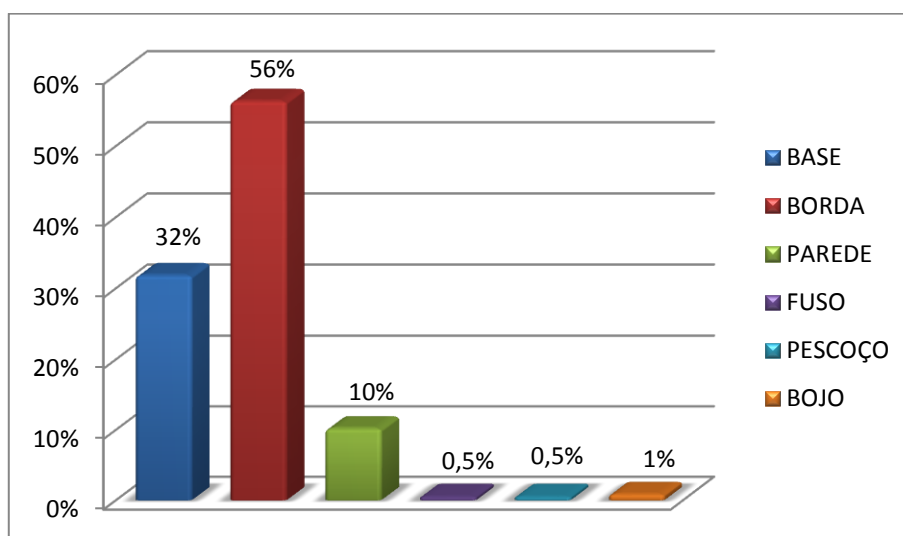


Gráfico 22. Sítio Terra Cinza – Frequência das classes da cerâmica

Dentre os 490 fragmentos analisados, a maioria, 68%, não apresenta forma por não atingir 12,5% da vasilha (estes correspondem a fragmentos muito pequenos). Todavia, foi possível enquadrar 25% em grupos formais específicos e 7% em formas genéricas.

Antiplástico

Frequência na indústria

De modo geral, os fragmentos apresentam uma pasta homogênea, tendo o cariapé como antiplástico. Em relação à frequência dos tipos de cariapé, observa-se o predomínio do cariapé B, com 84%, em detrimento do cariapé A, com 16% (Gráfico 23).

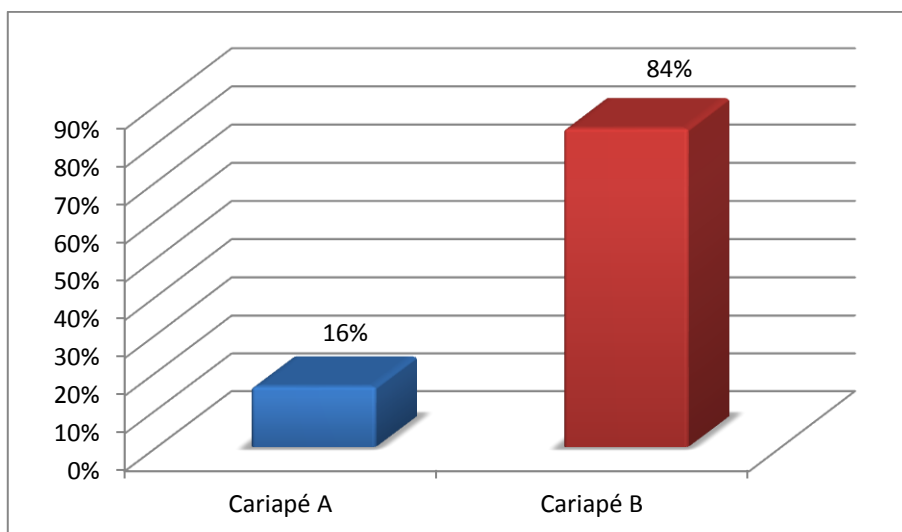


Gráfico 23. Sítio Terra Cinza – Frequência dos tipos de antiplástico das cerâmicas

Entre as impurezas foram observadas a presença de óxido de ferro que varia de calibre pequeno, de 2 mm, a muito grosso, atingindo 7 mm de comprimento e 3 mm de largura, sem regularidade de frequência. Este dado sugere que sua procedência não seja intencional, mas, sim, da própria fonte de coleta.

Frequência de antiplástico nos fragmentos

Quanto à frequência identificou-se que o tipo A é abundante (51% a 75%) com 82% do total de fragmentos. Seguem fragmentos com uma frequência moderada (26% a 50%), com 13%, e muito abundante (75% a 85%) ou escassa (0% a 25%), com 2,5% de cada. O tipo B varia entre moderado com 44%, abundante com 30%, escasso com 21% e muito abundante com 5% – este último registrado em poucos fragmentos (Gráfico 24).

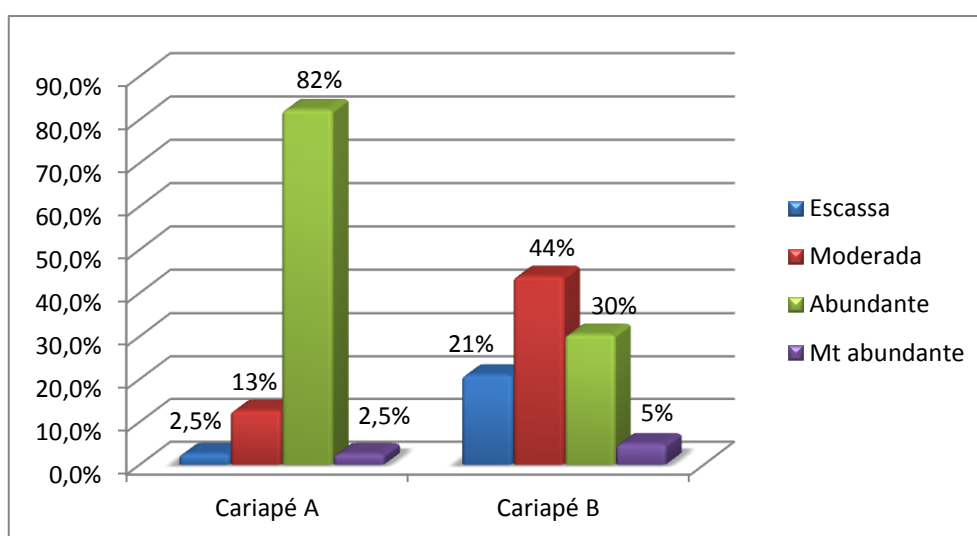


Gráfico 24. Sítio Terra Cinza - Frequência do Cariapé A e B nos fragmentos cerâmicos

Técnica de Manufatura

Quanto à técnica de manufatura, a maioria (78%) das cerâmicas do sítio Terra Cinza não apresentou marcas passíveis de identificação. Do restante, 13,5% (71 fragmentos) têm marcas de rolete, 7% (32 fragmentos) são em placas, 1% (5 fragmentos) são em placas e rolete e para completar 0,5% (2 fragmentos) apresentam marcas de modelado (Gráfico 25).

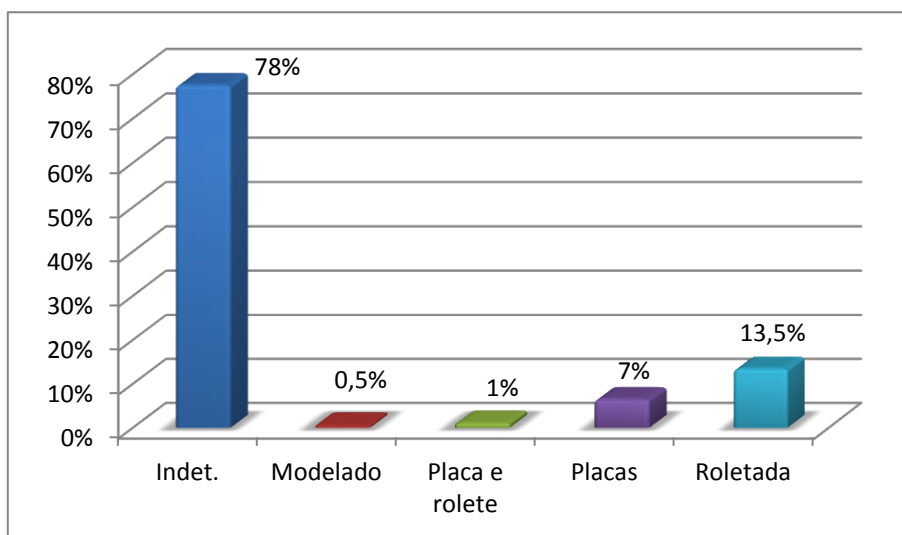


Gráfico 25. Sítio Terra Cinza – Fragmentos cerâmicos com marca da manufatura

Tratamento de superfície

Alisamento/Polimento

Nos fragmentos analisados, destacam-se três modos de tratamento de superfície, o alisamento, o polimento e o engobo. Estes tratamentos de superfície podem ser tanto em ambas as faces ou na face interna ou na face externa.

De todos os exemplares 98% receberam a técnica de alisamento, sendo que apenas 2% apresentam o polimento.

Localização do Alisamento/Polimento

O alisamento dos fragmentos se destacou como o modo de tratamento de superfície mais empregada nesta indústria. Considerando a indústria como um todo, 94% apresentou alisamento em ambas as superfícies; seguido de 3% com alisamento externo e 0,5% com alisamento interno. Também foi identificado um baixo percentual de fragmento com polimento, apenas 1% com polimento externo e 0,5% com polimento interno (Gráfico 26).

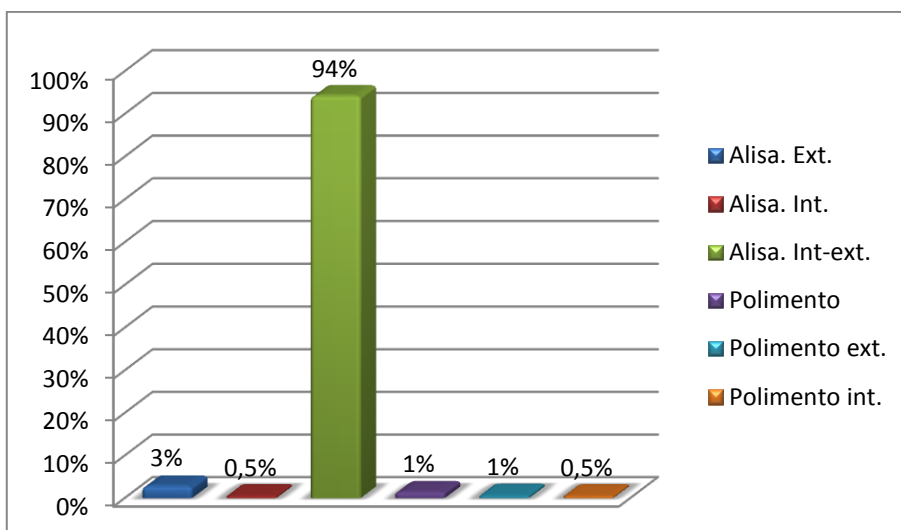


Gráfico 26. Sítio Terra Cinza – Frequência do modo de tratamento da superfície das cerâmicas

Engobo

Do conjunto analisado além do tratamento de alisamento e polimento identificaram-se alguns fragmentos com engobo, representados por 35% da amostra (Gráfico 27).

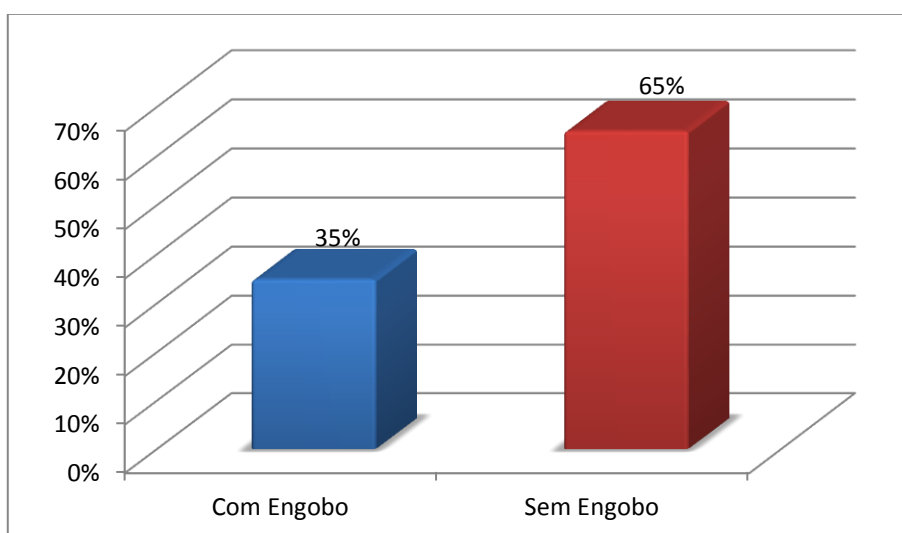


Gráfico 27. Sítio Terra Cinza – Frequência do modo de tratamento da superfície com engobo

Frequência do engobo vermelho/preto/branco

Dentre os fragmentos com engobo, a maior frequência dos fragmentos apresenta engobo vermelho, com 89%; seguido do engobo preto, com 6%; em menor percentual tem-se o engobo preto na face interna e o vermelho na face externa, com 4% do total. E, por fim, tem-se o engobo branco, com 1% (Gráfico 28).

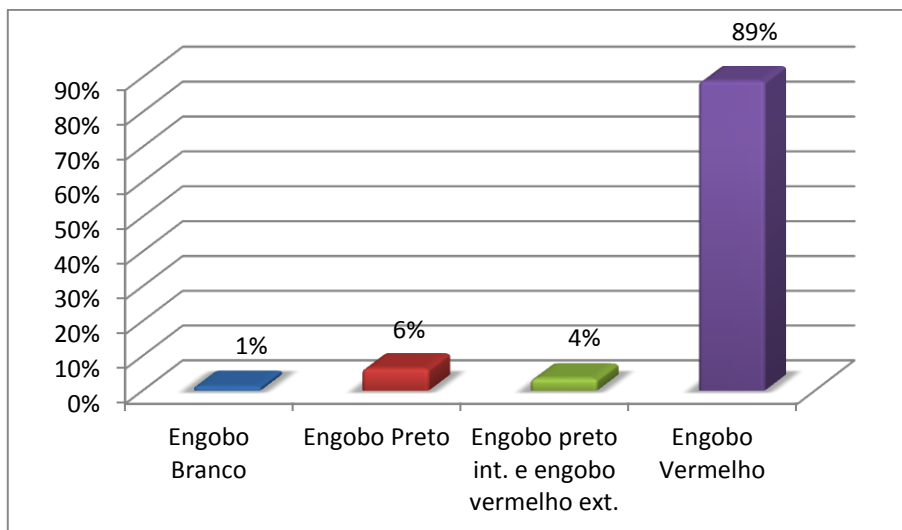


Gráfico 28. Sítio Terra Cinza – Frequência do modo de tratamento da superfície com engobo vermelho, preto e branco

Queima

O processo de queima da cerâmica pode apresentar uma série de variações como a duração e temperatura, podendo resultar em queimas oxidantes com a coloração homogênea e claras, redutoras, coloração escura ou uma associação de ambas (coloração polarizada, heterogênea ou sanduíche)³⁰.

Quanto ao tipo de queima, a maioria da cerâmica do sítio Terra Cinza apresentou uma coloração homogênea, tendo também a presença de núcleos, dado este que indica que foi queimada em uma atmosfera oxidante - provavelmente em fogueiras abertas. Quanto à coloração, identificamos 4 tipos, sendo a maioria homogênea com 63,5%; em menor frequência polarizada com 28%; em sanduíche com 8% e completando os exemplares a heterogênea com 0,5%. Sendo estes três últimos os fragmentos pouco oxidados.

As cores que foram identificadas são: bege, castanho, alaranjado, cinza e preto (Gráfico 29).

³⁰ Veja item 6.1.4 deste relatório – Queima nas cerâmicas do Sítio rio Ferro.

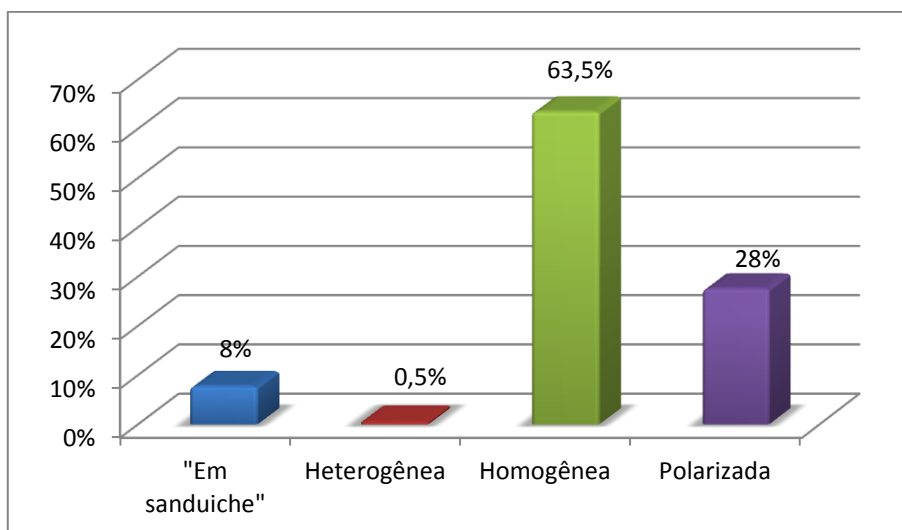


Gráfico 29. Sítio Terra Cinza – Frequência da coloração da queima das cerâmicas

Decoração

Fragmentos com ou sem decoração

Neste sítio foi identificada a decoração plástica e pintada que foi dividida em três grupos para melhor identificação dos fragmentos. No **Grupo 1** destacamos a decoração com marcas de pintura de forma geométrica e pontinhos ao redor, com 43%. No **Grupo 2** as marcas de esteira com 28,5% e na mesma porcentagem o **Grupo 3** com o puncionado e o inciso. Vale ressaltar que a maioria dos fragmentos que recebeu decoração plástica ou pintada está associada ao tratamento de superfície do tipo alisado e/ou polido (Gráfico 30).

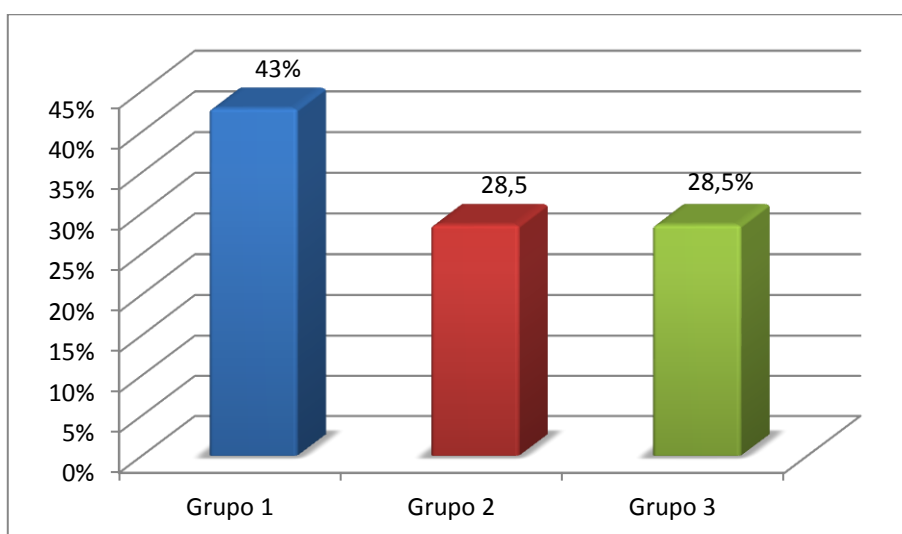


Gráfico 30. Sítio Terra Cinza – Frequência da decoração por Grupo

Formas

Forma da base

Dentro dos fragmentos de bases verificou-se a presença de quatro tipos: bases planas, com maioria de 87%; bases planas com pedestal, com ângulo de 110° a 140° e altura de 0,5 cm a 1,5 cm, com 10% da amostra; bases côncavas, com 2%, e ainda bases convexas com 1% (Gráfico 31).

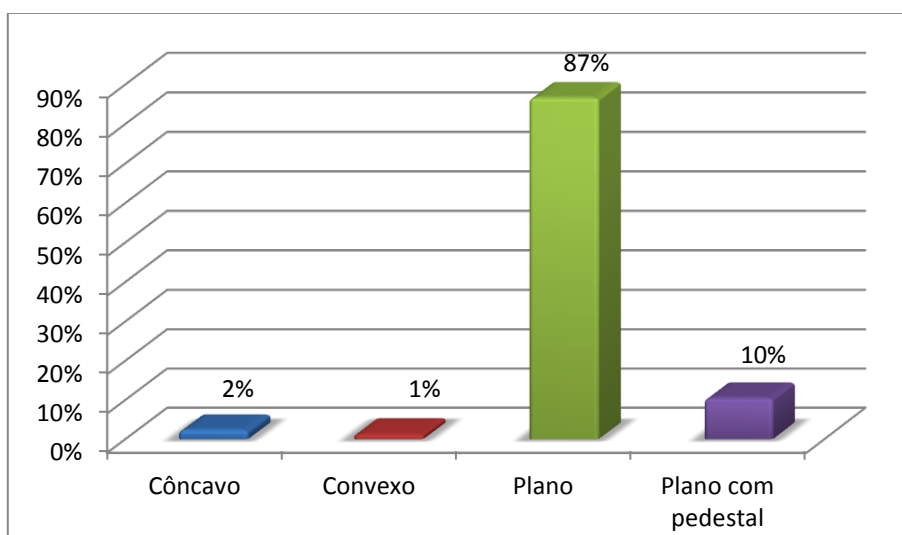


Gráfico 31. Sítio Terra Cinza – Frequência da morfologia da base

Morfologia dos Vasilhames

Quanto à forma dos vasilhames dos fragmentos passíveis de classificação, ou seja, entre os fragmentos de borda³¹, a maioria é indeterminada, com 46% da amostra. Do restante, têm-se 41% de formas abertas, 12% fechadas e 1% de formas neutras (Gráfico 32). Também de todas as bordas analisadas na maioria (89%) o diâmetro é indeterminado, somente 11% tem o diâmetro determinado.

³¹ No que se refere aos fragmentos de borda, uma vez que a principal informação obtida na análise é a reconstituição da forma da vasilha a que se relaciona, foram selecionados os fragmentos que apresentem a partir de 12,5% do diâmetro da vasilha, ou seja, 1/8 do perímetro da boca, tamanho reconhecido como suficiente para a reconstituição segura do diâmetro e da forma (SOARES, 2005; BROCHADO & MONTICELLI, 1994).

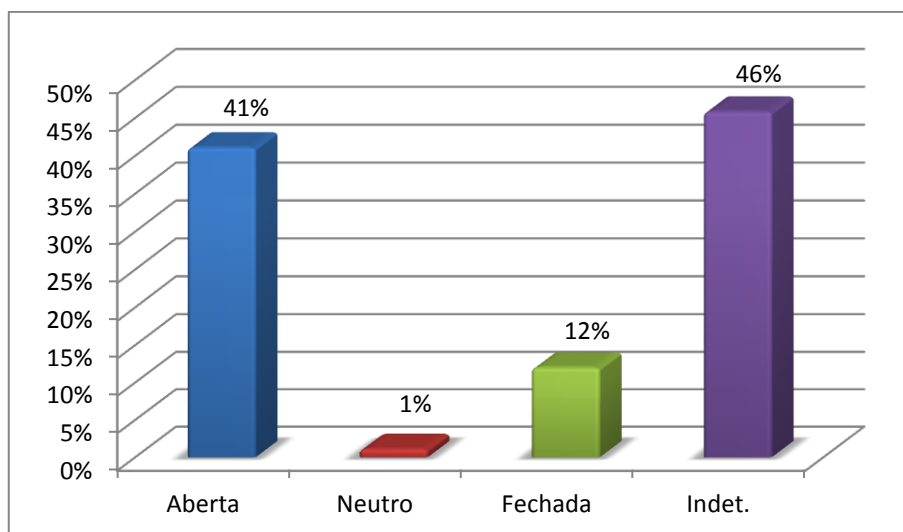


Gráfico 32. Sítio Terra Cinza – Frequência da morfologia dos vasilhames

Variante formal

As formas das vasilhas foram definidas através da análise em laboratório de acordo com as características específicas de cada uma. Identificaram-se as seguintes formas, elencados de acordo com a frequência (Gráfico 33 e Anexo 5 – Catálogo das Formas do sítio Terra Cinza):

- Forma 4: bacias abertas, com 30%;
- Forma 3: tigelas, com 28%;
- Forma 9: recipientes fechados de pequenas dimensões, com 12%;
- Forma 6: recipientes fechados sem pescoço, com 8%;
- Forma 7: recipientes fechados com pescoço, com 7%;
- Forma 2: pratos, com 7%;
- Forma 1: tostadores, com 6%; e
- Forma 5: recipientes neutros, com 2%.

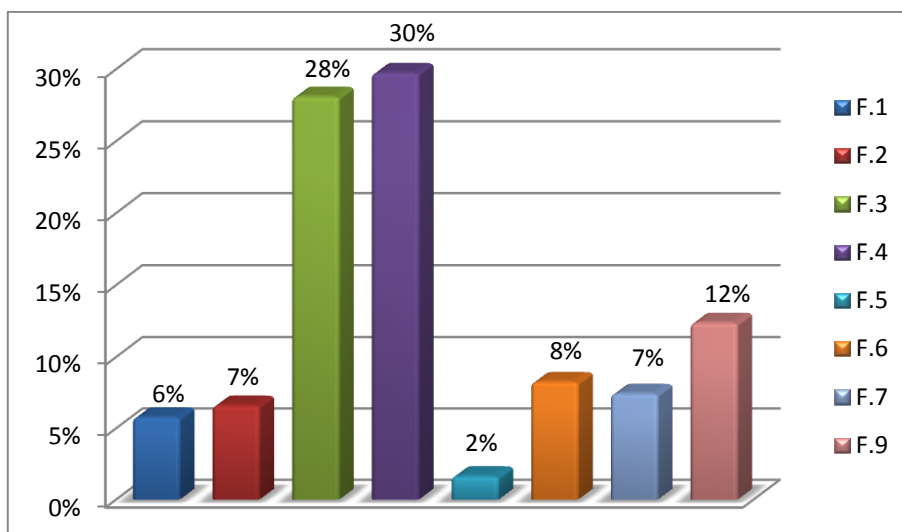


Gráfico 33. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa das variantes formais dos vasilhames

Diâmetro das variantes formais

Este repertório formal apresenta diâmetros que variam de 100 a 500 mm. Todos os fragmentos catalogados com Forma 6, têm diâmetro de 101-200 mm. Fragmentos com Forma 3, 90% têm diâmetro de 101-200 mm e 10% têm diâmetro de 0-100 mm. Fragmentos com Forma 9, 75% têm diâmetro de 0-100 mm e 25% têm diâmetro 101-200 mm. Da Forma 7, 60% têm diâmetro de 101-200 mm, 20% têm diâmetro de 0-100 mm e na mesma porcentagem fragmentos com diâmetro de 301-400 mm. Por fim, com Forma 4, 43% têm diâmetros de 201-300 mm, 29% diâmetros de 101-200 mm, 14% diâmetros de 301-400 mm e na mesma porcentagem diâmetros de 401-500 mm. Observa-se que de todas as Formas, na sua maioria os diâmetros variam entre 0 e 200 mm (Gráfico 34).

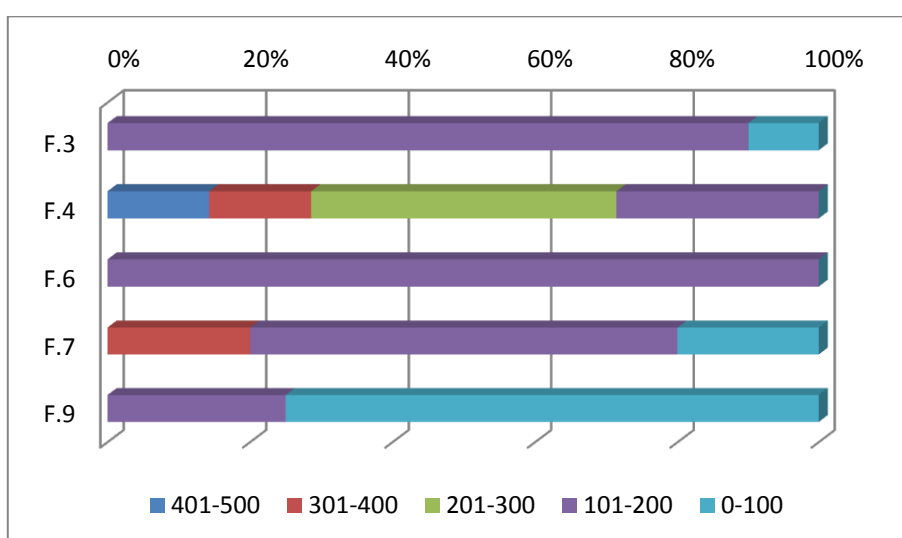


Gráfico 34. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa do diâmetro (mm) da borda nas variantes formais

Espessura por tipo de variante formal

No que diz respeito à espessura dos fragmentos cerâmicos (Gráfico 35):

- Forma 2 e Forma 5: 100% moderada (07 mm a 13 mm);
- Forma 6: 90% moderada e 10% fina (04 mm a 07 mm);
- Forma 1: 50% moderada, 25% grossa (13 mm a 20 mm) e na mesma porcentagem espessura muito grossa (20 mm a mais);
- Forma 3: 50% fina, 32% moderada, 15% muito fina (01 mm a 04 mm) e 3% grossa;
- Forma 4: 64% moderada, 19% fina e 17% grossa;
- Forma 7: 75% moderada, 12,5% fina e na mesma porcentagem espessura muito fina; e
- Forma 9: 53% fina, 27% moderada e 20% muito fina.

A exceção dos tostadores que apresentam espessuras mais grossas, as outras Formas apresentam espessuras entre fina e moderada.

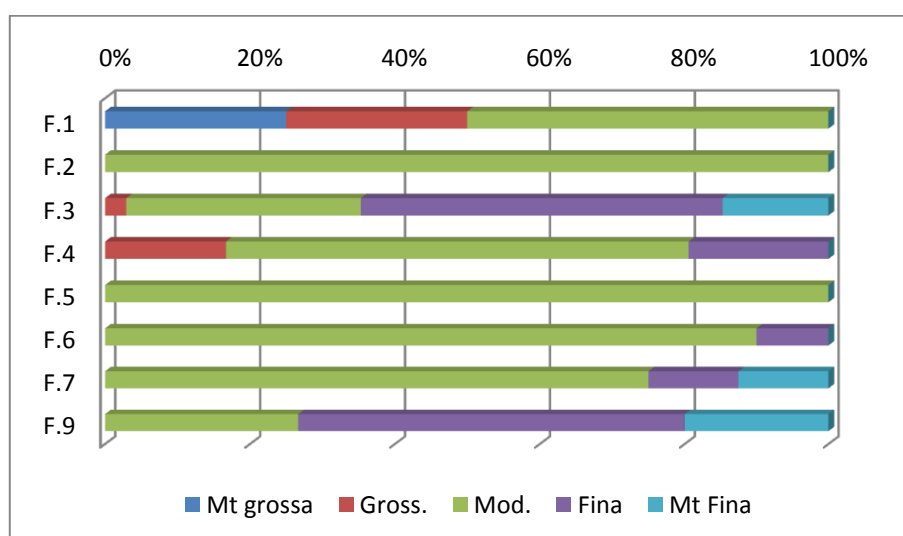


Gráfico 35. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa da espessura (mm) nas variantes formais

Antiplástico das Formas

Dentre os fragmentos catalogados com variante formal, observou-se que o 100% das Formas 1, 2 e 5 apresentam Cariapé do tipo B.

Já nas outras Formas identificam-se os dois tipos, A e B. Nos exemplares com Forma 3, 74% apresentam cariapé B e 26% do tipo A. Na Forma 4, 92% apresentam Cariapé B e 8% do tipo

A. Na Forma 6, 80% têm Cariapé B e 20% do tipo A. Na Forma 7, 89% têm Cariapé B e 11% do tipo A. E na Forma 9, 53% têm Cariapé A e 47% do tipo B (Gráfico 36). Observa-se, no geral, que o Cariapé B é maioria em todas as formas de vasilhames.

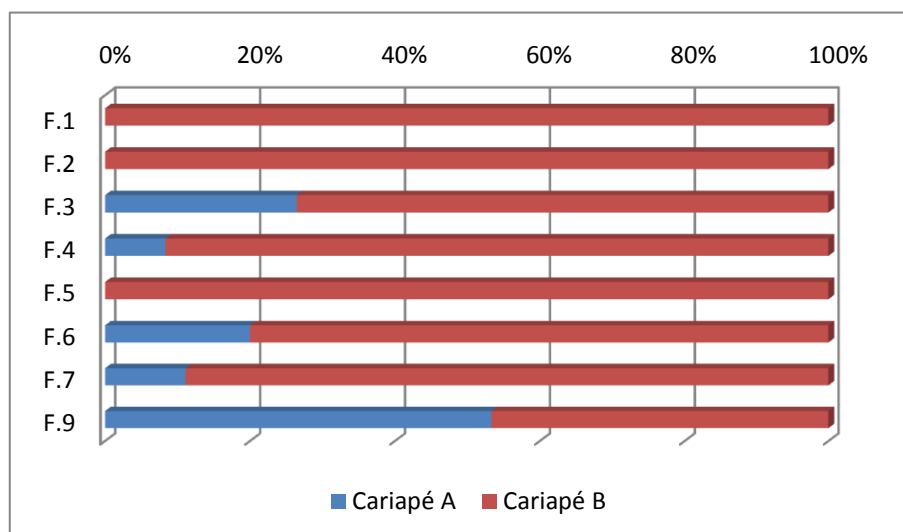


Gráfico 36. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa de Cariapé nas variantes formais

Frequência do antiplástico na forma

Quanto à frequência do antiplástico dentro das variantes formais identificou-se que: na Forma 1, em 43% é moderado, em 29% é abundante e em 14% é escasso e muito abundante. Na Forma 2, em 61% é moderado e em 13% é escasso, abundante e muito abundante. Na Forma 3, em 47% é abundante, em 26% é moderado, em 21% é escasso e em 6% é muito abundante. Na Forma 4, em 44% é moderado, em 42% é abundante e em 14% é escasso. A Forma 5, em 50% é moderado e em 50% é abundante. Na Forma 6, em 40% é escasso, em 40% é abundante e em 10% é moderado e também em 10% é muito abundante. Na Forma 7 há frequência escassa, moderada e abundante com o mesmo percentual de 33,3%. Por fim, na Forma 9, em 47% é abundante, em 33% é escasso e em 20% é moderado (Gráfico 37).

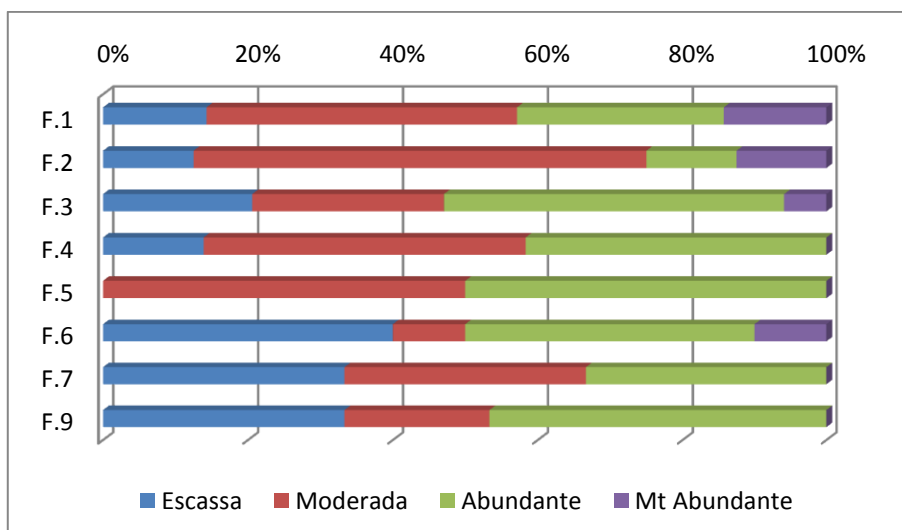


Gráfico 37. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa do antiplástico nas variantes

O Engobo nas Variantes Formais

Observou-se dentro do repertório formal que alguns fragmentos apresentam engobo, exceto nas Formas 1 e 2.

Na Forma 3, 56% apresentam engobo e 44% não apresentam. Nas Formas 4 e 5, metade das amostras o apresentam. Na Forma 6, apenas 40% os têm presentes. Na Forma 7, 89% o apresentam e em 11% está ausente. E na forma 9, 73% o apresentam e em 27% está ausente.

Vale ressaltar que o engobo foi majoritariamente empregado nos vasilhames fechados, que é o caso da Forma 7, bem como nos recipientes fechados de pequeno porte, caso da Forma 9 (Gráfico 38).

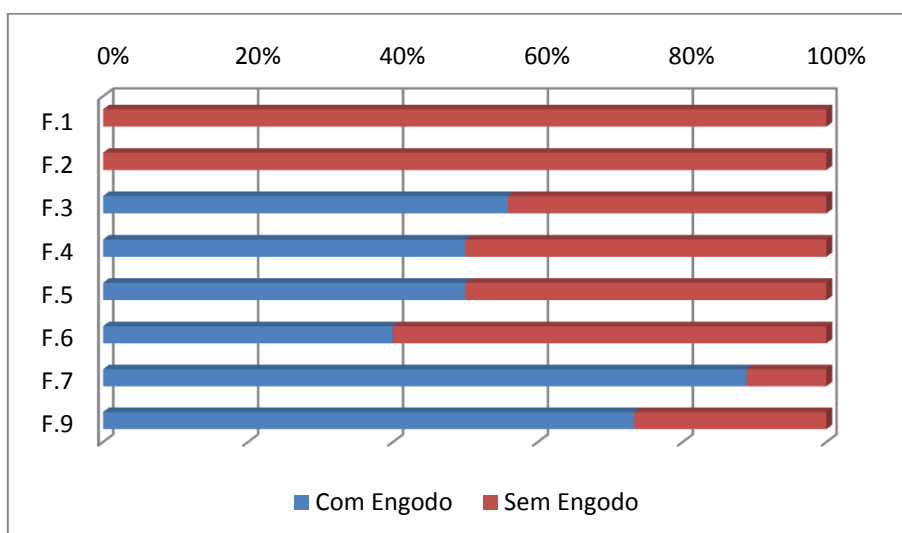


Gráfico 38. Sítio Terra Cinza – Frequência relativa do engobo nas variantes formais

Subformas

Dos fragmentos que formam parte das variantes formais e com as características particulares que cada uma tem, conseguimos fazer uma subdivisão (Gráfico 39).

- F.4b: bacias retas, com 24% da amostra;
- F.3a: tigelas abertas, com 21%;
- F.3b: tigelas retas, com 16%;
- F.4a, bacias abertas, com 16%;
- F.7a, recipientes fechados com pescoço côncavo, com 9%;
- F.6a, recipientes fechados sem pescoço e com borda direta, com 8%;
- F.6c, recipientes fechados com pseudo-pescoço, com 3%;
- F.5a, recipientes neutros com borda infletida, com 1%;
- F.5b, recipientes neutros com borda reta, com 1%; e
- F.7b, recipientes fechados com pescoço cilíndrico, também com 1%.

Dentre essas subformas, observam-se maiores frequências entre bacias e tigelas, tanto abertas como retas.

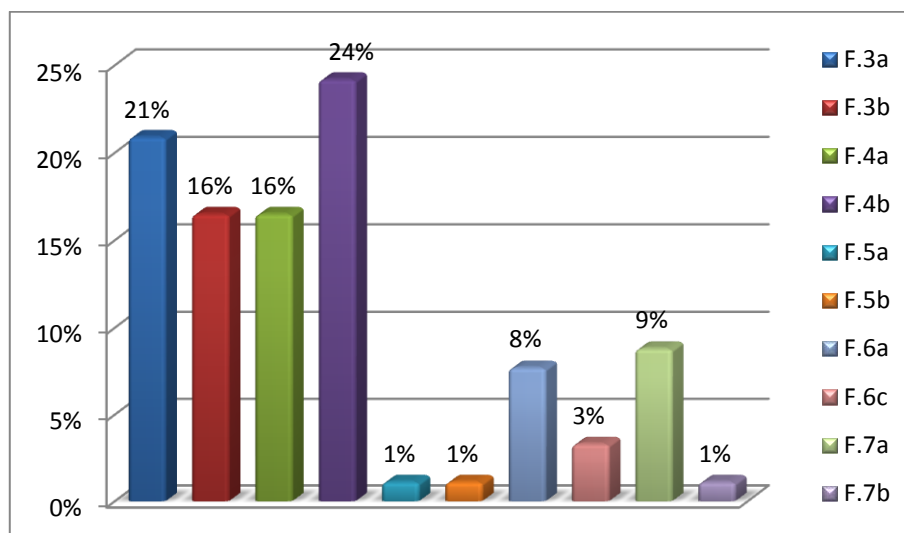


Gráfico 39. Sítio Terra Cinza – Frequência das subformas dos vasilhames

Ilustrações das formas³²

- **Forma 1** (TC-546): fragmento de borda e base, com forma de um tostador de lábio arredondado e diâmetro aproximado de 520 mm. Espessura do lábio grossa (13 mm), espessura da parede

³² Veja ilustrações das reconstituições das cerâmicas no Anexo 5.

grossa (21 mm), perfil discóide com borda soerguida e base plana. Antiplástico principal cariapé do tipo B, cor da pasta polarizada rosa e bege, superfícies alisadas (Figura 2435).



Figura 35. Sítio Terra Cinza – Fragmento de um tostador de borda soerguida e base plana (Forma 1)

- **Forma 2** (TC-513): fragmento de borda e base, com forma de um prato de lábio biselado no exterior e diâmetro indeterminado. Espessura do lábio moderado (8 mm), espessura da parede grossa (15 mm), perfil troncocônico invertido, com borda direita para o exterior e base plana expandida. Antiplástico principal cariapé do tipo B; cor da pasta polarizada bege e cinza, superfícies alisadas (Figura 2436).



Figura 36. Sítio Terra Cinza – Fragmento de um prato cerâmico de borda direita para o exterior e base plana expandida (Forma 2)

- **Forma 3a** (TC-QB2-207): fragmento de borda e parede, com forma de uma tigela de lábio plano e diâmetro de 140 mm. Espessura do lábio fino (5 mm), espessura da parede moderada (10 mm), perfil semi-elíptico, paredes convexas e divergentes, em linha contínua com borda para o exterior. Antiplástico principal cariapé do tipo B, cor da pasta 'em sanduiche' de cor bege e preto, e superfícies alisadas (Figura 2437).



Figura 37. Sítio Terra Cinza – Fragmento de uma tigela cerâmica com borda para o exterior (Forma 3a)

- **Forma 4a** (TC-541): fragmento de borda e parede, com forma de uma bacia de borda direita, lábio plano e diâmetro de 480 mm. Espessura de lábio grossa (16 mm), espessura da parede

grossa (16 mm), perfil troncocônico horizontal, parede convexa e divergente, em linha contínua com borda para o exterior. Antiplástico principal cariapé do tipo B, cor da pasta homogênea, cinza e superfícies alisadas (Figura 38).



Figura 38. Sítio Terra Cinza – Fragmento de uma bacia cerâmica com borda para o exterior (Forma 4a)

- **Forma 5b** (TC-721): fragmento de borda, com forma de um recipiente neutro de lábio plano e diâmetro indeterminado. Espessura de lábio grossa (11 mm), espessura da parede moderada (7 mm), borda introvertida e lábio plano. Antiplástico principal cariapé do tipo B, cor da pasta homogênea, preto, e superfícies alisadas (Figura 39).

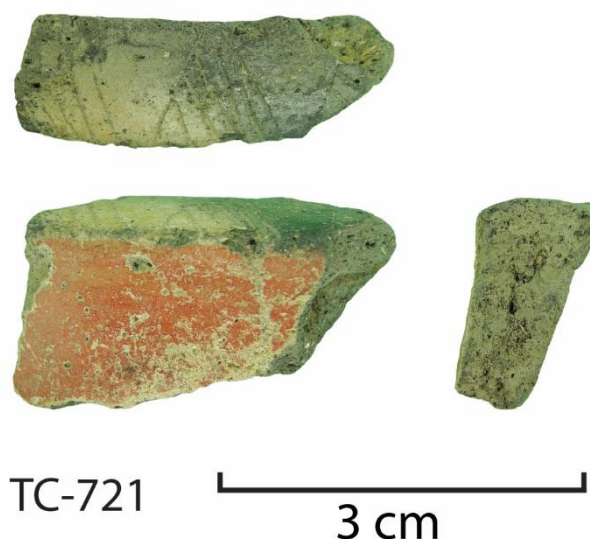


Figura 39. Sítio Terra Cinza – Fragmento de um recipiente neutro de borda introvertida (Forma 5b)

- **Forma 6c** (TC-852): fragmento de borda e parede, com forma de um recipiente fechado de diâmetro de 260 mm e lábio arredondado. Espessura do lábio fina (6 mm), espessura da parede moderada (9 mm), ombro de paredes convexas e convergentes, pescoço cilíndrico em linha

contínua com borda apumada. Antiplástico principal cariapé do tipo B, cor da pasta homogênea, cinza, e superfícies alisadas (Figura 40).

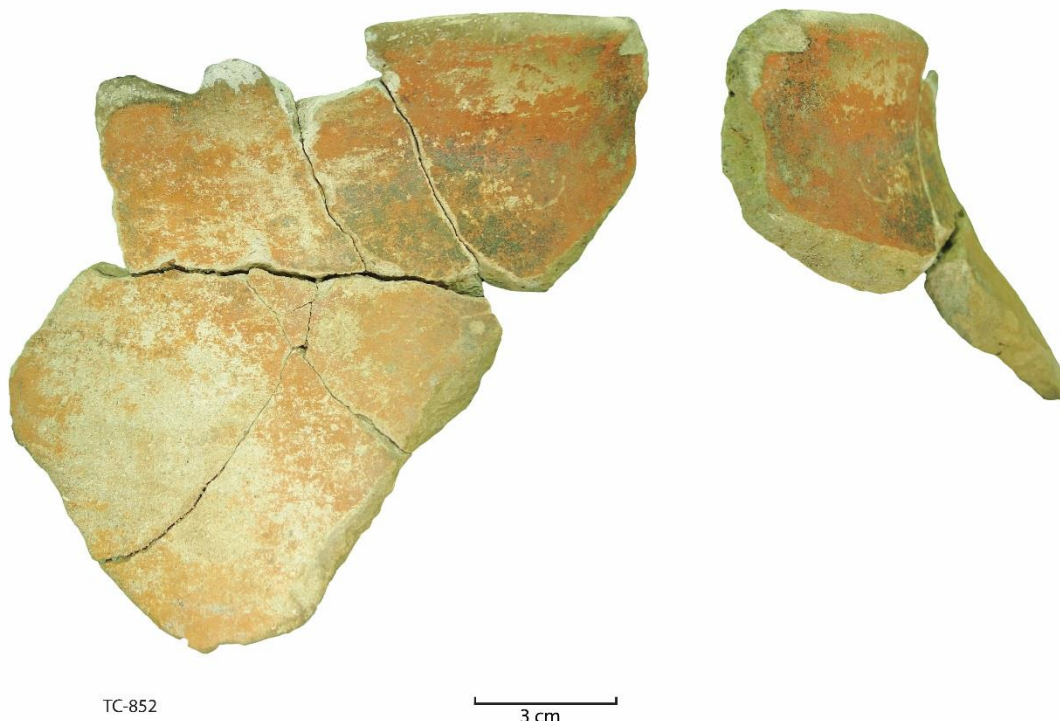


Figura 40. Sítio Terra Cinza – Reconstituição parcial de um recipiente fechado com borda apumada (Forma 6c)

- **Forma 7a** (TC-786): fragmento de borda e parede, com forma de um recipiente fechado de lábio plano. Espessura de lábio fina (7 mm), espessura da parede moderada (10 mm), pescoço alto, troncocônico invertido, em linha contínua com borda para o exterior. Antiplástico principal cariapé do tipo B, cor da pasta homogênea, cinza, e superfícies alisadas (Figura 41).



Figura 41. Sítio Terra Cinza – Fragmento de um recipiente fechado com borda para o exterior (Forma 7a)

6.2.5 Análise da Indústria Lítica

A indústria lítica do sítio Terra Cinza reúne 361 objetos, dispersos da superfície aos 60 cm de profundidade. Contudo, 86% concentram-se numa camada pouco espessa de 30 cm, conforme apresentado no item 6.2.4 (Análise das cerâmicas). Desta coleção, 218 exemplares foram analisados, pois o restante compreende apenas detritos de lascamento, correspondendo a materiais sem atributos que contribuíssem nas análises técnicas.

Segue a análise das estratégias dos artesãos empregadas na produção desta indústria.

Aquisição das matérias-primas

As matérias-primas utilizadas compreendem predominantemente a rochas silicosas, tais como arenitos silicificados (48,6%), chert (39,5%), quartzo (1,8%) e arenitos friáveis (5,5%). Outras matérias-primas também foram utilizadas, tais como o diabásio, granito e óxido de ferro, mas estas correspondem, juntas, a apenas 4,6% da coleção. Com exceção do quartzo, diabásio e granito que ocorrem nos níveis mais superficiais, as outras rochas ocorrem indistintamente em todos os níveis da ocupação, demonstrando a não exclusividade de uma matéria-prima em um dado nível. Mas, além da baixa quantidade de objetos entre 60 e 30 cm, que poderia explicar a menor diversidade de matérias-primas, observaremos que o diabásio e os arenitos friáveis, por exemplo, são exclusivos de um mesmo tipo de instrumento – daí a escolha dos artesãos pelos diferentes tipos de rochas, indicando que esta diversidade, ao menos para este grupo, fazia-se necessária (Gráfico 40).

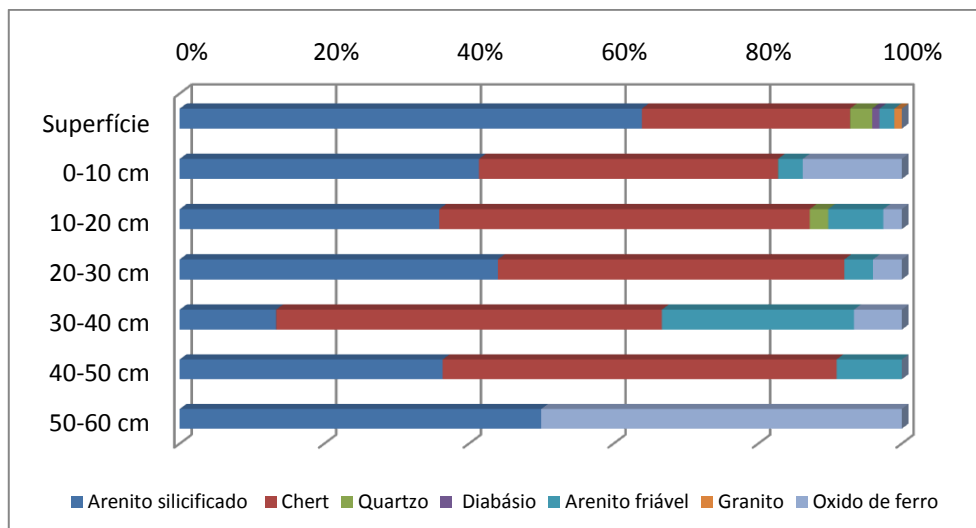


Gráfico 40. Sítio Terra Cinza – Frequência dos tipos de matéria-prima x nível

O resíduo cortical existente em 42% dos objetos, onde 26% correspondem a seixos e 16% a blocos, demonstra que as rochas foram adquiridas tanto nas margens do rio quanto nos afloramentos (e blocos desagregados em superfície) existentes na região. Das 106 peças de arenito silicificado, 38 (36,2%) correspondem a seixos (61% não apresentam córtex); e das 86 peças de chert, 29 (33,3%) correspondem a blocos (61% não apresentam córtex).

É preciso destacar que não raras vezes uma mesma matriz apresenta níveis distintos de granulometria, mesclando-se porções de arenito silicificado (textura fina ou média) e sílica microcristalina (chert - textura vítrea). Nestes casos, optamos pela classificação da rocha considerando o tipo de granulometria predominante na peça. Todavia, essa mistura de texturas indica que ambas as rochas podem derivar de um mesmo afloramento, revelando que suas aquisições estavam também relacionadas à preferência dos artesãos.

As atividades de lascamento

A produção dos objetos corresponde à categoria de: núcleos (3,7%), lascas residuais (28,4%), detritos (36,2%) e instrumentos (19,3%). E, exceto estas produções, completa a indústria matérias-primas naturais (12,4%), certamente correspondendo a reservas de rochas para lascar.

No Gráfico 41, abaixo, observa-se que as distintas categorias repetem-se ao longo de toda a ocupação e com o predomínio, equivalente, de lascas residuais e detritos.

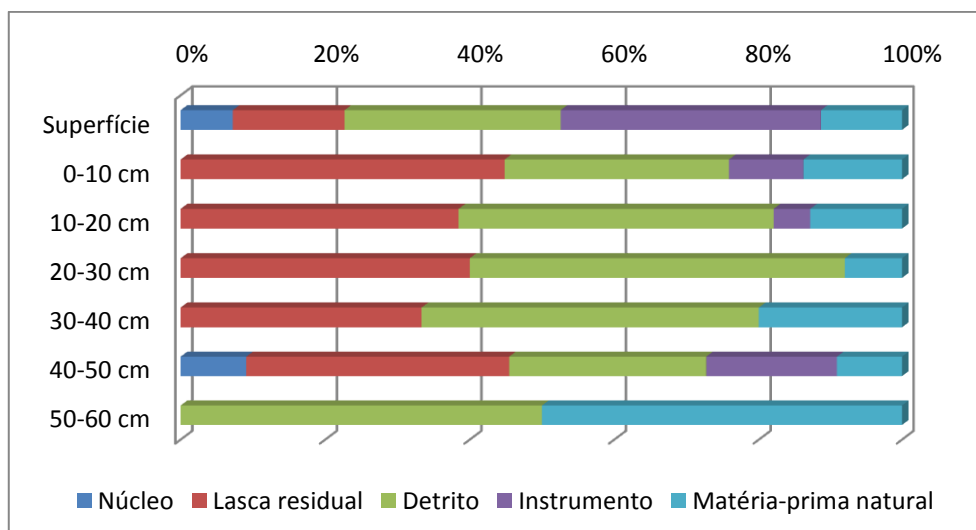


Gráfico 41. Sítio Terra Cinza – Frequência geral de categoria de objetos x nível

Nos distintos níveis, as lascas residuais variam entre 15% (superfície) e 45% (0-10 cm) e os detritos variam entre 27% (40-50 cm) e 52% (20-30 cm). Os instrumentos são menos frequentes e ocorrem no nível 40-50 cm (2 peças) e dos 20 cm até a superfície, sendo que na superfície são mais numerosos (35, de um total de 42 objetos). Os núcleos, também escassos, com apenas sete (07) peças na superfície e uma (01) peça no nível 40-50 cm. Por fim, as matérias-primas naturais se distribuem por todos os níveis, com 11 peças na superfície de um total de 27 exemplares.

O início dos lascamentos parece ter ocorrido nas fontes, sendo as matrizes transportadas até o sítio já previamente lascadas, pois a frequência de núcleos é muito baixa – correspondendo a apenas oito exemplares no total da indústria. Outra possibilidade, considerando o alto percentual de lascas residuais e detritos, é que os núcleos tenham sido explorados no sítio até o seu completo esgotamento - mas esta não é a hipótese mais provável. De qualquer modo, o maior percentual de produtos de lascamento (lascas e detritos) indica que atividades de lascamento seguiram ocorrendo dentro do sítio.

A técnica de lascamento empregada foi principalmente a unipolar, correspondendo a maior parte das produções, com 50,5% do total de objetos. A técnica bipolar também foi empregada, mas em menor frequência (22,4%) - e o restante dos objetos (59 exemplares) não é passível de classificação. Idêntica correlação observa-se em todos os níveis, com a unipolar variando entre 27% (30-40 cm) a 73% (40-50 cm) e a bipolar variando entre 3% (superfície) e 53% (30-40 cm) – (Gráfico 42).

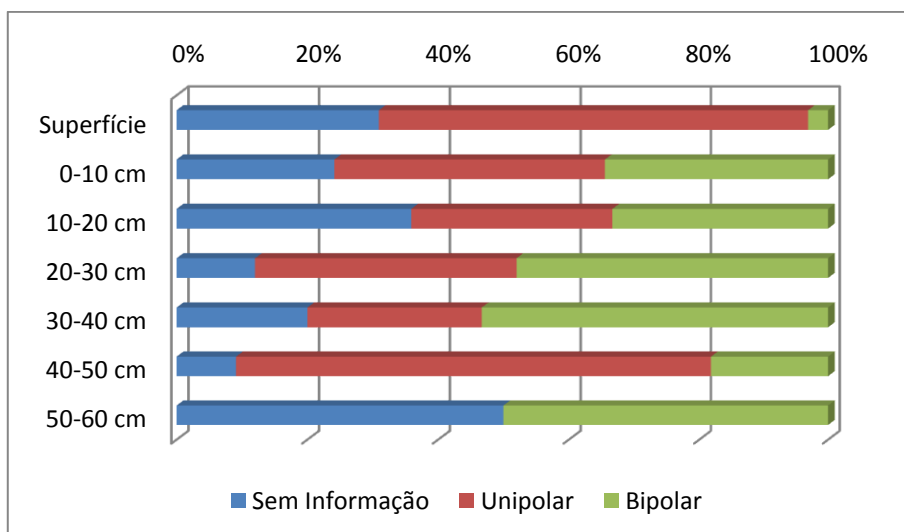


Gráfico 42. Sítio Terra Cinza – Frequência da técnica de lascamento x nível

A técnica unipolar predomina principalmente na superfície (66%) do sítio, onde a quantidade de materiais é mais numerosa. Nos outros níveis da ocupação, os percentuais se equivalem, mas há de se considerar que a quantidade de materiais é bem menor.

Essas pequenas diferenças percentuais de um nível a outro parecem irrelevantes, podendo estar relacionadas tão somente às dimensões das matrizes de matérias-primas adquiridas, visto que ambas as técnicas foram empregadas tanto sobre os seixos de arenito silicificado quanto sobre os seixos e blocos de chert.

As estratégias de produção até aqui apresentadas denotam que os objetos, nos diferentes níveis da ocupação, seguiram um mesmo esquema operatório, o que indica que seus artesãos pertencem culturalmente a um mesmo grupo indígena. Essa hipótese é reforçada pela igualdade na produção também das cerâmicas associadas a esses objetos líticos. Neste caso, justifica-se a apresentação das análises divididas segundo as diferentes categorias de objetos e, estas, exemplificadas através da análise diacrítica, ilustrações e indicação dos níveis de algumas peças, procurando clarificar semelhanças ou diferenças em suas produções.

Segue a apresentação das distintas categorias.

Núcleos

Os núcleos compõem oito (08) exemplares, destes, segundo Viana et al. (2014), três (03) peças correspondem ao sistema C e cinco (05) ao sistema D de debitagem.

Os núcleos do sistema C correspondem à exploração de pequenas matrizes, dois exemplares de chert (TC-466, superf.: 7,5 x 5,7 x 5,7 cm e TC-401, 40-50 cm: 1,6 x 2,4 x 1,3 cm), de estrutura informe, apresentam duas superfícies de debitagem independentes e pequenas porções de reserva de matéria-prima. Outro exemplar, de arenito silicificado (TC-1, superf.: 7,4 x 5,4 x 5,4 cm), apresenta estrutura piramidal. Segue a descrição técnica desta peça:

- TC-1 (superf. - 7,4 x 5,3 x 5,4 cm) - núcleo de construção volumétrica piramidal. Inicialização através do preparo de uma superfície de percussão, sendo esta plana e facetada (base). A partir dessa superfície, lascamentos unifaciais são efetuados ao longo de toda a periferia. Mantêm-se o córtex apenas no ápice da peça. As lascas daí obtidas são de pequenas dimensões, mas longas e estreitas (3,8 x 2,4 cm; 4,8 x 2,7 cm; etc.) - (Figura 42).

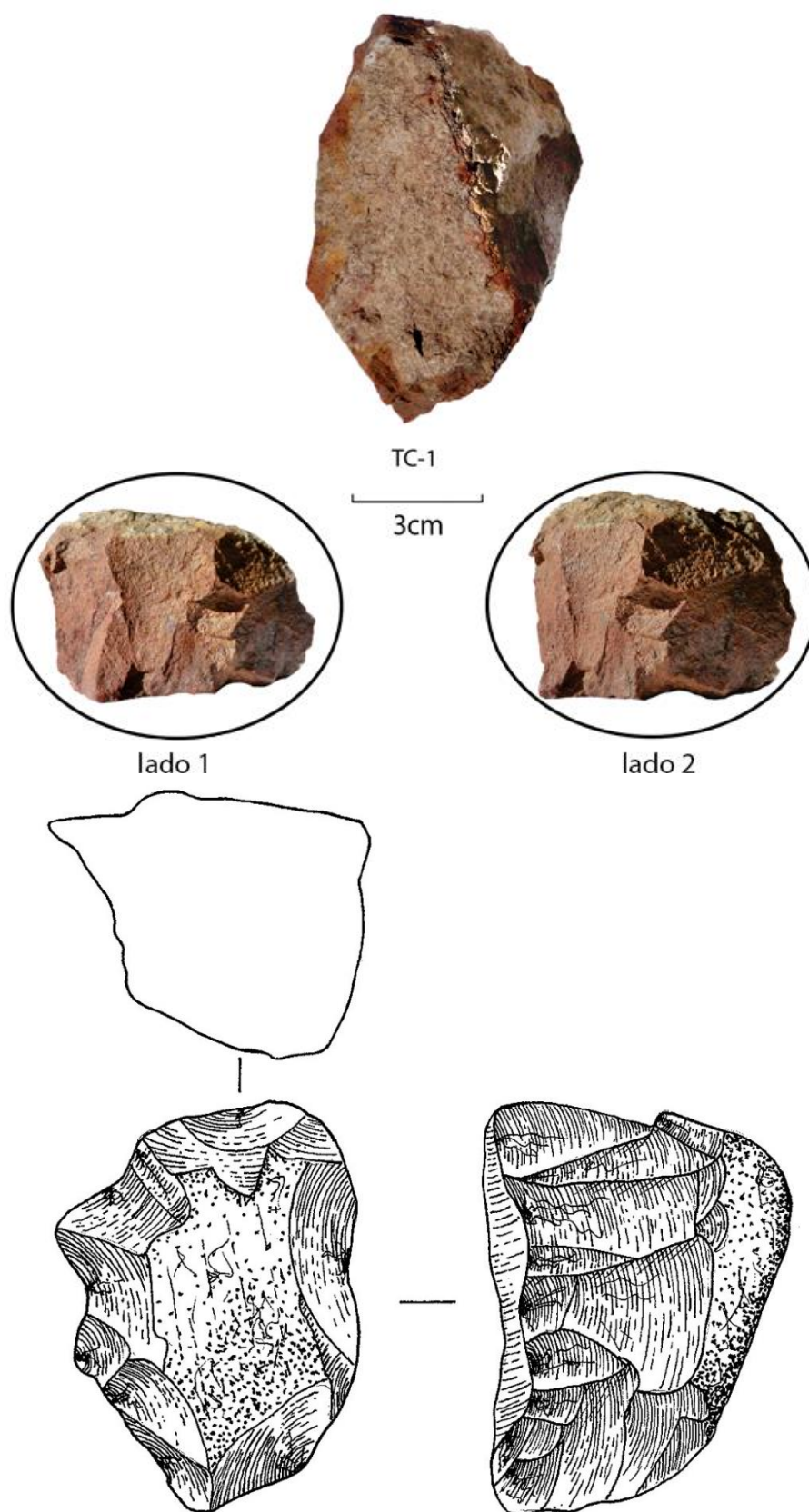


Figura 42. Sítio Terra Cinza – Núcleo de arenito silicificado, sistema C de debitage (piramidal)

Os núcleos do sistema D correspondem à exploração também de pequenas matrizes, quatro (04) de arenito silicificado e uma (01) de chert. Tais exemplares apresentam, segundo Boëda (2013, apud VIANA et al., 2014), retiradas predeterminadas e predeterminantes, no sentido de manter as características da fase de inicialização. Esta estrutura de debitagem, assim como as demais estruturas abstratas, não produz núcleos homotéticos, diferentemente dos sistemas integrados Levallois e laminar. O tipo D, assim como o sistema discoide, por exemplo, continuará proporcionando produtos normatizados ainda que a forma do núcleo se modifique.

Esses núcleos do sistema D se destacam - especialmente as peças não esgotadas -, pois suas estruturas se assemelham a peças bifaciais, também presente nesta indústria, bem como a alguns seixos lascados bifacialmente e aqui designados como machados (descritos mais adiante, no item instrumentos). Ou seja, esse conjunto de matrizes com lascamentos bifaciais, parcial ou total, resultando em peças estruturalmente similares, torna difícil avaliar a real intenção dos artesãos ao produzi-las. Peças, aqui definidas como instrumentos, podem estar relacionadas à debitagem de núcleos - ou corresponderem a ambas as categorias. De qualquer modo, o lascamento bifacial, seja de debitagem ou de *façonnage*, é o que caracteriza essa indústria do sítio Terra Cinza e, assim, julga-se a possibilidade de que algumas lascas obtidas na produção dessas peças bifaciais tenham sido utilizadas como suporte de outros instrumentos, tais como as lascas retocadas.

Segue a descrição técnica de dois núcleos do sistema D:

- TC-870 (6,5 x 4,8 x 3,3 cm) – núcleo espesso de arenito silicificado, de forma oval, acortical com lascamentos bifaciais invasivos e não sequenciais que definem duas superfícies de lascamento opostas e ambas convexas. Nas bordas observam-se lascamentos curtos e sobrepostos (escalariformes) que definem bordas obtusas de 90/100° (Figura 43).

- TC-643 (6,5 x 5,7 x 4,1 cm) – núcleo espesso sobre seixo de arenito silicificado, de forma oval, semi-cortical, com lascamentos bifaciais invasivos e não sequenciais que definem duas superfícies de lascamento opostas e ambas convexas. Peça estrutural e morfológicamente semelhante à peça TC-870, apenas observa-se que numa das extremidades a borda é ainda mais espessa, formada por retiradas curtas e escalariformes que definem uma pequena superfície plana facetada (Figura 44).



Figura 43. Sítio Terra Cinza – Núcleo de arenito silicificado, sistema D de debitage



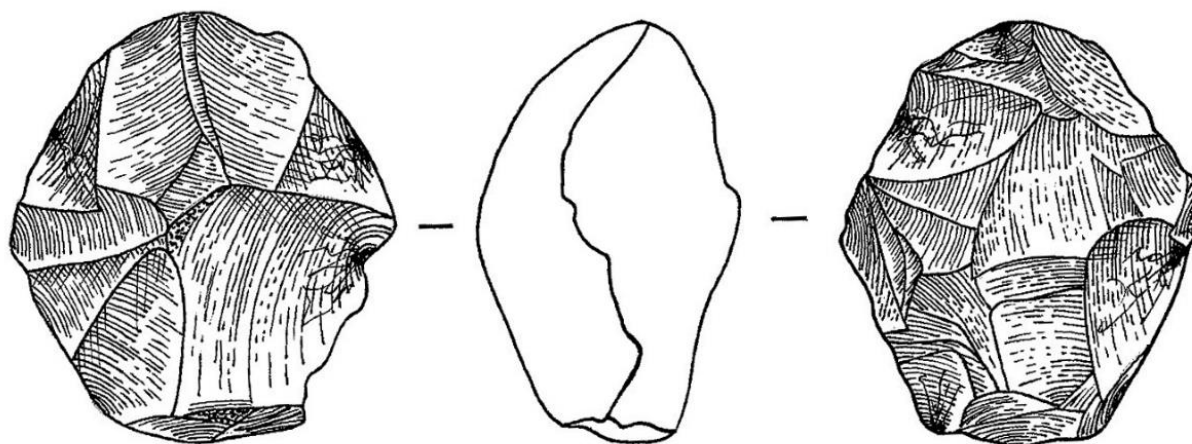


Figura 44. Sítio Terra Cinza – Núcleo de arenito silicificado, sistema D de debitage

Os resíduos de lascamento – lascas residuais e detritos

As lascas residuais e os detritos correspondem, respectivamente, a 28,4% e 36,2% do total desta indústria.

Lascas residuais

Ao longo de todos os níveis da ocupação não se observam entre as lascas residuais métodos diferenciados de produção, pois não ocorrem exemplares cuja matéria-prima e/ou técnica de produção (unipolar e bipolar) e/ou construção volumétrica sejam exclusivas de um ou mais níveis de ocupação - as correlações são perceptíveis e suas variações tecnológicas comuns (Figura 45).



Figura 45. Sítio Terra Cinza (0-20 cm) - Lascas residuais de chert (B2-1) e arenito silicificado (A4-100)

Assim, registra-se que:

- 62,9% correspondem a lascas de arenito silicificado e 37,1% a lascas de chert;
- 69,3% não apresentam resíduo cortical e 19,3% apresentam córtex recobrimdo não mais do que 1/3 da peça;
- As lascas não apresentam construção volumétrica e seção mesial padronizada – em geral, os lascamentos dorsais ocorrem paralelos ou são aleatórios ao eixo de debitagem da lasca;
- Dentre as lascas de arenito silicificado e chert têm-se, predominantemente, lascas unipolares (69,2% e 60,9%, respectivamente); as lascas bipolares são menos frequentes (20,5% e 39,1%, respectivamente);
- Dentre as lascas unipolares de arenito silicificado, a sua maioria (85,2%) corresponde ao tecnotipo D2, ou seja, lascas derivadas das etapas intermediárias da debitagem; em menores frequências (14,8%) têm-se lascas corticais (tecnotipo D1) e de *façonnage* (tecnotipo F);
- Dentre as lascas unipolares de chert, a sua maioria (71,4%) corresponde ao tecnotipo D2, ou seja, lascas derivadas das etapas intermediárias da debitagem; em menores frequências (28,6%) têm-se lascas corticais (D1) e de *façonnage* (F);
- A maior recorrência do tecnotipo D2 denota que atividades de lascamento ocorreram dentro do sítio;
- O talão das lascas unipolares, quando presente, é diverso, mas predominam talões facetados (40,3%);
- Embora totalizando apenas 17 lascas bipolares, chama a atenção que a bipolaridade ocorre em todos os níveis da ocupação, demonstrando que os artesãos eram conhecedores de ambas as técnicas e que a utilizavam, provavelmente, dependendo das dimensões das matrizes, pois, na literatura é comum a bipolaridade ser empregada sobre pequenas matrizes (Gráfico 43).

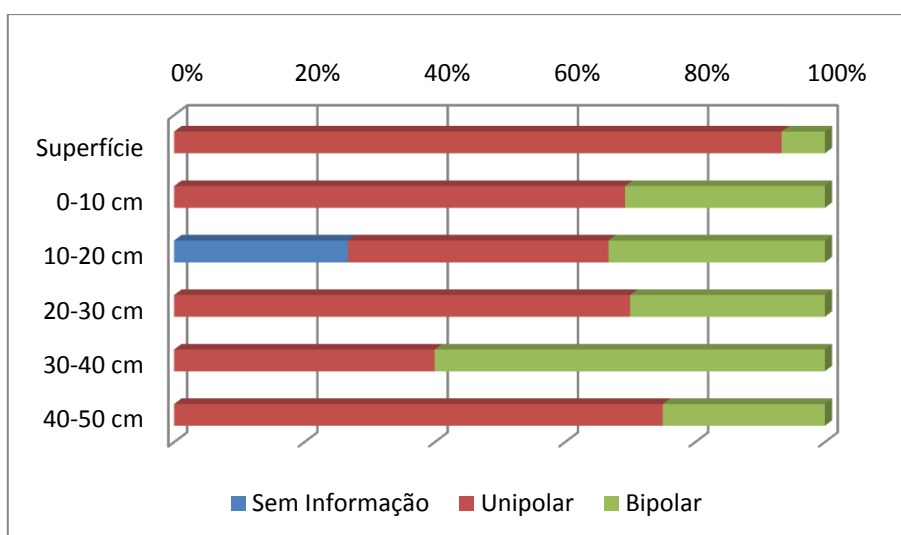


Gráfico 43. Sítio Rio Ferro – Lascas residuais: frequência da técnica de lascamento x nível

- A bipolaridade nem sempre é claramente definida, pois estas lascas podem apresentar atributos técnicos compatíveis a lascas unipolares – caso, por exemplo, das lascas que se destacam no meio do núcleo, não definindo, portanto, um ponto de percussão indireto. Assim, é possível que as lascas bipolares sejam um pouco mais frequentes do que o aqui registrado;
- Quanto às dimensões (indistintamente, uni e bipolares) a maioria varia entre 0,1 e 4,0 cm de comprimento (85%) e largura (88%) e todas as lascas variam entre 0,1 e 2,0 cm de espessura. Poucos exemplares medem entre 4,1 e 6,0 cm de comprimento e largura – (Gráfico 44).

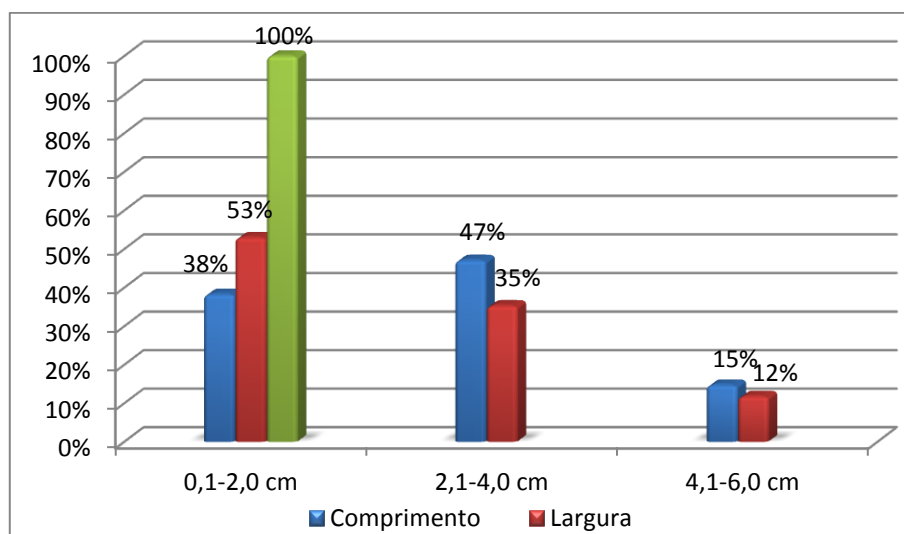


Gráfico 44. Sítio Terra Cinza – Dimensões das lascas residuais

Detritos

Os detritos somam 79 exemplares, sendo 58,2% de chert; 36,7% de arenito silicificado e 5,1% de arenito friável (apenas 1 peça). Dentre estes, 72,1% são acorticais. Quanto ao tipo de lascamento, 49,4% são unipolares, 40,5% são bipolares e o restante não é passível de classificação - destacando-se que a bipolaridade, assim como nas lascas residuais, não está claramente definida.

Instrumentos

Os instrumentos totalizam 42 exemplares – sendo a maioria identificada na superfície do sítio (35 objetos). Dentre estes, identificam-se: lascas retocadas (13 peças), seixos lascados sem classificação (9 peças), peça bifacial (01), machado polido (01) e peças brutas (18 peças).

Nesta indústria destacam-se uma peça bifacial e outras nove (09) peças com estruturas similares à bifacial, bem como aos núcleos do sistema D de debitação (veja descrição dos núcleos). As diferenças ficam por conta do volume, da quantidade de lascamentos que cada superfície contém, da quantidade de resíduo cortical, do ângulo das bordas e, também, da

morfologia dessas peças. Tal variabilidade pode corresponder a tipos diferentes de instrumentos, designados a atividades distintas, ou simplesmente a modos particulares (habilidade do artesão) de produção de um mesmo instrumento.

Têm-se, a seguir, a descrição técnica de alguns destes instrumentos.

Lascas retocadas

Para a confecção de lascas retocadas, os artesãos utilizaram como suporte preferencialmente as lascas de debitage e/ou façonnage (considerando-se a exploração de núcleos do sistema D e as peças lascadas bifacialmente) unipolar, tanto de arenito silicificado (8 peças) quanto de chert (5 peças) e de gumes já naturalmente agudos, pois as UTF(t) são criadas sem a reestruturação do suporte. Como a estrutura inicial do suporte não é modificada, as lascas retocadas apresentam construção volumétrica, seção mesial e talão tão diversos quanto os observados no conjunto das lascas residuais. Do mesmo modo, suas dimensões equivalem, sendo a maioria entre 0,1 a 4,0 cm de comprimento e largura (Gráfico 45).

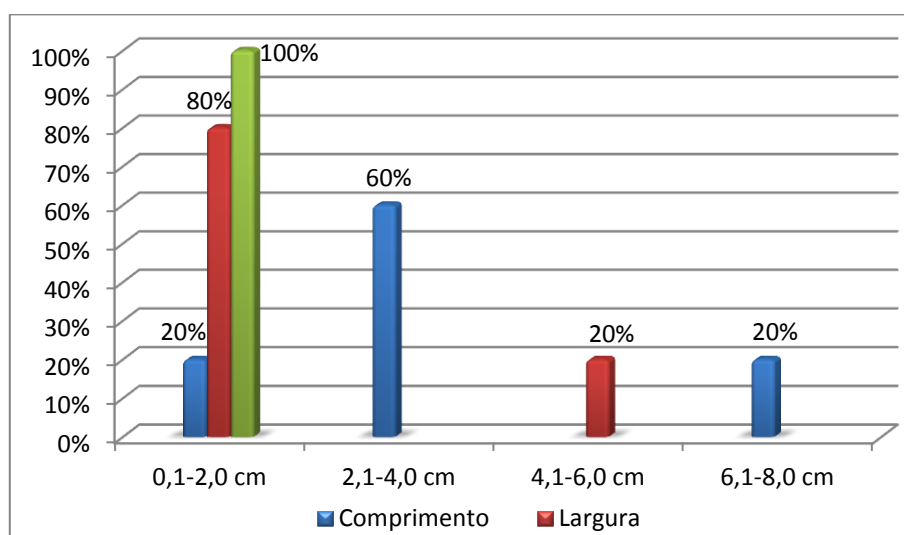


Gráfico 45. Sítio Terra Cinza – Dimensões das lascas retocadas

Segue a descrição técnica de dois (02) exemplares:

- TC-819 (superf.: 6,2 x 5,1 x 1,8 cm): lasca retocada *siret* de arenito silicificado, com talão preparado – lascamentos bifaciais, com borda macerada. A porção distal apresenta gume naturalmente agudo, com lascamentos sobrepostos (retoques e/ou marcas de uso) que delineiam um gume irregular de 40°. Provavelmente peça designada a atividades de corte (Figura 46).
- TC-A1-102 (10-20 cm: 3,2 x 1,6 x 0,6 cm): lasca retocada de chert com duas retiradas paralelas ao eixo de debitage. UTF(t) numa lateral, formada por microretoques côncavos que delineiam um gume já naturalmente convexo de 40°. Provavelmente peça designada a atividades de corte (Figura 47).

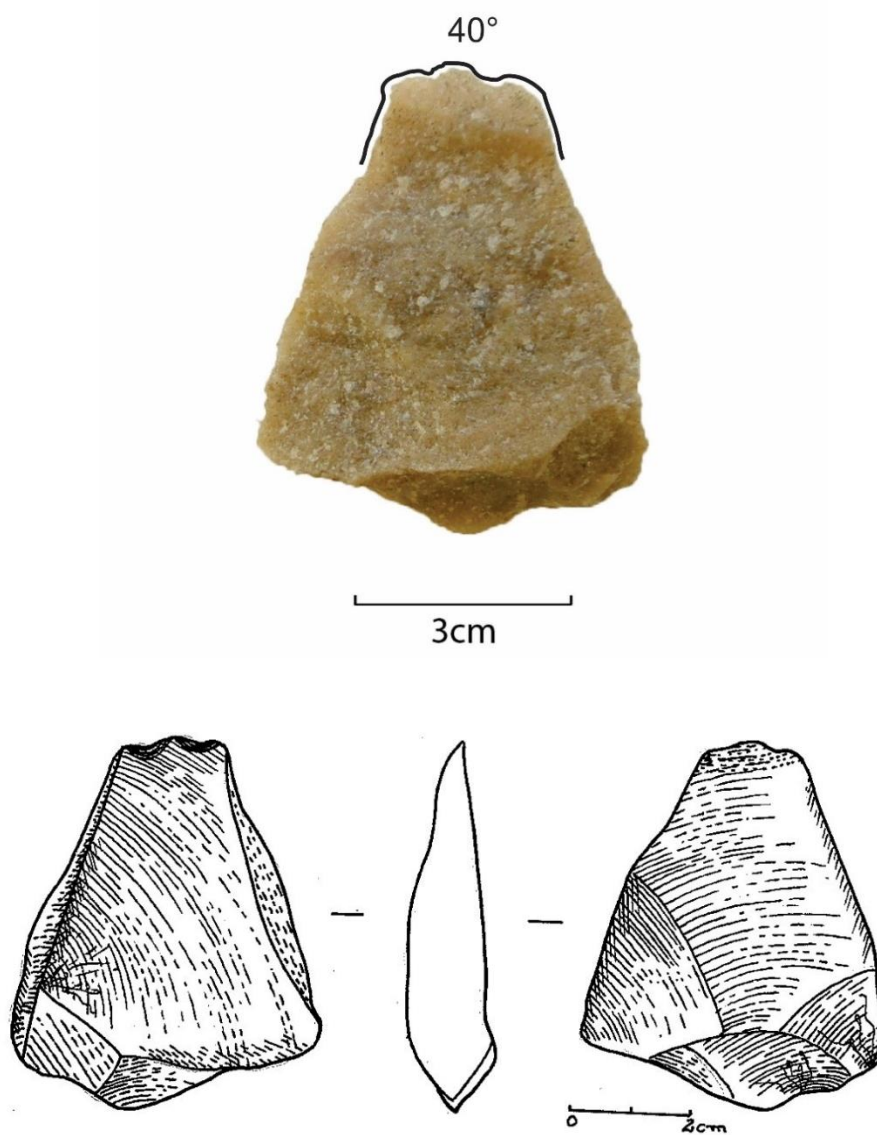


Figura 46. Sítio Terra Cinza (superfície) - Lasca retocada de arenito silicificado com unidade ativa distal (TC-819)

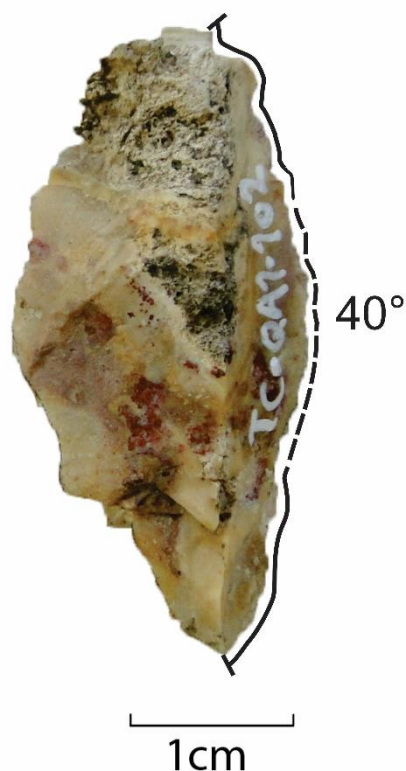


Figura 47. Sítio Terra Cinza (10-20 cm) - Lasca retocada de chert com unidade ativa numa lateral (TC-A1-102)

Peças Bifaciais

O método de *façonnage* bifacial conta com retiradas efetuadas sobre duas superfícies delimitadas por um plano de interseção. As duas superfícies não são hierarquizadas, podendo, ao longo de uma mesma sequência de lascamento, ora corresponder à superfície de lascamento, ora à superfície do plano de percussão. Em geral, as retiradas são periféricas e centrípetas, com golpes efetuados ao longo da linha de interseção a partir do plano de percussão. As retiradas centrífugas são raras, em geral ocorrem para a organização da zona preensiva do instrumento (Unidade Tecnofuncional Preensiva [UTF-p]. Obtendo-se a estrutura volumétrica desejada, a etapa seguinte corresponde a confecção da(s) Unidade(s) Tecnofuncional(is) Transformativa(s) (UTF-t) (BOËDA, 2001).

Nesta indústria, uma, dentre todas as peças de estrutura bifacial, melhor corresponde a esta definição. Segue sua descrição:

- TC-588 (8,9 x 7,0 x 3,9 cm) – peça bifacial de arenito silicificado, de morfologia discoide e acortical. Não está claro, pois lascamentos invasivos recobrem ambas as faces, mas seu suporte parece corresponder a uma lasca (superfície ventral visível no central de uma das faces). As retiradas bifaciais são invasivas e não sequenciais. Parece compor duas UTFs(t), uma em cada lateral e em lados opostos: a) com planos de corte e retoques côncavos efetuados a partir de uma

superfície plana e lisa, delineando um gume irregular de 70°; b) somente retoques escalariformes efetuados a partir de uma superfície facetada, delineando um gume irregular de 60° (Figura 48)

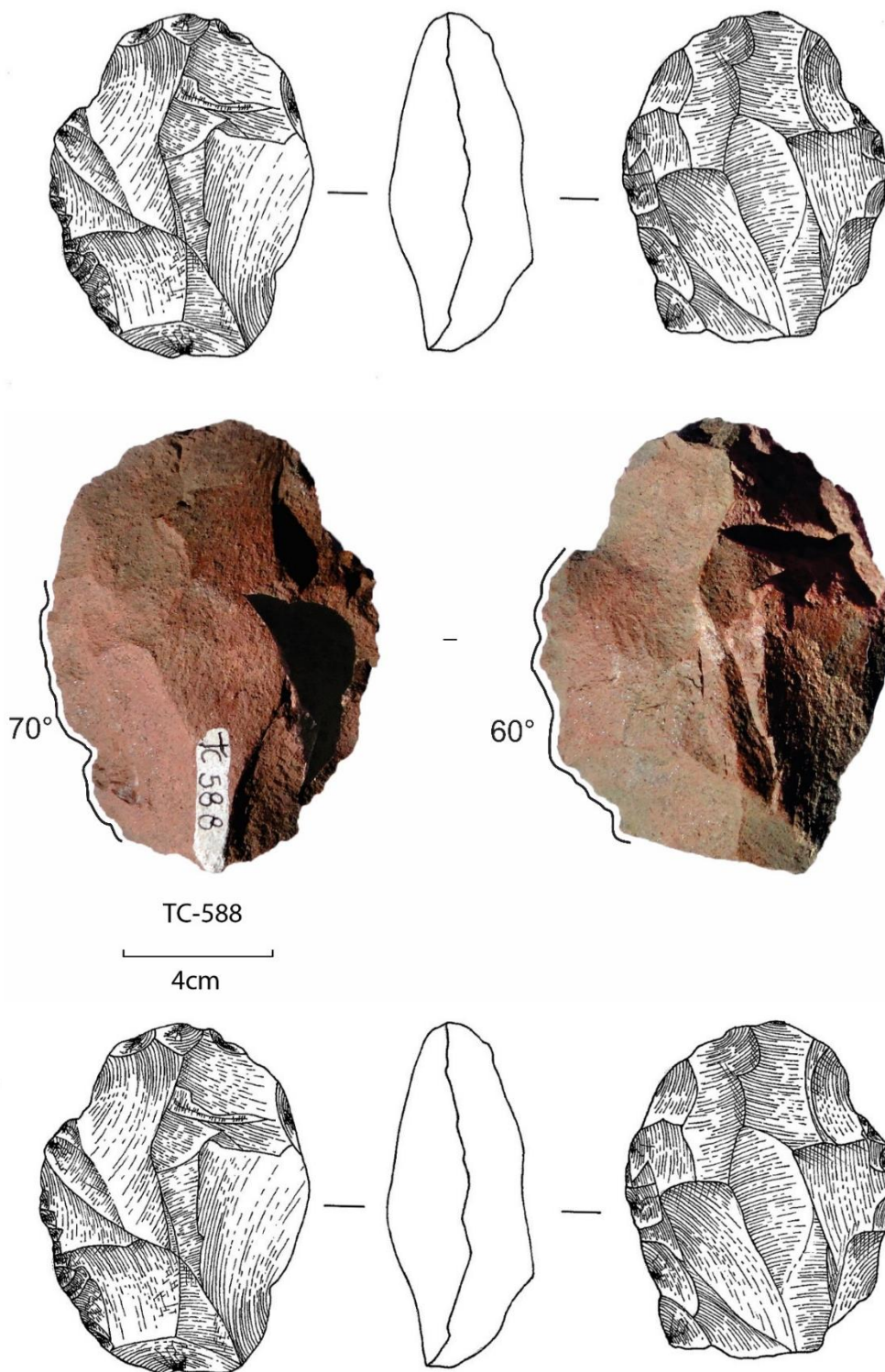


Figura 48. Sítio Terra Cinza (superf.) – Peça bifacial de arenito silicificado (TC-588)

Seixos sem classificação

Estes instrumentos totalizam nove (09) peças e correspondem a seixos semi-corticais, lascados bifacialmente, mas sem estrutura claramente definida. Dado a diversidade de seus volumes, quantidade de lascamento e córtex e também a forma e ângulo das bordas, possivelmente correspondem a instrumentos designados a atividades distintas.

Três (03) peças diferem das outras cinco (05) peças por serem menos volumosas, apresentarem duas superfícies de lascamento opostas e bordas com lascamentos bifaciais melhor definidas. Todavia, assim como as outras, os gumes são obtusos e, pontualmente, macerados.

Segue a descrição técnica destes três exemplares:

- TC-805 (6,2 x 5,1 x 4,6 cm): matriz de chert, retangular, com duas plataformas de percussão opostas (extremidades semi-corticais) e duas superfícies de lascamento também opostas e semi-corticais. Lascamentos bifaciais incipientes (e escalariformes) numa lateral, definindo uma borda obtusa de 90°. Com esta estrutura julga-se que tal peça corresponde a um instrumento ainda em confecção ou a um núcleo do sistema D de debitagem (Figura 49).



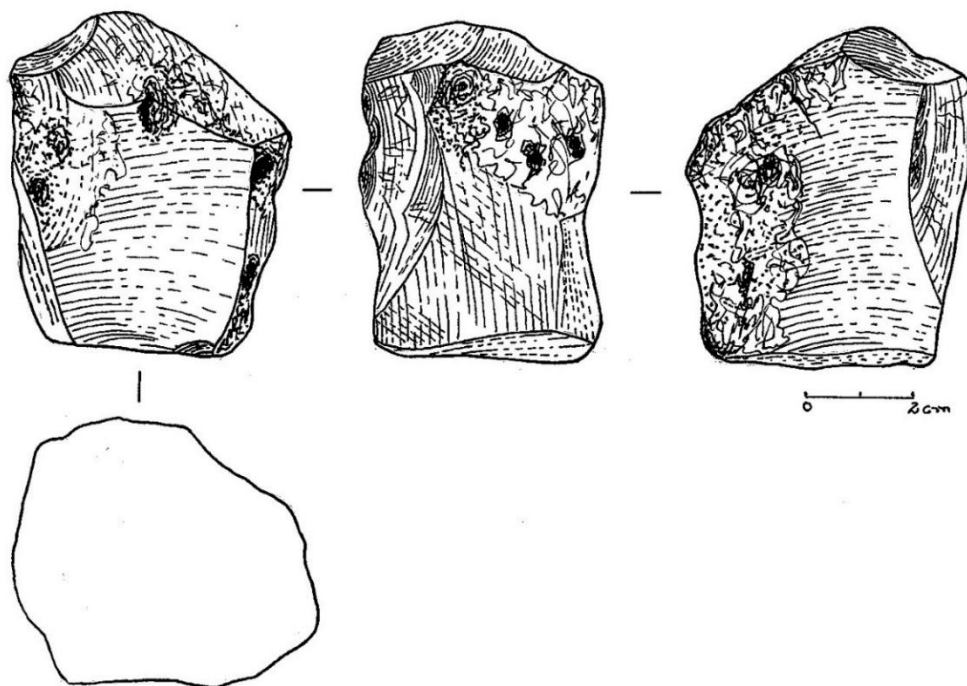
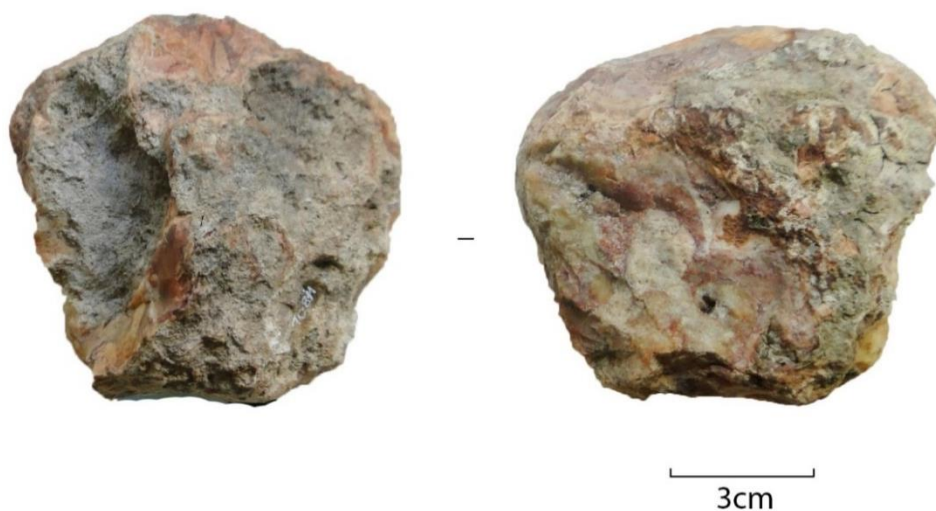


Figura 49. Sítio Terra Cinza (superf.) – Seixo de chert com lascamentos bifaciais (TC-805)

- TC-811 (6,9 x 7,3 x 4,8 cm - superfície): bloco de chert, quase quadrangular, com duas faces opostas; base plana (parte proximal mais estreita do que a distal) com 4,0 cm de espessura; e bordas laterais com lascamentos bifaciais e marcas de macerado que as tornam arredondadas. Parte distal com lascamentos também bifaciais, mas que delineiam um gume incipiente de 100° - a priori parece tratar-se de um instrumento ainda inacabado (Figura 50).



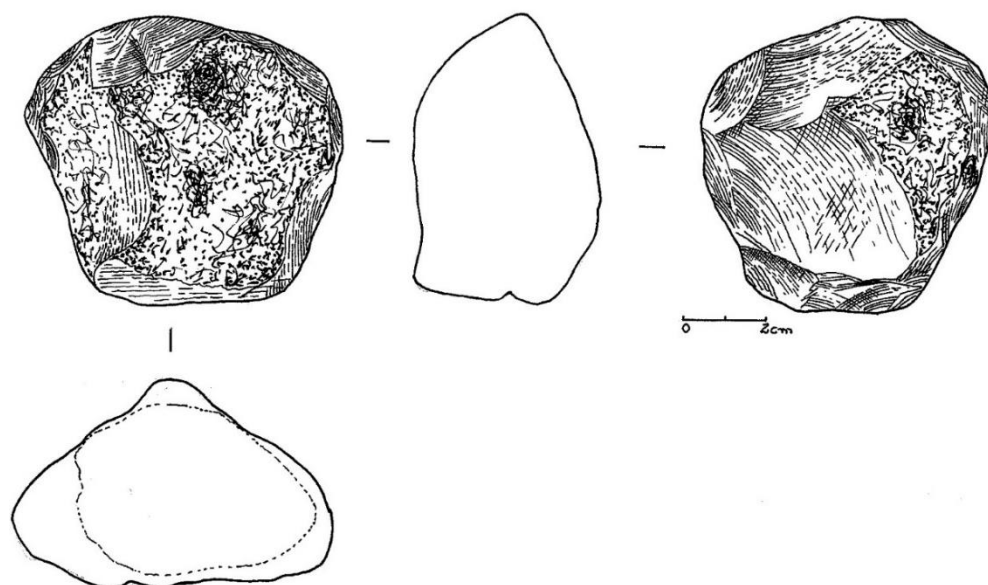


Figura 50. Sítio Terra Cinza (superf.) – Seixo de chert com bordas lascadas bifacialmente e maceradas (TC-811)

- TC-BC1-1 (0-10 cm: 5,7 x 4,7 x 3,4 cm): matriz de arenito silicificado, quase quadrangular, com duas faces opostas; base irregular, quase plana (parte proximal mais estreita do que a distal); bordas laterais largas, com lascamentos bifaciais e marcas de macerado que as tornam arredondadas. Parte distal com lascamentos também bifaciais e marcas de macerado, mas que delineiam um gume bastante obtuso, de 120° - estruturalmente idêntica à peça anterior (TC-811), difere apenas no tipo de matéria-prima e quantidade de lascamentos (Figura 51).



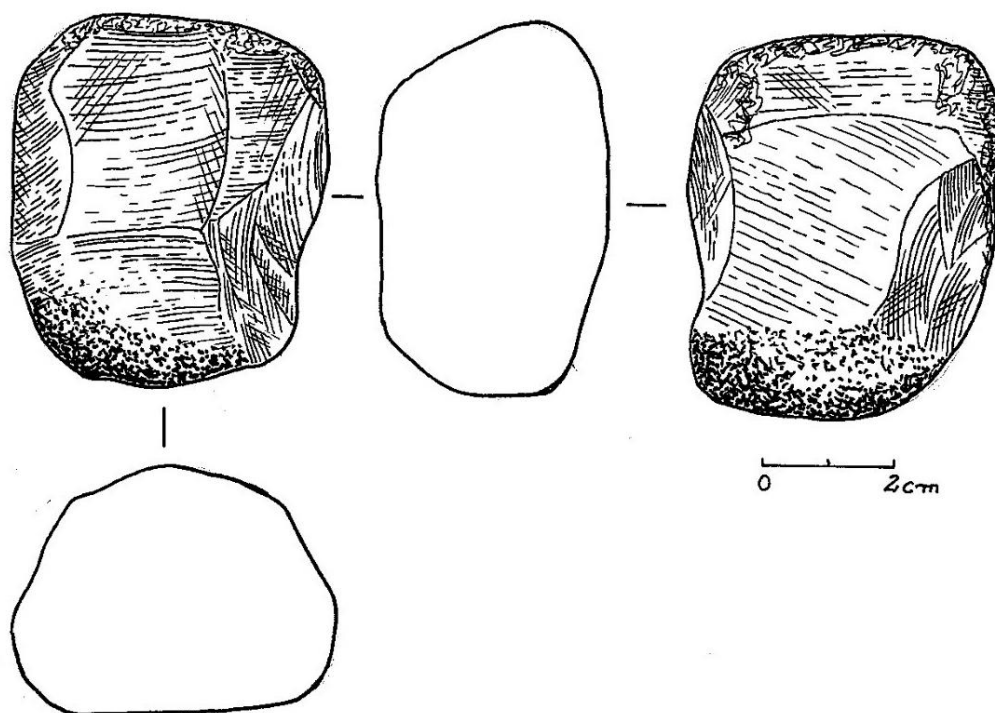


Figura 51. Sítio Terra Cinza (0-10 cm) - Seixo de arenito silicificado com bordas lascadas bifacialmente e zonas maceradas (BC1-1)

Seis (06) peças, diferentemente, são robustas e pesadas, apresentam duas superfícies de lascamento opostas, mas pouco nítidas, e bordas largas, fortemente maceradas. Poderiam corresponder a percutores, mas os lascamentos bifaciais parecem relacionados à intenção do artesão na produção de um instrumento.

Segue a descrição técnica de dois exemplares:

- TC-479 (8,6 x 8,4 x 6,1 cm – Figura 52); TC-565 (7,7 x 7,5 x 7,5 x 6,1 cm – Figura 53) - seixos lascados, um de arenito silicificado (n° 479) e outro de chert (n°: 565), com formas arredondadas, ainda que irregular. Tal forma dá-se através de inúmeros lascamentos efetuados sobre toda a matriz, que deixam impressos negativos sobrepostos e escalonados, bem como marcas, especialmente nas bordas, de maceramento e picoteado. Restam pequenas zonas corticais. Essas peças podem corresponder a percutores, todavia, os lascamentos totalmente descontínuos, efetuados a moldar uma forma arredondada, sugere ser intencional – e, neste caso, também não se tratando de núcleos, tais peças poderiam até corresponder a bolas de arremesso, para jogar.



Figura 52. Sítio Terra Cinza (superf.) - Seixo robusto de arenito silicificado com bordas lascadas bifacialmente e zonas maceradas

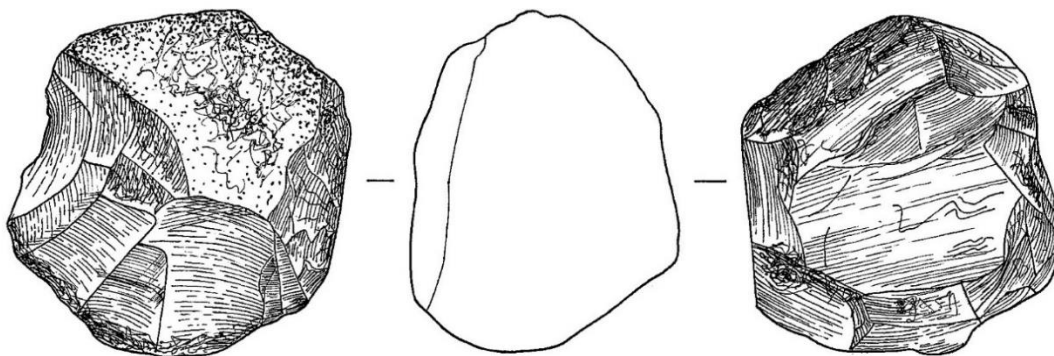
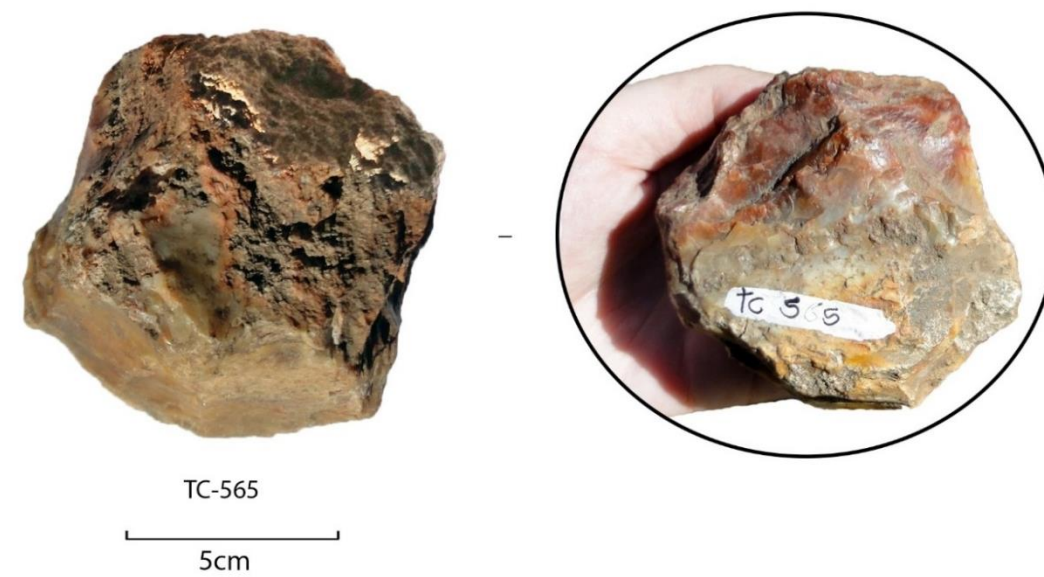


Figura 53. Sítio Terra Cinza (superf.) - Seixo robusto de arenito silicificado com bordas lascadas bifacialmente e zonas maceradas (TC-565)

Lâmina de machado polida

Dentre as peças polidas têm-se uma lâmina de machado (TC-464: 8,0 x 4,6 x 3,3 cm). Produzida sobre seixo de diabásio esverdeado, apresenta faces totalmente polidas, lados paralelos e bordas arredondadas. A unidade ativa é biconvexa, delineando gume retilíneo com ângulo de 80°. A parte preensiva é mais estreita do que a extremidade ativa, de base arredondada e sem evidências de encabamento (Figura 54).

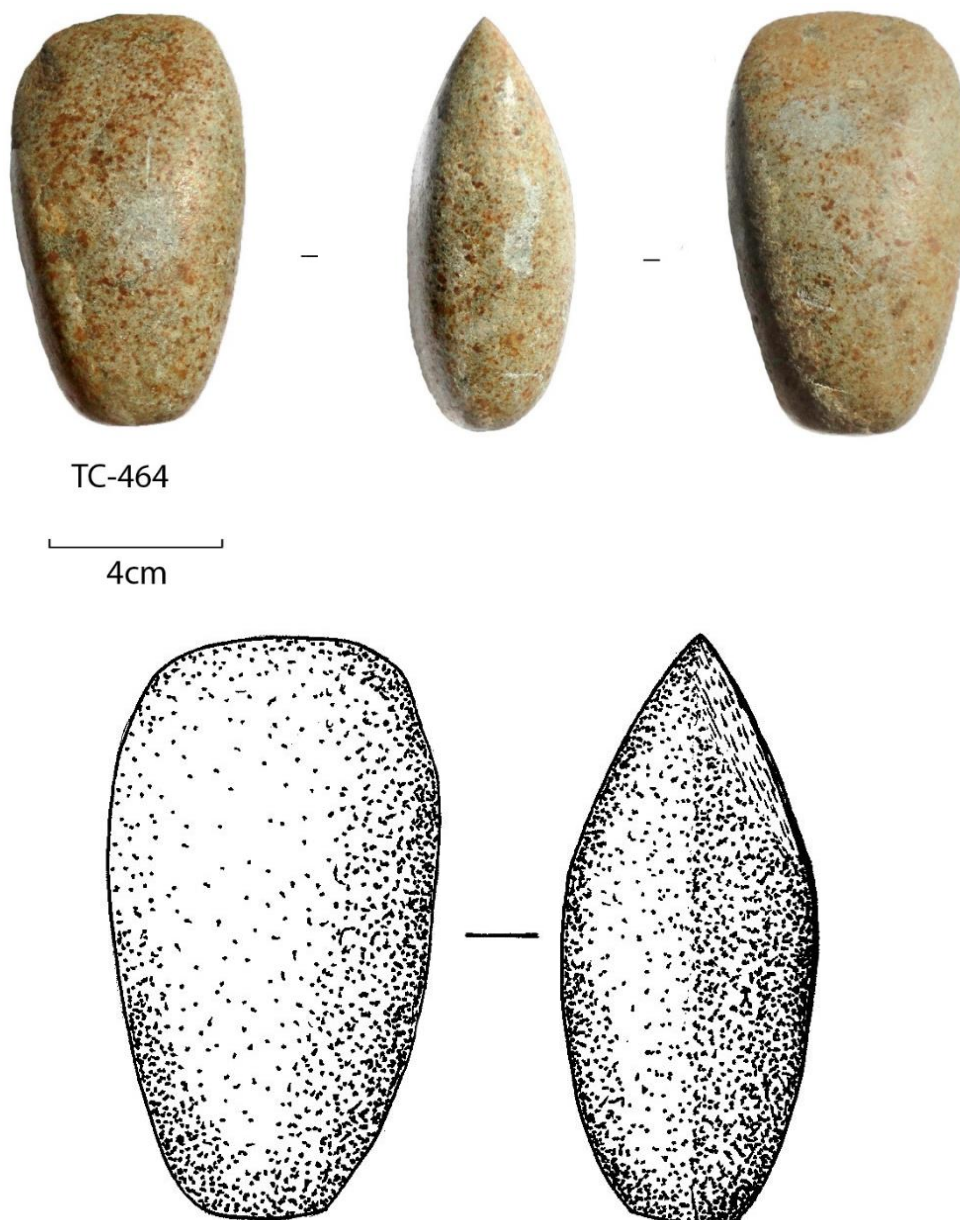


Figura 54. Sítio Terra Cinza (superf.) – Lâmina de machado polida de diabásio

Peça com depressão central

Dentre as peças brutas identifica-se um seixo fragmentado de arenito silicificado alterado, com duas depressões centrais de forma circular em lados opostos (TC-803: 8,6 x 7,4 x 7,3 cm). A depressão maior, fragmentada ao meio, apresenta diâmetro e profundidade em torno de 6,0 cm; a depressão menor apresenta diâmetro de 1,9 cm e profundidade de 0,4 cm. Peça para triturar alimentos? (Figura 55).



Figura 55. Sítio Terra Cinza (superf.) - Instrumento com depressão central (triturator de alimentos?) (TC-803)

Afiador em canaleta

Outra peça bruta corresponde a um afiador em canaleta sobre seixo de arenito friável (TC-336: 6,2 x 5,6 x 4,8 cm). Compõem duas faces alisadas, numa delas a canaleta é pronunciada (medindo 6,0 mm de largura e 2,0 mm de profundidade) e na oposta incipiente (3,0 mm de largura) – (Figura 56).



Figura 56. Sítio Terra Cinza (superf.) – Afiador em canaleta

Percutores

Os percutores totalizam 16 exemplares. Trata-se de seixos, na maioria de arenito silicificado (uma peça é de chert e duas são de arenito friável), de formas arredondadas e dimensões que alcançam até 10,8 cm de comprimento, 7,9 de largura e 7,8 cm de espessura. As marcas dos golpes de percussão formam zonas picoteadas/maceradas nas bordas dos seixos, as quais indicam o emprego da técnica unipolar.

Segue a descrição técnica de dois exemplares:

- TC-462 (6,9 x 6,6 x 6,5 cm) - seixo de sílex arredondado com marcas de picoteado e macerado em quase toda a sua superfície, formando zonas circulares de percussão (umas mais marcadas do que outras) – (Figura 57).
- TC-465 (10,8 x 6,9 x 4,0 cm) – seixo de arenito silicificado alongado, sendo uma extremidade mais larga (6,9 cm) do que a outra (4,6 cm). Na extremidade mais larga e bordas laterais têm-se marcas de picoteado/macerado; na extremidade mais estreita têm-se marcas de picoteado e lascamentos derivados dos golpes de percussão (Figura 58).



Figura 57. Sítio Terra Cinza (superf.) – Percutor com zonas marcadas de percussão

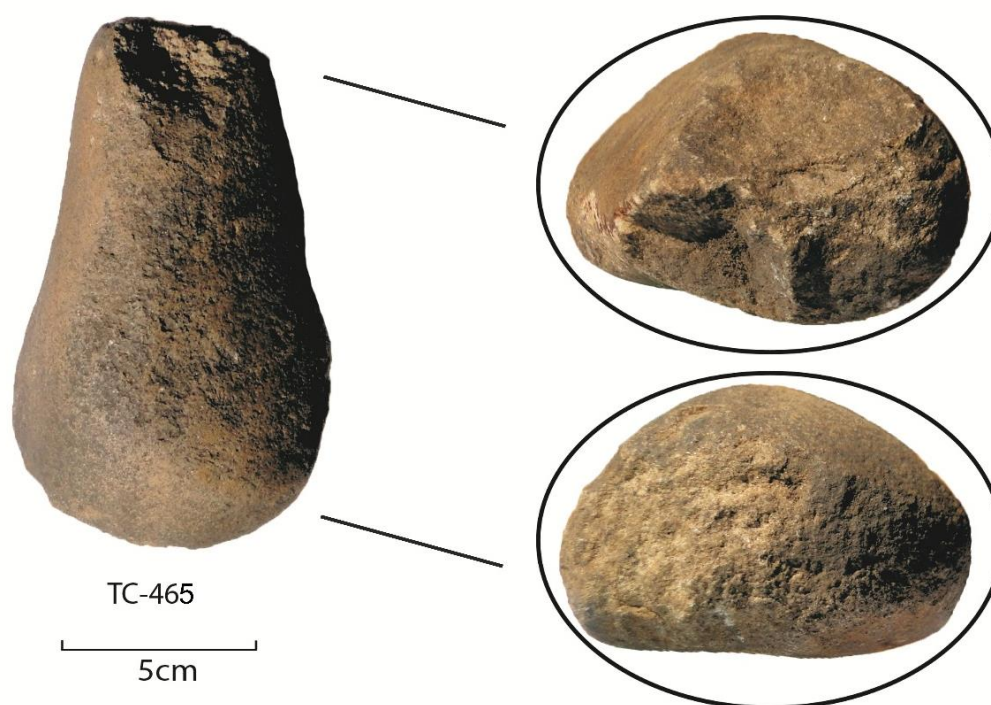


Figura 58. Sítio Terra Cinza (superf.) – Percutor alongado com marcas de percussão em ambas as extremidades

Matéria-prima natural

Por fim, completa a indústria, 27 seixos e blocos de matéria-prima natural, podendo corresponder à reserva de matéria-prima. Dentre essas peças, algumas parecem corresponder a instrumentos, porém os vestígios de uso, caso existam, são muito sutis, imperceptíveis a olho nu ou lupa de 30X de aumento. Seguem dois exemplos:

- TC-825 (6,7 x 6,0 x 6,0 cm): seixo pesado de arenito silicificado, com córtex rugoso. Tal rugosidade, caso o objeto tenha vestígios de uso, acaba por mascará-lo. Parece peça de arremesso, mas sem marcas de encabamento (Figura 59).
- TC-QB2 (2,5 x 2,0 x 1,5 cm [10-20 cm]): pequeno seixo de quartzo – pode ter sido utilizado como alisador de cerâmicas.



Figura 59. Sítio Terra Cinza (superf.) - Seixo natural de arenito silicificado (TC-825)

6.2.6 Datações Radiocarbônicas

As datações deste sítio Terra Cinza foram obtidas através da coleta de carvões identificados na Quadra C3, entre 50 e 70 cm de profundidade. Os resultados apontaram uma idade entre 500 e 435 BP, ou seja, entre os anos de 1.450 e 1.515 de nossa era (Quadro 12).

Quadro 12. Sítio Terra Cinza - Datações Radiocarbônica

Sítio	Amostra	Quadra/Nível	Idade Absoluta	Idade Calibrada (2 sigma)
Terra Cinza	BETA 383943	Quadra: C3 Nível: 50-70cm	430 +/- 30 BP	Cal AD 1450 a 1515 (Cal BP 500 a 435)

6.3 Sítio Ribeirão Grande

Coordenada geográfica: 54°58'01''W / 13°13'55'S'

Tipo: litocerâmico a céu aberto

6.3.1 Inserção na Paisagem

O Sítio Ribeirão Grande se localiza sobre terreno levemente inclinado em direção à margem direita de um estreito córrego. O espaço encontra-se bastante descaracterizado, observando-se várias leiras de terra revolvida, resultantes de trabalhos de escavação mecânica para remoção de cascalho. O sedimento é arenoso, castanho alaranjado, com abundantes nódulos de laterita. A vegetação do entorno encontra-se relativamente bem preservada, compondo uma faixa de mata ciliar que acompanha o córrego.

A área apresenta características que a tornam apta à ocupação humana, possivelmente temporária, devido aos recursos oferecidos pela proximidade de uma drenagem de fluxo contínuo, considerando-se ainda a topografia relativamente suave das vertentes contíguas.

6.3.2 Método de Resgate

Na etapa de prospecção foram identificados um (01) fragmento de cerâmica e um (01) objeto lítico (Pt 1: 54°58'01'' / 13°13'55'' próximo da margem do córrego. Além destes, foi doada uma lâmina de machado.

Na etapa de resgate, procedeu-se à realização de observação de superfície em torno do local onde na prospecção foi identificado materiais, bem como caminhamentos sobre três alinhamentos paralelos à rodovia (L1, L2 e L3), a equidistância de 5 m, em terreno revolvido. No entanto, não foram identificados vestígios arqueológicos. Prosseguiu-se, então, a estas observações, a abertura de 05 quadras (A, B, C, D, E: 1,0 m², sendo que a quadra A localiza-se no ponto onde na prospecção foi identificado material. Tais quadras alcançaram profundidades variáveis entre 40 cm e 50 cm, além de uma sondagem central de mais 50 cm de profundidade. Além destas quadras procedeu-se à abertura de 07 sondagens aleatórias (boca de lobo) em torno das quadras. Em nenhuma destas intervenções foram identificados materiais.

A vistoria da área prosseguiu para oeste, acompanhando a rodovia BR-242/MT por cerca de 1,0 km. Neste percurso foi identificado um (01) fragmento cerâmico em superfície (P1: 719625 E/ 8536337S), sobre terras revolvidas na área de impacto direto da estrada, a cerca de 680 m para oeste do ponto onde foi identificado material (Quadra A). Sobre este local foi escavada uma nova quadra (F) com profundidade de 60 cm e nenhum outro vestígio foi identificado.

Todos estes procedimentos demonstraram que ocorreu a **total destruição do sítio em razão das atividades de remoção de terras** (Quadro 113 e 14, Planta 3 e Prancha Fotográfica 5 e 6).

Sondagem	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
1	720269	8536344	Negativo
2	720341	8536316	Negativo
3	720381	8536278	Negativo
4	720337	8536226	Negativo
5	720284	8536198	Negativo
6	720249	8536241	Negativo
7	720329	8536337	Negativo

Quadro 13. Sítio Ribeirão Grande - Coordenadas UTM das Quadras

Quadra	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
A	720302	8536318	Positivo
B	720269	8536282	Negativo
C	720313	8536265	Negativo
D	720293	8536229	Negativo
E	720358	8536254	Negativo
F	719625	8536337	Negativo

Quadro 14. Sítio Ribeirão Grande - Coordenadas UTM das Sondagens

Sondagem	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
1	720269	8536344	Negativo
2	720341	8536316	Negativo
3	720381	8536278	Negativo
4	720337	8536226	Negativo
5	720284	8536198	Negativo
6	720249	8536241	Negativo
7	720329	8536337	Negativo

6.3.3 Estratigrafia

O fragmento cerâmico identificado encontrava-se sobre sedimentos exógenos, correspondentes aos aterros utilizados na construção da estrada. O terreno do entorno apresenta sedimento areno-argiloso de cor vermelha a acastanhada, progressivamente mais castanho e compacto em profundidade. Junto ao rio, o solo apresenta-se arenoso, muito solto e de cor castanha clara a alaranjado, com abundantes nódulos de laterita (Figura 60).



Figura 60. Sítio Ribeirão Grande – Sondagem (boca-de-lobo) evidenciando sedimentos arenosos com nódulos de laterita (sedimentos exógenos)

Planta 3. Ribeirão Grande

Prancha Fotográfica 5. Ribeirão Grande – Paisagem

Prancha Fotográfica 6. Ribeirão Grande – Salvamento

6.3.4 Caracterização dos Materiais Cerâmicos

No sítio Ribeirão Grande têm-se apenas dois fragmentos cerâmicos (prospecção e resgate).

Destes se destaca uma borda, que se encontra bastante desgastada e lixiviada. Apresenta alisamento em ambas as faces, não se evidenciando nenhum tipo de tratamento como polimento, pintura ou decoração.

Tem como antiplástico principal o cariapé do tipo B em abundância, aliado a uma pasta porosa, que contribui para que a vasilha seja mais leve.

A coloração é homogênea de cor bege. Evidencia-se, de forma moderada, a presença de óxido de ferro de calibre fino a grosso, atingindo um comprimento máximo de 6,0 mm.

Pelas características específicas deste fragmento sugere-se que se trata de uma bacia aberta (Figura 61).

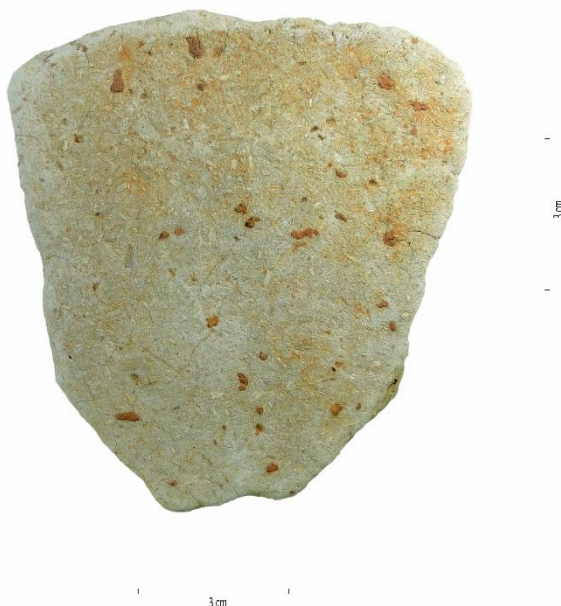


Figura 61. Sítio Ribeirão Grande – Fragmento de borda de uma bacia aberta

6.3.5 Caracterização dos Objetos Líticos

Os objetos líticos desse sítio correspondem apenas a dois instrumentos: uma peça unifacial e uma lâmina de machado polida (sendo este machado uma doação do Sr. Odoricio).

A peça unifacial (RG-1: 6,8 x 5,2 x 3,3 cm), de arenito silicificado e acortical, tem como suporte uma lasca. Há uma sequência inicial de lascamentos planos no ápice da peça, a seguir, outras sequências de lascamentos unificiais contornam toda a sua periferia. Compõe duas UTFs,

uma em cada lateral, formadas por retoques escalariformes que delineiam gumes irregulares de 60° (Figura 62).

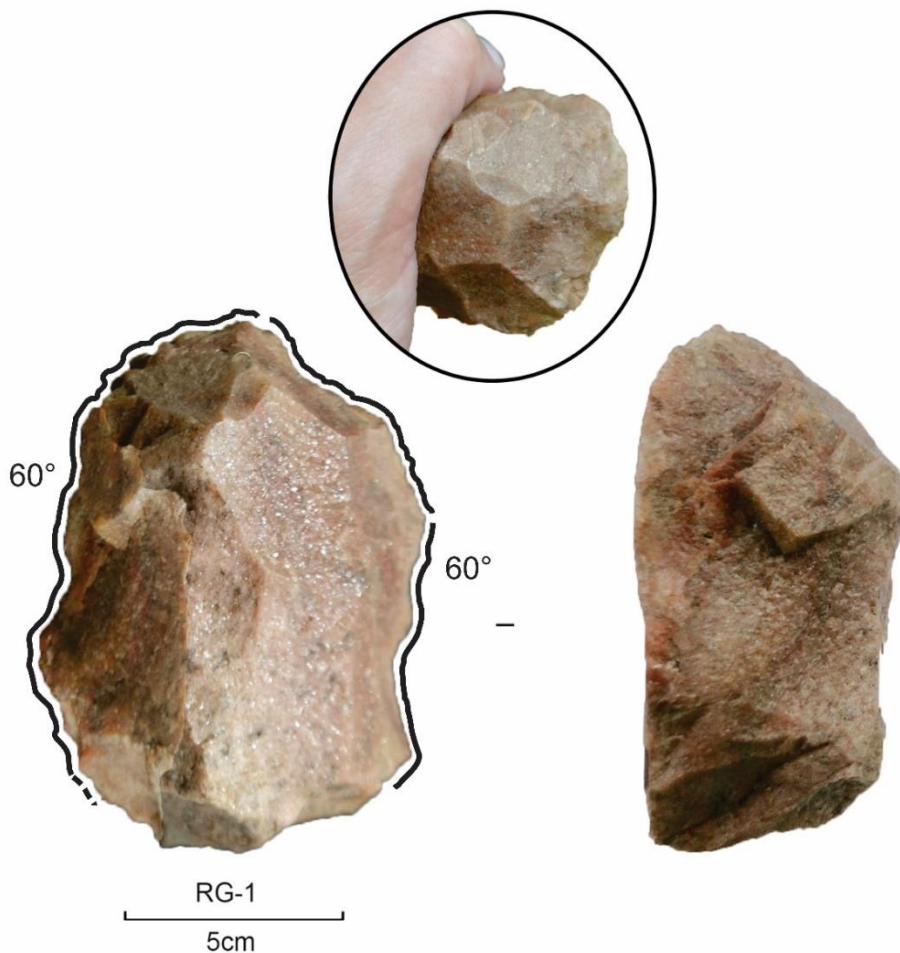


Figura 62. Sítio Ribeirão Grande – Peça unifacial de arenito silicificado

A lâmina de machado foi produzida sobre um seixo alongado de diabásio (RG-2: 9,1 x 8,3 x 4,1 cm). Apresenta marcas de picoteado na porção proximal e polimento que recobre ambas as faces, inclusive ambos os lados, deixando-os arredondados. Porção proximal com ombros, base retilínea e arredondada e porção distal com gume biconvexo polido, formando um ângulo de 80° (Figura 63).



Figura 63. Sítio Ribeirão Grande - Lâmina de machado polida de diabásio, gume biconvexo de 80°

6.4 Sítio Bomba d'água

Coordenada geográfica: 55°00'11"W / 13°18'21"S

Tipo: cerâmico a céu aberto

6.4.1 Inserção na Paisagem

O Sítio Bomba d'água insere-se sobre vertente inclinada, na margem direita do mesmo córrego que atravessa o sítio Ribeirão Grande, a cerca de 1,0 km à montante. Trata-se de uma área de jazida no interior de uma mancha florestal. O solo apresenta as características já descritas para a região, destacando-se, neste ponto, pela escassa profundidade a que se encontra o substrato rochoso composto por blocos de laterita. Sobre este, observa-se uma densa camada de cascalho laterítico, o que o torna um local atrativo como jazida para remoção de terras. Na margem esquerda, no entanto, verifica-se a hegemonia de depósitos de areia fina e branca.

A presença do já referido córrego de fluxo contíguo e águas limpas poderá ter influenciado o uso do local por grupos pré-históricos em trânsito pela região.

6.4.2 Método de Resgate

Nos trabalhos de prospecção foram identificados dois (02) fragmentos cerâmicos sobre a superfície do terreno. Considerando-se tais ocorrências, foi realizada a vistoria exaustiva da área, através de caminhamentos de observação de superfície.

Sobre três linhas de caminhamento, dispostas na direção leste-oeste, equidistantes em 50 m, efetuaram-se cinco (05) sondagens sobre cada linha e a cada 50 metros – totalizando 15 intervenções com profundidades de 40 cm. Nestas intervenções não foram identificados vestígios arqueológicos.

Seguiu-se com a vistoria no interior das áreas florestadas, procedendo-se a pontuais limpezas do terreno (com a remoção da camada de folhagem superficial) e onde se constatou a ocorrência de uma densa camada de cascalho e blocos de laterita praticamente em superfície.

Para se certificar da inexistência de outros materiais além dos dois fragmentos cerâmicos identificados na prospecção, optou-se pela abertura de quatro (04) quadras de 1,0 m² (A, B, C e D) limitando-se aos pontos com maior potência estratigráfica, correspondentes, sobretudo, à margem esquerda do córrego, área caracterizada por profundos depósitos de areia. Contudo, também nestes locais não foram identificados novos vestígios arqueológicos.

Assim como constatado no local do sítio Ribeirão Grande (descrito anteriormente), também nesta área, em todos os procedimentos realizados, não foram identificados mais vestígios arqueológicos, indicando que provavelmente ocorreu a **total destruição do sítio em**

razão das atividades de remoção de sedimentos (Quadros 15 e 16, Planta 4 e Prancha Fotográfica 7 e 8).

Quadro 15. Sítio Bomba D'água - Coordenadas UTM das Sondagens

Sondagem	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
0	716307	8528154	Positivo (Propsecção/superfície)
1	716126	8528179	Negativo
2	716177	8528156	Negativo
3	716237	8528138	Negativo
4	716298	8528106	Negativo
5	716350	8528082	Negativo
6	716350	8528143	Negativo
7	716280	8528155	Negativo
8	716234	8528193	Negativo
9	716180	8528204	Negativo
10	716124	8528227	Negativo
11	716181	8528258	Negativo
12	716180	8528204	Negativo
13	716287	8528216	Negativo
14	716352	8528200	Negativo
15	716387	8528170	Negativo

Quadro 16. Sítio Bomba D'água - Coordenadas UTM das Quadras

Quadra	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
A	716172	8528219	Negativo
B	716233	8528235	Negativo
C	716321	8528174	Negativo
D	716475	8528325	Negativo

6.4.3 Estratigrafia

A estratigrafia do sítio mostra-se coerente com o registrado em áreas contíguas. Identifica-se, logo à superfície ou a escassos centímetros de profundidade, o substrato laterítico. Este substrato é coberto, em alguns pontos, por sedimento arenoso, com abundante cascalho de laterita. O panorama é distinto na margem esquerda do córrego, verificando a presença de solo arenoso, esbranquiçado e fino, associado à ação fluvial. Não se identificam vestígios arqueológicos associados (Figura 64).



Figura 64. Sítio Bomba d'água – Sondagem (boca-de-lobo) evidenciando sedimento arenoso - estéril quanto à presença de materiais arqueológicos

Planta 4. Sítio Bomba d'agua

Prancha Fotográfica 7. Sítio Bomba d'água – Pasagem

Prancha Fotográfica 8. Sítio Bomba d'água – Salvamento

6.4.4 Caracterização dos Materiais Cerâmicos

Neste sítio foram identificados dois pequenos fragmentos cerâmicos sobre a superfície do terreno, na etapa de prospecção.

Correspondem a um fragmento de borda e a uma parede. Têm como antiplástico principal o cariapé B, não se denotando quaisquer vestígios que nos possam elucidar sobre a técnica de manufatura. A pasta apresenta uma coloração heterogênea, em sanduiche, de cor cinza no cerne e bege nas faces. As paredes ostentam um simples alisamento, sem particulares cuidados ao nível do tratamento de superfícies (Figuras 65 e 66).

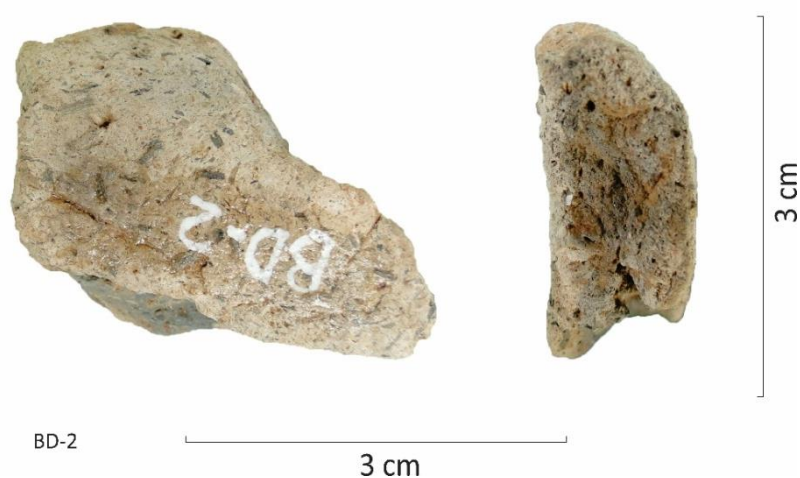


Figura 65. Sítio Bomba D'água – Fragmento de borda com antiplástico cariapé B



Figura 66. Sítio Bomba D'água – Fragmento de parede com antiplástico cariapé B

6.5 Sítio Ilha Steinen

Coordenada geográfica: 54°53'33"W / 13°14'43"S

Tipo: lítico a céu aberto

Área de dispersão dos vestígios: 15.000 m² (150 x 100 m)

6.5.1 Inserção na Paisagem

O sítio Ilha Steinen localiza-se num trecho às margens do rio Von Steinen, onde este circunda uma pequena ilha e rochas expõem-se em abundância. Estas rochas correspondem predominantemente a arenitos silicificados expostos na forma de afloramentos e seixos de dimensões diversas. Na margem esquerda ocorrem também lajedos de lateritas, proporcionando fortes corredeiras no local. Na margem oposta, a pequena ilha desponta a uma distância em torno de 20 m. Na ilha formam-se zonas alagadiças e a vegetação, também no entorno do sítio, é de cerrado, com árvores de pequeno a médio porte, e torna-se mais densa nas estreitas faixas de mata ciliar que acompanham as margens do rio.

Trata-se de uma paisagem de grande beleza cênica, associada a um rio com disponibilidade de matéria-prima rochosa, compondo um local seguramente atrativo para grupos pré-históricos, quer para acampamentos temporários, quer para assentamentos de longa duração. No caso do sítio Ilha Steinen, o local pode até mesmo ter sido reocupado ininterruptamente para a exploração dos arenitos silicificados.

6.5.2 Método de Resgate

O sítio Ilha Steinen encontra-se representado quase que exclusivamente por objetos líticos, identificando-se, associados a estes, apenas dois (2) fragmentos cerâmicos. Apresenta dimensões em torno de 110 m x 90 m e sua área foi dividida em três contextos, embora, em campo, já tenha sido possível determinar suas correlações, visto suas proximidades e semelhanças técnicas entre seus materiais líticos.

Divide-se, assim, em:

- Área I - correspondendo à porção da ilha localizada na margem direita do rio Von Steinen.
- Área II – parte submersa do sítio, no leito do rio Von Steinen.
- Área III – margem esquerda do rio Von Steinen, em frente à ilha e onde afloram lateritas.

Área I

Nesta porção do sítio, correspondente à **borda da ilha**, ocorrem arenitos silicificados expostos em afloramentos, bem como na forma de seixos dentro do rio, constituindo, assim, uma corredeira de grande velocidade. Tais afloramentos e seixos correspondem a fontes de matéria-

prima para artefatos pré-históricos que ali assentaram ou mesmo àqueles que apenas transitaram pela região em busca de rochas de boa qualidade de lascamento.

Os materiais líticos encontram-se na sua maioria encobertos por uma fina camada, em torno de 10 cm de espessura, de sedimento arenoso composto por muitas raízes. Este sedimento, que recobre também o interior da ilha, é bastante úmido, formando brejos e zonas alagadiças. Os objetos encontram-se dispersos ao longo da margem da ilha por aproximadamente oito metros.

Coletas sistemáticas foram realizadas na superfície, ao longo destes oito metros de margem, e através da escavação de uma quadra de 1,0 m² (C1) a uma profundidade de 1,20 m. Os objetos líticos concentram-se em uma camada pouco espessa, de apenas 20 cm, e a quantidade de materiais evidenciados nessa quadra foi surpreendente – 494 objetos líticos.

Considerando-se que a amostragem coletada se mostrava satisfatória para uma reconstituição e interpretação do modo de produção da indústria lítica, optou-se pela não exploração do restante do sítio. Poços testes, sondagens com boca-de-lobo, foram abertos a fim de se certificar da existência de uma única camada arqueológica e da sua reduzida espessura. Outro aspecto que reforçou a opção de se preservar o restante do sítio foi o fato de que esta área não será diretamente impactada pelas obras da BR-242/MT, de modo que futuras pesquisas arqueológicas possam ali ser realizadas, trazendo, assim, informações novas e/ou complementares.

Área II

A Área II localiza-se ao longo dos oito metros da margem da ilha adentrando 13 metros para dentro do rio. Assim, o sítio encontra-se dentro d'água, numa profundidade que varia de 50 cm a 1,5 m. Os materiais encontram-se dispersos no fundo do rio e foram identificados pela observação efetuada através de uma placa de vidro que, uma vez colocado na superfície da água, possibilitou a visualização. Outro modo de identificação foi através do tato com as mãos e com os pés, que facilmente encontravam os gumes cortantes dos objetos lascados.

Optou-se, inicialmente, por selecionar os núcleos desta área e, desta categoria, foram identificados inúmeros exemplares (cerca de 34 exemplares) de dimensões variadas (de pequeno à grande porte). Priorizou-se uma amostragem baseada em diferentes tecnotipos, cujas variações representassem melhores resultados na definição dos esquemas de produção desta indústria. Posteriormente, identificou-se uma grande quantidade de lascas, porém, estas não foram coletadas, visto que estavam dispersas e descontextualizadas, não permitindo, deste modo, um resultado tão eficiente para fins de análise quanto às lascas coletadas na Área I e Área III, as quais não tinham sofrido deslocamentos de suas posições originais. Assim, foram coletados 29 objetos líticos e o restante dos materiais foram, então, devolvidos ao rio.

Área III

A Área III corresponde à porção do sítio localizada na margem esquerda do rio, sendo que a mesma encontra-se alterada pela retirada da primeira camada de solo, deixando exposto em superfície cascalhos de laterita. Nas proximidades dessa área alterada ocorrem porções em que o terreno encontra-se topograficamente mais alto e, portanto, livre da influência das flutuações do rio, e onde a primeira camada de solo está preservada. Neste local, escavaram-se duas quadras de 4,0 m² (A1 e B1) em níveis artificiais de 10 em 10 cm até alcançar 1,20 m de profundidade. Nesse pacote sedimentar foram coletados dois (02) pequenos fragmentos cerâmicos sobre a superfície e 108 objetos líticos dos 10 aos 60 cm de profundidade. Ou seja, os materiais encontravam-se sobrepostos à camada de laterita (Quadro 17, Planta 5 e Prancha Fotográfica 9 e 10).

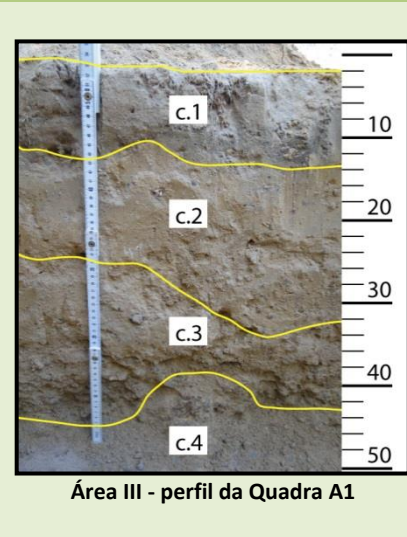
Quadro 17. Sítio Ilha Steinen – Localização das Áreas e resultados das coletas

Área	Quadra	UTM, Zona 21L, WGS84		Quantidade materiais
		X (m)	Y (m)	
I	C 1	728477	8534470	494 líticos
II	Dentro do rio	728537	8534531	29 líticos
III	A 1	728342	8534551	108 líticos
	B 1	728339	8534525	02 cerâmicas

6.5.3 Estratigrafia

A estratigrafia ora descrita resume-se à identificada na Área III, na quadra A1, único local que possibilitou a observação de um corte estratigráfico, estando as demais áreas sob forte influência da erosão fluvial (Quadro 18).

Quadro 18. Sítio Ilha Steinen – Estratigrafia

c.1	Sedimento silto-arenoso, de granulometria fina, não granular, castanho acinzentado, baixa porosidade e compactidade solta à macia. Apresenta algumas inclusões de matéria orgânica em decomposição e de pequenas raízes. Identifica-se em superfície e tem espessura de cerca de 15 cm. Não se identificam materiais arqueológicos	 <p style="text-align: center;">Área III - perfil da Quadra A1</p>
c.2	Sedimento silto-arenoso, de granulometria fina, não granular, castanho amarelado, porosidade média e compactidade solta à macia. Apresenta pequenas inclusões de laterita. Apresenta espessura variável de cerca de 20 cm – com presença de objetos líticos desde os 10 cm.	
c.3	Sedimento castanho claro, de granulometria grossa tipo cascalho de laterita, não-granular, textura silto-arenosa e	

	compacidade solta. Apresenta abundantes inclusões de laterita em forma granular. Tem uma potência que varia entre os 25 cm e 50 cm de profundidade. Provém desta camada a maior parte do material arqueológico.	
c.4	Substrato geológico laterítico.	

Planta 5. Sítio Ilha Steinen

Prancha Fotográfica 9. Sítio Ilha Steinen – Paisagem

Prancha Fotográfica 10. Sítio Ilha Steinen – Salvamento

6.5.4 Caracterização dos Materiais Cerâmicos

Os fragmentos cerâmicos são escassos, contabilizando-se apenas dois (02) exemplares, os quais não podem ser reconstituídos por se tratarem de paredes. Tais fragmentos foram coletados na superfície da Área III e encontram-se muito desgastados, apresentando marcas de arado e lixiviação.

As pastas são friáveis, de textura fina e pouco compacta, observando-se abundantes fibras de cariapé bem triturado do tipo A e escassos grãos de quartzo, rolados e de calibre fino (até 0,1 mm). Evidencia-se também a presença de óxido de ferro de calibre pequeno (0,1 mm-0,5 mm). Estas pastas apresentam coloração homogênea e polarizada, ambas de cor cinza. Observam-se frequentemente traços similares aos decorrentes da manufatura em placas. No entanto, é possível que estes estejam relacionados com a estrutura laminar da matriz argilosa provocada pela utilização do próprio cariapé.

As superfícies encontram-se simplesmente alisadas, não se observando quaisquer indícios de revestimento por engobo ou decoração.

Dado o baixo número de fragmentos, não nos foi possível identificar as classes formais presentes (Figura 67 e 68).



Figura 67. Sítio Ilha Steinen - Fragmento de cerâmica bastante lixiviados com antiplástico tipo cariapé A



Figura 68. Sítio Ilha Steinen – Fragmentos de cerâmica bastante lixiviado com antiplástico tipo cariapé A

6.5.5 Caracterização dos Objetos Líticos

A indústria lítica do sítio Ilha Steinen totaliza 631 objetos, provenientes das três áreas de coleta – na margem da ilha, dentro d’água e margem esquerda do rio. Nestas três áreas os objetos apresentam um mesmo esquema operacional, demonstrando que os objetos pertencem a um mesmo grupo étnico de artesãos.

Assim sendo, os artesãos ocuparam todo este trecho da ilha, produzindo artefatos em ambas as margens do rio, onde, compreensivelmente, muitos objetos foram parar debaixo d’água. Embora se deva destacar o maior número de objetos identificados na ilha (Área I - 78% de toda a indústria) em comparação às outras duas áreas do sítio (Área II - 5%; e Área III - 17%) – (Gráfico 46).

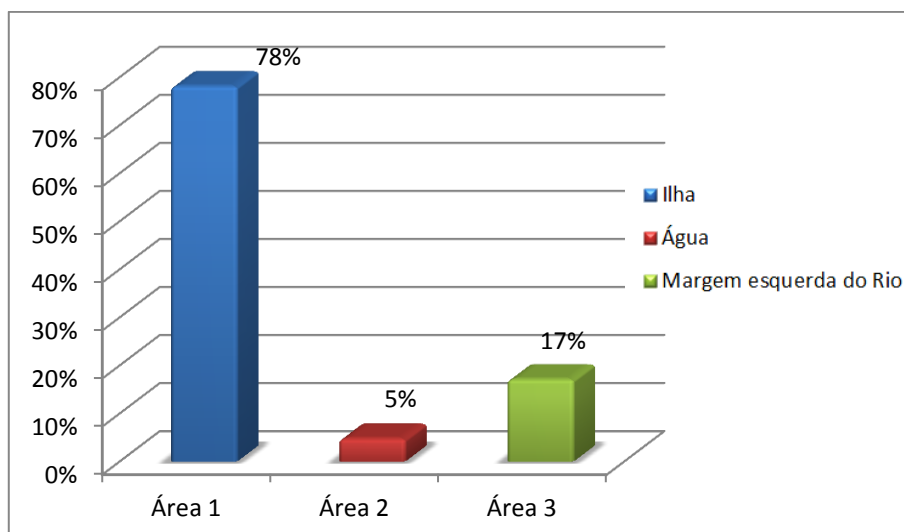


Gráfico 46. Sítio Ilha Steinen – Frequência de objetos líticos x Área

Mas se deve levar em conta os processos pós-deposicionais nestas áreas do sítio, pois a sedimentação nas margens do rio sendo contínua e sujeita a diferentes graus de intensidade, invariavelmente provoca o deslocamento dos materiais de suas posições originais. Sob este aspecto, questiona-se a veracidade da espessura da camada de ocupação, encontrando-se na margem esquerda do rio (Área III) materiais até 60 cm de profundidade e na ilha (Área I) somente até 20 cm.

Constata-se que na margem esquerda do rio o maior percentual de objetos encontra-se entre 40 e 60 cm, compondo 70% do total de materiais dessa área. O restante, 30%, encontra-se da superfície aos 40 cm.

Dependendo do tipo e intensidade dos impactos pós-deposicionais que o sítio sofreu, os materiais podem ter sido deslocados para o fundo. Sustenta esta hipótese, em contraste com esta Área III, a grande quantidade de objetos encontrados entre a superfície e 20 cm na margem direita do rio, na ilha (Área I - 494 exemplares).

Julgando lícitos tais questionamentos e hipóteses, somado à semelhança tecnológica dos objetos nas três áreas, optou-se pela descrição das estratégias empregadas na produção dessa indústria sem a distinção de áreas – apenas os objetos aqui ilustrados terão a sua procedência indicada nas respectivas legendas.

Segue a análise das estratégias dos artesãos empregadas na produção desta indústria.

Aquisição das matérias-primas

O sítio Ilha Steinen encontra-se sobre afloramentos e seixos de arenito silicificado de boa qualidade de lascamento, os quais se encontram disponíveis no local – no leito do rio formando

belas corredeiras e dentro e margens do rio disponibilidade de seixos de grandes dimensões. Ou seja, diante de tal fonte de matéria-prima, rochas em abundância e de fácil acesso, em um local com também disponibilidade de alimentos, o grupo indígena ao ocupar o local teria garantido sua sobrevivência. Neste sentido, tais requisitos devem ter sido decisivos para que um ou mais grupos ocupassem o local no passado.

Assim, os arenitos silicificados foram majoritariamente selecionados pelos artesãos desta indústria. Apenas um instrumento foi confeccionado de sílex, matéria-prima exógena e, ademais, a partir de um modo diferenciado dos demais objetos da indústria (ver mais adiante, na descrição dos instrumentos) – o que sugere a maior habilidade e criatividade de um só artesão do grupo ou o contato com outros artesãos, de grupos culturalmente diferentes.

As atividades de lascamento

A produção dos objetos corresponde à categoria de: núcleos, lascas residuais, detritos e instrumentos. Observa-se que as distintas categorias, embora com diferentes frequências, repetem-se nas três áreas do sítio – com exceção dos objetos dentro d'água, que se resumem a núcleos e instrumentos.

Na Área I predominam as lascas residuais com 64% dos objetos, seguem em menores proporções os detritos, com 19%; os instrumentos, com 13%, e os núcleos, com 4%.

Na Área II identificaram-se núcleos, totalizando 73% dos objetos, e instrumentos, com 27%.

E na Área III predominam, assim como na Área I, as lascas residuais, totalizando 55% dos objetos; seguindo em menores proporções os instrumentos, com 26%; os detritos, com 14%; e os núcleos, com 5%.

Além disso, observa-se que a distribuição dessas distintas categorias não é exclusiva de um ou outro nível, pois tais objetos ocorrem indistintamente ao longo de toda a camada de ocupação (dos 60 cm à superfície na Área III e dos 20 cm à superfície na Área I).

Comparando os percentuais das categorias de objetos identificadas nas três áreas do sítio, o que se destaca é maior frequência de lascas residuais na ilha (64%) e na margem do rio (55%), em detrimento de núcleos, detritos e instrumentos (menos de 30% de cada categoria em ambas as áreas). E dentro d'água tem-se uma maior frequência de núcleos (73%) em detrimento de instrumentos (27%). Essa alta frequência de núcleos dentro d'água possivelmente está relacionada à sua maior visibilidade, pois se trata de peças grande porte, de fácil identificação; assim como os instrumentos ali coletados, pois são igualmente de grandes dimensões, tratando-se de núcleos reaproveitados como instrumentos (ver análises dessas peças mais adiante) – aspecto este que justificaria a ausência de lascas residuais e detritos neste conjunto de peças coletadas na área 2. De outro modo, essa mesma ausência de lascas e detritos também pode estar indicando que os artesãos realizavam as debitagens nas margens do rio e os núcleos, não

mais explorados, os jogavam na água. Mas é preciso considerar também os processos pós-deposicionais nestas áreas de forte sedimentação nas margens de rios, pois, conforme já observamos, podem alterar a posição original dos materiais arqueológicos.

A técnica de produção empregada nesta indústria é a unipolar com percutor duro. A debitage caracteriza a indústria e os instrumentos são pouco elaborados, com produções envolvendo baixos investimentos. Identificam-se, na maioria dos instrumentos, lascas retocadas com unidades ativas sobre gumes já naturalmente agudos, sem que o façonnage modifique a estrutura original do suporte. Assim também são as peças unifaciais, instrumentos que se destacam nesta coleção de estudo, onde o façonnage é restrito.

Segue a descrição das diferentes categorias com ilustração de alguns exemplares.

Núcleos

Os núcleos totalizam 48 exemplares e correspondem majoritariamente ao “sistema C” de debitage. Ou seja, a exploração resume-se a apenas uma parte da matriz, com o aproveitamento das bordas já naturalmente planas ou preparando superfícies a fim de torná-las adequadas à percussão, mas de um ou outro modo, o artesão não a esgota por completo. Desta debitage, resultam inúmeras lascas, de diversas dimensões e formas, mas de construções volumétricas, embora não podemos afirmar ‘padronizadas’, pouco diversificadas, compondo em sua face dorsal retiradas que representam não mais do que quatro opções técnicas (ver mais adiante – lascas residuais).

Destaca-se que 45,8% do total de núcleos coletados encontravam-se dentro d’água (Área II) e chamam a atenção por apresentarem grandes dimensões - a peça menor mede 8,0 x 8,9 x 5,6 cm e a maior 30,0 x 24,0 x 20,0 cm. Grande parte desses núcleos mede entre 10,1 e 30,0 cm de comprimento, entre 8,1 e 18,0 cm de largura e entre 2,1 e 8,0 cm de espessura.

A intenção dos artesãos na exploração dos núcleos era a obtenção de grandes lascas para serem empregadas como suporte de instrumentos. E a produção de suportes volumosos é uma das opções técnicas que caracteriza a indústria do sítio Ilha Steinen – subentendendo que os instrumentos seriam utilizados sobre materiais resistentes e/ou grande porte.

Estes núcleos podem ter sido jogados pelos artesãos dentro d’água, ainda que não estivessem totalmente esgotados, ou foram deslocados de suas posições originais por processos pós-deposicionais.

O esquema geral de debitage empregado compreende:

Início da debitage tendo como plataforma de percussão uma superfície cortical naturalmente plana ou a partir do preparo de uma superfície lisa ou facetada;

Sequências não consecutivas de retiradas, definindo uma ou mais superfícies de lascamentos (sendo que uma plataforma de percussão pode também corresponder a uma superfície de lascamento e vice-versa);

As retiradas que definem uma superfície de lascamento são paralelas, opostas e/ou aleatórias umas às outras (obtêm-se lascas, em geral longas e largas);

É mantido algum resíduo cortical ao final da exploração.

Segue ilustração de um exemplar (Figura 69).



Figura 69. Sítio Ilha Steinen – Núcleo de grandes dimensões identificado dentro d'água (vista de quatro ângulos diferentes)

Os resíduos de lascamentos – lascas residuais e detritos

Lascas Residuais

O que se constata nesta indústria é a intensa exploração dos seixos de arenito silicificado para a obtenção de lascas, em geral, volumosas e de médias a grandes dimensões, para serem empregadas como suporte de instrumentos. Totalizam 373 lascas no total da indústria.

Em alguns casos, há possibilidade de remontar o núcleo registrando, assim, a exploração in situ. Apenas para ilustrar (pois a remontagem é fictícia), na figura abaixo a lasca (VON-298: 7,3 x 3,1 x 1,0 cm) foi obtida da exploração de um núcleo sobre lasca (VON-297 - 7,8 x 6,5 x 3,7 cm). Ou seja, uma dada matriz, mesmo se tratando de uma lasca, porém volumosa e com ângulos

adequados para lascas, poderia novamente ser debitada e as lascas mais adequadas daí obtidas, serem empregadas como suporte de instrumentos (Figura 70).

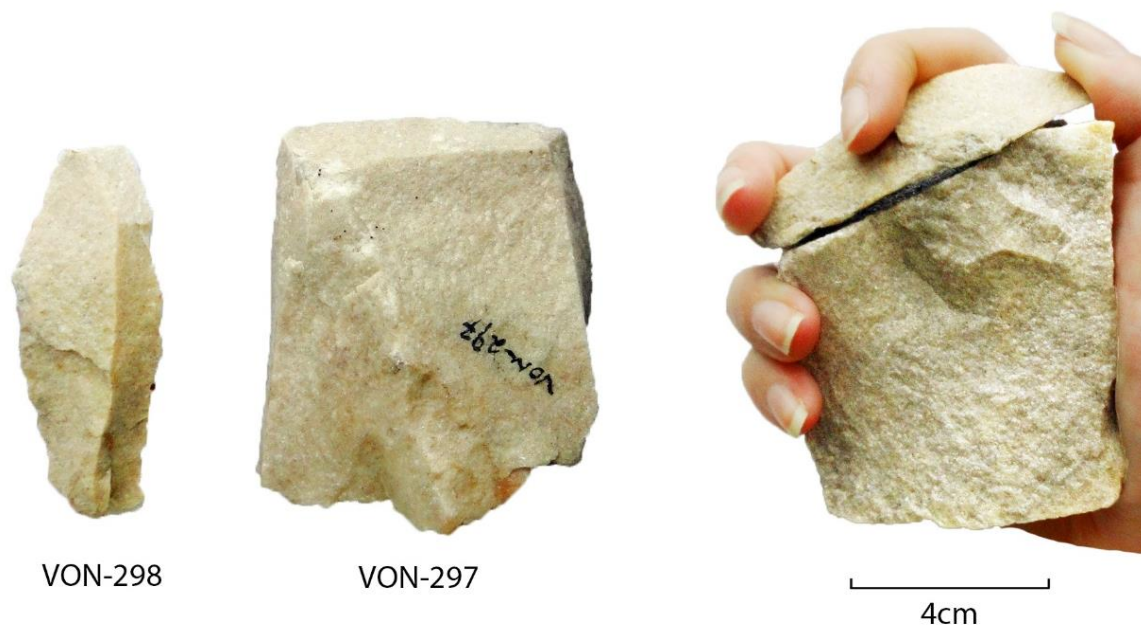


Figura 70. Sítio Von Steinen – Possibilidade de remontagem: núcleo e lasca suporte de instrumento

As debitagens resultaram em lascas:

- Sem construção volumétrica e seção mesial padronizada - em geral, os lascamentos dorsais são paralelos, concêntricos ou aleatórios ao eixo de debitagem da lasca;
- Na grande maioria, acorticais (65,7% do total de lascas) - do restante, 20,1% apresentam até 1/3 de resíduo cortical; 11,8% apresentam metade ou 2/3 de resíduo e apenas 2,4% são totalmente corticais;
- Com talão (277 peças), na maioria, liso (45,1%), cortical (18,4%) ou facetado (17,7%) - o restante é semi-cortical ou linear;
- Quanto aos tecnotipos: 57,6% são unipolares D2 (segundo etapa da debitagem); 35,7% são de façonnage (F) e apenas 6,7% são unipolares D1 (primeira etapa de debitagem). A maior frequência de lascas D2 demonstra os intensos processos de debitagem, em detrimento da façonnage, ocorridos no sítio;
- De diversas dimensões, variam de 0,1 a 12,0 cm de comprimento e largura; e de 0,1 a 8,0 cm de espessura - mas predominam as lascas de 0,1 a 6,0 cm de comprimento e largura (em média, 26,5% das peças) e de 0,1 a 2,0 cm de espessura (83% das peças).

Detritos

Os detritos totalizam 110 exemplares, destes 77 não apresentam resíduo cortical e 33 apresentam-se com até 2/3 recobertos por córtex. A maior frequência de detritos acorticais reflete a intensa debitage ocorrida dentro do sítio. As dimensões desses resíduos variam de 0,7 a 9,2 cm de comprimento; de 0,4 a 5,5 cm de largura e 0,1 a 3,8 cm de espessura - tais dimensões caracterizam também a preferência dos artesãos por peças maiores e volumosas.

Instrumentos

A produção de instrumentos (15,8% do total da indústria - 100 peças) ocorreu a partir de métodos pouco elaborados, pois caracterizam tecnicamente essa indústria lascas retocadas (76 peças) e peças unificiais (9 peças) cujo façonnage envolveu baixos investimentos. Outros instrumentos correspondem a peças sem estrutura definida (11 peças), percutores (3 peças), além de uma peça trifacial. São instrumentos simples, com uma ou duas unidades ativas, designadas, a priori, para diferentes ou uma mesma atividade - corte e/ou raspagem.

Vejamos as características técnicas desses instrumentos:

Lascas retocadas

Para a confecção de lascas retocadas os artesãos utilizaram como suporte as lascas relativamente mais volumosas e de gumes já naturalmente agudos, pois as UTF(t) são criadas sem a reestruturação do suporte. Suas dimensões variam de 0,1 a 12,0 cm de comprimento e largura, e de 0,1 a 8,0 cm de espessura - mas predominam as lascas de 6,1 a 12,0 cm de comprimento (em média, 23,6% das peças), de 4,1 a 8,0 cm de largura (em média, 23,5% das peças) e de 0,1 a 4,0 cm de espessura (94% das peças).

A seleção de suportes maiores pode estar relacionado ao tipo de atividade a que tais instrumentos eram designados. Além disso, sendo de grande porte, a boa estruturação da unidade preensiva deveria também ser relevante.

Tendo em vista que a estrutura original da maioria das lascas retocadas não foi modificada (85,5% do total), suas construções volumétricas são tão diversas quanto as lascas residuais (seus suportes). Mantém-se o predomínio de lascas com talão liso (42,1%), cortical (23,7%) e facetado (15,8%); semi-corticais (53,9%), com face dorsal compondo negativos paralelos, concêntricos ou aleatórios.

A baixa elaboração dessas lascas retocadas denota que os suportes selecionados possuíam características técnicas já adequadas ao instrumento projetado pelo artesão - e essa opção técnica reflete-se em toda a produção dessa indústria.

Na maioria, tais lascas compõem apenas uma unidade ativa (58 peças), poucas peças possuem duas unidades (18 peças). Essas unidades foram confeccionadas, em geral, somente com retoques sobre gumes já naturalmente agudos (62 peças); apenas seis (06) exemplares

apresentam façonnage com planos de corte e retoques que modificam a estrutura original do suporte. Os retoques são, na grande maioria, côncavos, delineando gumes irregulares com ângulos que variam entre 30 e 60°. Segundo informação oral de Eric Boëda, peças com ângulos agudos indicam instrumentos designados para atividades de corte, e com ângulos obtusos (maiores de 60°) para atividades de raspar.

A unidade preensiva dessas lascas retocadas localiza-se na porção oposta da unidade ativa, podendo ser, em geral, o talão, por ser mais espesso, ou mesmo outra unidade ativa nos casos em que a peça apresentar mais de uma UTF(t).

Seguem ilustrações de alguns exemplares (Figura 71 e 72).

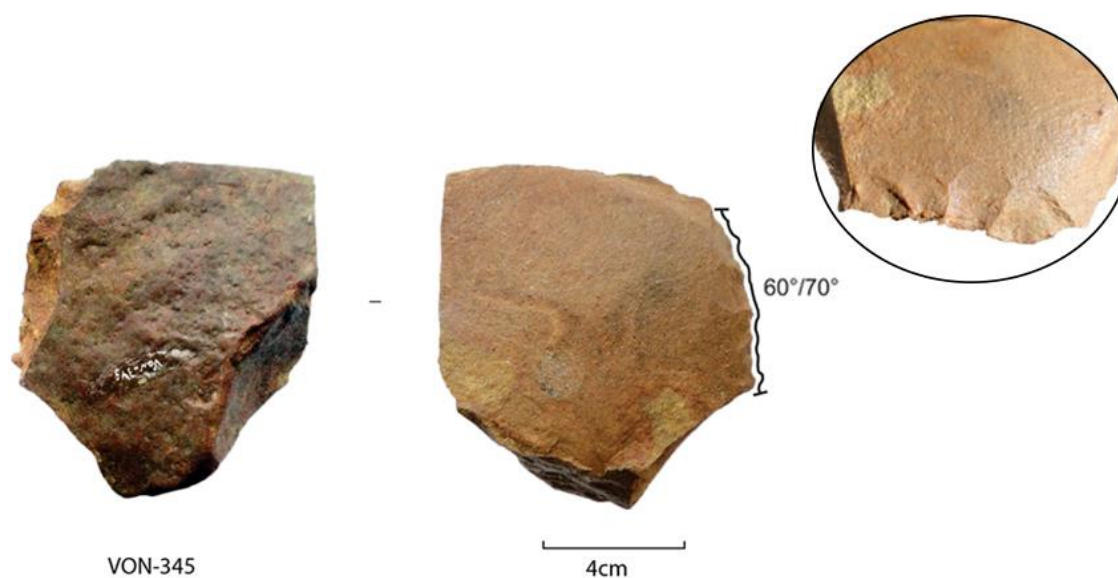


Figura 71. Sítio Ilha Steinen – Lasca cortical retocada, detalhe do gume com retoques convexos

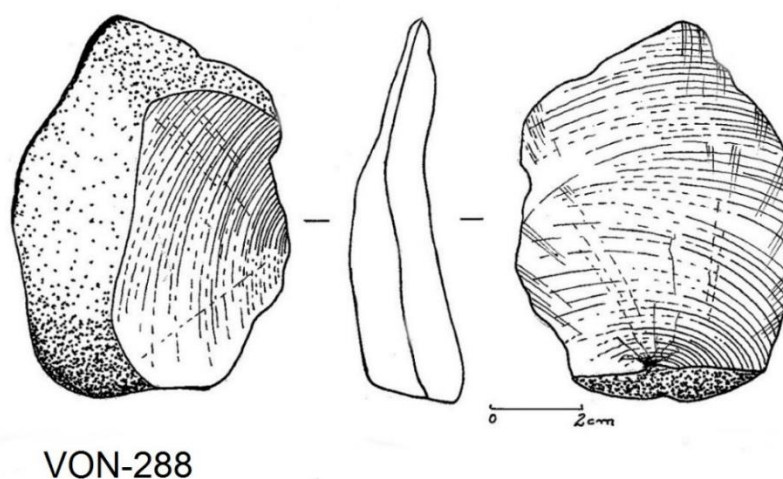
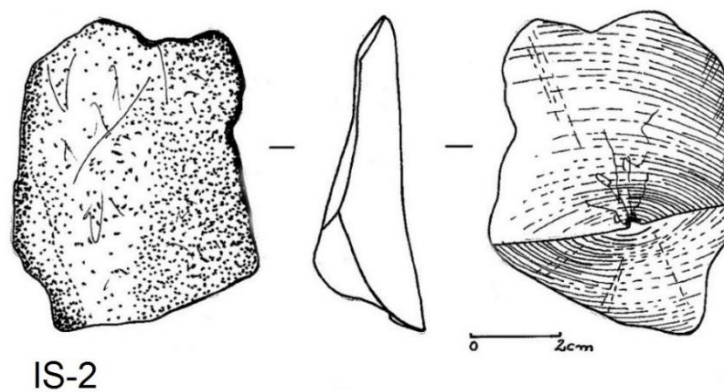
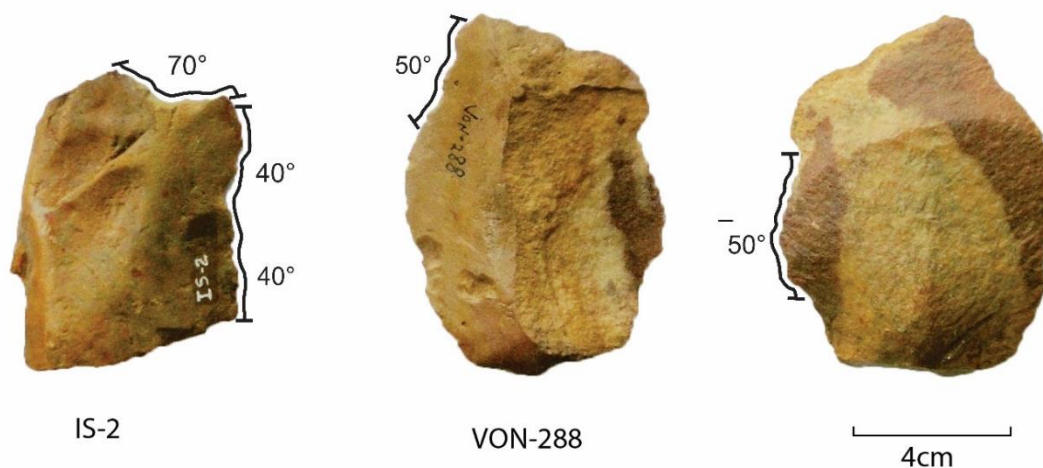


Figura 72. Sítio Ilha Steinen – Lascas retocadas (IS-2: cortical e Von-288: com um negativo paralelo ao eixo de debitage da lasca)

Peças Unifaciais

O princípio da façonnage unifacial é baseado sobre uma complementaridade entre uma primeira etapa de debitage completada por uma segunda etapa de façonnage. O suporte

original é majoritariamente uma lasca, de dimensões relativamente importantes. As características volumétricas desta lasca são parcialmente modificadas por um façonnage unifacial, sempre à custa da face superior. A face inferior não é modificada diretamente, mas se a quantidade de matéria retirada durante o façonnage for importante, sua configuração original pode mudar de maneira sensível (supressão do bulbo, por exemplo).

Nessa indústria, contudo, apesar dos suportes não serem necessariamente lascas e tais peças apresentarem construções volumétricas e morfologias diversas, suas produções obedecem a um mesmo princípio técnico. Ou seja:

- Foram produzidas sobre matrizes (seixos) volumosas;
- O suporte corresponde a uma lasca obtida por debitagem ou o suporte é a matriz original onde, através do façonnage, cria-se uma superfície plana (base) que servirá como plataforma de percussão para as retiradas unificiais – podendo esta superfície ser lisa ou facetada.
- O façonnage unifacial ocorre às custas da face superior, alterando muito pouco sua configuração original.
- Em alguns casos, observam-se retiradas feitas anteriormente ao preparo da superfície plana (base) - a fim de adequar a matriz à forma prevista do instrumento finalizado;
- Algum resíduo cortical é mantido ou eliminado totalmente;
- As UTFs(t) são criadas através de planos de corte e/ou retoques e marcas de uso. Quando existentes, os planos de corte são invasivos, côncavos ou planos, e os retoques, em geral, descontínuos e escalariformes – delineando gumes convexos, irregulares e pontiagudos, com ângulos variando entre 60° e 90°;
- As unidades preensivas correspondem à porção mais espessa da peça, correspondendo ao talão, caso o suporte seja uma lasca, e à parte mesio-proximal, que pode ser preparada, ou seja, façonnada até tornar o instrumento adequado à preensão;
- Destaca-se que o baixo investimento na produção dessas peças, somado a matrizes volumosas, não apenas dificulta a identificação de suas UTFs(t), como também lhes impõe configuração de núcleos - ou seja, neste caso, o façonnage de configuração das peças unificiais poderia corresponder à debitagem de núcleos.

Seguem ilustrações de dois exemplares (Figura 73 e 74).

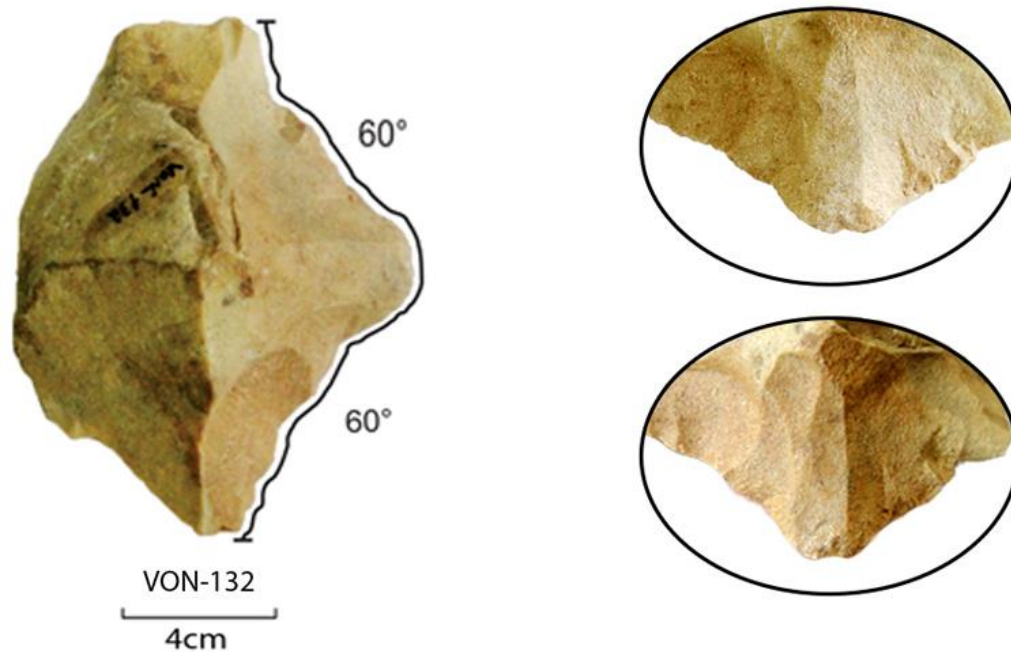
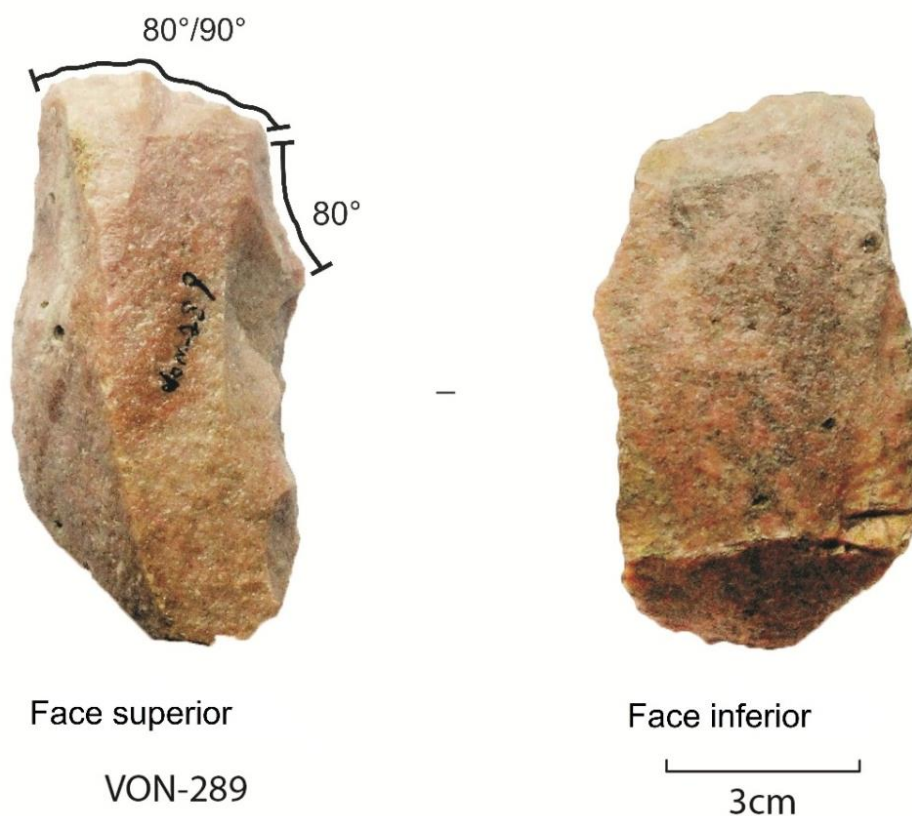


Figura 73. Sítio Ilha Steinen – Peça unifacial, lasca como suporte (detalhe do gume pontiagudo)



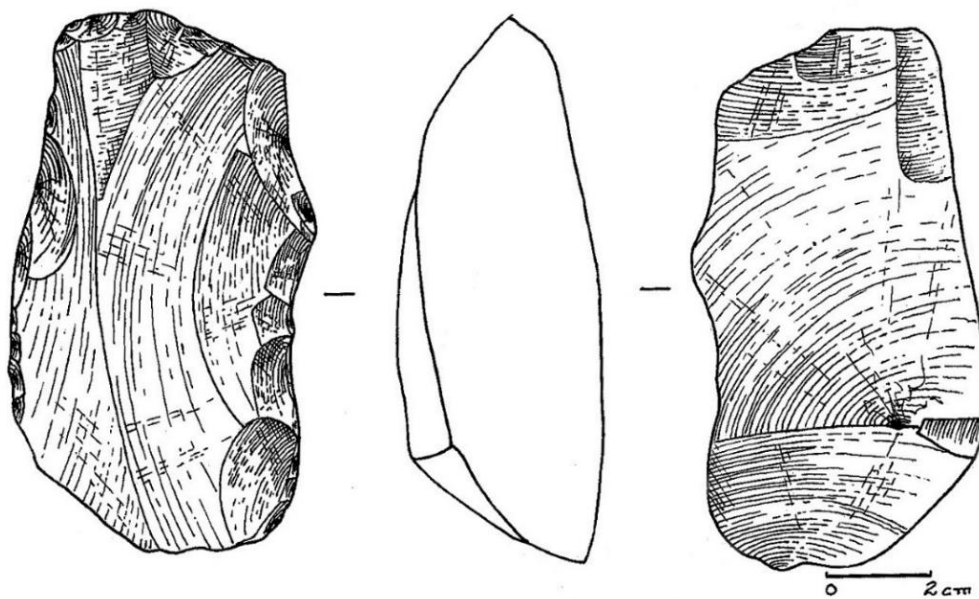


Figura 74. Sítio Ilha Steinen – Peça unifacial, lasca como suporte e gume ativo de 80/90°

Peça trifacial (?)

Dentre os instrumentos na Área II, identifica-se uma peça trifacial morfologicamente alongada (VON-13: 16,6 x 8,3 x 7,8 cm), ou seja, compondo três superfícies de lascamento. Uma corresponde à base da peça - facetada. As outras duas superfícies se interseccionam no ápice definindo uma aresta central e apresentam, além de lascamentos unificiais efetuados a partir da base, também lascamentos centrífugos efetuados a partir do ápice. A priori, trata-se de uma peça inacabada, pois UTFs(t) não estão claramente definidas, mas retiradas escalariformes e descontínuas numa das bordas laterais com ângulo de 60/70° sugere corresponder a uma unidade ativa (Figura 75).

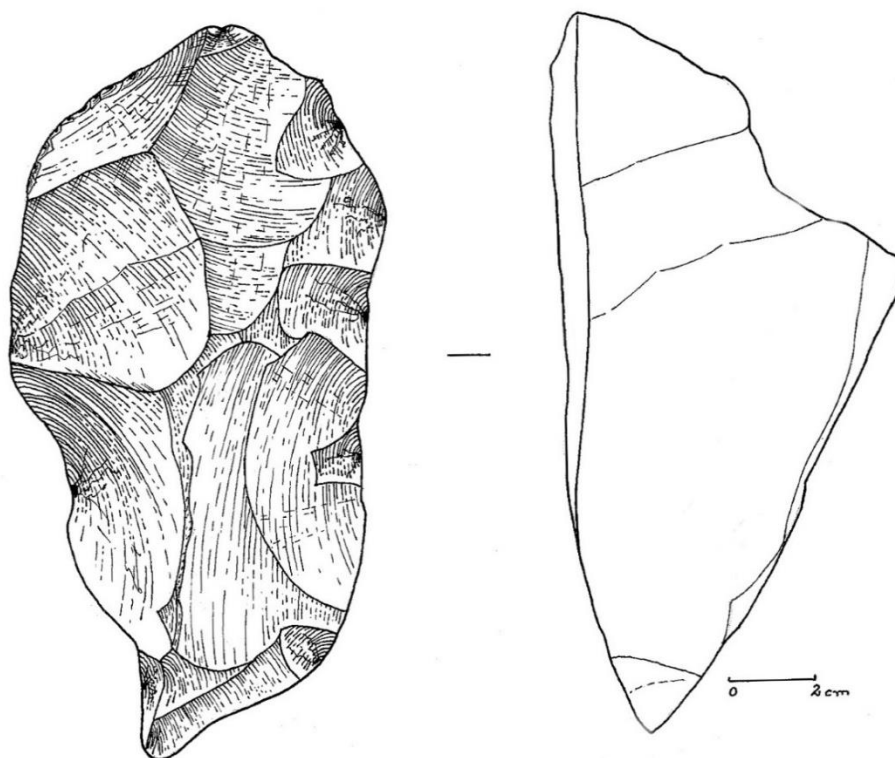


Figura 75. Sítio Ilha Steinen – Peça trifacial (VON-13)

Instrumento sobre seixo de sílex

Dentre os instrumentos identificam-se 11 peças sem estrutura definida, porém, com unidades ativas confeccionadas sobre gumes já naturalmente agudos – semelhante às UTFs(t) de algumas lascas retocadas. Considerando-se que os instrumentos dessa indústria são pouco elaborados, a criação de unidades ativas sobre peças inacabadas ou mesmo fragmentadas durante a produção de dado instrumento não difere do esquema operatório seguido pelos artesãos da indústria em questão.

Entretanto, um instrumento sobre seixo de sílex (VON-409: 6,9 x 6,6 x 3,0 cm), identificado na Área 1, aos 50-60 cm, foi produzido através de um esquema e matéria-prima distintos do restante dos objetos desta indústria – possivelmente trate-se de um instrumento exógeno.

Morfologicamente discoide, apresenta três unidades ativas alternantes ao longo de uma das extremidades e unidade preensiva cortical recobrindo 2/3 do seixo. Uma das UTFs(t) compõe planos de corte planos e retoques escalariformes efetuados a partir de uma superfície plana lisa, delineando um gume irregular de 70°. Na continuidade dessa unidade, mas na face oposta, outras duas UTFs(t) foram criadas, compondo planos de corte côncavos e retoques escalariformes efetuados a partir de uma superfície plana facetada, delineando um gume denticulado de 70° e

outro irregular de 60°. Essas unidades resultam de uma mesma solução técnica e, a priori, seriam também designadas a uma mesma atividade - raspagem (?) (Figura 76).

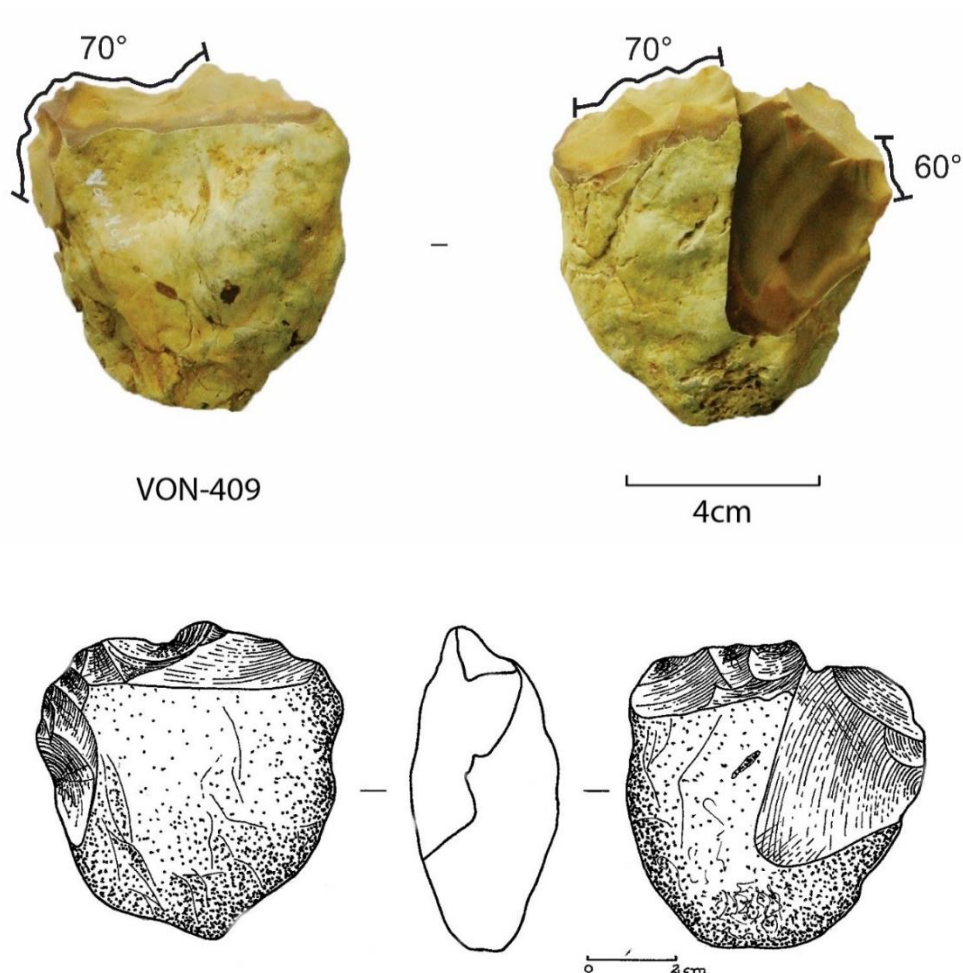


Figura 76. Sítio Ilha Steinen – Instrumento sobre seixo de sílex – peça exógena (?)

Percutores

Três (03) percutores foram identificados na Área 2, correspondendo a seixos redondos (VON 399: 7,5 x 7,5 x 3,0 cm) e alongados (VON-397: 11,8 x 6,5 x 3,9 cm) com marcas de picoteado/macerado nas suas bordas – aspecto este que caracteriza a percussão unipolar (Figura 77).



Figura 77. Sítio Ilha Steinen – Percutor sobre seixo alongado com fortes marcas de percussão

6.5.6 Datações Radiocarbônicas

As datações deste sítio Ilha Steinen foram obtidas através da coleta de carvões identificados na Quadra A1, entre 20 e 30 cm de profundidade. Os resultados apontaram uma idade entre 1.785 e 1.775 BP (antes do presente), ou seja, dos anos 165 a 175 de nossa era (Quadro 19). Destaca-se que esta datação insere-se à obtida para o sítio Rio Ferro (125 a 250 A.D.), tornando-os contemporâneos.

Quadro 19. Sítio Ilha Steinen - Datações Radiocarbônica

Sítio	Amostra	Quadra/Nível	Idade Absoluta	Idade Calibrada (2 sigma)
Ilha Steinen	BETA 383944	Quadra: A1 Nível: 20-30 cm	1.870 +/- 30 BP	Cal AD 165 a 175 (Cal BP 1.785 a 1.775)

6.6 Sítio Jaguaribe

Coordenada geográfica: 54°25'39"W / 13°16'30"S

Tipo: lítico a céu aberto

Área de dispersão de vestígios: 58.800 m² (310 x 180 m)

6.6.1 Implantação na Paisagem

O sítio Jaguaribe insere-se sobre relevo suavemente elevado, na margem direita do Ribeirão Capitão Jaguaribe. Está bastante **descaracterizado pelos trabalhos de escavação mecânica**, com vista à remoção de cascalho, observando-se a presença de terras arenosas castanhas alaranjadas e nódulos de laterita. Apresenta uma cobertura vegetal densa, de floresta ciliar, que acompanha o percurso do rio.

A sua proximidade ao rio, aliada às características geomorfológicas do terreno e à afluência de recursos de subsistência, denotam a atratividade do espaço para o estabelecimento de comunidades humanas.

6.6.2 Método de Resgate

Nos trabalhos de prospecção e monitoramento foram identificados oito (08) objetos líticos – dois exemplares na superfície e seis dentro do rio.

Nos trabalhos de resgate, num primeiro momento foram realizados caminhamentos aleatórios com observações na superfície, privilegiando-se a boa visibilidade do solo especialmente nas estradas e barrancos da área de empréstimo, tendo-se identificado apenas dois objetos líticos descontextualizados, dispersos pela área de exploração de cascalheira. Do reconhecimento das áreas de entorno – através de caminhamentos com limpeza do terreno e 10 sondagens aleatórias a profundidade de 1,0 metro – **não se obtiveram resultados positivos**.

Os elementos reunidos corroboram a destruição do sítio na área de afetação do Projeto. Assim, considerou-se não existir informação arqueológica preservada, para além dos vestígios materiais identificados nos sedimentos revolvidos. A exploração de cascalho resultou na exposição ampla do substrato geológico na área de incidência da obra, de onde resultaria infrutífera a abertura de quadras para resgate arqueológico. Foram, então, abertas seis (06) quadras dispersas pelas zonas de subsolo preservado, imediatamente adjacentes à área afetada e de forma a circunscrever todo o seu perímetro.

Todas as quadras foram escavadas de 10 em 10 cm até a profundidade de 30 a 40 cm estéreis, a que se acrescentou a sondagem central de mais 40 a 50 cm, ou até se alcançar a camada estéril de cascalheira ou o substrato rochoso. **Não se registraram vestígios arqueológicos** (Quadro 20 e 21, Planta 6 e Prancha Fotográfica 11 e 12)

Quadro 20. Sítio Jaguaribe – Coordenadas UTM das Sondagens

Sondagem	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
1	778611	8531111	Negativo
2	778630	8531182	Negativo
3	778723	8531199	Negativo
4	778828	8531108	Negativo
5	778834	8531046	Negativo
6	778845	8530980	Negativo
7	778812	8530940	Negativo
8	778766	8530933	Negativo
9	778732	8530977	Negativo
10	778697	8530977	Negativo

Quadro 21. Sítio Jaguaribe – Coordenadas UTM das Quadras

Quadra	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
1	778738	8531015	Negativo
2	778801	8530975	Negativo
3	778784	8531068	Negativo
4	778777	8531134	Negativo
5	778639	8531145	Negativo
6	778745	8531171	Negativo

6.6.3 Estratigrafia

A estratigrafia do sítio apresenta-se muito simples, caracterizando-se por sedimento castanho alaranjado, arenoso e medianamente compacto, estéril, com alguns nódulos de laterita. Sob esta camada identifica-se o substrato laterítico.

Planta 6. Sítio Jaguaribe

Prancha Fotográfica 11. Sítio Jaguaribe – Paisagem

Prancha Fotográfica 12. Sítio Jaguaribe – Salvamento

6.6.4 Caracterização dos objetos líticos

Os objetos líticos do sítio correspondem 10 exemplares: 01 núcleo, 02 lascas residuais, 01 detrito e 06 instrumentos, todos de arenito silicificado – sendo que quatro peças foram identificadas na superfície do terreno e as restantes dentro do leito do Rio Jaguaribe (coletadas através de mergulho).

O núcleo (JG-1: 12,0 x 10,3 x 6,8 cm) corresponde à exploração de um grande bloco de arenito silicificado – sistema C de debitagem. De forma triangular/irregular, apresenta duas plataformas de percussão opostas e três superfícies de lascamento paralelas e adjacentes. Nas bordas formadas pela interseção de duas superfícies de lascamento, observam-se microretiradas, parecendo compor UTFs(t) – com gumes de delineação irregular de 60°. É possível que o núcleo tenha sido reaproveitado como instrumento expeditivo – para o uso imediato e em seguida abandonado.

As lascas residuais, uma fragmentada (JG-8: 4,3 x 8,3 x 2,3 cm), apresenta talão cortical e porção proximal cortical; a lasca inteira (JG-5: 4,2 x 3,4 x 1,2 cm), acortical, apresenta talão liso. Ambas correspondem ao tecnotipo D2 (obtidas nas etapas intermediárias de lascamento). O detrito é acortical e de dimensões médias (JG-4: 7,5 x 3,2 x 2,5 cm).

Cinco (05) instrumentos correspondem a lascas retocadas de pequenas (JG-6: 2,0 x 2,4 x 0,9 cm) e médias dimensões (JG-3: 6,8 x 8,7 x 3,2 cm; JG-7: 7,1 x 5,9 x 1,9 cm; JG-9: 7,9 x 4,3 x 2,8 cm e JG-10: 6,7 x 5,1 x 2,1 cm), mas todas com unidades ativas sobre gumes já naturalmente agudos. Correspondem a instrumentos produzidos com baixo investimento. Exemplificando: a) peça JG-7 apresenta talão liso e UTF(t) numa lateral formada por planos de corte e microretoques côncavos que delineiam um gume denticulado de 60°; b) peça JG-10 apresenta talão modificado pela confecção de uma UTF(t), sendo esta formada por retoques côncavos que delineiam um gume irregular de 60°, e outra, numa lateral, formada por um ‘coche’ também de 60° (Figura 78).

Outro instrumento corresponde a uma peça bifacial produzida sobre um seixo de dimensões médias (JG-2: 7,9 x 10,2 x 7,0 cm). Os lascamentos de *façonnage* recobrem apenas uma metade do seixo, a outra metade permanece recoberta por córtex. Uma face apresenta 03 negativos planos, criados para compor uma plataforma de percussão e a partir da qual o artesão efetua retiradas, não sequenciais, definindo uma superfície lascada sobre a qual organiza UTFs(t). A priori, identificam-se duas unidades ativas, com retoques escalariformes que delineiam um gume com uma saliência (convexa) em meio a duas reentrâncias (côncavas) – gume ‘nariz’. O ângulo do gume é de 70/90° (Figura 79).

A baixa incidência de vestígios neste sítio provavelmente se deu em razão do alto impacto causado pelos trabalhos de escavação mecânica ali ocorridos. Outra possibilidade é que, no passado, alguns indígenas tenham ali transitado ou mesmo efetuado paradas por breves períodos de tempo, de modo que poucos vestígios foram deixados pra trás.

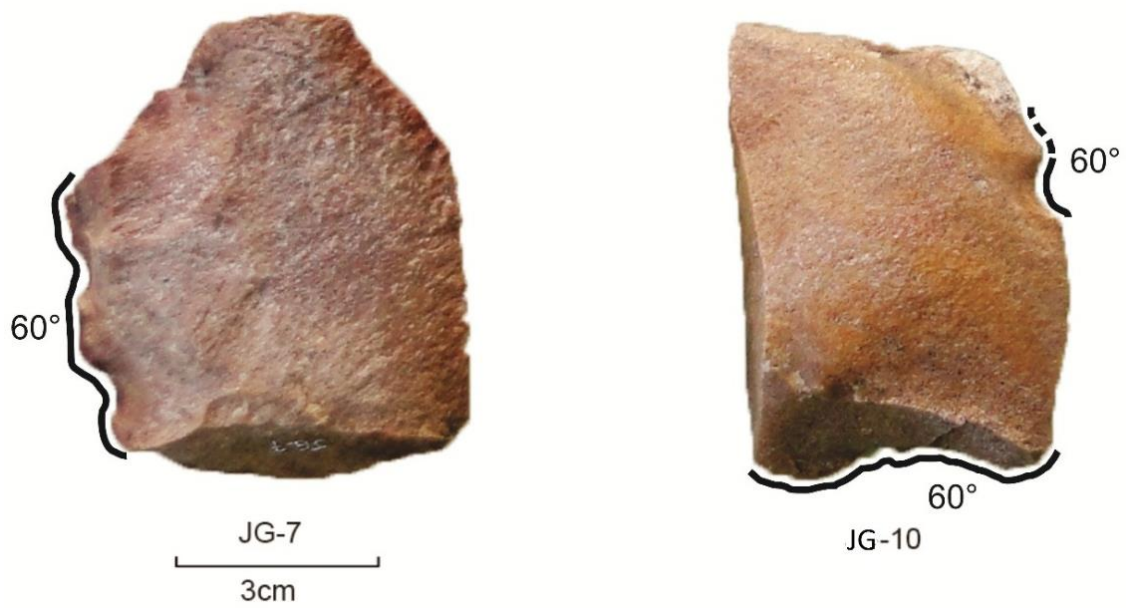


Figura 78. Sítio Jaguaribe – lascas retocadas de arenito silicificado com gumes de 60°

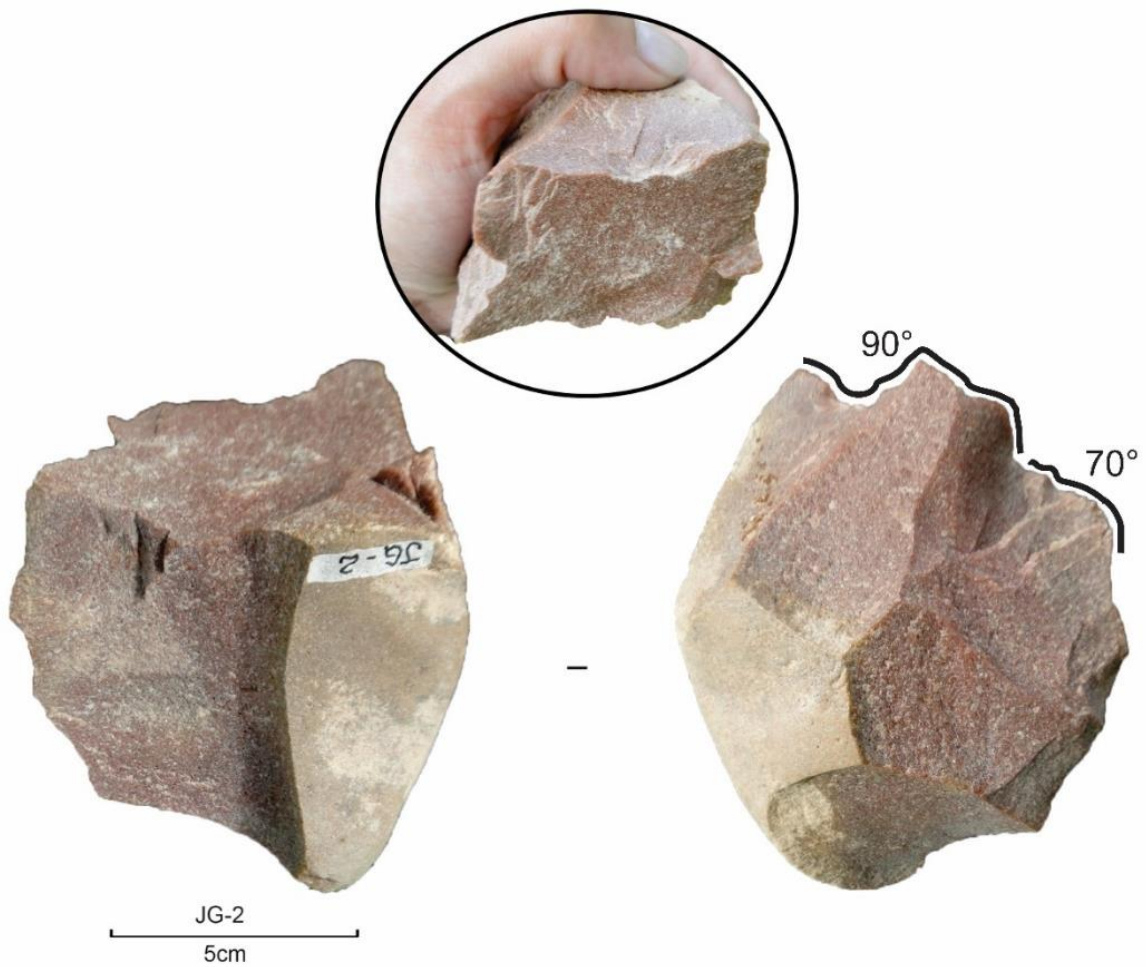


Figura 79. Sítio Jaguaribe – Peça bifacial de arenito silicificado com gumes de 70/90°

6.7 Ocorrência Cachoeira I

Coordenada geográfica: 54°16'56"W / 13°16'50"S

6.7.1 Implantação na Paisagem

Este sítio arqueológico encontra-se em terreno utilizado para cultivo, à margem direita do Ribeirão Agrimensor Santiago e a cerca de 90 m a sul do sítio Santiago. O solo é, à semelhança dos restantes sítios nesta região, arenoso e alaranjado. Delimitando o espaço, a faixa de mata ciliar acompanha o córrego de fluxo contínuo que apresenta, em sua calha, afloramentos de rochas do tipo laterita e arenito silicificado.

Nas margens da drenagem ocorrem rochas do tipo arenito silicificado, que poderia ser usada como matéria-prima para a confecção de ferramentas líticas. Estes afloramentos estão bastante afetados pela ocupação antrópica que movimentou as rochas com máquinas pesadas, alterando a paisagem e produzindo lascamento e cisalhamento da rocha.

Destaca-se que a rodovia BR-242/MT atravessa a região a cerca de 1 km de distância deste local.

6.7.2 Método de Resgate

Como previamente referido nos trabalhos de prospecção (HIROOKA, 2011), este sítio está representado pela presença de apenas um objeto lítico, tratando-se de um grande núcleo de arenito silicificado de cor avermelhada, identificado a cerca de 500 metros da margem do rio. Este material lítico não foi coletado durante os trabalhos de prospecção, sendo deixado no local para reconhecimento do sítio posteriormente, na etapa de resgate.

Todavia, na etapa de resgate não foi possível localizá-lo novamente - provavelmente o artefato foi removido do local por atividades antrópicas, visto que os terrenos nas proximidades do rio permaneceram sendo impactados por atividades de revolvimento de solos e a nova vistoria do terreno para resgate do sítio levou mais de dois anos para ser efetivado. Assim, na tentativa de identificar outros materiais arqueológicos, foram efetuados caminhamentos de observação de forma sistemática, com a abertura de 30 sondagens a cada 30 metros, atingindo em torno de 50 cm de profundidade, cobrindo uma extensão de aproximadamente 1,0 km ao longo das margens do córrego – todavia, **nestas intervenções tampouco foram identificados vestígios**.

Ainda assim, apesar da não identificação de materiais, foram abertas seis quadras dispersas entre o terreno de cultivo e a faixa de floresta ciliar. Estas foram aprofundadas, em níveis artificiais, até à verificação de três níveis estéreis, acrescidas da sondagem central de mais 30 ou 40 cm de sedimento. Nestas intervenções, também em **subsuperfície, não foram identificados vestígios arqueológicos** (Quadro 22 e 23, Planta 7 e Prancha Fotográfica 13 e 14).

Quadro 22. Sítio Cachoeira I – Coordenadas UTM das Sondagens

Sondagem	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
1	794366	8530466	Negativo
2	794356	8530439	Negativo
3	794335	8530439	Negativo
4	794314	8530375	Negativo
5	794287	8530350	Negativo
6	794273	8530319	Negativo
7	794306	8530298	Negativo
8	794339	8530281	Negativo
9	794371	8530264	Negativo
10	794413	8530243	Negativo
11	794451	8530224	Negativo
12	794457	8530188	Negativo
13	794479	8530157	Negativo
14	794499	8530131	Negativo
15	794517	8530097	Negativo
16	794520	8530064	Negativo
17	794541	8530028	Negativo
18	794553	8529985	Negativo
19	794542	8529948	Negativo
20	794542	8529911	Negativo
21	794550	8529864	Negativo
22	794556	8529818	Negativo
23	794554	8529777	Negativo
24	794545	8529733	Negativo
25	794569	8529707	Negativo
26	794597	8529692	Negativo
27	794616	8529665	Negativo
28	794629	8529631	Negativo
29	794622	8529600	Negativo
30	794635	8529571	Negativo

Quadro 23. Sítio Cachoeira I – Coordenadas UTM das Quadras

Quadra	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
1	794657	8530045	Negativo
2	794681	8530044	Negativo
3	794618	8530247	Negativo
4	8530247	8530245	Negativo
5	794555	8530075	Negativo
6	794426	8530213	Negativo

6.7.3 Estratigrafia

A estratigrafia do sítio Cachoeira I apresenta características idênticas às registradas no sítio já destruído Ribeirão Grande, compondo um sedimento arenoso, de grão fino, consistente, muito homogêneo e castanho alaranjado. Mas neste caso, arqueologicamente estéril.

A não ocorrência de vestígios nesta área onde teria sido identificado um objeto lítico nos trabalhos anteriores a este de resgate, talvez se justifique pelo longo tempo decorrido entre ambas as etapas dos trabalhos arqueológicos, pois são áreas vulneráveis a impactos de toda a ordem, tais como o remanejamento da vegetação para a monocultura, a remoção de sedimentos, tal como constatado no local. Todavia, tais impactos não parecem que removeriam ‘todos’ os materiais arqueológicos, caso ali existisse um assentamento de longa permanência de seus habitantes, talvez seja mais coerente pensar que a peça identificada correspondesse a uma simples ocorrência, objeto deixado no local por algum artesão pré-histórico que tenha aproveitado os arenitos silicificados disponíveis na área.

Planta 7. Ocorrência Cachoeira

Prancha Fotográfica 13. Ocorrência Cachoeira – Paisagem

Prancha Fotográfica 14. Ocorrência Cachoeira – Salvamento

6.8 Sítio Santiago

Coordenada geográfica: 54°16'57"W / 13°16'25"S

Tipo: lítico a céu aberto

6.8.1 Implantação na Paisagem

O sítio Santiago localiza-se na margem direita do córrego Agrimensor Santiago, em área levemente aplanada e resguardada de eventuais transbordamentos do leito do rio. A paisagem encontra-se fortemente descaracterizada, não só pelos trabalhos de adaptação dos terrenos à monocultura aí dominante - de onde resultou uma regularização do terreno - mas também pela remoção de terras e aterros.

Observam-se amplas valas de remoção de sedimentos e aterros, alternadas com paredes de terra, criadas para sustentação e drenagem da estrutura viária, onde se registra a presença de um substrato rochoso laterítico e de arenito silicificado, associados a sedimentos silto-arenosos avermelhados. Ademais, junto ao curso de água, as alterações do espaço para construção de ponte resultaram numa transmutação profunda do ambiente. Da cobertura florestal arbórea, resta apenas a mancha ripícola que acompanha o curso de água. Água, variadas fauna e flora e matéria-prima rochosa propícia para a produção de utensílios do cotidiano dos grupos indígenas pré-históricos, justificam a existência de vestígios arqueológicos na área, os quais foram identificados na etapa de prospecção.

6.8.2 Método de Resgate

Com o intuito de salvaguardar eventuais remanescências arqueológicas, considerando-se que na etapa de prospecção foram identificados sete (07) objetos líticos, procedeu-se com a realização de caminhamentos, tanto nas áreas de impacto (estrada e jazida), como nas áreas adjacentes, acompanhados pela abertura aleatória de 10 sondagens (abrangendo ambos os lados da estrada BR-242/MT). **Nem nos caminhamentos, nem nas sondagens foram identificados novos vestígios do sítio.**

Assim como procedido no sítio Jaguaribe, procurou-se averiguar a ausência de materiais também em subsuperfície escavando-se seis (06) quadras de 1,0 m² dispersas pelas áreas de entorno, com subsolo preservado. Tais quadras foram abertas a profundidades de 40 cm, acrescidos de mais 40 ou 50 cm de uma sondagem central até se evidenciar o substrato rochoso. Também nestas intervenções não foram identificados vestígios arqueológicos (Quadro 24 e 25, Planta 8 e prancha Fotográfica 15 e 16).

Quadro 24. Sítio Santiago – Coordenadas UTM das Sondagens

Sondagem	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
1	794612	8531561	Negativo
2	794620	8531469	Negativo
3	794646	8531337	Negativo
4	794704	8531252	Negativo
5	794661	8531097	Negativo
6	794577	8530909	Negativo
7	794442	8530985	Negativo
8	794499	8531053	Negativo
9	794558	8531138	Negativo
10	794577	8531302	Negativo

Quadro 25. Sítio Santiago – Coordenadas UTM das Quadras

Quadra	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
1	794558	8531405	Negativo
2	794534	8531269	Negativo
3	794590	8531261	Negativo
4	794502	8531185	Negativo
5	794470	8531089	Negativo
6	794518	8531028	Negativo

6.8.3 Estratigrafia

A estratigrafia do sítio Santiago revelou-se bastante simples, identificando uma única camada, castanha clara avermelhada, silto-arenosa e estéril.

Planta 8. Sítio Santiago

Prancha Fotográfica 15. Sítio Santiago – Paisagem

Prancha Fotográfica 16. Sítio Santiago – Salvamento

6.8.4 Caracterização dos objetos líticos

Os objetos líticos do sítio Santiago reúnem 07 exemplares: 03 lascas residuais, 01 detrito e 03 instrumentos - todos de arenito silicificado e foram identificados em superfície.

As lascas residuais são acorticais, de pequenas (SAN-4: 2,7 x 2,7 x 0,7 cm), médias (SAN-3: 6,5 x 7,1 x 1,7 cm) e grandes dimensões (SAN-5: 17,5 x 12,5 x 2,5 cm), apresentam talão liso e correspondem ao tecnotipo D2 (etapas intermediárias do lascamento). O detrito, de pequenas dimensões é também acortical (SAN-3: 2,6 x 2,5 x 1,3 cm).

Os instrumentos correspondem a duas lascas retocadas e a uma pré-forma de machado. As lascas retocadas são acorticais, uma com talão liso (SAN-1: 9,1 x 7,4 x 2,0 cm) e outra com talão facetado (SAN-7: 6,0 x 9,1 x 2,6 cm). A UTF(t), de ambas, localiza-se na porção distal, formada por retoques côncavos que delineiam um gume de 60/70°. Parecem instrumentos para raspar materiais pouco resistentes (Figura 80).

A pré-forma de machado chama a atenção. Apresenta forma retangular (SAN-6: 14,7 x 10,0 x 2,2 cm), duas faces lascadas e bordas, ao longo de quase toda a extensão, fragmentadas. A indicação de se tratar de um machado é pela presença de uma forte reentrância (3,0 cm de extensão) numa lateral, sendo esta criada por picoteamento que deixa a borda arredondada. Na lateral oposta, numa pequena extensão da borda mesio-distal, observam-se também picoteados que a arredondam. Numa das extremidades (distal) o gume está lascado, formando um gume convexo de 60/70°. A extremidade oposta (proximal) está fragmentada. A reentrância corresponderia ao talhe para o encabamento do machado. Parece corresponder a uma peça inacabada, abandonada pela quebra (Figura 81).

Assim como observado para os sítios Ribeirão Grande, Bomba d'água e Jaguaribe, a baixa incidência de vestígios também neste sítio Santiago provavelmente se deu em razão do alto impacto causado pelos trabalhos de aterro e remoção de sedimentos, especialmente, neste caso, para a construção da ponte sobre o rio. Mas outra possibilidade é que, no passado, alguns indígenas tenham ali transitado ou mesmo efetuado paradas por breves períodos de tempo, de modo que poucos vestígios foram deixados pra trás.

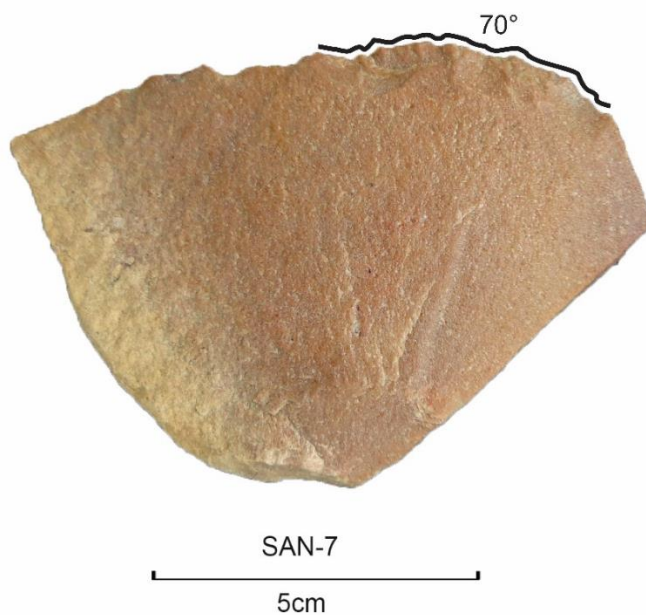


Figura 80. Sítio Santiago - Lasca retocada de arenito silicificado com gume de 70°



Figura 81. Sítio Santiago - Pré-forma de machado picotado/lascado - de arenito silicificado com gume de 60/70°

6.9 Sítio Jatobá

Coordenada geográfica: 54°10'45"W / 13°17'28"S

Tipo: litocerâmico a céu aberto

Área de dispersão de vestígios: 31.500 m² (90 x 350 m)

6.9.1 Implantação na Paisagem

O sítio Jatobá está implantado na margem esquerda do rio homônimo, a uma altitude variável entre os 335 m e os 353 m, em área de corredeiras e pequenas e céleres cascatas. Neste local, o curso de água apresenta uma largura que varia entre os 40 e 70 m, identificando-se, em áreas mais amplas, ilhotas.

A formação das corredeiras está intrinsecamente relacionada com o substrato rochoso, composto por lateritas, intercaladas por arenitos silicificados. Estas rochas identificam-se, no leito do rio, na forma de blocos e seixos soltos e, nas suas margens, em afloramentos irregulares, destacando-se a ocorrência, na margem direita, de um grande lajedo de rocha contínua de arenito silicificado. Deste substrato resulta a formação do solo arenoso, de coloração castanha amarelada, que caracteriza o sítio arqueológico. Pontualmente, o solo torna-se siltoso e com níveis de cascalho, composto por pequenos seixos arredondados de quartzo, permeados por uma crosta laterítica granular ou na forma de bloco.

Este solo sustenta uma floresta de transição, semi-decídua, composta por árvores de espécies do cerrado (como faveira, jatobá do cerrado, mangobá, pequi, angico, pata de vaca, guatambu, etc.) e da floresta amazônica (guarantã, cambará, garapeira, embaúba, angelim pedra, etc.). Visualmente, a vegetação arbórea - de troncos delgados, com alturas e diâmetros inferiores às árvores da floresta amazônica - e arbustiva apresenta-se esparsa, proporcionando um ambiente amplo, propício ao deslocamento. Abundam as epífitas, com várias espécies de bromélias e orquídeas. O carácter semi-decíduo da mancha florestal resulta na formação de uma espessa camada de folhas, na superfície.

A fauna da região é muito rica, sendo que até aos nossos dias a área comporta toda a cadeia alimentar deste ambiente. São relatadas ocorrências de onças, antas, porco-do-mato, além da ampla gama de peixes, proporcionada pelo rio Jatobá.

O sítio arqueológico está implantado na margem esquerda do rio, acompanha-o longitudinalmente, por cerca de 300 m, justamente em local onde ocorrem as rochas que conformam as corredeiras e cascatas do rio Jatobá. Trata-se de área formada por pequenas plataformas aplanadas, levemente elevada em relação ao curso do rio, o que a torna isenta de enchentes periódicas. É atravessado por um caminho em terra batida, a partir do qual irradiam veredas transversais, que se embrenham na floresta. Esta rede de caminhos vicinais permite o acesso às pequenas enseadas da margem esquerda do rio.

Todas estas características ambientais, aliadas à matéria pétreia acima referida, realçam o Jatobá como um sítio de privilegiadas condições para o estabelecimento diacrônico de comunidades humanas, não sendo, portanto, de estranhar, a identificação de vestígios arqueológicos à superfície nos prévios trabalhos de prospecção.

6.9.2 Método de Resgate

A escavação do sítio Jatobá desenvolveu-se em três momentos essenciais, com o objetivo primeiro de resgatar, salvar e recolher o máximo de informação que potencie uma leitura da ocupação humana pretérita do espaço.

Assim, num **primeiro momento**, estabeleceu-se uma rede de 25 quadras de 1,0 m² (de onde se escavaram 24: denominadas alfanumericamente - C1, C2, C3, C4, C5, D1, D2...até G5), com uma equidistância de 10 m, distribuídas por uma área de 1.600m², correspondente à área diretamente afetada pela BR-242/MT, no ponto onde o traçado desta rodovia cruza o rio Jatobá. Tomou-se como eixo de orientação o percurso do rio, que corre no sentido Sul/Sudoeste - Norte/Nordeste, iniciando-se a marcação das quadras a 10 m de distância da sua margem. Esta primeira fase do resgate foi essencial para avaliar o potencial do sítio arqueológico e delinear as fases subsequentes do resgate. Assim, os resultados imediatos da primeira fase do resgate redundaram na constatação de uma maior densidade de vestígios arqueológicos no alinhamento de quadras mais próximo do rio, justificando um maior enfoque nessa área em momento posterior. Nesta porção da escavação percebeu-se uma concentração de materiais entre as quadras D1, C1 e L1.

Num **segundo momento** foi esboçada uma linha com 11 quadras (H1 - P4), com 20 m de intervalo entre si, distando 10 m da margem do rio. Paralela a essa linha, previram-se outro alinhamento com 08 sondagens (boca-de-lobo: I4 - P4) e uma quadra (H4), que distariam da primeira linha, em torno de 50 m. Na falta de uma frequência maior de vestígios que justificassem a abertura de novas quadras, optou-se pela sua suspensão. Também nesta porção norte do sítio se constatou outra concentração de materiais junto ao rio.

Um **terceiro e final momento** consistiu na ampliação e abertura de 08 novas quadras da escavação, nas áreas contíguas às quadras que tiveram maior concentração de artefatos. A identificação de abundante material lítico na margem esquerda do rio justificou, ainda, a realização de sondagens de mergulho com óculos e snorkel. Com estes trabalhos procurou-se dimensionar e coletar amostras significativas do sítio Jatobá, proporcionando uma visão abrangente do espaço ocupado.

A escavação realizou-se através de níveis artificiais – de 10 em 10 cm – registrando-se uma profundidade variável entre 30 cm e 130 cm. No final de cada escavação, nos casos em que não se recuperaram vestígios arqueológicos, nem se atingiu o nível geológico, realizou-se uma escavação com cavadeira, no centro da quadra, com uma profundidade de 100 cm e um diâmetro

aproximado de 40 cm. Buscou-se, portanto, atingir sempre a camada estratigráfica estéril (Quadro 26, Planta 9 e Prancha Fotográfica 17 a 19).

Nas coletas dos materiais arqueológicos processou-se uma triagem das peças, considerando-se não somente a alta quantidade, mas a composição da amostra, formada por inúmeros fragmentos pétreos de lascamento natural, não correspondendo, portanto, à produção de objetos líticos. Assim, optou-se por uma **coleta seletiva**, sendo coletadas somente as **peças seguramente antrópicas**.

Da escavação das quadras identificaram-se duas pequenas áreas de concentração de material lítico, justamente nas quadras que margeiam o rio. Tais áreas foram designadas de **concentração 1** e **concentração 2**, e a partir destas, procurou-se ampliá-las, a fim de que permitissem caracterizar acuradamente os vestígios.

A **concentração 1** registrou-se na área sul da intervenção, compreendendo as quadras D1 e C1. A elevada concentração de peças líticas na D1 (principalmente lascas e micro-lascas residuais), dispostas horizontalmente num mesmo plano (entre 0 e 30 cm de profundidade), acompanhando a leve ondulação do terreno, sugeria estar-se diante de uma área de debitagem. Por essa razão se implantaram três quadras adicionais – A0, A1 e B1, distantes entre 10 m e 20 m - com o intuito de avaliar a dispersão do material arqueológico e dimensionar a área de talhe. Estas quadras resultaram na coleta de escasso material arqueológico. Para além destas 03 quadras, a quadra D1 foi ampliada em 100 cm para leste, na direção do rio, abrindo-se, ainda, duas quadras adicionais – D1 Amp. 1 e D1 Amp. 2 – no seu entorno. As ampliações, na forma de alargamento da quadra D1 e abertura das quadras D1 Amp. 1 e D1 Amp. 2, permitiram verificar uma continuidade na concentração de material na área, bem como inferir que esta teria, aproximadamente, 21m². Das quadras D1 e ampliações, os objetos foram identificados entre 0 e 50 cm de profundidade, provenientes, principalmente, da camada amarelada e areno-siltosa 02.

A **concentração 2** registrou-se na porção mais a norte das intervenções, antes do remanso do rio - quadras N1 e O1. Destas quadras provêm elementos líticos variados, desde núcleos, lascas, microlascas a instrumentos fragmentados, sugerindo estar-se não mais em uma área somente de debitagem, mas também de *façonnage*, da efetiva produção dos instrumentos. Também nesta área outras duas quadras foram abertas - O0 e O2 - que distam da O1 3,0 m e 5,0 m, respetivamente. Na quadra O0 não se identificaram materiais, na quadra O2 constatou-se baixa frequência. Nesta concentração foram identificados materiais entre as profundidades de 10 e 90 cm (apenas um objeto entre 100 e 110 cm), em meio ao solo areno-siltoso. Ademais, na quadra O0 as peças foram identificadas nas brechas do substrato laterítico, apresentando-se imbricadas e dispostas tendencialmente na vertical, razão que nos leva a associar a deposição destes artefatos aos movimentos do rio.

Quadro 26. Sítio Jatobá – Coordenadas UTM das Quadras e Resultados

Quadra	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
A0	805621	8528802	Negativo
A1	805606	8528803	Negativo
B1	805628	8528837	Positivo
C1	805633	8528867	Positivo
C2	805623	8528860	Positivo
C3	805621	8528859	Positivo
C4	805612	8528859	Negativo
C5	805597	8528861	Negativo
D1	805646	8528878	Positivo
D1 A1	805646	8528872	Positivo
D1 A2	805640	8528875	Positivo
D2	805634	8528870	Positivo
D3	805621	8528872	Positivo
D4	805602	8528862	Negativo
D5	805583	8528879	Positivo
E1	805639	8528882	Positivo
E2	805628	8528883	Negativo
E3	805618	8528885	Positivo
E4	805609	8528885	Positivo
E5	805594	8528891	Positivo
F1	805636	8528916	Positivo
F2	805628	8528905	Positivo
F3	805626	8528906	Positivo
F4	805617	8528908	Negativo
F5	805606	8528935	Positivo
G2	805631	8528925	Positivo
G3	805629	8528926	Negativo
G4	805622	8528918	Negativo
G5	805620	8528922	Negativo
H0	805617	8528972	Negativo
H1	805624	8528950	Positivo
H4	805609	8528941	Positivo
I1	805615	8528974	Negativo
J1	805618	8528999	Positivo
K1	805625	8529028	Positivo
L1	805626	8529053	Positivo
M1	805626	8529051	Positivo
N1	805639	8529095	Positivo
O0	805633	8529133	Negativo

O1	805640	8529103	Positivo
O2	805631	8529131	Positivo
Q4	805565	8529098	Negativo
P1	805624	8529146	Negativo
P2	805608	8529123	Positivo
Sondagem			
N4	805565	8529098	Negativo
P4	805559	8529149	Negativo
O4	805559	8529123	Negativo
I4	805562	8528987	Negativo
J4	805561	8529011	Negativo
K4	805560	8529037	Negativo
L4	805561	8529059	Negativo
M4	805564	8529079	Negativo

6.9.3 Estratigrafia

No sítio Jatobá identificam-se cinco níveis estratigráficos distintos, os quais estão representados no quadro 27, abaixo.

A camada 02 identifica-se em todas as quadras escavadas, surgindo sob a camada orgânica 01 e sobre o nível laterizado 03. A sua expressão estratigráfica é variável, registrando uma espessura menor nas quadras mais próximas do rio.

A camada 03 identifica-se sob a camada 02, registrando-se, em alguns pontos, a 20 cm de profundidade em relação à superfície do solo, especialmente nas quadras que acompanham o rio. Está sobre a camada 04.

O estrato 04 identifica-se em cinco quadras - A1, D1, E1, J1 e N1. Trata-se de depósito fluvial que, na quadra N1, se identifica sobre o substrato rochoso 05.

Quadro 27. Sítio Jatobá - Estratigrafia

c.1	Sedimento areno-siltoso, castanho, de granulometria fina, não granular, porosidade média e compacidade solta à macia. Apresenta abundantes inclusões de raízes e matéria orgânica em decomposição, com uma espessura variável entre os 5 e 15 cm. Camada orgânica, de superfície. Cobre a camada 02.
c.2	Sedimento areno-siltoso, castanho claro amarelado, de granulometria fina, não

	<p>granular, porosidade média e compactação solta à macia. Apresenta algumas inclusões de raízes de pequena a grande dimensão e alguns pequenos carvões. Nesta camada coletaram-se materiais líticos (0-80 cm) e um fragmento de cerâmica (40-50 cm). Apresenta uma espessura variável de 15 a 70 cm. Cobre a camada 03.</p>	
<p>c.3</p>	<p>Sedimento silto-arenoso, castanho amarelado, com manchas ferrosas alaranjadas, não granular, de textura silto-arenosa, porosidade média e compactação solta à macia. Trata-se de solo laterítico, que deve às abundantes inclusões de laterita - que surge em forma granular ou em bloco - de coloração e compactação heterogêneas. Da camada exumou-se material arqueológico a profundidades variáveis entre 30-50 cm e 100-110 cm. Apresenta uma espessura variável de 10 a 50 cm. Cobre a camada 04.</p>	<p>Perfil Leste da Quadra F3</p>
<p>c.4</p>	<p>Sedimento areno-siltoso, castanho acinzentado claro, de granulometria fina, não granular, porosidade média e compactação solta à macia. Apresenta níveis de cascalho arredondado.</p> <p>Nesta camada se identificou escasso material lítico, identificados a 110-130 cm de profundidade. Registra-se uma espessura estratigráfica entre 20 e 60 cm. Depósito fluvial. Cobre a camada 05.</p>	<p>Perfil Leste da Quadra E4</p>
<p>c.5</p>	<p>Substrato rochoso: arenito esbranquiçado.</p>	<p>Perfil Sul da Quadra N1</p>

Planta 9. Sítio Jatoba

Prancha Fotográfica 17. Sítio Jatoba – Paisagem

Prancha Fotográfica 18. Sítio Jatoba – Salvamento

Prancha Fotográfica 19. Sítio Jatoba – Salvamento

6.9.4 Caracterização do material cerâmico

No sítio Jatobá foi coletado, na fase de resgate, apenas um fragmento cerâmico proveniente da quadra E4, no nível 40-50 cm (JT-E4-5-1).

O fragmento corresponde a uma parede, apresentando-se pouco lixiviado, ou seja, pouco desgastado, tendo como principal antiplástico o cariapé dos tipos A e B³³ em frequência muito abundante, também se evidenciando a presença de quartzo de calibre moderado, de forma rolada e de cor translúcida. A coloração é homogênea, de cor laranja. O fragmento apresenta alisamento apenas na face interna, não se identificando quaisquer outras evidências de tratamento de superfícies. Não apresenta nenhum indício de manufatura, forma, decoração ou pintura (Figura 82).

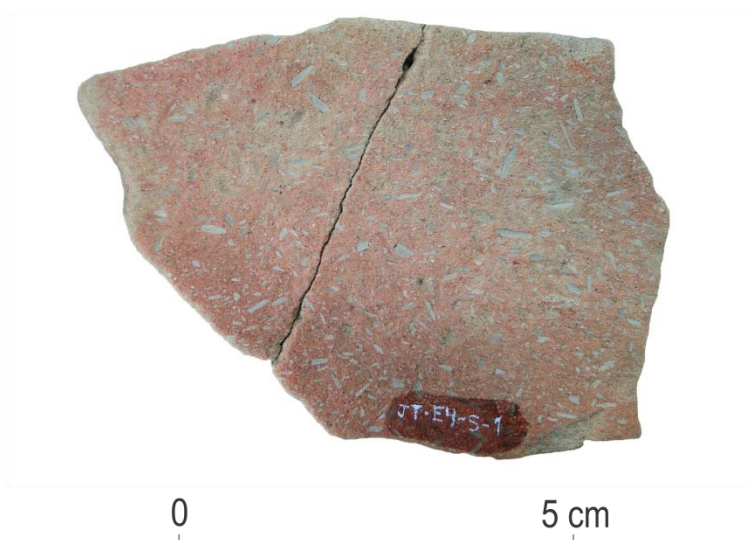


Figura 82. Sítio jatobá - Fragmento de parede cerâmico com cariapé - setembro/2014

³³ Vide definições de cariapé no item 3.3.3.1 (Metodologia) deste relatório.

6.9.5 Caracterização dos objetos líticos

A indústria lítica do sítio Jatobá reúne 986 objetos líticos, porém, 533 destes foram descartados, pois correspondem a detritos de lascamento (considerando-se ainda que algumas peças poderiam ser resultantes de lascamentos naturais, não antrópicos) e, portanto, não apresentam atributos que contribuiriam nas análises técnicas da indústria. Assim, foram analisados 453 objetos, estando estes dispersos da superfície aos 130 cm de profundidade³⁴. Quanto à dispersão, observa-se que do início da ocupação, aos 130 cm, até os 50 cm os objetos (compondo 18,2% da coleção) são mais escassos, com concentrações por níveis menores do que 7,3%. A partir dos 50 cm até a superfície, onde se concentra 81,7% da coleção, registra-se um acréscimo nos percentuais por nível, sendo estes variáveis entre 8,8% (40-50 cm) e 22,5% (20-30 cm) - (Gráfico 47).

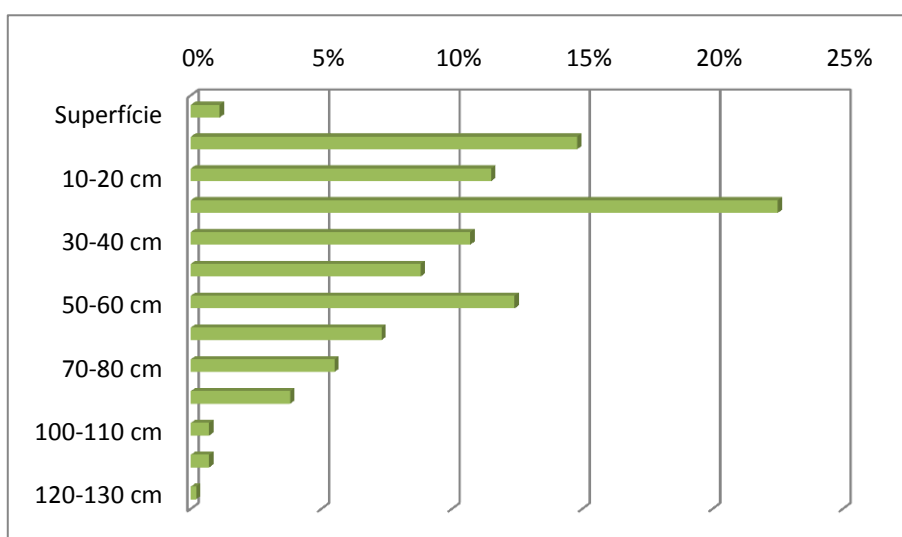


Gráfico 47. Sítio Jatobá – Frequência de objetos líticos ao longo da ocupação

Registra-se, assim, que a ocupação inicia, aos 130 cm, com quantidades ínfimas de objetos (entre 130-100 cm, apenas 7 peças), e segue crescente até os 50-60 cm, onde o nível concentra 12,4% (56 peças) dos objetos da indústria. Após este intervalo, dos 50 a 30 cm, tem-se um pequeno decréscimo, voltando, a partir daí, a crescer e aos 20-30 cm apresentar o maior percentual (22,5% - 102 peças). Dos 20 cm até o abandono do sítio, o número de objetos reduz, chegando à superfície com apenas 1,1% do total (05 peças).

Inicialmente se observa a ininterrupta ocupação do sítio. Além disso, numa análise preliminar, a crescente quantidade de materiais pode estar diretamente relacionada, dentre outras possibilidades, ao aumento populacional e/ou ao aumento das atividades de lascamento.

³⁴ A dispersão dos objetos apresentada não se altera, caso fossem incluídas as peças descartadas.

Ainda quanto à dispersão dos materiais, também se destacam as altas concentrações nas quadras 'D' e 'O', onde os percentuais chegam a 33,6% e 30,5%, respectivamente, do total dos objetos da indústria. Na quadra 'C' os objetos decrescem para 10,6% e nas quadras restantes, não ultrapassam 10%. Essas variações percentuais por quadra podem estar representando os locais dentro do sítio em que os lascamentos eram realizados – efetivamente locais específicos de produção de objetos (Gráfico 48).

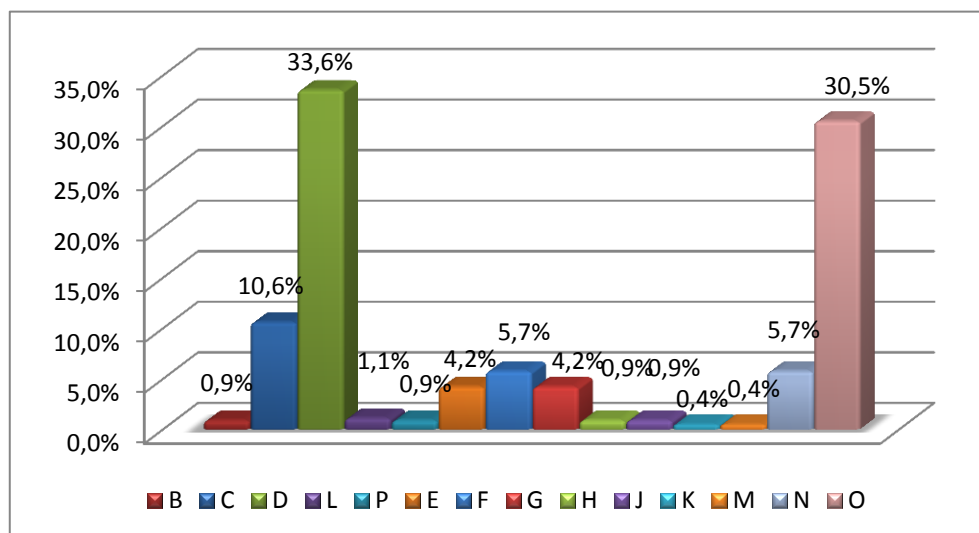


Gráfico 48. Sítio Jatobá – Frequência de objetos líticos x Quadra

Segue a análise das estratégias dos artesãos empregadas na produção desta indústria.

Aquisição das matérias-primas

As matérias-primas utilizadas compreendem majoritariamente arenitos silicificados de textura média e coloração variável entre cinza (maioria), marrom e avermelhado. O resíduo cortical existente em 23% dos objetos indica que as fontes de matéria-prima foram tanto os seixos (66,3%) quanto os blocos disponíveis nas margens e afloramentos da região. Estes arenitos são encontrados na superfície das cascatas e corredeiras que se formam no período das secas no rio Jatobá, a cerca de 1,0 km deste sítio, os quais, visto a grande disponibilidade e alta qualidade de lascamento, serviram como fonte de matéria-prima de inúmeros grupos indígenas pré-históricos que ocuparam este território.

As atividades de lascamento

A produção dos objetos corresponde à categoria de: núcleos (3,1% - 14 peças), lascas residuais (71,4% - 324 peças), detritos (18,1% - 82 peças) e instrumentos (7,1% - 32 peças). E, exceto estas produções, completa a indústria um (01) seixo de matéria-prima natural, indicando que a proximidade aos seixos fez com que estes fossem transportados ao sítio e lá lascados

totalmente. Ademais, tem destaque o alto percentual de lascas e detritos em detrimento dos núcleos e dos instrumentos, reforçando a hipótese do alto grau de lascamentos ocorridos dentro do sítio.

No Gráfico 49, abaixo, observa-se que as distintas categorias repetem-se ao longo de toda a ocupação e com o predomínio, equivalente, de lascas residuais e detritos.

As lascas residuais em todos os níveis são mais numerosas (variando de 33,3% [100-110 cm] a 80,6% [0-10 cm] – com exceção do nível 120-130 onde foi identificado apenas uma (01) lasca, perfazendo 100% dos objetos). Em seguida, os detritos ocorrem em menores percentuais, variando entre 11,9% (0-10 cm) e 33,3% (110-120 cm). Por fim, os núcleos e os instrumentos, em todos os níveis, são os objetos mais escassos – os núcleos variam entre 2,0% (20-40 cm) e 20% (superfície) e os instrumentos entre 2,5% (40-50 cm) e 40% (superfície). As maiores diferenças percentuais ocorrem nos níveis mais profundos (100-130 cm) e na superfície, porém, tais percentuais se referem a um número muito reduzido de objetos, 05 e 07 peças respectivamente, daí a variação observada.

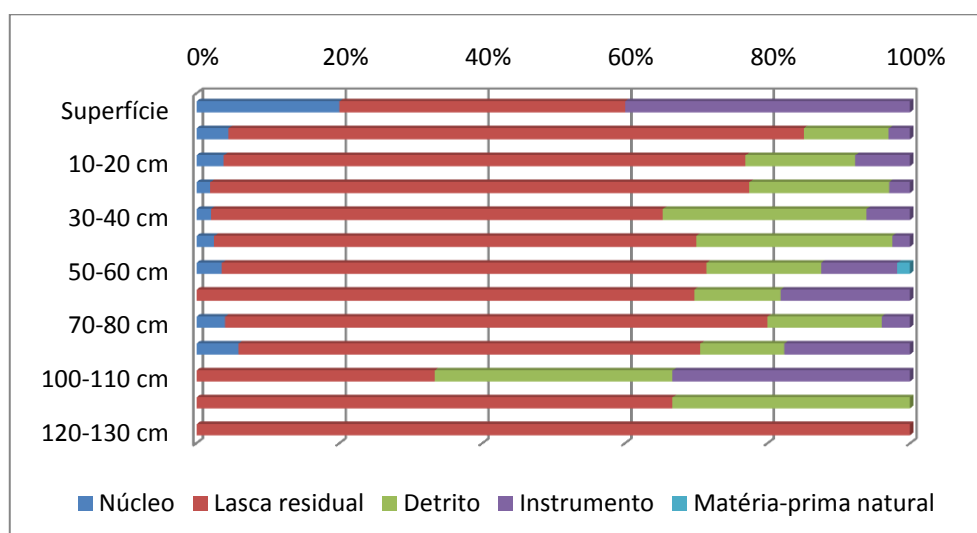


Gráfico 49. Sítio Jatobá – Frequência geral de categoria de objetos x Nível

Embora se tenha constatado que matrizes foram transportadas ao sítio inteiras, a baixa frequência de núcleos e de resíduo cortical indica que a início dos lascamentos parece ter ocorrido nas fontes, sendo as matrizes transportadas até o sítio já previamente lascadas.

A técnica de lascamento empregada foi majoritariamente a unipolar com percutor duro.

As estratégias de produção até aqui apresentadas denotam que os objetos, nos diferentes níveis da ocupação, seguiram um mesmo esquema operatório, o que indica que os habitantes, ao longo de todo o período de ocupação do sítio, pertencem a um mesmo grupo étnico. Neste caso,

justifica-se a apresentação das análises divididas segundo as diferentes categorias de objetos e, estas, exemplificadas através da análise diacrítica, ilustrações e indicação dos níveis de algumas peças, procurando clarificar semelhanças ou diferenças em suas produções.

Segue a apresentação das distintas categorias.

Núcleos

Os núcleos somam 14 exemplares e, estes, numa forma mais genérica de classificação, ter-se-iam peças correspondentes ao sistema C e D de debitage³⁵ (VIANA *et al.*, 2014). Todavia, observam-se particularidades no modo de debitage de alguns exemplares que dificulta enquadrá-los num ou noutro sistema, pois suas características técnicas são ambíguas. Deste modo, optou-se por uma classificação que clarificasse estas explorações, procurando, dentro de um “sistema” maior, subdividi-las em tecnotipos.

Seguem as descrições técnicas dos diferentes tecnotipos com suas respectivas ilustrações:

a. Sistema C – tecnotipo 1

Núcleos cuja exploração ocorre a partir de uma superfície cortical ou do preparo de uma superfície plana e lisa (plataforma de percussão). A matriz é explorada, na maioria dos casos, parcialmente, de modo que se mantêm até 2/3 de córtex (Ex.: H1-1 [0-10cm]: 18,4 x 16,0 x 11,2 cm [Figura 83]; N1-5 [50-60 cm]: 13,2 x 9,8 x 9,0 cm [Figura 84]). Noutros casos, a matriz é explorada totalmente, mas nestes casos, o núcleo apresenta uma configuração poliédrica (sem uma clara estrutura), pois lascamentos são efetuados anteriormente ao preparo da plataforma de percussão. Alguns destes núcleos podem também ter sido empregados como instrumento, pois apresentam gumes modificados (sejam por negativos de bulbos pronunciados seja por microretiradas que sugerem retoques), de delineações denticuladas de ângulos de 60/70° (Ex.: O1-13 [50-60 cm]: 14,6 x 12,2 x 8,6 cm [Figura 85]).

³⁵ Veja item 3 - Metodologia, neste relatório.

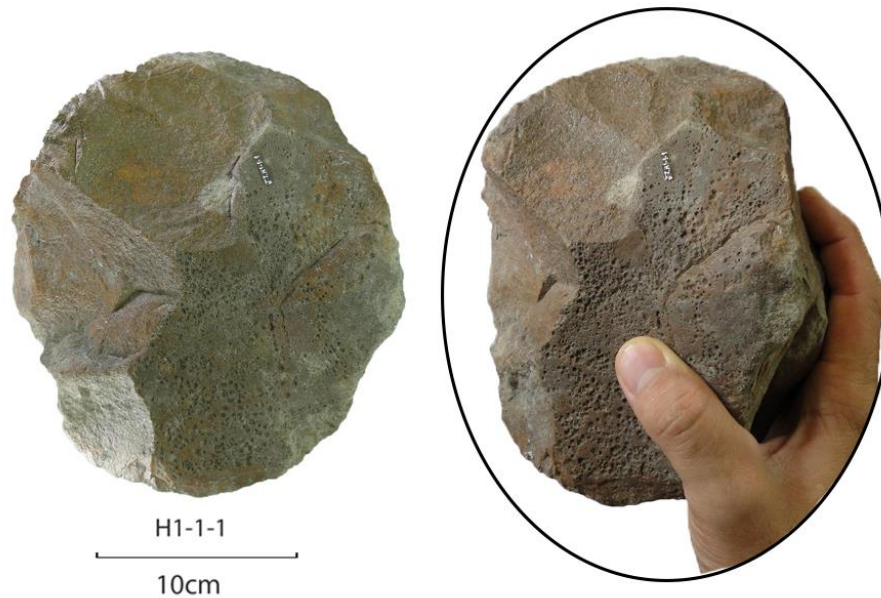


Figura 83. Sítio Jatobá (0-10 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 1, debitagem a partir de córtex (JT-H1-1)

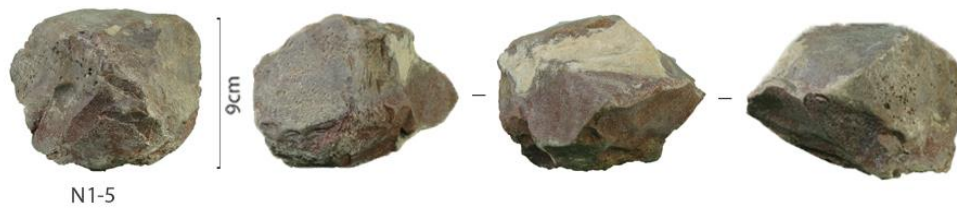


Figura 84. Sítio Jatobá (50-60 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 1, debitagem a partir de córtex (JT-N1-5)



Figura 85. Sítio Jatobá (50-60 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnotipo 1, poliédrico, utilizado também como instrumento (JT-O1-13)

b. Sistema C – tecnótipo 2

Núcleos explorados sobre grandes lascas. Inicialmente preparo do talão para a debitagem de uma lasca, cuja face ventral (plana e lisa) servirá como plataforma de percussão para os lascamentos seguintes. Podem ocorrer lascamentos anteriores à debitagem da lasca, sendo estes evidentes no dorso da matriz. Os lascamentos efetuados a partir da face ventral definem uma (numa lateral da lasca) ou duas (em ambas as laterais) superfícies de lascamento, restando 1/3 ou até metade da matriz revestida por córtex. As lascas obtidas são longas e largas, com talão liso e bulbo pronunciado (Ex.: D1-36 [20-30cm]: 19,0 x 14,0 x 8,0 cm [Figura 86]; D1-4 [10-20cm]: 18,0 x 12,0 x 6,1 cm [Figura 87]).



Figura 86. Sítio Jatobá (20-30 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnótipo 2, sobre lasca (JT-D1-36)

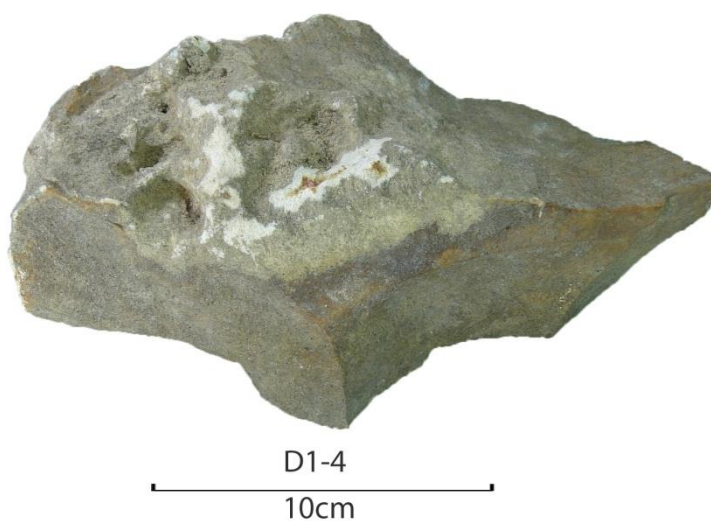


Figura 87. Sítio Jatobá (10-20 cm) – Núcleo de arenito silicificado, tecnótipo 2, sobre lasca (JT-D1-4)

c. Sistema D – tecnotipo 1 (tipo *Manso*)

Matriz com estrutura volumétrica semelhante à concepção de debitação discoide, ou seja, duas superfícies convexas, delimitadas por um plano de interseção, que são exploradas por golpes de direção secante, de forma não hierarquizada. Contudo, nestes exemplares do sítio Jatobá, observam-se diferenças na debitação, idênticas as apontadas por Viana (et al., op. cit.) para os núcleos denominados do tipo *Manso* – núcleos relacionados a sítios litocerâmicos da bacia do Rio Manso, região central do Estado do Mato Grosso, datados de cerca de 1.000 A.P. Nestes casos, as sequências de lascamento são poucas e curtas, nem sempre atingem o centro da superfície de lascamento e estão dispostas somente em direção centrípeta, não havendo negativos de direção cordal (o que caracteriza os núcleos discoides). Nestes exemplares do Jatobá, ainda restam zonas corticais e uma quantidade de matriz ainda apta à exploração (Ex.: D1-3 [10-20cm] 16,1 x 12,5 x 9,2 cm [Figura 88]; B1-1 [0-10cm]: 17,5 x 12,5 x 9,7 cm [Figura 89]).

Tais núcleos destacam-se na indústria, pois suas matrizes resultam em peças estruturalmente similares a peças bifaciais, também presentes nesta coleção, o que torna difícil avaliar a real intenção do artesão ao produzi-lo. Peças, aqui definidas como núcleos, podem estar relacionadas ao início do *façonnage* de peças bifaciais.

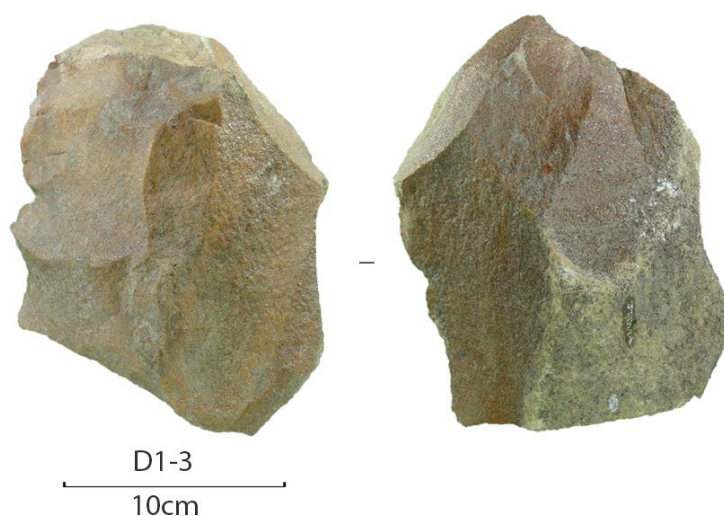


Figura 88. Sítio Jatobá (10-20 cm) – Núcleo de arenito silicificado, Sistema D (tipo *Manso*)

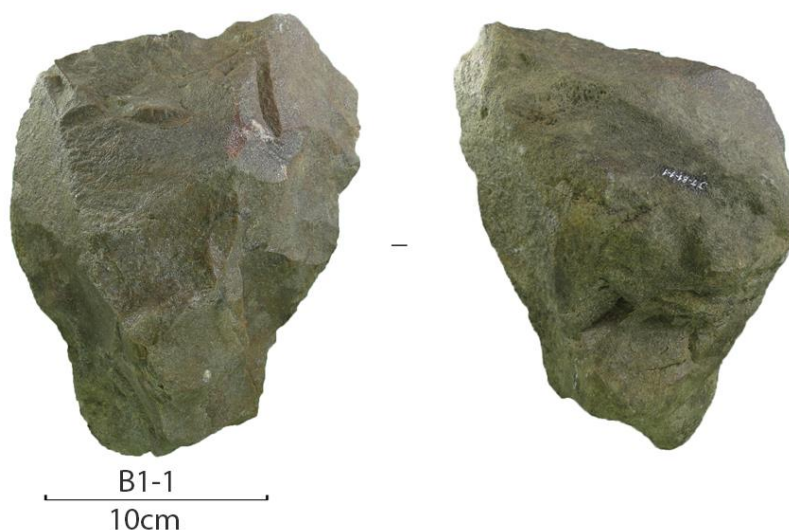


Figura 89. Sítio Jatobá (10-20 cm) – Núcleo de arenito silicificado, Sistema D (tipo *Manso*)

Os resíduos de lascamento – lascas residuais e detritos

As lascas residuais e os detritos correspondem, respectivamente, a 71,5% e 18,1 do total desta indústria – correspondendo em todos os níveis às categorias de objetos mais numerosos.

Lascas residuais

Ao longo de todos os níveis da ocupação não se observam entre as lascas residuais métodos diferenciados de produção, pois não ocorrem exemplares cuja matéria-prima e/ou técnica de produção e/ou construção volumétrica sejam exclusivas de um ou mais níveis de ocupação - as correlações são perceptíveis e suas variações tecnológicas comuns.

Assim, registra-se que:

- 80,2% não apresentam resíduo cortical e 14,8% apresentam córtex recobrindo não mais do que 1/3 da peça;
- as lascas não apresentam construção volumétrica e seção mesial padronizada – em geral, os lascamentos dorsais ocorrem paralelos ao eixo de debitagem da lasca; mas se registram também lascamentos concêntricos e aleatórios;
- a sua maioria (79,9%) corresponde ao tecnotipo D2, ou seja, lascas derivadas das etapas intermediárias da debitagem; em menores frequências têm-se lascas corticais (tecnotipo D1 – 0,9%) e de *façonnage* (tecnotipo F – 19,2%) – tais

percentuais sustentam a hipótese de que os lascamentos iniciais ocorreram fora e a continuidade das produções dentro do sítio (até a finalização dos instrumentos);

- o talão das lascas unipolares, quando presente, é diverso, mas predominam talões lisos (54,6%), há baixos percentuais de talão facetado, cortical e linear - muitas lascas estão fragmentadas na porção proximal, sem talão (35,4%);
- quanto às dimensões das lascas inteiras, estas variam de 0,2 a 18,7 cm de comprimento e de largura e de 0,2 a 7,0 cm de espessura. Porém, predominam as lascas entre 2,1 e 6,0 cm de comprimento e largura e entre 0,2 e 2,0 cm de espessura. É preciso destacar a presença de grandes lascas, com alguns exemplares fragmentados medindo 20,1 cm de comprimento. (Gráfico 50).

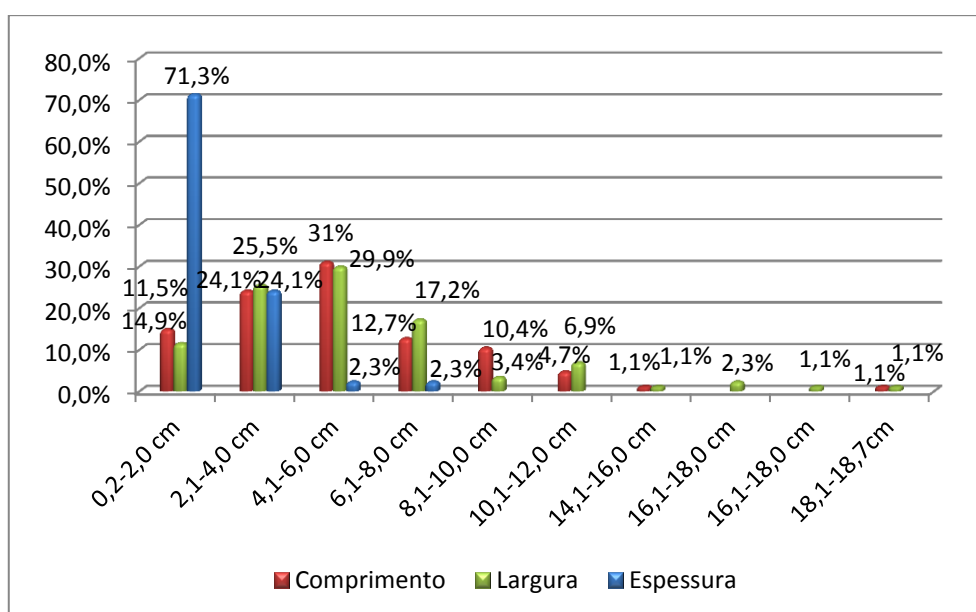


Gráfico 50. Sítio Jatobá – Dimensões das lascas residuais

Detritos

Os detritos somam 82 exemplares. Dentre estes, 82,9% são acorticais. Quanto às dimensões, variam de 1,7 a 10,2 cm de comprimento; de 0,8 a 8,5 cm de largura e de 0,2 a 4,3 cm de espessura. Assim como as lascas, há detritos grandes - alguns parecem representar fragmentos de instrumentos.

Instrumentos

Os instrumentos totalizam 32 exemplares (7,1% da coleção) – sendo mais frequentes entre 50 e 70 cm de profundidade, onde se registram 06 instrumentos em cada nível, e entre 10 e 20 cm, onde se registram 04. Nos outros níveis, a quantidade não excede a 03 peças. Dentre esta categoria, identificam-se: lascas retocadas (18 peças), peças unifaciais (07 peças), peças bifaciais (04 peças), percutor (01 peças) e duas (02) peças lascadas sem classificação.

Nesta indústria destacam-se as peças unifaciais, as peças bifaciais e os machados, embora estes sejam menos numerosos do que as lascas retocadas. Já em campo observou-se a recorrência da debitage e do *façonnage* unifacial, embora a bifacialidade tenha sido também percebida, mas em menor escala.

Se comparados os tipos de instrumentos por nível, observa-se a recorrência das lascas retocadas. Sendo estas majoritárias – com exceção da superfície aos 10 cm de profundidade. Neste intervalo, com destaque, tem exclusivamente peças bifaciais. As peças unifaciais, por sua vez, ocorrem em níveis intercalados, mas desde os níveis mais profundos, estando presentes nos níveis: 80-100 cm; 50-60 cm; 30-40 cm e 10-20 cm. Os percutores e a peça lascada sem classificação ocorrem apenas nos níveis 60-70 cm e 30-40 cm, respectivamente (Gráfico 51)

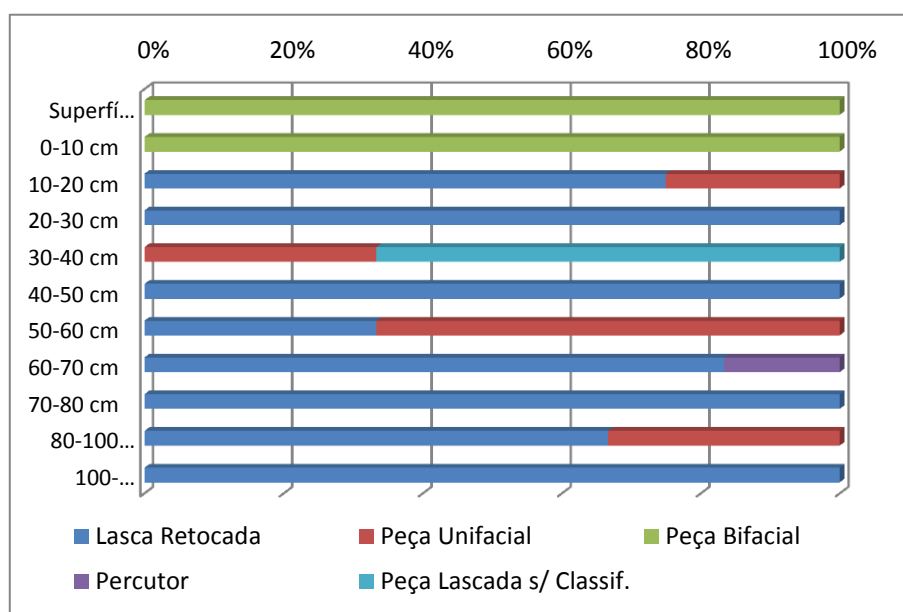


Gráfico 51. Sítio Jatobá – Frequência dos tipos de instrumentos x Nível

Observar-se-á nas comparações inter-sítios desta pesquisa não ser incomum a presença de peças unifaciais e bifaciais em uma mesma indústria. Da mesma forma, não raras vezes, é difícil a leitura diacrítica de algumas destas peças, pois uma mesma matriz compõe lascamentos (de debitage e/ou *façonnage*) bifaciais e unifaciais. Assim sendo, entende-se que uma dada indústria possa compor ambos os tipos de instrumentos, sem que as peças correspondam a grupos culturalmente distintos.

Têm-se, a seguir, a descrição técnica de alguns instrumentos.

Lascas retocadas

As lascas obtidas para comporem suporte de instrumentos derivam, recorrentemente, da debitage dos núcleos do sistema C - tecnotipos 1 e 2 -, pois suas faces dorsais apresentam negativos de retiradas paralelas à debitage da lasca.

Em outros casos, derivam da exploração dos núcleos de estrutura bifacial, pois apresentam talão liso e face dorsal compondo negativos de retiradas centrípetas que convergem para um ponto em comum – correspondendo esta face dorsal da lasca a uma das superfícies de lascamento do núcleo qual derivou. Podem, igualmente, derivar da *façonnage* das peças bifaciais.

Indiferente ao tipo de debitage, a confecção de UTFs(t) pode modificar ou não a estrutura original da lasca suporte - dependendo de quão invasivo for os lascamentos de *façonnage*.

Quanto às dimensões, variam de 2,3 a 17,7 cm de comprimento; de 2,1 a 16,5 cm de largura e de 1,1 a 6,5 cm de espessura - mas predominam as lascas de 6,1 a 10,0 cm de comprimento e de largura (com mais de 20% dos exemplares) e de 2,1 a 4,0 cm de espessura (69,2% das peças) - (Gráfico 52).

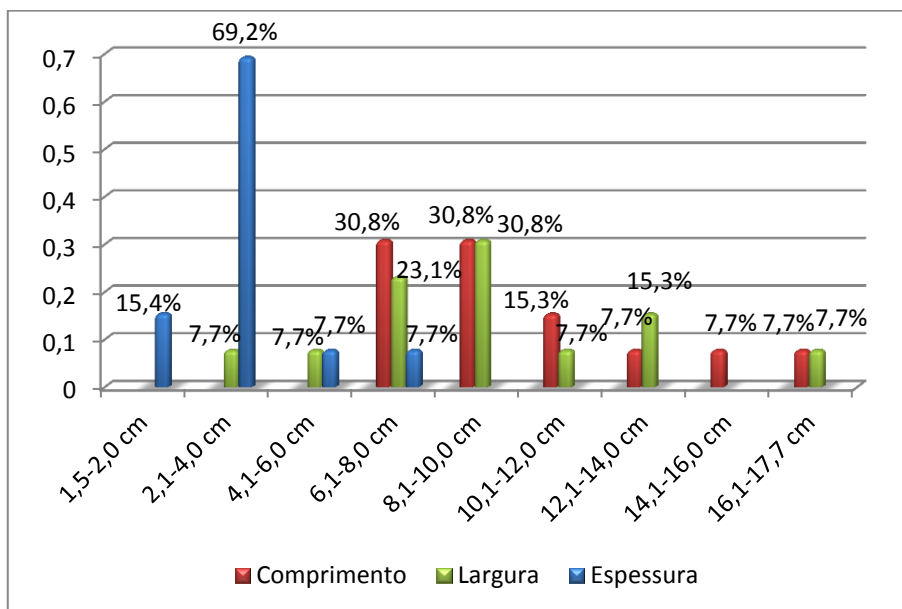


Gráfico 52. Sítio Jatobá – Dimensões das lascas retocadas

Comparado às lascas residuais, observa-se a preferência pelos exemplares maiores e mais volumosos para compor o suporte das lascas retocadas. A seleção de suportes maiores pode estar

relacionado ao tipo de atividade a que tais instrumentos eram designados. Além disso, sendo de grande porte, a boa estruturação da unidade preensiva deveria também ser relevante.

Segue a descrição de cinco (05) lascas retocadas, representativas de instrumentos cujo *façonnage* modificou ou não a estrutura original do suporte:

- JT-G2-18 (20-30 cm: 10,2 x 7,7 x 3,6 cm) - lasca retocada acortical cuja *façonnage* modificou sua estrutura original - identificam-se, a priori, dois talões lisos, uma em cada face. As UTFs(t) são alternas, com duas em uma face e outra na face oposta: a) face ventral - planos de corte e retoques côncavos que delineiam um gume irregular variando entre 50 e 80°; b) face ventral – adjacente à anterior, um plano de corte côncavo que delineia um gume côncavo (coche) de 70°; c) face dorsal – planos de corte convexos (um longo e largo) e retoques (?) que delineiam um gume irregular de 60°. Trata-se de um instrumento para raspar (?) - (Figura 90).

- JT-N1-3 (80-90 cm: 7,7 x 8,4 x 2,8 cm) – lasca retocada acortical cuja *façonnage* modificou sua estrutura original, de talão liso. Pode compor até 3 UTFs(t) adjacentes na face dorsal: a) porção mesio-proximal -retoques côncavos que delineiam um gume irregular de 60°; b) porção mesio-distal esquerda – planos de corte plano e côncavo que delineiam um gume irregular de 60°; c) porção mesio-distal direita – planos de corte e retoques (?) que delineiam um gume irregular também de 60°. Trata-se também de um instrumento multifuncional (?) – (Figura 91).

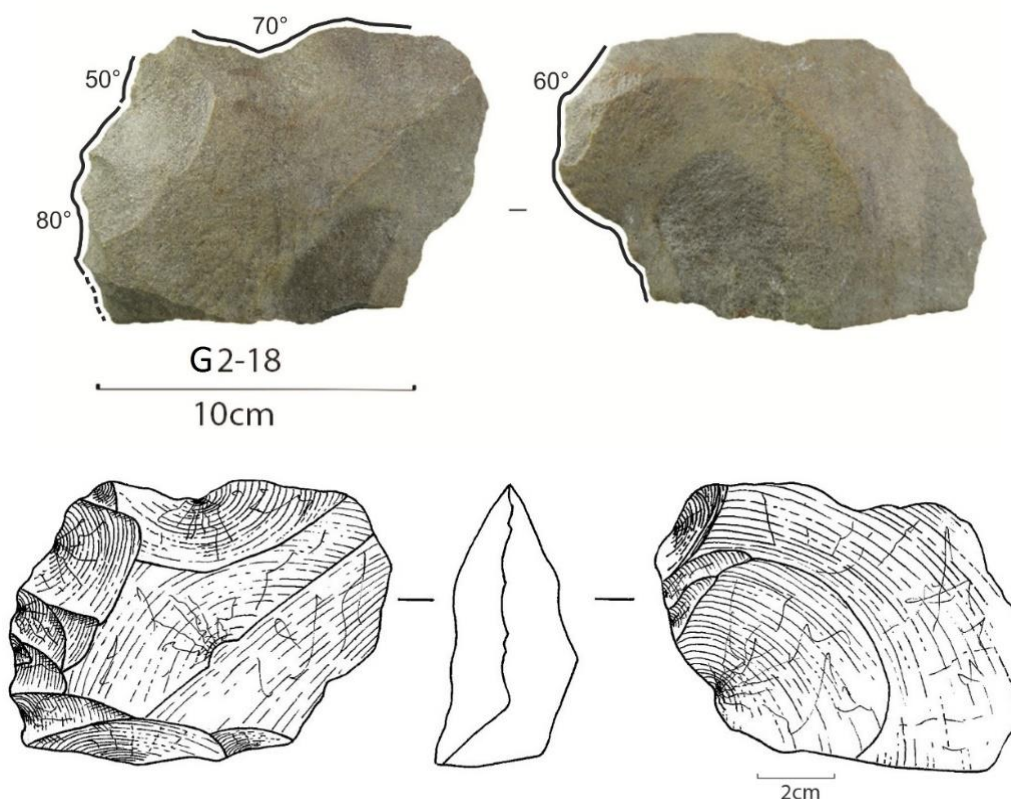


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 90. Sítio Jatobá (20-30 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com UTFs(t) alternas – instrumento para raspar (?)

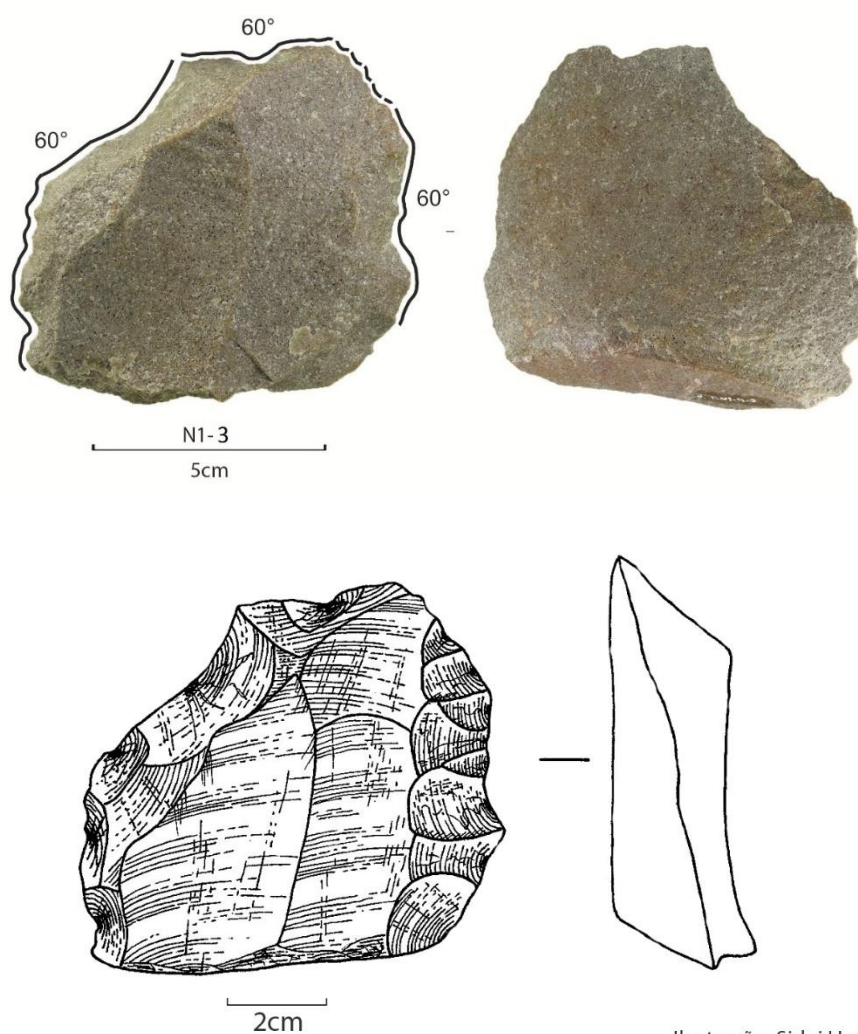


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 91. Sítio Jatobá (80-90 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com 3 UTFs(t) na porção dorsal – instrumento multifuncional (?)

- JT-N1-5 (60-70 cm: 12,0 x 5,4 x 2,8 cm): lasca retocada fragmentada com duas retiradas paralelas ao eixo de debitagem e talão liso – sem modificação da estrutura original. UTF(t) na lateral da face ventral, formada por planos de corte côncavos que delineiam um gume de 60° (Figura 92).

- JT-N1-4 (60-70 cm: 8,0 x 3,1 x 1,5 cm): lasca retocada com três retiradas concêntricas e talão liso - sem modificação da estrutura original. UTF(t) na lateral da face ventral, formada por planos de corte côncavos e retoques escalariformes que delineiam um gume de 60° (Figura 93).

Observa-se a similaridade na organização das unidades ativas entre os dois instrumentos acima descritos, apesar da diferença de dimensões. Provavelmente se tratam de peças designadas a atividades de corte.

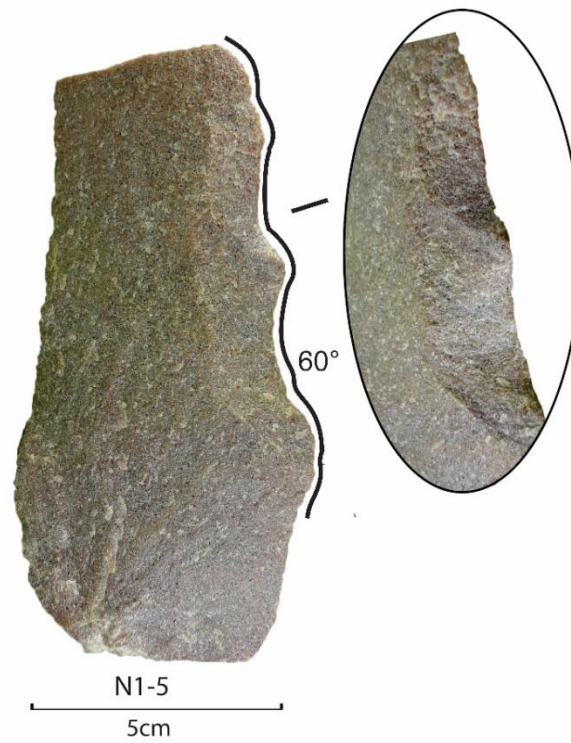


Figura 92. Sítio Jatobá (60-70 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com UTF(t) na lateral da face ventral com gume de 60°

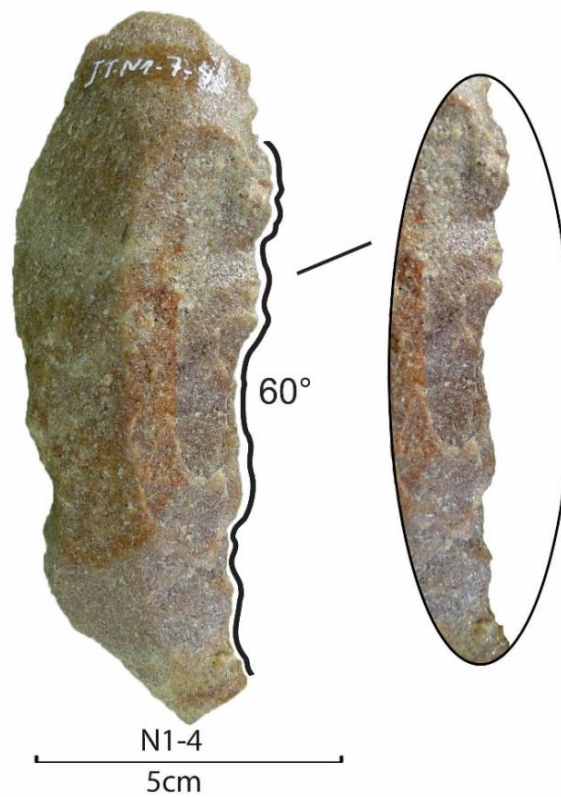


Figura 93. Sítio Jatobá (60-70 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com UTF(t) na lateral da face ventral com gume de 60°

- JT-M1-1 (10-20 cm: 15,2 x 16,5 x 2,9 cm): grande lasca retocada com retiradas concêntricas e talão modificado por um único lascamento centrípeto efetuado posteriormente à obtenção do suporte – sem a modificação da estrutura original. UTF(t) na porção mesio-distal da face ventral, formada por retoques esclarifformes que delineiam um gume irregular que varia de 40 a 70° (Figura 94).



Figura 94. Sítio Jatobá (10-20 cm) - Lasca retocada de arenito silicificado com UTF(t) na porção mesio-distal da face ventral com gume de 40/70°

Pecas Unifaciais

O princípio da *façonnage* unifacial é baseado sobre uma complementaridade entre uma primeira etapa de debitagem completada por uma segunda etapa de *façonnage*. O suporte original é majoritariamente uma lasca, de dimensões relativamente importantes. As características volumétricas desta lasca são parcialmente modificadas por um *façonnage* unifacial, sempre à custa da face superior. A face inferior não é modificada diretamente, mas se a quantidade de matéria retirada durante o *façonnage* for importante, sua configuração original pode mudar de maneira sensível (supressão do bulbo, por exemplo) (VIANA et al. 2014: 156-157).

Nessa indústria, contudo, apesar dos suportes não serem necessariamente lascas e tais peças apresentarem construções volumétricas e morfologias diversas, suas produções obedecem a um mesmo princípio técnico. Ou seja:

- Foram produzidas sobre matrizes (seixos e blocos) volumosas;
- O suporte corresponde a uma lasca obtida por debitagem ou o suporte é a matriz original onde, através do *façonnage*, cria-se uma superfície plana (base) que servirá

como plataforma de percussão para as retiradas unifaciais – podendo esta superfície ser lisa ou facetada;

- O *façonnage* unifacial ocorre às custas da face superior, alterando significativamente sua configuração original - exceto se for mantido córtex no ápice da peça;
- Em alguns casos, observam-se retiradas feitas anteriormente ao preparo da superfície plana (base) - a fim de adequar a matriz à forma prevista do instrumento finalizado;
- Em geral, pequenas porções corticais são mantidas; em poucos casos o córtex é eliminado totalmente;
- As UTFs(t) são criadas através de planos de corte e/ou retoques e marcas de uso. Quando existentes, os planos de corte são invasivos, côncavos ou planos, e os retoques, em geral, descontínuos e escalariformes – delineando gumes convexos, irregulares e pontiagudos, com ângulos variando entre 60° e 90°;
- As unidades prensivas correspondem à porção mais espessa da peça, correspondendo ao talão, caso este tenha sido mantido se o suporte for uma lasca; à parte mesio-proximal que pode ser cortical ou preparada, ou seja, *façonnada* até tornar o instrumento adequado à preensão.

Destaca-se que, não fosse a regularidade na organização dos planos de corte, estas peças poderiam ser correlacionadas aos núcleos do tecnótipo 2 (núcleos sobre lascas), pois apresentam semelhanças estruturais – ainda que estes instrumentos sejam menores do que os núcleos. Neste caso, o *façonnage* de configuração destas peças unifaciais corresponderia à debitação de núcleos. De qualquer modo, a unifacialidade é uma das características técnicas determinante dessa indústria do sítio Jatobá, pois há recorrência na produção de instrumentos unifaciais, embora apresentem construções volumétricas diversas.

Segue a descrição técnica de quatro peças unifaciais e respectivas ilustrações:

- JT-N1-2 (50-60 cm: 9,0 x 6,8 x 4,7 cm) – base composta por uma superfície plana/lisa e cortical; unidade ativa numa lateral que se estende até a extremidade distal, formada por planos de corte planos/convexos e sutis retoques que delineiam um gume irregular/denticulado, com ângulo de 60°; unidade prensiva na porção mesio-proximal (córtex na base na porção superior) - (Figura 95).

-JT-N1-2 (80-90 cm: 8,0 x 7,6 x 5,2 cm) – lasca como suporte e acortical; uma única (que contorna toda a borda da peça) ou duas unidades ativas (uma em cada lateral, estendendo-se até a

extremidade distal), formadas por planos de corte planos/côncavos e retoques escalariformes que delineiam gumes irregulares/convexos, com ângulo de 60/70°. Outra UTF(t) foi criada na face ventral na porção mesioproximal, formada por planos de corte planos e retoques escalariformes que delineiam outro gume irregular/convexo de 70°. A unidade preensiva localiza-se na porção mesio-proximal (talão liso e superfície superior facetada) – (Figura 96).

-JT-O1-16 (30-40 cm: 12,2 x 10,2 x 5,2 cm) – lasca como suporte e córtex mantido sobre a porção superior da peça; unidade ativa numa lateral que se estende até a extremidade distal, formada por planos de corte planos e sutis retoques que delineiam um gume irregular/denticulado, com ângulo de 60°; unidade preensiva na porção mesio-proximal (talão e superfície superior cortical) – (Figura 97).

-JT-D1-1 (10-20 cm: 10,2 x 10,0 x 6,3 cm) – lasca como suporte, porém facetada, e acortical; unidade ativa em ambas as laterais, formadas por planos de corte côncavos, que se estendem até a extremidade distal formando um gume pontiagudo - ângulos dos gumes variam 60/70°; unidade preensiva na porção mesio-proximal (talão liso e superfície superior facetada) – (Figura 98).

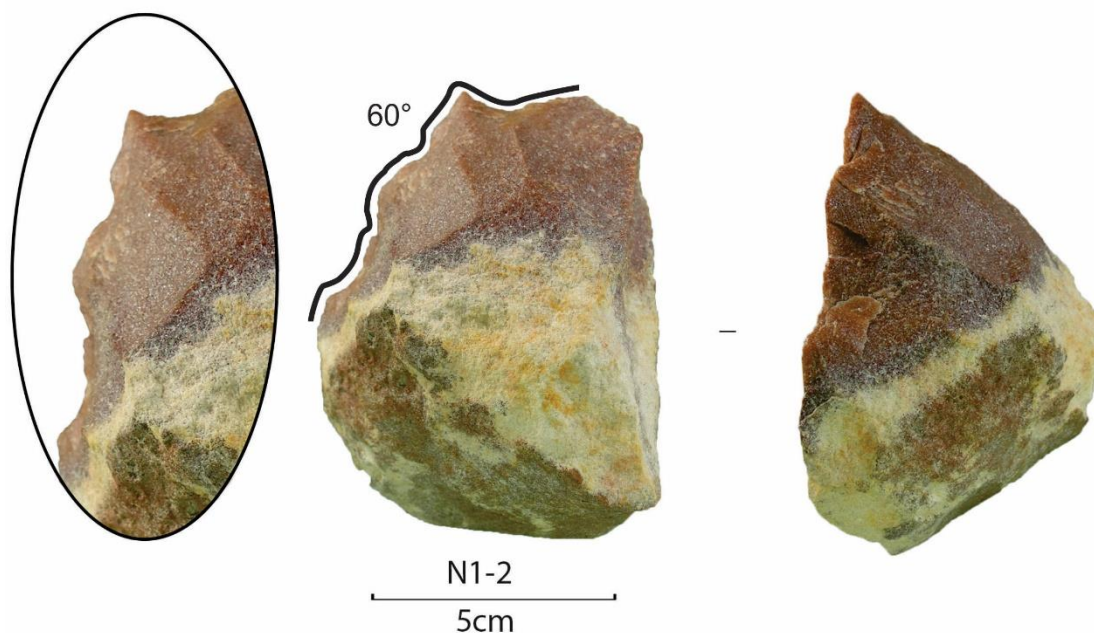


Figura 95. Sítio Jatobá (50-60cm) – Peça unifacial, base plana, lisa e cortical, gume irregular/denticulado de 60°

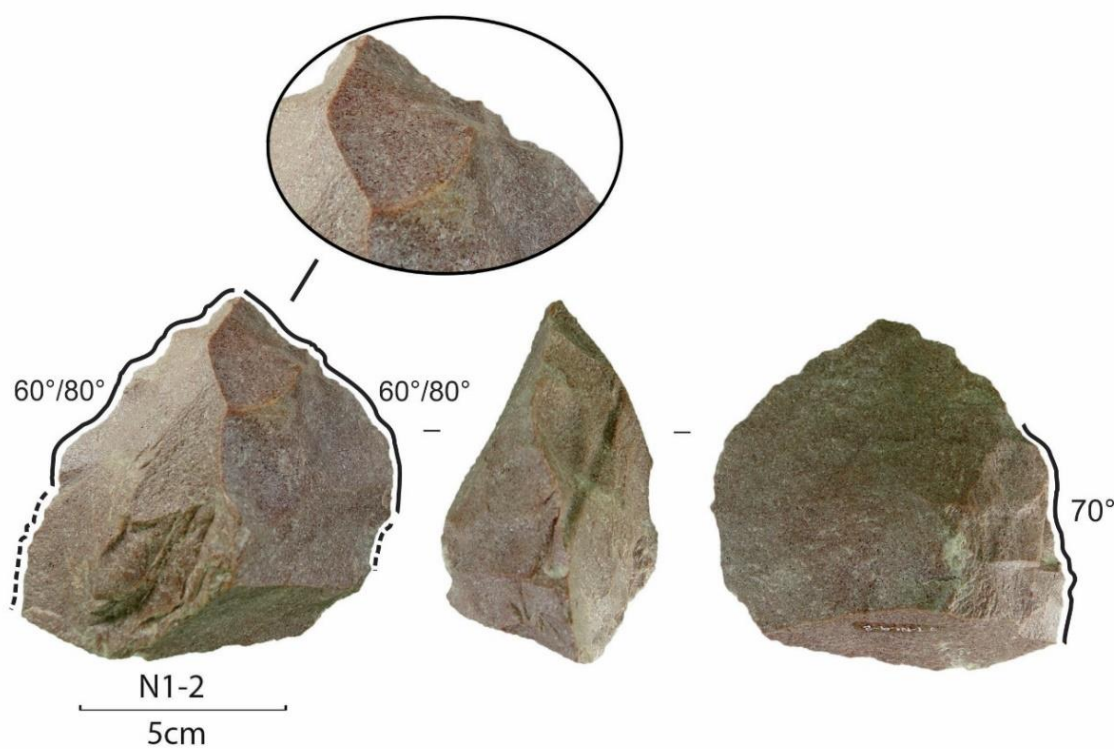
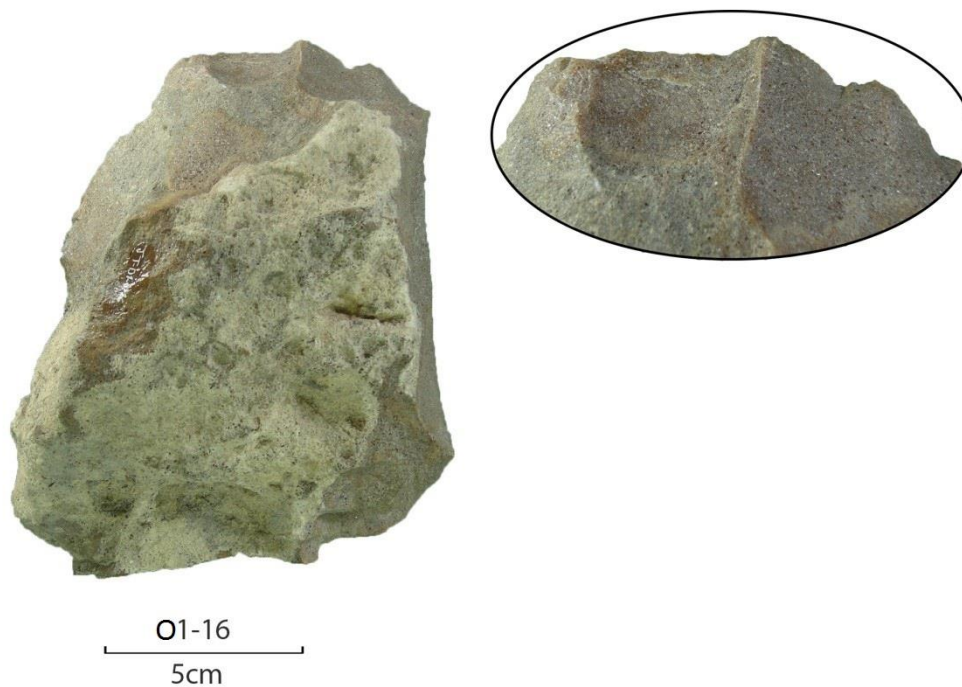


Figura 96. Sítio Jatobá (80-90 cm) – Peça unifacial, lasca como suporte, uma ou duas UTFs(t) de gume irregular/convexo de 60°



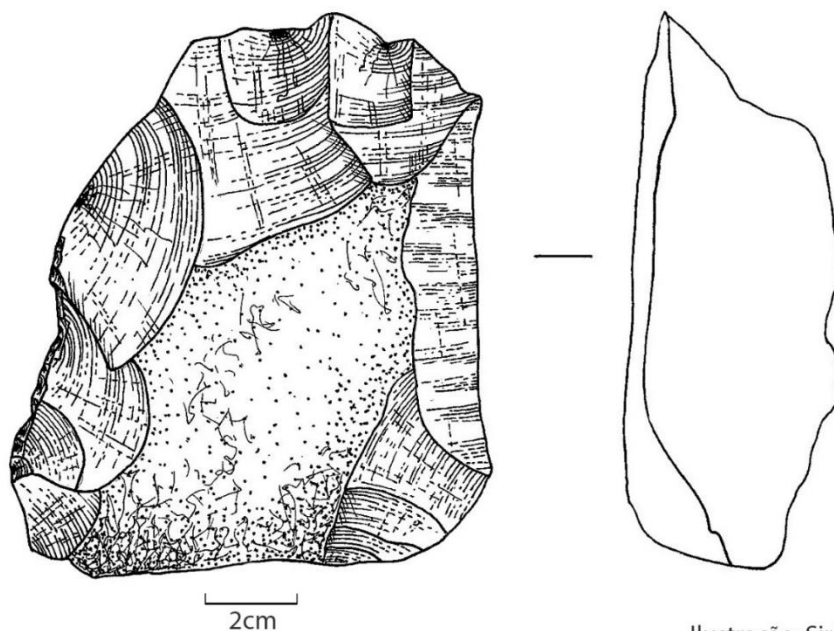


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 97. Sítio Jatobá (30-40 cm) – Peça unifacial, lasca como suporte, gume irregular/denticulado de 60°

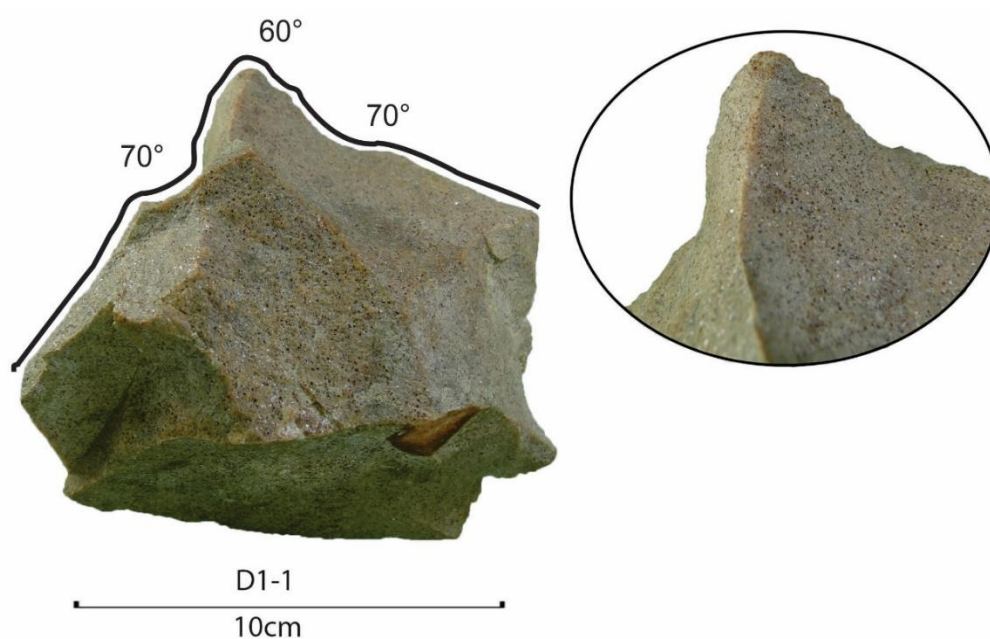


Figura 98. Sítio Jatobá (10-20cm) – Peça unifacial, lasca facetada como suporte, gume irregular/denticulado de 60°

Peças Bifaciais

O método de *façonnage* bifacial conta com retiradas efetuadas sobre duas superfícies delimitadas por um plano de interseção. As duas superfícies não são hierarquizadas, podendo, ao longo de uma mesma sequência de lascamento, ora corresponder à superfície de lascamento, ora à superfície do plano de percussão. Em geral, as retiradas são periféricas e centrípetas, com golpes efetuados ao longo da linha de interseção a partir do plano de percussão. As retiradas centrífugas são raras, em geral ocorrem para a organização da zona preensiva do instrumento (Unidade Tecnofuncional Preensiva [UTF-p]). Obtendo-se a estrutura volumétrica desejada, a etapa seguinte corresponde a confecção da(s) Unidade(s) Tecnofuncional(is) Transformativa(s) (UTF-t) (VIANA et al., 2014: 157-162).

Nesta indústria do sítio Jatobá, já foram identificados lascamentos bifaciais no conjunto de núcleos, cujas peças, inclusive, apresentam estruturas similares a instrumentos produzidos através do *façonnage* bifacial – o que dificultou suas classificações. Conhecedores do método bifacial de produção, era esperado que os artesões desta indústria produzissem também peças bifaciais.

Assim, as peças bifaciais, comparadas aos núcleos de debitagem bifacial, são dimensionalmente menores, apresentam as duas superfícies de lascamento mais regularizadas e compõem unidades ativas. Mas, ainda assim, não se descarta a possibilidade de que algumas destas matrizes tenham também sido exploradas para a obtenção de lascas predeterminadas.

Segue a descrição de três (03) exemplares:

- JT-D1-41 (0-10 cm: 13,5 x 8,5 x 5,0 cm) – peça bifacial de morfologia alongada e semi-acortical. As retiradas bifaciais são invasivas, sobrepondo-se no centro de ambas as faces. Uma face é mais irregular e menos convexa do que a oposta, do mesmo modo que uma extremidade é mais robusta (espessa, com presença de resíduo cortical – parecendo compor a unidade preensiva) do que a extremidade oposta (suavemente pontiaguda e compondo unidades ativas). As UTFs(t) são confeccionadas sobre uma das faces, formadas por planos de corte e/ou retoques escalariformes que definem dois gumes irregulares que variam de 40 a 70° (convergentes para uma extremidade, podendo compor duas ou uma única UTF[t]) – (Figura 99).

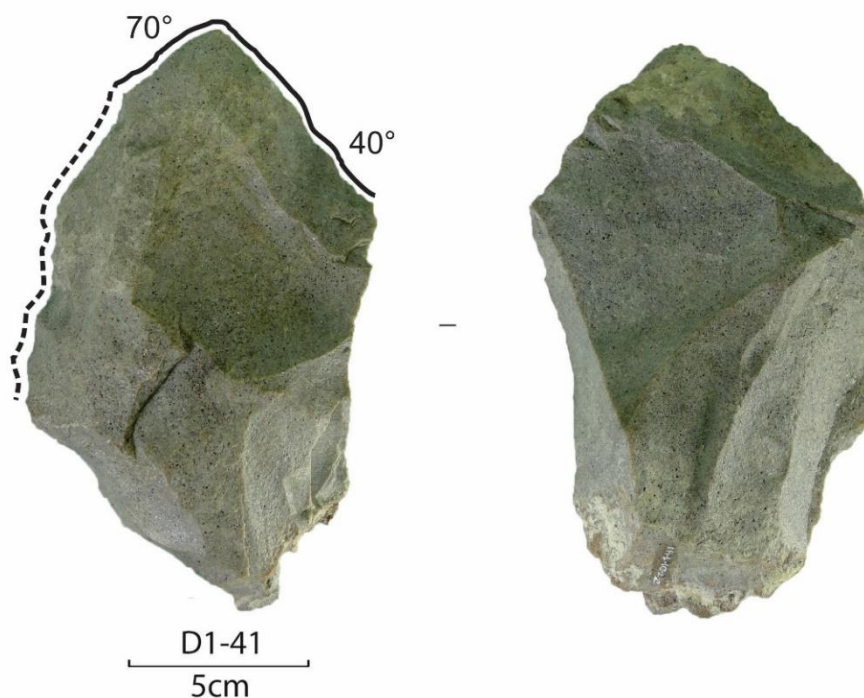


Figura 99. Sítio Jatobá (0-10 cm) – Peça bifacial de arenito silicificado com UTFs(t) numa extremidade, com ângulos variando de 40 a 70°

- JT-3 (superf.: 12,2 x 13,3 x 6,6 cm) – peça bifacial produzida sobre um seixo de arenito silicificado avermelhado, de morfologia discóide. As retiradas bifaciais são invasivas, sobrepondo-se no centro de ambas as faces, sendo que numa delas tem-se uma pequena zona cortical próxima da borda. De faces não simétricas (irregulares/convexas), um lado da peça é mais robusto (espesso, com presença de resíduo cortical – parecendo compor a unidade preensiva) do que o lado oposto (compondo unidades ativas). As UTFs(t) são confeccionadas sobre uma das faces, formadas por planos de corte e/ou retoques escalariformes que definem um gume quase denticulado de 80° e outro, adjacente a este, côncavo (coche), também de 80°. A UTF(p) é formada por duas largas retiradas bifaciais na porção proximal da peça – (Figura 100).

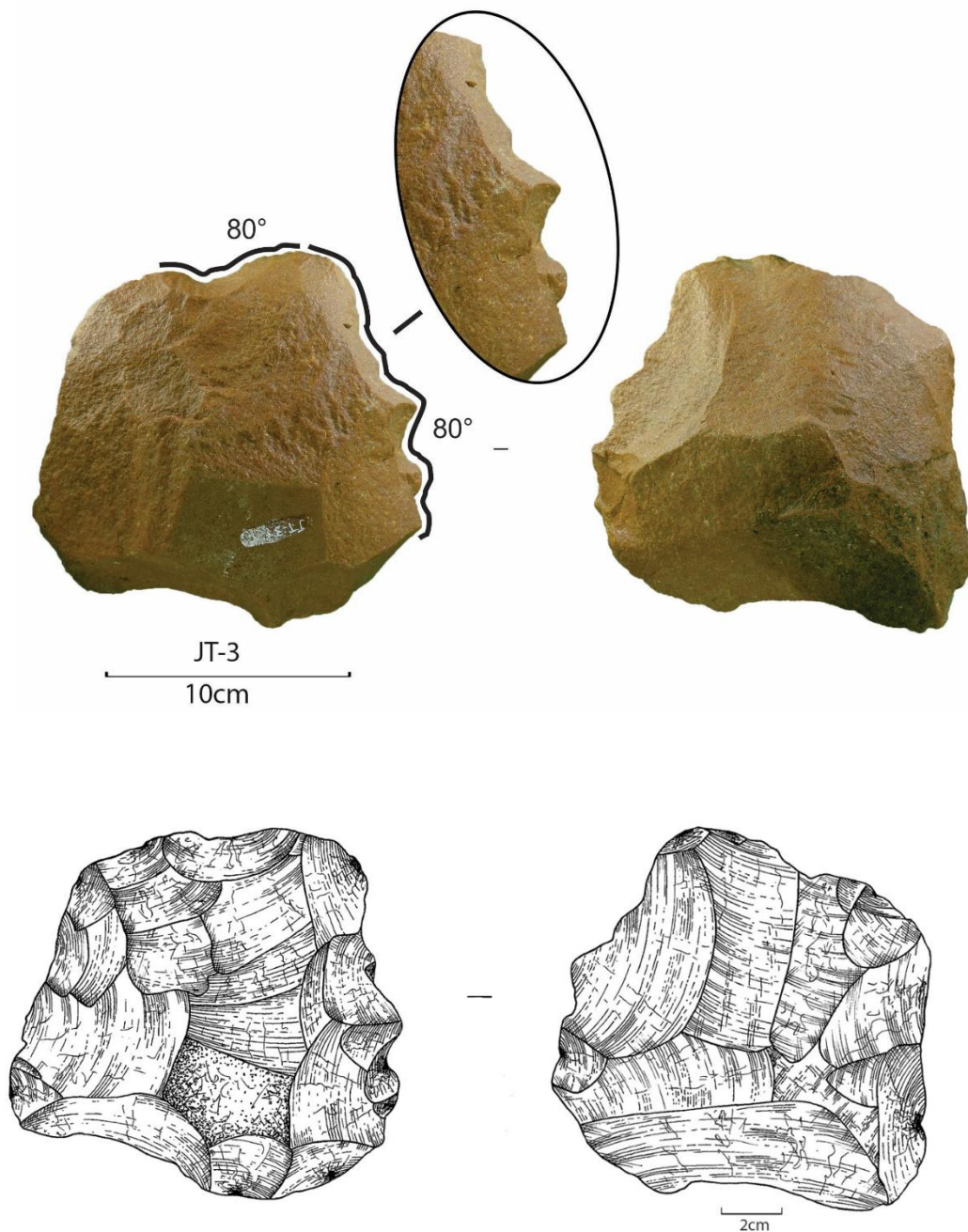


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 100. Sítio Jatobá (superf.) – Peça bifacial de arenito silicificado avermelhado compondo duas UTFs(t) com ângulo de 80°

- JT-4 (superf.: 14,0 x 11,1 x 7,0 cm) – peça bifacial de morfologia discoide. As retiradas bifaciais são invasivas, sobrepondo-se no centro de ambas as faces, sendo que numa delas tem-se uma zona cortical próxima da borda. De faces não simétricas (irregulares/convexas), numa das bordas uma retirada perpendicular ao plano de intersecção das faces, parece compor uma unidade

preensiva. A UTF(t) é confeccionada sobre uma das faces, formada por planos de corte e retoques escalariformes que definem um gume obtuso de 80/90° – (Figura 101).

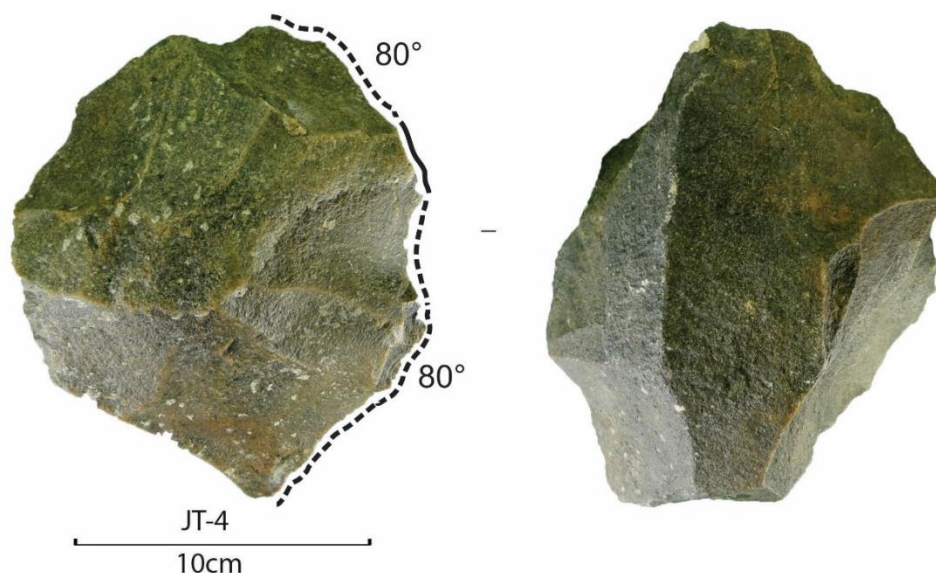


Figura 101. Sítio Jatobá (superf.) – Peça bifacial comendo uma UTF(t) de ângulo obtuso de 80/90°

Peças lascadas sem classificação (Lâminas de Machado Lascado)

Dentre os instrumentos têm-se ainda dois exemplares que, a priori, não teriam uma exata classificação. Trata-se de seixos fragmentados ao meio, comendo duas faces opostas de superfícies (convexas) totalmente lascadas e bordas convexas espessas, definindo um gume lascado ou um gume macerado. Entretanto, ressalta-se que, embora fragmentadas, estas duas peças se assimilam aos machados lascados identificados tanto no sítio Santiago (descrito anteriormente) quanto no sítio Curisevo das Pedras (descrito mais adiante). Ou seja, estas duas peças, após fragmentadas, sem mais utilização, foram abandonadas no local.

Seguem suas descrições técnicas:

- O1-6 (30-40 cm: 4,8 x 7,5 x 2,3 cm) - seixo fragmentado de arenito silicificado. Apresenta duas faces opostas, ambas comendo lascamentos centrípetos que definem um gume biconvexo, de delineação convexa e ângulo de 90°. Não há evidências de polimento, como recorrentemente os machados são encontrados nas indústrias líticas brasileiras. Tal peça, neste caso, representa um modo particular de produção, caracterizando culturalmente esta indústria do sítio Jatobá (Figura 102).

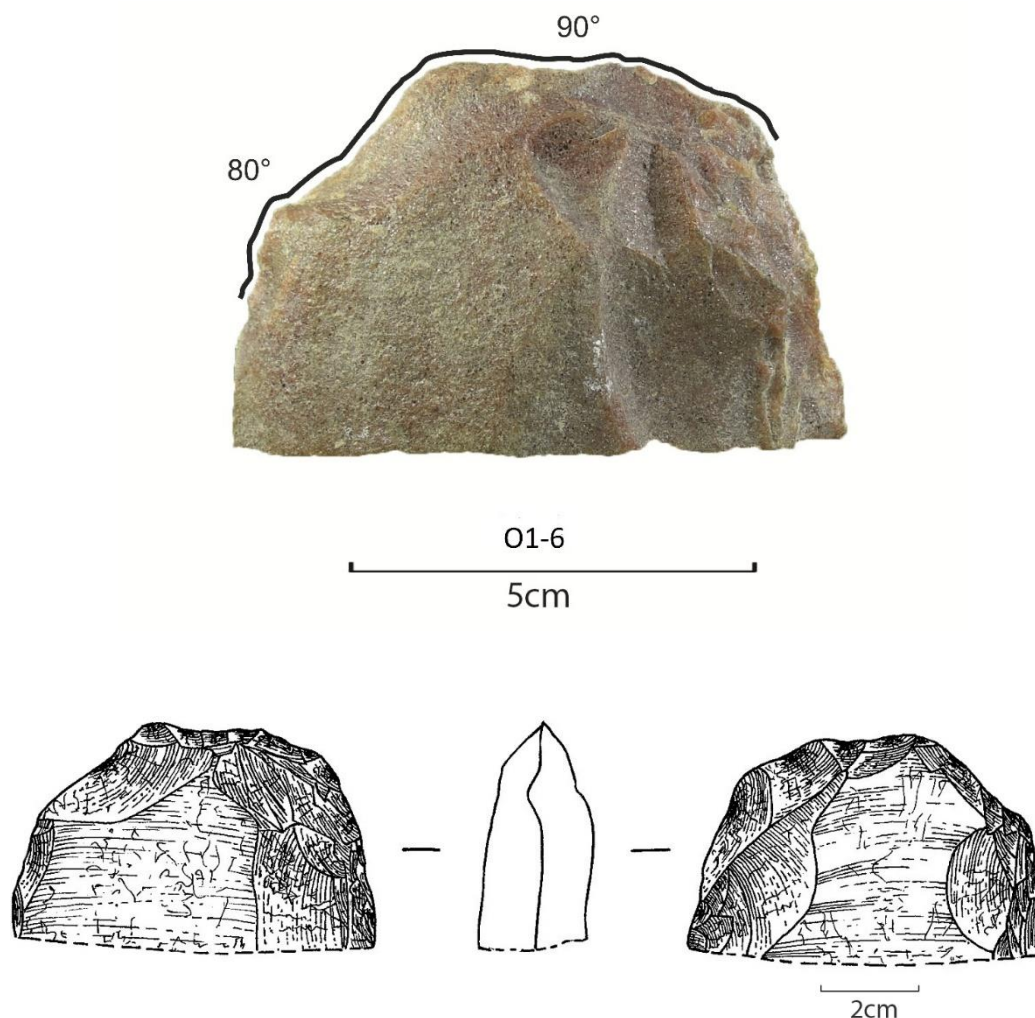


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 102. Sítio Jatobá (30-40 cm) – Lâmina de machado lascada de arenito silicificado (?)

O segundo exemplar, embora também fragmentado e apresentando duas superfícies de lascamento opostas, é mais robusto e pesado e suas bordas são largas, fortemente maceradas. Poderia corresponder a um percutor, mas a regularidade dos lascamentos bifaciais e do macerado das bordas sugere tratar-se de um machado lascado, tal como a classificação do exemplar acima descrito. Segue a descrição deste exemplar:

- O1-2 (30-40 cm: 5,6 x 6,9 x 3,8 cm) - seixo fragmentado de arenito silicificado com formas arredondadas, ainda que irregular. Tal forma dá-se através de inúmeros lascamentos efetuados sobre toda a matriz, que deixam impressos negativos sobrepostos e escalonados, bem como marcas, especialmente nas bordas arredondadas (120°), de maceramento e picoteado. O que chama a atenção são as reentrâncias côncavas, em ambos os lados, que parecem corresponder ao encabamento da peça (todavia, não se observam sobre as faces qualquer sulco ou marca que confirmasse se tratar de uma peça encabada). (Figura 103).

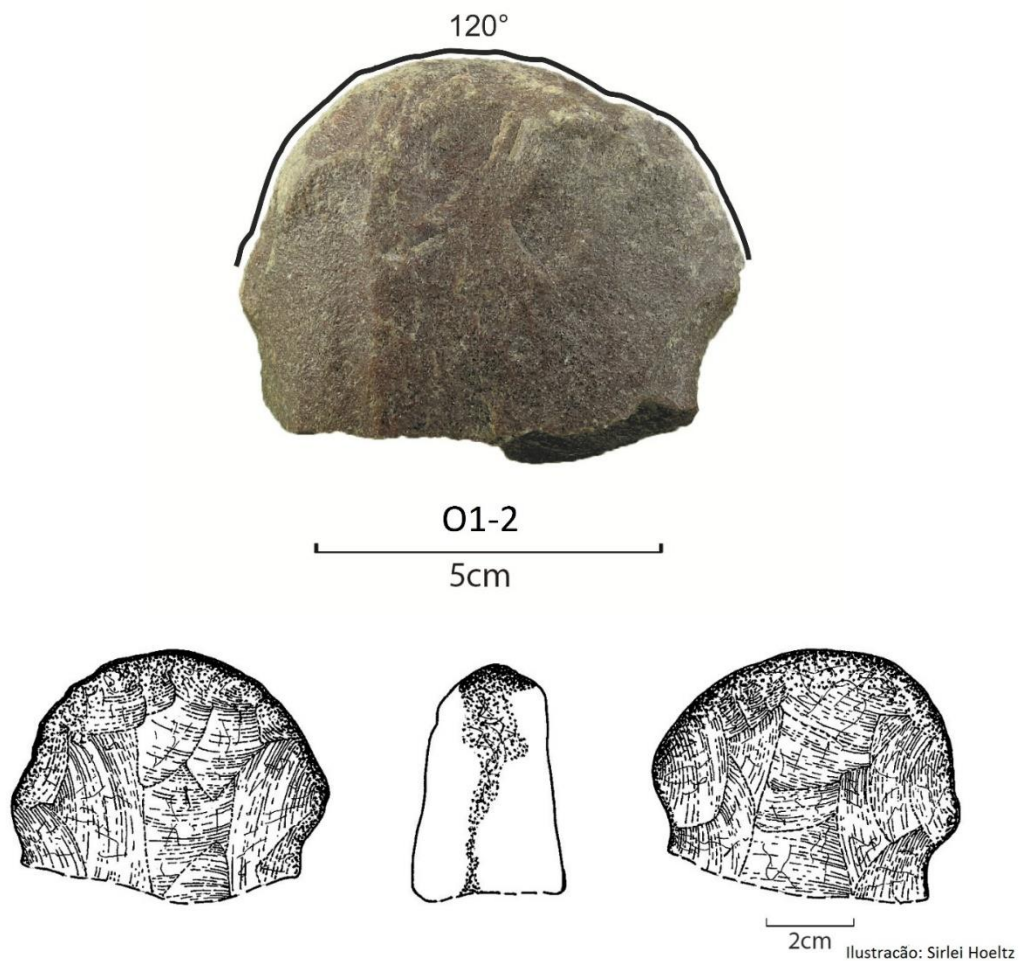


Figura 103. Sítio Jatobá (30-40 cm) – Lâmina de machado fragmentada de arenito silicificado (?)

Percutor

Identificou-se apenas um percutor bastante fragmentado nesta coleção do sítio Jatobá, aos 60-70 cm de profundidade. Trata-se de um seixo (O1-14: 9,1 x 5,5 x 3,2 cm) com marcas de picoteado em uma borda, indicando o emprego da técnica unipolar, e lascamentos (não intencionais) resultantes dos golpes de percussão.

6.10 Sítio Lesma

Coordenada geográfica: 54°12'08"W / 13°22'55"S

Tipo: litocerâmico a céu aberto

Área de dispersão de vestígios: 28.800 m² (90 x 320 m)

6.10.1 Implantação na Paisagem

O sítio Lesma está situado na margem esquerda de pequeno córrego afluente do rio Jatobá. Tem como implantação área de superfície plana, a 395 m de altitude, de base rochosa do tipo laterita, sobrelevada em relação ao plano do córrego, do qual dista cerca de 50 m, inserindo-se em ambiente de floresta de transição e de galeria.

O espaço demonstra-se amplamente destruído por uma exploração intensa do terreno como jazida de empréstimo para aterros de estradas locais, assim como pela sua conversão em extensas áreas de monocultura (processo que se registra um pouco por toda a região, desde muitos anos).

A ampla descaracterização do sítio, por trabalhos de remoção e aterro, impossibilita, em grande medida, a análise paisagística. Não obstante, destaca-se a regularidade do relevo plano, de substrato laterítico e o pequeno córrego de águas cristalinas. A depauperação do terreno e da cobertura vegetal que comporia a floresta, na área de extração de sedimentos, resultou numa paisagem árida, com pontos de acumulação de água estagnada, restando, apenas, pequena galeria ripícola em torno da linha de água. Também esta viu o seu curso bastante alterado pela construção de estrada em terra batida, que estabelece os acessos à jazida e terrenos agrícolas.

Com exceção das áreas perturbadas pela remoção de sedimentos, não se identificam afloramentos rochosos, entrevendo-se o substrato laterítico, nos cortes das áreas de extração e sedimentos acumulados.

Embora o aspecto da paisagem atual, o sítio, em plataforma seca junto à linha de água, disporia de abundantes recursos faunísticos e florísticos propícios à instalação de comunidades humanas. O rio, apesar de não navegável, disponibilizaria recursos piscícolas, enquanto a floresta proporcionaria a carne de caça e a flora variegada que garantiriam o sustento equilibrado das populações.

6.10.2 Método de Resgate

Nos trabalhos de prospecção foram identificados quatro (04) objetos líticos e dois (02) fragmentos cerâmicos dispersos no terreno, em meio a cascalhos.

Na etapa de resgate, reconhecida a elevada destruição dos contextos arqueológicos, resultante da exploração da jazida de cascalho laterítico, o resgate do sítio Lesma ocorreu em duas etapas distintas.

Numa primeira fase observou-se a superfície do solo através de caminhamentos aleatórios e sistemáticos sobre os terrenos amplamente perturbados pela exploração do cascalho. Com estas prospecções procurou-se avaliar o potencial arqueológico do sítio e o seu grau de conservação / destruição, com vista a melhor delinear os trabalhos seguintes de escavação.

A área foi seccionada em função das duas jazidas, separadas pela estrada, que representam a grande destruição do sítio arqueológico.

Na **Jazida 1**, situada à jusante do rio, numa área em torno de 8.400m², desenvolveu-se um caminhamento seletivo, acompanhando as bordas das cavas mais profundas. Aqui, a abertura mecânica de valas para extração de sedimentos (com máquinas tipo pá carregadeira), resultou na formação de buracos, com paredes altas de terra e acumulação de águas na base funda. A visibilidade do solo viu-se, assim, restrita às paredes laterais das cavas e a alguns montículos de sedimento, revolvidos e acumulados no entorno da jazida. Nesta ampla área, reunidos em 05 pontos de coleta foram encontrados 16 objetos líticos e 10 fragmentos cerâmicos informes, muito pequenos (alguns em conexão) de pastas cinzentas, com antiplástico cariapé. Os vestígios cerâmicos estavam dispersos também num corte, em espaço bastante alterado e aterrado, registrando-se a profundidades variáveis entre 50 cm e 70 cm - certamente deslocados de suas posições originais.

A **Jazida 2**, situada à montante do rio, numa área de cerca de 3.200m², consiste em ampla área aberta mecanicamente. Aqui, observou-se uma retirada rasa de sedimentos, que atingiu o substrato laterítico, de onde resultou uma ampla superfície de arrasamento, isenta de acumulação de águas, onde se identificou uma maior quantidade de líticos (27 objetos) e fragmentos cerâmicos (35 exemplares) dispersos. A relativa frequência de materiais arqueológicos sobre a superfície justificou a realização de um caminhamento sistemático. Assim, optou-se por prospectar exaustivamente a área com vista a coletar todo o material observado. Deste caminhamento sistemático contabilizaram-se 20 objetos líticos e 04 pequenos fragmentos de cerâmica muito rolada. Reparou-se que a maioria dos materiais parecia depositar-se no solo arenoso, imediatamente sobre a laterita (Quadro 28).

Estes trabalhos de reconhecimento do sítio permitiram esboçar as estratégias da intervenção subsequente, tendo atestado, ao mesmo tempo, o elevado grau de destruição do sítio, já apontado nos trabalhos de prospecção prévios.

Quadro 28. Sítio Lesma – Jazida 1: Localização dos materiais na superfície

Área	Pontos	UTM, Zona 22L, WGS84		Resultado
		X (m)	Y (m)	
Jazida 1	1	803124	8519065	Positiva
	2	803116	8518940	Positiva
	3	803082	8518937	Positiva
	4	803056	8518911	Positiva
	5	803010	8518934	Positiva

Uma segunda fase dos trabalhos de resgate no sítio Lesma consistiu na sua escavação. Com base na dispersão dos materiais recolhidos na superfície, orientaram-se 13 quadras de 1,0 m², com uma equidistância de 15 m, dispostas ao longo do corte longitudinal das jazidas (do qual distam, também, 15 m), bem como do córrego. Estas 13 quadras vieram comprovar a destruição do sítio arqueológico, tendo-se identificado escassos materiais na área contígua à Jazida 2. Assim, adensou-se a malha da escavação, definindo-se 10 quadras adicionais, paralelas as primeiras, distando destas 10 m, aproximando-se da margem dessa jazida.

As quadras, localizadas com GPS, foram designadas alfanumericamente, de C a O e de 0 a 2 (C1, C2, D0, D1, D2 etc.), salvaguardando-se uma eventual expansão da área a escavar (Quadro 29). A escavação realizou-se através de níveis artificiais – de 10 em 10 cm – registrando-se uma profundidade variável entre os 10-20 cm e os 210-220 cm. Preconizou-se que a escavação das quadras atingisse sempre a base rochosa.

Da escavação de um total de 23 quadras, apenas em cinco se recuperou material arqueológico: D1, D2, E2, G1 e H2. Nestas identificaram-se 11 objetos líticos (D1 – 2 peças de 0-10 cm; G1 – 2 peças de 10-20 cm; E2 – 3 peças de 40 a 50 cm; D2 e G1 – 4 peças de 50 a 70 cm) e um (01) cerâmica (H2). Tal irregularidade na dispersão desses materiais ratificou a destruição do sítio (Planta 10, Prancha Fotográfica 20 a 22).

Quadro 29. Sítio Lesma – Coordenadas UTM das Quadras na Jazida 2

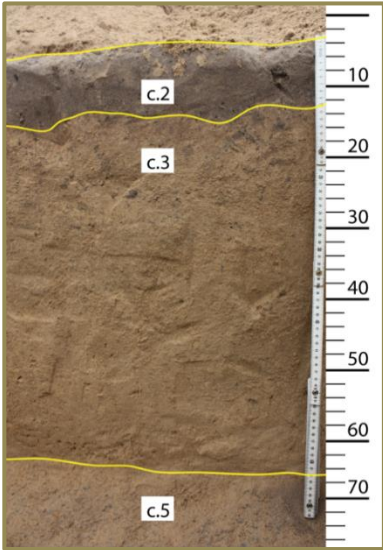
Quadra	UTM, Zona 22L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
C1	803046	8518843	Negativo
C2	803039	8518837	Negativo
D0	803035	8518853	Negativo
D1	803030	8518849	Positivo
D2	803020	8518844	Positivo
E0	803021	8518860	Negativo
E1	803015	8518857	Negativo
E2	803004	8518852	Positivo
F0	803006	8518871	Negativo


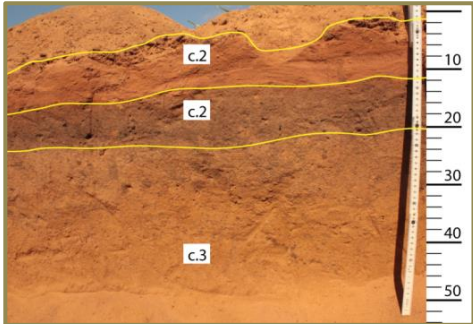
F1	803002	8518866	Negativo
F2	802991	8518862	Negativo
G1	803001	8518881	Positivo
G2	802991	8518880	Negativo
H0	803008	8518894	Negativo
H1	803001	8518895	Negativo
H2	802990	8518896	Positivo
I2	802990	8518913	Negativo
J2	802988	8518931	Negativo
K2	802999	8518944	Negativo
L2	803013	8518956	Negativo
M2	803027	8518963	Negativo
N2	803043	8518977	Negativo
O2	803058	8518983	Negativo

6.10.3 Estratigrafia

O sítio Lesma apresentou cinco camadas estratigráficas, as quais se encontram descritas no quadro a seguir.

Quadro 30. Sítio Lesma - Estratigrafia

<p>c.1</p>	<p>Sedimento silto-arenoso, castanho avermelhado, de granulometria fina, não granular, porosidade média e compactidade solta à macia. Apresenta algumas inclusões de pequenas raízes, sendo que na transição para a camada O2 mostra-se mais compacta. Identifica-se, apenas, nas quadras da área à jusante do rio (J2 a O2), em superfície, com uma espessura de 10 cm.</p> <p>Aterro para alteamento do terreno, associado à monocultura. Cobre a camada O2.</p>	 <p>Perfil sul da Quadra D2</p>
<p>c.2</p>	<p>Sedimento silto-arenoso, castanho acinzentado, de granulometria fina, não granular, porosidade média e compactidade solta à macia. Apresenta algumas inclusões de pequenas raízes e pequenos carvões, denotando-se uma transição gradual para a camada O3. Identifica-se em todas as quadras escavadas, constituindo o sedimento de superfície nas quadras à montante do rio (D0 a I2) e à jusante. Com espessura em torno de 10 cm, cobre a camada O3.</p>	

<p>c.3</p>	<p>Sedimento silto-arenoso, castanho claro amarelado, de granulometria fina, não granular, porosidade média e compactidade solta à macia. Apresenta algumas inclusões de raízes, de carvões e alguns tocos de madeira carbonizados (que lhe conferem uma coloração acinzentada), assim como escassas e pequenas inclusões de laterita. Apresenta espessura variável entre 50 e 100 cm. Deste sedimento provém a totalidade do material arqueológico exumado na escavação. Cobre as camadas 04 e 05.</p>	
<p>c.4</p>	<p>Sedimento areno-siltoso, castanho acinzentado, de coloração heterogênea, de granulometria fina, não granular, de porosidade média e consistência solta à macia e compacta. Apresenta inclusões muito pequenas de carvão e de laterita, emanando um odor de matéria orgânica em decomposição. Identifica-se, apenas, nas quadras D0 – onde se mostra úmido e pouco compacto – e E0 - onde se identifica seco, mas muito compacto. Tem uma espessura variável entre os 30 e 50 cm, identificando-se sob a camada 03 e sobre a 05.</p>	
<p>c.5</p>	<p>Nível laterítico, castanho claro acinzentado, de granulometria média à grossa, granular (com muitas inclusões de laterita), silto-arenoso, de porosidade média e compactidade coesa a compacta. Trata-se de substrato geológico de base laterítica, muito friável, que se apresenta em bloco, de onde se desprendem alguns pequenos nódulos e sob a camada 04.</p>	

A estratigrafia colocada em evidência pela escavação das quadras ressalta a grande alteração do terreno do sítio Lesma, que redundou, junto com a exploração de cascalho, na sua destruição.

Na área à jusante, observou-se que todo o terreno sofreu trabalhos de alteamento, de onde resulta um terraço artificial regular para monocultura. Estes trabalhos mostram-se bem evidentes nos aterros registrados na leitura estratigráfica do sítio.

Situação idêntica parece ter sucedido na área à montante, onde, inclusive, se registra a presença de tocos que evidenciam os trabalhos de desmate e regularização do terreno para a conversão do espaço em terreno agrícola. Ainda assim, o terreno, aqui, denota uma maior preservação da ligeira pendente natural. A camada 04, que se identificou nas quadras D0 e E0, realizadas em área ligeiramente mais baixa, junto ao corte da Jazida 1, deixa sugerir, por sua vez, a existência de uma superfície de alagamento.

Planta 10. Sítio Lesma

Prancha Fotográfica 20. Sítio Lesma – Paisagem

Prancha Fotográfica 21. Sítio Lesma – Salvamento

Prancha Fotográfica 22. Sítio Lesma – Salvamento

6.10.4 Caracterização dos materiais cerâmicos

No sítio Lesma foram coletados, no total, 52 fragmentos cerâmicos. Dentre estes, 12 fragmentos foram identificados como parede, o restante não foi possível fazer diagnóstico nenhum devido ao tamanho reduzido das peças. Não se identificam bordas nem bases.

Os fragmentos cerâmicos encontram-se muito desgastados, ou seja, muito lixiviados. Não apresentam alisamento, tendo ambas as faces acabamento rugoso, além disso, não se evidencia nenhum tipo de tratamento como polimento, pintura ou decoração.

O conjunto cerâmico tem como antiplástico principal o cariapé do tipo B, em abundância, associado a uma pasta porosa, o que contribui para que a vasilha seja mais leve. A coloração é homogênea de cor bege ou cinza (Figura 104).



Figura 104. Sítio lesma - Fragmento cerâmico bastante lixiviado

6.10.5 Caracterização dos objetos líticos

Os objetos líticos dessa indústria do sítio Lesma totalizam 78 exemplares. Tais objetos foram identificados na sua grande maioria em superfície, representando 86% do total, o restante foi identificado disperso entre a superfície e os 70 cm de profundidade. Porém, constada a destruição do sítio, não se faz necessário que seus materiais sejam analisados por níveis estratigráficos.

A matéria-prima utilizada corresponde essencialmente a seixo de arenito silicificados, provavelmente encontrados nas margens dos rios próximos ao local, visto que tais rochas afloram com recorrência nesta região, podendo ser facilmente adquiridas. A técnica de produção empregada não difere dos outros sítios aqui já analisados, correspondendo a técnica unipolar.

Assim, o conjunto lítico compõe-se na sua maioria de lascas residuais (48,7% do total) o restante corresponde a instrumentos (28,2%), detritos (20,5%) e núcleos (2,6%).

Núcleos

Identificam-se apenas dois (02) pequenos núcleos nessa coleção e, ambos, correspondem a sistemas muito simples de debitage: sistema A e C. No primeiro núcleo (LES-6 [superf.]: 5,8 x 6,2 x 2,9 cm) os lascamentos ocorrem em apenas uma porção da matriz, obtendo-se poucas lascas, de talão liso. No segundo (LES-1 [0-10 cm]: 5,9 x 4,4 x 3,1 cm), a matriz está esgotada, formando um núcleo poliédrico (6 lados), cujas plataformas de percussão e superfícies confundem-se. A priori, visto a alta frequência de lascas de debitage no conjunto, é muito provável que tais núcleos tenham sido ali mesmo explorados.

Lascas residuais e Detritos

As lascas residuais e os detritos, produtos de debitagens, são bastante frequentes, correspondendo a um total de 69,2% do conjunto (38 lascas e 16 detritos).

Predominam as lascas de debitage do tecnotipo D2 (etapas intermediárias da exploração dos núcleos, com 84,2%), o que sugere que mais núcleos deveriam ter sido explorados no local, além dos dois pequenos exemplares ali identificados. Tratam-se de lascas de pequenas dimensões, variando de 1, 3 a 9,2 cm de comprimento; de 0,9 a 6,5 cm de largura e de 0,2 a 2,0 cm de espessura, e, na sua maioria, apresentam talão liso e rara presença de córtex.

Os detritos são igualmente de pequenas dimensões, o menor exemplar mede 1,4 x 1,2 x 0,8 cm e o maior 5,2 x 3,1 x 0,9 cm.

Instrumentos

Os instrumentos totalizam 22 exemplares. Dentre estes, identificam-se: 13 lascas retocadas, 05 instrumentos lascados sem classificação, 02 peças unifaciais, 01 peça bifacial e uma peça bruta.

Têm-se, a seguir, a descrição técnica de alguns destes instrumentos.

Lascas retocadas

Para a confecção de lascas retocadas, os artesãos utilizaram como suporte preferencialmente as lascas de gumes já naturalmente agudos, pois as UTF(t) são criadas sem a reestruturação do suporte. Como a estrutura inicial do suporte não é modificada, as lascas

retocadas apresentam atributos técnicos semelhantes às lascas residuais, tais como talão liso e raro resíduo cortical. Todavia, foram selecionadas as lascas um pouco maiores, pois estas retocadas medem em torno de 2,0 cm a mais do que as residuais – pois variam de 2, 7 a 11,8 cm de comprimento; de 2,6 a 8,6 cm de largura e de 1,0 a 4,4 cm de espessura.

As UTF(s) são criadas a partir de retoques muito sutis sobre gumes já agudos, de modo que o suporte original não é modificado. Ademais, em geral, um suporte compõe apenas uma unidade ativa.

Segue a descrição técnica de três (03) exemplares:

- LES-7 (superf.: 8,2 x 8,6 x 2,0 cm): lasca retocada, de morfologia triangular e talão liso. Face dorsal compondo uma superfície plana e lisa (resultado de um único lascamento) e gumes naturalmente agudos. Retoques côncavos e invasivos definem duas UTFs(t), uma em cada lateral e que se estendem até a porção distal (de borda levemente pontiaguda). Tais retoques delineiam gumes quase denticulados entre 60° (laterais) e 40° (porção distal). Possivelmente trata-se de uma peça designada a atividades de corte (Figura 105).

- LES-E2-2 (40-50 cm: 6,2 x 5,5 x 2,3 cm): lasca retocada com talão liso e face dorsal com retiradas centrípetas e convergentes. Novas retiradas são efetuadas a partir do talão (redução do talão), estendendo-se até a metade da face e modificando sutilmente sua estrutura original (estreitando-a). Uma UTF(t) localiza-se numa lateral, formada por retiradas côncavas que delineiam um gume irregular, quase denticulado de 60°. As reduções (?) parecem compor a unidade preensiva (Figura 106).

- LES-27 (superf.: 11,8 x 8,2 x 4,4 cm): lasca retocada, de morfologia retangular e talão facetado. Face dorsal compondo retiradas paralelas à debitagem do suporte, porém, sua estrutura original foi modificada pelo façonnage, ainda que minimamente. Retoques côncavos e escalariformes foram confeccionados numa lateral, onde o gume é mais agudo, e definindo duas unidades ativas alternantes de delimitação retilínea de 70°. A unidade preensiva, localiza-se na lateral oposta ao gume ativo e é formada por inúmeras retiradas bifaciais sobrepostas que definem uma borda macerada e obtusa de 90/120°. Parece se tratar de um instrumento de raspar.

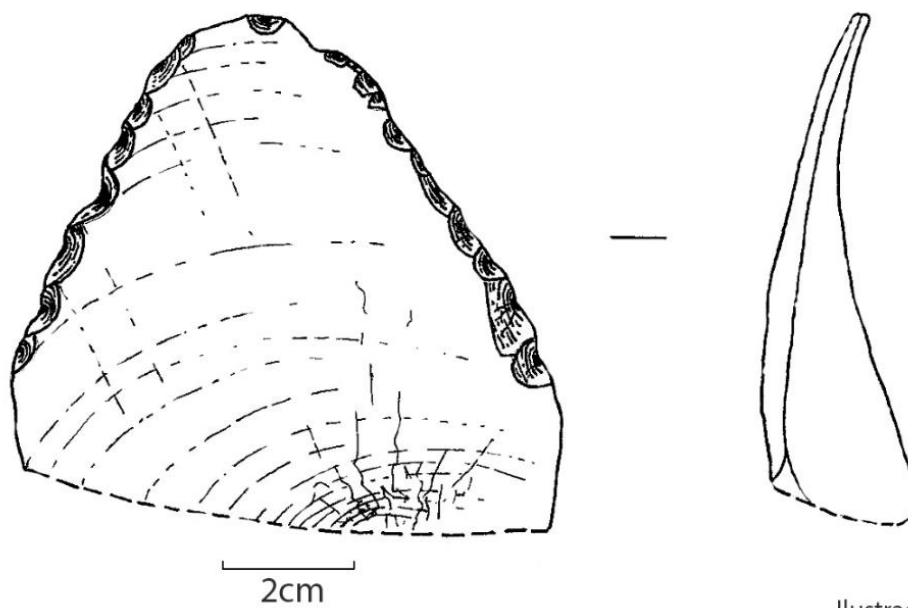
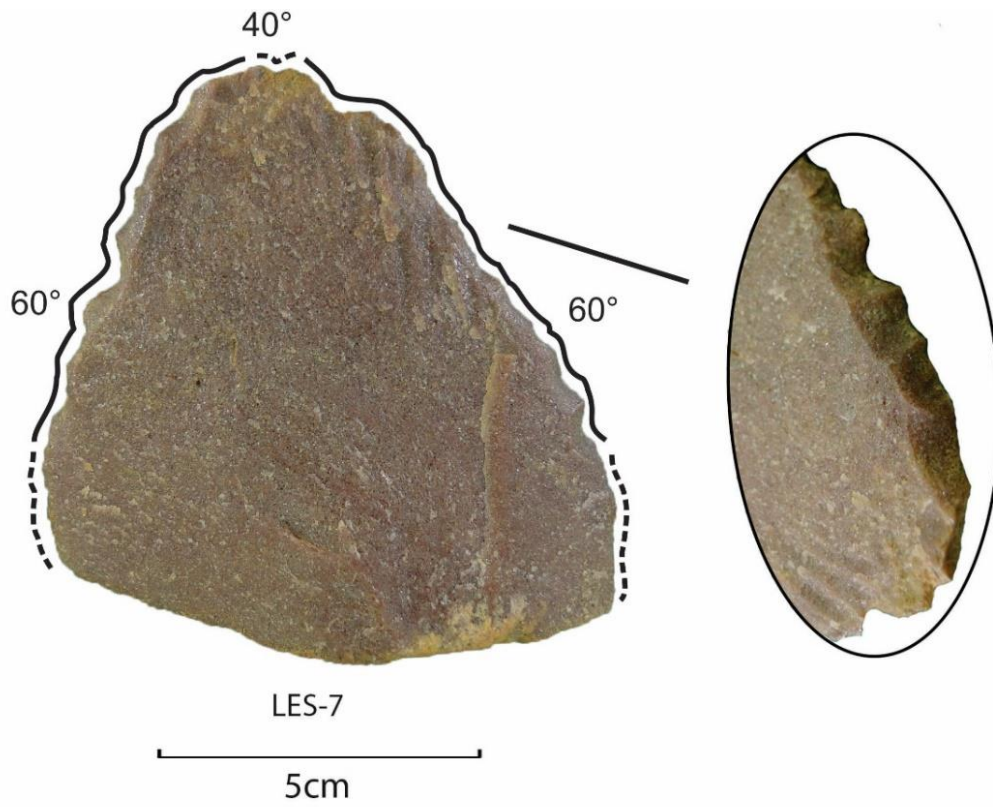


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 105. Sítio Lesma (superfície) – Lasca retocada de arenito silicificado com UTFs(t) de gume denticulado – atividades de corte (?) (LES-7)

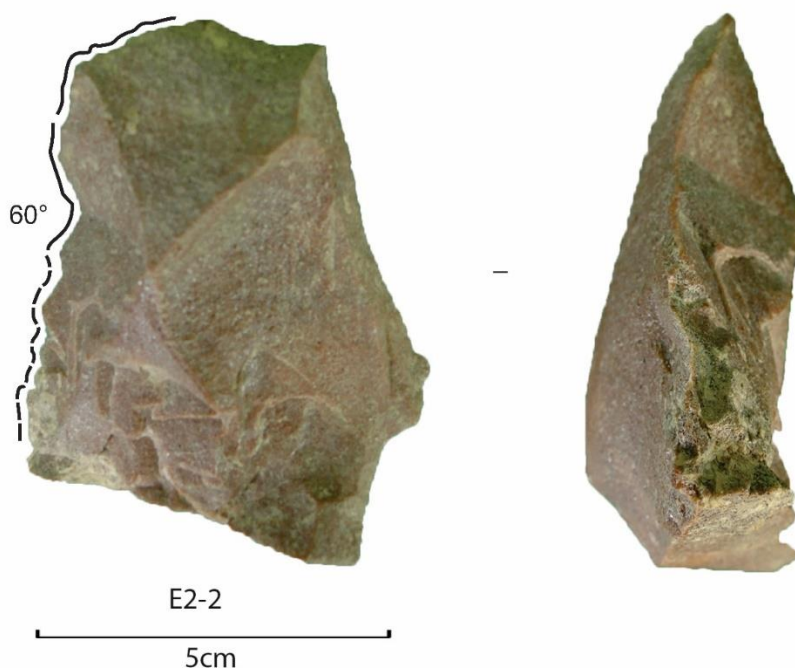


Figura 106. Sítio Lesma (40-50 cm) – Lasca retocada de arenito silicificado com UTF(t) numa lateral (E2-2)

Peças Unifaciais

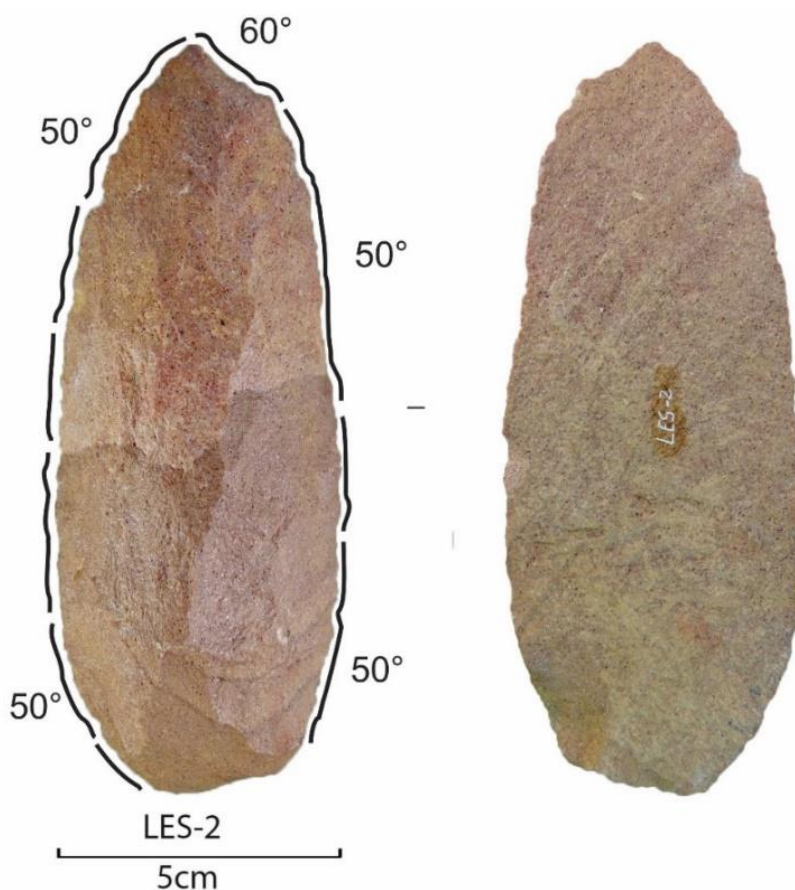
Conforme já apresentado na análise das indústrias líticas dos sítios Ilha Steinem e Jatobá, por exemplo, o princípio da *façonnage* unifacial é baseado sobre uma complementaridade entre uma primeira etapa de debitage completada por uma segunda etapa de *façonnage*. O suporte original é majoritariamente uma lasca, de dimensões relativamente importantes. As características volumétricas desta lasca são parcialmente modificadas por um *façonnage* unifacial, sempre à custa da face superior. A face inferior não é modificada diretamente, mas se a quantidade de matéria retirada durante o *façonnage* for importante, sua configuração original pode mudar de maneira sensível (supressão do bulbo, por exemplo) – (VIANA et al., 2014).

Nessa indústria do sítio Lesma, ainda que componha apenas dois exemplares, uma das peças corresponde à produção descrita acima por Viana e outros (op. cit.), ou seja, o suporte é uma lasca obtida por debitage, sendo suas características volumétricas modificadas por posterior *façonnage*; mas a outra peça, diferentemente, apresenta uma produção totalmente por *façonnage*, criando como base uma superfície plana e lisa.

Sob este aspecto, modificou-se o modo de produção do suporte (da superfície de percussão para as retiradas unificiais), revelando um saber-fazer diversificado de produção de peças unificiais – e sendo tal diversidade também percebida nos sítios Jatobá e Ilha Steinem.

Seguem suas descrições:

- LES-2 (superf. -13,2 x 5,1 x 2,6 cm) – morfologia foliácea, tendo uma lasca como suporte. As retiradas iniciais, no ápice da peça e que definem uma superfície relativamente plana, podem ter ocorrido anteriormente à obtenção da lasca. Obtido o suporte por debitage, as retiradas de *façonnage* ocorrem em sequências não consecutivas (e sobrepostas – sendo as primeiras sequências convexas e as subsequentes planas) que contornam toda a periferia da peça. Não há resíduo cortical. Às custas destas retiradas, retoques côncavos delineiam gumes suavemente convexos em ambas as laterais (lados paralelos), gume pontiagudo na porção distal e retilíneo na porção proximal. O ângulo dos gumes é constante – de 50°. No lado direito da extremidade distal o artesão parece ter reavivado o gume com duas retiradas curtas e convexas, definindo um gume, com extensão de 1,0cm, irregular/côncavo de 60° e, A priori, trata-se de uma peça com três UTF(t): em ambas as laterais e na extremidade distal/direita. A unidade preensiva, pode corresponder à porção mesio-proximal e/ou às laterais (oposta à unidade ativa em uso) – (Figura 107).



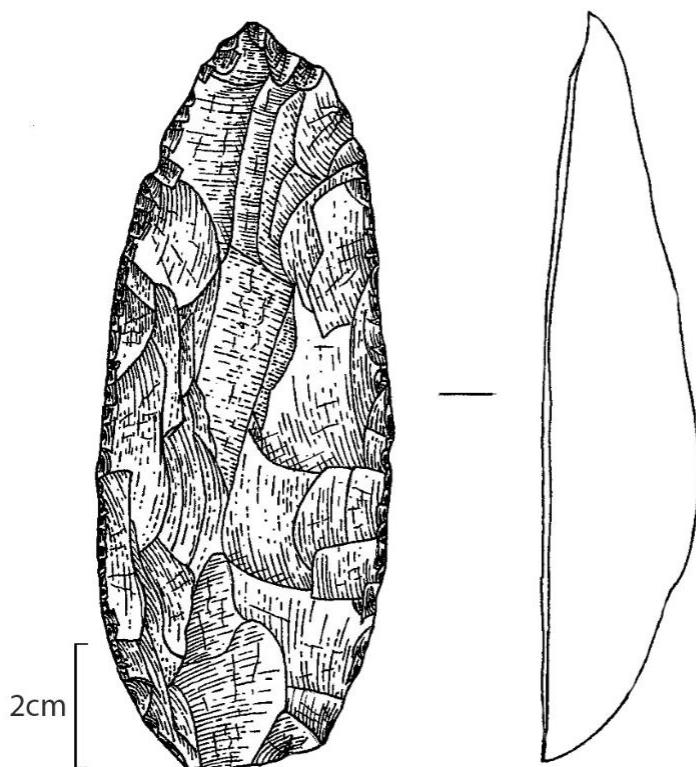


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 107. Sítio Lesma (superfície) – Peça unifacial de arenito silicificado

- LES-66 (superf. - 6,2 x 3,2 x 4,7 cm) – produção de uma base elipsoide, plana e lisa, com uma sequência de retiradas unifaciais periféricas que se dirigem para um ponto em comum e alcançam o ápice da peça – porção esta onde resta apenas uma pequena zona cortical. Novas sequências de retiradas não consecutivas (planos de corte planos e côncavos) sobrepõem-se às retiradas anteriores e por toda a periferia da peça. Às custas destas retiradas, retoques escalariformes definem numa lateral um gume irregular/convexo e na lateral oposta um gume irregular/retilíneo, estendendo-se para ambas as extremidades (irregular/convexa). O ângulo dos gumes é constante – de 70°. Numa das extremidades o gume parece ter sido reavivado, mas o ângulo permanece o mesmo. Assim, a peça parece compor três unidades ativas: em ambas as laterais e outra no reavivamento de uma das extremidades. A unidade preensiva, pode corresponder à lateral oposta à unidade ativa (quando esta se encontra em uso) – (Figura 108).

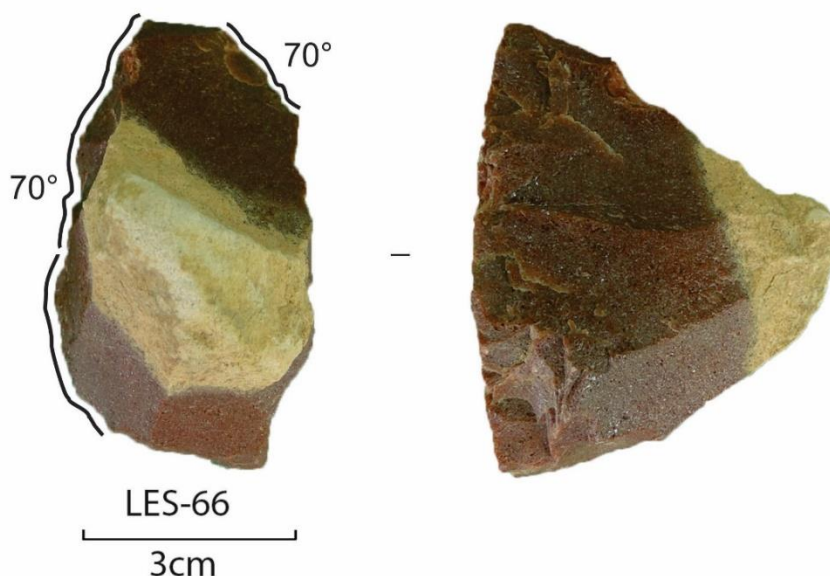


Figura 108. Sítio Lesma (superfície) – Peça unifacial de arenito silicificado

Peça Bifacial

O método de *façonnage* bifacial conta com retiradas efetuadas sobre duas superfícies delimitadas por um plano de interseção. As duas superfícies não são hierarquizadas, podendo, ao longo de uma mesma sequência de lascamento, ora corresponder à superfície de lascamento, ora à superfície do plano de percussão. Em geral, as retiradas são periféricas e centrípetas, com golpes efetuados ao longo da linha de interseção a partir do plano de percussão. As retiradas centrífugas são raras, em geral ocorrem para a organização da zona preensiva do instrumento (Unidade Tecnofuncional Preensiva [UTF-p]. Obtendo-se a estrutura volumétrica desejada, a etapa seguinte corresponde a confecção da(s) Unidade(s) Tecnofuncional(is) Transformativa(s) (UTF-t) (VIANA et al., 2014).

Neste sítio Lesma, identificou-se apenas um exemplar no nível 0-10 cm com tal estrutura. Contudo, o *façonnage* pode ser confundido com a debitagem de um núcleo de estrutura bifacial, tal como identificado nos sítios Terra Cinza e também no Jatobá.

Segue sua descrição:

- LES-D1-2 (8,9 x 7,3 x 4,6 cm) – morfologia irregular/discoide com resíduo cortical no centro de uma das faces, prolongando-se para uma borda lateral. O suporte é um seixo de arenito silicificado, onde as retiradas bifaciais (de debitagem ou *façonnage*) são invasivas e não sequenciais, porém, efetuadas inicialmente em apenas uma face e, posteriormente, na face oposta. Tais retiradas, contudo, definem, em ambas as faces, superfícies totalmente irregulares (não convexas). Uma UTF(t) foi criada numa lateral (porção mesio-distal), formada por planos de corte côncavos e retoques irregulares/escalariformes e descontínuos, a partir de uma superfície plana/facetada, que delineiam um gume irregular de 50/60° (Figura 109).

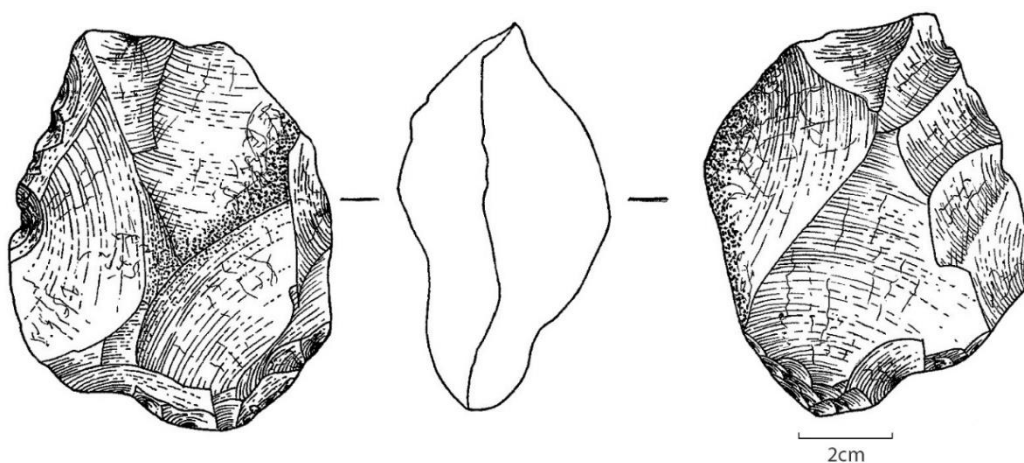
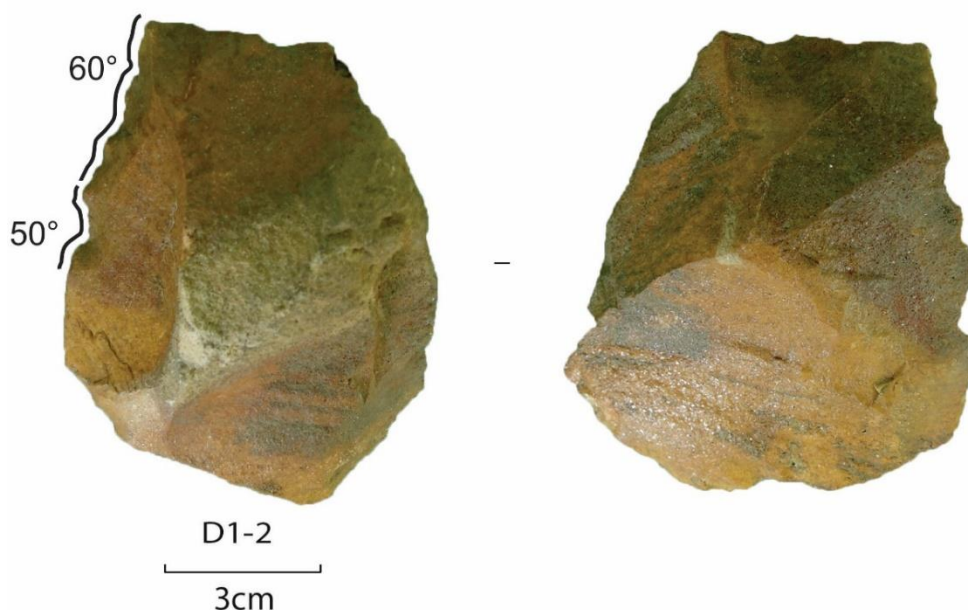


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 109. Sítio Lesma (0-10 cm) – Peça bifacial de arenito silicificado (D1-2)

Instrumentos sem classificação

A coleção compõe ainda 05 instrumentos de difícil classificação. Todavia, um chama a atenção por compor uma matriz disforme (LES-G1-2: 12,1 x 8,8 x 7,3 cm), formada por três superfícies com vestígios de polimento ou alisamento, e uma quarta superfície que corta perpendicularmente estas três superfícies. Apresenta bordas (em torno de 90/110°) maceradas, formadas por lascamentos. As marcas de uso restringem-se a esses polimentos/alisamentos nas superfícies. É difícil classificar esse instrumento, mas as fortes marcas de polimento sugerem que o mesmo foi com recorrência utilizado (Figura 110).



Figura 110. Sítio Lesma (10-20 cm) – Peça sem classificação de arenito silicificado com vestígios de polimento/alisamento (?) (G1-2)

Percutor

Identifica-se, por fim, na coleção lítica do sítio Lesma um seixo de arenito silicificado bastante alterado por oxidação (LES-67: 9,4 x 6,5 x 3,8 cm). A priori trata-se de um percutor, todavia, os vestígios dos golpes de percussão não estão nítidos, observando-se somente zonas picoteadas nas bordas e porções centrais. (Figura 111)



Figura 111. Sítio Lesma (superfície) – Percutor (?) de arenito silicificado alterado por oxidação

6.11 Sítio Barracão Queimado

Coordenada geográfica: 54°07'42"W / 13°17'38"S

6.11.1 Implantação na Paisagem

O sítio arqueológico enquadra-se em superfície de alagamento, associada à drenagem subsidiária do rio Jatobá, de que dista cerca de 4.470km.

O entorno apresenta-se muito alterado por trabalhos de desmate e conversão do espaço em pastagens para a exploração pastoril extensiva de gado vacum. Acompanhando a linha de água, registra-se persistência de mancha ciliar ribeirinha, de onde se destaca extenso buritizal.

No solo, castanho escuro e úmido, não se observam afloramentos propícios a um aproveitamento da matéria pétreia, acrescentando-se que as condições naturais do terreno – propícias à acumulação de águas estanques – mostram-se pouco propensas à instalação permanente de comunidades.

6.11.2 Método de Resgate

Na área denominada de sítio Barracão Queimado, na etapa de prospecção, foram identificados escassos materiais arqueológicos dispersos sobre a superfície, dentre os quais 02 líticos e 01 fragmento de cerâmica.

Na tentativa de averiguar a ocorrência de outros materiais nesta etapa de resgate e, assim, certificar-se da existência do sítio previamente identificado, os trabalhos em campo envolveram diversos caminhamentos com a observação da superfície por toda a área, intensificada nos locais onde os três materiais tinham sido encontrados. Porém, no momento da escavação o terreno encontrava-se totalmente alagado. Deste modo, procurou-se efetuar sondagens nos locais passíveis de intervenções, ou seja, menos alagados. Estas ocorreram aleatoriamente, totalizando 10 sondagens (boca-de-lobo), a profundidades que alcançaram 80 cm. Contudo, em nenhuma destas intervenções foram identificados materiais arqueológicos (Quadro 31, Planta 11 e Prancha Fotográfica 23 e 24).

Quadro 31. Sítio Barracão Queimado – Coordenadas UTM das Sondagens

Sondagem	UTM, Zona 21L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
Pt1	811154	8528570	Prospecção/Positivo
1	811278	8528838	Negativo
2	811133	8528687	Negativo

3	811141	8528861	Negativo
4	811069	8528751	Negativo
5	811261	8528377	Negativo
6	810626	8528139	Negativo
7	810374	8528457	Negativo
8	811773	8528870	Negativo
9	811560	8529176	Negativo
10	811258	8529117	Negativo

6.11.3 Estratigrafia

A estratigrafia registrada nas sondagens revelou-se bastante uniforme e consistente, tendo-se identificado um único sedimento, de coloração castanha, arenoso e pouco compacto, bastante homogêneo e estéril. Numa das sondagens, sob este sedimento, abaixo de 50 cm, sedimento acinzentado e úmido consistente com a área de alagamento. Não se identificaram vestígios arqueológicos.

Planta 11. Sítio Barracão Queimado

Prancha Fotográfica 23. Sítio Barracão Queimado – Paisagem

Prancha Fotográfica 24. Sítio Barracão Queimado – Salvamento

6.11.4 Caracterização dos materiais cerâmicos

O fragmento cerâmico corresponde a uma parede que se encontra em estado pouco desgastado, ou seja, pouco lixiviado, não proporcionando nenhuma informação de que tipo de bacia é procedente. Identifica-se como antiplástico principal o cariapé do tipo B, evidenciando-se, também, a presença de quartzo de calibre moderado. Distingue-se a presença de óxido de ferro como contaminação, de tamanho e frequência irregulares. Apresenta coloração homogênea de cor cinza, com indícios de manufatura relatada.

Não se evidencia nenhum tipo de tratamento de superfícies - como ser polimento, pintura ou decoração – para além do alisamento em ambas as faces (Figura 112).



Figura 112. Sítio Barracão Queimado: Fragmento cerâmico com cariapé como antiplástico

6.11.5 Caracterização dos objetos líticos

Os objetos líticos identificados neste sítio correspondem a dois instrumentos - lascas retocadas de arenito silicificado.

A lasca maior (BQ-1: 11,5 x 14,7 x 3,7 cm), acortical, compõe talão liso e UTF(t) na extremidade distal formada por retoques côncavos descontínuos sobre um gume irregular naturalmente agudo de 30/40°. Provável instrumento de corte (Figura 113).

A lasca menor (BQ-2: 7,6 x 6,8 x 1,9 cm), acortical e *siret*, compõe talão facetado e três UTF(t): em ambas as laterais e extremidade distal. Estas são formadas por retoques côncavos que delineiam nas laterais gumes retilíneos de 50/60° e na extremidade um gume irregular de 40°.

Talvez se trate de um instrumento multifuncional, visto a organização diferenciada de suas UTFs(t) – (Figura 114).

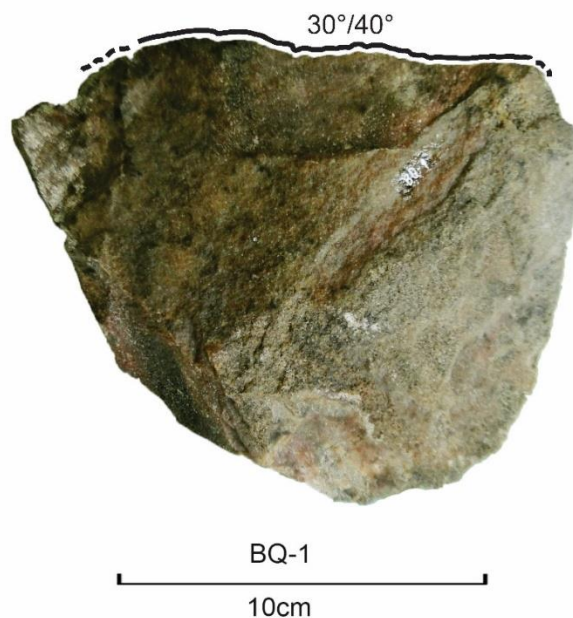


Figura 113. Sítio Barracão Queimado (superfície) – Grande lasca retocada de arenito silicificado, instrumento de corte

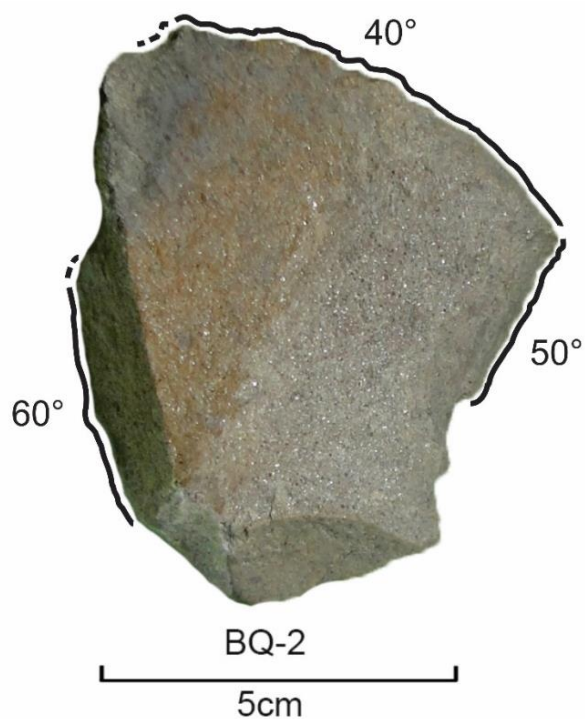


Figura 114. Sítio Barracão Queimado (superfície) – Lasca retocada de arenito silicificado – instrumento multifuncional (?)

6.12 Sítio Kurisevo das Pedras

Coordenada geográfica: 53°30'04"W / 13°13'05"S

Tipo: lítico a céu aberto

Área de dispersão de vestígios: 210.000 m² (1.750 x 120m)

6.12.1 Implantação na paisagem

O sítio Kurisevo das Pedras, localizado na propriedade da Fazenda Agropecuária Barraca, município de Gaúcha do Norte, designa uma ampla área arqueológica que acompanha, a altitudes variáveis entre os 287 m e os 315 m, em cerca de 1.600 m de extensão, a margem esquerda do rio Kurisevo, também designado de Curisevo.

A drenagem apresenta, aqui, uma largura variável entre de 70 m a 170 m, pautando-se por pequenas corredeiras, conseguidas por concentrações de afloramentos rochosos de arenito silicificado e algumas ilhotas, associadas a pequenas lagoas e praias. Para o rio confluem pequenos córregos, de barrancos altos, que correm, também, sobre rochas de arenito silicificado. As águas límpidas, ora em corredeira, ora formando pequenas lagoas proporcionam, para além de abundante matéria-prima para as indústrias líticas, vastos recursos piscícolas, sendo, ainda hoje, um ponto preferencial de pesca.

Margeando o rio, identifica-se uma mancha de floresta de transição e ripícola, enfatizando a sua riqueza em recursos florísticos e faunísticos. Esta faixa de floresta, porém, restringe-se aos terrenos imediatos à margem esquerda do rio, com cerca de 125 m de largura máxima. De fato, toda a envolvente paisagem se demonstra bastante alterada por ações de desmate e trabalhos sobre o terreno, com vista à criação de pastos para o gado. Em alguns pontos se verifica, ainda, a existência de valas de extração mecânica de sedimentos, que resultaram no revolvimento de contextos arqueológicos.

Embora a depauperação presente da paisagem, as características acima enunciadas realçam a propensão natural do espaço para a fixação de comunidades humanas. A proximidade dos vestígios arqueológicos identificados nos trabalhos de resgate assim o confirma.

6.12.2 Método de Resgate

Os trabalhos de resgate no Kurisevo das Pedras processaram-se em duas etapas principais, ditadas não só pela necessidade de resgatar a área a ser diretamente impactada pelas obras da BR-242/MT, de onde se destaca a construção da ponte sobre o rio Kurisevo, mas também pela premência em conseguir uma ampla caracterização da área arqueológica.

De fato, no decurso dos trabalhos de resgate, identificaram-se três áreas adicionais de concentração de materiais, que nos permitiram ter um vislumbre do padrão de assentamento na região. Por esta razão e considerando a extensão e a dispersão dos materiais, optou-se por designar Kurisevo das Pedras como “Área Arqueológica”.

Assim, definiram-se quatro áreas de intervenção, ditadas pelo comportamento da paisagem e pela dispersão, à superfície, dos materiais arqueológicos. Uma primeira - Kurisevo 1 - corresponde à área junto ao traçado da ponte e da BR-242/MT, onde se identificam pequenas corredeiras e, margeando o rio, afloramentos de arenito silicificado, assim como alguns elementos líticos dispersos; uma segunda - Kurisevo 2 - abrange uma área de dispersão de material lítico e alguma cerâmica, relacionada a pequeno córrego, que viu os contextos destruídos e revolvidos pela passagem de uma máquina; nas terceira e quarta - Kurisevo 3 e Kurisevo 4 - também associadas a drenagens intermitentes subsidiárias do Kurisevo, identificam-se, à superfície, somente abundantes materiais líticos (Planta 12 e Pranchas fotográficas 25 a 30).

Assim, numa primeira etapa, procedeu-se à escavação arqueológica da área **Kurisevo 1**, a ser diretamente afetada pela repavimentação da BR-242/MT e pela construção da ponte.

Definiu-se, então, uma malha de escavação que recobria uma área de 53.200 m² (380 x 140 m). Neste espaço, quadras (1,0 m²) foram dispostas alinhadas paralelamente ao rio e outras nas suas laterais (para oeste), procurando mantê-las a uma equidistância em torno de 50 metros, recebendo a designação alfanumérica usual (C2, E2, G2 etc.). Optou-se por intercalar letras e números na numeração, com o intuito de salvaguardar eventuais necessidades de adensamento da malha de escavação. Com esta distância entre quadras se pretendeu ter uma visão geral do sítio, que tornasse permissível a sua caracterização (Quadros 32 e 33).

Assim, número e distribuição espacial das quadras escavadas foram adaptados à frequência de material arqueológico exumado, tendo-se escavado um total de 18 quadras, três das quais no entorno da C2 (quadras C1, D1 e D2), onde se registrou uma quantidade relativamente maior de materiais (em torno de 200 objetos). Em meio a esta malha de quadras, realizaram-se também 12 intervenções através de sondagens com cavadeira.

A escavação desenvolveu-se por níveis artificiais – de 10 em 10 cm – registrando-se uma profundidade variável da superfície aos 50 cm e da superfície aos 120 cm. Preconizou-se que a escavação das quadras atingisse sempre a base rochosa.

Verificou-se que o pacote arqueológico desta área KP1 é mais profundo nas quadras mais próximas ao rio, caso das quadras C2 e D2, onde os materiais se encontram da superfície aos 100 cm ou 80 cm, respectivamente. Nas quadras mais afastadas o pacote tem profundidades variáveis, chegando aos 40 cm (M3) ou até mesmo aos 80 cm (G3 e G4). Apenas nas C2 e D2 se registra uma frequência abundante de material lítico. Estes materiais identificam-se, sobretudo, entre o sedimento e o substrato arenítico (Planta 13).

Quadro 32. Sítio Kurisevo das Pedras 1 (KP1) – Coordenadas UTM das Quadras

Quadra	UTM, Zona 22L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
C1	229055	8537470	Negativo
C2	229053	8537469	Positivo
D1	229063	8537478	Positivo
D2	229057	8537474	Positivo
E2	229063	8537504	Negativo
G2	229064	8537537	Negativo
G3	229000	8537555	Positivo
G4	229024	8537538	Positivo
I2	229066	8537567	Positivo
I3	229033	8537563	Negativo
I4	229032	8537564	Negativo
M2	229075	8537618	Positivo
M3	229061	8537623	Positivo
M4	229048	8537639	Negativo
O2	229118	8537646	Negativo
Q2	229132	8537680	Positivo
S2	229159	8537708	Positivo
U2	229206	8537787	Negativo

Quadro 33. Sítio Kurisevo das Pedras 1 (KP1) – Coordenadas UTM das Sondagens

Sondagem	UTM, Zona 22L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
C3	229024	8537463	Negativo
G3 A	229044	8537544	Negativo
G3 B	229044	8537547	Negativo

G3 C	229032	8537541	Negativo
G3 D	229037	8537533	Negativo
H2	229071	8537552	Negativo
K2	229071	8537591	Negativo
L6	229009	8537618	Negativo
N3	229086	8537646	Negativo
N4	229077	8537661	Negativo
O3	229100	8537660	Negativo
O4	229048	8537677	Negativo

As dispersões Kurisevo 2, 3 e 4 situam-se fora da área de impacto direto do empreendimento (AID), razão que levou a executar os trabalhos de resgate de modo diferenciado.

Kurisevo 2, distante 1.140 metros para nordeste da área do Kurisevo 1, corresponde a uma área onde se observa abundante material lítico, exposto pela remoção mecânica de sedimentos. Considerando a destruição dos contextos arqueológicos do espaço, optou-se por, num primeiro momento, fazer uma exaustiva coleta de superfície, com o intuito de apreender a distribuição dos materiais na área destruída e também caracterizar o seu grau de destruição. Esta área de dispersão abrangeu cerca de 1.125 m² (45 x 25 m), compreendendo a coleta de líticos sobre 07 linhas de caminhamento de direção NW-SE. Reuniu-se, assim, uma coleção de materiais líticos, que compreende núcleos, lascas, microlascas e instrumentos, tendo-se recolhido, também, rara cerâmica. A esta coleta de superfície sucedeu a abertura de uma quadra com 2 m x 1 m – que se designou de quadra A. Preconizou-se implantar esta quadra numa área que os trabalhos de extração de terra não a perturbou totalmente, com vista a apurar a profundidade do pacote arqueológico e a reunir material passível de fornecer elementos para a sua datação.

A metodologia de escavação seguiu a descrita em relação ao Kurisevo 1, tendo-se atingido uma profundidade máxima de 240 cm. Todavia, os materiais encontravam-se principalmente em superfície, e para além deste, em menores quantidades, desta até os 170 cm. Estes materiais encontram-se dispersos no sedimento arenoso, registrando-se, não obstante, associados à presença de pequenos carvões (Quadro 34). Nesta área de dispersão totalizaram 769 objetos (Planta 14).

Nas dispersões Kurisevo 3 e 4, as quais se distanciam da área do Kurisevo 2 em 225 m e 230 m, respectivamente, optou-se por fazer uma coleta seletiva de superfície, visando reunir tais materiais aos identificados nas outras áreas de coleta e procurar, assim, elucidar a dinâmica de ocupação do espaço pelos indígenas no passado (Quadro 35).

Do **Kurisevo 3** (Planta 15), com cinco (05) locais de dispersão abrangendo cerca de 375 m² (15 x 25 m), são provenientes 59 objetos líticos, com destaque para a presença de núcleos, lascas e instrumentos.

Na área do **Kurisevo 4**, com também cinco (05) locais de dispersão e compreendendo cerca de 1.000 m² (20 x 50 m), coletaram 187 peças, com destaque par a coleta de um instrumento lítico excepcional - peça bifacial lascada com cerca de 50 cm de comprimento e inédita nas coleções líticas do Estado do Mato Grosso. Este achado justificaria a abertura de uma quadra – quadra B - de 2 m x 2 m, que permitisse o seu enquadramento no contexto arqueológico que lhe estaria associado (Planta 16). Mantendo os pressupostos metodológicos descritos em relação ao Kurisevo 1, verificou-se a ocorrência de material arqueológico no nível 10-20 cm - portanto, bastante superficial - de onde provém um machado de pedra lascada. Identifica-se escasso material, ainda, entre os 70 e 80 cm. Infelizmente, da escavação da quadra B não se identificaram remanescentes orgânicos que permitam enquadrar cronologicamente os materiais recolhidos.

Privilegiou-se uma coleta total do material arqueológico exumado no decurso da intervenção, com vista a reunir o máximo de informação possível sobre o sítio, a ser parcialmente afetado pela construção da BR-242/MT.

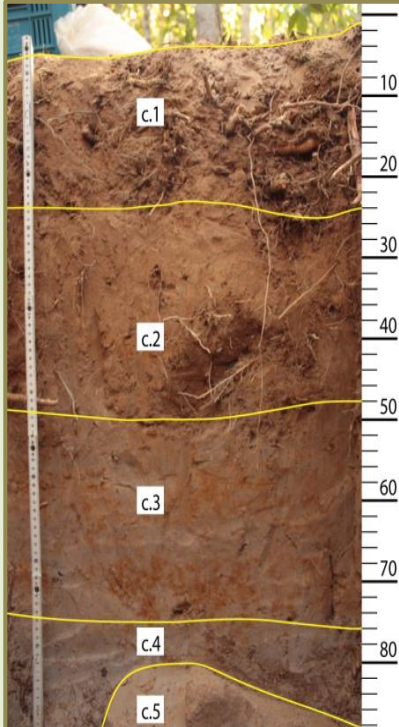
Quadro 34. Sítio Kurisevo das Pedras 2, 3 e 4 - Coordenadas UTM das Quadras

Área	Quadra / Pontos	UTM, Zona 22L, WGS84		Resultado
		X (m)	Y (m)	
KP 2	Quadra A	229752	8538516	Positivo
	1	229762	8538510	Positivo
	2	229766	8538517	Positivo
	3	229780	8538540	Positivo
KP3	1	229949	8538640	Positivo
	2	229948	8538640	Positivo
	3	229946	8538647	Positivo
	4	229962	8538654	Positivo
	5	229955	8538644	Positivo
KP4	Quadra B	230132	8538831	Positivo
	1	230103	8538791	Positivo
	2	230112	8538800	Positivo
	3	230115	8538825	Positivo
	4	230123	8538832	Positivo
	5	230112	8538828	Positivo

6.12.3 Estratigrafia

A estratigrafia da Área Arqueológica Kurisevo das Pedras revelou-se bastante uniforme e simples, como podemos ver nos quadros abaixo apresentados, de onde consta a leitura estratigráfica de Kurisevo 1 na quadra C2 (Quadro 35) e de Kurisevo 4 na quadra B (Quadro 36), onde se registaram algumas diferenças no comportamento dos sedimentos.

Quadro 35. Sítio Kurisevo das Pedras 1 – Estratigrafia, Quadra C2, Corte Oeste

c.1	Sedimento castanho, de granulometria fina, não granular, textura silto-arenosa, porosidade pequena e compactidade solta à macia. Apresenta abundantes inclusões de raízes. Identifica-se à superfície, com uma potência máxima de 18 cm. Camada orgânica de superfície. Cobre a camada 02.	 <p data-bbox="1037 1440 1337 1467">Perfil oeste da Quadra C2</p>
c.2	Sedimento castanho amarelado, de granulometria fina, não granular, textura silto-arenosa, porosidade pequena e compactidade solta à macia. Apresenta algumas inclusões de pequenas raízes e pequenos carvões. Identifica-se em todas as quadras escavadas, sob a camada 01. Daqui provêm materiais líticos dispersos no sedimento. Tem uma potência de cerca de 30 cm e cobre a camada 03.	
c.3	Sedimento castanho acinzentado, com manchas alaranjadas, de granulometria fina, granular, textura areno-siltosa, porosidade média e compactidade solta à macia. Apresenta algumas manchas ferruginosas, inclusões de laterita de forma granular (que lhe conferem uma coloração alaranjada) e alguns pequenos seixos. Neste sedimento encontram-se também materiais. Identifica-se a cerca de 48 cm de profundidade, demonstrando uma espessura de cerca de 35 cm. Cobre a camada 04.	
c.4	Sedimento castanho acinzentado esbranquiçado, de granulometria fina, não granular, areno-siltoso, de porosidade média e consistência solta à macia. Apresenta inclusões muito pequenas de laterita, assim como algum material arqueológico. Identifica-se aos 78 cm de profundidade, com uma espessura de cerca de 15 cm, constituindo uma fina película entre a camada 03 e o substrato arenítico 05. As suas características poderão sugerir tratar-se de depósito fluvial. Cobre o substrato 05.	
c.5	Substrato rochoso de arenito silicificado. Identifica-se aos 90 cm de profundidade, apresentando um ligeiro desnível para leste, onde atinge os 110 cm.	

A estratigrafia de Kurisevo 1 e a sua relação com os materiais arqueológicos afigura-se bastante elucidativa para a compreensão da área.

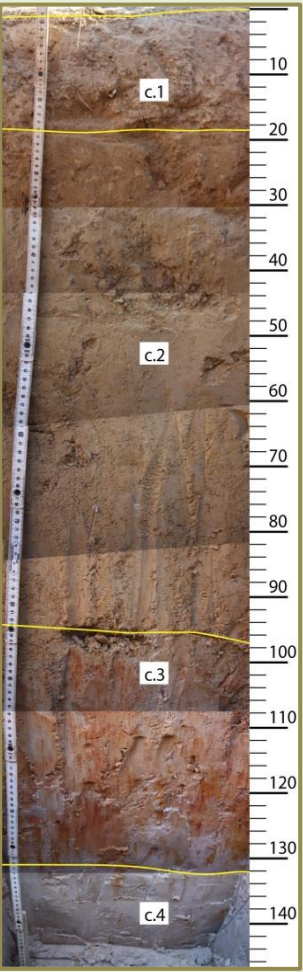
Em todas as quadras escavadas se identifica a camada de superfície 01, com abundante matéria vegetal. A esta sucede o estrato 02, também ele presente em todo espaço intervencionado, de onde provém algum material lítico disperso. Identifica-se sobre a camada 03 e apresenta uma potência variável, verificando-se uma menor expressividade nas quadras que margeiam o rio.

A camada 03 identifica-se em quase todas as quadras intervencionadas, verificando-se uma maior potência estratigráfica nas quadras junto ao rio. Com esta se relaciona algum do espólio arqueológico coletado.

A camada 04 corresponde a uma película fina de sedimento entre a camada 03 e o substrato 05, que se identificou, tão somente, nas quadras C1, C2, D1, D2 e S2. Daqui provém algumas peças do material lítico recuperado, que se encontra entre este sedimento e o substrato arenítico, preenchendo os espaços vagos entre a rocha. As suas características e o rolamento das peças arqueológicas recuperadas levam-nos a interpretá-lo como depósito fluvial.

O substrato arenítico 05 ocorre a uma profundidade variável entre 90 cm e 110 cm, nas quadras C1, C2, D1, D2, M2 e O2, encontrando correspondência com os afloramentos rochosos da envolvente.

Quadro 36. Sítio Kurisevo das Pedras 4 – Estratigrafia, Quadra B

<p>c.1</p>	<p>Sedimento castanho acinzentado claro, de granulometria fina, não granular, textura silto-arenosa, porosidade pequena, média serosidade e compactidade coesa à compacta. Apresenta inclusões de raízes. Identifica-se à superfície, com uma potência máxima de 20 cm. Daqui provém a maioria do material arqueológico recuperado, de onde se destaca um machado em pedra lascada.</p> <p>Camada orgânica de superfície. Cobre a camada 02.</p>	
<p>c.2</p>	<p>Sedimento castanho amarelado, de granulometria fina, não granular, textura silto-argilosa, porosidade pequena, serosidade média e compactidade coesa a compacta. Apresenta algumas inclusões de pequenas raízes e pequenos carvões. Identifica-se em todas as quadras escavadas, sob a camada 01, aos 20 cm de profundidade, apresentando uma espessura máxima de 80 cm. A transição para a camada 03 ocorre gradacionalmente, denotando-se na coloração e textura do sedimento. Não tem material arqueológico associado.</p> <p>É coberta pela camada 01 e cobre a camada 03.</p>	
<p>c.3</p>	<p>Sedimento castanho acinzentado, com abundantes manchas alaranjadas, de granulometria fina, não granular, textura silto-argilosa, porosidade pequena, média serosidade e compactidade coesa à compacta. Apresenta algumas manchas ferruginosas (que lhe conferem uma coloração alaranjada), daqui provindo escasso material arqueológico. Identifica-se a cerca de 90 cm de profundidade, demonstrando uma espessura de cerca de 30 cm.</p> <p>A sua transição para a camada 04, que cobre, ocorre de forma gradacional.</p>	
<p>c.4</p>	<p>Sedimento castanho acinzentado esbranquiçado, úmido, de granulometria fina, não granular, areno-siltoso, de porosidade pequena e consistência solta à macia. Identifica-se aos 130 cm de profundidade, tendo-se registrado a sua presença até aos 140 cm de profundidade (final da escavação). Não se identificou material arqueológico associado.</p>	

Perfil sul da Quadra B

Planta 12. Sítio Kurisevo das Pedras – Geral

Planta 13. Sítio Kurisevo das Pedras KP1

Planta 14. Sítio Kurisevo das Pedras **KP2**

Planta 15. Sítio Kurisevo das Pedras **KP3**

Planta 16. Sítio Kurisevo das Pedras **KP4**

Prancha Fotográfica 25. Kurisevo das Pedras

Prancha Fotográfica 26. Kurisevo das Pedras

Prancha Fotográfica 27. Kurisevo das Pedras

Prancha Fotográfica 28. Kurisevo das Pedras

Prancha Fotográfica 29. Kurisevo das Pedras

Prancha Fotográfica 30. Kurisevo das Pedras

6.12.4 Caracterização dos materiais cerâmicos

No sítio Kurisevo das Pedras foram coletados seis (06) fragmentos cerâmicos provenientes de coletas de superfície na área do KP2.

Os fragmentos pertencem a paredes sem decoração, muito lixiviadas (desgastadas), tendo como principal antiplástico o cariapé do tipo A. Apresentam alisamento em ambas as faces sem nenhum tipo de tratamento de superfície como engobo ou brunidura. A coloração é homogênea, cinza, em alguns fragmentos e, em outros polarizada, de cores bege e cinza. (Figura 115)

As suas características não são passíveis de elucidar sobre a vasilha que integrariam.



Figura 115. Sítio Kurisevo das Pedras: Fragmentos cerâmicos lixiviados e sem decoração

6.12.5 Caracterização dos objetos líticos

A indústria lítica do sítio Kurisevo das Pedras reúne 1.480 objetos, os quais se encontram dispersos numa extensão aproximada de 1.600 m ao longo da margem esquerda do rio homônimo. Coletados em quatro (04) pontos distintos, em campo já se podia observar a similaridade técnica entre os objetos, correspondendo a uma produção sobre seixos de arenito silicificado a partir da técnica unipolar com o predomínio do *façonnage* bifacial.

A distância entre os pontos de coleta é variável, sendo de 1.140 m entre KP1 e KP2; 225 m entre KP2 e KP3 e 230 m entre KP3 e KP4. Do mesmo modo, a frequência dos materiais também é variável, onde o KP1, com 31,4%, e o KP2, com 52%, reúnem quase a totalidade da coleção, perfazendo 83,4%; nos outros dois pontos têm-se 4% no KP3 e 12,6% no KP4 - conforme demonstrado no Gráfico 53, abaixo.

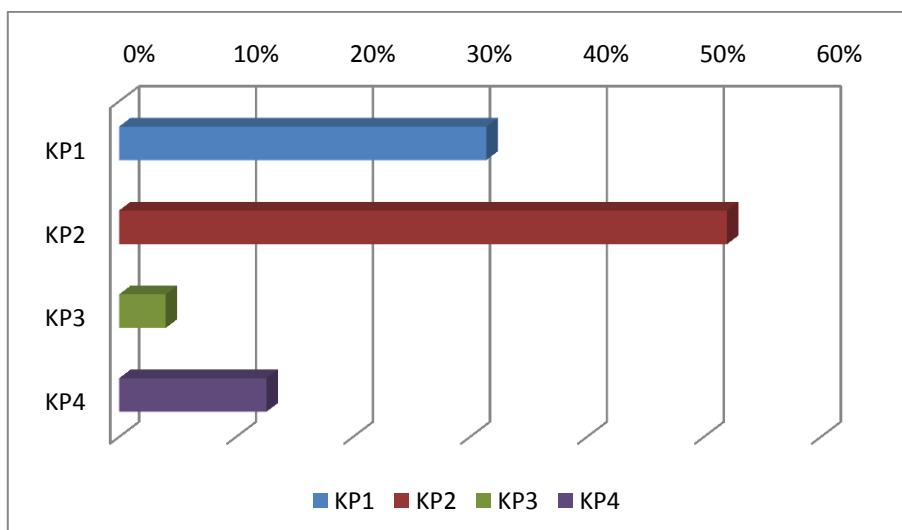


Gráfico 53. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência dos objetos líticos X Ponto de coleta

Ademais, a profundidade dos materiais também varia por ponto de coleta, mas, exceto o KP3, onde os materiais encontravam-se somente em superfície, constatam-se hiatos no pacote arqueológico, havendo níveis estéreis. No KP1 o pacote possui 120 cm de espessura (desde a superfície), mas é estéril entre 0 e 20 cm. No KP2 o pacote mede 170 cm de espessura, sendo estéril entre 10 e 40 cm, bem como entre 90 e 160 cm. E no KP4 o pacote mede 80 cm, mas bastante irregular, sendo estéril entre 0-10 cm, 20-40 cm e 50-70 cm – conforme demonstrado no Gráfico 54, abaixo.

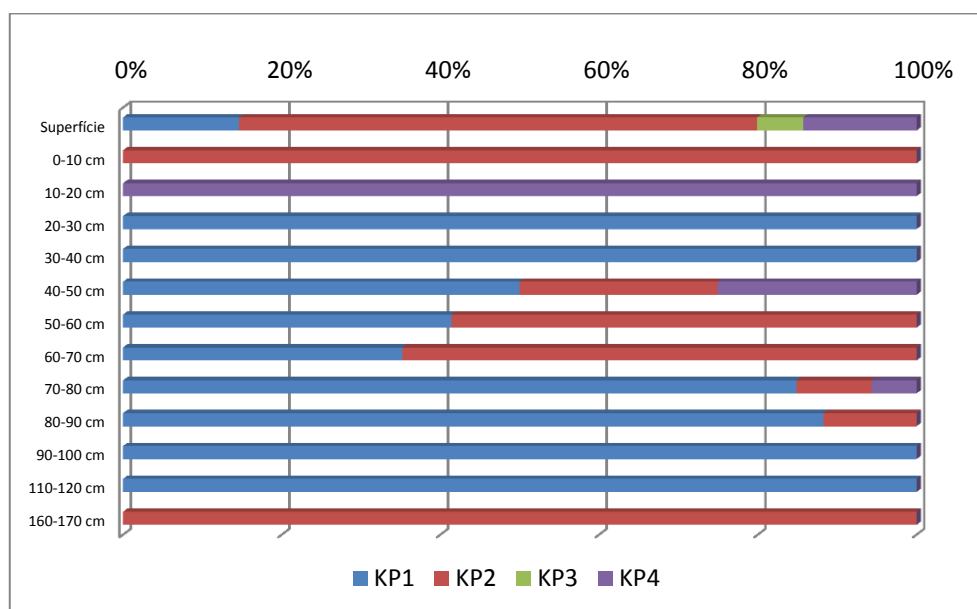


Gráfico 54. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência dos objetos líticos x Ponto de coleta x Nível

Tais variações, de espessura e profundidade do pacote arqueológico, provavelmente relacionam-se a diversos fatores, dentre eles, a processos pós-deposicionais, principalmente, e à dinâmica de ocupação do sítio. No primeiro caso, tem influência a proximidade ao leito do rio,

cujos materiais arqueológicos ficam suscetíveis às variações de sedimentação, podendo, por este motivo, serem deslocados de suas posições originais. No segundo caso, variações ocorrem segundo o número de habitantes, a frequência das atividades e o grau das produções líticas desempenhadas por eles.

Segue a análise das estratégias dos artesãos empregadas na produção desta indústria.

6.12.6. Aquisição das matérias-primas

As matérias-primas utilizadas nos objetos identificados nos quatro pontos de coleta compreendem majoritariamente arenitos silicificados de textura fina a média e coloração variável entre tons de cinza e vermelho, o resíduo cortical existente em 27,7% dos materiais indica que se trata preferencialmente de seixos – no restante, os objetos não apresentam córtex. Ou seja, ratifica-se que a fonte de matéria-prima desses artesãos encontrava-se *in situ*, sendo esta adquirida nas margens e proximidades do rio Kurisevo. A disponibilidade destes arenitos de alta qualidade de lascamento neste trecho do rio deve ter influenciado na decisão dos(s) grupo(s) indígena(s) em ali assentar e produzirem instrumentos.

6.12.7. As atividades de lascamento

A produção dos objetos corresponde à categoria de: núcleos (1,7%), lascas residuais (47,1%), detritos (39,4%) e instrumentos (11,8%) - destacando-se a predominância das lascas e detritos (Gráfico 55). E todos os artefatos foram produzidos através da técnica unipolar com percutor duro.

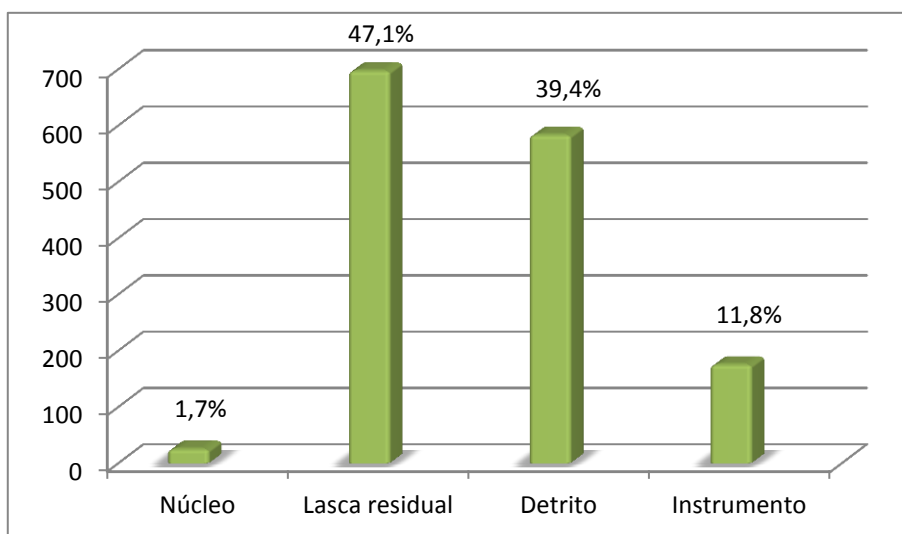


Gráfico 55. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência geral de categorias

No Gráfico 56, abaixo, constata-se, no geral, que os quatro tipos de categorias ocorrem nos distintos ponto de coleta (KP1, KP2, KP3 e KP4). Entretanto, individualmente, observa-se que os percentuais de lascas e detritos são mais numerosos nos pontos KP1 e KP2 (variando entre 37 e 52%) do que nos pontos KP3 e KP4 (variando entre 25 e 39%) e que, contrariamente, os instrumentos são mais numerosos nos pontos KP3 e KP4 (variando entre 23 e 31%) do que nos pontos KP1 e KP2 (variando entre 8 e 10%). Os núcleos, por sua vez, não ultrapassam 7% em nenhum dos pontos de coleta.

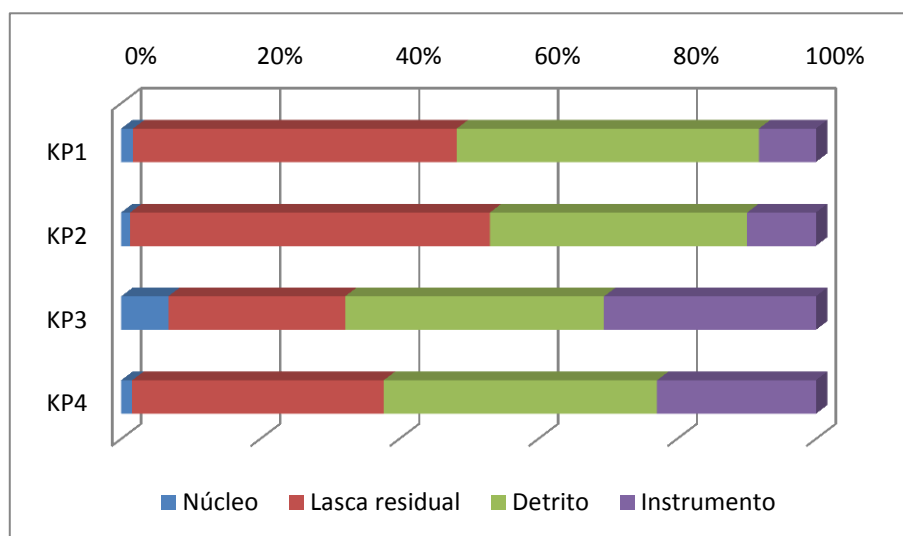


Gráfico 56. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência de categorias x Ponto de coleta

Essas variações percentuais entre os tipos de categorias dos materiais nos diferentes pontos de coleta sugerem estar relacionadas à dinâmica de ocupação do sítio, ou seja, com as tarefas de produção dos objetos ocorrendo mais intensamente nas áreas KP1 e KP2, e assim sendo, correspondendo a áreas de oficina, e a utilização dos instrumentos produzidos por estes artesãos ocorrendo mais efetivamente nas áreas KP3 e KP4.

De outro modo, comparando-se a frequência dos tipos de categorias de objetos nos diferentes níveis e também por ponto de coleta (ainda que as profundidades da camada de ocupação sejam distintas em razão de diversos fatores), observa-se que não há exclusividade de um tipo de categoria em um dado nível (exceto naqueles níveis em que os materiais não excedem cinco peças) e tampouco em um dado ponto de coleta. Ou seja, ainda que os instrumentos sejam mais numerosos nas áreas do KP3 e KP4, estes não deixaram de ocorrer também nas áreas do KP1 e KP2, demonstrando que a área de atividades destes indígenas era bastante ampla e deste modo foi mantida por um longo período de tempo. Reforça-se esta afirmação as altas concentrações de materiais registradas na subsuperfície da área do KP1, entre 70 e 100 cm, e na área do KP2, entre 50 e 70 cm de profundidade, bem como na superfície de todas as quatro áreas (Gráfico 57).

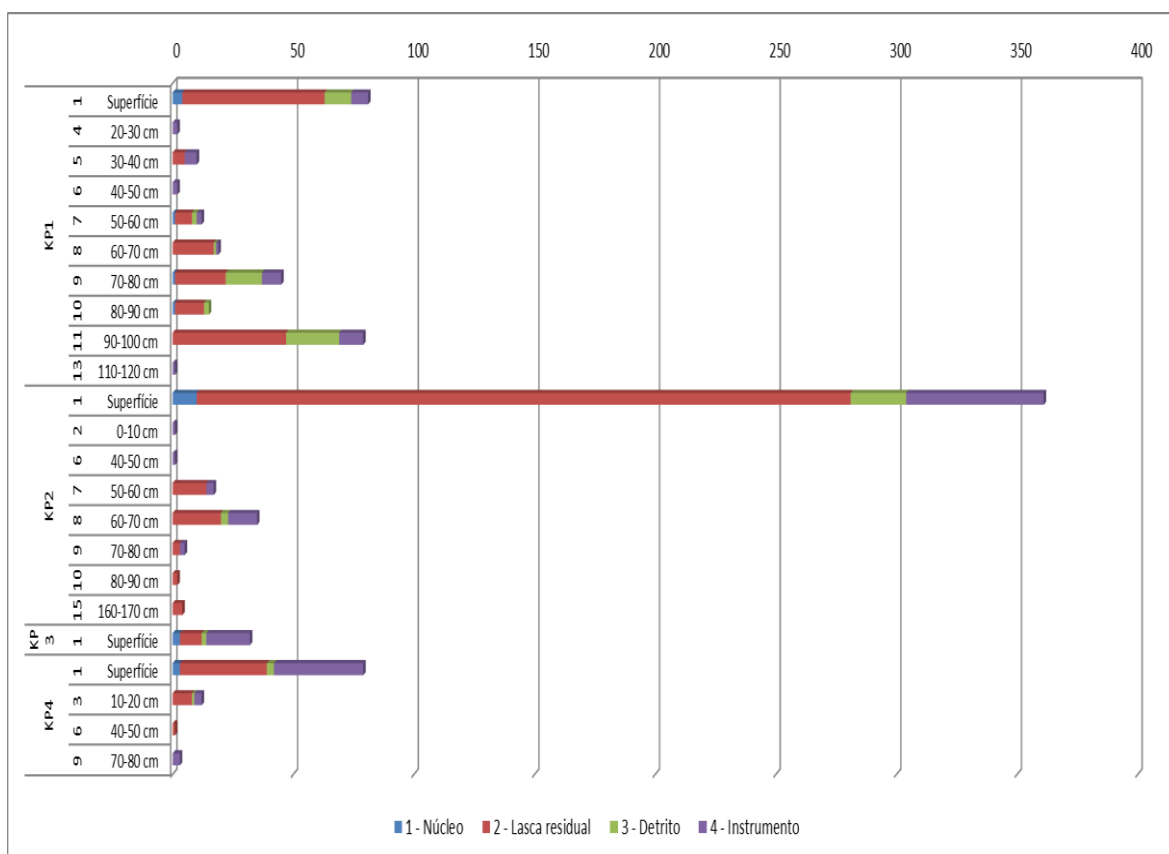


Gráfico 57. Sítio Kurisevo das Pedras: Frequência de categorias x Nível x Ponto de coleta

Conforme já questionado, é provável que eventos tenham ocorrido durante a ocupação do sítio, sejam eles antrópicos ou naturais, para que provocassem as diferenciações observadas em relação à quantidade de materiais por nível e ponto de coleta.

Todavia, ainda que ocorram pequenas diferenças quantitativas entre os quatro pontos de coleta, leva-se em consideração a produção da indústria lítica em si, subentendendo-se já em campo a igualdade existente na cadeia e nos esquemas operatórios empregados na obtenção dos instrumentos - tais como a aquisição preferencial de seixos disponíveis *in situ*, o emprego da técnica unipolar com percutor duro e a recorrência do emprego do *façonnage* bifacial.

Assim sendo, as apresentações das análises serão divididas segundo as diferentes categorias de objetos e, estas, exemplificadas através da análise diacrítica, ilustrações e indicação dos níveis e pontos de coleta de alguns objetos. Ademais, procurar-se-á, caso ocorram, clarificar diferenças nestas produções.

Segue a apresentação das distintas categorias.

Núcleos

Os núcleos somam 25 exemplares e, segundo a classificação de Boëda (2007), enquadram-se no sistema de debitage adicional do tipo 'C' e 'D'. Todavia, assim como

registrado no sítio Jatobá, observam-se particularidades no modo de debitage de alguns exemplares, dificultando enquadrá-los num ou noutro sistema, pois suas características técnicas são ambíguas. De qualquer modo, procurou-se seguir tal classificação em consonância com o trabalho de VIANA (*et al* 2014: 145-150), onde é possível reconhecer similaridades entre os núcleos desta indústria Kurisevo e os exemplares ilustrados pela autora – exemplos de núcleos de sítios do Estado de Goiás.

Segue a apresentação destes sistemas de debitage e respectivas ilustrações:

a. Sistema adicional de tipo C

É o sistema mais comum na pré-história brasileira, cujo núcleo corresponde somente a uma parte do bloco debitado (volume útil). A outra parte serve de reserva de matéria-prima para possíveis fases ulteriores de debitage, além de ter um papel em termos de inércia no momento do impacto e permitir a apreensão da mão do lascador. Estas duas partes são independentes. Neste sistema do tipo C não há uma fase preliminar de preparação do núcleo, com exceção do plano de percussão que, quando não existe naturalmente, pode ser preparado por uma primeira retirada na superfície do bloco. Os critérios necessários à debitage das lascas predeterminadas, as convexidades laterais e distais, encontram-se naturalmente no bloco. Nestes casos a fase de seleção da forma da matéria-prima é fundamental (VIANA *et al.* 2014: 146-147).

Nesta indústria as explorações, dos núcleos deste sistema C, ocorrem a partir de uma superfície cortical ou do preparo de uma plataforma de percussão de superfície plana e lisa. A matriz é explorada parcialmente, mantendo-se até 2/3 do córtex.

Exemplificando:

- KP3-2 (superf.: 16,2 x 15,2 x 12,2 cm) – núcleo sobre um seixo de arenito silicificado, composto por uma plataforma de percussão facetada (dois negativos quase planos) e duas superfícies de lascamento paralelas e opostas, restando metade do seixo cortical. Uma dessas superfícies compõe um único negativo (16,2 x 10,9 cm) e a oposta três negativos (dois adjacentes e um sobreposto - o maior mede: 6,1 x 11,6 cm). Destas explorações resultaram lascas longas e largas, de talão facetado e cortical. Ainda compõe um lascamento, efetuado a partir de uma das superfícies de lascamento, que resultou numa lasca cortical de talão liso (11,4 x 3,6 cm). Tal exploração indica a intenção do lascador em obter lascas longas e largas – suportes para instrumentos (?) (Figura 116).

- KP3-4 (superf.: 14,5 x 11,3 x 10,1 cm) – núcleo sobre um seixo de arenito silicificado avermelhado, de morfologia quase quadrangular. Composto por uma única superfície de percussão cortical (base) a partir da qual o artesão produziu três superfícies de lascamento adjacentes e perpendiculares entre si. Não se evidencia uma ordem sequencial de lascamentos por superfície lascada, mas é evidente a sua sobreposição – de modo que foram obtidas lascas corticais numa primeira etapa e lascas acorticais (6,6 x 4,3 cm; 6,3 x 7,8 cm; 3,7 x 7,2 cm, dentre

outras) numa segunda etapa. Resta córtex na porção superior e numa lateral do núcleo (Figura 117).



Figura 116. Sítio KP3 (superfície) – Núcleo de arenito silicificado com debitage a partir de uma superfície facetada - tecnotipo 1



Figura 117. Sítio KP3 (superfície) – Núcleo de arenito silicificado com debitage a partir de córtex tecnotipo 1

b. Sistema adicional de tipo D

Debitagem de tipo D é caracterizada por um volume útil, resultante de uma inicialização da superfície de lascamento que, ocasionalmente, pode se estender ao plano de percussão. É também considerada adicional, por deter um volume residual e as partes não estarem integradas. Distingue-se das estruturas discoides por, dentre outras características, restringir a preparação ao volume útil, reservado para a retirada de lascas predeterminadas e não a totalidade da matriz.

Num núcleo do tipo D, o volume útil é previamente preparado para obter as convexidades desejadas das superfícies de lascamento. A porção considerada residual pode, num segundo momento, ser organizada para receber outra série de lascamentos (VIANA et al, 2014: 152).

Todavia, assim como Viana e outros (2014: 154) advertem, estes núcleos em contextos do Brasil Central apresentam particularidades que os distinguem dos objetos provenientes da Europa, Ásia e África - e, por esse motivo, os denominou de núcleos do tipo Manso³⁶. Estes núcleos apresentam uma estrutura volumétrica semelhante à concepção de debitage discóide³⁷ (BOËDA, 1994). Entretanto, no tipo Manso, as sequências de lascamento do núcleo são poucas e curtas, nem sempre atingem o centro da superfície de lascamento e estão dispostas somente em direção centrípeta, além disso, o volume residual é pouco expressivo, mas sempre presente (VIANA et al. 2014: 154).

Núcleos idênticos a estes do tipo Manso ocorrem na indústria deste sítio Kurisevo – daí a opção de correlacioná-los a este tipo. Ademais, tais núcleos destacam-se na indústria, pois apresentam configurações volumétricas semelhantes a peças bifaciais, sendo estes os instrumentos que a caracterizam. Ou seja, objetos aqui definidos como núcleos podem, contrariamente, corresponder ao *façonnage* de peças bifaciais – tratando-se simplesmente de suas pré-formas (veja a descrição dos ‘instrumentos’ deste sítio, mais adiante).

Para uma melhor classificação é necessário que sejam realizadas análises mais apuradas da indústria, com a efetiva leitura diacrítica dos instrumentos, bem como dos núcleos e resíduos de lascamento. Por ora, segue a descrição e ilustração de dois exemplares:

- KP2-360 (superf.: 39,0 x 33,2 x 14,8 cm) – seixo de arenito silicificado de forma oval, de superfícies opostas abauladas. Os lascamentos ocorrem em apenas uma borda, estendendo-se por 46,0 cm de extensão, de um total de 70,0 cm (toda a periferia) – tais lascamentos não recobrem mais do que 1/3 de toda a matriz, restando preservado grande parte do córtex. Ao longo de 25 cm, lascamentos longos e largos (ex. 9,0 x 5,5 cm – mas chegando a atingir 12,0 cm de comprimento) sobrepõem-se, e ocorrem a partir de superfície cortical. Ao longo dos 21 cm restantes, duas superfícies convexas, delimitadas por um plano de interseção são exploradas por sequências de lascamentos curtos e centrípetos (sendo estas as retiradas que podem, de outro modo, corresponder ao *façonnage* do seixo e, neste caso, o objeto corresponder a uma pré-forma de peça bifacial) - (Figura 118).

- KP-16 (superf.: 12,6 x 15,5 x 6,3 cm) – núcleo fragmentado ao meio, sobre seixo de arenito silicificado. Apresenta duas superfícies convexas, delimitadas por um plano de interseção, que são exploradas por retiradas centrípetas e sobrepostas, recobrando-as quase que totalmente, restando menos de 1/3 de córtex somente na extremidade de uma dessas superfícies. Sobre a

³⁶ Núcleos primeiramente identificados em sítios litocerâmicos da bacia do Rio Manso, região central do Estado do Mato Grosso, datados em cerca de 1000 A.P.

³⁷ Trata-se de duas superfícies convexas, delimitadas por um plano de interseção, que são exploradas por golpes de direção secante, de forma não hierarquizada, ou seja, a superfície e o plano de percussão podem se inverter em retiradas alternadas durante a sequência operatória.

quebra mesial, observam-se novas retiradas, indicando que mesmo o núcleo fragmentado, a matriz foi reaproveitada. Destas explorações resultaram lascas longas e largas (7,0 x 8,3 cm; 7,6 x 3,8 cm, etc.)- (Figura 119).



Figura 118. Sítio KP2 (superfície) – Grande núcleo de arenito silicificado, tecnótipo 2, lascamentos bifaciais



Figura 119. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Núcleo de arenito silicificado, tecnótipo 3, lascamentos bifaciais

Os resíduos de lascamento – lascas residuais e detritos

As lascas residuais e os detritos correspondem, respectivamente, a 47,1% e 39,4% do total desta indústria. Em relação aos quatro pontos de coleta, conforme já registrado inicialmente, têm-se nas áreas do KP1 e KP2 uma quantidade significativamente maior de ambas as categorias - 32,6% e 53,4%, respectivamente -, do que nas áreas do KP3 e KP4 - 2,9% e 11,1%, respectivamente. Registro este que justifica sugerir-se que os lascamentos ocorreram mais intensivamente nos dois primeiros pontos de coleta.

Lascas residuais

Ao longo de todos os níveis da ocupação não se observam entre as lascas residuais técnicas ou métodos diferenciados de produção, pois não ocorrem exemplares de outra matéria-

prima que não sejam os arenitos silicificados locais, tampouco lascas bipolares e configurações volumétricas que se destaquem no conjunto. As correlações são perceptíveis e suas variações tecnológicas comuns a todos os pontos de coleta e respectivos níveis de ocupação.

Assim, registra-se que:

- 100% das lascas e detritos são de arenito silicificado; e 69,6% estão inteiras;
- 76,9% não apresentam resíduo cortical e 23,1% apresentam córtex e, em geral, recobrando não mais do que 1/3 da peça;
- Quanto aos tecnotipos: 50,9% são unipolares do tipo D2 (segundo etapa da debitage); 40,9% são de *façonnage* (F) e apenas 8,2% são unipolares do tipo D1 (primeira etapa de debitage). É interessante observar que as lascas corticais não são muito frequentes, pois os instrumentos foram produzidos dentro do sítio e com matéria-prima local, como demonstrado pelas altas frequências de lascas provenientes das etapas intermediárias da debitage e dos lascamentos de *façonnage*. Ainda que as fontes da matéria-prima estivessem próximas ao sítio, é possível que os lascadores as tenham transportado já previamente lascadas, ao menos as matrizes maiores e mais pesadas;
- O talão é diverso, com o predomínio do tipo linear (45,4%), os outros tipos são facetado (20,4%), liso (18,4%), cortical (14,0%) e radial ou de peça bifacial (reunindo 1,8%).
- As lascas não apresentam construção volumétrica e seção mesial padronizada – em geral, os lascamentos dorsais ocorrem paralelos ou centrípetos (não convergindo para um ponto em comum) em relação ao eixo de debitage da lasca;
- Face dorsal de muitas lascas apresenta uma particularidade, especialmente naquelas de talão linear - há um acentuado escalonamento na linha dorsal do talão, lascamentos sobrepostos que se prolongam até 1/3 ou metade da face dorsal. Tal escalonamento poderia ser correlacionado, inicialmente, ao preparo do talão, todavia, como a indústria caracteriza-se pelo *façonnage* bifacial, tais lascas parecem corresponder ao produto destes lascamentos - tratando-se, portanto, de lascas de *façonnage*. Outro elemento que reforça esta última correlação, é que na porção dorsal do talão ainda se observa certo macerado, semelhante ao macerado identificado em alguns gumes das peças bifaciais;
- Quanto às dimensões, as lascas inteiras chegam a medir até 14,0cm de comprimento e 12,0cm de largura, mas a maioria fica entre 2,1 e 6,0cm de comprimento e largura (mais da metade do conjunto de lascas). E tais medidas correspondem às lascas dos quatro pontos de coleta, apenas no KP3 tem-se uma maioria de peças entre 4,1 e 8,3cm, mas neste ponto têm-se apenas sete lascas, quantidade pequena se comparada aos outros – (Gráficos 58 a 61)
- A grande quantidade de lascas de *façonnage* e uma maioria de lascas de pequenas dimensões nas áreas do KP1 e KP2, reforçam que em ambos os locais ocorreu uma intensa produção de instrumentos, podendo inclusive corresponder muitas destas lascas ao reavivamento de gumes.

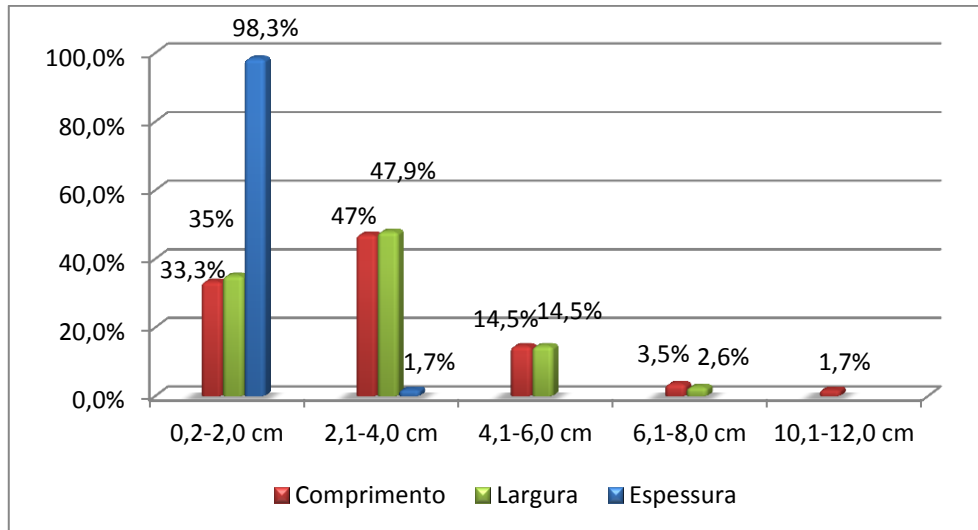


Gráfico 58. Sítio Kurisevo das Pedras (KP1) – Dimensões das lascas residuais

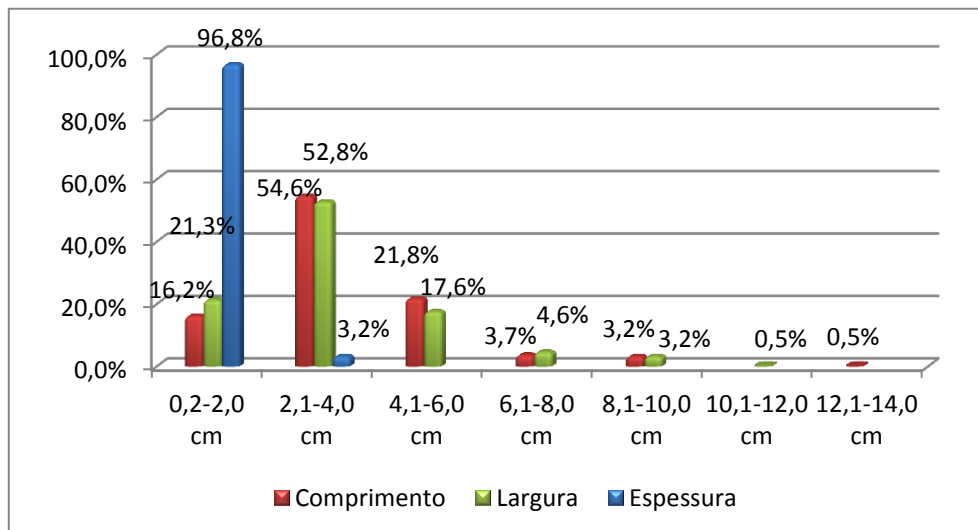


Gráfico 59. Sítio Kurisevo das Pedras (KP2) – Dimensões das lascas residuais

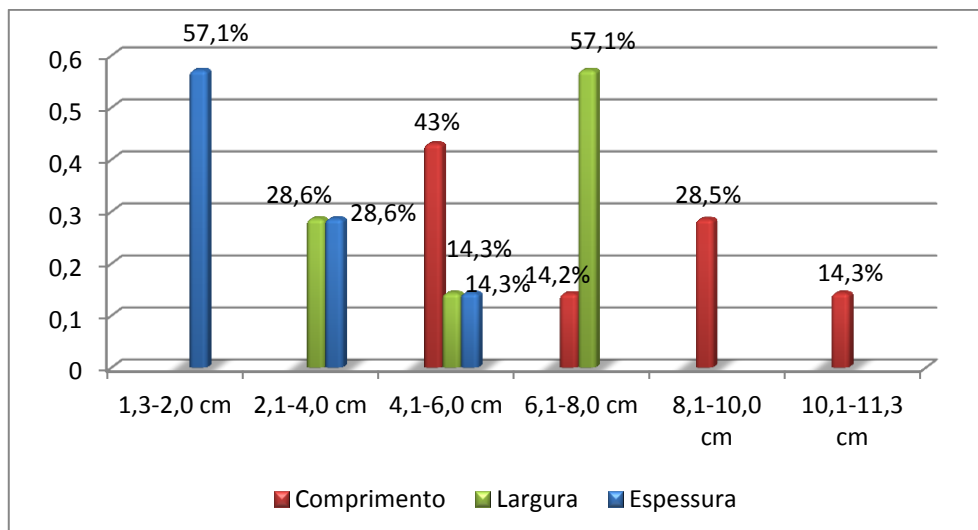


Gráfico 60. Sítio Kurisevo das Pedras (KP3) – Dimensões das lascas residuais

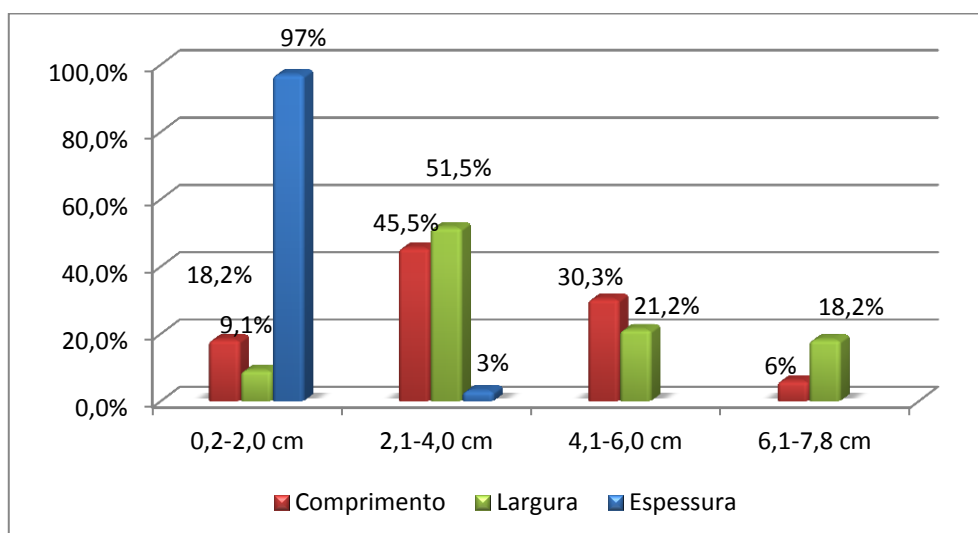


Gráfico 61. Sítio Kurisevo das Pedras (KP4) – Dimensões das lascas residuais inteiras

Detritos

Os detritos somam 583 exemplares. Dentre estes, 75,3% são acorticais e suas dimensões variam de 1,0 a 7,8cm de comprimento; de 0,7 a 5,6cm de largura e de 0,2 a 6,0cm de espessura. Trata-se de produtos da debitage dos núcleos ou do *façonnage* dos instrumentos.

Instrumentos

Os instrumentos totalizam 175 exemplares e destes, conforme já observado, distribuem-se pelos quatro pontos de coleta, mas comparado com as outras categorias são um pouco mais numerosos nas áreas do KP3 e KP4.

Dentre os instrumentos identificam-se maiores percentuais de lascas retocadas (56,0%) e de peças bifaciais (30,3%), em menores frequências ocorrem peças sem estrutura definida (8,6%), percutores (2,8%), peças unifaciais (1,7%) e uma peça polida (0,6%) – (Gráfico 62).

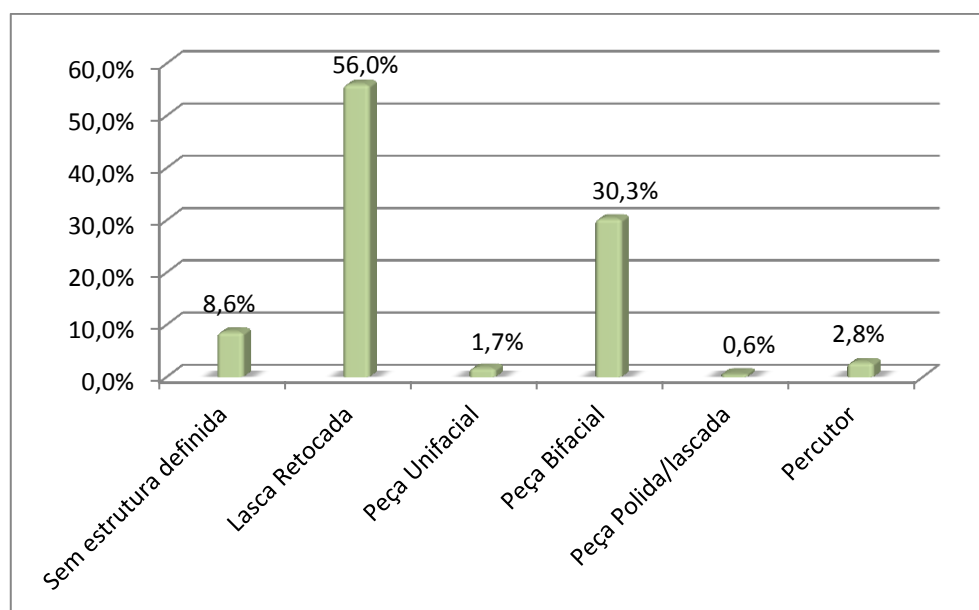


Gráfico 62. Sítio Kurisevo das Pedras – Frequência dos tipos de instrumentos

Em relação aos tipos de instrumentos por ponto de coleta observa-se certa homogeneidade nas distribuições, com as peças mais numerosas (lascas retocadas e peças bifaciais) ocorrendo em todos os locais, sem exclusividades. As peças menos numerosas, ao contrário, ocorrem num dado local, como as peças unifaciais que foram identificados no KP1 e KP2, os percutores no KP1 e KP4 e a peça polida/lascada no KP4 – tal restrição pode estar relacionada apenas à suas baixas frequências, considerando a ocorrência dos outros instrumentos por todos os locais.

Seguem as características técnicas desses instrumentos:

Lasca retocada

Para a confecção de lascas retocadas os artesãos utilizaram como suporte as lascas relativamente mais volumosas e de gumes já naturalmente agudos, pois as UTF(t) são criadas sem a reestruturação do suporte.

Tais instrumentos ocorrem também ao longo de todos os níveis, desde a superfície aos 100cm de profundidade. Suas dimensões variam de 0,1 a 20,0 cm de comprimento e largura, e de

0,1 a 8,0 cm de espessura - mas predominam as lascas de 4,1 a 8,0 cm de comprimento (em média, 25,3% das peças), de 2,1 a 6,0 cm de largura (em média, 32,2% das peças) e de 0,1 a 4,0 cm de espessura (63% das peças) – (Gráfico 63).

A seleção de suportes maiores pode estar relacionado ao tipo de atividade a que tais instrumentos eram designados. Além disso, sendo de grande porte, a boa estruturação da unidade preensiva deveria também ser relevante.

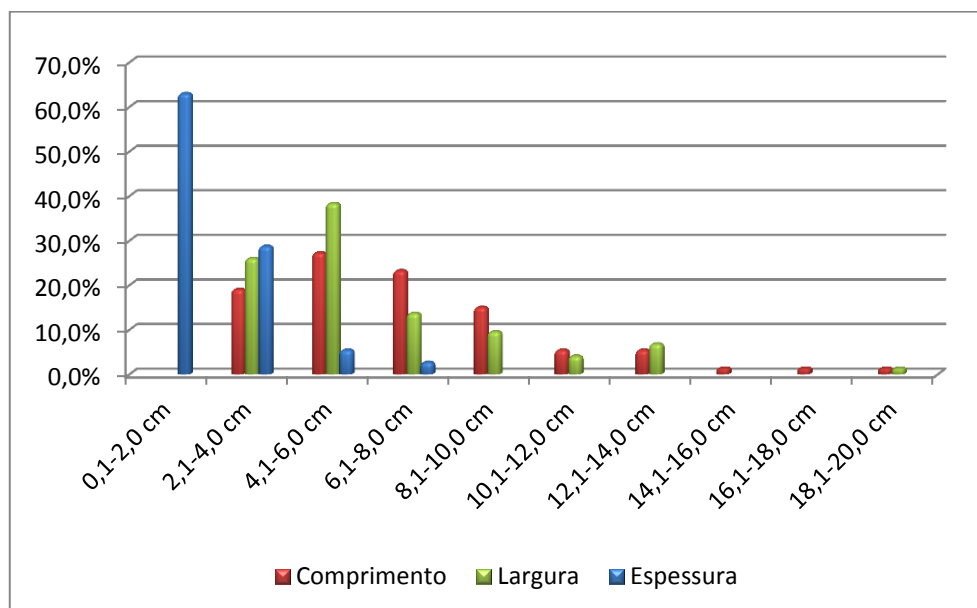


Gráfico 63. Sítio Kurisevo das Pedras – Dimensões das lascas retocadas inteiras

Tendo em vista que a estrutura original destas lascas retocadas não foi modificada, suas construções volumétricas são tão diversas quanto as lascas residuais (seus suportes). Do mesmo modo na variedade do talão, sendo mais recorrentes talões facetados (33,3%), lineares, corticais (ambos com 20,7%) e lisos (17,2%); e com face dorsal compondo negativos paralelos ou concêntricos. Chama a atenção que mesmo aquelas lascas de talão linear, com redução dorsal (de *façonnage*), registradas no conjunto das lascas residuais, foram empregadas como suportes.

A baixa elaboração dessas lascas retocadas denota que os suportes selecionados possuíam características técnicas já adequadas ao instrumento projetado pelo artesão - e essa opção técnica reflete-se em toda a produção dessa indústria.

Na maioria, tais lascas compõem apenas uma unidade ativa (88,8%), poucas peças possuem duas unidades. Essas unidades foram confeccionadas, em geral, somente com retoques sobre gumes já naturalmente agudos; apenas quatro (04) exemplares apresentam *façonnage* com planos de corte e retoques – compreendendo peças de maior investimento na confecção do gume ativo. Os retoques são, na grande maioria, côncavos, delineando gumes irregulares com ângulos que variam entre 30 e 60°. Segundo informação oral de Eric Boëda, peças com ângulos agudos

indicam instrumentos designados para atividades de corte, e com ângulos obtusos (maiores de 60°) para atividades de raspar.

A unidade preensiva dessas lascas retocadas localiza-se na porção oposta da unidade ativa, podendo ser, em geral, o talão, por ser mais espesso, ou mesmo outra unidade ativa nos casos em que a peça apresentar mais de uma UTF(t)

Segue a descrição de três lascas retocadas identificadas na superfície da área de dispersão do KP4, representativas de instrumentos cujo *façonnage* foi efetuado sobre um gume naturalmente agudo – confecção que requer baixos investimentos e sendo esta a opção técnica preferencial:

- KP4-9 (superf.: 8,2 x 5,8 x 2,1 cm) - lasca retocada semi-cortical do tecnótipo D1. De talão liso, o córtex prolonga-se por toda uma lateral, sendo esta espessa (2,1 cm) e correspondendo à unidade preensiva. Compõe uma UTF(t) na lateral oposta à lateral cortical, formada por retoques regulares, côncavos, que delineiam um gume irregular/convexo de 60° (Figura 120).

- KP4-24 (superf.: 6,1 x 6,5 x 2,2 cm) – lasca retocada semi-cortical do tecnótipo D1. De talão liso, córtex sobre metade da face e duas retiradas paralelas ao eixo de debitage. Compõe uma UTF(t) justamente às custas do córtex, formada por retoques côncavos, que delineiam um gume irregular/convexo de 40° (Figura 120).

- KP4-43 (superf.: 6,5 x 6,0 x 1,2 cm) – lasca retocada acortical do tecnótipo D1. De talão liso, com duas retiradas paralelas ao eixo de debitage. Compõe uma UTF(t) ao longo de uma lateral e toda porção distal, formada por um plano de corte plano (na lateral) e retoques côncavos, que delineiam um gume retilíneo (distal)/convexo (lateral) de 40° (Figura 120).

Estes três instrumentos, considerando-se os gumes agudos, parecem designados a atividades de corte, sendo os dois primeiros utilizados para o corte de materiais mais resistentes.

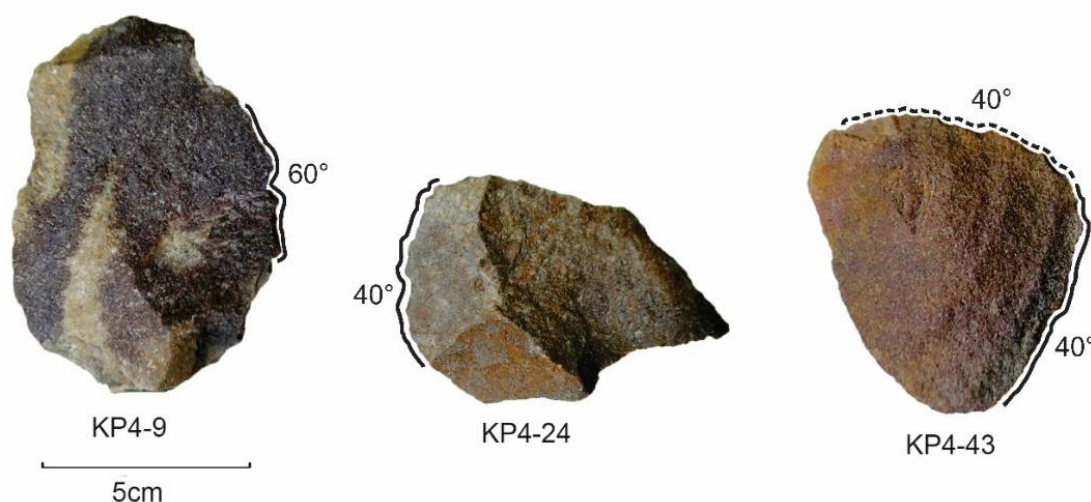


Figura 120. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) - Lascas retocadas de arenito silicificado com gumes ativos variando entre 40 e 60° – instrumentos para corte (?)

Peças Unifaciais

O *façonnage* unifacial, segundo Viana e outros (2014: 156-157) compreende a obtenção de um volume de instrumento ou um volume de suporte de instrumento por retiradas em uma única face, sendo esta realizada, nos contextos brasileiros, a partir de suportes naturais ou a partir de lascas. Neste caso, há uma complementariedade entre uma primeira etapa de debitage da lasca e uma segunda etapa de *façonnage* desta. As características volumétricas desta lasca são parcialmente modificadas por um *façonnage* unifacial, sempre às custas da face superior. Em outros casos, pode ocorrer o *façonnage* unifacial em suportes naturais, sem fase preliminar de debitage.

Na indústria deste sítio Kurisevo as peças unifaciais ocorrem em pequena quantidade, foram identificados apenas três exemplares, nas áreas do KP1 e KP2.

Dois exemplares, um identificado aos 50-60cm (KP1-2: 6,0 x 5,6 x 3,8 cm) e outro na superfície (KP2-92: 9,0 x 6,7 x 4,4 cm) são tecnicamente semelhantes, ambos produzidos sobre suportes naturais, ou seja, sobre seixos onde o *façonnage* unifacial ocorre em apenas uma das extremidades e a partir de uma superfície cortical plana. Planos de corte planos e retoques escalariformes definem um gume irregular de 60/70° (Figura 121).

O outro exemplar, identificado aos 90-100cm (KP1-1: 8,9 x 7,4 x 4,9 cm) apresenta uma etapa inicial de debitage, onde foi criada uma superfície plana, e uma etapa posterior de *façonnage*, onde planos de corte e retoques, efetuados a partir desta superfície plana, parecem delinear duas unidades ativas: a) retoques escalariformes às custas de córtex delineiam um gume côncavo de 70°; b) planos de corte planos e retoques escalariformes delineiam um gume irregular de 70°.



Figura 121. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça unifacial sobre seixo, unidade ativa numa das extremidades de gume irregular de 60/70°

Ainda que escassas, é destaque a presença de peças unifaciais nesta indústria, considerando que é o *façonnage* bifacial, e não o unifacial, o esquema técnico que a caracteriza. A opção pela produção também de peças unifaciais demonstra, de alguma maneira, o conhecimento por parte dos artesãos, ou de ao menos um dos artesãos, deste esquema de produção. Tal conhecimento pode ter sido adquirido por contato, mas, se levar-se em conta a escassez desse tipo de instrumento na indústria, é plausível sugerir que o grupo tivesse conhecimento também deste esquema, porém, naquele local e durante um determinado período não houve a necessidade deste tipo de instrumento.

Peças Bifaciais

O método de *façonnage* bifacial conta com retiradas efetuadas sobre duas superfícies delimitadas por um plano de interseção. As duas superfícies não são hierarquizadas, podendo, ao longo de uma mesma sequência de lascamento, ora corresponder à superfície de lascamento, ora à superfície do plano de percussão. Em geral, as retiradas são periféricas e centrípetas, com golpes efetuados ao longo da linha de interseção a partir do plano de percussão. As retiradas centrífugas são raras, em geral ocorrem para a organização da zona preensiva do instrumento (Unidade Tecnofuncional Preensiva [UTF-p]. Obtendo-se a estrutura volumétrica desejada, a etapa seguinte corresponde a confecção da(s) Unidade(s) Tecnofuncional(is) Transformativa(s) (UTF-t) (BOËDA, 2001).

Nesta indústria do sítio Kurisevo das Pedras, chama a atenção, de imediato, a alta frequência de instrumentos produzidos sobre seixos através do *façonnage* bifacial, com formas e dimensões diversas. Em campo, a identificação de um instrumento completamente atípico, tal como uma 'espada', produzida através de lascamentos bifaciais e polimento (ver mais adiante, neste item), já indicava a relevância desta oficina lítica, sugerindo tratar-se de produções relacionadas a um determinado grupo étnico.

Ou seja, o *façonnage* bifacial foi o esquema de produção recorrentemente empregado na produção desta indústria e, sob esta concepção, os artesãos geraram instrumentos bifaciais morfológica e dimensionalmente tão diversos que parecem compor diferentes etapas de uma mesma cadeia operatória. Exemplificando, não raras vezes identificam-se peças que parecem inacabadas - pré-formas de peças bifaciais - e que, por algum motivo, foram abandonadas, seja por um erro de produção (golpe mal feito, inabilidade do artesão, etc.) ou até mesmo por vontade própria. Em outros casos, o suporte é uma lasca e o artesão parece ter simplesmente resolvido, a partir desta mesma concepção, produzir um instrumento diferenciado, restringindo o *façonnage* bifacial a uma pequena porção deste suporte. Também há muitas peças fragmentadas, restando não mais do que 1/3 ou metade do instrumento, dificultando sua reconstrução, mas em geral, parecem corresponder à porção mesio-distal (do gume). Por fim, têm-se ainda os núcleos que, a partir de uma exploração mais complexa (debitagem do tipo D [tipo 'Manso'/discoide), confundem-se com as peças bifaciais.

Seguem algumas descrições e ilustrações de diferentes peças bifaciais, como forma de exemplificar os casos acima expostos:

***Pré-formas - Instrumentos cujo suporte é uma lasca e o façonnage bifacial restringe-se à porção proximal (borda do talão)**

- KP2-188 (Superf.: 6,2 x 9,0 x 2,3 cm); KP2-46 (Superf.: 5,4 X 9,0 X 1,9 cm) – estes instrumentos têm como suporte uma lasca. Embora possam também corresponder a lascas retocadas, a presença de lascamentos bifaciais associados a certo maceramento no talão (que se estende por toda a borda proximal) sugere se tratar de uma pré-forma de peça bifacial (Figura 122 e 123).

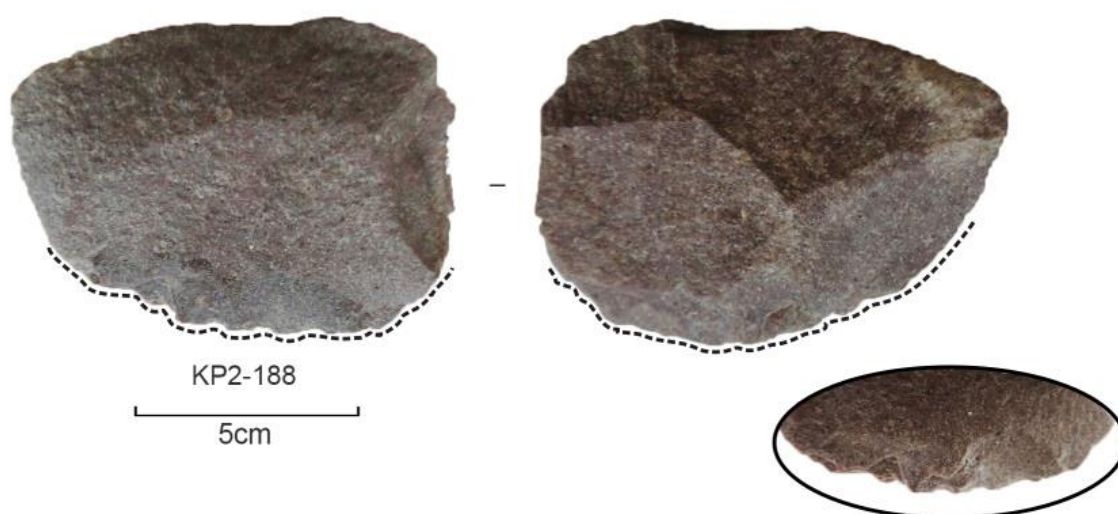


Figura 122. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Pré-forma de peça bifacial cujo suporte é uma lasca

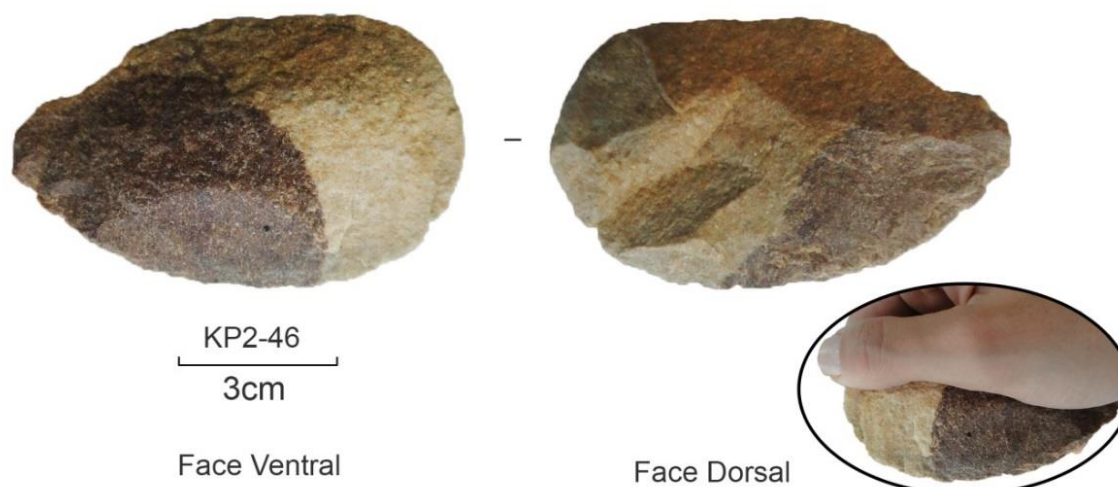


Figura 123. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Pré-forma de peça bifacial cujo suporte é uma lasca

*** Pré-formas - Instrumentos cujo suporte não é identificado, o façonnage bifacial recobre ambas as faces**

- KP2-44 (Superf.: 7,9 x 5,9 x 4,5 cm) e KP2-332 (Superf.: 9,3 x 5,7 x 3,5 cm) – peças de forma oval cujo suporte não é identificado e onde o *façonnage* bifacial recobre ambas as faces, embora possa restar pequena zona cortical. No caso da peça KP2-44, o corpo é robusto e as bordas são muito obtusas (em torno de 100°), sugerindo a produção estar ainda em uma de suas etapas intermediárias. Na peça KP2-332, a UTF(t), gume ativo de 70/80°, localiza-se em uma lateral e é formada por microretiradas e marcas de macerado que se prolongam para a extremidade proximal. Esta última peça destoa das outras peças bifaciais, indicando que a UTF(t) não necessariamente localiza-se somente numa das extremidades, podendo compor mais de uma unidade ativa (Figura 124 e 125).

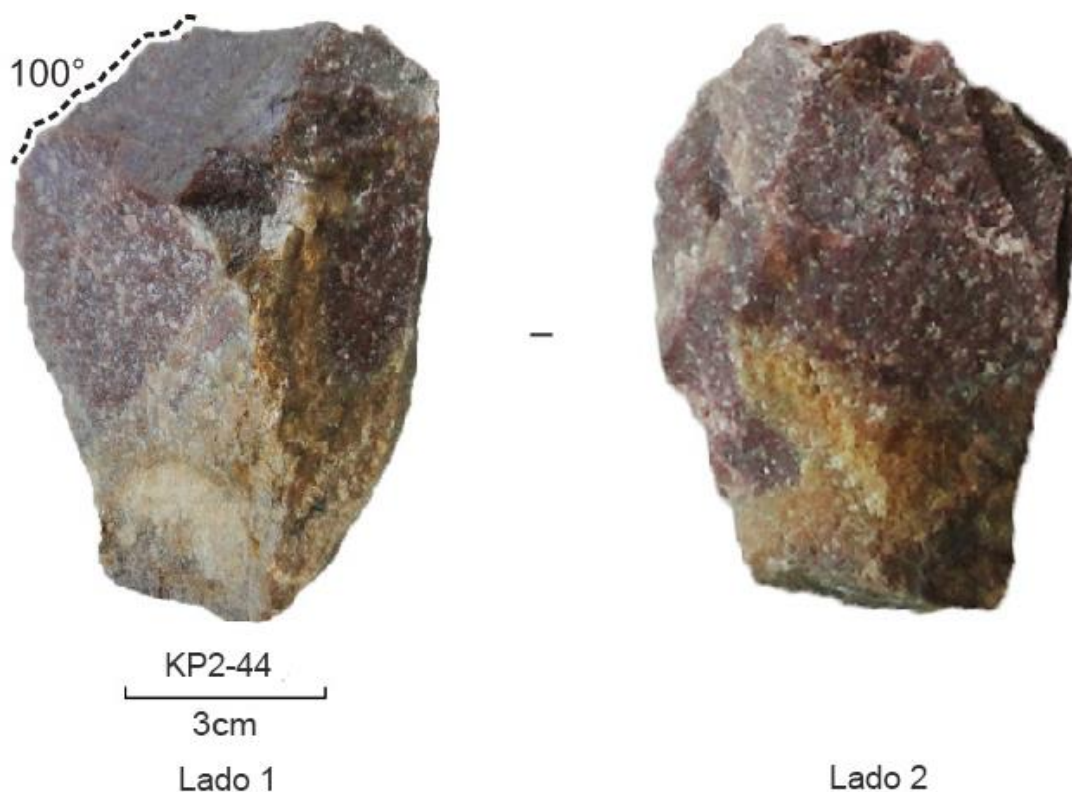


Figura 124. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Pré-forma de peça bifacial robusta cujo suporte é indeterminado

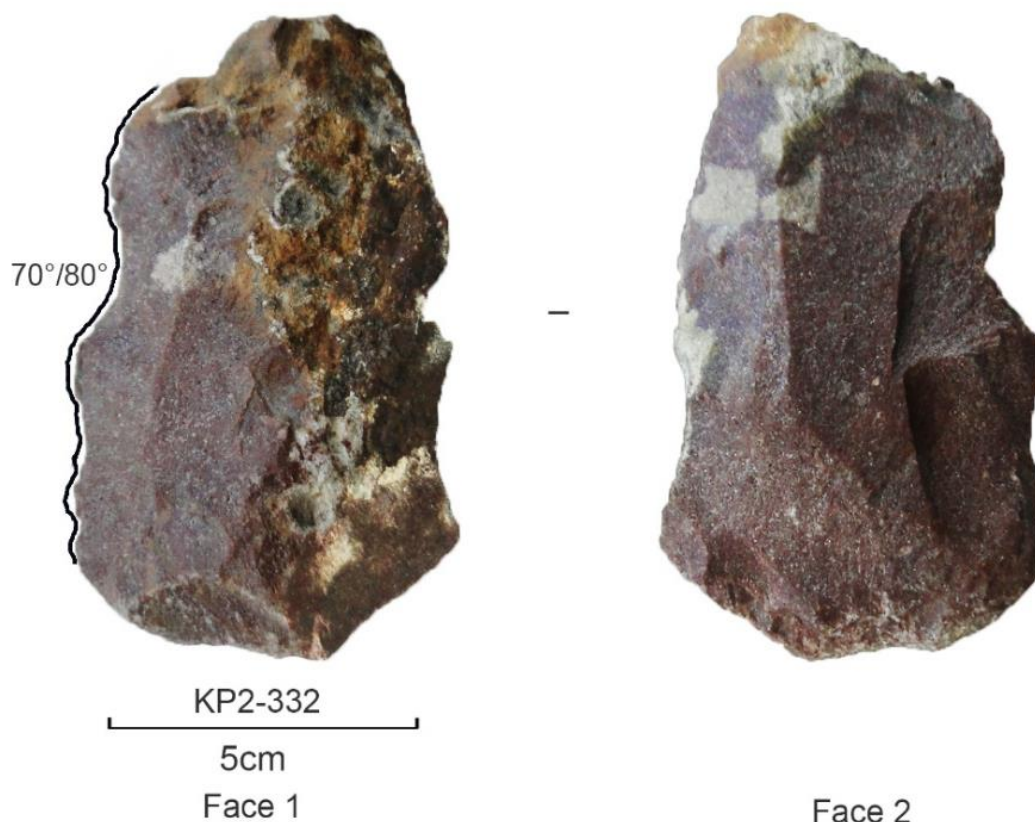


Figura 125. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Pré-forma de peça bifacial cujo suporte é indeterminado e gume ativo numa lateral

*** Instrumentos bifaciais finalizados (?) - peças fragmentadas de morfologias diversas**

- KP2-339 (Superf.: 8,0 x 6,4 x 3,6 cm) – peça bifacial fragmentada com extremidade pontiaguda. Os lascamentos bifaciais recobrem ambas as faces e totalmente, não sendo possível identificar seu suporte. A priori, corresponde a um seixo alongado. Uma lateral apresenta gume obtuso e macerado, de 120/140°, e a lateral oposta, até a ponta, apresenta gume mais agudo (variando entre 50° e 80°), mas também macerado (Figura 126).

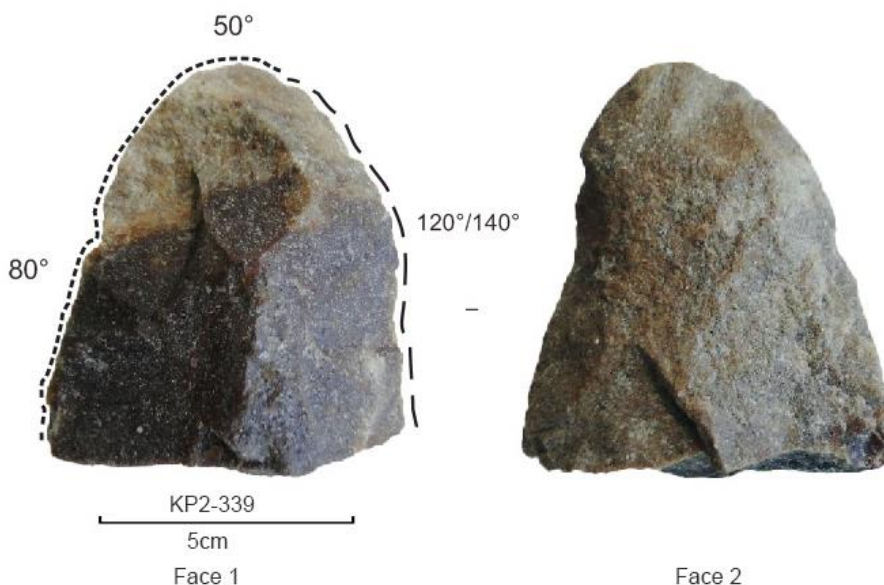


Figura 126. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada com extremidade pontiaguda, tendo como suporte um seixo alongado

- KP3-29 (Superf.: 10,3 x 10,1 x 4,8 cm) - peça bifacial fragmentada com extremidade convexa. Os lascamentos bifaciais recobrem totalmente ambas as faces, não sendo possível identificar o suporte. *A priori*, corresponde a um seixo alongado, retangular. As bordas compõem retoques totalmente diferenciados, em seus arranjos e tipos, sugerindo que a peça é multifuncional. Conforme ilustração abaixo (Figura 1Figura 27), os retoques nas laterais retilíneas se alternam, definido gumes de 80/90° (também macerado) e 60°; na extremidade convexa o gume varia entre 60 e 70°.

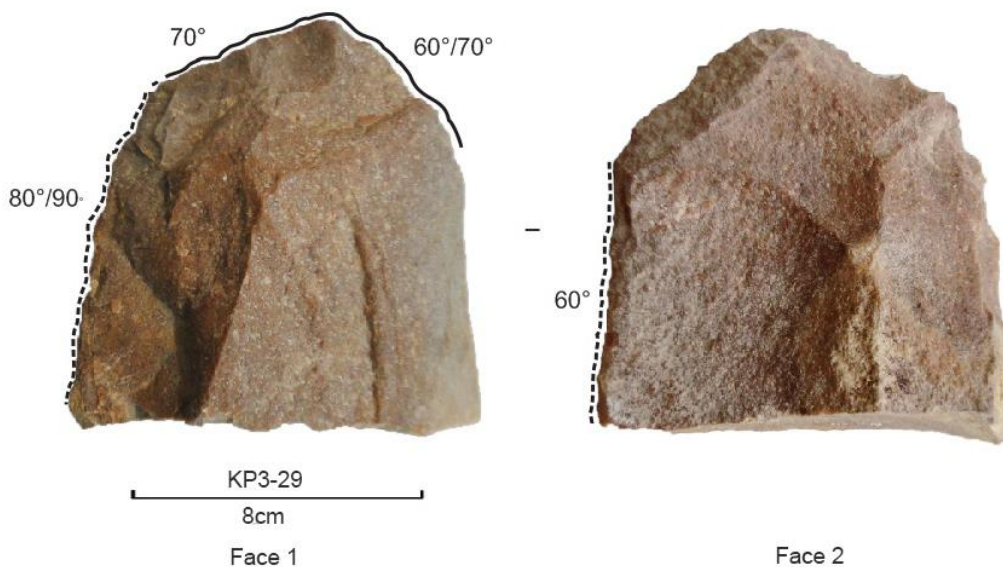


Figura 127. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada com extremidade convexa e distintas unidades ativas

- KP3-30 (Superf.: 8,4 x 8,6 x 3,2 cm) - peça bifacial fragmentada com extremidade convexa, tendo como suporte um seixo. Os lascamentos bifaciais recobrem totalmente uma das faces, na outra resta uma zona central cortical. As bordas não compõem retoques bem definidos, são descontínuos, deixando-as irregulares e com ângulos que variam entre 50 e 90°. Este instrumento parece corresponder a uma etapa intermediária da produção, não se encontrando finalizado, talvez por ter se quebrado durante o lascamento; e tanto pode corresponder a um fragmento distal quanto proximal (Figura 128).

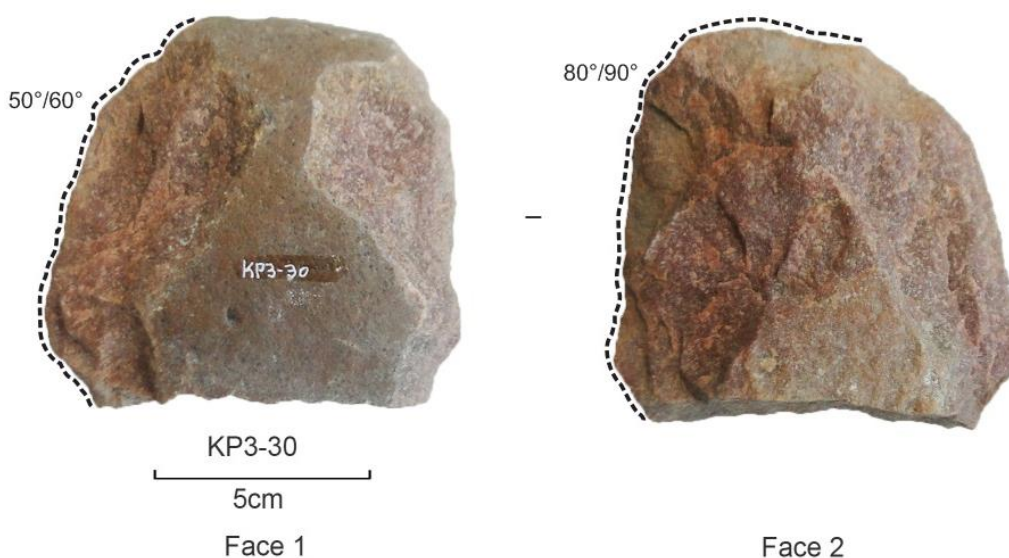


Figura 128. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada com extremidade convexa, tendo como suporte um seixo

- KP3-21 (Superf.: 11,0 x 6,6 x 3,1 cm) - peça bifacial fragmentada com extremidade convexa, tendo como suporte um seixo alongado. Os lascamentos bifaciais recobrem totalmente uma das faces, na outra resta uma zona central cortical. As bordas não compõem retoques bem definidos, são descontínuos, deixando-as irregulares, maceradas e com ângulos que variam entre 60 e 90°. Assim como o instrumento acima, KP3-30, este fragmento pode corresponder à sua porção distal ou proximal. Para uma determinação mais segura, é preciso que sejam efetuadas análises tecnotipológicas mais detalhadas da indústria (Figura 129).

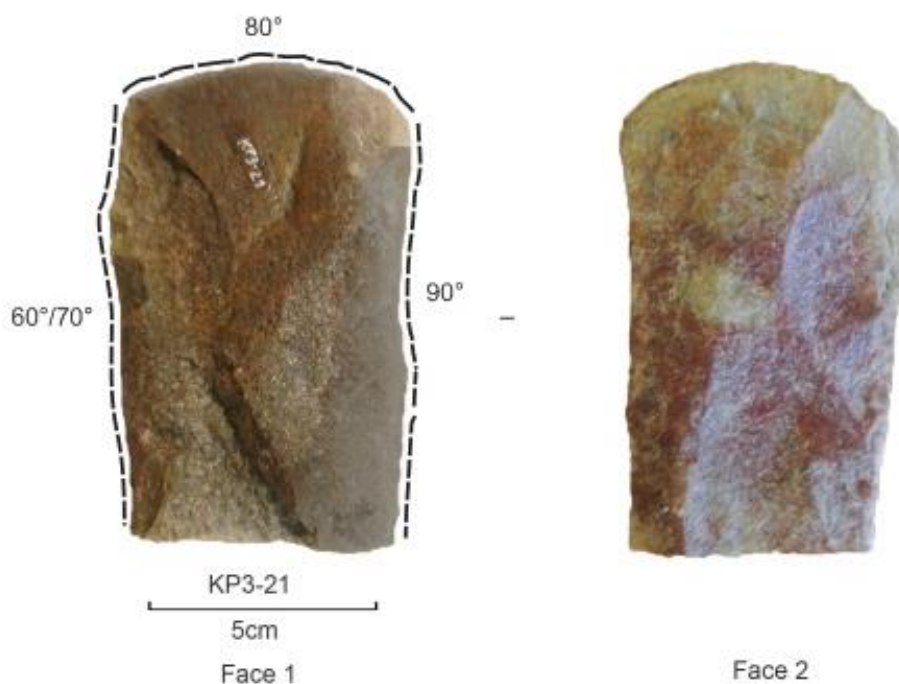


Figura 129. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada, tendo como suporte um seixo alongado

*** Pré-formas - Instrumentos de grande porte e fragmentados**

- KP4-4 (superf.: 28,3 x 13,9 x 8,6 cm) – peça bifacial fragmentada cujo suporte é um grande seixo de morfologia oval (por estar partido ao meio), de modo que se identificam lascamentos bifaciais em apenas uma lateral. Numa face, as retiradas são invasivas, estendendo-se quase até a porção central – resta apenas uma pequena zona cortical central. Na face oposta os lascamentos são menos invasivos, ocorrendo apenas na borda, permanecendo todo resto da face cortical. Numa extremidade a peça é mais espessa do que na extremidade oposta e o gume, de delimitação convexa, varia entre 70 e 100° (Figura 130). Este instrumento parece ter sido abandonado antes de finalizado, pois se assemelha tecnicamente ao instrumento bifacial KP2-A-7-1 (descrito logo mais adiante).

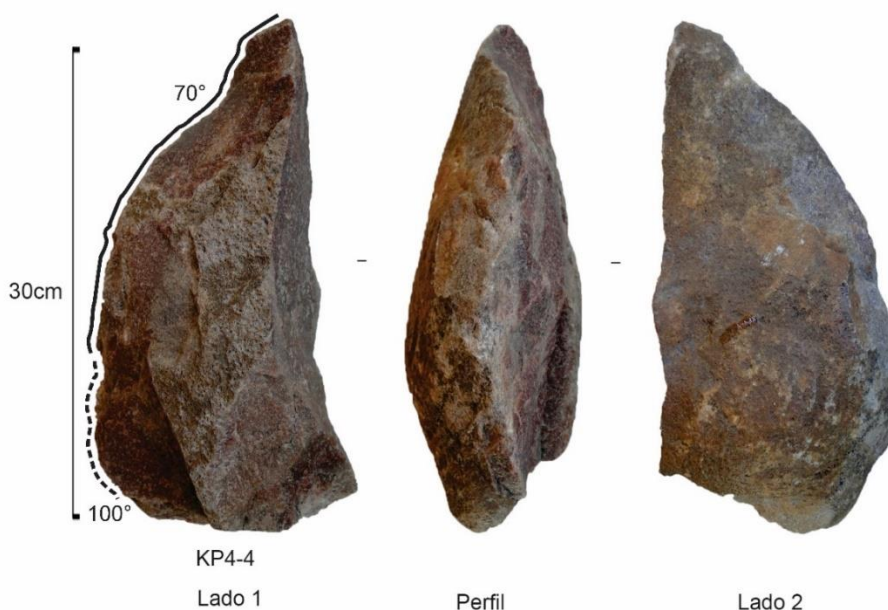


Figura 130. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Peça bifacial fragmentada com gume de 70/100°, sugere-se ter sido abandonada antes de finalizada (KP4-4)

- KP3-3 (superf.: 25,5 x 16,7 x 9,0 cm) – instrumento produzido sobre um grande bloco de arenito silicificado, de morfologia alongada. As retiradas bifaciais ocorrem predominantemente numa lateral do suporte, sendo que numa face tais lascamentos são invasivos, estendendo-se até a porção central, e na face oposta encontram-se fortemente escalonados chegando a 8,0 cm de comprimento. Forma nesta borda um gume ativo irregular de 70/80°. Na lateral oposta tem-se poucos lascamentos, permanecendo uma borda semi-cortical e obtusa (mais de 100°). Numa das extremidades não ocorrem lascamentos, permanecendo o suporte com 8,0 cm de espessura. Na extremidade oposta ocorrem lascamentos unifaciais a partir de superfície cortical, estes são escalonados e invasivos (chegando a 6,6 cm de comprimento) e definem um gume ativo irregular/convexo de 70/80° (Figura 131). A bifacialidade dos lascamentos na criação de uma UTF(t) e a unifacialidade na criação de outra, leva a pensar na possibilidade de que o artesão planejou produzir uma peça bifacial – semelhante a tantas outra dessa indústria – porém, por algum motivo, a modificou, criando uma unidade ativa a partir de um esquema diferente - façonnage unifacial.

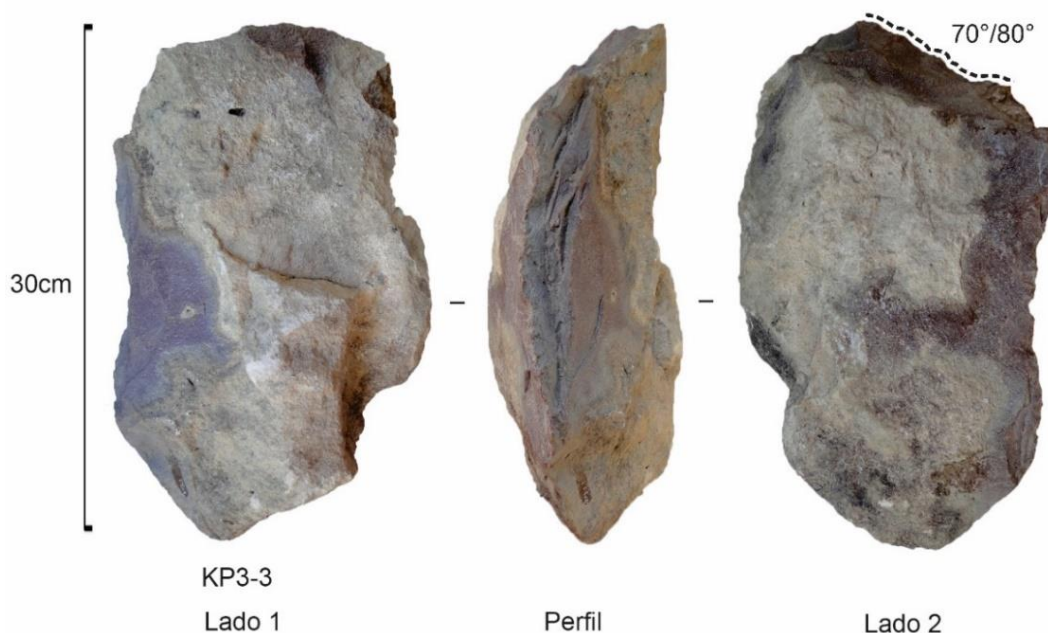


Figura 131. Sítio Kurisevo das Pedras (superfície) – Instrumento sobre grande bloco de arenito silicificado, com gume bifacial e outro unifacial, ambos de 70/80° - peça bifacial modificada

*** Instrumentos de grande porte finalizado**

- KP2-A-1 (60-70 cm: 21,2 x 12,6 x 5,2 cm) – peça bifacial de morfologia quase elíptica (laterais paralelas/irregulares, extremidade distal convexa e proximal irregular). As retiradas bifaciais são invasivas (negativos maior de 7,7 x 9,1 cm, por exemplo), não obedecendo a uma ordem sequencial, e sobrepõem-se no centro de ambas as faces, mas sem definir uma aresta central. Resta superfície cortical na porção lateral/distal de uma face. Numa lateral têm-se retiradas bifaciais escalariformes (retoques?) que definem um gume obtuso/macerado de 90/100°, e que se prolongam até a extremidade distal, sendo que nesta porção distal o gume torna-se mais agudo, diminuindo para 70°. Na lateral oposta se observa um gume mais liso, sem retiradas escalariformes, que varia entre 50/70°. A porção proximal, parecendo fragmentada, tem gume bastante irregular, macerado e espesso. É difícil avaliar a exata localização da(s) UTFs(t) e da(s) unidade preensiva(s). Embora não esteja clara a localização das UTFs(t), através da estrutura de outras peças bifaciais desta indústria, deduz-se que se trata de uma peça finalizada (Figura 132).

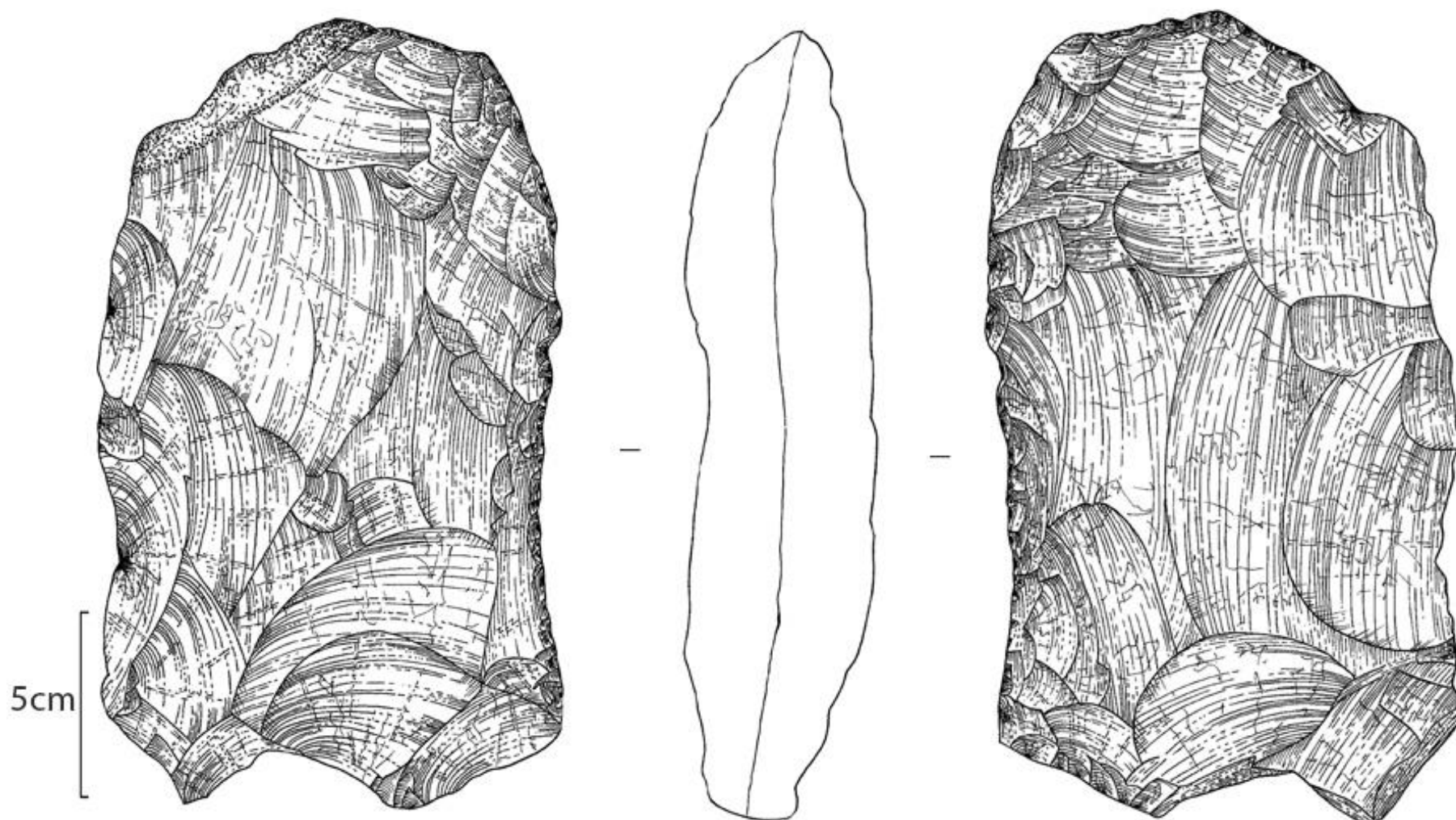


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 132. Sítio Kurisevo das Pedras (60-70 cm) – Peça bifacial de arenito silicificado com bordas obtusas, variando entre 50 e 100° - UTFs(t) de difícil identificação

*** Instrumento exclusivo – inédito nas coleções líticas brasileiras**

- KP4-33a (superf.: 48,0 x 10,7 x 6,0 cm) – peça bifacial sobre seixo alongado (bastão), morfológicamente semelhante a uma “espada”. O instrumento pode ser dividido em duas metades: a) porção mesio-distal (parte ativa): faces suavemente convexas, laterais retilíneas e paralelas e extremidade distal também convexa; sequências de lascamentos recobrem a totalidade de ambas as faces, não restando superfície cortical; as bordas, tanto laterais quanto distais apresentam microlascamentos que definem um ângulo regular de 60°. b) porção mesio-proximal (parte preensiva): observam-se marcas de picoteado e um forte polimento que os recobre, produzindo um cabo arredondado. Este instrumento é inédito nas coleções líticas brasileiras, ao menos até o momento. Considerando as grandes dimensões desta peça e o alto grau de investimento destinado à sua produção, parece possível que corresponda a uma peça de cerimonial e até mesmo pertencente a um indígena de poder na sua aldeia. (Figura 133)



KP4-33

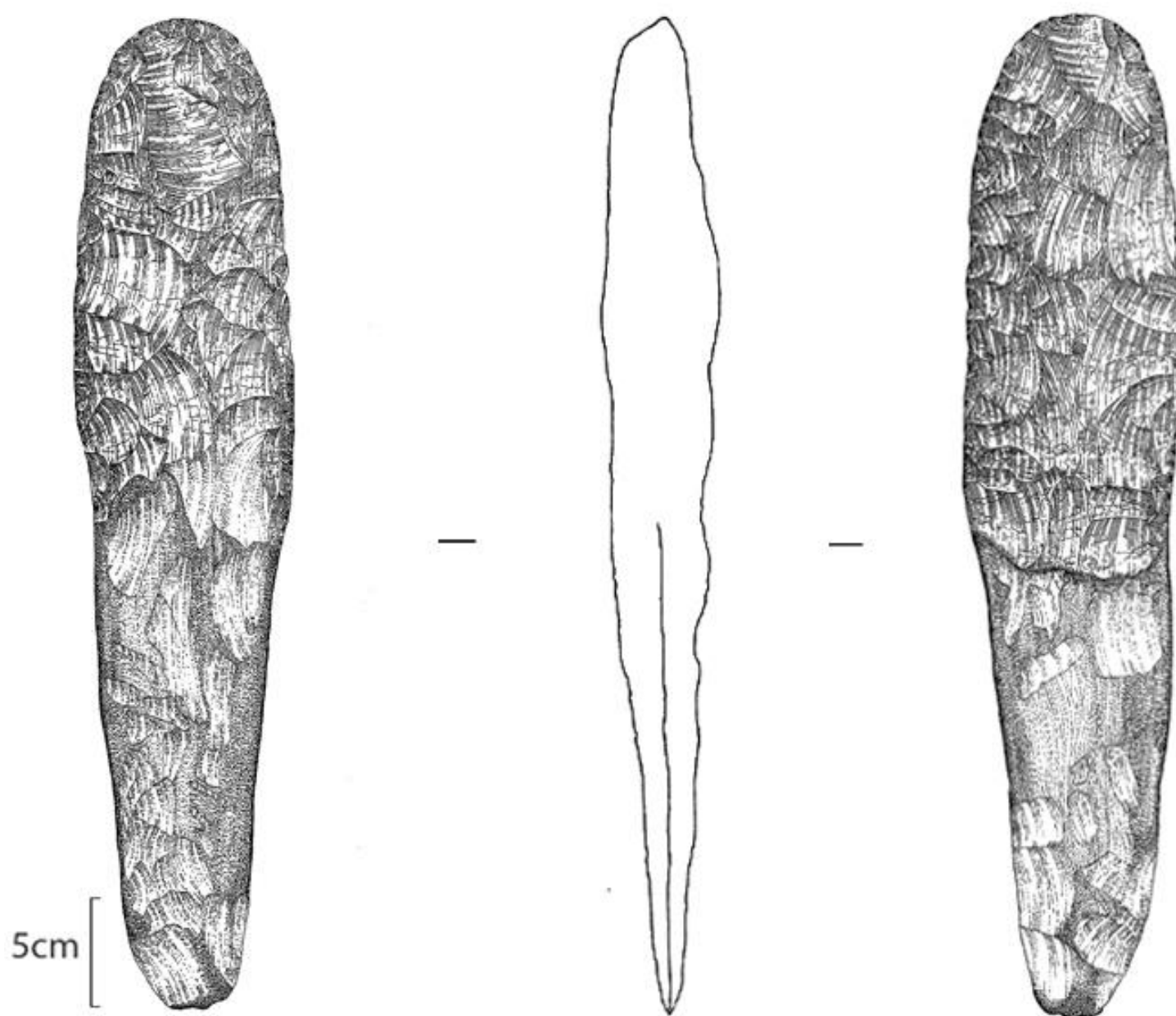


Ilustração: Sirlei Hoeltz

Figura 133. Sítio Kurisevo das Pedras (KP4) – Grande peça bifacial de arenito silicificado, confeccionada por *façonnage* bifacial na porção mesio-distal (gume ativo) e polimento na mesio-proximal (cabo)

Lâmina de Machado polido/lascado

Nesta indústria, na área de dispersão KP4, identificou-se também uma lâmina de machado de arenito silicificado, na Quadra B3, entre 10 e 20 cm de profundidade. Tecnicamente assemelha-se aos machados lascados fragmentados identificados no sítio Jatobá.

Este instrumento (B3-1: 8,6 x 6,9 x 3,6 cm), de forma triangular, apresenta duas faces, opostas e lascadas (peça bifacial). Os lascamentos são centrípetos, mais invasivos numa face do que na outra, definindo, na porção distal e ambos os lados, um gume biconvexo que varia de 80 a 90°. Na porção proximal, de base plana e retilínea (2,2 cm de espessura), têm-se duas reentrâncias (sulcos), uma de cada lado, apresentando marcas de picoteado e polimento. Observa-se que tais marcas prolongam-se numa faixa de 2,0 cm de largura sobre uma das faces e que os lascamentos sobrepõem-se a estas marcas. Procurando-se estabelecer a sequência de sua produção, dir-se-ia que o picoteado e o polimento antecede os lascamentos (Figura 134).



Figura 134. Sítio Kurisevo das Pedras (10-20 cm) – Lâmina de machado polida/lascada de arenito silicificado

Comentários sobre as peças bifaciais do sítio Kurisevo das Pedras

Tentando clarificar o esquema de produção dessas peças bifaciais, numa análise técnica inicial, pode-se elencar que:

- o *façonnage* bifacial é o esquema operatório que caracteriza a indústria deste sítio;
- utilizaram como suporte os seixos de arenito silicificado encontrados disponíveis localmente; em baixa frequência utilizaram lascas, obtidas através da debitagem;

- através do *façonnage* produziram ‘suportes de instrumentos’, com a intenção de obterem peças multifuncionais (com mais de uma UTF(t)) e de dimensões diversas;
- através do *façonnage*, produziram ‘instrumentos’ (com uma UTF(t)), tais como os machados lascados.

Instrumentos sem classificação

Dentre os instrumentos têm-se também 15 peças sem classificação, tratando-se de instrumentos onde a criação de gumes ativos deu-se sobre matrizes sem qualquer configuração volumétrica – como se os artesãos se utilizassem, para minimizar os custos das produções, de detritos ou até mesmo peças fragmentadas que apresentassem bordas já naturalmente agudas para compor unidades transformativas.

Dentre esses, segue a descrição de um exemplar:

-KP4-51 (superf.: 18,5 x 10,9 x 6,6 cm) – grande seixo de arenito silicificado, de morfologia retangular. Os lascamentos são periféricos, de modo que o córtex foi mantido no centro de ambas as faces e numa extremidade (porção distal). A UTF(t) foi confeccionada nesta extremidade cortical, com a criação de um plano de corte a partir de uma superfície plana e lisa, e retoques escalariformes que delineiam um gume irregular de 70°. As bordas restantes, lascadas, são espessas – variando de 4,0 a 5,5 cm (Figura 135).



Figura 135. Sítio Kurisevo das Pedras (superf.) – Instrumento sem classificação sobre seixo de arenito silicificado com uma UTF(t) compondo um gume irregular de 70°

Percutores

Por fim, completa o conjunto de instrumentos cinco peças brutas. Trata-se de percutores - seixos de arenito silicificado de diversas dimensões e formas, cujos golpes de percussão são evidentes através de zonas circulares maceradas, com marcas de picotado, localizadas nas suas bordas laterais. Dois exemplares apresentam as seguintes medidas: KP4-2: 10,5 x 9,6 x 4,9 cm e KP4-47: 8,7 x 7,8 x 6,9 cm (Figura 136).



Figura 136. Sítio Kurisevo das Pedras (superf.) – Percutores sobre seixos de arenito silicificado

6.13 Sítio Recanto

Coordenada geográfica: 52°54'38"W / 13°07'15"S

Tipo: litocerâmico a céu aberto

Área de dispersão de vestígios: 62.000 m² (310 x 200m)

6.13.1 Implantação na paisagem

O sítio Recanto implanta-se em superfície regular aplanada, sobrelevada, a altitudes entre os 322 m e 334 m, no ponto de confluência do Rio Culuene, com uma drenagem subsidiária designada, pela população, de Lagoa. O terreno integra a Fazenda São José do Culuene, de vocação pastoril.

O rio apresenta-se, aqui, de curso muito meandroso, profundo, correndo encaixado em barrancos altos e arenosos, formando pequenas ilhas de areia e vegetação ripícola. Proporciona variadas espécies de peixes, desde piranha, matrinxã, mandi, jau, pintado, cachara, piauí etc. As características do curso garantem propício habitat para espécies como ariranha, raia e sucuri.

Apesar do entorno do sítio se mostrar algo alterado por ações antrópicas de desmate, associadas à conversão de terrenos em pastos, preserva-se área de mata ciliar de transição, identificando-se espécies como jatobá, pequi, bambu, assapeixe, orquídeas, cipó etc. Esta floresta compõe ambiente propício a uma extensa fauna, identificando-se espécies como anta, onça, capivara, papagaio, beija-flor, entre outros.

A mancha florestal é sustentada por solos muito arenosos, de terras castanhas acinzentadas, associados a um substrato rochoso de arenito silicificado avermelhado. Estes blocos de afloramento identificam-se, apenas, nas margens da drenagem designada de Lagoa, observando-se recorrentes quebras térmicas e uma estrutura granular, de onde resultam lascas irregulares e rugosas. A matéria-prima não é propícia a uma exploração lítica, verificando-se uma propensão para quebras irregulares, não permitindo, assim, um controle nos lascamentos para a produção de instrumentos.

Das características de implantação do sítio destaca-se o fato de constituir plataforma sub-circular isenta das flutuações do curso do rio, circundada por áreas de alagamento e pelas drenagens do Culuene e Lagoa. Ao contrário das rochas, a riqueza de recursos faunísticos e florísticos, propiciados, quer pelo rio, quer pela floresta, exalta a propensão do espaço para o estabelecimento diacrônico de comunidades humanas.

6.13.2 Método de Resgate

Os trabalhos anteriores de prospecção no Recanto resultaram na identificação de um sítio lito-cerâmico (04 líticos e 50 fragmentos cerâmicos) com materiais em superfície.

Considerando os caracteres descritivos do sítio, preconizou-se, em primeiro lugar, conseguir visualizar a sua dimensão e potencial. Assim, estabeleceu-se uma malha com abertura de aproximadamente 50 m disposta em função do curso do rio e áreas de alagamento associadas, a qual recobriu uma área de cerca de 300 m x 400 m. Com a disposição desta malha se procurou inferir da extensão real do sítio, informação conseguida a partir da dispersão dos materiais.

Esta malha, contendo 32 quadras, foi designada alfanumericamente, de Norte para Sul e de Leste para Oeste (A5, A10, A15, A20, C5, C10, C15, C20 etc.), alternando uma letra e 5 unidades na enumeração, com o intuito de salvaguardar eventuais necessidades de adensamento da malha de escavação (Quadro 37, Planta 17 e Pranchas fotográficas 31 e 32).

Inicialmente, privilegiou-se a escavação de todas as quadras marcadas no alinhamento I – I5, I10, I15, I20, I25, I35 e I40. Conseguida a caracterização deste corredor, procedeu-se à escavação de quadras que compunham o alinhamento perpendicular a este – G5, E10, M10, O10 e Q10. Para além destas, escavaram-se 5 quadras adicionais e dois alargamentos de 1m x 1m (das quadras O10 e Q10), nas áreas onde se registrou maior afluência de material arqueológico, que foram inseridas na malha de escavação pré-definida – H5, O8, P8, Q8 e P10.

Ao final dos trabalhos foram escavadas 17 quadras e efetuado dois alargamentos, resultando em 09 quadras positivas, e onde foram identificados 45 fragmentos cerâmicos, a uma profundidade máxima de 70 cm, e 26 objetos líticos na superfície e entre 100 e 220 cm.

Quadro 37. Sítio Recanto – Coordenadas UTM das Quadras

Quadra	UTM, Zona 22L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
C0	292775	8548737	Negativo
E0	292834	8548710	Negativo
E10	292784	8548696	Positivo
E15	292749	8548687	Negativo
G0	292855	8548673	Negativo
G10	292786	8548652	Negativo
G5	292812	8548661	Positivo
H5	292808	8548628	Positivo
I0	292877	8548633	Negativo
I10	292797	8548599	Positivo
I15	292753	8548583	Negativo
I20	292694	8548564	Negativo
I25	292646	8548546	Positivo
I30	292597	8548534	Negativo

I40	292549	8548521	Negativo
I5	292843	8548617	Positivo
K10	292812	8548571	Negativo
K25	292662	8548515	Negativo
K5	292860	8548589	Negativo
M10	292675	8548468	Negativo
O10	292705	8548433	Positivo
O15	292683	8548409	Negativo
O8	292723	8548450	Negativo
P10	292720	8548409	Negativo
P8	292738	8548426	Negativo
Q10	292733	8548382	Positivo
Q15	292712	8548364	Negativo
Q5	292779	8548430	Negativo
Q8	292755	8548409	Positivo
R10	292744	8548359	Negativo
R5	292776	8548389	Negativo

As quadras de 1,0 m² foram escavadas por níveis artificiais, de 10 em 10 cm, tendo-se atingido uma profundidade variável entre os 190 cm e os 270 cm. Preconizou-se que a escavação das quadras esgotasse a potência, em profundidade, do sedimento arenoso cinzento, com vista a auferir da sua expressividade estratigráfica.

Com o intuito de reunir o máximo de informação possível sobre o sítio, privilegiou-se a coleta total do material arqueológico identificado no decurso da intervenção. Os vestígios foram devidamente recolhidos, etiquetados (em fichas identificativas, de onde constam a quadra e o nível artificial de proveniência), contabilizados e ensacados. Encerrada a escavação, os materiais foram encaminhados para laboratório, para posterior catalogação e estudo.

6.13.3 Estratigrafia

O sítio Recanto apresenta uma estratigrafia bastante uniforme e consistente, conforme abaixo representado (Quadro 38).

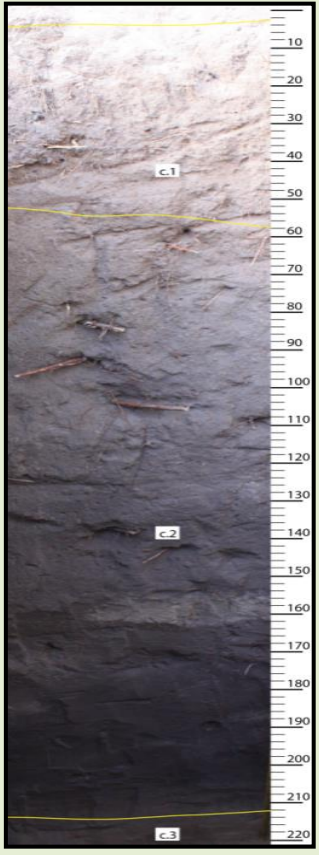
Em todas as quadras e por toda a superfície se observou a presença de um sedimento arenoso, castanho acinzentado, com muita matéria orgânica (camada 01) que evolui para um sedimento idêntico na coloração, compacidade e nos elementos constituintes, de onde se destaca

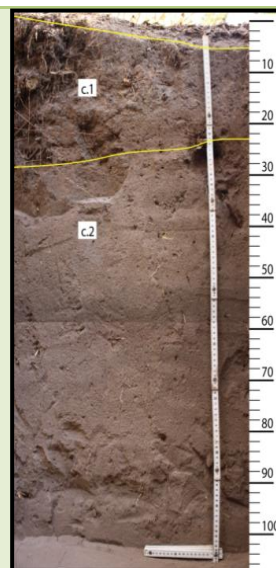
a presença recorrente de carvões e nódulos de terra carbonizados (camada 02). Se as características do sedimento sugeriam, numa primeira instância, estarmos perante evidência sedimentar de nível ocupacional, a sua extensão no terreno, expressão e comportamento estratigráficos parecem sugerir uma outra gênese que não antrópica.

De fato, não se conseguiu, adversamente aos casos em que este sedimento acinzentado se associa a ocupação humana, definir o assentamento, tendo-se verificado a sua extensão por toda a área escavada e também nos terrenos do seu entorno. O material arqueológico exumado, associado a este sedimento foi, ainda, muito pouco expressivo.

Apenas a 164 cm – 262 cm de profundidade se registrou uma alteração na coloração do sedimento, ainda de matriz arenosa, mas castanho amarelado claro.

Quadro 38. Sítio Recanto - Estratigrafia

c.1	Sedimento arenoso, castanho escuro acinzentado, de granulometria fina, não granular, porosidade média e compactidade solta à macia. Apresenta abundantes inclusões de raízes, assim como de carvão de pequena dimensão. Identifica-se na superfície, em toda a área de intervenção, com uma espessura variável entre 20 e 50 cm. Camada de superfície, com muita matéria orgânica. Cobre a camada 02.	 <p>Perfil sul da Quadra I10</p>
c.2	Sedimento arenoso, cinzento escuro, de granulometria fina, não granular, porosidade média e compactidade solta à macia. Apresenta algumas inclusões de pequenas raízes e abundantes carvões (de pequena a média dimensão), denotando-se uma transição gradual para a camada 03. Apresenta algumas lentes de areia amarelada, assim como pequenos nódulos de terra queimada. Identifica-se em todas as quadras escavadas, entre os 50 cm e os 200 cm. Daqui provém o escasso material cerâmico recuperado até 70 cm de profundidade. Cobre a camada 03.	
c.3	Sedimento arenoso, castanho claro amarelado, de granulometria fina, não granular, porosidade média e compactidade solta à macia. Deste sedimento provém algum material lítico, recuperado a profundidades que variam entre 100 e 220 cm. Identifica-se em todas as quadras escavadas, a potências variáveis entre os 164 cm e os 262 cm. É coberto pela camada 02.	



Perfil oeste da Quadra O10

Planta 17. Sítio Recanto

Prancha Fotográfica 31. Sítio Recanto – Paisagem

Prancha Fotográfica 32. Sítio Recanto – Salvamento

6.13.4 Caracterização dos materiais cerâmicos

No sítio Recanto, foram coletados, no total, 95 fragmentos, dentre estes, 50 fragmentos são provenientes de coletas de superfície na fase de prospecção e 45 fragmentos na fase de resgate. Dos fragmentos inventariados foram descartados 31 fragmentos por não atingirem um tamanho razoável para análises, sendo muito pequenos.

De todos os fragmentos coletados, após a colagem, restaram 10 exemplares os quais fazem parte da coleção de referência e análise, sendo que, dentre estes, 60% pertencem a bordas, 20% a paredes e bases, em igual porcentagem (Gráfico 64).

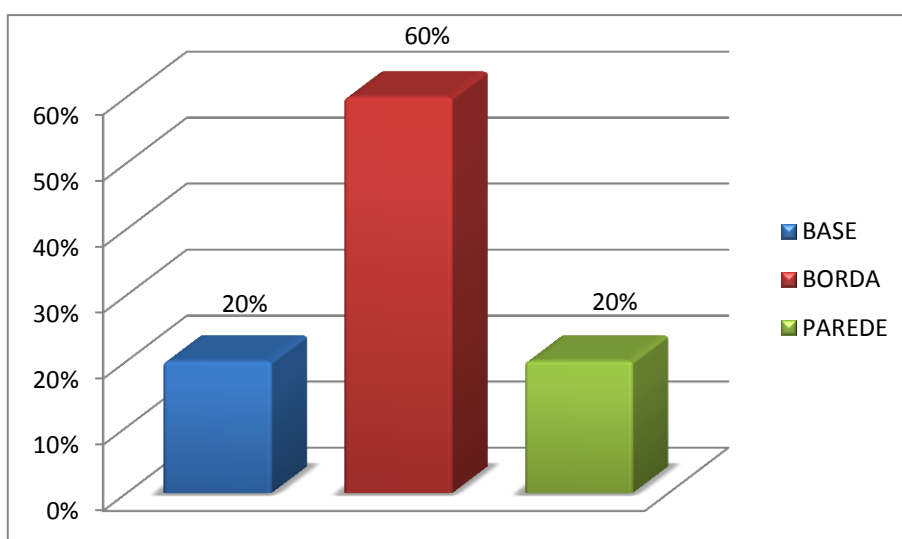


Gráfico 64. Sítio Recanto - Frequência de fragmentos cerâmicos por nível de escavação

Antiplástico

Dos fragmentos inventariados registra-se que 77% apresentam como principal antiplástico o cariapé A, 13% cariapé do tipo B e somente 10% com cauixi (Gráfico 65).

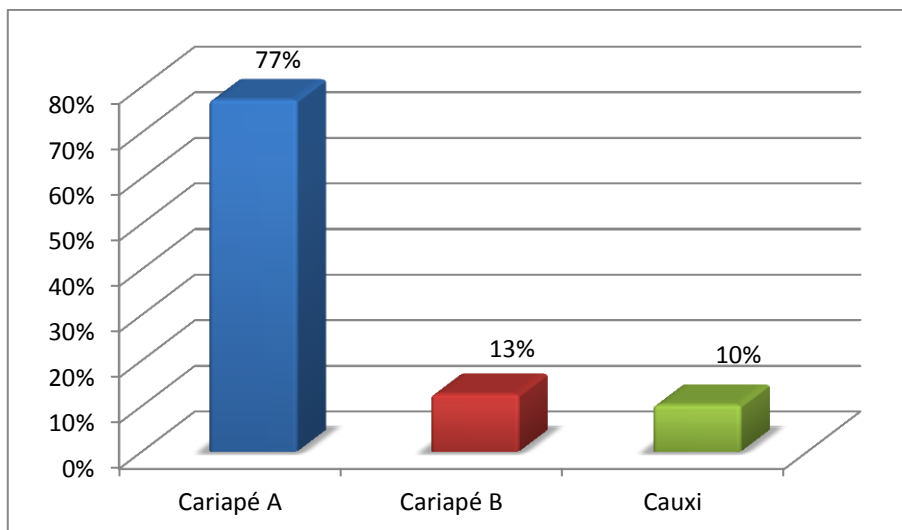


Gráfico 65. Sítio Recanto - Frequência do antiplástico nos fragmentos inventariados

O alisamento é em ambas as faces, tendo a presença do engobo vermelho na parte externa da maioria das peças. Em número bem menor se se encontram fragmentos erodidos. Não se evidencia nenhum tipo de tratamento, como decoração. (Figura 137)

Observa-se um único fragmento com indícios de forma (REC-6) sendo uma panela neutra com diâmetro indeterminado, além de apresentar marcas de manufatura roletada e acabamento de engobo na parede externa e no lábio. A coloração é “em sanduiche”, de cor bege e cinza obscura. (Figura 137)



Figura 137. Sítio Recanto - Borda de um fragmento cerâmico com engobo vermelho



Figura 138. Sítio Recanto – Base de um fragmento cerâmico sem decoração com antiplástico de cariapé

6.13.5 Caracterização dos objetos líticos

Os objetos líticos dessa indústria do sítio Recanto são escassos, totalizando apenas 30 exemplares. Tais objetos foram identificados na superfície (13 objetos) e, após um hiato estéril de 100 cm, voltam a ocorrer entre 100 e 220 cm de profundidade (contendo cada nível de 10 cm entre um e seis objetos). Esta disposição demonstra que tal ocupação é antiga, anterior à presença do grupo ceramista, cujos fragmentos foram identificados da superfície aos 70 cm de profundidade.

Os objetos líticos compreendem apenas lascas (26 exemplares) e detritos (4 exemplares), os quais foram produzidos através da técnica unipolar. São de arenito silicificado de coloração variada (2 peças marrom bem claro [bege] e o restante avermelhado). Apenas dois objetos apresentam resíduo cortical, indicando que a fonte da matéria-prima localizava-se nas margens de rios. Trata-se de lascas e detritos de pequenas dimensões, variando de 0,7 a 9,3 cm de comprimento; de 1,0 a 8,8 cm de largura e de 0,2 a 2,7 cm de espessura. Todavia, destaca-se que é na superfície que os objetos apresentam as maiores dimensões (lasca nº6: 9,3 x 4,8 x 1,6 cm), pois em profundidade não ultrapassam 4,3 cm de comprimento e 3,7 cm de largura. De outro modo, não se observam modos distintos de produção entre as lascas, correspondendo a peças do tecnótipo D2 (resultantes das etapas intermediárias de lascamento), com talão, em geral, liso ou facetado (Figura 139 a 141).

Assim, exceto pelas dimensões, não se observam outras diferenças entre as lascas identificadas na superfície e nos níveis mais profundos da ocupação. Porém, ainda que os objetos líticos sejam escassos para tecermos maiores interpretações, a inexistência de fragmentos cerâmicos associados aos objetos líticos nos níveis mais profundos do sítio, bem como o hiato estéril entre os 70 e 100 cm, denota claramente que o local foi reocupado, seja por grupos

eticamente distintos ou não – a priori, podemos pensar numa ocupação inicial de caçadores coletores, seguida, posteriormente, por uma reocupação de ceramistas.

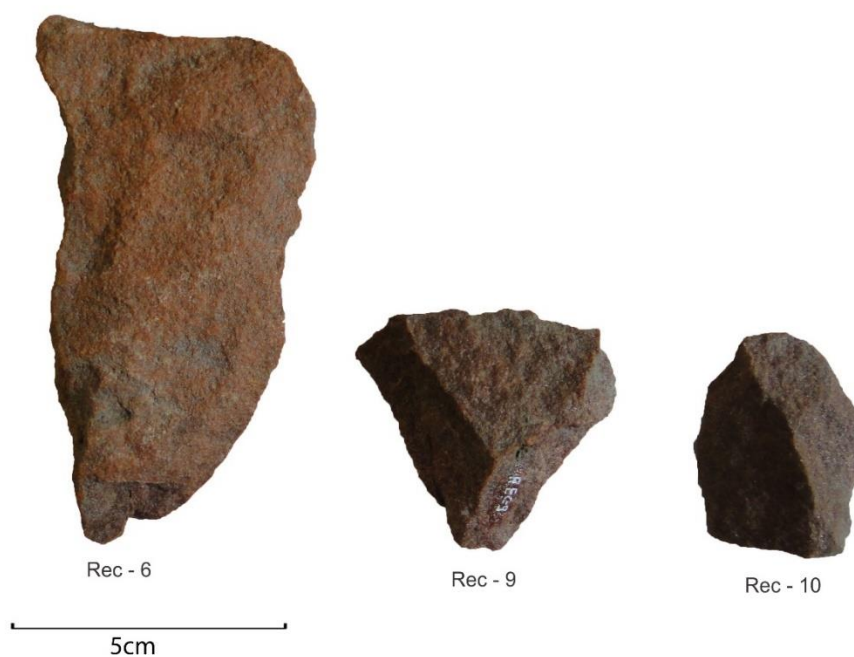


Figura 139. Sítio Recanto (superfície) – Lascas residuais de arenito silicificado



Figura 140. Sítio Recanto (120 – 130 cm) – Lascas residuais de arenito silicificado



Figura 141. Sítio Recanto (160 - 170 cm) - Lascas residuais de arenito silicificado

6.14 Sítio Rondon

Coordenada geográfica: 52°52'32"W / 13°9'15"S

Tipo: cerâmico a céu aberto

Área de dispersão de vestígios: 5.400 m² (90 x 60 m)

6.14.1 Implantação na paisagem

Este sítio localiza-se na área de uma estrada rural, próximo da represa da Fazenda Rondon. A drenagem ali existente faz parte da bacia hidrográfica do rio Culuene, formador do rio Xingu. É pouco piscoso e, por isso, a potencialidade de ocupação humana neste local acaba por ser baixa. Insere-se no bioma do cerrado, cujo solo é areno-siltoso de coloração marrom. Trata-se de uma área inundável à medida que se aproxima da represa. Foram identificados materiais cerâmicos em superfície, no corte da estrada. Porém, estando o rio Culuene localizado nas proximidades desse sítio, muito provavelmente o rio está articulado com o modo de vida dos grupos humanos que ali se assentaram. A fauna é rica em mamíferos e aves, propiciando uma boa subsistência a grupos humanos que ali assentassem.

6.14.2 Método de Resgate

Os trabalhos anteriores de prospecção no sítio Rondon resultaram na identificação de 12 fragmentos cerâmicos em superfície, no corte de uma estrada.

Nos trabalhos de resgate observaram-se fragmentos cerâmicos totalmente dispersos sobre a superfície da estrada e adjacências, nas margens do rio. Assim, inicialmente procedeu-se às suas coletas, pois se encontravam descontextualizados, em meio a sedimentos revolvidos. Desta coleta foram reunidos 39 fragmentos.

Em seguida, procurando-se verificar a existência de ocorrências em subsuperfície estabeleceu-se uma malha com abertura de aproximadamente 30 m disposta de modo a recobrir os materiais já coletados – delimitando, assim, uma área de cerca de 5.400 m². Esta malha, contendo 12 quadras, foi designada alfanumericamente (C1, C2, C3 ...- F3), orientada norte-sul e leste-este. As quadras foram abertas até a profundidade máxima de 50 cm, mais uma sondagem central de 20 cm. Todavia, somente uma quadra apresentou um fragmento cerâmico no nível 10-20 cm da quadra E2 (Quadro 39, Planta 18 e Pranchas fotográficas 33 e 34).

Ao final dos trabalhos de resgate obteve-se um conjunto cerâmico de 40 fragmentos, praticamente identificados somente sobre a superfície do terreno, pois o mesmo foi impactado com recorrência para a remoção de terra.

Quadro 39. Sítio Rondon – Coordenadas UTM das Quadras

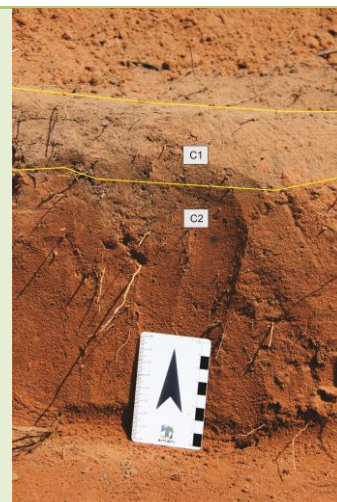
Quadra	UTM, Zona 22L, WGS84		Resultado
	X (m)	Y (m)	
C1	296579	8545065	Negativa
C2	296588	8545036	Negativa
C3	296596	8545009	Negativa
D1	296606	8545075	Negativa
D2	296614	8545045	Negativa
D3	296621	8545016	Negativa
E1	296636	8545084	Negativa
E2	296642	8545054	Positiva
E3	296651	8545024	Negativa
F1	296667	8545089	Negativa
F2	296671	8545063	Negativa
F3	296677	8545033	Negativa

6.14.3 Estratigrafia

O sítio Rondon apresenta uma estratigrafia relativamente uniforme, variando especialmente em sua coloração. Da superfície aos 05 cm observa-se a presença de um sedimento arenoso, de coloração marrom claro esbranquiçado, não granular e pouco compacto, com pouca matéria orgânica (camada 01). Sob esta camada, com espessura de cerca de 15 cm, identifica-se um sedimento também arenoso, não granular e pouco compacto, variando apenas na sua coloração, agora marrom claro amarelado (camada 02). E, sob esta camada 02, o sedimento evolui para um solo igualmente arenoso, porém, mais granular, mais compacto e de coloração marrom avermelhado (Quadro 40)

Quadro 40. Estratigrafia do sítio Rondon

c.1	Sedimento arenoso, castanho claro esbranquiçado, não granular, e pouco compacto, com pouca matéria orgânica, com uma espessura variável entre 5 e 8 cm. Cobre a camada 02.	
c.2	Sedimento arenoso, marrom avermelhado, não granular e pouco compacto, com uma espessura variável entre 15 e 18 cm	



Perfil oeste da Quadra C 1

Planta 18. Sítio Rondon

Prancha Fotográfica 33. Sítio Rondon – Paisagem

Prancha Fotográfica 34. Sítio Rondon – Salvamento

6.14.4 Caracterização dos Materiais Cerâmicos

No sítio Rondon foram identificados 51 materiais cerâmicos, majoritariamente em superfície, poucos fragmentos, apenas três (03), foram identificados até 20 cm de profundidade. Deste total, apenas 13 fragmentos foram analisados por apresentarem características ímpares, outros 38 fragmentos de parede não foram analisados, devido a insuficiência de informação, que os caracterize e diferencie morfológicamente, enquanto vasilhames cerâmicos individuais. Todos os fragmentos foram inventariados e estes se apresentam relativamente mal conservados, ou seja, lixiviados e desgastados, porém, ainda assim, tais fragmentos possibilitaram uma remontagem entre dois exemplares de uma mesma base.

Classe

Como demonstrado no gráfico 66, abaixo, em relação à classe geral dos fragmentos analisados, registra-se o predomínio das paredes, com 76% (38 fragmentos) do total. O restante, 24%, corresponde a 08 bordas e 04 bases.

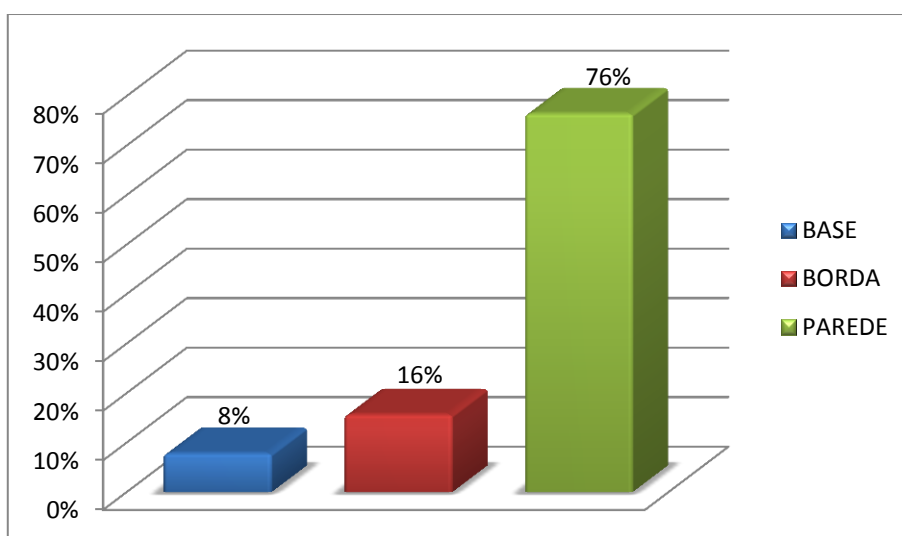


Gráfico 66. Sítio Rondon – Frequência da morfologia dos fragmentos cerâmicos

Espessura das Paredes

Dentre as espessuras dos fragmentos, observa-se uma predominância por espessuras moderadas, seguida de escassos fragmentos grossos e finos.

Antiplástico

As cerâmicas do sítio Rondon, de modo geral, apresentam pasta homogênea, com pouca variação dos elementos que a constituem. Identificaram-se entre os fragmentos dois tipos de antiplástico: cariapé e cauixi, ambos de origem vegetal.

Dentre os exemplares com cariapé, observam-se variações, pois 23% compõem cariapé do tipo A e 31% cariapé do tipo B. E se têm ainda exemplares cujo antiplástico é o cauxi, presente em muitos fragmentos, com 46% da amostra (Gráfico 67).

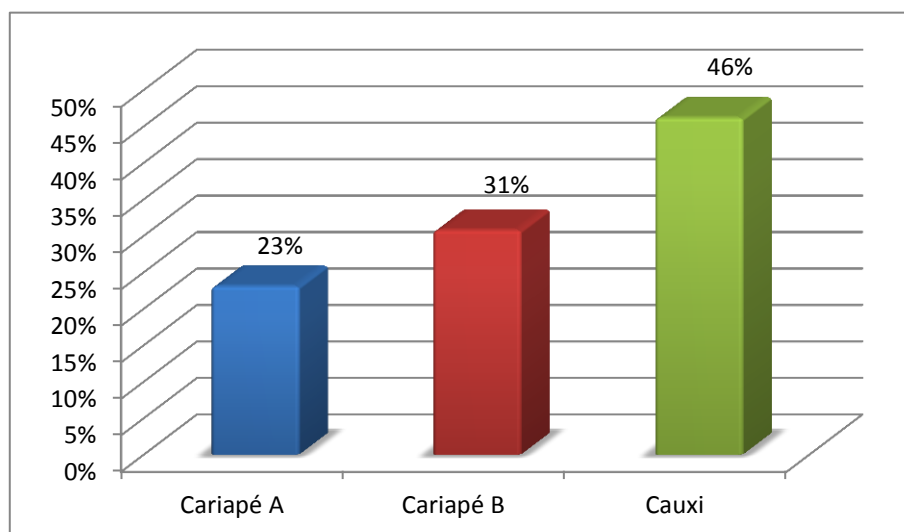


Gráfico 67. Sítio Rondon – Frequência do antiplástico nos fragmentos cerâmicos

Frequência do antiplástico nos fragmentos

Dentre os exemplares analisados, predominou o antiplástico vegetal, quanto à frequência, ou a quantidade destes componentes adicionados a argila para a confecção das vasilhas, se observou com cariapé A e cauxi uma abundante frequência, já no cariapé B a frequência foi notada de forma moderada.

Técnica de manufatura

Quanto à manufatura, não foi possível chegar a um parecer seguro, devido ao avançado grau de lixiviação, que implicou um arredondamento das fraturas nos fragmentos cerâmicos, com isso, apagando possíveis marcas de roletes ou qualquer outra característica que a evidenciasse, portanto, sugere-se que a técnica é indeterminada.

Tratamentos de superfície

Quanto às superfícies, também todos os fragmentos encontram-se alisados em ambas as faces. Não se observam quaisquer indícios de revestimento por engobo, apenas um fragmento apresentou decoração incisa, apesar do avançado estado de lixiviação, tal decoração se descreve como possuindo: traços lineares simples, um individual contínuo, dois outros formando um “X”, e

um terceiro curvilíneo, sugere-se uma forma geométrica. Geralmente, a maioria dos fragmentos corresponde a cerâmicas simples, notadamente alisadas.

Queima

Também já se apresentou que após a secagem, a queima é a finalização do processo de estruturação de um artefato cerâmico. A constituição da atmosfera e condições gerais de queima, somadas à composição dos elementos químicos existentes na argila – concentração de ferro e matéria orgânica - irão contribuir para a coloração da cerâmica, podendo esta ser oxidante (gerando tonalidades claras) e/ou redutora (coloração escura). No caso das cerâmicas do sítio Rondon, a queima se apresenta heterogênea, com predomínio da queima oxidante, com coloração homogênea em tons de bege e cinza claro, apenas dois fragmentos apresentaram queima redutora, com coloração polarizada com tons de bege externo e cinza escuro interno. Haja visto que, os fragmentos diferenciados por queima oxidante e redutora possuem espessuras diferentes, cabendo espessura moderada ao melhor queimado (cores claras), e espessura grossa aos não bem queimados (cor escura), sugere-se portanto, que ambos foram queimados da mesma forma, em fogueiras ao ar livre, envoltos por cascas, galhos e folhas de árvores, atingidos por temperatura de até 700 graus, e alta incidência de oxigênio, sobre o mesmo tempo de cozedura, mas que pelas as diferentes espessuras uns queimaram melhor que outros.

Base

Dentre os fragmentos apenas quatro exemplares correspondem à base de um vasilhame – e estes são todos Planos.

Borda

Dentre os fragmentos apenas oito exemplares de borda foram analisados, destes três possibilitaram possíveis reconstituições, em desenho sua morfologia se apresenta de formas F3 e F4, cujas características são de vasilhas abertas como tigelas e bacias.

7. Sítios Preservados

Dentre os 17 sítios elencados para resgate, três foram preservados, os sítios Pajam e Batovi, por se situarem fora da área de impacto, e a Gruta Kamukuwaká que se encontra preservada através de processo de tombamento.

7.1 Sítio Pajam

Coordenada geográfica: 54°10'37"W / 13°17'17"S

O sítio Pajam encontra-se na margem direita do rio Jatobá, do qual dista cerca de 100 metros. Implanta-se sobre uma superfície elevada e aplanada, estruturada pelo curso do Jatobá e por pequeno afluente. O seu enquadramento paisagístico é idêntico ao do sítio Jatobá (vide Capítulo 6, item 6.9.1 neste relatório) destacando-se a sua proximidade a área de corredeiras e pequenas cascatas, associadas a um substrato laterítico e de arenito silicificado. Enquadra-se em mancha de floresta de transição e ripícola, semi-decídua, de solos de matriz arenosa, dispondo de grande afluência de recursos de subsistência, assim como de abundante matéria-prima para produção de objetos líticos. Reunidas as condições para a instalação de comunidades, não se estranhe a identificação de vestígios arqueológicos também nesta margem.

Pajam deve a nomenclatura à Fazenda Pajam, que integra. Nos trabalhos prévios de prospecção registrou-se a presença de oito (08) objetos líticos e 15 fragmentos cerâmicos em área de terras pretas, contígua a pequeno córrego afluente do Jatobá. Nos trabalhos presentes de reconhecimento, através de caminhamento pela mancha florestal e margens ribeirinhas, reforçou-se a existência de materiais arqueológicos, atestando a ocupação humana remota da área. Nas suas proximidades identifica-se grande laje de arenito silicificado, com evidências de extração de pedra para talhe.

A relativa proximidade do vizinho Jatobá - onde se identificam evidências indubitáveis de objetos líticos - aliada à coloração enegrecida do solo onde se encontram os materiais arqueológicos -, sugerem estar-se perante vestígios de assentamento de uma comunidade indígena pretérita. Esta observação não invalida a existência, em área externa ao corredor de incidência da obra, de vestígios de um núcleo populacional. Ainda assim, não é inválida a hipótese do sítio Pajam equivaler a pequeno núcleo habitacional, associado ao espaço identificado no sítio Jatobá, na margem oposta.

A reestruturação do circuito da BR-242/MT resultou na preservação deste sítio, razão pela qual não se procedeu ao seu resgate.

7.2 Sítio Batovi

Coordenada geográfica: 54°00'31"W / 13°15'33"S

O sítio Batovi implanta-se em área aplanada e seca, a 339 m de altitude, na margem direita do rio homônimo - também designado de Tamitatoala – do qual dista cerca de 340 m. O

ambiente denuncia alterações antrópicas recentes, associadas à conversão de espaços florestais em espaços ganadeiros e de monocultura, que levaram ao desmate de boa parte da região, restando, tão somente, uma faixa de floresta no entorno do rio. Tem servido, ainda, como área de empréstimo de materiais sedimentares, de onde resulta o arrasamento, em alguns pontos, do terreno. Aqui se denota um substrato de matriz laterítico, associado a sedimentos arenosos alaranjados, destacando-se a ocorrência de afloramentos de arenito silicificado, nas margens e corredeiras do rio, de que constitui paradigmático exemplo o ambiente da Gruta Kamukuwaká (que dista do sítio Batovi cerca de 350 m).

O rio proporcionaria matéria-prima de qualidade para a criação de utensílios quotidianos, também a subsistência nos recursos piscícolas, enquanto a floresta garantiria amplos recursos faunísticos e florísticos, assumindo-se como ponto de atração à fixação de comunidades.

Os trabalhos no sítio Batovi resumiram-se a um reconhecimento da área, com vista a avaliar o seu estado de conservação e da eventual afetação dos remanescentes arqueológicos pelo empreendimento da BR-242/MT.

Assim, desenvolveram-se caminhamentos aleatórios, de onde resultou a identificação de cinco (05) elementos líticos em superfície, num espaço que dista 50 m do curso do Batovi, a 346 m de altitude, correspondente a área de extração de sedimentos e a trilha de caminho transitável. O terreno encontra-se, então, bastante alterado pelas valas de extração de cascalhos, que denunciam a destruição dos vestígios arqueológicos.

Num ponto mais afastado do rio, destacam-se a ocorrência de fragmentos cerâmicos, em terreno de monocultura. As evidências ocupacionais do sítio vêm-se, aqui, condicionadas pela exploração agrícola. De fato, nos trabalhos de prospecção, identificaram-se 19 fragmentos escassos de cerâmica que levaram a ponderar a hipótese de se estar perante um estabelecimento de carácter temporário ou sazonal. Relatos recentes do Biólogo Adorcio Ferreira dos Santos (SSM Consultoria) descrevem a ocorrência quantitativa e qualitativa de materiais cerâmicos, que terão emergido na superfície, quando da lavra com arado dos terrenos. No reconhecimento recentemente efetuado, anterior à época de colheitas, verificou-se a ocorrência diminuta de material arqueológico. A heterogeneidade sazonal de condições para a observação do mesmo terreno justifica, por certo, este desencontro nas informações.

O sítio Batovi recebe o seu nome do rio contíguo, nas margens do qual e não muito distante, se localiza a Gruta Kamukuwaká, patrimônio tombado, espaço sagrado e ritualístico, de origens remotas, vinculado à identidade dos índios Waujá. Os vestígios identificados à superfície em Batovi sugerem estarmos perante uma área residencial de uma comunidade indígena certamente associada a esse espaço sagrado.

Bastante depauperado pela abertura de caminhos, exploração agrícola e pecuária e exploração de sedimentos, Batovi encontra-se fora da área de abrangência do percurso da BR-242/MT, pelo que não foi alvo de trabalhos de resgate.

7.3 Gruta Kamukuwaká

Coordenada geográfica: 54°01'22"W / 13°14'55"S

A Gruta Kamukuwaká (veja Capítulo 4, item 4.3.1.3 neste relatório) localiza-se num exuberante espaço cênico às margens do rio Batovi. Trata-se de um patrimônio tombado da União desde 2008 (Processo de Tombamento 1535 –T-06 / Processo IPHAN 01450014776-2007/56).

Durante a expedição com os indígenas Waurá, a visita ao Portal da Anta permitiu confirmar que o espaço sacro do Batovi - elemento de firmação da identidade Waurá e sua identificação com o rio, ultrapassa o perímetro da Paisagem Cultural da Gruta de Kamukuwaká definido na área do tombamento. Verificou-se, ainda, que o trajeto da BR-242/MT que cruza o Batovi, desviado da Gruta, viria a cortar a paisagem sagrada.

Por esta razão, e reforçando que Patrimônio Tombado apresenta normas legais de proteção, demonstrou-se grande preocupação com o trajeto inicial da rodovia, sugerindo-se a extensão para montante da área de proteção da Gruta e o conseqüente desvio da estrada para montante do Portal da Anta. Tal sugestão foi acatada pelo empreendedor da obra - DNIT -, e aprovada pelo IPHAN. Assim, o percurso atual da rodovia distancia-se em cerca de 1.500 m da Gruta Kamukuwaká (Planta 19).

8. Informações sobre o material arqueológico recolhido em campo

Os materiais arqueológicos provenientes dos sítios identificados neste projeto encontram-se salvaguardados no CEPLAP/Casa Dom Aquino - Centro de Pesquisa e Laboratório de Arqueologia e Paleontologia/Museu de Pré-História Casa Dom Aquino -, situada na Av. Beira Rio, 2000, Bairro Dom Aquino, Cuiabá/MT, Fone: (65) 3634 4858, E-mail: casadomaquinomuseu@gmail.com. Este Museu é gerenciado pelo Instituto Ecossistema e Populações Tradicionais (ECOSS) em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso.

O material está devidamente numerado e registrado em banco de dados (conforme descrito no item 3.3.3, deste relatório) e embalado individualmente em plástico bolha e depois agrupados em sacos plásticos com etiqueta que indica a sua procedência. Estas embalagens são acondicionadas em caixas de poliondas, onde constam: nome do projeto, nome do sítio, nome da empresa responsável, tipo de material e data da coleta. As caixas de poliondas estão organizadas em prateleiras de aço dispostas na sala destinada à Reserva Técnica do Museu em questão. (Anexo 13)

Planta 19. Gruta Kamukuwaká com alteração do traçado da BR-242

Prancha Fotográfica 35. Sítio Pajam

Prancha Fotográfica 36. Sítio Batovi

Prancha Fotográfica 37. Sítio Gruta Kamukuwaká

9. Educação Patrimonial

A campanha de Educação Patrimonial se desenvolveu nos municípios de Nova Ubiratã, Gaúcha do Norte, Canarana, Querência e Santiago do Norte distrito de Paranatinga. Contamos com a participação de Escolas Estaduais e Municipais, além de eventos regionais, tais como: ExpoUbiratã na cidade de Nova Ubiratã, Fórum Municipal de Educação denominada **“Implementando a Metodologia de Projetos”** na cidade de Querência e Expedição **Waurá** no complexo Sagrado da Gruta Kamukuwaká, na região do rio Batovi.

Dentre os trabalhos realizados foram ministradas palestras para os alunos onde se abordaram temas como Patrimônio Cultural, Paleontologia e Arqueologia, tendo como apoio banners explicativos. Em patrimônio cultural, foram abordados tópicos referentes ao conceito e tipos de patrimônios, e a importância de se conservar e preservar os patrimônios culturais. Na palestra sobre paleontologia, foram ministrados conceitos teóricos sobre o tema, sobre datações, fósseis, os processos de fossilização e as eras geológicas. E na palestra de Arqueologia, evidenciou-se o conceito de arqueologia, com a caracterização de sítios arqueológicos, envolvendo os grupos de caçadores coletores e horticultores.

A exposição ministrada aos professores e o público em geral da Expo-Ubiratã teve como foco os conceitos sobre Educação Patrimonial, Paleontologia e Arqueologia.

Em Educação Patrimonial abordamos temas sobre conceitos, órgãos responsáveis por fiscalizar, preservar e restaurar os patrimônios culturais, tipos de patrimônios, bens materiais e imateriais e a educação patrimonial em uma abordagem pedagógica.

Em Paleontologia esclarecemos sobre legislação, sub-áreas da Paleontologia, fósseis, tipos de fossilização, ocorrência de fósseis, eras geológicas e a paleontologia em uma abordagem pedagógica.

E na área de Arqueologia, ministramos o conceito de Arqueologia, sub-áreas da Arqueologia, arqueologia e meio ambiente, legislação, etapas dos trabalhos arqueológicos e caracterização de sítios arqueológicos³⁸.

Educação Patrimonial na região de Nova Ubiratã

Entre os dias 26 e 29 de junho também foram desenvolvidas ações de Educação Patrimonial na ExpoUbiratã, evento sediado no Parque de Exposições de Nova Ubiratã sob organização da Associação dos Criadores (Acrinova) e Sindicato Rural, com o apoio da Prefeitura e da Câmara Municipal de Nova Ubiratã, além da Cooperativa Sicredi, Famato e Senar. Em parceria com a prefeitura da cidade foi disponibilizado espaço físico para as ações, onde foram elaborados e apresentados banners das ações de Salvamento Arqueológico na BR-242/MT e vitrines

³⁸ As ilustrações das atividades de EP encontram-se nas pranchas fotográficas ao final de suas descrições.

expositivas com materiais arqueológicos de Mato Grosso, específicos dos resgates efetuados nesta pesquisa da rodovia, bem como materiais que representam a cultura imaterial do Estado, tais como, viola de cocho, mocho, ganzá e cerâmicas indígenas Waurá. (Ver Lista de Presença Exponova Anexo 6)

Tais atividades tiveram como intuito apresentar para o público do evento os trabalhos que vêm sendo realizados pela Gestão Interina da BR-242/MT, além de buscar sensibilizar a comunidade local sobre a importância em se preservar o patrimônio arqueológico da região. Foi enfatizada a importância da Gruta Kamukuwaká, pois a mesma está localizada próxima ao distrito de Santiago do Norte e nos foi solicitado pelos Waurá que ações de conscientização fossem feitas com os moradores não-índios do entorno da gruta, como forma de preservar o patrimônio cultural ali existente. Esta sensibilização é realizada pela importância que o espaço sagrado tem para esta etnia indígena, uma vez que o mito, associado ao ritual de passagem dos jovens guerreiros Waurá, está vinculado à gruta e seus grafismos rupestres.

Os banners (aprovados pela equipe – Simone e Emerson - da CGMAB) e demais registros fotográficos da exposição encontram-se apresentados nas pranchas fotográficas.

Expedição Waurá no Complexo Sagrado da Gruta Kamukuwaká

Os trabalhos de Educação Patrimonial ora descritos ocorreram entre os dias 19 e 22 de agosto de 2014, tendo como espaço cênico as margens do rio Batovi, onde se encontra a Gruta Kamukuwaká, patrimônio tombado da União desde 2008 (Processo de Tombamento 1535 –T-06 / Processo IPHAN 01450.014776/2007-56).

Com o intuito de revisitar o espaço e o sagrado, reuniram-se os representantes das várias entidades envolvidas no projeto arqueológico - Gabriele Veiga Garcia, da UNISELVA / UFMT; Francisco Forte Stuchi, do IPHAN; Suzana Hirooka, Mafalda Ramos e Luiz Coimbra, da Archaeo Pesquisas Arqueológicas Ltda. e os representantes do povo Waurá –, bem como professores, historiadores e alunos das aldeias Piyulaga, Piyulewene, Ulupuwene e Batovi (veja lista de presentes Gruta do Kamukuwaká no Anexo 7). O caráter documental da atividade exigiu a presença de Vilson de Jesus, responsável pelo registro de vídeo, áudio e fotografia do evento.

O suporte logístico da ação foi assegurado pela Archaeo Pesquisas Arqueológicas Ltda., contando, ainda, com o apoio do Museu de Pré-História Casa Dom Aquino.

Gruta Kamukuwaká: o espaço e o sagrado

Desempenhando importante papel na mitografia do povo Waurá, integrante da cultura indígena xinguana, a estória do guerreiro Kamukuwaká e da sua luta com o poderoso Kamu - o Sol - disseminada na tradição oral, tem vindo a desaparecer com o devir dos tempos.

Considerando a importância do espaço e do mito para o povo Waurá, preconizou-se a perpetuação da estória de Kamukuwaká, contextualizando-o no espaço sacro do curso alto do Batovi.

Assim, a presente ação de Educação Patrimonial teve como objetivos primordiais:

- Coletar informações para a elaboração de um livro - conseguido pelo esforço conjunto das entidades envolvidas no Projeto Arqueológico da BR-242/MT e o povo Waurá - com o intuito de perenizar, preservar e divulgar a estória (produção do livro em andamento);
- A transmissão oral do mito pelos historiadores mais antigos para as novas gerações de aprendizes e crianças, que culminará na realização de um documentário;
- Promover a sensibilização para a importância do Complexo da Gruta Kamukuwaká - patrimônio arqueológico, etnológico, natural e imaterial da União – bem como da divulgação da sua estória, não só no seio da comunidade indígena, mas também para a população em geral;
- Desenvolver o conceito de patrimônio tombado, incidindo sobre a preservação não só do sítio arqueológico, mas de todo o contexto paisagístico;
- Discutir hipóteses de intervenção arqueológica na Gruta, considerando as implicações do seu tombamento, assim como a sua influência na estabilidade dos painéis rupestres e na própria estrutura pétreo;
- Reconhecer o Portal da Anta como integrante da estória do Batovi e ponderar sobre o traçado presente da BR-242/MT, que marca uma cisão no espaço sagrado.

Os trabalhos durante o encontro

A ação teve início no dia 19 de agosto, com a organização do acampamento, recepção dos membros das aldeias Waurá e planejamento dos trabalhos para os dias seguintes.

O segundo dia da ação pautou-se pela revisitação da Gruta de Kamukuwaká, assim como dos espaços sacros fronteiros da Casa do Sol / Casa da Cobra e Casa do cacique Kuinhãpu, companheiro de Kamukuwaká. Este percurso corresponde ao reconhecido na primeira expedição na Gruta, que culminaria com o seu tombamento.

Professores, alunos, crianças e mulheres habitaram, temporariamente, a casa do mítico guerreiro, participando numa aprendizagem conjunta da estória do local. Tendo como

enquadramento o extenso painel de gravuras rupestres, o pajé Takapé, pintado e vestido a preceito, explicou, em Waurá, às crianças e jovens o significado dos símbolos gravados e a estória do cacique que aí habitara.

Termina a estória do guerreiro Kamukuwaká e do percurso de Sol e Lua, prossegue a visita aos espaços que compõem a paisagem sagrada da Gruta.

Partimos, de tarde, para a margem oposta, onde um conjunto de massas rochosas que circunda uma pequena queda de água, enforma a Casa do Sol. Aí, também, se localizam pequenas covas esculpidas no arenito pela passagem da água, descritas pelos Waurá como armadilhas de peixe.

A revisitação termina na Casa do cacique Kuinhãpu, que aí teria habitado até à subida de Kamu; um gigante paredão de pedra, com uma fenda que configura uma passagem central.

No dia 21 de agosto, o grupo deslocou-se até a área designada por Pedra da Anta. Como guias, tivemos o pajé Takapé Waurá, Akari Waurá, Kaji Waurá, Yukanukala Waurá e Atapuchá Waurá, que foram alumiando caminho e estória.

Para os Waurá presentes, a Pedra da Anta é conhecida dos relatos dos anciãos, mas desconhecida espacialmente. Assim, a visita ao local foi abraçada entusiasticamente por todos os envolvidos, colorindo e dando forma à estória ouvida. A realçar o aspecto educativo da expedição e a sacralidade do espaço, ao longo da trilha, foram-se identificando plantas e árvores com valor medicinal e catártico.

Antes de se chegar ao Portal, encontra-se a marcação nova da passagem da BR-242/MT, confirmando-se que, a ser construída, cindirá a paisagem sagrada.

A expedição de reconhecimento à Pedra da Anta assume-se, aqui, como de extrema importância, no âmbito da presente ação de Educação Patrimonial, tratando-se de parte integrante do Complexo da Gruta Kamukuwaká e incorporando a estória das querelas de Kamu/Sol com guerreiros animais.

De volta ao acampamento, em reunião final, fez-se um balanço dos trabalhos, alinhavando-se, ainda, algumas questões relativas à segunda atividade de Educação Patrimonial.

Da expedição se ressalta o reconhecimento inédito da Porta da Anta, que não foi visitada no trabalho antecedente de levantamento da Gruta, por se encontrar, segundo os autores, deslocada da área então definida como “Paisagem Cultural Kamukuwaká” (cf. Processo de Tombamento 1.535 – T.06, p. 163).

O reconhecimento da Pedra da Anta vem estender a área sacra do Batovi, da Gruta Kamukuwaká à Porta da Anta, compreendendo um trecho de 5,5km do rio. Toda esta área deveria ser preservada como elemento único. Todavia, o novo trajeto da BR-242/MT – desviado na sequência do tombamento da Gruta – secciona-a. Por essa razão, se discutiu sobre a hipótese de

requerer um novo desvio da estrada, que exceda a Porta da Anta, preservando a unicidade do espaço sagrado. Os Waurá mostraram-se, não obstante, abertos a compensações.

Reafirmou-se a premência de proteger a Gruta Kamukuwaká e paisagem envolvente da paulatina depredação, causada pelo lixo devoluto e pelo avanço das queimadas, através da promoção da consciência patrimonial e ambiental da população e colocação de nova placa de sinalização. Destas preocupações resultou a elaboração de dois ofícios, para o DNIT e para o IPHAN.

No Quadro 41 apresenta-se a localização (coordenadas UTM) do Complexo da Gruta Kamukuwaká.

Quadro 41. Complexo Sagrado da Gruta Kamukuwaká

Complexo Sagrado da Gruta Kamukuwaká			
Pontos	Sítio	Coordenadas UTM (21L)	
1	Gruta Kamukuwaká	822662	8533444
2	Casa do Sol	822722	8533486
3	Casa de Kunhãpu	822680	8533539
4	BR-242 – Ponto de passagem novo trajeto	823634	8531542
5	Porta da Anta 1	823725	8530703
6	Casa da Anta		
	Anta Macho	823909	8530077
	Anta Fêmea	823834	8530153
7	Pedra da Anta	823949	8529405
8	Final do Pedral	824211	8528678

Considerações adicionais da expedição

A ação de Educação Patrimonial ora exposta teve como palco principal a paisagem sagrada da Gruta Kamukuwaká, enquadrada pelo rio Batovi. Tal encontro reuniu representantes das entidades envolvidas no projeto e membros do povo Waurá e teve como propósito primeiro conhecer o Complexo Sagrado da Gruta Kamukuwaká, bem como assegurar a perpetuação do mito do guerreiro, através da transmissão do conto dos professores mais antigos, aos alunos, crianças e jovens.

Desta passagem de conhecimento se reuniu informação para a elaboração de um livro - a escrever em Waurá, Português e Inglês - que virá expor o conhecimento de tal estória. Este livro,

que se pretende ricamente ilustrado com documentação fotográfica e desenho, resultará de um trabalho conjunto o qual foi desenvolvido com os Waurá na aldeia Piyulaga, no mês de outubro do corrente ano.

Para além do livro, foi propósito, ainda, conseguir informação para a realização de um documentário sobre a estória. Por essa razão, a narrativa teve como cena os vários pontos que compõem o espaço sagrado do Batovi, assumindo a expedição, por isso, certo caráter itinerante.

A produção do livro e documentário resultará, ainda, na expansão da informação produzida sobre o sítio, esperando-se que influa na sensibilização da população para o respeito e preservação não só da Gruta onde se identificam as gravuras, mas também do lugar natural que integra.

A esse respeito, não é demais referir a ameaça de destruição da paisagem de Kamukuwaká, evidenciada no avanço das queimadas e no lixo por aí abandonado. Deve-se, portanto, promover ações de consciencialização junto à população, assim como investir em sinalizadores adequados e dispersos variadamente pelo espaço.

A visita ao Portal da Anta com os Waurá permitiu confirmar que o espaço sacro do Batovi - elemento de firmação da identidade Waurá e sua identificação com o rio ultrapassa o perímetro da Paisagem Cultural da Gruta de Kamukuwaká definido na área do tombamento. Verificou-se, ainda, que o trajeto da BR-242/MT que cruza o Batovi, desviado da Gruta, virá a cortar a paisagem sagrada.

Por esta razão, se demonstrou uma preocupação com o rumo atual da estrada, sugerindo-se a extensão para montante da área de proteção da Gruta e o consequente desvio da estrada para montante do Portal da Anta. Esta questão foi de imediato remetida à consideração do DNIT e IPHAN para apreciação – sendo a mesma imediatamente acatada.

Ações de Educação Patrimonial realizadas em Nova Ubitatã e Santiago do Norte

Entre os dias de 30 de setembro e 02 de outubro de 2014, efetivaram-se as atividades de Educação Patrimonial nas escolas em Nova Ubitatã, Escola Estadual 19 de Dezembro e na Escola Municipal Tancredo Neves, e, em Santiago do Norte, na Escola Municipal Moreira Cabral. (Ver Anexo 8, Lista de Presença de Nova Ubitatã e Santiago do Norte)

As ações constaram das seguintes atividades:

- Palestra abordando Patrimônio Cultural com ênfase no patrimônio tombado Gruta do Kamukuwaká (vide tópico anterior sobre o encontro na gruta);
- Exposição de banners sobre o bem tombado - Gruta do Kamukuwaká;

- Oficina de produção de machados polidos - ferramenta lítica utilizada pelos grupos indígenas pré-históricos, produzida sobre rochas duras com posterior polimento. Na oficina, os alunos produzem tais ferramentas em formas pré-modeladas de fibra plástica, com a utilização de gesso e, ao finalizá-las, os alunos podem ficar com suas reproduções;
- Oficina de reproduções de arte rupestre - representações artísticas (pinturas e gravuras) de grupos humanos pré-históricos realizadas em paredes de cavernas e abrigos rochosos, bem como em superfícies rochosas ao ar livre. Na oficina, após explicações e exemplificações sobre o tema, os alunos reproduziram tais desenhos em tecidos e papéis utilizando tintas de cores variadas. Também ao término desta oficina os alunos puderam levar suas reproduções para casa.

As atividades ocorreram com os alunos dos períodos matutinos, vespertinos e noturnos, bem como com os respectivos professores. A avaliação foi positiva, sendo esta manifestada pelo contentamento tanto do corpo discente quanto do corpo docente com a aprendizagem e as informações obtidas acerca da relevância de se reconhecer e preservar o patrimônio arqueológico seja ele pré-histórico ou histórico.

Ações de Educação Patrimonial realizadas no município de Gaúcha do Norte, Canarana e Querência.

As ações de Educação Patrimonial desenvolvidas neste projeto da BR-242/MT tiveram continuidade nos municípios de Gaúcha do Norte, Canarana e Querência, entre os dias 07 e 15 de outubro de 2014 e ocorreram nas seguintes escolas e eventos:

- Gaúcha do Norte (7 e 8 de outubro) - Escola Municipal Bem me Quer e Escola Estadual Gervásio dos Santos Costa. (Anexo 9, Lista de Presença Gaúcha do Norte)
- Canarana (10 e 13 de outubro) - Escola Estadual 31 de Março e Escola Estadual Norberto Schwantes. (Anexo 10, Lista de Presença Canarana)
- Querência (14 e 15 de outubro) - Escola Estadual 19 de Dezembro e auditório da Secretaria de Desenvolvimento e Ação Social onde se realizou uma Exposição Itinerante de Arqueologia no Fórum Municipal de Educação denominada "Implementando a Metodologia de Projetos". (Anexo 11, Lista de Presença Querência)

As ações constaram das seguintes atividades:

- Palestra abordando Patrimônio Cultural, com ênfase no patrimônio arqueológico (material e imaterial) e paleontológico; ademais, abordaram-se vários temas, incluindo a dinâmica de vida dos povos pré-históricos, tais como os caçadores coletores e os agricultores;

- Exposição Itinerante com a apresentação de peças museológicas, entre elas, instrumentos líticos (machados polidos e lascados, pontas de flechas, etc.) e vasilhames cerâmicos de grupos indígenas pré-históricos regionais, fósseis, instrumentos musicais tradicionais do Mato Grosso, tais como viola de cocho, mocho e ganzá. Foram também expostos banners informativos sobre os trabalhos arqueológicos;
- Oficina de produção de machados polidos - ferramenta lítica utilizada pelos grupos indígenas pré-históricos, produzida sobre rochas duras com posterior polimento. Na oficina, os alunos produzem tais ferramentas em formas pré-modeladas de fibra plástica, com a utilização de gesso e, ao finalizá-las, os alunos podem ficar com suas reproduções;
- Oficina de reproduções de arte rupestre - representações artísticas (pinturas e gravuras) de grupos humanos pré-históricos realizadas em paredes de cavernas e abrigos rochosos, bem como em superfícies rochosas ao ar livre. Na oficina, após explanações e exemplificações sobre o tema, os alunos reproduzem tais desenhos em tecidos e papéis utilizando tintas de cores variadas. Também ao término desta oficina os alunos podem levar suas reproduções para casa;
- Oficina de produção de vasilhames cerâmicos – representações de vasilhas e potes cerâmicos, tendo como referência as produções das ceramistas que habitaram a região em tempos pretéritos. Na oficina, após explanação e exemplificação sobre o tema, os alunos reproduzem tais artefatos utilizando argila e as modelando de diversas formas. Ao término desta oficina os alunos podem também levar suas reproduções para casa.

Nas escolas, as atividades ocorreram com os alunos dos períodos matutino, vespertino e noturno, bem como os respectivos professores. A avaliação foi altamente satisfatória, sendo esta manifestada pelo contentamento tanto do corpo discente quanto do corpo docente com a aprendizagem e as informações obtidas acerca da relevância de se reconhecer e preservar o patrimônio arqueológico seja ele pré-histórico ou histórico.

Prancha Fotográfica 38. EP- Canarana Escola 31 de Março

Prancha Fotográfica 39. EP- Canarana Escola Norberto Schwantes

Prancha Fotográfica 40. EP - Expo Ubiratã

Prancha Fotográfica 41. EP - Fachadas das escolas

Prancha Fotográfica 42. EP- Escola Municipal Bem me Quer

Prancha Fotográfica 43. EP- Escola Gervasio dos Santos Costa

Prancha Fotográfica 44. EP- Escola Estadual 19 de Dezembro

Prancha Fotográfica 45. EP - EP- Escola Municipal Tancredo Neves

Prancha Fotográfica 46. Expedição Waura

Prancha Fotográfica 47. EP- Escola Estadual 19 de Dezembro



Prancha Fotográfica 48. EP - Exposição Itinerante em forum de educação

Prancha Fotográfica 49. EP- Escola Municipal Moreira Cabral

10. Resumo e Conclusões

Resumo dos resultados arqueológicos³⁹

Na área de abrangência desta pesquisa, a qual compreende 444,00 km ao longo do trajeto da rodovia BR-242/MT, localizada no centro-norte do Estado, entre os municípios de Nova Ubiratã (oeste) e Querência (leste), foram identificados 14 sítios arqueológicos. Posicionados de oeste para leste, tais sítios foram denominados de: **Rio Ferro, Terra Cinza, Ribeirão Grande, Bomba d'água, Ilha Steinen, Jaguaribe, Cachoeira, Santiago, Jatobá, Lesma, Barracão Queimado, Kurisevo das Pedras, Recanto e Rondon.**

É preciso destacar que seis destes sítios foram impactados por atividades antrópicas de remoção de terra, por se encontrarem em áreas de jazidas, ou seja, áreas de empréstimo de cascalhos (em geral, lateríticos) para a pavimentação de estradas da região, ou por terem sido terraplanadas para a construção de novos acessos. Todavia, tais atividades ocorreram anteriormente aos trabalhos de repavimentação da BR-242/MT, bem como no período intermediário entre os trabalhos de prospecção e deste de salvamento dos sítios, já que as obras do empreendimento foram interrompidas e retomadas num intervalo de quase dois anos.

Tais sítios correspondem a ocupações lito-cerâmicas a céu aberto, ainda que, em determinadas áreas, as cerâmicas sejam escassas. Localizam-se em áreas de planície, nas margens ou proximidade de importantes rios das região, todos afluentes do rio Xingu e que se destacam pela presença de corredeiras, meandros, ilhas e águas verdes cristalinas, tais como o Rio Ferro, Von Dein Steinen, Ronuro, Jatobá, Kurisevo das Pedras e Culuene. A paisagem é formada também por manchas de florestas de transição e cerrado que restam praticamente nos entornos ou acompanhando as drenagens, pois foram, ao longo do tempo, substituídas por plantações. Há afloramentos rochosos ou mesmo seixos e blocos, em sua maioria, de arenitos silicificados, ocorrendo disponíveis e em abundância nestas áreas. Tal contexto ambiental indica que no passado, uma frondosa cobertura vegetal, aliada a uma fauna variada, garantiram excelentes condições de subsistência para os grupos indígenas que ali estabeleceram seus territórios.

Assim presumindo, não causa estranheza que alguns destes sítios apresentem uma área de ocupação relativamente extensa e profunda, denotando o longo tempo de permanência (ou reocupação) das populações nestes locais. Sustenta esta afirmação os sítios Rio Ferro, Terra Cinza e Ilha Steinen que puderam ser datados através da evidência de carvões, apontando que a região foi ocupada por quase 1450 anos, ocupações estas iniciadas no segundo século de nossa era (de 125 a 1550 AD).

Para melhor apresentação dos dados, seguem breves descrições dos distintos sítios, seguidas de interpretações e hipóteses.

³⁹ No Anexo 12 tem-se um Quadro onde constam os resultados da pesquisa de uma forma resumida

O sítio **Rio Ferro** encontra-se inserido em terraço fluvial de topo plano e elevado, nas margens do rio homônimo, em terreno recoberto por pastagem, restando manchas de floresta de transição ao longo apenas da drenagem. Os materiais arqueológicos apresentam ao longo de toda a ocupação idênticos atributos tecnotipológicos, revelando que o assentamento corresponde à habitação de indígenas de uma mesma filiação cultural, e as cronologias obtidas indicam que tal ocupação foi ininterrupta, ocorrendo entre o **século II** e meados do **século III de nossa era** (125 a 250 AD).

Os **vasilhames cerâmicos** deste **sítio Rio Ferro** apresentam diversidade de formas. Embora exista o predomínio das formas abertas, dentre estas **bacias, tigelas e pratos**, ocorrem também recipientes fechados de pequenas dimensões e formas neutras. Em suas confecções identifica-se o **cariapé** como tempero dominante e seus acabamentos resumem-se ao alisamento, denotando a simplicidade das vasilhas utilizadas, destinadas à confecção e a serviços de alimentos. Na produção dos **objetos líticos**, seus artesãos empregaram os seixos de chert e arenitos silicificados disponíveis nas margens dos rios da região. A partir da **técnica unipolar**, ainda que tivessem conhecimento da técnica bipolar, confeccionaram dentro do sítio especialmente **lascas retocadas**, provavelmente para atividades domésticas cotidianas, entre outras, o corte de couro, vegetais, outros alimentos etc.

O sítio **Terra Cinza** implanta-se numa vertente levemente inclinada, aberta a uma pequena drenagem (Córrego Desejado). A floresta de transição residual sofreu forte desmate em razão da monocultura, observando-se pequena mancha arbórea ao longo das margens do córrego. Embora a escassez de recursos piscícolas e de matérias-primas rochosas, o ambiente apresenta-se propício à instalação de populações que encontrariam na fauna e flora o sustento de uma dieta alimentar regulada.

Assim como para o sítio Rio Ferro, também neste sítio seus materiais ocorrem ininterruptamente - sem a evidência de que o local tenha sido abandonado por um determinado período. Entretanto, as datas obtidas revelam um período de ocupação bem mais tardio, existindo entre meados do **século XV e XVI** (1450 a 1515 AD). Tais cronologias são compatíveis nesta região aos **grupos indígenas xinguanos**, que foram divididos em diferentes fases de acordo com o período de suas ocupações. Nesta correlação, os grupos desta pesquisa corresponderiam às fases Ipavu Antigo (1400 – 900 AD) e Ipavu Tardio (1600-1400 AD).

Em relação aos seus artefatos, os sítios Rio Ferro e Terra Cinza também revelam diferenças, ainda que sutis. Os **vasilhames cerâmicos** do sítio Terra Cinza são ainda mais diversos do que os presentes no sítio Rio Ferro, mas assim como àquele, há o predomínio das formas abertas, tais como **bacias e tigelas**. Quanto à técnica de confecção, predominam os **roletes**, o **cariapé** como antiplástico e os tratamentos de superfície são diversos, alisamento, polimento e eventualmente **engobo vermelho**. Também apresentam **decorações**, tais como pintura geométrica e pontinhos, marcas de esteira, puncionamento e incisões. Considerando-se a maior complexidade dessas produções, é razoável supor que suas artesãs destinavam a esta atividade um tempo relativamente longo, e, assim, confeccionaram vasilhames para inúmeras utilidades,

desde para o preparo quanto para os serviços de alimentos e bebidas. Na produção dos **objetos líticos**, seus artesãos empregaram, assim como constatado no Rio Ferro, blocos e seixos de arenito silicificado e chert disponíveis na região. A partir preferencialmente da **técnica unipolar**, pois teriam também conhecimento da técnica bipolar, confeccionaram uma grande diversidade de instrumentos, principalmente **lascas retocadas**. Mas o que chama a atenção são efetivamente **seixos lascados bifacialmente**, **peças bifaciais** e **machados polidos**. Esta recorrência de peças bifaciais nesta indústria parece revelar um **esquema particular de produção de instrumentos**.

Nesta análise, embora as cerâmicas de ambos os sítios apresentem características similares, o mesmo não se observa em relação aos líticos. No sítio Terra Cinza existe uma tendência e recorrência ao *façonnage* bifacial não percebidas nos objetos do Rio Ferro - o que denotaria, a priori, identidades culturais distintas. Reforça essa hipótese, a diacronia apontada entre suas datações. De outro modo, podem tais datas não corresponder à realidade, e os sítios serem contemporâneos, neste caso, as diferenças nos líticos seriam meras variações locais.

Já o sítio lítico **Ilha Steinen** localiza-se num trecho às margens do rio Von Steinen onde este circunda uma pequena ilha e afloramentos e seixos de arenito silicificado expõem-se em abundância, bem como lajedos de lateritas, proporcionando fortes corredeiras no local. Na ilha formam-se zonas alagadiças e a vegetação, também no entorno do sítio, é de cerrado, com estreitas faixas de mata ciliar acompanhando as margens do rio. Trata-se de uma paisagem de grande beleza cênica, associada a um rio com disponibilidade de matéria-prima rochosa, compondo um local seguramente atrativo para grupos pré-históricos, quer para acampamentos temporários, quer para assentamentos de longa duração e, não obstante, ser reocupado ininterruptamente para a exploração dos arenitos silicificados. As datações obtidas para este sítio revelam uma contemporaneidade com o sítio Rio Ferro, apresentando um período de ocupação de 10 anos, em meados do **século II** de nossa era (165 e 176 AD).

Os objetos líticos foram identificados na margem esquerda do rio, dentro d'água e também na margem direita da ilha. Tais objetos correspondem preferencialmente a núcleos e lascas residuais, os instrumentos são minoria. Na margem do rio, onde a camada de ocupação é mais profunda (60 cm), em meio aos objetos líticos foram encontrados dois fragmentos de cerâmica sobre a superfície. Ambos os **fragmentos cerâmicos** encontram-se muito lixiviados, revelando muito pouco sobre o modo de manufatura e a forma dos vasilhames. A única informação é que suas pastas compõem cariapé, ou seja, podendo ser correlacionáveis às cerâmicas do Rio Ferro - hipótese esta atestada também pela correspondência de suas cronologias. Mas neste local, dada a alta disponibilidade de matéria-prima rochosa de boa qualidade de lascamento, não causa estranheza que diversos grupos indígenas fizessem ali seus acampamentos.

Quanto à produção dos **objetos líticos** não se percebem esquemas operacionais distintos, e todos foram produzidos a partir da técnica unipolar com percutor duro. A debitagem de lascas caracteriza a indústria deste sítio Ilha Steinen, com a evidência de inúmeros núcleos de grande porte e percutores. Os instrumentos, por sua vez, são pouco elaborados, com produções

envolvendo baixos investimentos, correspondendo, na sua maioria, a lascas retocadas com unidades ativas sobre gumes já naturalmente agudos. Destacam-se também as peças unifaciais, mas cujo *façonnage* é igualmente restrito. Assim, fica evidente a produção de instrumentos expeditivos, utilizados, provavelmente, para tarefas imediatas, como o corte de pescados, vegetais etc. Caso os artesãos tenham produzido instrumentos melhor elaborados, estes podem ter sido transportados para serem utilizados em outros locais.

Sendo verdadeiramente contemporâneos, seria viável pensar numa correlação entre estes dois sítios, onde o sítio Rio Ferro corresponderia a uma aldeia habitação e o Ilha Steinen a um acampamento temporário, ou mesmo sazonal. Mas ainda que se estabeleçam correlações cronológicas, suas indústrias líticas diferem não exatamente na técnica de produção, mas no tipo de matéria-prima empregada e nos instrumentos produzidos. As peças unifaciais, por exemplo, são recorrentes no Ilha Steinen e ausentes no Rio Ferro, e o arenito silicificado empregado no Ilha Steinen difere dos tipos de arenito empregados no Rio Ferro, além da recorrência de rochas de chert neste último. Mas tais diferenças podem ser locais, derivadas das soluções criadas pelos artesãos às suas demandas de acordo com o que o ambiente oferecia.

E mais para leste, a 77 km do sítio Ilha Steinen, localiza-se o **sítio lítico Jatobá**, implantado na margem esquerda do rio homônimo, em área de corredeiras, onde arenitos ocorrem na forma de blocos, seixos e lajedos contínuos. Um solo arenoso, com níveis de cascalho, permeado por uma crosta laterítica sustenta uma floresta de transição, com espécies do cerrado e da floresta amazônica, e esparsas espécies arbustivas, proporcionando um ambiente amplo, propício ao deslocamento. A fauna da região é muito rica, sendo que até aos nossos dias a área comporta toda a cadeia alimentar deste ambiente.

Este sítio Jatobá apresenta uma ocupação que inicia aos 130 cm de profundidade, prolongando-se ininterruptamente até a superfície, quando foi então abandonado. Todavia, a dispersão dos materiais é bastante variável, sendo efetivamente abundante dos 70 aos 30 cm. E estes materiais basicamente correspondem a objetos líticos – apenas um fragmento cerâmico foi encontrado entre os 40-50 cm. Essa variação pode estar indicando uma série de situações que levaram a este acréscimo de líticos naquele período de tempo – aumento populacional, atividades de lascamento mais intensas, eventos regulares que exigissem uma maior produção de objetos, etc. De qualquer modo, no sítio Jatobá, ao longo dos níveis ocupados, não se percebem diferenças nos esquemas de produção empregados, o que indica que seus habitantes eram de uma mesma filiação cultural, ainda que o local tenha sido de tempos em tempos reocupado.

O fragmento **cerâmico**, assim como a maioria dos conjuntos cerâmicos identificado nos sítios desse projeto, também se encontra fortemente lixiviada, compondo cariapé em sua pasta e, exceto o alisamento de sua superfície interna, não apresenta qualquer outro tratamento.

Quanto à produção dos **objetos líticos**, inicialmente a disponibilidade e abundância de arenitos silicificados na área certamente influenciou na decisão do(s) grupo(s) em ali assentar(em). Agrega-se a isso a abundância de recursos alimentares disponíveis e também a beleza cênica do lugar, não causando estranheza, portanto, que o sítio tenha sido ocupado

ininterruptamente e, ao que parece, visto a espessura da camada arqueológica, por um longo período. Com a aquisição desses arenitos, os artesãos produziram, a partir da técnica unipolar com percutor duro, inúmeros instrumentos. Esta alta produção pode ser atestada pela grande quantidade de lascas e detritos, bem como robustos núcleos e percutores dentro do sítio. Mas estes resíduos de lascamento, comparados ao número de instrumentos, são de longe mais numerosos, o que indica que no assentamento ocorriam mais produções de instrumentos do que efetivamente os seus usos – levantando-se a possibilidade de que suas aldeias habitação existiam em outros locais da região. Ademais, os instrumentos correspondem à maioria a peças expeditivas, para o uso imediato, tais como as lascas retocadas – o que ratifica a hipótese deste sítio Jatobá se tratar de um local de assentamentos temporários. Instrumentos melhor elaborados, tais como peças unifaciais, bifaciais e machados lascados bifacialmente, foram também confeccionados, mas estes são menos recorrentes no sítio, o que possibilita pensar que muitos outros destes instrumentos tenham sido levados para serem utilizados em outros locais, talvez nas roças, nos locais de caça, por se tratar de peças de maior porte, podendo ser empregadas sobre materiais mais resistentes, duros. De qualquer modo, indiferente às suas utilizações, estes três tipos de instrumentos têm destaque no conjunto, especialmente os machados lascados, pois revelam esquemas de produção que caracterizam este(s) grupo(s): o *façonnage* unifacial e bifacial.

É importante destacar que o *façonnage* bifacial caracteriza a indústria do sítio Terra Cinza, ainda que seixos particularmente lascados bifacialmente e uma lâmina de machado polida ocorram com exclusividade no conjunto – não se identificando tais peças nas outras indústrias analisadas neste projeto. Mas é revelador que ambos os esquemas de produção são também característicos dos sítios Lesma e Kurisevo das Pedras (descritos a seguir), que se localizam nas imediações deste sítio Jatobá. Ou seja, sob o aspecto da tecnologia lítica há evidências de correlações entre estes sítios.

Não muito distante do sítio Jatobá, a cerca de 10 km, localiza-se o **sítio Lesma** e, assim como a maioria dos sítios estudados neste projeto, insere-se em ambiente de floresta de transição, encontrando-se sobre uma superfície plana e elevada de base rochosa do tipo laterita, às margens de uma pequena drenagem. Com esse tipo de solo laterítico, também aqui o terreno, além de convertido em extensas lavouras, foi explorado como jazida de empréstimo para aterros, ocasionando indelével danos ao sítio arqueológico. Embora o aspecto notadamente descaracterizado da paisagem atual, o sítio em plataforma seca junto à linha de água, disporia de abundantes recursos faunísticos e florísticos propícios à instalação de comunidades humanas. O rio, apesar de não navegável, disponibilizaria recursos piscícolas, enquanto a floresta proporcionaria a carne de caça e a flora variegada que garantiriam o sustento equilibrado das populações.

A maioria dos vestígios arqueológicos, cerâmicos e líticos, foi identificado em superfície, apenas alguns objetos líticos foram encontrados dispersos entre a superfície e os 70 cm de profundidade. Entretanto, tal dispersão não representa a realidade, visto a forte alteração do terreno devido às inúmeras atividades antrópicas ali ocorridas. Sob estes impactos, os fragmentos

cerâmicos são diminutos, encontrando-se desgastados e lixiviados. Não há peças diagnósticas, observando-se apenas que constituem uma pasta com cariapé e superfícies rugosas, sem alisamentos ou decorações.

Quanto aos **objetos líticos**, seus artesãos consideraram também a alta disponibilidade na região dos arenitos silicificados, adquirindo-os na forma de seixos para produzirem seus instrumentos. Produzidos através da técnica unipolar com percutor duro, o conjunto constitui-se de núcleos, lascas residuais, detritos, percutores e instrumentos, tais como peças unifaciais e bifaciais. Tal como o sítio Jatobá, também neste sítio têm destaque as peças unifaciais e bifaciais, embora, aqui, as peças unifaciais, por exemplo, diferenciam-se daquelas, sendo menos robustas, tendo lascas como suporte e o *façonnage* estendendo-se por toda a periferia, feito “lesmas”.

Ainda que estas peças tenham um esquema operacional diferenciado do Jatobá, é lícita a hipótese de correlações inter-sítios, considerando-se suas proximidades e a semelhança técnica entre os outros instrumentos – podendo tais diferenças derivar, por exemplo, da habilidade de um ou outro artesão, de contatos com outros grupos, até mesmo da função dos sítios.

Outro sítio de destaque neste projeto é o **sítio lítico Kurisevo das Pedras**. Este se localiza a 74 km do sítio Jatobá, compreendendo uma ampla área arqueológica que acompanha a margem esquerda do rio Kurisevo. Este rio apresenta pequenas corredeiras, conseguidas por concentrações de afloramentos rochosos de arenito silicificado e algumas ilhotas, associadas a pequenas lagoas e praias. Para o rio confluem pequenos córregos, de barrancos altos, que correm, também, sobre rochas de arenito silicificado. As águas límpidas, ora em corredeira, ora formando pequenas lagoas proporcionam, para além de abundante matéria-prima para as indústrias líticas, vastos recursos piscícolas, sendo, ainda hoje, um ponto preferencial de pesca. Margeando o rio, identifica-se uma mancha de floresta de transição e ripícola, enfatizando a sua riqueza em recursos florísticos e faunísticos. Esta faixa de floresta, porém, restringe-se aos terrenos imediatos à margem esquerda do rio. De fato, toda a envolvente paisagem se demonstra bastante alterada por ações de desmate e trabalhos sobre o terreno, com vista à criação de pastos para o gado. Em alguns pontos se verifica, ainda, a existência de valas de extração mecânica de sedimentos, que resultaram no revolvimento de contextos arqueológicos. Todavia, embora a depauperação presente da paisagem, as características acima enunciadas realçam a propensão natural do espaço para a fixação de comunidades humanas.

Nos resgates foram identificadas quatro áreas de concentração de materiais, ditadas pelo comportamento da paisagem e pela dispersão, em superfície, dos materiais arqueológicos, sendo estes majoritariamente líticos, ao longo de 1.600 m, e que nos permitiram ter um vislumbre do padrão de assentamento na região. A distância entre os pontos de coleta é variável, sendo de 1.140 m entre KP1 e KP2; 225 m entre KP2 e KP3 e 230 m entre KP3 e KP4. Escassos fragmentos cerâmicos, seis exemplares, foram encontrados na superfície da área do KP2, e os objetos líticos foram identificados na sua maioria concentrados na área KP1 e KP2, a uma profundidade que alcançou 170 cm no KP2. Mas a ocupação não foi ininterrupta, pois ao longo dos pacotes arqueológicos se registram vários hiatos - revelando que o local foi reocupado por diversas vezes.

Tais variações, de espessura e profundidade do pacote arqueológico, provavelmente relacionam-se a diversos fatores, dentre eles, a processos pós-deposicionais e à dinâmica de ocupação do sítio. No primeiro caso, tem influência a proximidade ao leito do rio, cujos materiais arqueológicos ficam suscetíveis às variações de sedimentação, podendo, por este motivo, serem deslocados de suas posições originais. No segundo caso, variações ocorrem segundo o número de habitantes, a frequência das atividades e o grau das produções líticas desempenhadas por eles.

Entretanto, já em campo era possível observar a similaridade técnica entre os objetos das quatro concentrações, correspondendo a uma produção sobre seixos de arenito silicificado a partir da técnica unipolar com o predomínio do *façonnage* bifacial. As aquisições dos seixos ocorreram no próprio local, pois em abundância nas margens do rio Kurisevo, tal disponibilidade de matéria-prima de alta qualidade de lascamento certamente exerceu influência nas estratégias da escolha do assentamento.

Esta indústria compõe-se na sua grande maioria de resíduos de lascamento (lascas e detritos) e ocorrem, em maiores quantidades, nas áreas do KP1 e KP2. O restante da indústria compõe-se de núcleos e instrumentos, mas diferentemente, são mais recorrentes do que os resíduos nas áreas do KP3 e KP4. Essas variações percentuais entre os tipos de categorias dos materiais nos diferentes pontos de coleta sugerem estar relacionadas à dinâmica de ocupação do sítio, ou seja, com as tarefas de produção dos objetos ocorrendo mais intensamente nas áreas KP1 e KP2, e assim sendo, correspondendo a áreas de oficina, e a utilização dos instrumentos produzidos por estes artesãos ocorrendo mais efetivamente nas áreas KP3 e KP4.

De outro modo, comparando-se a frequência dos tipos de categorias de objetos nos diferentes níveis e também por ponto de coleta (ainda que as profundidades da camada de ocupação sejam distintas em razão de diversos fatores), observa-se que não há exclusividade de um tipo de categoria em um dado nível (exceto naqueles níveis em que os materiais não excedem cinco peças) e tampouco em um dado ponto de coleta. Ou seja, ainda que os instrumentos sejam mais numerosos nas áreas do KP3 e KP4, este não deixaram de ocorrer também nas áreas do KP1 e KP2, demonstrando que a área de atividades destes indígenas era bastante ampla e deste modo foi mantida por um longo período de tempo. Reforça-se esta afirmação às altas concentrações de materiais registradas na subsuperfície da área do KP1, entre 70 e 100 cm, e na área do KP2, entre 50 e 70 cm de profundidade, bem como na superfície de todas as quatro áreas.

É provável que eventos tenham ocorrido durante a ocupação do sítio, sejam eles antrópicos ou naturais, para que provocassem as diferenciações observadas em relação à quantidade de materiais por nível e ponto de coleta. Todavia, ainda que ocorram pequenas diferenças quantitativas entre os quatro pontos de coleta, leva-se em consideração a produção da indústria lítica em si, subentendendo-se já em campo a igualdade existente na cadeia e nos esquemas operatórios empregados na obtenção dos instrumentos - tais como a aquisição preferencial de seixos disponíveis *in situ*, o emprego da técnica unipolar com percutor duro, a recorrência do emprego do *façonnage* bifacial e a confecção de retoques, resultando, na sua maioria, em peças multifuncionais.

Tem destaque na indústria tanto os núcleos quanto algumas peças bifaciais robustas, pesadas, com UTFs transformativas maceradas - como se estes instrumentos de grande porte tivessem sido utilizados sobre materiais resistentes, duros, como para esquartejar animais, por exemplo. E destaca-se também a peça bifacial sobre um seixo alongado (bastão), morfológicamente semelhante a uma “espada” e que mede cerca de 50 cm de comprimento. Com porção ativa de morfologia foliácea e cabo para preensão arredondado e polido, mais se parece a uma peça de ‘cerimonial’, até mesmo pertencente a um indígena de poder em sua aldeia. E os machados lascados são outros instrumentos relevantes desta indústria, até porque se assemelham tecnicamente aos machados identificados no sítio Jatobá – o que sugere correlações inter-sítios.

A escassez de cerâmicas e a ausência de cronologias nestes três sítios – Jatobá, Lesma e Kurisevo das Pedras - dificultam as interpretações das relações inter-sítios, mas as evidências líticas colocam em evidência a possibilidade de relações entre si, tal como um sistema de assentamentos, onde cada um deles refletem peculiaridades, dinâmicas próprias, provenientes das adaptações ao meio ambiente de acordo com as disponibilidades de recursos de subsistência, alimentos e matérias-primas, bem como do estilo de seus artesãos, de seus *savoir-faire*.

Outro sítio localiza-se no extremo leste do trajeto da BR-242/MT, trata-se do **sítio Recanto**, o qual se implanta em superfície regular aplanada, sobrelevada, no ponto de confluência do Rio Culuene com uma drenagem subsidiária - Lagoa. Constituindo uma plataforma sub-circular, isenta das flutuações do curso do rio, circundada por áreas de alagamento e pelas drenagens do Culuene e Lagoa, a área apresenta riqueza de recursos faunísticos e florísticos, propiciados, quer pelo rio, quer pela floresta, exaltando a propensão do espaço para o estabelecimento diacrônico de comunidades humanas. Todavia, os blocos de afloramentos, identificados apenas nas margens da drenagem, apresentam recorrentes quebras térmicas e uma estrutura granular, de onde resultam lascas irregulares e rugosas, não sendo, portanto, adequados ao lascamento para a produção de instrumentos.

Neste contexto foram identificados materiais inseridos em níveis distintos - fragmentos cerâmicos em superfície e entre 20-70 cm, objetos líticos associados às cerâmicas em superfície e objetos líticos isolados entre 100-220 cm. Ou seja, há um hiato estéril de 30 cm entre as ocorrências cerâmicas e os líticos – indicando ter havido uma sobreposição de ocupações.

As **cerâmicas** são lisas, sem decoração, com a presença de engobo vermelho na parte externa na maioria das peças. Uma única forma corresponde a um vasilhame neutro. Os **objetos líticos** compreendem apenas lascas e detritos de arenito silicificado produzidos através da técnica unipolar. Com materiais escassos e sem atributos técnicos relevantes a ponto de melhor caracterizá-los e, desta forma, estabelecer correlações intra e inter-sítios, pode-se apenas inferir que, ‘a priori’, ocorreu uma sobreposição de ocupações – podendo inicialmente se tratar de caçadores coletores, seguidos, num momento posterior, por grupos ceramistas. Esta hipótese de que esta primeira ocupação corresponde a caçadores coletores, embora frágil, pois no conjunto nada mais há do que resíduos de lascamento, dependendo, portanto, de parâmetros técnicos

mais consistentes para atribuí-lo a um ou outro grupo indígena, parece viável, na medida em que tais objetos se tratam de lascas de debitage que diferem dos conjuntos líticos dos outros sítios ceramistas aqui apresentados, como suas pequenas dimensões e a ausência de uma tendência à bifacialidade. Mas são apenas suposições.

E, por fim, tem-se o **sítio Rondon**, localizado próximo de uma drenagem, afluente do rio Culuene. Trata-se de uma área inundável à medida que se aproxima de uma represa e o córrego é pouco piscoso. Foram identificados materiais cerâmicos em superfície, no corte da estrada. Porém, estando o rio Culuene localizado nas proximidades desse sítio, muito provavelmente o rio está articulado com o modo de vida dos grupos humanos que ali se assentaram. A fauna é rica em mamíferos e aves, propiciando uma boa subsistência a grupos humanos que ali assentassem. As **cerâmicas**, na forma de **bacias e tigelas**, são lisas, sem decoração, com exceção de um exemplar que apresenta decoração do tipo incisa, e o antiplástico é do tipo cariapé e cauixi. Nestas cerâmicas, a presença do cauixi certamente representa contatos ocorridos com artesãos de outras aldeias da região – possivelmente com grupos assentados ao longo do rio Culuene.

Ao longo do trajeto desta pesquisa, seis outros locais com vestígios arqueológicos foram indicados para resgate nos trabalhos de prospecção (HIROOKA, 2011). Todavia, tais locais correspondem a áreas de empréstimos de cascalhos, pois seus terrenos compõem-se por substratos e solos lateríticos, tornando-se, assim, alvos ininterruptos de extração de terras para aterros e construções das vias de acessos locais. Constatou-se, lá chegando, quando mais de dois anos tinham decorrido dos trabalhos de prospecção, que estas áreas seguiram sofrendo diversos tipos de impactos antrópicos – e alheios às obras da BR-242/MT. Soma-se ainda a estes, a intensa subtração das florestas em prol das atividades de monocultura. Diante desse contexto de fortes impactos aos sítios, poucos vestígios arqueológicos foram ainda identificados.

Dentre estas áreas, têm-se os sítios Ribeirão Grande e Bomba d'água, os quais se localizam entre os sítios Terra Cinza e Ilha Steinen – compreendendo um percurso de aproximadamente 9 km.

O sítio **Ribeirão Grande** se localiza sobre terreno inclinado em direção a um córrego, onde uma faixa de mata ciliar acompanha suas margens. Nesta vertente foram evidenciados dois fragmentos cerâmicos e uma peça lítica unifacial. Outra peça foi doada, tratando-se de um machado polido. Os fragmentos cerâmicos são idênticos aos presentes nos outros sítios aqui pesquisados, tratando-se de cerâmicas lisas, sem decoração e pasta composito cariapé. A peça unifacial, do mesmo modo, também ocorre nestes sítios, mas o machado com polimento é um instrumento encontrado entre os artesãos do sítio Terra Cinza.

O sítio **Bomba D'água** insere-se sobre vertente inclinada, na margem do mesmo córrego que atravessa o sítio Ribeirão, e seus materiais são ainda mais escassos, tendo sido identificados apenas dois pequenos fragmentos cerâmicos, mas de características idênticas às do sítio Ribeirão. Provavelmente o córrego de fluxo contínuo e águas límpidas teriam influenciado os grupos indígenas que no passado estariam por ali perambulando.

Outras áreas impactadas correspondem aos sítios Jaguaribe, Cachoeira e Santiago, os quais se localizam entre os sítios Ilha Steinen e Jatobá, ou seja, entre um percurso de cerca de 5,6 km.

O **sítio Jaguaribe** insere-se sobre uma elevação na margem direita do Ribeirão Capitão Jaguaribe. Sua proximidade ao rio, aliadas às características geomorfológicas do terreno e à afluência de recursos de subsistência denotam a atratividade do espaço para o estabelecimento de comunidades humanas. No local foram identificados escassos objetos líticos produzidos de arenito silicificado, dentre estes, lascas residuais e instrumentos, tais como lascas retocadas e peças bifaciais – demonstrando, estes, a correlação existente com o sítio Jatobá, por exemplo.

A área do **sítio Cachoeira** localiza-se a mais de 1,0 km da BR-242/MT, na margem de um pequeno córrego, em cuja calha afloram lajedos de arenito silicificado e lateritas. Além da presença de um núcleo de arenito silicificado, nenhum outro vestígio foi identificado. A não ocorrência de outros vestígios talvez decorra da vulnerabilidade da área aos impactos de toda a ordem decorridos, tais como os já apresentados ao longo deste relatório. De qualquer modo, parece mais coerente pensar que a peça identificada correspondesse a uma simples ocorrência - um objeto deixado no local por algum artesão que por ali tenha transitado.

Por sua vez, o **sítio Santiago** localiza-se na margem direita do córrego Agrimensor Santiago, em área aplanada. Na área se observam amplas valas de remoção de sedimentos e aterros, e junto ao curso de água, as alterações do espaço para construção de uma ponte resultaram numa transmutação profunda do ambiente. Da cobertura florestal arbórea, resta apenas a mancha ripícola que acompanha o curso de água. Água, variadas fauna e flora e matéria-prima rochosa propícia para a produção de utensílios do cotidiano dos grupos indígenas pré-históricos justificam a existência de vestígios arqueológicos na área. Assim como no sítio Jaguaribe, também aqui foram identificados somente objetos líticos (07 peças) de arenitos silicificados, não sendo encontrados fragmentos cerâmicos. Dentre as escassas lascas residuais, detritos e lascas retocadas, uma lâmina de machado lascada se destaca na indústria por indicar correlações com os sítios Jatobá e Kurisevo das Pedras.

E dentre as áreas perturbadas, têm-se ainda o sítio Barracão Queimado, localizado mais para leste dos outros três, entre os sítios Lesma e Kurisevo das Pedras, os quais se distanciam em torno de 52,6 km.

A área do **Barracão Queimado** situa-se em superfície alagada, associada à drenagem subsidiária do rio Jatobá. Sob condições de constantes alagamentos e sem disponibilidade de matérias-primas líticas, o local mostra-se pouco propenso à instalação permanente de comunidades indígenas. Um fragmento cerâmico e duas lascas retocadas foram identificados em superfície. Não é possível definir a forma do vasilhame, exceto que apresenta cariapé como antiplástico e alisamento em ambas as superfícies – tipo este recorrente em meio às cerâmicas identificadas nos sítios desta pesquisa.

É indubitável que nestas seis áreas acima mencionadas os trabalhos antrópicos causaram danos ao patrimônio arqueológico, mas ainda assim a escassez de materiais levanta a possibilidade de que no passado, alguns indígenas tenham ali transitado ou mesmo efetuado paradas por breves períodos de tempo, de modo que poucos de seus vestígios foram deixados pra trás.

A forma do vasilhame do sítio Ribeirão Grande, somado às características também das cerâmicas do sítio Bomba d'água, indicam correlações com os sítios localizados a oeste deles, Rio Ferro e Terra Cinza. Do mesmo modo, reforça esta correlação os machados polidos que se fazem presentes no Ribeirão Grande e Terra Cinza.

Já os materiais líticos dos sítios Jaguaribe e Santiago, especialmente a presença de uma peça bifacial e um machado lascado, respectivamente, remetem a possíveis correlações com os sítios localizados para leste deles, como os sítios Jatobá e Kurisevo das Pedras, onde o *façonnage* bifacial é o esquema operatório que caracteriza estas indústrias.

Embora as correlações acima expostas sejam frágeis, visto carecerem de dados provenientes de análises tecnotipológicas sobre conjuntos mais numerosos do que os disponíveis, elas ganham força ao se considerar os contextos ambientais nos quais os sítios se inserem, havendo uma clara proximidade geográfica entre todos os sítios dispostos em torno destes importantes rios formadores da bacia do rio Xingu.

Correlações com pesquisas realizadas próximas à área de interesse

Em outra pesquisa desenvolvida pela Archaeo na região da **Chapada dos Parecis** (LT Paranaíta-Ribeirãozinho [HIROOKA, 2015]), foram identificados três sítios – **Trinca Ferro, Formiga Cortadeira e Sucupira** - e duas ocorrências arqueológicas a céu aberto, implantados em relevos relativamente elevados, com formas tabulares amplas, entremeados por redes de pequenas drenagens, afluentes da bacia do Teles Pires e Xingu, e que formam extensas planícies de inundação. Os vestígios dessas ocupações **correspondem principalmente a fragmentos cerâmicos, sendo escassos os objetos líticos associados** - quando estes não são evidenciados com exclusividade, tal como no sítio Sucupira. A profundidade dos assentamentos é essencialmente rasa, não ultrapassando os 20 cm - e muitos dos materiais se encontravam somente sobre a superfície dos terrenos. Em suas **cerâmicas predomina** o uso do **antiplástico do tipo cariapé, superfícies apresentam textura fina e muito porosa**, proporcionando **leveza e maciez à pasta, sendo estas de coloração clara, em tons de cinza**. A **decoração** quando presente se manifesta através das **técnicas de engobo**, principalmente na superfície externa do vasilhame e na **cor vermelha**. Tais atributos foram os que os diferenciaram, por exemplo, dos conjuntos cerâmicos identificados mais a norte da LT, no trecho que atravessou a Plataforma Amazônica, onde sítios e ocorrências a céu aberto encontravam-se implantados em relevos suaves, de amplos morros de topos planos e vertentes pouco inclinadas, entremeados por redes de pequenas drenagens, todas afluentes do rio Teles Pires.

Neste trecho da **Chapada dos Parecis**, a escassez de fragmentos inviabilizou, na maioria dos casos, a reconstrução morfológica dos vasilhames, com exceção do sítio Trinca Ferro onde se reconheceram **tigelas, bacias e vasilhas neutras com borda infletida**. Quanto aos **objetos líticos**, suas baixas frequências também inviabilizaram definições dos esquemas de produção empregados e correlação entre sítios. Mas, de outro modo, observou-se a produção de **artefatos pouco elaborados (expeditivos)**, tais como lascas retocadas e peças unifaciais, produzidos através da técnica unipolar, com esquemas de debitagem e *façonnage*, parecendo instrumentos adequados às tarefas de raspar e cortar. A partir desses resultados, ainda que sem datações, os autores atribuíram estas ocupações à **Tradição Xinguana** - já definida por Heckenberg (2001) -, levando em consideração a equivalência entre os atributos técnicos de produção das cerâmicas. Afirmaram, ainda, que as ocorrências e mesmo os sítios registrados nestas áreas correspondem a assentamentos temporários, até mesmo sazonais, estabelecidos para a busca de recursos de subsistência para as aldeias habitação das quais faziam parte.

Se de um lado os conjuntos líticos dos sítios identificados na pesquisa acima apresentada inviabilizam maiores comparações com as indústrias líticas dos sítios em questão, da BR-242/MT, devido à escassez, de outro, tem-se a similaridade técnica e morfológica observada entre os conjuntos cerâmicos de ambas as pesquisas, de modo que se valida a hipótese de que os sítios aqui identificados (BR-242/MT) também correspondem a grupos indígenas xinguanos. Porém, a dúvida que permanece, diz respeito às distintas cronologias obtidas nesta pesquisa, como para os sítios Rio Ferro e Terra Cinza, onde se verifica um intervalo em torno de 1.200 anos. Mas segundo Heckenberger (2001: 21) esse longo período de tempo é compatível à história Xinguana, pois para o autor *“esta história possui uma profundidade temporal que abrange mais de mil anos de desenvolvimento cultural in situ; havendo, portanto, a necessidade de correlacionar os dados históricos, etno-históricos e arqueológicos para que, assim, possam-se reconstruir momentos ao longo do continuun histórico-cultural.”*

Para outras comparações tem-se o ‘Salvamento Arqueológico na área da PCH Paranatinga II’, trabalho este também desenvolvido pela Archaeo (HIROOKA, 2007) na região da Chapada dos Parecis, mais especificamente na divisa entre os municípios de Paranatinga e Campinápolis, na margem direita do rio Culuene, a cerca de 10 km à jusante da ponte em que a rodovia MT-220 cruza o rio Culuene. Nesta pesquisa foram identificados três sítios lito-cerâmicos (Culuene I, Culuene II e Ponta de Lança) e sete sítios exclusivamente líticos (Nascente I, Nascente II, Nascente III, Zorro, Malva, Capivara e Barranco Alto).

Dentre os sítios datados, registra-se para o sítio do Zorro cronologias em torno de 6.120 +/- 50 anos BP para a ocupação aos 35 cm e um período mais antigo de 8.270 +/- 50 anos BP para a ocupação entre os 60 e 70 cm de profundidade. Assim sendo, o sítio do Zorro foi correlacionado à fase Serranópolis (SCHMITZ et al., 1989), definida para o Brasil Central, na região de Serranópolis/GO, e com datas que abrange o período entre 9/8.000 e 2.000 anos BP. Para os sítios litocerâmicos Culuene I e II – há registro de uma ocupação diacrônica, balizada entre os séculos XI e XV (com datações entre 1.030 – 1.320 d.C. e 1.300 – 1.450 d.C.), e os autores os correlacionaram à Tradição Xinguana (fase Ipavu). As evidências, assim, atestam uma ocupação

densa do entorno do rio Culuene, marcada pela presença de culturas de caçadores coletores e ceramistas.

Conclusão da pesquisa

Nesta pesquisa da BR-242/MT, nenhum dos sítios estudados pode ser correlacionado a populações de caçadores coletores, pois nem as cronologias obtidas nem as indústrias líticas são correlacionáveis. Quanto às indústrias líticas, observa-se uma clara distinção entre os esquemas operatórios empregados por seus artesãos, e, neste caso, tal afirmativa fundamenta-se nas palavras de Boëda (1997: 12) ao dizer que “dependendo da estrutura interna das sociedades e da complexidade das técnicas em uso, a aquisição precoce faz com que os conhecimentos sejam aprendidos sem necessariamente serem pensados ou discutidos, e que estes conhecimentos e saber-fazer técnicos são considerados rígidos e não serão renegociados na vida adulta - porém, uma flexibilidade de adaptação sempre é possível. Segundo o autor (op. cit.) é desta rigidez, sinônimo de estabilidade, que se permite reconhecer, individualizar e diferenciar as sociedades.”

Diante desses dados, nesta região da bacia do Xingu, a cronologia obtida entre meados do século XV e XVI (1450 a 1515 AD) e as características das indústrias cerâmicas do sítio Terra Cinza, levaria a enquadrá-lo, considerando as correlações acima apresentadas, também à Tradição xinguana. Entretanto, as indústrias líticas deste sítio **Terra Cinza**, bem como dos sítios **Jatobá**, **Lesma e Kurisevo das Pedras**, apresentam uma tecnologia peculiar que as caracterizam - a recorrência do *façonnage* bifacial -, e este, é um esquema operatório, pelo menos até o momento deste estudo, identificado exclusivamente nestes quatro sítios, ou seja, não há possibilidade de correlacioná-las com indústrias de outros sítios no Mato Grosso, quer pela falta de um estudo de tecnologia lítica mais apurada, ou mesmo por sua inexistência em outros lugares do Estado.

Reunindo os dados, no que diz respeito às tecnologias cerâmica e lítica, sugere-se que os habitantes dos sítios Terra Cinza, Jatobá, Lesma e Kurisevo das Pedras correspondem a grupos indígenas ‘xinguano’, com a particularidade de, na região em estudo, apresentarem uma indústria lítica diferenciada de outras regiões de seus domínios, onde a produção recorrente de instrumentos através do *façonnage* bifacial seria a opção técnica que caracterizaria estes artesãos – podendo ser tratados como pertencentes a uma nova “fase”, a qual denominamos de “**fase Kurisevo**”. Os sítios Recanto e Rondon pertenceriam igualmente a índios xinguano, mas não é possível afirmar se desta ‘fase Kurisevo’. De qualquer modo, diante deste contexto, o sítio Terra Cinza, poderia corresponder a uma aldeia habitação e os outros sítios a assentamentos temporários, de extração de matéria-prima, oficinas líticas, caça e/ou pesca etc.

Já o sítio Rio Ferro e o Ilha Steinen, por apresentarem uma cronologia mais antiga do que estes outros sítios, uma indústria lítica em que o *façonnage* bifacial não a caracteriza, bem como uma cerâmica diferenciada (no Rio Ferro), estes não se incluem nesta nova “fase”, necessitando-se de mais dados para que se possa estabelecer seguras correlações.

Os sítios arqueológicos preservados

Quanto aos sítios Pajam, Gruta Kamukuwaká e Batovi, que foram preservados nesta pesquisa, destaca-se a mudança do traçado da rodovia para cerca de 1.500 m de distância da Gruta de Kamukuwaká. Esta gruta possui elevado valor histórico, etnográfico, paisagístico e arqueológico. O valor paisagístico refere-se ao complexo como um todo, o que inclui o Portal da Anta, a Casa do Sol e a Casa da Cobra – todos esses lugares fazem parte da história do Rio Batovi e são fundamentais se pensado no campo da Arqueologia da Paisagem. Já o valor histórico, etnográfico e arqueológico refere-se à relação entre os indígenas da região com a gruta. Para os Waurá, a gruta está intrinsecamente relacionada a seu mito de criação, além de fazer parte de importantes rituais. Além disso, nas paredes da gruta estão registrados grafismos não datados até o momento. Estes mesmos grafismos são representados na cerâmica, em cestarias e pintura corporal, reforçando sua importância para este povo. Tal importância foi reconhecida pelo IPHAN, culminando no tombamento desta gruta como patrimônio histórico e arqueológico, registrado em Diário Oficial da União – Seção 3 nº 107 de 08 de junho de 2010, processo nº 01450.003558/2009-58.

A Educação Patrimonial

O Programa de Educação Patrimonial do Projeto BR-242/MT realizou diversas ações educativas para a população em geral, escolas e comunidades indígenas nos municípios de Nova Ubiratã, Gaúcha do Norte, Canarana, Querência e Santiago do Norte, no distrito de Paranatinga, cuja receptividade do público, parceiros e convidados participantes foi muito positiva. Estas atividades proporcionaram conhecimento acerca do contexto cultural e arqueológico, despertando o interesse do público em geral.

Foram contemplados com as ações de Educação Patrimonial alunos do ensino fundamental e médio, professores da rede estadual e municipal, e integrantes da etnia indígena Waurá. Diante da aceitação das distintas comunidades, as campanhas atingiram seus objetivos promovendo sentimento de pertencimento através das palestras, oficinas e exposições itinerantes. Ademais, do ponto de vista do **conhecimento partilhado**, as atividades abriram campo para a troca de experiências e vivências entre os sujeitos sociais envolvidos - aqui chamamos atenção para o intercâmbio e diálogo entre indígenas e não-indígenas.

Notoriamente percebeu-se o contentamento tanto do corpo discente quanto do corpo docente nas ações direcionadas nas escolas municipais e estaduais de cada município com a aprendizagem e as informações obtidas acerca da importância do reconhecimento e preservação de todo patrimônio material e imaterial.

A participação na Expo-Ubiratã apresentou ao público local vestígios da cultura material e imaterial do Mato Grosso; e refletiu na lembrança e sentimento de pertença da população sobre o bem cultural.

No Encontro com o grupo indígena Waurá perpetuou-se a história de Kamukuwaká, considerada como importante mito deste grupo, de forma que os jovens e crianças presentes tomassem conhecimento da história, podendo, deste modo, transmitir para gerações futuras. A expedição à **Gruta Kamukuwaká** possibilitou novas reflexões sobre o local e, especialmente, sobre todo o complexo em que este bem se encontra localizado. Ficou evidente a necessidade de novas políticas de salvaguarda para a região e a urgência de estimular a população para o campo da preservação da área, tomando como referência a importância do sítio para a história regional e nacional.

Ficou evidente ainda, que o **complexo da Gruta Kamukuwaká** é um patrimônio arqueológico, etnológico, natural e imaterial da União. Assim, promover ações de maior visibilidade e divulgar sua história tanto para a comunidade indígena quanto para a população em geral, deve ser uma preocupação contínua.

A visita ao Portal da Anta com os Waurá permitiu confirmar que o espaço sacro do Batovi - elemento de firmação da identidade Waurá e sua identificação com o rio ultrapassa o perímetro da Paisagem Cultural da Gruta de Kamukuwaká definido na área de tombamento. Verificou-se, ainda, que o trajeto da BR-242/MT que cruza o Batovi, desviado da Gruta, viria a cortar a paisagem sagrada, caso o DNIT não acatasse a sugestão da Archaeo e fizesse o desvio de acordo com o edital de tombamento.

Por esta razão, se demonstrou uma preocupação com o rumo atual da estrada, sugerindo-se a extensão para montante da área de proteção da Gruta e o conseqüente desvio da estrada para montante do Portal da Anta. Esta questão foi de imediato remetida à apreciação do DNIT e IPHAN e, assim, ambos os órgãos decidem pelo desvio da rodovia.

Por fim, pode-se afirmar com segurança que ações de educação patrimonial vêm sendo uma forte e eficaz ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para que o público em geral se sensibilize e dê continuidade à preservação da cultura adquirida pelos nossos antepassados.

11. Referências Bibliográficas

- ABREU, C. “Os Bacaerys – II: Concepção do Mundo”, *Revista Brasileira*, Tomo IV, 1º ano, Laemmert e Cia. – Editores, Rio de Janeiro / São Paulo, p. 43-50. 1895.
- AGOSTINHO, P. Testemunhos de ocupação pré-xinguana na bacia dos formadores do Xingu. V.P.Coelho (org.) – *Karl vondenSteinen: um século de antropologia no Xingu*. São Paulo, EDUSP: 233-288, 1993.
- ALMEIDA, B. M. O Público e o Patrimônio Arqueológico: Reflexões Para a Arqueologia Pública no Brasil. *Habitus - Revista do instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás*. V.1, n.1. Goiânia, Ed. UCG, p. 275-296, 2003.
- ALVES, G. L. *Mato Grosso e a História: 1870-1929 (ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro)*. In Boletim Paulista de Geografia N.º 61. São Paulo: AGB, 1984.
- ARNOLD, D. E. *Ecology and Ceramic production in an Andean Community*. New Studies in Archaeology, Cambridge, Cambridge University Press, 1993.
- BALFET, H. M. *et al. Lexique et typologie des poteries: pour la normalisation de la description des poteries*. Paris, Presses du CNRS, 1989.
- BASTOS, R. L.; SOUZA, M. C. de. Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico. São Paulo: IPHAN – 9ªSR, 2010.
- BEBER, M.V – *Arte rupestre do nordeste do Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado, UNISINOS, São Leopoldo, 1994.
- BECQUELIN, P. Arqueologia Xinguana. V.P. Coelho (Org.) *Karl vondenSteinen: um século de antropologia no Xingu*. EDUSP: 223-232, São Paulo, 1993.
- BITTENCOURT, G. R e FERREIRA, M. D. M. A Importância do Lúdico na Alfabetização – TCC. Belém – Pará, Universidade da Amazônia. 14 p. 2002.
- BOËDA, E. *Technogenèse de systèmes de production lithique au Paléolithique inférieur et moyen en Europe occidentale et au Proche-Orient*. Université de Paris-X-Nanterre, Habilitation à diriger des recherches. 2 volumes, 173 p., il. 87, 1997.
- BOËDA, E., GENESTE, J-M. & MEIGNEN, L. Identification de chaines operatoires lithiques du Paleolithique ancien et moyen. *PALEO: Revue d’Archéologie Préhistoriques*, 2: 43-80, 1990.
- BORGES, F. T. de M. *Do Extrativismo à Pecuária: Algumas Observações Sobre a História Econômica de Mato Grosso (1870-1930)*. 3ª ed. São Paulo: Editora Scortecci, 2001.
- BRANDÃO, J. S. *História da navegação em Mato Grosso*. Cuiabá: Livro Matogrossense, 1991.

BROCHADO, J. P. *An ecological model to the spread of pottery and agriculture into Eastern South América*. Tese de doutorado. Urbana-Champaign, University of Illinois. 1984.

BROCHADO, J. P. & MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica guarani a partir de fragmentos. *Estudos ibero-americanos*, Porto Alegre, vol. XX, n. 2, p. 107-118, 1994.

BROSSEAU, M. Geografia e literatura. In: Corrêa, R. L. & Rosendahl, Z. (org.). *Literatura, música e espaço*. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

BROWN, A. *Fieldwork for Archaeologist and Local Historians*. London. Bastford, 1987.

BUENO, L. M. R. Variabilidade tecnológica nos sítios líticos da região do Lajeado, Médio Rio Tocantins. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Universidade de São Paulo, Suplemento 4. São Paulo, 215 p. 2007.

CARVALHO, I. S. *Paleontologia: Conceitos e Métodos, Volume 1 – 3ª edição*- Rio de Janeiro, Interciência, 2010.

CASTRO, S. P.; BARROZO, J. C.; COVEZZI, M. e PRETI, O. *A colonização oficial de Mato Grosso: a nata e a borra da sociedade*. EdUFMT, Cuiabá, p. 65, 1994.

CASTRO, S. P. e PRETI, O. *PAC: Política de assentamento na fronteira agrícola ao norte do estado de Mato Grosso*. Cadernos do Neru N.º 1, Cuiabá, EdUFMT, 1993.

CHAGAS, M. Educação, Museu e Patrimônio: Tensão, Devoração e Adjetivação. *Patrimônio: Revista Eletrônica do IPHAN*. Dossiê: Educação Patrimonial, n.03, jan / fev 2006. Disponível em <www.revista.iphan.gov.br>.

CHMYZ, I. *Programa de Prospecção arqueológica UHE-Ponte Nova - Atividades do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná - Relatório Final - Estudos Ambientais*. Belo Horizonte, CEMIG/Leme Engenharia, 1995.

COUDREÀU, H. *Viagem ao Xingu*. São Paulo: Editora da USP, 1977.

CRUZ, M. das D. e CORREIA, V. H. *Cerâmica utilitária: arqueologia*. Coleção: Normas de inventário, Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação. 2007.

CUSTÓDIO, R. C. *Sorriso de tantas faces: A cidade (Re) Inventada- Mato Grosso pós 1970*. Dissertação de Mestrado em História da UFMT, 2005.

DIEGUES, A. C. *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 2000.

DUNNELL, R. & DANCEY, W. The siteless survey: a regional scale data collection strategy. In: SCHIFFER, M. (Ed.) *Advances in archaeological method and theory - Vol. 6*. New York, Academic Press. p. 267-287. 1983.

FENSTERSEIFER, E. & SCHMITZ, P. I. Fase Iporá. Uma fase Tupiguarani no sudoeste de Goiás. *Anuário de Divulgação Científica II (2)*: 19-79. UCG, Goiânia, 1975.

FLORÊNCIO, S. R. et al. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

FOGAÇA, E. O Estudo Arqueológico da Tecnologia Humana. Universidade Católica de Goiás, jan./jun. *Habitus*, 1 (1): 147-179, 2003.

FRANCHETTO, B., HECKENBERGER, M. (orgs.) *Os Povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

FROELICH, P. A. Algumas observações sobre os Mehinacos do Alto Xingu. *Alfa*, v. 4, p. 107-130, 1963.

GALLETI, L. S. G. *O poder das imagens: o lugar de Mato Grosso no mapa da civilização*. In: SILVA, L. S. D. (org.) *Fronteiras: relações cidade-campo*. Goiânia: Edufg, p. 21-51, 2000.

GENESTE, J. M. Systèmes techniques de production lithique: variation techno-économiques dans les processus de réalisation des outillages paléolithiques. Paris, *Techniques et Culture*, 17-18: 1-35, 1991.

GOMES, D. M. C. *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da Coleção Tapajônica*, MAE-USP. São Paulo: FAPESP/EDUSP/ Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

GRAVES, M. W. Ceramic design variation within Kalinga village. Temporal and spatial processes, In Nelson B. A. (ed.), *Decoding Prehistoric Ceramics*. Southern Illinois University Press, Carbondale, p. 54-34, 1985.

GRUNBERG, E. *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*. Brasília, DF: IPHAN, 2007. 24p. Disponível em: <http://portal.inphan.gov.br/portalbaixafileanexo.do?id=1768>. Acesso em 2011.

GUIMARÃES NETO, R. B. *A lenda do ouro verde: política de colonização no Brasil Contemporâneo*. Cuiabá: UNICEN, 2002.

HECKENBERGER, M. J. *War and peace in the shadow of empire: Sociopolitical change in the upper Xingu of southeastern Amazonia, A.D. 1400-2000*. Tese (Doutorado em Filosofia) Universidade de Pittsburgh. 215 p. 1996.

HECKENBERGER, M. J.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. B. De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. *Revista de Antropologia*: São Paulo, v. 41, n.1, 1998.

HECKENBERGER, M. J. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na *longue durée*, 1000-2000 d.C. In: FRANCHETTO, B; HECKENBERGER, M. J. *Os povos do alto Xingu*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

HIROOKA, S. S. (Coord.) *LT Brasnorte-Nova Mutum - Relatório Final*. ARCHAEO: Pesquisas Arqueológicas, Cuiabá, 2010a.

HIROOKA, S. S. *Relatório Final de Prospecção Arqueológica - LT Nova Mutum-Sorriso-Sinop*. ARCHAEO: Pesquisas Arqueológicas, Cuiabá, 2010b.

HIROOKA, S. S. (Coord.) *LT SE Brasnorte – SE Parecis. Relatório Final: Prospecção e Salvamento Arqueológico*. ARCHAEO: Pesquisas Arqueológicas, Cuiabá, 2011.

HIROOKA, S. S. (Coord.) *LT SE Brasnorte – SE Parecis. Relatório Final: Prospecção e Salvamento Arqueológico*. ARCHAEO Pesquisas Arqueológicas, Cuiabá, 2011.

HIROOKA, S. S. (coord.) *Relatório Final de Salvamento Arqueológico na área da PCH Paranatinga II*. Archaeo Pesquisas Arqueológicas, Cuiabá, 350p. 2007.

HIROOKA, S. S.; HOELTZ, S. E. H. (coord.) *Relatório Final de Prospecção Arqueológica na LT SE Paranaíta – SE Ribeirãozinho, MT*. ARCHAEO Pesquisas Arqueológicas, Cuiabá, 2013.

HIROOKA, S.S; HOELTZ, S. E. H. *Relatório Final de Prospecção Arqueológica e Educação Patrimonial na UHE Sinop, Mato Grosso*. Archaeo Pesquisas Arqueológicas Ltda., Cuiabá, fevereiro, 2015a.

HIROOKA, S. S.; HOELTZ, S. E. H. (coord.) *Relatório Final de Salvamento Arqueológica e Educação Patrimonial na LT 500KV SE Paranaíta – SE Ribeirãozinho, MT*. ARCHAEO Pesquisas Arqueológicas, Cuiabá, 2015b.

HOELTZ, S. E. *Tecnologia lítica: uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias líticas do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos*. Tese de doutorado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2 volumes, 424 p. 2005.

HORTA, M. de L. P. *et al. Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília, IPHAN/ Museu Imperial, 1999.

IEPHA. *Manual de diretrizes para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2009.

Instituto Socio-Ambiental – ISA. Disponível no site <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaiabi/273>, acessado em 07/12/2008.

JOANONI NETO, V. *A terra do Sonho. Igreja e ocupação no Mato Grosso após 1970. Memória da reconstrução da vida privada*. Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. São Paulo, p. 214-221, 2004.

JÚNIOR, A. G. *Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia kalapalo e seu ritual mortuário*, 2012.

KARLIN, C. BODU, P. & PELEGRIN, J. Processus techniques et chaînes opératoires. Comment les préhistoriens s'approprient un concept élaboré par les ethnologues. In: H.

LATHRAP, D. W. *The Upper Amazon*. New York: Praeger, 1970

LATHRAP, D. W. *O Alto Amazonas*. Lisboa: Editorial Verbo, 1975.

LAURENTINO GOMES, *Rev. Lopes, Região Sul*, 4, ano 2, 2011.

LENHARO, A. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste. Os Anos 30*. Campinas, Ed. da UNICAMP, São Paulo, p. 18, 1986.

LÉVI-STRAUSS, C. "The Tribes of the Upper Xingu River", STEWARD, J. [ed.] *Handbook of South American Indians— The Tropical Forest Tribes* (vol. 3), Smithsonian Institution – Bureau of American Ethnology, Washington, p. 321-348. 1948.

LIMA, J. S. S. et al. *Mediações culturais com o patrimônio arqueológico: material de apoio à ação educativa patrimonial*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2007.

LOURDEAU, A. *Le Technocomplexe Itaparica – Definition Techno-fonctionnelle des industries à pièces façonnées unifacilement à une face plane dans le centre et le nord-est du Brésil pendant la transition Pléistocène-Holocène et l'Holocène ancien*. Tese de doutorado. Université Paris Ouest Nanterre la Défense, Paris, 2010.

MACIEL, L. A. *A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. São Paulo: Educ; Fapesp. 1998.

MEGGERS, B. J. & EVANS, C. *Como Interpretar a Língua da Cerâmica - Manual para Arqueólogos*, Smithsonian Institute, Washington D.C., 1970.

MELLO, F. P. *Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. 2a. ed. São Paulo: A Girafa, 2004.

MELLO, P. J. (coord.) *Levantamento do Patrimônio Arqueológico Pré-Histórico da Área diretamente Afetada pela PCH Baruito (MT)*. Relatório Final. UCG/Global Energia Elétrica S.A, 1999.

MELLO, P. J. C. *Análise de sistemas de produção e da variabilidade tecnofuncional de instrumentos retocados – As indústrias líticas de sítios a céu aberto do vale do Rio Manso (MT, Brasil)*. Tese de doutorado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2 volumes. 302 p. 2005.

MELLO, P. J. É possível perceber a evolução no material lítico lascado? O exemplo das indústrias encontradas no vale do Rio Manso (MT). *Habitus*, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiás. v.4, n.2, 2006.

MILLER, E. T. *Pesquisas Arqueológicas no Sítio MT-GU-1: Abrigo do Sol, Mato Grosso, Brasil*. Museu Arqueológico do R.G.S. – MARSUL (Relatório não Publicado). 1978.

MITHEN, A *Pré-história da mente- uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. UNESP, 2003.

MORAES, C. C. P. et al. O Ensino de História e a Educação Patrimonial: Uma Experiência de Estágio Supervisionado. *Revista da UFG*, vol. 07, n. 02, dez, 2005. Disponível em <www.proec.ufg.br>.

MORENO, G. *Os (des)caminhos da apropriação capitalista da terra em Mato Grosso*. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 1993.

MORENO, G. & HIGA, T. C. S. (orgs.). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade, ambiente*. Cuiabá, Entrelinhas, 2005.

NÉDÉLEC, V. e outros. *Evolução da ocupação do solo nos Projetos de Assentamento Conjunto (PAC) no Mato Grosso*. Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Goiânia, Brasil, 16-21 abril 2005, INPE, p. 643-645. Disponível em: <http://www.ambafrance.org.br/refeb/projets/Vincent%20Nedelec%20-2005.pdf>. Disponível em 07/12/2008.

NELSON, B. A. Introduction, B.A. Nelson (ed.), *Decoding Prehistoric ceramics*. Southern Illinois University Press, Carbondale, 1985.

NEVES, E. G. Twenty years of Amazonian archaeology in Brazil (1977-1997). *Antiquity*, v.72, n.277, p. 625-632, 1998.

NEVES, E. G. O velho e o novo na Arqueologia Amazônica. *Revista USP* n.44, 86-111, São Paulo, 1999/2000.

NIMUENDAJU, C. *Mapa Etnohistórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro. IBGE/Pró-Memória, 1987.

NOELLI, F. S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupis. *Revista de Antropologia*: São Paulo, v39, n. 2, p. 7-53, 1996.

OLIVEIRA, J. E. & VIANA, S. A. – O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista USP* n. 44: 142-189, São Paulo, 1999/2000.

OPAN/CIMI (Org.). *Dossiê Índios de Mato Grosso*. Cuiabá: Gráfica Cuiabá, 1987.

ORTON, C.; TYERS, P. & VINCE, A. *Pottery in Archaeology - Cambridge Manuals in Archaeology*, 1ª reprinted, Cambridge, Cambridge University Press, 1994.

PELEGRIN, J. A Framework for analysing prehistoric stone tool manufacture and a tentative application to some early stone industries. In: BERTHELET, A.; CHAVALLON, J. *The use of tools by humans and non-humans primates*. Oxford: Ed. By Arlette Berthelet and Jean Chavaillonl Oxford Scense Publications, 1993.

PELEGRIN, J. Technologie lithique: le Châtelperronien de Roc-de Combe (Lot) et de La Côte (Dordogne). Bordeaux: Paris, Ed. CNRS. *Cahiers du Quaternaire*, 20: 298, 1995.

PERLÉS, C. In search of lithic strategies: a cognitive approach to prehistoric chipped stone assemblage. In: *Representation in Archaeology* / Ed. J. – C. Gardin et C. Perlès. Bloomington and Indianapolis: Ed. Indiana University Press, 223-247, 1992.

PERROT, L. Roteiro e notícias da expedição da comissão alemã de 1887 às cabeceiras do Rio Xingu. *Publicações avulsas Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso: Cuiabá*, n.5, 32p. 1998.

PLOG, S.; PLOG,F. & WAIT,W. Decision making in modern surveys. In: *Advences in archaeology method and Theory*. New York. Acadamic Press. 1978.

PRETI, O. *A fronteira agrícola no estado brasileiro: um processo de expansão, acumulação e luta*. Cadernos do Neru N.º 1, Cuiabá, Ed. UFMT, 1993.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Editora da UnB, 1992.

RENFREW, C. *Approaches to social archaeology*. Cambridge: Harvard Universty Press, 1984.

RENFREW, C.; BAHN, P. *Archaeology, theories, methods and practice*. London: Thames and Hudson, 1996.

RICE, P. M. *Pottery analysis: A Sourcebook*, Chicago, The University of Chicago Press. (Chapter 1 – Pottery and its History). ORTON, C.; TYERS, P. & VINCE, A. *Pottery in Archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press. (Chapter 1 – Pottery in Archaeology). (Chapter 2 – The Potential of Pottery as Archaeological Evidence), 1987.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. *A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo, 1996.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. *Teoria e métodos na análise cerâmica em arqueologia*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. *Relatório de Impacto Ambiental. Área: Arqueologia. Usina Hidrelétrica de Barra do Peixe*. Relatório entregue ao IPHAN, 1989.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. *Grupos Tupi, em busca da terra sem mal. Brasil 50.000 anos, uma*

viagem ao passado pré-colonial brasileiro. EDUSP/ STJ, Brasília, 2001.

ROCHA, B. N. *Posse da Terra e Diferenciação Social em Lucas do Rio Verde (1970-1980)*. Resumo do XIII Encontro de História da Anpuh. Rio de Janeiro, 2008. Disponível: http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212958359_ARQUIVO_BettyRocha-GTTerraeConflito.pdf. Acessado em 07/12/2008.

RODRIGUES, P. F. L. *Cerâmicas Medievais do Morro da Sé de Vise*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

ROOSEVELT, A. C. Arqueologia Amazônica. In: CUNHA, M. C. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, p. 53-86, 2002.

ROSA, R. D. e outros. *Colonizador e colonos: Na fronteira da Terra o limite dos sonhos de um futuro promissor*. In: Revista do Programa de Ciências Agro-Ambientais, Alta Floresta, v.2, n.1, p. 71-82, 2003.

RUIBAL, A. G. *La experiencia del otro. Una Introducción a la Etnoarqueología*. Ediciones Akal, S. A. Madri, España, 2003.

RYE, O. S. *Pottery Technology Principles an Reconstruction*. Washington, D.C. Australian National University, Manuals an Archaeology. 1981.

SABLOFF, J. A. & HENDERSON, J. S. (eds.). *Lowland Maya Civilization in the Eighth Century A.D.* Dumbarton Oaks, Washington, D.C, 1993.

SANTILLI, J. *Socioambientalismo e novos direitos - Proteção jurídica à diversidade biológica e cultural*. São Paulo: Petrópolis, 2005.

SCHIFFER, M. B. Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, v. 37, p. 372-5, 1972.

SCHMIDT, M. Los Paressis. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*. Tomo VI, n. 1. 1943.

SCHMITZ, P. I. Arqueologia de Goiás. Sequência cultural e datações de C14. *Anuário de Divulgação Científica* 3/4:1-15. UCG, Goiânia, 1976/77.

SCHMITZ, P. I. A Evolução da Cultura no Sudoeste de Goiás. In: *Pesquisas, Antropologia*, 31. Instituto Anchietano de Pesquisas. Unisinos, São Leopoldo. 1980.

SCHMITZ, P. I. O Paleo-Índio. *Anuário de Divulgação Científica de Goiás*: 1-33. 1981.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; JACOBUS, A. L.; RIBEIRO, M. B. Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central, Serranópolis I. *Pesquisas, Antropologia*, nº 44. EDUNISUL, São Leopoldo, RS, 208 p. 1989.

SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A. S. *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*. Inst. Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 1985.

SEKI, L. *Língua indígenas do Brasil no limiar do século XXI*. Revista Impulso da Pós-Graduação da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba) Nº 27. São Paulo, 2003, p. 294. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp27art11.pdf>.

SELLET, F. (s.d.) Chaine operatoire; the concept and its applications. Department of Anthropology, Southern Methodist University, Dallas, TX, 75275. *Lithic Technology*, 18 (1 & 2): 106-112.

SHEPARD, A. O. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington: Carnegie Inst., 1985.

SIMÕES, M. F. Considerações preliminares sobre a arqueologia do Alto Xingu (Mato Grosso). PRONAPA. Museu Paraense Emílio Goeldi, *Publicações Avulsas*: 129-151, Belém, 1967.

SIMÕES, M. F. Índice das Fases Arqueológicas Brasileira (1950-1971). Museu Paraense Emílio Goeldi. *Publicações Avulsas*, 18, 75 p. il. Belém, 1972.

SIMÕES, M. F.; ARAUJO-COSTA, F. *Áreas da Amazônia legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos*. Museu Paraense Emílio Goeldi. *Publicações Avulsas*, Belém, n.30, 160 p. 1978.

SIMONDON, G. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Ed. Aubier, 333 p., (L1 invention philosophique), 1997, [1958/1969].

SOARES, A. L. R. Contribuição à arqueologia Guarani: Estudo do sítio Ropke. *Série Conhecimentos*, n. 30, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SOUZA, E. A. de. *Sinop: História, Imagens e Relatos. Um estudo sobre sua colonização*. Cuiabá/MT. EdUFMT, 2004.

STEINEN, K. "O Rio Xingu", *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, tomo IV, 3º vol., Rio de Janeiro, p. 189-212, 1888.

STEINEN, K. Conferência realizada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro em 1884 e 1888 pelo explorador e cientista Karl Von Den Steinen a respeito das explorações ao Xingu. *Publicações avulsas, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*: Cuiabá, n.4, 44 p. 1998.

STICKEL, E. G. (ed.). New uses of systems theory in archaeology. *Anthropological Papers*, Los Altos, California, n.24, p. 5-40, 1982.

THOMAS, D. Non-site sampling in archaeology: up to creek without a site? In: MUELLER, J. (Ed.) *Sampling in archaeology*. Tucson, University of Arizona Press. 61-81p. 1975.

TIXIER, J.; INIZAN, M.; ROCHE, H & DAUVOIS, M. *Préhistoire de la pierre taillée I - Terminologie et technologie*. 2ª ed. França, C.R.E.P., 120 p. 1980.

VAN DER LEEUW, S. Giving the potter a choice. LEMONNIER, P. (ed.). *Technological Choices. Transformation in Material Cultures since the Neolithic*. London, Routledge, 1984.

VERONEZE, E. *A Ocupação do Planalto Central Brasileiro: O Nordeste do Mato Grosso do Sul*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 1993.

VIANA, A. S. Les céramistes et leurs artefacts lithiques - une approche technico-fonctionnelle et évolutive des matières lithiques des sites litho-céramiques de l'État du Mato Grosso. *Peuplements et Préhistoire de l'Amérique*. CTHS, 2009.

VIANA, A. S. *Variabilidade tecnológica do sistema de debitação e de confecção dos instrumentos líticos lascados de sítios lito-cerâmicos da região do Rio Manso/MT*. Tese de doutorado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2 volumes, 2005.

VIANA, A. S. LOURDEAU, A. HOELTZ, S. E. GLUCHY, M. F. Esquemas operatórios de produção lítica na pré-história do Brasil. *Indústrias Líticas na América do Sul. Abordagens teóricas e metodológicas. Estudos Contemporâneos na Arqueologia 1*. Editora UFPE, p. 143-170. 2014.

VILHENA VIALOU A. & VIALOU D. Abrigo pré-histórico Santa Elina, Mato Grosso: habitats e arte rupestre. *Revista de Pré-história*, São Paulo, Universidade de São Paulo, n.7, p. 34-53, 1989.

VILHENA VIALOU A. *Pré-História do Mato Grosso*. Vol. 1, Santa Elina, Edusp, São Paulo, 2005.

VILHENA VIALOU, A & VIALOU D. Les Premiers Peuplements Préhistoriques du Mato Grosso. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. t. 91, n. 4-5, pp 257-263, 1994.

WILLEY, G. R. & SABLOFF, J. A. *A History of American Archaeology*. London, Thames and Hudson, 1974.

WÜST, I. A cerâmica Carajá de Aruanã. *Anuário de Divulgação Científica*, Gab. Arqueologia Univ. Católica de Goiás, Goiânia, ano II, n.2:95- 165. 1975.

WÜST I. Aspectos da ocupação pré-colonial de uma área nuclear Bororo entre os Rios Vermelho e Garças, MT. *Dédalo*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Publicação Avulsa, v.1, pp 161- 171. (Anais da 4ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira), 1989.

WÜST, I. Continuidade e mudança – para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso. São Paulo: Tese, USP, 1990.

WÜST, I. Continuidade e Mudança; Aspectos da organização social e econômica de grupos ceramistas Pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Sudeste do Mato Grosso. In Souza, M. de, Gaspar, M. D & Seda, P.(eds). *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro; SAB. CNPq/FINEP/UNESA, v.1, p. 99-111. 1992.



WÜST, I. *Resgate dos Sítios Arqueológicos Guapé 1 e 2 na Área das Obras Construtivas da UHE Guaporé/MT – Relatório Final – Primeira Etapa – Volume 1.* Tangará Engenharia S.A/Grupo REDE. 2001.

ANEXOS

1. Catálogo geral - Parâmetros
2. Quadro 1 e 2. Sítios arqueológicos de outras pesquisas
3. Ofício 071/2010 IPHAN/MT
4. Catálogo Sítio Rio Ferro
5. Catálogo Sítio Terra Cinza
6. Lista de presença - Exponova
7. Lista de presença Gruta Kamukuwaká
- 8a. Lista de presença Santiago
- 8b. Lista de presença Nova Ubiratã
9. Lista de presença Gaúcha do Norte
10. Lista de presença Canarana
11. Lista de presença de Querência
12. Quadro Geral – Resumo dos resultados
13. Ofício e Protocolo de entrega do Inventário de Materiais ao Museu Casa Dom Aquino
14. Portarias do IPHAN nº 24/2011 e nº 03/2014